

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**A CONGADA DE SÃO BENEDITO EM ILHABELA: PROCESSOS
EDUCATIVOS ENTRE PARTICIPANTES**

Silmara Elena Alves de Campos

São Carlos
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**CONGADA DE SÃO BENEDITO EM ILHABELA: PROCESSOS
EDUCATIVOS ENTRE PARTICIPANTES**

Silmara Elena Alves de Campos

Tese apresentada ao exame de defesa junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, como requisito parcial para obtenção do título de doutora em Educação, sob orientação do Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior.

São Carlos
2017



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Educação

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Tese de Doutorado da candidata Silmara Elena Alves de Campos, realizada em 23/02/2017:

Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior
UFSCar

Profa. Dra. Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva
UFSCar

Profa. Dra. Maria Waldenez de Oliveira
UFSCar

Profa. Dra. Claudia Foganholi
UFF

Prof. Dr. Sergio Alejandro Toro Arévalo
UACH

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu pai por todo cuidado a mim dispensado e por ter me ensinado a respeitar as escolhas alheias.

À minha avó Júlia (in memoriam) por ter me ensinado sobre a possibilidade de sermos que habita em todos nós e, que as pessoas são dignas de confiança e afeto, sempre!

Às minhas irmãs Suzy, Simone, Samira e Soraia e ao meu irmão Edson por toda história compartilhada.

Aos meus sobrinhos Saulo, Hugo, Igor, Murilo, Nick e Felipe (in memoriam) e sobrinhas Bianca, Maria Julia e Maria Eduarda por me lembrarem que o riso e a brincadeira sempre tem hora e lugar.

Agradeço ao Prof. Dr. Sergio Alejandro Toro-Arévalo, supervisor de estágio no exterior, por todo apoio e acolhimento oferecido em terras chilenas, pela dedicação e cuidados disponibilizados e pelos contatos realizados, essenciais para realização de parte deste trabalho.

Aos Professores da Universidade Austral de Chile: Prof. Dr. Roberto Morales Urrea, Prof. Dr. Rodrigo Mouliant Tesmer, Prof. Dr. Rodrigo Browne Sartori, Prof. Dr. Iván Oliva Figueroa, Prof. Otto Lührs Middleton, muito obrigada por todo conhecimento e ensinamento partilhados em suas aulas e conversas.

Agradeço especialmente ao amigo e educador Clayton da Silva Carmo (Spina), companheiro de estadia no Chile, com quem aprendi que o silêncio é fala e reaprendi o prazer de andar de bicicleta, assim como à Livia Monteiro por toda ajuda e apoio (essenciais) no antes, durante e depois da estadia do estágio sanduiche em Valdivia.

Agradeço à Profa. Dra. Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, Profa. Dra. Maria Waldenez de Oliveira, Profa. Dra. Claudia Foganholi e Prof. Dr. Sergio Alejandro Toro-Arévalo, pesquisadoras e pesquisador por aceitarem compor a banca de defesa e por todas as contribuições a este trabalho.

Agradeço aos Prof. Dr. Fábio Mizuno Lemos e Prof. Dr. Fernando Donizete Alves, pela disponibilidade de compor a banca em caráter de suplência

À todos/as os/as docentes e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Faço um especial agradecimento aos/as docentes da Linha de Pesquisa “Práticas Sociais e Processos Educativos por todos os ensinamentos oportunizados a partir de uma práxis dialógica.

À todos/as colaboradores/as desta pesquisa, congueiros e familiares, por generosamente me ajudarem a olhar a Congada.

Sou grata a todas companheiras e todos companheiros do NEFEF, especialmente ao Clayton (Spina), Fábio Mizuno, Conrado, Lennon, Maurício (Gorpo), Denise Correa e Jussara.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo fomento financeiro à pesquisa no exterior e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo fomento financeiro à pesquisa no Brasil.

Sou grata às amigas/irmãs Mara, Dani, Maria do Céu e Núbia e aos amigos/irmãos Sacha, Glauco e Samuel.

Meu muito obrigada ao meu amigo e orientador Prof. Luiz Gonçalves Junior pelo companheirismo, pela força, pelo respeito, por seu exemplo de generosidade, sabedoria e amor ao próximo e por toda ajuda que me foi ofertada na travessia das mais diversas pontes que cruzei como pessoa e pesquisadora desde a graduação até o final desta etapa, o doutorado, sob a sua orientação.

Sou feita de retalhos.

Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma.

Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem ser quem eu sou.

Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior...

Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade...

Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa.

E penso que é assim mesmo que a vida se faz: de pedaços de outras gentes que vão se tornando parte da gente também.

E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados...

Haverá sempre um retalho novo para adicionar à alma.

Portanto, obrigada a cada um de vocês, que fazem parte da minha vida e que me permitem engrandecer minha história com os retalhos deixados em mim.

Que eu também possa deixar pedacinhos de mim pelos caminhos e que eles possam ser parte das suas histórias.

E que assim, de retalho em retalho, possamos nos tornar, um dia, um imenso bordado de "nós".

(Cora Coralina)

RESUMO

Motricidades do Sul são motricidades que se constituem e se sustentam nas formas de ser e estar ao mundo, nos modos de compreender o humano, o universo e a natureza, de pessoas, comunidades e povos que foram e ainda são prejudicados/marginalizados pela colonialidade do saber, que se localizam no sul geográfico e/ou metafórico. Assim sendo, em uma perspectiva “suleada” (não norteadada), em universo não dicotômico entre físico e mente, corpo e alma, sagrado e profano, pessoa e mundo que se dá a construção das Motricidades do Sul, a diversidade de experiências de fruição de jogos, lutas, danças, festas, cantos e histórias de pessoas, comunidades e povos socialmente marginalizados que se configuram em forma particular, tanto em sua compreensão como em sua execução, no processo cotidiano do viver-a-vida. Tais pessoas, comunidades e povos e suas respectivas motricidades, ainda que sejam marginalizados pela cultura dominante, podem trazer práticas: 1) de recusa de determinismos e de racionalidades opressoras; 2) de ensinar e aprender característicos desses grupos; 3) ações de busca da liberdade, de solidariedade, resistência e reivindicação, entendidos como contrapontos necessários à superação de um sistema de práticas e conhecimentos hegemônicos e opressores, o que atribui às Motricidades do Sul um forte caráter identitário, contra-hegemônico e de resistência ao norte epistemológico. A contraposição epistemológica exige olhar para os sujeitos da experiência, investigando com outrem, em diálogo horizontal, saberes/motricidades que resistiram com êxito ao norte epistemológico. A elaboração da presente tese tem como base referenciais teóricos pautados e articulados em torno de estudos da Motricidade Humana, Epistemologias do Sul e Pedagogia Dialógica que pautam-se na perspectiva ontológica do ser humano transcender-se e estão relacionadas à possibilidade de superação de realidades opressoras e desumanizantes.. Neste sentido, o objetivo desta investigação foi compreender os processos educativos envolvidos na construção de Motricidades do Sul na Congada de São Benedito no município de Ilhabela/SP. Considera-se que os tempos-espacos habitados por Motricidades do Sul, envolvem jogos, lutas, danças, festas, cantos e histórias de tradição e de resistência de um povo e são assim mantidos, criados, recriados, rememorados, presentificados e projetados, como cultura viva que é, entre participantes da Congada de São Benedito em Ilhabela. Foram realizadas entrevistas com 22 participantes, sendo 8 mulheres e 14 homens, no período compreendido entre março de 2015 e setembro de 2016. A análise dos dados inspirada na fenomenologia, modalidade fenômeno situado, possibilitou a configuração de três categorias: A) Origens e manutenção da tradição; B) Devoção e pertencimento; C) Festa e comunhão. Entre os processos educativos gerados na Congada de São Benedito pode-se observar os que se referem aos mitos de origem, resistência, opressão, comunhão, assim como os que indicam diferentes formas de ser e estar ao mundo e religiar, como partes constituintes desta comunidade.

Palavras Chaves

Processos Educativos; Congada, resistência.

RESUMEN

Motricidades del Sur son motricidades que se constituyen y se sostienen en las formas de ser y estar al mundo, en los modos de comprender lo humano, el universo y la naturaleza, de personas, comunidades y pueblos que han sido y aún son perjudicados/marginados por la colonialidad del saber, que se ubican en el sur geográfico y/o metafórico. Así, en una perspectiva "suleada", en un universo no dicotómico entre físico y mente, cuerpo y alma, sagrado y profano, persona y mundo es que se da la construcción de las Motricidades del Sur, la diversidad de experiencias de fruición de juegos, luchas, danzas, fiestas, cantos e historias de personas, comunidades y pueblos socialmente marginados que se configuran en forma particular, tanto en su comprensión como en su ejecución, en el proceso cotidiano del vivir a la vida. Tales personas, comunidades y pueblos y sus respectivas motricidades, aunque sean marginados por la cultura dominante, pueden traer prácticas: 1) de rechazo de determinismos y de racionalidades opresoras; 2) de enseñar y aprender característicos de esos grupos; 3) acciones de búsqueda de la libertad, de solidaridad, resistencia y reivindicación, entendidos como contrapuntos necesarios para la superación de un sistema de prácticas y conocimientos hegemónicos y opresores, lo que atribuye a las Motricidades del Sur un fuerte carácter identitario, contrahegemónico y de resistencia al norte epistemológico. La oposición epistemológica requiere mirar hacia el sujeto del experimento, la investigación con otros en el diálogo, los saberes/motricidades horizontales que se resistieron con éxito al epistemológico norte. La preparación de esta tesis se basa en marcos teóricos guiados y articulados en torno a los estudios de Motricidad Humana, Epistemologías del Sur y la Pedagogía Dialógica que guían en la perspectiva ontológica del ser humano más allá de sí mismo y están relacionados con la posibilidad de superar las realidades opresivas y deshumanizante. En este sentido, el objetivo de esta investigación era comprender los procesos educativos que intervienen en la construcción del Sur Motricidades en São Benedito Congada en la ciudad de Ilhabela/SP. Se considera que el tiempo-espacio habitado por Motricidades del Sur, con la participación de juegos, peleas, bailes, festivales, canciones y cuentos tradicionales y la resistencia de un pueblo y por lo tanto son mantenidos, criados, recreada, rememorados, hace presente y se proyecta como cultura que se encuentra entre los participantes Congada de San Benito en Ilhabela viviente. Se realizaron entrevistas con 22 participantes, ocho mujeres y 14 hombres en el período comprendido entre marzo de 2015 y septiembre de 2016. Para los datos se llevaron a cabo entrevistas. El análisis de los datos inspirada en la fenomenología, el modo fenómeno situado, permitió el establecimiento de tres categorías: A) Orígenes y mantenimiento la tradición; B) La devoción y la pertenencia; C) Fiesta y comunión. Entre los procesos educativos generados en el São Benedito Congada pueden observar los relativos a los mitos de origen, la resistencia, la opresión, la comunión, así como los que indican diferentes formas de ser y el mundo y religiar, como partes integrantes de esta comunidad .

Palabras claves

Procesos Educativos; Congada; Resistência

ABSTRACT

South Motricities are motricities that constitute and sustain themselves in the ways of being and being in the world, in the ways of understanding the human, the universe and nature, of people, communities and peoples who have been and still are harmed / marginalized by the coloniality of the Knowledge, which are located in the geographical and / or metaphorical south. Thus, in a "sublimated" (non-guided) perspective, in a non-dichotomous universe between physical and mind, body and soul, sacred and profane, person and world that gives rise to the South Motricities, the diversity of experiences of fruition of games, fights, dances, parties, songs and stories of people, communities and socially marginalized people that are configured in a particular way, both in their understanding and in their execution, in the everyday life-to-life process. Such people, communities and peoples and their respective motives, even if they are marginalized by the dominant culture, can bring about practices: 1) refusal of determinism and oppressive rationalities; 2) teaching and learning characteristic of these groups; 3) actions for the search for freedom, solidarity, resistance and claim, understood as counterpoints necessary to overcome a system of hegemonic and oppressive practices and knowledge, which attributes to the South Motricities a strong identity, counter-hegemonic and resistance character to the epistemological north. The epistemological opposition demands looking at the subjects's experience, investigating with others, in horizontal dialogue, knowledge/motricity that resisted successfully in the way of epistemology. The development of this thesis is based on theoretical references lined and articulated around studies of human motricity, epistemology from south and dialogical pedagogy that are ontological perspective of human beings to transcend themselves and are related to the possibility of overcoming oppressive and dehumanizing realities. In this sense, the objective of this research was to understand the educational processes involved in the construction of South Motricities in São Benedito Congada in the municipality of Ilhabela/SP. Considers that the time-spaces inhabited by South Motricities involve games, fights, dances, celebrations, songs and stories of tradition and resistance of a people and are thus kept, created, recreated, renowned, presentified and designed as culture alive that is. Were conducted interviews with 22 participants, being 8 women and 14 men, in the period between march 2015 and september 2016. For the collection of datas were carried out interviews. The analysis of datas was inspired on the phenomenology, situated phenomenon modality, made possible the setting of three categories: A) The origins and maintenance of tradition; B) Devotion and belonging; C) Party and communion. Among the educational processes generated in Congada from São Benedito can be observed, those who are refered to the myths of origin, resistance, oppression, communion, as well as, those that show different ways of being and being to the world and to religion, as constituent parts of this community.

Key word: Educative Processes, Congada; Resistance.

Lista de Quadros

Quadro 1 Perfil dos/as entrevistados/as	120
Quadro 2 Redução fenomeológica (exemplo).....	123
Quadro 3 Matriz nomotética	125

Lista de Ilustrações

Figura 1 - Fotos de alguns momentos da Congada de 2005 (seus integrantes e instrumentos). Acervo pessoal da autora.	24
Figura 2: Pintura “Villa de St. Sebastian”, de Debret (1827). Fonte: Prefeitura Municipal da Estância Balneária de Ilhabela (2014c).	85
Figura 3: Congada de Ilhabela na Rua da Praia - Vila. Década de 1940. Acervo: Biblioteca Municipal de Ilhabela “Dr. Renato Lopes Corrêa”.	89
Figura 4: Apresentação de Baile da Congada de Ilhabela na Vila (Rua da Praia), na década de 40. Acervo: Biblioteca Municipal de Ilhabela “Dr. Renato Lopes Corrêa”.....	89
Figura 5: Benedita Esperança. Foto extraída de Camargo (2011, p. 85).	92
Figura 6: Eva Esperança Silva e sua neta Maria Claudia. Foto extraída de Camargo (2011, p. 85).	92
Figura 7: Rei Manuel Ciríaco da Silva (Rei Neco). Fonte: Acervo da Biblioteca Municipal de Ilhabela “Dr. Renato Lopes Corrêa”.....	96
Figura 8 Congada. Obra de Waldemar Belisário. Extraído de Marcondes (2013, p.39).	106
Figura 9: Tacuruba (tipo de fogão montado na Ucharia de São Benedito. Fonte: Biblioteca Municipal da Estância Balneária de Ilhabela "Dr. Renato Lopes Corrêa".	108
Figura 10: Pai e filho na Congada. Acervo pessoal da autora.....	201

SUMÁRIO

1 Introdução	23
2 Sobre as Epistemologias e Motricidades do Sul	32
3 Histórias de indígenas, negros e brancos, na América Latina	47
4 Religiosidade popular na América Latina.....	53
Compreensões sobre o Pensamento africano tradicional	58
Mas quem será o Santo Benedito?	61
5 Sobre congadas	71
6 A Congada de São Benedito no município de Ilhabela	82
Um pouco do já dito e escrito sobre a Congada de São Benedito em Ilhabela.....	86
7 Trajetória metodológica	111
8 Construção dos resultado	126
Categoria A- Origens e manutenção da tradição.....	126
Categoria B - Devoção e pertencimento	165
Categoria C - Comunhão e festa	183
9 Considerações – “Malungo!”	193
Referências.....	209
Apêndices.....	219
Apêndice I: Transcrição dos discursos.....	219
Apêndice II Análise Ideográfica	334
Apêndice III: Modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	365
Apendice IV - Modelo da Carta de autorização da Associação de Congueiros para a realização da pesquisa.....	367
Anexos	368
Anexo I - Parecer de aprovação no Comitê de Ética em Pesquisas	368
Anexo II - Cartazes promocionais da Festa de São Benedito	371

1 INTRODUÇÃO

Falar sobre a nossa pesquisa, sobre o que nos desperta o olhar, torna necessário que, num primeiro momento, apresentemos onde estamos situados. Qual foi o trajeto percorrido até aqui? De onde vim e o que me levou, aguçou minha curiosidade sobre este tema, essas pessoas, diante de tantas outras possibilidades, a ponto de me propor dedicar-me por anos à tentativa de melhor conhecer? Como cheguei a esta questão de pesquisa?

Esta tese começou a ser escrita há muitos anos e para mim o despertar desta pesquisa se deve essencialmente a 5 pessoas, dessas que desestruturam nossos entendimentos e ajudam a desembotar o olhar, que lhes apresentarei na ordem cronológica que a vida me apresentou-as. A primeira delas é uma professora com a qual eu trabalhava em 2005. Neste ano eu, uma migrante, tentando ser professora de Educação Física Escolar (em meu primeiro emprego como tal), educanda, em um novo local de moradia e trabalho, aceitei participar de um projeto educacional sobre patrimônio cultural com um grupo de alunos, juntamente com alguns professores e professoras, sobre a cultura caiçara. Em umas dessas conversas que sempre acontecem em salas de professores, na hora do café, fui questionada por essa professora se eu iria falar com as crianças sobre a Congada. Eu, com cerca de um ano como moradora em Ilhabela e com todo meu não-conhecimento sobre o local, lhe respondi com outra pergunta: Não sei, o que é a Congada? Essa questão gerou por parte dela uma exclamação indignada, dada de forma direta: “Tome! Quer falar de cultura caiçara como, se nem sabe o que é Congada? Como é que pode? A Congada é o que a Ilha tem de maior”. Fiquei ali, após a sua saída, pensando em como eu poderia ensinar sobre o que não sabia.

A curiosidade acabou falando mais alto e insisti com ela para saber mais sobre a Congada. Ela me disse que sua família era de congueiros e que a Congada era uma festa para São Benedito, que aconteceria em um fim de semana bem próximo. Algum tempo depois, ela me trouxe a programação da Festa de São Benedito com os horários de apresentação da mesma.

Fui para assistir apenas aos bailes apresentados no sábado de manhã. Vi naquele momento que os homens dançavam ali enquanto as mulheres trabalhavam na Ucharia no preparo do almoço o que, naquele momento, me pareceu extremamente machista, mas conforme minha convivência com o grupo fui percebendo que haviam relações e significados outros na organização e direcionamento das pessoas na e para a realização da festa que ultrapassavam questões de gênero. Vi também uma apresentação de uma grande beleza estética e colorido com suas roupas de cetim e chita e chapéus enfeitados de fitas, apesar de não conseguir entender o que eles falavam. Ouvi a marimba e os atabaques tocando forte, vi

homens e meninos de todas as idades dançando. Ouvi cantos que me soavam como que desafinados, uma melodia quase incompreensível para quem tinha como conhecimento musical as aulas de piano clássico da infância. Mas não vi o que tornava a Congada tão importante dentro da cultura caiçara, por isso fiquei para os bailes da tarde e também retornei para os de domingo. No decorrer deste período, entre conversas com pessoas que também assistiam, amigos que me ajudavam a tirar dúvidas (ou geravam novas) fui começando a entender algumas falas, o canto já não me soava mais como uma cacofonia de sons.



Figura 1 - Fotos de alguns momentos da Congada de 2005 (seus integrantes e instrumentos). Acervo pessoal da autora.

Foi durante aquele final de semana que conheci as segunda e terceira pessoas que me influenciaram: ao ver Seo Maximino (integrante do Congo de Baixo, na época com mais de 80 anos) e Seo Zé de Alício (o Secretário da Congada, com mais de 60 anos) no último baile do domingo, me pareceu que mais do que dançando para São Benedito, eles dançavam celebrando a vida, com uma leveza e agilidade que usualmente atribuímos a meninos e não a idosos. Penso que foi ali, assistindo aos dois dançando, que compreendi a expressão “não

somos *chronos*, somos *kairós*” de Joel Martins (1998). Foi ali também que percebi que meu olhar sobre a Congada começou a mudar pois começava a descobrir os outros(as).

Freire e Faundez (1985) nos dizem que a cultura não se refere às manifestações artísticas ou intelectuais expressadas através do pensamento; ela se manifesta em tudo, desde os gestos mais simples na nossa vida cotidiana. Não podemos julgar a cultura do outro a partir de nossos valores, devemos é aceitar que há outros valores e diferenças e que são essas diferenças que nos ajudam a compreendermos a nós mesmos.

Em 2006, já cursando o mestrado, para uma inserção solicitada na disciplina de “Práticas Sociais e Processos Educativos”, propus conhecer a Ucharia, pois a minha impressão sobre os papéis sociais de homens e mulheres me incomodava (ainda julgados por meus valores...). Na Ucharia conheci as outras duas pessoas importantes de serem aqui apresentadas: um menino e uma menina, ambos com quatro anos de idade. Ele, em sua primeira participação nos bailes da Congada, me olhou com estranheza quando lhe perguntei se ele iria ser congueiro e me respondeu que congueiro ele já era, mas que seria Rei; ela, que insistia com sua avó e tia para que estas a acompanhassem no servir o doce da sobremesa no almoço servido na Ucharia, quando lhe foi dito que eu a ajudaria, recusou-se a ser orientada por mim sob o argumento de que eu, que chegara ali naquele dia, não sabia; deixando-me bem claro que ela sabia quem lhe ensinava naquele e sobre aquele espaço e suas dinâmicas, e que, apesar de meu título de professora, esse alguém não era eu¹.

Nos anos seguintes a este, na busca de compreender caixaras de Ilhabela (minha dissertação de mestrado) e a Congada, usualmente apresentada como uma manifestação caixara no contexto da cidade de Ilhabela, me senti curiosa em entender porque apesar de expressar o que me pareciam influências e ascendências africanas que eram por mim percebidas nos instrumentos, no gingado, na cor da pele de seus participantes, nas histórias e na preservação de tradições de antepassados, a Congada dificilmente tem assumida as suas raízes negras no município. Tratando questões etnicorraciais na escola durante as aulas de Educação Física, me sentia incomodada com a falta de menção e referências às matrizes negras da Congada e da cultura caixara local quando estas eram trabalhada na escola, o que me direcionou ao projeto proposto para ingressar no doutorado.

Já cursando o doutorado, período de formação e reflexão acadêmica, surge a oportunidade de realizar um estágio de 9 meses no Chile, na Universidad Austral de Chile, em

¹ Sobre esta vivência consultar Campos e Correa (2013).

Valdívia, com o apoio do Ministério da Educação do Brasil², experiência que me permitiu conhecer outros referenciais teóricos, outras perspectivas de educação e das especificidades do ser latinoamericano/a, assim como o convívio em diversas práticas sociais não só com chilenos/as, mas também com alunos e alunas da universidade oriundos de países da América Latina e de comunidades indígenas chilenas.

Paulo Freire em Freire e Guimarães (2011), ao falar sobre as coisas que seu exílio lhe ensinou nos diz que:

uma das coisas que o exílio me ensinou, e não só a mim, mas a muitos brasileiros, foi a necessidade de superarmos nosso paroquialismo. Por isso, por exemplo, eu me sinto profundamente latino-americano, mas necessariamente, para ser latino-americano, tenho primeiro que ser alguma coisa dentro do contexto geral da América Latina. Essa “qualquer coisa” é: brasileiro. Para que eu pudesse me sentir latino-americano-; para que me sentindo latino-americano, eu pudesse me sentir depois mundial, um ser do mundo, era preciso que eu tivesse sobretudo, em primeiro lugar, um local (...) com cuja memória ando pelo mundo. Carrego comigo as marcas da minha cidade. Até, num parênteses, eu diria a vocês: se eu não cuidasse muito bem das marcas que o meu local me deu, a minha andarilhagem hoje seria um vagar sem destino (FREIRE; GUIMARÃES, 2011, p.43-40).

Descobri no Chile que sou mais brasileira do que até então sabia! Minha ida e estadia no Chile em nada pode ser comparada ao exílio vivenciado por Freire e tantas outras pessoas, que assim como ele, tiveram que sair de seus países para preservar suas vidas e a luta por seus ideais, visto que minha ida para lá foi uma decisão pessoal, minha escolha: fui para lá em uma data por mim escolhida, assim como o era a minha data de retorno, tinha uma bolsa de estudos para meu sustento, minha permanência no Chile fazia parte de meu projeto de pesquisa e de vida. Mesmo assim, é o tipo de experiência que nos dá um “sacode”. Ao mesmo tempo que perdemos neste ir para um outro lugar que não é o nosso grande parte de nossas referências, ganhamos novas referências, percepções que nos permitem ampliar nossas compreensões e significações acerca do mundo e de nós mesmo. No Chile, meu estranhamento foi intenso, apesar da minha busca por saber sobre o Chile antes de para lá ir, mas já dizia Larrosa Bondía (2002, p.21) que: “A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência”.

² Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Durante minha estadia por muitas vezes eu pensava e falava que o clima chileno era outro, a comida chilena era outra, mesmo quando tínhamos acesso a alimentos semelhantes; a língua falada no Chile era outra, na casa na qual eu morava, a família que ali vivia não era a minha, era outra.

Devo confessar que demorou um pouco, mas acabei percebendo que a “Outra” ali, era eu e que eu mais uma vez eu via e julgava a partir de meus valores e referenciais.

Distanciando-se de seu mundo vivido, problematizando-o, “descodificando-o” criticamente, no mesmo movimento da consciência o homem se redescobre como sujeito instaurador desse mundo de sua experiência. Testemunhando objetivamente sua história, mesmo a consciência ingênua acaba por despertar criticamente, para identificar-se como personagem que se ignorava e é chamada a assumir seu papel. A consciência do mundo e a consciência de si crescem juntas e em razão direta; uma é a luz interior da outra, uma comprometida com a outra. Evidencia-se a intrínseca correlação entre conquistar-se, fazer-se mais si mesmo, e conquistar o mundo, fazê-lo mais humano (FIORI, 1987, p.8).

Com o tempo, fui conhecendo pessoas, lugares, fui me adaptando ao clima e fazendo um intercâmbio de sabores, saberes, expressões linguísticas entre o Chile, Brasil e países da América Central; juntos fomos aprendendo e ensinando e neste processo vi que fomos ressignificando alguns aspectos e situações que nos formavam enquanto pessoa e me eram importantes de serem mantidas, nos falavam de pertencimento. Percebemos que apesar das diferenças percebidas inicialmente, havia entre nós (eu já não era mais a Outra?) muitas aproximações como a existência de tecnologias muito semelhantes utilizadas por caiçaras e chilotas ou lendas com temáticas comuns como a do Boto, no Brasil, e a do Trauco, do arquipélago de Chiloé ou como as questões indígenas, recorrentes em toda a América Latina, que ainda hoje busca solucionar os efeitos da imposição da supremacia branca e hegemônica sobre os povos autóctones da região. Os indígenas chilenos assim como os indígenas e negros brasileiros e seus descendentes travam lutas constantes em busca da sobrevivência de sua cultura, de uma sociedade mais justa, do fim da opressão que lhes vem sendo imposta desde o início do processo colonizador por nós sofrido, no qual as transformações sociais desejadas para com a alteridade se fundamentavam no estabelecimento de relações de poder pautadas na marginalização e inferiorização de pessoas e seus saberes, considerando-se prioritariamente questões étnicas, de gênero, classes sociais, enfim, outras possibilidade de ser e estar no mundo que não eram as desejadas ou estabelecidas pelo grupo hegemônico eram

desqualificadas e desconsideradas. Tais processos ainda se fazem presentes na globalização e em nossas vidas.

Toda colonização – seja a antiga, pela invasão dos territórios, seja a moderna, pela integração forçada no mercado mundial – significa sempre um ato de grandíssima violência. Implica o bloqueio do desenvolvimento autônomo de um povo. Representa a submissão de parcelas importantes da cultura, com sua memória, seus valores, suas instituições, sua religião, à outra cultura invasora. Os colonizados de ontem e de hoje são obrigados a assumir formas políticas, hábitos culturais, estilos de comunicação, gêneros de música e modos de produção e de consumo dos colonizadores.[...]. Os que detêm o monopólio do ter, do poder e do saber, controlam os mercados e decidem sobre o que se deve produzir, consumir e exportar. Numa palavra, os colonizados são impedidos de fazer suas escolhas, de tomar as decisões que constroem a sua própria história (BOFF, s/d, p.5-6).

Boff (s/d) nos conta a história de uma águia criada como uma galinha. Na parábola, um camponês decidido a criar uma ave em cativeiro, conseguiu encontrar um filhote de águia, o qual criou junto de suas galinhas por muitos anos. Com o tempo a águia passou a se comportar como galinha. Depois de muitos anos, um naturalista ao ver esta situação, começou a mostrar à águia as suas possibilidades de ser. Através destes símbolos (a águia e a galinha) podemos compreender essa parábola como uma metáfora da condição humana: cada um/a de nós tem dentro de si a galinha (que ao se apresentar como uma única possibilidade de ser nos oprime e limita) e a águia (que com seu voô busca romper com a opressão). O mesmo foi feito pelos colonizadores, que tentaram nos transformar em “galinhas” tolheram nossa liberdade de ser e nos condicionaram em um mundo que não era nosso, com um modo de ser que também não era o nosso, nos privando do direito à liberdade de sermos nós mesmos.

por estarmos sendo este ser em permanente procura, curioso, “tomando distância” de si mesmo e *da vida* que porta; é por estarmos sendo este ser dado à aventura e à “paixão de conhecer”, para o que se faz indispensável a liberdade que, constituindo-se na luta por ela, só é possível porque, “programados”, não somos, porém, determinados; é por estarmos sendo assim que vimos nos vocacionando para a *humanização* e que temos, na *desumanização*, fato concreto na história, a *distorção da vocação*. Jamais, porém, outra vocação humana. Nem uma nem outra, humanização e desumanização, são destino certo, dado dado, sina ou fado. Por isso mesmo é que uma é vocação e outra, distorção da vocação (FREIRE, 1992, p. 99).

Diante dos processos de formação humana por mim vivenciados e aqui em parte relatados e tantos outros que cada um/a de nós vivenciamos ao longo de nossa existência, que

envolvem situações de opressão e de libertação, reafirmo minha crença na necessidade de uma educação libertária (como a oportunizada metaforicamente pelo naturalista à águia) na busca do inédito viável.

O “inédito-viável” é na realidade uma coisa inédita, ainda não claramente conhecida e vivida, mas sonhada e quando se torna um “percebido destacado” pelos que pensam utopicamente, esses sabem, então, que o problema não é mais um sonho, que ele pode se tornar realidade.

Assim, quando os seres conscientes querem, refletem e agem para derrubar as “situações-limites” que os e as deixaram a si e a quase todos e todas limitados a *ser-menos* o “inédito-viável não é mais ele mesmo, mas a concretização dele no que ele tinha antes de inviável (FREIRE, 1992, p. 206-7).

A temática abordada nesta investigação teve como pressuposto considerar o contexto latinoamericano que nos situamos e de onde emergem nossas reflexões tendo como premissa o comprometimento com pessoas (socialmente marginalizadas), comunidades (populares, indígenas, quilombolas, caiçaras, entre outras) e saberes construídos por estas, os quais partem de suas experiências de mundo e envolvem epistemologias próprias.

Nesse sentido os processos educativos que emergem de manifestações cujos saberes incrustados nas experiências dos sujeitos são aqui considerados relevantes. Particularmente neste texto são trazidos à tona saberes de participantes da Congada de São Benedito de Ilhabela, enquanto manifestação da religiosidade de matriz africana.

Partindo do entendimento “[...] de que eu me construo enquanto pessoa no convívio com outras pessoas; e, cada um ao fazê-lo, contribui para a construção de ‘um’ nós em que todos estão implicados” (OLIVEIRA *et al*, 2014, p.29) e compreendendo educação como o “[...] processo de ‘construir a própria vida’, que se desenvolve em relações entre gerações, gêneros, grupos raciais e sociais, com a intenção de transmitir visão de mundo, repassar conhecimentos, comunicar experiências” (SILVA, 2003a, p.181), apresento a questão de pesquisa que suleou este estudo: **Quais os processos educativos envolvidos na construção de Motricidades do Sul na Congada de São Benedito no município de Ilhabela?**

A investigação teve como objetivo geral desvelar e compreender os processos educativos envolvidos na construção de Motricidades do Sul na Congada de São Benedito no município de Ilhabela. Os objetivos específicos foram: fazer um levantamento sobre a Congada e suas origens, com caiçaras no município de Ilhabela e, compreender se tal prática social contribui para a construção das Motricidade do Sul entre caiçaras praticantes da Congada e destes com outras pessoas.

A relevância deste estudo ao abordar os processos educativos oriundos das experiências de pessoas a partir das Motricidades do Sul centraliza-se no diálogo, no aprender-com, pois isso propicia a valorização das diversas formas de ver e compreender mundo e pode viabilizar a emergência de outros conhecimentos e trazer novos espaços da cultura e história a fim de contribuir para o repensar a escola e a educação. Nestes termos, refere-se ao reconhecimento da cidadania dos povos que foram e ainda são marginalizados pela Modernidade e colonialidade, de maneira a que estes ampliem suas possibilidades no que se refere à desconstrução das marcas do epistemicídio e da colonialidade que lhes foram impetrados, almejando o respeito pela diversidade e equidade; a promoção e valorização da identidade, da cultura e de seus legados na sociedade.

Neste estudo considera-se que tais legados são relevantes para a discussão e efetivação de uma Educação na qual se priorize um diálogo intercultural, assim como um diálogo horizontal entre universidade e grupos socialmente marginalizado em uma perspectiva de Educação libertadora, democrática e efetivamente dialógica, pois desta maneira esta seria pensada a partir da problematização que surge das demandas sociais, da realidade de cada sociedade que inevitavelmente se desvela quando praticamos o exercício de compreender o contexto histórico, político, social. Pesquisar com e a partir de grupos marginalizados, suas motricidades e seus processos educativos nos remete inevitavelmente à necessidade de uma reflexão sobre ideologia, paradigmas, ciência como já nos alertava Silva (2005, p.30)

Para avaliar o comprometimento ou não dos pesquisadores com as pessoas com as quais trabalham, há que se responder: Eles estão fazendo pesquisa para quê? Para quem? Os esforços e preocupações do pesquisador dirigem-se em que sentido? Como os resultados foram, estão sendo ou serão divulgados? Em que perspectiva e com que objetivos serão utilizados? Como estão afetando a comunidade negra? (SILVA, 2005, p. 30).

Isto posto, apresento que o capítulo 2, **Sobre as Epistemologias e Motricidades do Sul**, se destina a apresentar os conceitos fundamentais e referenciais teóricos que conduzem este estudo.

O capítulo 3, **Histórias de brancos, indígenas e negros na América Latina**, analisa o processo de formação da América Latina e suas identidades, situando-se histórica, política e culturalmente, de maneira a alcançarmos a compreensão das práticas sociais e dos processos educativos que delas decorrem na realidade brasileira.

O capítulo 4, **Religiosidade popular na América Latina**, discute a religiosidade popular assim como o papel da filosofia e religiosidade africana na mesma, principalmente no que se refere à devoção ao santo negro São Benedito.

O capítulo 5, **Sobre congadas** refere-se a revisão de literatura sobre congadas.

O capítulo 6, **A Congada de São Benedito no município de Ilhabela**, apresenta o contexto histórico, social e cultural no qual esta prática social está inserida.

O capítulo 7, **Trajetória metodológica**, apresenta o referencial teórico assim como a descrição dos procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento desta tese.

O capítulo 8, **Construção dos resultados**, apresenta compreensões situadas a partir da análise dos dados coletados assim como as categorias que emergiram desta análise.

O capítulo 9, **Considerações**, apresenta uma análise reflexiva dos processos compreendidos na tese, dialogada com o referencial teórico utilizado.

Nos **Apêndices** encontram-se as transcrições dos discursos dos/as participantes da pesquisa, as análises ideográficas e os modelos do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e da Carta de Anuência entregue à Associação dos Congueiros de Ilhabela.

Nos **Anexos**, encontram-se cartazes promocionais da festa e o parecer de aprovação do projeto de pesquisa no Comitê de Ética.

2 SOBRE AS EPISTEMOLOGIAS E MOTRICIDADES DO SUL

Considero fundamental explicitar ao leitor e leitora quais são os conceitos fundamentais que conduzem a (re/des)construção de minhas compreensões sobre as epistemologias e motricidades do sul e quais são as perspectivas por mim abordadas enquanto sujeito que sou ao mundo (mulher, agnóstica, professora, pesquisadora), posto que no processo de pesquisar expomos nossa percepção de mundo.

Ao adentrarmos na carreira acadêmica e ao fazermos ciência é comum encontrarmos tanto vertentes filosóficas e conceitos com os quais nos identificamos imediatamente quanto alguns dos quais não compactuamos. A presença ou não de concordância ante tais conceitos se devem a que medida estes corroboram e/ou contestam os projetos de sociedade que compartilhamos, assim como a nossa visão de mundo, de ciência e de epistemologia. Compreender o estudar, o pesquisar, o fazer ciência desta maneira é atribuir-lhe um papel educativo, pois isto nos faz questionar de onde vem os conhecimentos que temos sobre o mundo e as coisas do mundo, como vão se formando tais entendimentos, posto que “[...]estudar não é um ato de consumir idéias, mas de criá-las e recriá-las” (FREIRE, 2007, p.13).

O contexto latino-americano (no qual me constituo) e o comprometimento com pessoas socialmente marginalizadas (tais como comunidades indígenas, quilombolas, caiçaras, entre outras) são o lócus a partir do qual se dialoga neste estudo com saberes/motricidades, bem como com suas epistemologias. Tal posicionamento faz com que eu assumo a militância, pois, assim como Petronilha Silva (2011, p.105):

Estou convencida de que não há incompatibilidades, se se concebe militância como ato de combater ideologias que cultivam e mantêm desigualdades entre pessoas e grupos, tais como a do racismo, a da incompetência dos pobres, a do machismo; se se realizam pesquisas, com o objetivo, entre outros, de produzir conhecimentos que contribuam para sustentar a busca por justiça. Militância e pesquisa podem, pois, se combinarem num único esforço, com a finalidade de atingir compreensões de ações humanas, como a de se educar, indispensáveis para novas relações na sociedade.

Essa militância exige o respeito pela alteridade, discernimento para reconhecer o que foi e ainda é introjetado pelo sistema dominante não só em mim, mas também em outrem, “[...] aprender continuamente com o outro; ajudar na construção do outro a partir de sua exterioridade crítica, sem intencionalmente influenciá-lo, mas deixando clara a minha

participação, para assim colaborar neste processo, de maneira que tal relação propicie o crescimento mútuo” (CAMPOS;CARMO, 2013, p.135).

De acordo com Campos e Carmo (2013, p.132) o fazer ciência está intrinsecamente ligado a assumir uma forma de se conceber o mundo, o ser e as coisas, assim como um dado projeto de sociedade. Sendo assim, a ciência não deveria validar “[...] apenas os conhecimentos provenientes de uma única forma de pensar, de ver o mundo, ou seja, de um único projeto de sociedade, pois, diante da complexidade da existência humana, partir sempre de um mesmo e único referencial limita consideravelmente a produção do conhecimento”, levando à reproduções e não criações.

Isso começou a se elucidar para mim (e ainda se elucida) a partir do diálogo estabelecido entre entendimentos oriundos do estudo, ações didáticas e observação em Práticas Sociais e Processos Educativos com grupos marginalizados e com a leitura de autoras e autores como Boaventura de Sousa Santos, Enrique Dussel, Manuel Sérgio, Maria Waldenez de Oliveira, Maurice Merleau-Ponty, Paulo Freire, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, entre outros, que têm como perspectiva o desenvolvimento de epistemologias críticas, que rejeitam os dogmas científicos peculiares à ciência cartesiana e à colonialidade do saber; mais que isso, buscam o reconhecimento de que todas as pessoas são capazes de produzir conhecimento.

No que diz respeito ao termo colonialidade Quintero (2012, p.73) explicita que este possui um caráter global e se constituiu em diferentes espaços “[...] y tempos planetarios de forma específica y heterogénea, sufriendo además constante s transformaciones históricas pero no por eso dejando de existir como fundamento de las relaciones de dominación, explotación y conflicto” se refere a:

[...] un patrón de poder que emergió como resultado del colonialismo moderno, pero que en lugar de estar limitado a una relación de poder entre dos pueblos o naciones, más bien se refiere a la forma como el trabajo, el conocimiento, la autoridad y las relaciones intersubjetivas se articulan entre sí a través del mercado capitalista mundial. Así pues, aunque el colonialismo precede temporalmente la colonialidad, la colonialidad, en tanto matriz de poder, sobrevive al colonialismo (QUINTERO, 2012, p.79).

Santos (2010a), ao responder sua própria questão sobre o porquê do pensamento crítico emancipatório de raiz eurocêntrica com sua longa duração na cultura ocidental, na prática não haver emancipado a sociedade, nos diz que busca identificar algumas vias para ter uma resposta consciente de sua debilidade à essa questão e que essas vias passam por

construções teóricas e epistemológicas que se tornaram possíveis a partir das lutas sociais e da emergência dos movimentos camponeses, feministas, afrodescendentes, contra o racismo e a homofobia, entre outros, a partir dos quais nos é possível observar que a opressão e a exclusão tem aspectos que o pensamento crítico emancipatório de raiz eurocêntrica, ignorou ou desvalorizou, assim como houve uma vastíssima destruição de conhecimentos próprios dos povos causada pelo colonialismo europeu além da questão de que o fim do colonialismo político não pôs fim ao colonialismo das mentalidades e subjetividades na cultura. Na epistemologia, pelo contrário, continuou se reproduzindo.

Também afirma Santos (2010b, p.31-32) que o pensamento moderno ocidental é um pensamento abissal e se constitui em um sistema composto de “[...] distinções visíveis e invisíveis, sendo que as invisíveis fundamentam as visíveis. As distinções invisíveis são estabelecidas através de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos: o universo ‘deste lado da linha’ e o universo ‘do outro lado da linha’”. O citado autor apresenta que essa cartografia abissal tem como outro lado da linha “[...] uma vasta gama de experiências desperdiçadas, tornadas invisíveis, tal como seus autores, e sem uma localização fixa” (p.34-35), ainda que historicamente tenha coincidido com um território geográfico e social específico, a zona colonial. Com isso:

[...] desperdiçou-se muita experiência social e redziu-se a diversidade epistemológica, cultural e política do mundo. Na medida em que sobreviveram, essas experiências e essa diversidade foram submetidas à norma epistemológica dominante: foram definidas (e muitas vezes acabaram-se autodefinindo) como saberes locais e contextuais apenas utilizáveis em duas circunstâncias: como matéria-prima para o avanço do conhecimento científico; como instrumentos de governo indireto, inculcando nos povos e nas práticas dominadas a ilusão credível de serem autogovernados. A perda de uma autorreferência genuína não foi apenas uma perda gnossológica, foi também, e sobretudo, uma perda ontológica: saberes inferiores próprios de seres inferiores (SANTOS; MENESES, 2010, p.17).

Nas palavras de Dussel (s/d, p.270) “[...] A ciência é o mais sutil instrumento de dominação, sobretudo quando se pretende ‘universal’. Não há em seu sentido real, humano, histórico, uma ciência ‘universal’”, ou seja, a ciência não é neutra, ainda que pretensamente se apresente como tal em alguns momentos. Santos (2004) apresenta a ciência como forma de conhecimento atualmente privilegiada e que confere “[...] privilégios (sociais, políticos, culturais) a quem as detém. Só não seria assim se o conhecimento não tivesse qualquer impacto na sociedade ou tendo-o, se ele estivesse equitativamente distribuído na sociedade”

(p.17). Prossegue o autor afirmando que “[...] o privilégio epistemológico que a ciência moderna se arroga pressupõe que a ciência é feita no mundo, mas não é feita de mundo” (p.17).

Destaco além de privilegiar as pessoas detentoras de determinadas formas de conhecimento, a ciência moderna marginalizou também saberes alheios à cultura dominante e suas produções científicas, desconsiderando que:

Toda experiência social produz e reproduz conhecimento e, ao fazê-lo, pressupõe uma ou várias epistemologias. Epistemologia é toda a noção ou ideia refletida ou não, sobre as condições do que conta como conhecimento válido. É por via do conhecimento válido que uma dada experiência social se torna intencional e inteligível. Não há, pois, conhecimentos sem práticas e atores sociais (SANTOS; MENESES, 2010, p.15).

Mais do que uma noção ou ideia, epistemologias são formas de (re)existir e (re)existir-se. Ignorar estes processos de significações de si mesmo e do mundo e as interações entre “eu” e “outrem” que decorrem de nossas relações nas práticas sociais nas quais participamos, significa ignorar outras formas de produção de conhecimentos e deixar de lado a possibilidade de novas epistemologias, que também não são neutras, visto que “[...] as experiências sociais são constituídas por vários conhecimentos, cada um com os seus critérios de validade, ou seja, são constituídas por conhecimentos rivais” (SANTOS; MENESES, 2010, p.16).

A ciência moderna ao suprimir as epistemologias que contrariavam aos interesses que servia (as intervenções do colonialismo e do capitalismo moderno), opõe-se a saberes que poderiam manifestar contrapontos necessários para o combate e superação da posição de privilégio e monopólio epistemológico ocupado por ela, e com isso nos libertaríamos “[...] de referências dogmáticas construídas a partir de experiências alheias a nossos valores e culturas” (OLIVEIRA et al, 2014, p.32). Isso poderia permitir que uma produção científica comprometida com um projeto de sociedade mais justa viesse à tona, pois tal produção seria feita a partir de pessoas que vivem “[...] as experiências encarnadas de ‘marginalização’, ‘desqualificação’ e ‘exclusão’, bem como de suas resistências, lutas e reivindicações” (OLIVEIRA et al, 2014, p.43).

De acordo com Albán (2012, p.187) “[...] las concepciones de ilustrados filósofos occidentales demuestran como el pensamiento también tiene su color y há servido para determinar una geografia planetária em donde el sur se presenta em condiciones de inferioridade...”. Dentro dessa cartografia abissal, o norte, o colonizador, é o centro é a

referência a ser seguida. Campos (1991) nos fala que a Geografia, assim como a História Universal, como são compreendidas pela sociedade ocidental, tem referenciais ideológicos a partir dos quais são demarcados certos espaços e tempos, períodos e épocas, tais como a forma de representação do globo terrestre, no qual a Terra é representada com o pólo norte para cima. No que se refere ao ensino de orientação espacial, de situar-se, de saber o que é o mundo e qual a posição que ocupamos nele, são sempre utilizados pontos de referências, que só podem ser reconhecidos por aquele que se situa no hemisfério norte e a partir de lá se NORTEia. Tais convenções que são impostas “[...] em nosso hemisfério, estabelece confusões entre os conceitos de em cima/embaixo, de norte/sul e especialmente de principal/secundário e superior/inferior, visto que não partimos de nosso mundo-vida” (CAMPOS, 1991, p.1).

Por um ponto de vista mais geográfico, consideremos que, mercadorias, conceitos e regras "práticas" relativas a espaço ou a tempo são exportadas do hemisfério norte para o sul, e aceitas sem a devida contextualização para nossos lugares de vida. Esse é o caso do ensino dos pontos cardeais, renitente em tomar a direção norte como o referente fundamental. Nesse caso, mesmo que todas as evidências demonstrem que a estrela Polar não pode ser vista do hemisfério sul, subentende-se que isso possa acontecer e a regra prática passa a ser impraticável. A análise desse problema é rica de reflexões de caráter extremamente interdisciplinar, além do enorme potencial de desdobramentos inesperados que proporciona. É notável, por exemplo, a presença da conotação ideológica nos referenciais do Norte com os quais carregamos o germe da dominação. Este germe explicita-se com frequência nas oposições do tipo: Norte/Sul, acima/abaixo, subir/descer, superior/inferior, central/periférico, desenvolvido/em desenvolvimento (CAMPOS, 1999, p.42).

Campos (1991, p.1) também apresenta que

Em qualquer referencial local de observação, o Sol nascente do lado do oriente permite a ORIENTação. No hemisfério norte, a Estrela Polar, Polaris, permite o NORTEamento. No hemisfério sul, o Cruzeiro do Sul permite o "SULeamento".

Apesar disto, em nossas escolas, continua a ser ensinada a regra prática do norte, ou seja, com a mão direita para o lado do nascente (leste), tem-se a esquerda o oeste, na frente o norte e atrás o sul, com essa pseudo-regra-prática dispomos de um esquema corporal que, à noite, nos deixa de costas para o Cruzeiro do Sul, a constelação fundamental para o ato de "SULear-se". Não seria melhor usarmos a mão esquerda apontada para o lado do oriente?

Sobre o ficar de costas para o Cruzeiro do Sul, acima apresentado por Campos (1991), para orientar-nos, Ana Maria Araújo Freire (FREIRE, A.M.A., 1992, p.219) nos questiona se

tal ação não seria uma maneira ideológica de se estabelecer e/ou reafirmar relações hierárquicas de poder entre nações e também de alienação; se esta não seria uma atitude de mesnosprezo, “[...] de desdém para com as nossas próprias possibilidades de construção social de um saber que seja nosso, para com as coisas locais e concretamente nossas? Por que isso? Como surgiram e se perpetuam entre nós? A favor de quem? Contra quê? Contra quem nessa forma de ler o mundo?”

Para Quintero (2012) ainda que as nações latino-americanas tenham conseguido se tornarem independentes das potências hegemônicas, estas não conseguiram se livrar da colonialidade do poder e de seus efeitos fundamentais, haja vista que esta continua sendo o elemento central da estruturação da sociedade latino americana, o que dificulta a sustentabilidade das identidades nacionais; apesar da reorganização ocorrida nas relações de poder, a colonialidade do poder foi mantida e ratificada, agora pelos setores brancos e ilustrados da sociedade.

Aunque em cada uma de las distintas sociedades, eran una reducida minoria del total de la población, los sectores blancos ejercían la dominación y la explotación de las mayorías de indígenas, afrodescendientes y mestizos que habitaban las nascentes republicas. Estos grupos mayoritarios no tuvieron acceso al control de los medios de producción, fueron impedidos de representar sus subjetividades (religiosas, idiomáticas, artísticas, etc.) y al mismo tiempo quedaron imposibilitados para participar en la dirección de la autoridad colectiva... (QUINTERO, 2012, p.76).

Diante do exposto e apoiada em Freire (1987) trago que a sociedade apresenta lados muito bem definidos: o lado daqueles/as que oprimem (e que buscam manter o status quo) através de práticas educativas bancárias e o lado de Outrem, aqueles/as que sofrem constantemente a tentativa de supressão de sua identidade, daqueles/as que são oprimidos/as, desumanizados/as, mas que ao mesmo tempo são aqueles/as que podem e devem ser autores/as de ações libertadoras para a instauração de uma nova realidade, na busca do ser-mais, de modo a não ser meramente “[...] un agregado al proyecto hegemónico sino una interpelación o disrupción desde locus de enunciación diferentes al proyecto hegemónico. Lo outro en este caso no es un proyecto alternativo, sino una *alter-activa* frente a la modernidad” (ALBÁN, 2012, p. 192). Nesse sentido da libertação, para Freire (1987) as práticas educativas se referem a uma educação problematizadora, revolucionária, profética e como tal esperançosa pois compreende os homens como seres históricos e inconclusos. Com o aprofundamento da tomada de consciência da situação na qual se encontram inseridos, as

peças se apropriam dela como sua realidade histórica o que possibilita que esta realidade possa ser por elas transformadas, de maneira a superar a falsa consciência do mundo.

Daí que se identifique com eles como seres mais além de si mesmos – como “projetos” – como seres que caminham para frente, que olham para frente; como seres a quem o imobilismo ameaça de morte; para quem o olhar para trás não deve ser uma forma nostálgica de querer voltar, mas um modo de melhor conhecer o que está sendo, para melhor construir o futuro. Daí que se identifique com o movimento permanente em que se acham inscritos os homens, como seres que se sabem inconclusos; movimento que é histórico e que tem o seu ponto de partida, o seu sujeito, o seu objetivo.

O ponto de partida deste movimento está nos homens mesmos. Mas, como não há homens sem mundo, sem realidade, o movimento parte das relações homens-mundo. Daí que este ponto de partida esteja sempre nos homens no seu aqui e no seu agora que constituem a situação em que se encontram ora imersos, ora emersos, ora insertados.

Somente a partir desta situação, que lhes determina a própria percepção que dela estão tendo, é que podem mover-se.

E, para fazê-lo, autenticamente, é necessário, inclusive, que a situação em que estão não lhes apareça como algo fatal e intransponível, mas como uma situação desafiadora, que apenas os limita (FREIRE, 1987, p.42).

Destaco que ações libertadoras vem sendo almeçadas e executadas por parte dos oprimidos desde o início da colonização, seja pela luta de classes, pela liberdade e fim da escravidão, pelo fim da violência contra as mulheres, pelo direito de expressar sua religiosidade, através das ações do movimento negro, entre outras e concordo com Freire (1987, p.43) que este movimento só se justifica quando busca o ser-mais, a humanização, sendo que esta “[...] não pode realizar-se ao isolamento, no individualismo, mas na comunhão, na solidariedade dos existires, daí que seja impossível dar-se nas relações antagônicas entre opressores e oprimidos”.

Assim, a humanização, e também a desumanização, não podem ser consideradas como algo definitivo posto que na relação do sujeito com o mundo e com outrem em liberdade descobre-se, caracteriza-se a inconclusão humana, a possibilidade de ser-mais, o que inviabiliza qualquer forma de determinismos. São nestas relações estabelecidas com o mundo e com as outras pessoas a partir do convívio, nas práticas sociais que estamos inseridos que vamos aprendendo a ser gente, vamos nos educando. Nas palavras de Freire (2001, p.12-13):

[...] a educação, como formação, como processo de conhecimento, de ensino, de aprendizagem, se tornou, ao longo da aventura no mundo dos seres humanos uma conotação de sua natureza, gestando-se na história, como a vocação para a humanização [...]. Em outras palavras e talvez reiteradamente, não é possível ser gente sem, desta ou daquela forma, se

achar entranhado numa certa prática educativa. E entranhado não em termos provisórios, mas em termos de vida inteira. O ser humano jamais pára de educar-se. Numa certa prática educativa não necessariamente a de escolarização, decerto bastante recente na história, como a entendemos.

Oliveira et al (2014), ao tratar das práticas sociais informam que estas se relacionam com a formação das identidades, pois “[...] as pessoas se formam em todas as experiências de que participam em diferentes contextos ao longo da vida” (p.36). Apresentam ainda que as práticas sociais podem tanto se constituir em ações de grupos e comunidades que visam a transformar realidades por eles identificadas como injustas, discriminatórias e opressivas quanto se direcionar ao subjugo, à manutenção de iniquidade, à desumanização de outrem. Cabe aos atores sociais que delas participam o seu desenvolvimento, construção manutenção ou supressão, assim como depende deles os objetivos que com elas almejam alcançar. Seus atores “[...] são participantes das relações sociais, étnico-raciais, econômicas, culturais, o que permite que se apropriem dos valores e comportamentos de seu tempo e existência” (p.34). Sobre os processos educativos, estes ocorrem em distintas práticas sociais, inclusive as escolares. E o aprendido em tais práticas pelos sujeitos é interconectado com o aprendido em outras práticas, ou seja, “[...] o aprendido em casa, na rua, na quadra comunitária do bairro, nos bares, no posto de saúde, em todos os espaços por onde cada um transita, serve como ponto de apoio e referência para novas aprendizagens, inclusive aquelas que a escola visa proporcionar” (OLIVEIRA et al, 2014, p.38).

Em outras palavras se faz necessário *sulear* nosso olhar, ou seja, reconhecer, para além da nossa leitura de mundo, a necessidade de estarmos familiarizados com a leitura de mundo das pessoas e dos grupos, comunidades e povos socialmente marginalizados com quem falamos “[...] pois que, somente a partir do saber nela contido ou nela implícito me seria possível discutir a minha leitura de mundo, que igualmente guarda e se funda num outro tipo de saber” (FREIRE, 1992, p.12). Isso remete aos/as envolvidos/as assumir uma atitude de solidariedade conforme apresentada por Dussel (2004, p.7):

Deseo sin embargo referirme ahora a una actitud que va más allá (au-delà) de la tolerancia y la fraternidad. Que es positiva, creativa, responsable por el otro. No solo lo tolera; ahora lo asume, se pone en su lugar (sustitución), es responsabilidad por el otro como otro (más allá también del reconocimiento del otro como igual, en una mera justicia intrasistémica). Al hacer referencia a la solidaridad (...) se pasa a un momento más positivo, afirmativo, que el de la mera tolerancia ante una víctima, impotente de defender sus propios derechos. La tolerancia es así subsumida en una responsabilidad por el otro. La tolerancia queda superada, en cuanto por propia voluntad, por deseo se

toma como propio el cumplimiento del deseo, del proyecto de vida que el otro no puede realizar. El otro no es ya meramente “tolerado” pasiva o negativamente (en el tiempo del alcanzar el consenso de la pretensión de validez), sino que es “solidariamente” respetado activa y positivamente en su alteridad, en su Diferencia. Se trata de la afirmación de la exterioridad del otro, de su vida, de su racionalidad, de sus derechos negados. Estamos más allá de la tolerancia de la Modernidad ilustrada entonces.

Deste modo, as relações nas práticas sociais “[...] não apontam, apenas, para novos tipos de conhecimento; apontam, também, para novos modos de produção de conhecimento” (SANTOS, 2007, p.4), ou seja, nos dizem que são possíveis novas epistemologias, ainda que estas não sejam neutras e a partir delas herdemos conhecimentos, por vezes tão naturalizados que nos fazem esquecer que a nossa existência é sempre histórica.

Conforme Wallerstein (2004, p.127): “[...] Não se trata de rejeitar a ciência enquanto modo de conhecimento. Trata-se de rejeitar uma ciência baseada na concepção de uma natureza passiva em que toda a verdade já está inscrita nas estruturas do universo”.

Também Merleau-Ponty (1974) tecerá críticas a ciência moderna que desconsidera as subjetividades pois para ele “[...] A subjetividade inalienável de minha palavra me torna capaz de compreender essas subjetividades apagadas de que a história objetiva só me dava traços” (p.390). Mais que isso, destaca como fundamental a consideração da experiência mundana:

Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual ela é a expressão segunda. A ciência não tem e não terá jamais o mesmo sentido de ser que o mundo percebido, pela simples razão de que ela é uma determinação ou uma explicação dele (MERLEAU-PONTY, 1996, p.3).

Neste contexto de crise paradigmática Merleau-Ponty (1996) também chama atenção a que não cabia mais pensar o corpo a partir da visão mecanicista e biologicista, que o fragmentava em uma justaposição de órgãos. O corpo passa a ser concebido não mais como um psiquismo aliado a um organismo, mas sim como existência e possibilidade de compreensão do mundo.

Para Merleau-Ponty (1996), a visão biologicista de corpo fazia com que “meu corpo” não mais fosse a expressão visível de um Ego concreto, mas sim um objeto, entre outros. Consequentemente o corpo de outrem não se apresentava a mim como a expressão de um

outro Ego e, portanto, a minha percepção de outrem não poderia ser considerada, “[...] já que ela resultava de uma inferência e só colocava atrás do autômato uma consciência em geral, causa transcendente e não habitante de seus movimentos. Portanto, não tínhamos mais uma constelação de Eus coexistindo em um mundo” (p.88).

Para Sérgio (1996, p.125):

[...] o corpo humano não é o que a fisiologia descreve, nem o que a anatomia desenha, nem o que a biologia, em suma, refere. Porque o corpo é a materialização da complexidade humana. [...]. De facto, ninguém tem um corpo. Há uma distância iniludível entre mim e um objecto que possuo: posso deitá-lo fora, sem deixar de ser quem sou. Com meu corpo não sucede o mesmo: sem ele, eu deixo de ser quem sou. Por isso, o meu corpo não é físico, no sentido cartesiano do termo [...], mas o fundamento de toda a minha existência, da minha própria subjetividade...

O corpo expressa a existência e há nele uma intencionalidade e um poder de significação, posto que é pelo corpo que posso frequentar o mundo, compreendê-lo e compreender outrem, assim como encontrar uma significação para ele, tornando inconcebível qualquer “[...] relação de causalidade entre o sujeito e seu corpo, seu mundo ou sua sociedade” (MERLEAU-PONTY, 1996, p.581) já que “[...] sou tudo aquilo que vejo, sou um campo intersubjetivo, não a despeito de meu corpo e de minha situação histórica, mas ao contrário sendo esse corpo e essa situação e através deles todo o resto” (id. ibid, p.606).

O corpo é cultura e natureza pois é tecido pelas coisas do mundo e é dependente e submetido a elas, mas isso não significa que o corpo aceite passivamente as coisas do mundo ou tenha uma conduta rígida e preestabelecida, posto que o humano é capaz de criar ideias e instrumentos que lhe permitem alterar o meio natural, atribuindo-lhe novas formas de expressão e significado (CARMO, 2000). Ao transcender essas imposições, o corpo:

Ultrapassa a fronteira do animal, institui níveis da ordem simbólica, transforma o mundo, cria e recria culturas. Há no corpo entrelaçamento entre natureza e cultura, pois os gestos mais simples, como um sorriso de criança, a alegria, a tristeza, etc., são tanto naturais quanto culturais. [...] Assim, não há, então, homem-em-si, mas homem em situação. Nesse sentido, o corpo não tem papel de passividade e inércia, mas sim o de colocar-nos com o outro e com o mundo (CARMO, 2000, p.81-82).

Nas palavras de Freire (1997, p.8) “[...] estudamos, aprendemos, ensinamos, conhecemos com o nosso corpo inteiro. Com os sentimentos, com as emoções, com os

desejos, com os medos, com as dúvidas, com a paixão e também com a razão crítica”. Isto nos permite compreender a motricidade não como o que transporta o corpo de um ponto no espaço a outro, mas sim enquanto intencionalidade original, já que para “[...] que possamos mover nosso corpo em direção a um objeto, primeiramente é preciso que o objeto exista para ele, é preciso então que nosso corpo não pertença à região do ‘em si’” (MERLEAU-PONTY, 1996, p.193).

A Motricidade Humana para Merleau-Ponty (1996) e Sérgio (1996), aponta que o ser humano é integralmente incrustado ao mundo e em sua cultura, na qual cada ação possui em si significados marcados por referência de cada povo, já que o primeiro dos objetos culturais “[...] aquele pelo qual eles todos existem, é o corpo de outrem enquanto portador de um comportamento” (MERLEAU-PONTY, 1996, p.467). O corpo é um nó de significações e nosso meio geral de estarmos atados a um certo mundo cultural, o qual é por mim interpretado a partir de minha experiência e de minhas relações com outrem. Pode-se então dizer que, ao existir no mundo nos transformamos nas práticas sociais de que participamos ao longo da vida, através das nossas relações. Aprendemos a ser.

Diante do exposto concordamos com Sérgio (1991) quanto à necessidade da constituição de uma comunidade científica que possibilite a transformação de conhecimento também em poder contra-hegemônico. Fazer ciência e pesquisar a partir da Motricidade Humana junto a grupos sociais marginalizados nos permite efetuar este corte epistemológico, que é também uma prática política. A academia tem muito que aprender com estes grupos sociais, porém isso envolve necessariamente o conhecimento e o reconhecimento desses saberes, para compreender as racionalidades, valores, as formas de ensino e de aprendizagem que orientam a motricidade humana na produção e reprodução das práticas sociais.

Pensar e fazer ciência por estes caminhos se refere ao que nós pesquisadores/as fazemos com este conhecimento em nosso cotidiano, nas práticas sociais nas quais nos inserimos; à reflexão sobre o que nos tornamos, como agimos quando em posse de tais conhecimentos. Pode-se dizer que é mais do que superar entendimentos de ciência, educação e conhecimentos hegemônicos. Trata-se de recusar determinismos e crer na infinita possibilidade do ser humano transcender sua existência; é assumir um compromisso social que fala de liberdade, de solidariedade, de luta por um mundo melhor, de “esperançar” de maneira a atuar na busca da realização efetiva (mas não definitiva) das nossas utopias, de nossos desejos. Trata-se de pôr sentido no mundo e em si mesmo (CAMPOS; CARMO, 2013, p.135-136).

Assim sendo, numa tentativa de superação desta hegemonia científica utilizamos neste estudo a denominação Motricidades do Sul, particularmente apoiada na designação de sul proposta por Campos (1999; 1991), conforme vimos anteriormente, e de Santos e Meneses (2010, p.19) a seguir:

O Sul é aqui concebido metaforicamente como um campo de desafios epistêmicos, que procuram reparar os danos e impactos causados historicamente pelo capitalismo na sua relação colonial com o mundo. Esta concepção do Sul sobrepõe-se em parte com o Sul geográfico, o conjunto de países e regiões que foram submetidos ao colonialismo europeu e que [...] não atingiram níveis de desenvolvimento económico semelhantes ao do Norte global (Europa e América do Norte)

Vale destacar que a gênese do conceito “Motricidades do Sul” surge e vem se desenvolvendo a algum tempo no interior do Núcleo de Estudos de Fenomenologia em Educação Física da Universidade Federal de São Carlos (NEFEF/UFSCar) e da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana (SPQMH), dos quais sou integrante. Os elementos que sustentam tal conceito foram inicialmente apresentados como Etnomotricidade inicialmente por Gonçalves Junior (2010) e Gonçalves Junior et al (2012):

[...] ese estar ahí en el mundo de un grupo de seres humanos que les otorga identidad, historia, proyección diferenciada. Por lo cual, no es sólo conductas diferentes que pueden manifestar en relación con un determinado marco dominante, sino más bien es una percepción radical de mundo diferenciada que favorece determinadas comprensiones e interpretaciones de la acción humana, de su sentido y habitabilidad en el mundo. [...] De manera que juegos, luchas, danzas, fiestas, cantos y cuentos se configuran en forma particular tanto en su ejecución como en su comprensión, lo que también podría considerar, obviamente, diferenciaciones morfo-funcionales (GONÇALVES JUNIOR et al, 2012, p.252).

A partir da experiência pessoal com esta proposição e com plena consciência de nossa incompletude como seres humanos e pesquisadores/as e por consequência também da incompletude do saber científico por nós produzido, influenciados por Santos e Meneses (2010) a ideia foi ampliada para Etnomotricidades do Sul, sendo tema central do “VI Colóquio de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana: etnomotricidades do sul” realizado em 2015 junto a Universidad Austral de Chile (UACH), localizada na cidade de Valdivia, sul do Chile. Todo esse processo de construção de conhecimento e discussões sobre

o tema, aliados à aproximação e convivência de alguns integrantes³ do NEFEF e SPQMH junto à Boaventura de Sousa Santos em situações de estudos e reuniões científicas, que foram e são compartilhadas no âmbito do NEFEF/UFSCar e SPQMH, também contribuíram na elaboração do conceito “Motricidades do Sul” ora aqui apresentado.

Inicialmente observamos compreendermos Motricidade a partir de Sergio (1996) que afirma ser essencial que consideremos “[...] a experiência originária, donde emerge também a história das condutas motoras do sujeito, dado que não há experiência vivida sem a intersubjetividade que a práxis supõe” (p.17-18). De acordo com Sergio (2008, p.31) “[...] A Motricidade Humana diz-nos que o ser humano, quando quer transcender e transcender-se, não é um dado, mas uma tarefa permanente. A transcendência é o sentido da vida. É simultaneamente abertura, reflexo e projeto”. A experiência humana é ação.

Em acordo, Toro-Arevalo e Valenzuela-Mautz (2012, p.213) nos apresentam que a ação é a plataforma do ser humano visto que é nela que o ser humano empreende sua própria existência “[...] allí es donde se constituye y consolida el ser, desplegando en cada acto su capacidad y también su limitación. Pero es cada vez un inicio, una apertura, aunque la acción haya sido realizada muchas veces antes. Su cualidad se centra en la libertad de acceder al acto”.

E prossegue Toro-Arevalo e Valenzuela-Mautz (2012, p.214):

[...] en la acción desplegada es que tiene lugar lo humano en su sentido de fondo y profundidad. Pero queda remarcado que tal acción es precisamente en vínculo continuo con la especie, la comunidad y el entorno, no en la negación de estos factores. En este proceso se genera toda la posibilidad humana, no como una suma de partes, sino en una especie de relación de actores y actantes que confluyen en cada demanda o tarea que se genera en el entorno. [...] Lo fundamental de esta situación es que en la acción en curso lo que genera la correspondiente evolución de los mismos componentes que la posibilitan, en palabras de Kandel (2003), es ser humano está hecho para la acción y debemos agregar que también se hace desde la acción. No obstante, dicho proceso no ocurre en un vacío existencial ni menos temporoespacial, es decir, está situado, implicado e inmerso en un contexto geográfico, simbólico, sentimental, histórico y cultural. Es una relación desde una agente en un entorno que al mismo tiempo es generante y condicionado.

³ Os integrantes em questão foram Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior, que esteve na condição de Investigador Convidado, entre março e agosto de 2016, e Profa. Dra. Denise Aparecida Corrêa, que realizou pós-doutorado, entre fevereiro de 2016 e fevereiro de 2017, ambos no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES/UC) sob a supervisão do Prof. Dr. Boaventura de Sousa Santos.

Assim, ao pensarmos o ser humano e suas manifestações a partir do referencial da Motricidade Humana, percebemos a necessidade de um rompimento epistemológico com modelos e métodos científicos que desconsideram conceitos ou saberes que não se ajustam a sua estrutura, como por exemplo, os oriundos de práticas religiosas ou manifestações da cultura popular. Observemos que a Educação Física originalmente se desenvolveu sob a matriz cartesiana e esteve intimamente relacionada com a medicina, marcadamente a de caráter higienista, com visão fragmentada de ser humano e valorização do corpo bio-fisiológico (SÉRGIO, 1991; 1996).

Para Pazos-Couto e Trigo (2014, p.374) entender a Motricidade como um paradigma emergente “[...] implica la necesidad de plantear nuevos debates, nuevos conceptos y nuevas formas de afrontar la praxis”. Já de acordo com a Red Internacional de Investigadores en Motricidad Humana (2006, p.252), a ciência da Motricidade Humana em seu nascimento rompe com “[...] modelos arcaicos y limitantes de producción de conocimiento, abriéndose a la construcción de otras formas de investigación” também no âmbito de instituições acadêmicas e por isso deve enfrentar as contradições vividas por estas instituições ao repensar suas concepções sobre o conhecimento humano e seus modos de constituição.

Ora, se devemos considerar e ter muita clareza dos mais variados contextos (histórico, social, geográfico, de gênero, étnico-racial, cultural etc.) no qual o sujeito está inserido e das influências que isto tem em sua vida, há realmente a necessidade de se agregar um sufixo ou adjetivo que trate de seu pertencimento a um dado tempo-espaço, daí parte do título deste tópico ser Motricidades do Sul.

Motricidades do Sul são, portanto, as motricidades que se constituem e se sustentam nas formas de ser e estar ao mundo, nos modos de compreender o humano, o universo e a natureza, de pessoas, comunidades e povos que foram e ainda são prejudicados/marginalizados pela colonialidade do saber, que se localizam no sul geográfico e/ou metafórico. Assim sendo, em uma perspectiva “suleada” (não norteadada), em universo não dicotômico entre físico e mente, corpo e alma, sagrado e profano, pessoa e mundo que se dá a construção das Motricidades do Sul, a diversidade de experiências de fruição de jogos, lutas, danças, festas, cantos e histórias de pessoas, comunidades e povos socialmente marginalizados que se configuram em forma particular, tanto em sua compreensão como em sua execução, no processo cotidiano do viver-a-vida. Tais pessoas, comunidades e povos e suas respectivas motricidades, ainda que sejam marginalizados pela cultura dominante, podem trazer práticas: 1) de recusa de determinismos e de racionalidades opressoras; 2) de ensinar e aprender característicos desses grupos; 3) ações de busca da liberdade, de solidariedade,

resistência e reivindicação, entendidos como contrapontos necessários à superação de um sistema de práticas e conhecimentos hegemônicos e opressores, o que atribui às Motricidades do Sul um forte caráter identitário, contra-hegemônico e de resistência ao norte epistemológico.

Não se trata pois, de pensar que a colocação de um simples adjetivo após a palavra Motricidade resolve toda a questão de opressão e marginalização, o que se busca é conhecer, reconhecer e valorizar outrem, comunidades e povos socialmente marginalizados a partir de seu próprio referencial, de suas manifestações de motricidades.

Implica ainda assumir que pesquisar a partir de Motricidades do Sul significa ser coerente com as premissas das Epistemologias do Sul (SANTOS; MENESES, 2010), da Motricidade Humana (SÉRGIO, 1991; 1996; 2008), da Fenomenologia Existencial (MERLEAU-PONTY, 1974; 1996), da Pedagogia Dialógica (FREIRE, 1987; 1992; 1997; 2001; 2007) e da Filosofia da Libertação (DUSSEL, s/d; 2004).

Assim, enfocamos a compreensão dos processos educativos envolvidos na construção de Motricidades do Sul, em particular nesta investigação, de participantes da Congada de São Benedito em Ilhabela, município localizado no litoral norte paulista, região que foi fortemente atingida pelo processo da conquista e por suas tentativas de negação de outrem, assim como de suas práticas e saberes, em vários momentos da sua história, destacadamente durante os processos de colonização, escravização e evangelização de indígenas e africanos, sobre o qual falaremos no tópico a seguir.

3 HISTÓRIAS DE INDÍGENAS, NEGROS E BRANCOS, NA AMÉRICA LATINA

Levamos quinhentos anos aprendendo a nos odiar entre nós mesmos e a trabalhar de corpo e alma para a nossa perdição, e assim estamos; mas ainda não conseguimos corrigir nossa mania de sonhar acordados e esbarrar em tudo, e certa tendência à ressurreição inexplicável (GALEANO, 2011, p.329).

Oliveira *et al* (2014) entendem que para alcançarmos a compreensão das práticas sociais e dos processos educativos que delas decorrem, na realidade brasileira, é de vital importância situá-los histórica, política e culturalmente na América Latina. E é a isso que se propõe este tópico: analisar o processo de formação da América Latina e suas identidades.

De acordo com Ianni (s/d) a América Latina ainda hoje parece buscar um conceito sobre si mesma, a algum significado essencial, uma identidade. Streck (2004) entende que a América Latina atual é mais do que um conglomerado de países que ocupa um certo espaço geográfico. Segundo o autor, é a partir da América Latina que

somos desafiados a produzir o sentido de nossa existência desde o interior das contradições, a partir de peculiaridades históricas e culturais que de alguma forma nos torna distintos. É historicamente sobretudo um lugar de muitas feridas [...], desde a invasão, passando pela colonização até as tantas formas de violência que marcam o povo deste continente hoje (STRECK, 2004, p.2).

As desigualdades sociais e culturais na América Latina são características que vem sendo construídas historicamente e reproduzidas à séculos de maneiras que afetam a dinâmica e a estrutura das distintas sociedades latino-americanas e africanas, como podemos perceber se observarmos a experiência humana histórica recente nestes continentes. De acordo com Galeano (2010, p.8),

A divisão internacional do trabalho significa que alguns países se especializam em ganhar e outros em perder. Nossa comarca no mundo, que hoje chamamos América Latina, foi precoce: especializou-se em perder desde os remotos tempos em que os europeus do Renascimento se aventuraram pelos mares e lhe cravaram os dentes na garganta. Passaram-se os séculos e a América Latina aprimorou suas funções. Ela já não é o reino das maravilhas em que a realidade superava a fábula e a imaginação era humilhada pelos troféus da conquista, as jazidas de ouro e as montanhas de

prata. Mas a região continua trabalhando como serviçal, continua existindo para satisfazer as necessidades alheias.

Tais construções de desigualdades ainda acontecem e se dão, entre outras formas, através da discriminação, da deslegitimação de saberes e mecanismos de apropriação de suas culturas autóctones e da geração de experiências de vida que perpetuam a segregação e a estratificação social, que por vezes se camuflam sob o discurso da meritocracia, contribuindo assim para a naturalização e reprodução da desigualdade. Ao naturalizar e reproduzir tais situações (iniciadas durante o período de colonização europeia) através da normatização e valoração de uma única opção de valores civilizatórios, saberes e instituições através das quais se legitimam e preservam as desigualdades, estabelece-se um projeto de mundo e sociedade, no qual o negro, o pobre, os indígenas vivem na exterioridade, periféricamente, a partir do qual têm sua filosofia e princípios ontológicos segregados, diminuídos, invisibilizados. É importante frisar que desigualdades de gênero se entrecruzam com as desigualdades étnicas, econômicas e raciais.

De acordo com Dussel (2005) a ideia de Europa como centro da história mundial que conhecemos é uma invenção ideológica. Em primeiro lugar porque não há uma história mundial e sim histórias justapostas e isoladas e, em segundo lugar, porque sua posição geopolítica não lhe permite ser o centro do mundo.

Dussel (2005, p. 28) diz que devemos nos opor a esta interpretação hegemônica da Europa como centro do mundo e como ponto de partida da Modernidade, pois esta seria uma visão eurocêntrica “porque indica como pontos de partida da ‘Modernidade’ fenômenos intra-europeus, e seu desenvolvimento posterior necessita unicamente da Europa para explicar o processo”. Tal oposição se faz necessária pois este tema, como podemos observar, não é alheio à América Latina visto que é um problema fundamental a necessidade de se combater a colonialidade do pensamento.

Se se entende que a “Modernidade” da Europa será a operação das possibilidades que se abrem por sua “centralidade” na História Mundial, e a constituição de todas as outras culturas como sua “periferia”, poder-se-á compreender que, ainda que toda cultura seja etnocêntrica, o etnocentrismo europeu moderno é o único que pode pretender identificar-se com a “universalidade-mundialidade”. O “eurocentrismo” da Modernidade é exatamente a confusão entre a universalidade abstrata com a mundialidade concreta hegemônica pela Europa como “centro” (DUSSEL, 2005, p. 30).

A Modernidade, que surge no final do século XV, se apresentou como um novo paradigma de compreensão no que se refere à vida cotidiana, à ciência (como já visto anteriormente). O papel atribuído à América Latina neste novo paradigma é o de ser a outra face, dominada, explorada e encoberta.

A Europa ao se descrever diante do mundo como a mais desenvolvida e superior se vê, a partir de seu ponto de vista, obrigada moralmente a desenvolver todo aquele por ela considerado primitivo ou bárbaro. Caso o julgado primitivo fosse considerado como um obstáculo ao seu pretense processo civilizador e dominador a práxis moderna poderia e deveria exercer a violência inevitável na destruição de tais obstáculos (o índio colonizado, o escravo africano, a mulher, a destruição ecológica, etc.). O mito da modernidade torna justificável o sofrimento e a violência impetrados para com o outro pois entende que tal violência e sofrimento é culpa daquele que se recusa a aceitar tal violação, pelos europeus chamado processo civilizador (DUSSEL, 2005). Ou seja, a modernidade culpabiliza suas vítimas ao tentar excluir, da maioria da sociedade, a sua humanidade.

Tais ideias de “ser civilizado” e “civilizar” refletem um ideário etnocêntrico, o europeu, e são carregadas de juízos de valor sobre si mesmo e o outro. Pode-se afirmar diante do exposto que o europeu, através das práticas por ele apresentadas como civilizatórias, busca determinar quem é o outro, estabelecendo uma relação de desigualdade e inferioridade, pois se assim não fosse não haveria a necessidade de estabelecer-se tais distinções. Estabelece-se uma relação binária de identificação (ser/não ser) onde o ser europeu, assim como seus valores, suas formas de criar e se expressar, de filosofar e buscar entender o mundo, seus padrões normativos etc., são sempre superiores e dominantes. Tal forma de identificação foi forte e violentamente disseminada durante o processo de conquista e colonização da América Latina e África.

Dussel (1994) apresenta a conquista como um violento processo militar, onde o Outro em sua distinção mais do que negado, é obrigado a incorporar-se à Totalidade dominante “como cosa, como instrumento, como oprimido, como ‘encomendado’, como ‘assalariado’” (DUSSEL, 1994, p.41), sendo que a “lógica da totalidade [...] estabelece seu discurso desde a identidade ou fundamento para a diferença. É uma lógica da natureza [...] ou do totalitarismo [...]. É a lógica da alienação da exterioridade” (DUSSEL, 1977, p.48). Tudo isso como uma tentativa de se manter o *status quo*, ou seja, que uma única civilização mantenha a hegemonia sobre todos os outros, sem o menor respeito pela alteridade.

De acordo com Luz (2000) o continente europeu no início do colonialismo passava por uma crise de valores e de acomodação das classes sociais. O desenvolvimento da

burguesia retoma os valores da Grécia clássica e Roma imperialista, ambas caracterizadamente escravistas e é esse retorno aos valores da antiguidade europeia, o Renascimento, que sustentará as novas ideologias adequadas a um novo ideal de ser humano do continente europeu. “Esse novo homem desafia as leis do destino, sobrepassa as tradições religiosas, ignora os valores da vida comunal, não possui referências de sua ancestralidade procura ignorar a sua morte” (LUZ, 2000, p. 137). Com essa retomada dos valores gregoromanos escravistas o estado europeu coloca-se acima da sociedade, porém tendo um papel regulador em prol dos interesses de uma classe que detém o poder e o controle, agindo de maneira coercitiva.

Do poder atribuído aos possuidores de dinheiro deriva o controle do Estado e o surgimento da força pública como algo que exige formidáveis investimentos. Ancestralidade e nobreza dão lugar ao valor do indivíduo, que mesmo bastardo, possua dinheiro.

A sociedade se dessacraliza e a morte passa a ser sublimada e projetada no outro. Assim como a morte, o outro etnicamente constituído e a natureza passam a ser considerados simples fonte de energia capaz de gerar riqueza (LUZ, 2000, p. 148).

Segundo Luz (2000) o grande interesse dos estados colonialistas era a produção em grande escala, ou seja, a produção das colônias de exploração, que se assentava na exploração da mão de obra escrava, tornando assim, em pouco tempo, o comércio de escravos na mais lucrativa atividade colonial.

Ao chegarem à América Latina, observando especificamente neste estudo o Brasil, os europeus tiveram que “negociar” este espaço já ocupado e se confrontaram com modos de ver e entender o mundo que diferiam muito dos seus. O modo como os europeus entendiam o “diferente de si” deu o tom destas novas relações.

Quando começou a colonização da América, já as nações peninsulares estavam viciadas no parasitismo, e o regime estabelecido é, desde o começo, um regime preposto exclusivamente à exploração parasitária. Desde o início da colonização, o Estado só tem um objetivo: garantir o máximo de tributos e extorsões. Concedem-se as terras aos representantes das classes dominantes, e estes, aqui – pois não vêm para trabalhar – escravizam o índio para cavar a mina ou lavar a terra. Quando ele recalcitra ou se extingue, fazem vir negros africanos, e estabelece-se a forma de parasitismo social mais completa. (BOMFIM, 2008, p.77-78).

Processos semelhantes de ocupação se deram na África, Brasil e Angola que foram as principais colônias portuguesas durante o século XVI e parte do século XVII, e o tráfico negro em pouco tempo tornou-se a fonte de renda mais lucrativa do colonialismo (LUZ, 2000).

Enfim, o indígena e o negro, o colonizado/a foi sendo violentamente coisificado/a, e como “coisa” servia de mão de obra escrava e teve seu “eu”, seu corpo, e por consequência sua cultura e historicidade, negadas, na tentativa de o/a incorporarem à totalidade dominadora. Entre os séculos XVI e XIX, milhões de africanos foram escravizados ainda em suas terras natais e levados para servir como mão de obra escrava em diversas regiões do mundo, principalmente nas Américas.

Com o predomínio da mão de obra negra e escravizada nas colônias, fez-se necessário o estabelecimento de novos arranjos que considerassem a cultura africana e o lugar destinado a este/a escravizado/a na sociedade colonial. Tais arranjos ficaram sob a responsabilidade da igreja e a ação da Igreja no estabelecimento destes novos arranjos trouxe à tona o enfrentamento, o encontro de diferentes mundos e modos de entender e de expressar a religiosidade, já que o núcleo de ação da igreja nestes processos foi a religiosidade popular indígena e africana. No que se refere aos/às escravizados/as africanos/as,

A vivência do Cristianismo solidária com o projeto colonial feriu profundamente as visões de mundo africanas, ao introduzir, dentre muitos conceitos, a noção de um Deus que legitimava um novo tipo de escravidão até então não conhecida naquele continente: a escravidão que tirava a humanidade do ser humano, transformando-o em “peças”, “coisas”; destruídos de seus sentimentos, desejos e vontades. É sabido que em alguns lugares da costa africana onde era realizado o embarque de africanos escravizados, estes reis, rainhas, artistas, artesãos, caçadores, guerreiros, eram obrigados a darem voltas ao redor de uma árvore; a chamada árvore do esquecimento, a fim de não levarem consigo para o Novo Mundo suas tradições.

Não somente a “árvore do esquecimento” era utilizada mas o próprio batismo cristão, acompanhado da troca de nome e demonização das práticas africanas visavam apagar esta memória. Estes homens e mulheres, a partir de suas matrizes culturais foram aos poucos reconstruindo estes universos simbólicos fragmentados pela escravidão (SOUSA JUNIOR, 2004, p. 124).

Ao interferir na religiosidade popular indígena e africana, a cristianização, que apresenta a justificativa transcendental da escravidão, acaba por também provocar uma consciência de liberdade. A religiosidade popular, de uma maneira geral, surge como um

núcleo de resistência contra-hegemônica situada na cotidianidade dos que sofrem e são oprimidos.

4 RELIGIOSIDADE POPULAR NA AMÉRICA LATINA

Dussel (1986) apresenta que o fenômeno da religiosidade popular se insere na cultura popular e que nesta, especialmente em América Latina, se encontram práticas que

enmarcan la significación última de la existencia. La vida cotidiana deste sufriente pueblo latinoamericano no recibe ni en las estructuras educativas del Estado, ni en la cultura de masa de las medias, ni siquiera en ciertos partidos de izquierda, el sentido de la vida, del trabajo, del matrimonio, de la familia, del sufrimiento, de la muerte. Todo esto ha quedado reservado a la religiosidad popular (DUSSEL, 1986, p.104).

Ou seja, a religiosidade popular se apresenta como um campo de protagonismo popular, mesmo que por vezes tal protagonismo se dê apenas de maneira simbólica. A religiosidade popular é “un ‘campo religioso’ propio, con autonomía relativa, que tiene por sujeto al pueblo, aunque inciden sobre él sacerdotes, shamanes y profetas” (DUSSEL, 1986, p. 104-5).

De acordo com Freire e Faundez (1985) se nas manifestações culturais, entre elas a religiosidade, podem se encontrar marcas da ideologia dominante, visto que esta por toda opressão alienante sofrida têm introjetadas em suas próprias estruturas religiosas o seu opressor, transmitindo em sua tradição as estruturas de sua própria dominação, também podem ser encontrados movimentos de resistência popular.

De acordo com Dussel (1986), a religiosidade popular latinoamericana, é fruto de um longo processo histórico e tem como alguns de seus componentes fundamentais: a religiosidade popular hispano-lusitana, a religiosidade ameríndia e a religiosidade africana, a religiosidade da cristandade das Índias. Tem como práticas fundamentais: 1) a sacralização do tempo, onde o tempo é um horizonte religioso e pode se apresentar como um tempo curto no qual se sacraliza ações cotidianas como comer, dormir, por exemplo, em práticas religiosas ao longo do dia; um tempo médio: se refere a práticas religiosas que invadem o decorrer das estações e que se relacionam a festas de longa tradição como por exemplo a Semana Santa ou a Festa de todos os santos; e, um tempo longo: no qual o povo guarda a história dos seus heróis, seus santos, seus feitos essenciais para os momentos de libertação. 2) A sacralização do espaço: onde o sujeito popular sai da marginalidade e assume uma certa centralidade, até um espaço sagrado por excelência. Este controle do espaço pelo povo dura apenas enquanto dura a prática religiosa e procissões e peregrinações são o caminho para obtê-lo, ocupando e

controlando o espaço com multidões e como afirmação de si mesmo; e 3) Sacralização do ritmo, que assim como a dança ao compasso da música são expressões do corpo unido ao rito, à oração e até mesmo ao êxtase.

A religiosidade popular se destina a santos, forças, espíritos. Os santos são patronos da família, da cidade ou aldeia e por vezes estes se sobrepõem a antigas divindades e princípios da natureza. Existem santos para tudo: buscar marido, buscar fidelidade, curar doenças, etc. De acordo com Dussel (1986) os orixás se mesclam com os santos (DUSSEL, 1986).

Práticas de cristianização exercidas pelos europeus já eram presentes na África desde o século XVI, tornando os santos importantes aliados nas conversões das populações locais. Oliveira (2007) considera que embora atualmente as devoções aos santos negros possam nos parecer apenas o fruto de uma identificação necessária e que se dá de maneira direta e inconsequente, no período colonial houve um incentivo a essas devoções, que faziam parte de estratégias da igreja (ciente de seu papel em manter as hierarquias sociais), no sentido de cristianizar os escravizados africanos e seus descendentes.

No período colonial brasileiro, a intensificação do tráfico de escravos, durante o século XVIII, aumentou os lucros e a capacidade produtiva e ampliou o número de africanos escravizados e seus descendentes, tornando-os parte do maior contingente humano no país. Questões como a guerra contra Quilombo de Palmares, vinham causando grande preocupação aos proprietários que buscaram estabelecer formas de maior controle sobre a população escravizada, devido a recusa dos africanos em assumir a identidade de escravizado, “A insurgência de várias formas era permanente, desde os suicídios, aos grandes quilombos, desde as correntes de compras de carta de alforria à implantação das instituições africanas no Brasil” (LUZ, 2000, p. 200).

Os africanos escravizados, afastados de suas nações, separados de suas famílias, vistos como objetos de uso e de dominação, desenraizados de suas culturas, viram-se provocados a reagir, para manterem-se vivos física e moralmente. E reagir, neste caso, significou fugir, organizar os quilombos, criar todas as formas de resistência, inventar um jeito de ser africano, no Brasil, em meio à opressão e ao desprezo pelo que tinham de mais genuíno: a cor de sua pele e sua cultura. Foi essencial reagir contra as ações e atitudes dos europeus brancos e cristãos que de tudo faziam para lhes impor a sua religião, sua visão do mundo, sua organização econômica e social; o contato entre o africano escravizado e o europeu seu senhor não foi uma experiência de trocas, mas de choque, de imposição, de destruição (SILVA, s/d, p.2).

Coube a igreja a função de legitimadora da ordem social e de apresentar modelos de santidade que fossem exemplos de virtudes cristãs e obediências para os negros e visando sempre uma identificação étnica. São Benedito, Santo Antônio de Categeró, ou de Noto, Santo Elesbão e Santa Efigênia, através de suas hagiografias, são os modelos apresentados. A questão da negritude nas hagiografias de santos negros nesta sociedade colonial, não se referia apenas à cor da pele, mas também a um lugar social, associando o “ser preto” à esfera de trabalho e a uma ascendência africana. Neste sentido, a partir da hagiografia de um santo negro podemos identificar para qual grupo de fiéis ele foi idealizado e como estes deveriam se posicionar na sociedade em questão (OLIVEIRA, 2006), e como uma sociedade cristã buscava justificar a sua prática escravista.

Os santos tornaram-se grandes aliados da Igreja para atrair novos devotos pois eram representações de pessoas comuns, por isso mais próximas dos fiéis – e, principalmente, obedientes a Deus e ao poder clerical. Nomeando e protegendo diversos lugarejos, suas imagens chegavam às localidades mais distantes, muitas vezes antes dos próprios padres. Contando e estimulando o conhecimento sobre a vida dos santos, a Igreja transmitia aos fiéis os ensinamentos que julgava corretos e que deviam ser imitados por escravos que em geral traziam outras crenças de suas terras de origem, muito diferentes das que preconizava a fé católica. (OLIVEIRA, 2007, p.1).

Para cultuar os santos negros foram formadas inúmeras irmandades pelo país, que também tiveram um papel importante na difusão destas histórias e também funcionavam como grupos de apoio e ajuda mútua.

Com seu desenvolvimento apoiado pelas igrejas católicas, as irmandades tiveram grande importância no Brasil, especialmente em se tratando dos legados africanos, principalmente porque nos espaços das irmandades os negros iam “[...] reconstituindo sua identidade cultural de origem, e com elas as relações sociais e institucionais africanas. Além disso, era o local necessário à coesão grupal que caracteriza as correntes da libertação da escravidão” (LUZ, 2000 p. 347), ou seja, aproveitando-se deste contexto o negro reconstruiu seu mundo existencial e social expandindo pelo Brasil os valores africanos e continuou a sua luta pela liberdade.

Novas alianças eram feitas, novas identificações eram percebidas, novas identidades eram construídas sobre bases diversas: de aproximação étnica, religiosa, da esfera do trabalho, da moradia. Assim, reagrupamentos étnicos compuseram “nações”, pescadores e carregadores se organizaram em torno das atividades que exerciam, vizinhos consolidaram laços de compadrio e se

juntaram cultuadores dos orixás, os que faziam oferendas aos antepassados e recebiam entidades sobrenaturais sob o toque de tambores. Nesse contexto, os reis negros, presentes em quilombos e grupos de trabalho, mas principalmente em irmandades católicas, serviram de importantes catalisadores de algumas comunidades e foram centrais na construção de suas novas identidades (SOUZA, 2002, p. 128).

Luz (2000) afirma que o catolicismo no Brasil foi completamente transformado a partir da leitura que os africanos dele fizeram a partir de sua visão de mundo e valores de suas culturas de origem. A devoção destes grupos se dirigiu inicialmente aos ancestrais africanos, representados pelos santos negros, o que permitiu que, à sua maneira, a religiosidade africana, importante lugar de refúgio da identidade negra, se expandisse pelo país. Através da devoção aos santos negros o negro conseguiu criar uma forma de ser “africano” no Brasil, conseguiu um espaço de ver a si mesmo

De acordo com Sousa Junior (2004, p.127), “[...] africanos e africanas perceberam que suas culturas lhes permitiam transitar entre universos simbólicos católicos ao lado de ameríndios, mouros, judeus e outros” e eles souberam se aproveitar disso quando o catolicismo lhes foi apresentado como único meio possível de ingresso em espaços que usualmente não tinham liberdade e/ou acesso na sociedade vigente.

As irmandades e confrarias religiosas eram instituições regidas por um compromisso, lei interna que estabelecia os estatutos da organização a serem obedecidos por todos os integrantes visando desenvolver a vida social e religiosa de seus associados. Eram associações religiosas que se faziam representar a partir do culto público e celebrações a santos específicos. Promoviam o benefício dos seus membros zelando pela assistência à doença e velhice, realização de enterros dignos aos irmãos e celebração das missas de defuntos, conforme o costume da época. Vinculadas à tradição medieval das confrarias, em geral, as irmandades no Brasil davam maior peso às categorias raciais e sociais pouco se integrando em qualquer finalidade profissional (CEZAR, 2012, p. 189).

A partir de seu universo cultural suas tradições foram por eles reelaboradas e tudo foi feito respeitando-se os sentimentos de pertença e de fidelidade às tradições africanas que haviam sido postas à prova quando seus detentores foram expatriados de suas terras e vendidos como escravos (SOUSA JUNIOR, 2004).

A religião, importante lugar de refúgio da identidade africana, encontra, em tradições de diferentes culturas africanas, elementos que levaram os escravizados a africanizar os cultos cristãos, criando as congadas,

moçambiques, ensaios. Tais tradições também permitiram o reinventar das religiões nativas que, apesar das incessantes perseguições, impuseram-se e permaneceram nas expressões, por exemplo, do batuque, candomblé, macumba, tambor de minas, umbanda (SILVA, s/d, p.3).

O povo negro aqui escravizado não é um povo que se aquieta. Muito pelo contrário, é um povo que se transborda, que se extasia, que se afirma e confirma em religiosidade transbordante, multifacetada e complexa que se celebra na convicência. O povo negro conseguiu criar, assim, uma forma de ser “africano” no Brasil.

O exposto até o momento nos leva a compreender a devoção popular aos santos negros e suas formas de manifestação e ações (bem como outras africanidades brasileiras) como um núcleo de resistência de tradições africanas assim como um componente das Motricidades do Sul, conceito fundamental neste estudo e apresentado anteriormente. Para Silva (s/d), ao falarmos de africanidades nos referimos ao legado africano deixado para o povo brasileiro por homens e mulheres escravizados e violentamente afastados de suas origens que ao serem vistos como objetos de uso e de dominação “[...] viram-se provocados a reagir, para manterem-se vivos física e moralmente, conforme apresentado anteriormente. É importante também destacar que tratar de africanidades brasileiras envolve o estudo sobre o jeito de ver a vida e o mundo, o trabalho e suas relações, “[...] de conviver e lutar por sua dignidade, próprio dos descendentes de africanos que, ao participar da construção da nação brasileira, vão deixando nos outros grupos étnicos com que convivem suas influências, e, ao mesmo tempo, recebem e incorporam as daqueles” (SILVA, 2003b, p.26).

As africanidades contém conhecimentos, significações que começaram a ser elaboradas no continente antes da chegada dos colonizadores. Foram dolorosamente acrescidas durante a travessia do Atlântico forçada aos escravizados, bem como no constrangimento desses seres humanos, reduzidos à condição de objetos, de semoventes. Foram e têm sido relidas na transferência de pensamentos e tecnologias africanas para territórios não africanos, refeitas nas lutas por reconhecimento e reparações, no combate ao racismo, na resistência contra o embranquecimento de mentes e corpos negros.

As africanidades são geradas por visões de mundo de raiz africana e as geram também (SILVA, 2009, p.43).

Por ser a devoção popular aos santos negros fortemente influenciada pela religiosidade e tradições africanas, faz-se necessário obter algumas compreensões sobre as mesmas, pois a

forma como as pessoas interpretam o mundo molda a sua compreensão a respeito de si mesmo, da natureza e da teologia e isso determina a sua relação com outrem e com a vida.

Compreensões sobre o Pensamento africano tradicional

Toda a ação africana é fortalecida pelo pensamento ou filosofia africana (TEDLA, 1995). Oliveira (2004), Sousa Junior (2004) e Tedla (1995) apresentam que a religiosidade africana (tratada por TEDLA como *afirmação da vida*) constitui o centro de uma herança cultural, política e social.

Para muitos povos africanos a religiosidade é uma força propulsora e unificadora de cultura. Coextensiva à experiência vivida intensa e concretamente baseia-se em palavras, conceitos e na experiência que é transmitida de geração à geração. Tais experiências e compreensão de mundo africanas são codificadas em seus “símbolos, rituais, projetos, artefatos, música, danças, provérbios, adivinhas, poemas, no som do batuque dos tambores, na arquitetura, tecnologia, ciência e tradições orais (TEDLA, 1995).

Africanos vivem e reverenciam a vida de incontáveis maneiras. Ainda que templos e outros monumentos não sejam estranhos aos africanos, eles não se limitam a essas estruturas ou a dias específicos para celebrar a vida e comungar com a fonte da vida (divindade). Não há uma dicotomização ou hierarquização da vida em sagrado e profano ou espiritual e material, posto que nem um, nem outro implica em inferioridade: “[...] A vida é vida e se expressa de inúmeras maneiras e formas” (TEDLA, 1995, p.18). Para os africanos tradicionais o universo é um templo no qual toda a vida, seja visível ou invisível, está ligada a tudo e se dá em comunhão, a qualquer hora, a qualquer lugar, em qualquer atividade. A natureza (rios, nascentes, encruzilhadas, árvores etc.) pode servir como pontos para a comunhão e para afirmar a vida; a fauna pode servir como meio de comunhão com o invisível e simboliza muitas coisas (TEDLA, 1995). Privilegiando a linguagem simbólica é a partir da unidade da pessoa com “[...] a natureza, com o cosmos, com a família e com a terra que encontramos a chave para a compreensão do modo de ser do povo afro-brasileiro. E este elemento chave é a força vital” (OLIVEIRA, 2004, p.118).

A filosofia africana tradicional, se fundamenta em uma reverência pela vida que se refere ao ser cuidadoso para com o outro, generoso, e considera a mutualidade, a comunidade como a essência da vida, posto que é por meio da comunidade que a personalidade e trabalho adquirem significado. A generosidade, uma vez que incorpora justiça e suavidade, é o que contraria a injustiça e a crueldade; a humildade enfatiza a premência de se ser respeitoso com

todos na vida; a coragem refere-se ao conhecimento de si mesmo e se origina no pertencer à comunidade e se saber ligado a ela como um todo, pois é desta compreensão de união com a comunidade que se origina o saber de que tudo e todos tem seu lugar no universo e de que a pessoa tem deveres e obrigações para com sua família, comunidade e com a vida como um todo (TEDLA, 1995).

A religiosidade africana estruturada a partir da comunalidade posto que a “[...] sociedade só existe enquanto há uma continuidade vital, solidária, de vivos e antepassados e de vivos entre si, toda a ordem social, a vida comunitária e as instituições baseiam-se nesta corrente que permite a união dos dois mundos” (OLIVEIRA, 2004, p.118), a morte, situação inevitável, integra a vida do africano e morrer significa alcançar um outro status dentro do grupo: o de antepassado ou ancestral, que continuam participando e dando sentido à vida dos vivos, já que estes, os/as ancestrais, tem a “finalidade de garantir e assegurar a identidade e a herança comuns dos povos africanos” (OLIVEIRA, 2004. p.119). O pensamento tradicional africano considera que a existência pessoal não se encerra com a morte pois enquanto houver “[...] pessoas que se lembrem dos mortos por seu nome pessoal, ela/ele ainda faz parte da comunidade de pessoas. Depois de quatro ou cinco gerações, quando o falecido não é mais lembrado por seu nome pessoal, sua existência pessoal cessa” (TEDLA, 1995, p. 37).

Como elo de ligação com os ancestrais temos os(as) anciões(ãs) que são os(as) responsáveis, através da ação ritual e coletiva, por estabelecerem a ligação com os antepassados, com a força de poder e decisão sobre a comunidade e sobre os mais jovens. Deste modo, as crenças e práticas religiosas asseguram, através dos mais velhos, a vitalidade dos grupos e garantem o funcionamento de todas as instituições organizadoras e reguladoras das atividades de produção e reprodução da sociedade (OLIVEIRA, 2004, p.120).

Tal entendimento de comunidade de pessoas, portanto, refere-se a uma completa fusão, um “nós” coletivo, onde os indivíduos se relacionam organicamente, sendo que nesta relação o primado é da comunidade e não do indivíduo, posto acreditar-se que a compreensão de si mesmo se desenvolva a partir da experiência de cada um na comunidade, ou seja, “[...] através da comunidade o indivíduo ganha uma compreensão de sua própria identidade, seu parentesco, deveres e obrigações para com as outras pessoas, a totalidade à vida (criação) e à VIDA (Divindade)” (TEDLA, 1995, p.31).

Dentro deste pensamento o objetivo de todos é alcançar a pessoalidade, ou tornar-se pessoa (TEDLA, 1995; SILVA, 2004). A partir da perspectiva africana, todos os indivíduos pertencentes a uma determinada comunidade são por ela protegidos e é considerado “pessoa” todo indivíduo que nela nasceu, adquiriu ou desenvolveu os valores e conhecimentos

condutores daquela comunidade. Tornar-se pessoa se refere a um processo no qual o indivíduo é orientado “[...] para se complementar enquanto humano, o que ocorrerá durante a vida inteira. Quanto mais anos de vida alguém tiver, maior a chance de se tornar perfeitamente humano (SILVA, 2003a, p.186). Essa forma de desenvolver e integrar-se na comunidade explica o respeito pelos mais velhos e mais experientes, já que “[...] o mais novo é, menos incorporado, menos experiente, menos desenvolvido intelectualmente, menos maduro, e, portanto, menos generoso” (TEDLA, 1995, p.36).

Na África tradicional, assim como a religiosidade, o trabalho como *afirmação da vida* está sempre presente e em toda a comunidade, pois este não é divorciado da vida cotidiana e nem se define em períodos de trabalho já que é realizado em todos os lugares (dentro e fora de casa) e a qualquer momento quando acordado. É trabalho caçar, pescar, cultivar, instruir/ensinar, aconselhar, o governo, o comércio, etc (TEDLA, 1995).

Uma característica essencial do trabalho para os africanos é a sua natureza comunal. É realizado com os outros e para o benefício de toda a comunidade. Trabalho implica compartilhamento - compartilhamento do trabalho e do fruto resultante. Através do trabalho se sabe o significado de cuidar, uma vez que apresenta membros da comunidade com muitas oportunidades para aprender, entender e praticar a generosidade (TEDLA, 1995, p.39).

Destaco que preparativos de festas e rituais também são trabalho. Sousa Junior (2004, p.133) apresenta que a “[...] festa não somente serve para rememorar as histórias, reforçar os laços de solidariedade, mas também afirmar a identidade”. Segundo o autor não há festa sem comida (que reúne, agrega e faz a festa acontecer). Concomitantemente, ao lado da comida, a festa se desenrola através da dança pois por meio dessa “[...] as pessoas se tornam divinas, no grande momento vivido por cada um de forma particular” (SOUSA JUNIOR, 2004, p.133).

Na sociedade africana tradicional a mulher ocupa um lugar específico e goza de profundo respeito. Isto se deve à sua capacidade de gerar e dar continuidade à vida, garantindo assim a transmissão contínua da força vital e da solidariedade. Sendo depositária do passado ela conserva a tradição e os fios sagrados que unem mortos e vivos entre si (OLIVEIRA, 2004).

Como se pode observar a partir do pensamento africano tradicional o que se busca é tornar as pessoas mais humanas, com respeito e responsabilidade por outrem e pela natureza, e estes conhecimentos são aprendidos com os mais velhos e mais experientes e tudo isso se dá por meio do corpo. O corpo desempenha uma importante função pois é pelo corpo que se

manifesta a divindade, e isso se dá sem que haja oposição entre corpo e espírito. Seu corpo é espaço de integração e da afirmação da vida, da possibilidade de ser-com-o-outro-ao-mundo e da expressão de suas experiências, valendo-se para isso “[...] dos gestos, palavras, posições, posturas para exibir o que a inteligência, os sentimentos e as emoções constroem” (SILVA, 2009, p.44).

Conforme apresentado no início deste tópico a religiosidade africana é fortalecida pelo pensamento africano e se constitui o centro de uma herança cultural, política e social. Tal compreensão da religiosidade se contrapõe à intencionalidade da Igreja catequizadora, que cumpria a função de legitimadora da ordem social e de propagadora de modelos de santidade exemplares das virtudes cristãs que justificavam a escravidão, a partir de uma identificação étnica, como no caso de São Benedito quando os negros escravizados visavam reconstruir sua identidade cultural, assim como suas relações sociais e institucionais, se utilizando para isso das irmandades e da africanização de cultos cristãos. Tal disparidade de intencionalidades se reflete nas biografias apresentadas pelos dois grupos, como veremos a seguir.

Mas quem será o Santo Benedito?

São muitos os Beneditos santos. Nesta vasta gama de variedade de possibilidades de se conhecer o Santo Benedito, neste estudo mostrar-se-á a versão da sua história de vida apresentada pelo catolicismo tradicional (através de sua hagiografia) e algumas representações da devoção popular. Tal posicionamento de minha parte se dá porque assim como Biko (1990, p. 37):

Sou contra a estratificação da sociedade em superior-inferior, branco-negro, que faz do branco um professor perpétuo e do negro um aluno perpétuo (e um mau aluno, além do mais). Sou contra a arrogância intelectual dos brancos, que os faz acreditar que uma liderança branca é uma condição sine qua non neste país e que os brancos têm um mandato divino para imporem o ritmo deles ao progresso. Sou contra a imposição de todo um sistema de valores ao povo nativo por parte de uma minoria colonizadora (BIKO, 1990, p.37).

Acredito que devemos observar quando ouvimos/lemos uma história que questões importantes devem ser consideradas: Quem conta a história? Para que e para quem esta história é contada? Por quê? Quando? Quem a ouve e como a interpreta? E por que se dá tal interpretação? Ou seja, de onde veio o que conheço e o que penso e sei sobre determinado assunto e para onde isto tudo pode me levar?

O Benedito da Igreja

A hagiografia considerada foi a de Conceição (1744) escrita quando pedida a canonização de Benedito. Destaco que tal pedido se deveu à forte devoção popular que Benedito recebia não só na Europa, mas também nas colônias portuguesas.

Oliveira (2008, p.9) diz que:

o universo escravista que se constituiu na América Portuguesa e a necessidade de inserir africanos e seus descendentes na sociedade escravista cristã exigiu dos hagiógrafos a necessidade de incorporar em seus textos questões que ultrapassavam a narrativa das virtudes dos santos. A cor passou a ser um diferencial de fundamental importância nas narrativas das vidas dos santos “pretos” e “pardos”, sendo vista como um acidente que, embora expressasse um defeito, não desmerecia aqueles santos diante dos demais heróis da fé cristã.

Ou seja, as hagiografias, mais do que contar a vida dos santos buscavam expressar modelos de comportamento, de espiritualidade e vida cristã, que nem sempre eram justos com os grupos sociais marginalizados. Tutu (2012, p.39) apresenta que “ damos uma má reputação à religião quando não lutamos pela justiça, quando não servimos como a voz dos calados à força, quando não defendemos os que não podem se defender (TUTU, 2012, p. 39).

Dedicada ao “devoto português”, a hagiografia de São Benedito, logo na sua dedicatória ao Santo, quando da obtenção de sua canonização, diz “foste, e foi vós o primeiro, que como pretinho nos acidentes lhe sahio, como por primeira sorte; levando a tantos ilustres brancos a Primazia em a Beatificação”, ou seja, a ideia que se busca passar é a de que Benedito foi santo apesar de sua cor. Ao devoto português o citado autor afirma que após a leitura de sua história, se este não for devoto, passará a sê-lo.

Tal devoção não seria um problema se não fosse a maneira como o santo é descrito e da intenção, na minha opinião, de que ele seja um modelo a ser imitado por aqueles que com ele se identificam ou são com ele identificados.

A hagiografia de Benedito se inicia através de uma analogia que reforça a ideia acima citada do “acidente da cor” ao tratar da improbabilidade da existência de uma flor negra, já que esta não costuma ser produzida naturalmente pela terra, nos fala de como a fecundidade da divina graça que não tem limites, faz surgir o Santo Benedito, uma flor rigorosamente negra.

Descrito pelo autor como um homem saudável, de estatura mediana, de complexão perfeita e enxuta, tem a sua cor e ancestralidade, apresentadas com um tom depreciativo.

Tinha o rosto (ainda que negro) gracioso, agradável, e alegre, e à maravilha resplandecente. Os olhos vivos, e azues, arqueadas sobranceiras, o Nariz pequeno, e decente, as orelhas medianas, grocitos os lábios, e a boca bem pequena, porém tão amável, que parecia, se hia sempre rindo (CONCEIÇÃO, 1744, p.205) (grifo nosso).

Neto de avós trazidos da Etiópia, Benedito nasceu liberto, em 1524, na Sicília, Itália, e teve como sua extremada riqueza “haver nascido em tão pequeno, e humilde lugar, e de Pays de tão obscura linhage, e de tão extremada pobreza, e ambos negros; e hum deles algum tempo escravo” (CONCEIÇÃO, 1744, p.7-8, grifo nosso), dos quais também herdou a piedade e virtudes cristãs. O autor destaca que seus pais eram portadores de virtudes bem singulares para negros, tais como a discricção, a caridade, a modéstia e a afeição aos sacramentos da penitencia. Quanto à Benedito o autor observa, que este, ainda que negro era organizado, disposto, manso, agradável e gracioso, ainda quando bebê. Destaco que as virtudes atribuídas à Benedito mais citadas e repetidas no decorrer deste texto são: servil, dócil, manso, simpático, crédulo, piedoso, limpo, penitente, casto, modesto, disciplinado e recatado.

No decorrer de sua vida sua bondade e a cor de sua pele o tornaram motivo de escarnio e zombaria, mas,

Alegrava-se muito das zombarias que lhe faziaõ, e impropérios que em o rosto lhe lançavaõ, o paciente Mancebo. E daquele interno gozo, que sua alma sentia, resultavaõ muy alegres reflexos em a agradável cara; nem fazia mais, que com grande serenidade modestamente rir-se; dando a entender, e manifestando em o aprazível do rizo o interior regozijo, que sentia sua alma daquele desprezo, que aos outros servia de passatempo. Sinal muito evidente sua grande mansidão, e humildade, duas azas com que pulsados sempre todos os movimentos de seu coração, nunca sahiaõ daquele composto e inalterável animo (CONCEIÇÃO, 1744, p.20-21 - grifo nosso).

Benedito trabalhava de sol a sol e independente de quão inclemente fosse o sol, alimentava-se de pão duro e pouca água e apenas uma vez ao dia, praticava jejuns e autoflagelação. Pouco descansava à noite. A humildade foi a base de suas outras virtudes. Segundo Conceição (1744) ele reconhecia seu lugar, já que sempre se diminuía ante os outros, escolhendo sempre os piores empregos e nunca se enaltecia de seus bem feitos. Quando de sua nomeação quando guardião do convento:

entabolou o humilde varão, e engrandeceu o que pode, as inabilidades, e deméritos próprios, para sacudir de seus hombros a pezada carga da Prelafia destinada; concluindo por fim, que não havia de parecer cousa bem acertada a de que hum Leigo, e ainda a hum homemsinho tal, e de vilíssima sorte, e por remate; a hum Negro, qual ele era, que nem se quer sabia ler, nem escrever, houvesse de mandar, e ser obedecido de gente tão douta, tão lida, e branca, quaes eraõ os Padres, que naquele convento viviaõ. [...] . E tão pouca estimação fazia da própria pessoa, que nas abas do habito, ajuntava o lixo, que tirava dos dormitórios, em huma ocasião encontrou deste modo o Vice-Rey, que o buscava, e perguntando-lhe: P. Guardiãõ, que traz nas abas; a resposta foy mostrar-lhe nelas flores, nas quaes se havia transformado o lixo; e com as ditas no regaço se vem em Portugal, e suas conquistas a mayor parte de seus Simulacros (CONCEIÇÃO, 1744, p. 42 - grifo nosso).

Jamais comeu carne suas refeições eram sempre frugais e destinadas a “restaurar a fraqueza, e sem fazer caso das queixas do estomago” (CONCEIÇÃO, 1744, p.68). Desde a sua infância andou descalço, mesmo no inverno e sempre trazia a cabeça descoberta e por anos teve como vestimenta uma única túnica. Parece-me no mínimo irônico falar-se de extremada pobreza como um referencial de existência a ser seguido, se considerarmos que quem o fala é membro de umas das instituições mais ricas e poderosa politicamente no mundo ocidental naquele momento histórico.

A descrição da vida cotidiana de São Benedito, no meu entender, parece descrever, mais do que a um homem santo, um “bom escravo” para a época (como se nos fosse possível associar o adjetivo “bom” à escravidão).

A ideia de como Benedito humildemente se sujeitava às humilhações sofridas, por vezes provocadas por padres do próprio convento é repetida por várias vezes no decorrer do texto de Conceição (1744). A ele, o ofendido, ficam as humilhações, e aos que o ofendem ficam sempre justificativas de que tal situação havia sido buscada por Benedito e que tais ofensas se deviam a questões tais como a imaturidade da juventude ou o mau humor de seu ofensor mesmo quando se tratava de padres a dizer “que era hum Negro, e hum um cachorro” (CONCEIÇÃO, 1744, p.50), ou quando o tratavam como escravo.

Pode-se dizer que Benedito foi apresentado pela Igreja como um referencial de pobreza, penitência e submissão.

Devo confessar a minha indignação quando da leitura da descrição de tais atos e fatos, principalmente por reconhecer que atualmente muitas pessoas esperam este tipo de reação, a passividade, a auto-responsabilização e o silêncio por parte de um negro ofendido ou destrutado, assim como as justificativas para o ofensor também são as mesmas. Tal discurso está de tal maneira naturalizado em nossas vidas que se pararmos para pensar, perceberemos

que não são poucas as vezes que ouvimos em nosso cotidiano a recomendação do silêncio e a não-reação ante uma ofensa ou desqualificação seja racial, social ou cultural por parte de outra pessoa.

Foram vários os seus milagres em vida, assim como as experiências extáticas e em sua hagiografia destacam-se tais experiências.

Noutra ocasião orando se achava na Capella de N; Senhora, donde ao prezente existe seu santo Corpo; e allí como sempre elevado em repetir os fervorosos affectos á Santissima Senhora, e a seu dulcíssimo Filho continuava e teve por remuneração, descer a senhora em Trono de Nuvens, e largar de seus santíssimos braços a JESUS seu Filho, para os de Benedicto, que depois de o haver gozado, e enchido de bemdiçoens, e doçuras, se lhe auzentou como para seu centro, deixando a seu mimozo, sempre com novas ânsias de mais amar, e servir, a quem tanto se especializava em favorecelo, e regalalo (CONCEIÇÃO, 1744, p.100).

A extasia de Benedito se refere ao seu encontro com Maria, quando ela coloca em seus braços o Menino Jesus. Este momento de Benedito com Jesus nos braços também é bastante reproduzido em estátuas. Segundo Renders (2013, p.113), São Benedito com o menino Jesus nos braços “[...] representa o imaginário sociocultural do catolicismo oficial da época da reforma católica e da conquista e sua tendência de reduzir a essência da vida cristã a uma experiência mística do interior da pessoa como antegosto das delícias da eternidade preparado para ela no transcendente”.⁴

Ainda que considerado sábio, esta sabedoria só poderia ser Divina. O autor reforça isso desqualificando todos os seus conhecimentos adquiridos fora dos livros.

Porque já se vê, que em hum rustico Pastor, como ele foi; creado entre brenhas, e rudos animais; que nem soube ler, nem escrever, que não teve outros Mestres em as soledades, que as arvores; e que na Religiaõ esteve o mais do tempo ocupado na Horta, ou cozinha, e em outros ministérios da Obediencia concernentes a seu estado, não pôde humanamente caber tal sabedoria, e sciencia, que muitos agudos engenhos, com todo o seu grande cabedal não alcançaõ, ainda que frequête com incansável sede as doutas Universidades, e peregrinem pelo mundo, buscando Sabios de quem aprender, e queimando-se as pestanas sobre os livros com grandes disveos, e estudos contínuos. Este he o adiantamento, que leva a natureza à graça, e o Espirito de Deos comunicado a seus servos, e ao entendimento humano, cheyo de noticias adquiridas (CONCEIÇÃO, 1744, p.155).

⁴ Todas imagens de São Benedito presentes na Igreja Matriz de Ilhabela referem-se a este momento.

Segundo o autor, Benedito era consciente que tais atos em vida é o que propiciariam sua liberdade, após a sua morte, que ocorreu em 1589. Suas bênçãos se espalharam por toda Europa católica, Índias e América Latina e cerca de 23 anos após sua morte, em 1612, sua santidade já era conhecida no Brasil. Em 15 de maio de 1743 foi beatificado por Bento XIV e foi canonizado em 24 de maio de 1807 por Pio VII.

A sua canonização ocorre quase duzentos anos depois de sua morte.

O Benedito do povo

As versões do São Benedito são muitas, quase tantas quantos/as são aqueles/as que nos contam a sua história. Brasileiro (2001) nos apresenta duas versões (as quais ele chama lendas) de São Benedito. Em uma delas, Benedito era um escravizado africano e cozinheiro que alimentava a todos em qualquer hora. Incomodados com isso, seus algozes o obrigavam a carregar quantidades de alimentos que normalmente um homem não suportaria, mas Benedito sempre conseguia fazer este trabalho, sem perder a qualidade que caracterizava a sua comida. Ter sido queimado devido a incapacidade de seus algozes em conseguir suportar sua habilidade e inteligência, o tornou, sem querer, o santo protetor dos negros. Em uma outra versão Benedito foi escravizado e embarcado para a Itália. Sua habilidade no preparo da comida o levou para a cozinha de um convento, onde diariamente ele alimentava os necessitados. Sempre que parecia que não haveria comida para todos os necessitados, Benedito chegava e alimentava-os. Como não conseguiram desvendar tal mistério, a natureza de seu ato foi reconhecida como milagre.

Em Ilhabela, lócus desta pesquisa, a versão que mais ouvi é a de que Benedito era cozinheiro de uma fazenda e costumava alimentar aos escravizados, escondido do dono da fazenda. Um dia foi pego pelo chefe dos escravos (às vezes dizem ter sido soldados ou o dono da fazenda). Quando saía para alimentá-los com a cesta com alimentos coberta com um pano foi indagado sobre o que levava na cesta. Benedito respondeu que eram flores, mas desconfiado o chefe dos escravos (soldados) lhe disse que descobrisse a cesta e o que se viu foram flores, que após a cesta ter sido coberta novamente, voltaram a se transformar em alimento, que foram dados aos escravizados.

Em reportagem publicada este ano em um jornal local, São Benedito é apresentado por uma de suas devotas como um santo sempre disposto a ajudar quando solicitado, mas que também é temido pelos castigos que inflige aos que não cumprem as promessas feitas a ele (CONGADA, 2015).

Um amigo pessoal, congueiro, me disse que Benedito, mais do que um homem santo, de oração, foi um homem de ação, que não se limitou a rezar e a se penitenciar para aliviar as injustiças do mundo. Benedito buscou resolver injustiças sociais e misérias, dentro do que lhe era possível, através da doação de si mesmo e de alimentos ao outro, numa tentativa de minimizar as dores e de tornar o mundo melhor a todos.

Merlo (2011) apresenta algumas versões sobre São Benedito encontradas em Ilhabela, junto aos devotos do santo. Em uma delas, Benedito era escravo, jongueiro e trabalhava na roça de uma fazenda e era também cozinheiro, que via muita gente passando fome na senzala, e decidiu roubar para levar para as pessoas necessitadas; “[...] Ah, e ele roubava. E roubo era presídio. O camarada roubava, e, se vissem, era pego, largado óleo quente em cima, era queimado, batido, mas ele roubava não era para ele não, era para entregar para a humanidade, pros coitadinhos comer, né?” (MERLO, 2011, p.47).

Segundo Merlo (2011, p.47) há também a versão onde o santo é ilhabelense e esta pode traduzir as relações entre escravos e senhor, ao mesmo tempo em que mostra Benedito como um negro solidário com os seus e que promove a paz. O milagre associado às flores e à comida pode representar anseios da população escravizada. Há também a versão na qual Benedito era cozinheiro da senzala e que tinha muita pena dos outros escravizados pois quando havia rebelião na senzala, o patrão deixava –os sem comida, mas Benedito lhes dava comida escondido, “[...] Inclusive o pessoal conta que ele descia no terreiro, tinha uma senhora que recebia. Eles contam isso aí. Ele saiu lá do candomblé, faz parte do candomblé, é a imagem do preto velho. Ele vinha como preto velho” (MERLO, 2011, p. 48). Outro relato por ela recolhido nos conta sobre São Benedito e o início da Congada:

“E assim foi alimentando o povo daquela aldeia, daquela cidade, daquela serra. Ele foi alimentando por mais de 15 ou 30 anos. Na casa-grande tinha sempre uma pessoa pegando no pé dele, vigiando. E aí pegaram, pegaram o Benedito e deram uma lição nele, conforme era o castigo antigamente, mataram ele. Mas ele recebeu a graça do nascimento do nosso pai sagrado. Ele teve o mérito de receber o Menino Jesus nos braços. O Benedito recebeu, ele virou santo.

E nesse dia começou a guerra entre os mouros e os católicos, é... começou, que é a congada, porque não queriam que um santo negro recebesse... um homem negro recebesse a claridade como o Menino Jesus nos braços. Quer dizer, a ele foi dado, porque ele teve o mérito de receber, ele era santo.

Então, fizeram suas guerras, fizeram suas embaixadas, conforme hoje é dada pelas embaixadas santas, por isso a Congada de São Benedito” (MERLO, 2011, p.48).

Diante do exposto pode-se dizer que, no que diz respeito à Benedito, a Igreja enfatiza, predominantemente seus momentos de extasia como aproximação dele com Deus e Nossa Senhora, já a devoção popular prioriza a (re) apresentação do santo que fala que foi a caridade, a humanidade, a preocupação com o próximo que o levou à santidade. O único elo entre elas é a cor. Tal representação traz consigo conceitos fundamentais do pensamento tradicional africano. Silva apud Silva (2009, p.45) nos traz que:

Os provérbios e as histórias transmitidos oralmente, guardam a filosofia, a história de um povo, de suas raízes culturais. Observando a natureza, o ambiente onde se vive, as relações entre as pessoas, vão se construindo conceitos, atitudes diante da vida e das pessoas. Assim se formulam provérbios que, como as histórias, permitem a quem os ouve estabelecer relações entre fatos, comparar opiniões, posições, julgamentos.

Essa dualidade, e por vezes enfrentamento e antagonismo também influenciaram e ainda influenciam a constituição e as formas de manifestação festivas em louvor ao santo, organizadas inicialmente pelas confrarias e irmandades dos homens pretos. Neste contexto das festividades populares de religiosidade afro-brasileira estão inseridos congos ou Congadas, moçambiques e folias.

Simson (2008) apresenta que a festa é um ato extraordinário e extralógico que se opõe ao ritmo rotineiro da vida. Ao falar sobre o carnaval paulista, a autora apresenta o “COMEMORAR” como “rememorar junto aquilo que nos faz uma comunidade de destino ou, melhor dizendo, um grupo de pessoas que consciente e alegremente cultua e festeja uma cultura e uma tradição comuns, base segura para a identidade e para a cidadania consciente e responsável” (SIMSON, 2008, p.53). A festa, para Brandão (1989, p. 8), “[...] quer lembrar. Ela quer ser memória do que os homens teimam em esquecer – e não devem – fora dela. Séria e necessária, a festa apenas quer brincar com os sentidos e o sentimento. E não existe nada de mais gratuito e urgentemente humano do que exatamente isto”.

Os laços sociais de um grupo social ou sociedade são reforçados nas festas visto que a participação se dá em uma dada concepção de cultura e podem ser vistas como lugares de *licença* (do corpo, da palavra, do coração), com ataques frontais à rotina e que estas misturam o que na vida cotidiana apresenta-se separado: os corpos (que se relacionam de maneira mais desenvolta), ideias; ritmos, comidas, fiéis, crentes, celebrantes, o chamado povo em geral, a partir de um determinado momento que abre a festividade (MOURA, 2008).

Nas festas e celebrações *inversões* são de *praxe*. Troca-se a comida do dia-a-dia por uma comida especial; comida especial é aquela que é preparada para ser compartilhada coletivamente, não é simplesmente comida cotidiana ou comida familiar. É comida grupal, que deleita o paladar, seja por sua maneira especial de preparar, seja pela espiritualidade que ela evoca. A gestualidade torna-se diferenciada; é mais expansiva, não é a mesma do dia-a-dia; o discurso muda, evoca fórmulas de alegria, tristeza, saudade, que são superenfatizadas nessas ocasiões (MOURA, 2008, p.34).

Monteiro e Dias (2010) apresentam que, na diversidade das manifestações da cultura tradicional constatam-se “articulações religiosas, estruturas dramáticas e personagens, formas musicais e coreográficas e temas poéticos recorrentes” (p.349), cujo sentido se encontra tanto nos dados da realidade imediata como também ligados aos processos históricos e sociais de formação da cultura brasileira.

Essas diferentes linhas temáticas, os fios da trama das expressões artísticas e religiosas do povo brasileiro, são fiadas na memória coletiva dos povos que aqui se confrontam. São tecidas nos teares da história da nacionalidade sob o signo do conflito entre grupos identitários étnicos e sociais, de modo a preservar traços “originais” como forma de resistência ou, em momentos de negociação e aproximação, gerar formas culturais caracterizadas pela hibridação, transitando muitas vezes na ambiguidade entre resistência e aceitação de um padrão cultural dominante (MONTEIRO; DIAS, 2010, p.352).

Monteiro e Dias (2010) ainda nos dizem que, forjadas durante o período colonial e vinculadas ao empreendimento catequético, muitas dessas tradições estão longe de constituírem-se como expressões populares espontâneas visto que “muitas de suas expressões artísticas, antes de serem brasileiras, foram resultado do encontro de diversas culturas e só se tornaram nacionais num segundo momento, quando várias delas já se encontravam consolidadas” (p.352). Neste processo de cristianização reelaborou-se uma pedagogia na qual a música, a dança, a poesia e o teatro desempenhavam papel preponderante, cuja eficácia dependia em grande parte adequar mensagem cristã aos parâmetros culturais das populações que se queria converter.

De acordo com Araújo (1964) os bailados populares no Brasil foram largamente usados na catequese, haja vista que os jesuítas, criadores do teatro religioso, lançaram mão dele para iniciar a conversão indígena, depois negra, e também dos portugueses que para cá vieram em busca de aventura e conquista. O teatro catequético do bailado popular falava de religião, conversão e ressurreição. Nos grupos populares como as confrarias, as

irmandades de negros (como as de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito) aplicou-se a conversão. Tais irmandades: promoviam os cultos públicos católicos e dos rituais de coroação de reis e Rainhas, os quais, ao incluírem cantos e danças acompanhados por instrumentos de percussão, reconstruíam aspectos da cultura e da religiosidade africana no interior de instituições tipicamente europeias. A presença dos reinados africanos nas procissões refletia, assim, a articulação entre tradições políticas e religiosas africanas e formas políticas e religiosas portuguesas (MONTEIRO; DIAS, 2010, p. 356).

No contexto das festividades populares de religiosidade afro-brasileira estão inseridos congos ou Congadas, moçambiques e folias. O enaltecimento das Congadas como diversão honesta associada a uma política de proibição e aceitação das expressões dos negros, acabou por atribuir marginalidade à outras formas artísticas e religiosas que estão fora do âmbito da cristianização (MONTEIRO; DIAS, 2010).

As Congadas são registradas em vários locais do Brasil e são muitas as suas compreensões, composições e definições, cada uma delas carregando em si uma visão de mundo. O Centro Nacional do Folclore descreve as congadas como:

Folguedo cujos primeiros registros datam de 1674 entre escravos em Pernambuco. Reúne também elementos temáticos ibéricos, sagrados e profanos. Ocorre, com variações, por todo Brasil, nas festas religiosas ou profanas, na forma de cortejos, cujos participantes cantando e dançando homenageiam, em especial, São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. Por vezes ocorre a coroação do rei (ou rainha) Congo, envolvendo parte dramática, com embaixadas, evolução e lutas simbólicas de espada. Dessas, as mais conhecidas são as congadas de Ilhabela e São Sebastião. Na instrumentação destaca-se a percussão que estimula momentos de bailados e manobras vigorosas. A indumentária é, em geral, colorida incluindo fitas em profusão e capacetes enfeitados com espelinhos. Há congos de sainhas, com grande quantidade de caixas, com chapéus de fitas, manejos de bastões e espadas. Congadas da Lapa (PR), de cidades em Santa Catarina e de antigas regiões do ouro de Minas Gerais são algumas das mais conhecidas.⁵

Há estudos como o de Araújo (1964, p.226) que apontam que a Congada não é de origem africana, mas uma reminiscência da “Chanson de Roland” sabiamente aproveitada pelo catequista, para “transferir, sublimar o instinto guerreiro do negro em fator criador, religioso: negro cristão versus negro pagão. Sublimada, a atitude do guerreiro era ao mesmo tempo uma defesa para o branco”. Cascudo (1984) trata as Congadas como autos populares

⁵ Disponível em : < <http://www.cnfcp.gov.br/tesauro/00000065.htm>>

brasileiros, com motivação africana, mas que nunca existiram na África como os vemos representados aqui no Brasil. Já de acordo com Brasileiro (2001, p.13):

o Congado é um culto aos ancestrais de hierarquia superior, realizado por nações diversas, possuidoras de antepassados comuns e que através de danças, de percussões africanizadas, de cantorias antes venerativas somente ao Rei Congo e depois cristianizadas por influências jesuíticas, mimetizou-se ou paralelizou-se dentro da fé popular brasileira.

O autor anteriormente citado destaca que o ritualismo cristão se insere neste culto através da missa, da cruz e dos santos católicos.

5 SOBRE CONGADAS

Visando situar este estudo, foi realizada revisão de literatura junto ao Banco de Teses e Dissertações CAPES, assim como ao Portal de Periódicos CAPES, considerando-se o período compreendido entre 2011 e 2016 e utilizando a palavra-chave “Congada”, combinada a palavra-chave “Educação” ou “Processos Educativos” ou Práticas Educativas”. Com a descrita combinação de período e palavras-chaves foram encontradas quatro teses referentes ao tema no Banco de Teses e Dissertações da CAPES (Vivian SILVA., 2011; SOUZA, 2012; LOURES, 2012; SOUSA, 2015) e um artigo no Portal de Periódicos CAPES (CEZAR, 2012).

É interessante observarmos que apesar da vasta produção (60 dissertações ou tese no período considerado) sobre o tema, especialmente em áreas como a antropologia e história, poucos são produzidos no campo da Educação.

Vivian Silva (2011) apresenta que os apontamentos e definições apresentadas pelos mais distintos autores e autoras nos mostram que definir Congada é uma tarefa infundável, pois cada um/a a define a partir de certa visão de mundo.

Essa compreensão é corroborada por Cezar (2012) que ao falar sobre a Congada de São Benedito do Paraíso-MG, apresenta que as congadas são rituais que assumem diferentes significados quando se considera os/as que dela participam, suas intenções manifestas, seu local de realização assim como a época e período de ocorrência.

A festa da congada não é só a quebra espaço-temporal do cotidiano pela instauração liminar do eterno retorno mítico. É também o exercício da margem que esvaece e suspende sua própria borda, e assim tambores, chicotes, pés descalços e gungas ancestrais ganham espaço nas ruas da cidade, dando visibilidade a essa forma específica de lembrar e de ser religioso que reverencia Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa

Efigênia, São Domingos, Santa Catarina e São Jerônimo, lado a lado com Pai João, Pai Benedito, Pai Cambinda, Vovó Cambinda, Vovó Maria Conga, Vovó Catarina, Zumbi dos Palmares e Zumbi (CEZAR, 2012, p.210-211).

Para Cezar (2012) durante a Congada ocorre uma inversão do cotidiano, visto que, durante a festa, negros e pobres transformam-se em reis e rainhas e para tal a congada se utiliza no espaço e tempo de seus rituais “[...] a polissemia da arte efêmera em forma de ornamentos, adornos, vestimentas, danças, músicas, cantos, coreografias, bailados, desfiles, procissões, jantares, fogos de artifício, para exaltar a lógica que silenciosamente congrega e comanda corpos, espíritos e almas” (CEZAR, 2012, p.191). Ainda referindo-se à Congada de São Benedito do Paraíso-MG a autora nos diz que devido esta ocorrer em um espaço público, sua realização acaba por se constituir como elemento identitário entre seus integrantes com relação a eles próprios, organizados em ternos diferentes, e em relação aos outros moradores da cidade. São vários os motivos que levam as pessoas a participarem: a tradição familiar, a devoção aos santos homenageados, promessa, religião, vontade de estar junto de amigos, entre outros. Neste sentido a referida Congada se transforma em um espaço de diálogo e convívio. O reconhecimento de seus participantes como um componente regular depende de sua conduta, dedicação e empenho, mas este processo pode ser influenciado pela ancestralidade e pelo pertencimento às religiões afro-brasileiras (CEZAR, 2012).

O pertencimento às religiões afro-brasileiras, mais especificamente à umbanda, é bastante comum no contexto da congada. Essa religião oferece aos congadeiros e moçambiqueiros uma sistematização de conceitos e práticas que muitas vezes pertencem à festa, mas para as quais as explicações expressas pelos capitães e benzedores dos ternos são difusas, oferecidas deliberadamente de maneira parcial e fragmentada. Assim, os novatos já iniciados na umbanda reconhecem muitos dos códigos e etiquetas de matriz afrodescendente presentes na congada, o que lhes permite acessar mais rápida e facilmente as pessoas que ascenderam na hierarquia do seu terno, reconhecendo e participando de processos de transmissão de conhecimento por eles realizados (CEZAR, 2012, p.197).

Sobre a distribuição de saberes dentro da referida Congada, Cezar (2012) declara que esta segue regras próprias ao vincular Mestres e seus respectivos aprendizes, ao mesmo tempo que as relações sociais entre os que já foram e os que ainda estão aqui são hierarquizadas e são formados canais de circulação de prestígio e poder, assim como a demarcação de posições sociais no interior dos grupos participantes a partir dos processos de transmissão de conhecimentos relativos à Congada.

Os “fundamentos” são saberes que possuem forma e conteúdo específicos, cujos preceitos devem ser meticulosamente seguidos conforme as orientações dadas e deixadas em vida pelo dono do terno em nome de seu santo, aos seus discípulos. Tais conhecimentos são transmitidos pelo dono do terno, ao longo de sua vida, para seus aprendizes de maneira desigualmente partilhada, deliberadamente fragmentada e elíptica. É exigida do aprendiz uma postura ativa, na medida em que ele deve criar para si e resguardar em segredo versões desses conhecimentos calcadas nos difusos conteúdos, falas e explicações de seus mestres, articulando-as aos cantos, que podem ser as toadas tradicionais deixadas pelos fundadores dos ternos ou pelas mensagens improvisadas que os capitães atuais cantam especificamente para cada pessoa que solicita sua bênção em forma de versos, acompanhando a toada tocada pelos dançadores ao longo de seus cortejos e desfiles (CEZAR, 2012 ,p.198).

Na Congada de São Benedito do Paraíso-MG as músicas, melodias, habilidades em tocar os instrumentos musicais e em realizar os passos ao mesmo tempo que se toca o instrumento e se canta, são desenvolvidas de forma lúdica nos ensaios e nos cortejos e desfiles dos ternos, pelas ruas da cidade e são formas muito importantes quando consideramos a transmissão de conhecimentos intergeracionais: “[...] por meio das quais os anciãos se fazem conhecer e ensinam aos mais novos toda uma gama de exigências e experiências, repertórios que permitem aos dançadores que se identifiquem e se nomeiem enquanto congadeiros ou moçambiqueiros pertencentes à festa da Congada (CEZAR, 2012, p.199). Os ternos, por exemplo, são “[...] grupos identitários formados por pessoas, geralmente de núcleos familiares específicos, reunidas ao redor de princípios simbólicos, identitários, religiosos, que partilham memória coletiva e padrões culturais” (CEZAR, 2012, p.194). Nesta Congada os elementos que são tidos como tradicionais pelos diferentes ternos, por vezes causam conflitos entre os grupos, posto que cada terno tem um conhecimento específico sobre a Congada, uma memória do que é tradicional construída a partir dos ensinamentos que lhe foram deixados por seus ancestrais da forma como se dá apropriação e uso dos elementos e poderes simbólicos vinculados à religiosidade, pelo grupo.

A hierarquização estrutural dos ternos que compõem a festa segue também os preceitos do mito fundador da congada. Os antigos moçambiqueiros e congadeiros, ancestrais já falecidos, são referenciados, respeitados e cultuados por todos os capitães dos ternos, reis e rainhas da congada. As novas gerações de congadeiros e moçambiqueiros cumprem obrigação de preservar sob a égide do segredo a “tradição” dos antigos, resguardando para si a posse e administração do sagrado.

Os membros do grupo ligados à “tradição” constituinte da festa da congada, mesmo que espalhados pelo município ou vivendo em outras cidades e estados, compartilham de uma mesma devoção que tem como base o

conhecimento adquirido com os antigos e o compromisso consigo mesmo e com as gerações futuras, enquanto disposições incorporadas, dotadas de capacidades criativas e inventivas que se reportam à ancestralidade enquanto memória e possibilidade ativa de comunicação. O respeito e devoção aos antepassados, enquanto agentes do sagrado e intercessores nos ensinamentos e usos de poderes sobre-humanos, permitem o elo entre o passado, presente e futuro do grupo, garantindo sua reprodução e a consequente manutenção dos conhecimentos relativos à festa. Esse é um dos mecanismos sociais que vinculam a experiência pessoal dos agentes do presente à das gerações passadas, de modo que, por meio desse vínculo, a hierarquização e reprodução do grupo seja garantida (CEZAR, 2012, p.208-209).

De acordo com Vívian Silva (2011, p.16) em sua dissertação de mestrado construída junto ao Terno de Congado Marinheiro de São Benedito, que integra a Festa da Congada em Uberlândia-MG, a Congada se refere à: “[...] uma prática social constituída por uma rede de símbolos, significados e sensações que combina elementos de atividades diferenciadas, como os que recorrem ao passado rural e se relacionam diretamente com a dinamicidade do urbano”, assim como estão nela presentes relações sociais diferenciadas, relações com o passado e com o presente, com o mundo real e com o mundo invisível, e é a partir desta pluralidade que seus praticantes se constituem no mundo. A Congada, segundo a autora, pode ser vista como manifestação tradicional que estrutura a vida das pessoas e nela congadeiros revelam suas visões de mundo e nos contam suas histórias de vida, tornando tal manifestação cultural uma forma de resistência que envolve processos de transformação da sociedade. A Congada:

[...] resiste, transforma e ensina. Essa festa em homenagem a Nossa Senhora do Rosário e a São Benedito é uma mistura de sentidos, cores, sons, homens, mulheres, crianças, devoção, dança, convivências, cumplicidades, lutas, afirmações, ocupação de espaços, contestações, tensões, construções e desconstruções; enfim, tudo isso costurado pela fé. Essa prática social pode ser entendida como um ritual que transfigura o papel da vida cotidiana. A festa é um momento em que homens, mulheres, jovens, velhos e crianças passam por um processo de reafirmação de identidades, no qual as(os) congadeiras(os) demonstram prazer, alegria e satisfação, ao evidenciarem sua tradição e sua fé por meio dos corpos dançantes, das músicas, dos enfeites, das coreografias, de reis e rainhas nos cortejos da congada (Vívian SILVA, 2011, p.11).

Segundo Vívian Silva (2011, p.18) a Congada, de um lado, tem sua história vinculada às origens africanas e às situações de marginalização que seus integrantes sofriam na sociedade por se dedicarem a aspectos culturais desvalorizados pela ideologia dominante em uma sociedade segregacionista e discriminadora; de outro, denota a resistência cultural deste

grupo, já que “[...] É também dançando e batendo congo que o negro, o branco, o jovem, o velho, a mulher e o homem dialogam com o mundo”.

A congada é uma prática social que estrutura a vida de uma comunidade em torno da fé cantada e dançada. Por meio da fé, acontecem os diálogos e as inserções dessa comunidade negra na história da cidade. Toda essa fé é construída e estruturada por meio da convivência uns com os outros, principalmente com a dança e a música, nas quais congadeiras e congadeiros expressam suas formas de ser e estar no mundo.

Dançar a congada com a fé em Nossa Senhora do Rosário e São Benedito é demonstrar a tradição por meio do corpo (Vívian SILVA, 2011, p.50-51).

Assim com acontece na Congada de São Benedito do Paraíso-MG, Vívian Silva (2011) apresenta que em Uberlândia-MG os ternos têm características que lhes são peculiares e a partir das quais os grupos organizam, tais como a forma de dançar, as cores utilizadas, o ritmo musical e instrumentos utilizados e constroem suas visões de mundo, também constituídas a partir de uma relação com uma África mítica que se faz presente nos cantos, na coroação dos reis e rainhas negros, nas relações com os antepassados, em seu mito de origem, dos provérbios e maneiras de conviver, aprender e ensinar.

A hora certa de aprender, aprender ouvindo, dançando, cantando e fazendo, é característica de aprender e ensinar em comunidades de matriz africana. Os aprendizados e ensinamentos acontecem na vida prática, real, a partir da experiência. Existem os momentos específicos separados e dedicados somente aos ensaios, às conversas sobre as histórias do Terno, mas todos os dias se aprende e se ensina dentro do quartel e dentro da Congada. [...] Todos ensinam e aprendem, mas existem regras e condições para que esses aprendizados sejam passados e recebidos (Vívian SILVA, 2011, p.79).

Na opinião de Vívian Silva (2011) a Congada não pode ser vista e tratada como uma sobrevivência consentida, posto que esta se encontra inserida em um cenário permeado de tensões e conflitos no qual vai se constituindo a história da cidade e das congadeiras e dos congadeiros. Para a autora a Congada é um espaço, um ritual no qual “[...] congadeiras(os) aprendem, ensinam, ouvem e falam sua própria linguagem, dialogam com o mundo, transformando-se e se deixando transformar pelas trocas de conhecimentos ali existentes” (Vívian SILVA, 2011, p.18), no qual a tradição é passada de geração a geração através da oralidade, a partir da troca de saberes, e se aprende a partir da vida, da história, conflitos, do momento de silenciar e do de falar.

Considerando a congada como manifestação tradicional de matriz africana que estrutura a vida dos sujeitos que a praticam, é possível perceber que as(os) congadeiras(os) contam suas histórias de vida e revelam suas diferentes visões de mundo por meio dessa prática cultural. Essas revelações estão presentes no canto, nas maneiras de aprender e ensinar, na maneira de se relacionarem com o sagrado, com o mundo visível e o mundo invisível, bem como na maneira de demonstrarem seus descontentamentos e a falta de visibilidade e também na luta contra o preconceito.

No canto, o congadeiro afirma que é congadeiro, catupé, maçambiqueiro, afro-brasileiro e que também é filho de Deus. Estar na praça do Rosário, no dia da Festa da Congada, e afirmar sua condição de negra(o) congadeira(o) é um momento importante de afirmação da identidade. Fora desse contexto festivo, a afirmação dessa identidade negra, afro-brasileira e congadeira fica velada e não tem muitos espaços para ser praticada (Vívian SILVA, 2011, p.75).

Vívian Silva (2011) também observa que os processos de aprender e o ensinar na congada relacionam-se à fé, no respeito aos mais velhos, nas relações com o sagrado à colaboração, à experiência de vida, à luta, na resistência ao preconceito e aos aprendizados e ensinamentos que se referem às relações entre o mundo visível e o mundo invisível. Todas essas maneiras de se educar dentro do grupo trazem características do viver em comunidade, em que a colaboração e o respeito se fazem presentes. Todos podem aprender e ensinar, mas há dentro do grupo regras e condições para o repasse destes conhecimentos. Tais processos de ensinar e aprender “[...] estão presentes no falar, no ouvir, no fazer a comida, no ensaio, na hora de bordar o chapéu. Dentro de grupos e comunidades de matriz africana, o fazer e o aprender ocorrem ao mesmo tempo. A partir do convívio uns com os outros, é possível trocar experiências, conhecer a história e se reconhecer nela” (Vívian SILVA, 2011, p.131).

Para Vívian Silva (2011) colaborar, resistir, lutar e aprender são características presentes na prática social da congada. Por meio dela, congadeiras e congadeiros demonstram sua fé, mantêm e renovam a tradição e criam estratégias de ser e estar no mundo. Fazem-se ouvir por meio da poesia, colocam-se por meio da dança, reafirmam suas identidades e reforçam a importância do reconhecimento da congada como resistência negra, na qual homens e mulheres se educam e se formam para a vida. A oralidade, a fé, a dança, a poesia a relação entre o mundo visível, real, concreto com o mundo invisível, do sagrado e dos mistérios são elementos que permeiam as falas das colaboradoras e dos colaboradores deste estudo e nos mostram as visões de mundo que constituem o universo congadeiro. Percebem-se características das visões de mundo de raiz africana:

Aprender, ensinar, repassar os conhecimentos por meio da convivência, da dança, da fé, da disciplina, da oralidade e da confiança são maneiras de entrar em contato com as formas de aprender e ensinar as africanidades. Por meio da congada, é possível entrarmos em contato com essas diversas maneiras de compreendermos nossas histórias, alguns costumes que temos em casa, na família e heranças africanas que nos foram deixadas, mas que, pelo modelo de educação vigente, pela ideologia dominante, são-nos negadas. Essa negação de nossas raízes, nossas heranças culturais, nossos costumes e modos de vida muito tem a ver com não servirem ao modelo de educação vigente e nem estarem dentro de um padrão de comportamento ditado pelas classes dominantes. As escolas e as universidades são também responsáveis por essa negação de nossas histórias e heranças africanas (Vívian SILVA, 2011, p.109).

Foi possível perceber também no que se refere à Congada de Uberlândia, que os ensinamentos são transmitidos também por meio da relação entre as pessoas do grupo com seus antepassados, com os santos católicos e com as entidades da umbanda. Segundo Vívian Silva (2011, p.121):

Percebemos que a hora de aprender também está ligada aos mistérios que envolvem certas funções dentro do Terno, e esses mistérios estão ligados à visão de mundo da umbanda, à espiritualidade e à mediunidade, ao mistério que envolve certos segredos, tudo isso também pode ser considerado uma estratégia para dizer alguns ensinamentos e guardar segredos; nem tudo é revelado. [...]. Guardar segredos e ocultar alguns ensinamentos também é resistir e é estratégia de manutenção da tradição.

Loures (2012), a partir do inventário de manifestações culturais circunscritas no campo da religiosidade popular, analisou as práticas de benzeções, rezas e novenas, folias e congadas de Nova Veneza-GO e as apresentou como mediadoras e possibilitadoras de formação humana e que tais manifestações religiosas, por meio de seus ritos religiosos educativos, revelam bens simbólicos e saberes que são transmitido culturalmente pelas gerações adultas para os mais jovens, sendo por vezes recriadas ou readaptadas fortalecendo laços identitários do grupo. Segundo a autora:

Onde há o que ensinar sempre se cria algum modo de ensinar e aprender. Os saberes, as crenças (rezas, promessas, benzeções, simpatias, cantigas, etc), os gestos (silêncio em momento de oração, ouvir um adulto falar ou rezar, imitar o adulto, saber se portar perante os rituais, etc), os símbolos (símbolos como altares, velas, vestimentas, enfeites, arcos, ramos, rosários, santos, fogueira, etc) alimentação, dentre incontáveis símbolos se idealizam e projetam o que os grupos querem realizar (LOURES, 2012, p.62).

De acordo com Loures (2012) devemos considerar em tais manifestações a fala dos marginalizados como mecanismos que possibilitam o entendimento dos processos culturais frente à cultura dominante e à cultura dominada, pois os praticantes de tais manifestações são identificado preconceituosamente “[...] como pessoas sem cultura por parte daqueles que detêm os saberes legitimados em nossa sociedade” (LOURES, 2012, p.14). Em seu estudo, a autora trata da Congada muito brevemente, possivelmente porque a prática já não existe mais no município, e a inclui no universo educativo das folias, que contemplam uma sequência lógica e segue datas específicas dentro do calendário cristão, ocorrendo geralmente por promessa e que inclui em seus rituais a preparação de crianças e jovens para aprenderem os saberes necessários ao cumprimento do mesmo. A autora destaca que mesmo tendo toda a sua vida escolar transcorrido no município e posteriormente tendo atuado como professora na rede estadual, nunca havia ouvido falar sobre a Congada no município. A tentativa de rememorar esta manifestação cultural se realizou com o grupo de descendentes da Congada, que ainda guarda na memória a herança da Congada. A festa era realizada em agosto e dedicada a Nossa Senhora do Rosário. Um de seus entrevistados diz que os mais velhos diziam que a Congada veio de Angola. Em um dos depoimentos coletados pela citada autora cita-se que os congadeiros se utilizavam de bastões, e que estes não podiam ser tocados por qualquer um.

Se tiver uma briga e alguém pegar o bastão e bater na outra pessoa, passado um tempo essa pessoa morre, em menos de um ano. E se jogar eles na água eles vira uma cobra. Eles é bento. Quem benzeu eles já morreu. De lá onde eles foi benzido. Tinha um vidro de pinga com raiz que todos tomava um pouquinho antes de saf. Tinha muita coisa, com nós só sobre os bastão. O pai tinha umas oração guardada mas não sei onde foi pará (LOURES, 2012, p.171-172).

Os bastões assumem um aspecto ritual e mágico. Ainda que a prática da Congada não exista mais, a memória de seus praticantes ainda hoje funciona como um sustentáculo da construção identitária.

Em meio às construções do cotidiano encontramos personagens e lendas que se misturam. Os bastões, nesse sentido, tornam-se objetos sagrados a partir dos quais diversas criações posteriores vão sendo acrescidas ao longo do tempo. A congada, enquanto memória, guarda fragmentos que possibilitam a visualização de como era constituído o ritual com seus personagens que a própria memória diz: “veio da África” (LOURES, 2012, p.174).

É interessante observar que Vívian Silva (2011) e Cezar (2012) também fazem menção a bebidas que protegiam os participantes da Congada.

Havia nesta manifestação a existência de saberes legítimos e necessários para a sua realização tais como roupas, instrumentos, fé, danças, cânticos, imagens, versos entre outros, e esta se sustenta na crença nas bênçãos de São Benedito e Nossa Senhora do Carmo, ligada a amigos e familiares negros e afrodescendentes. Segundo a autora não foram encontrados dados sobre o tempo de duração do ritual que funcionava como um momento de transmissão de saberes, que se extinguiu por falta de interesse por parte dos mais jovens em sua continuidade (LOURES, 2012).

Sousa (2015) se dedica ao estudo da Congada de Pinhões-MG, comunidade remanescente quilombola e investigou as relações estabelecidas pela juventude local e os processos educativos que se caracterizam por trocas de saberes, crenças e tradições no espaço da manifestação cultural da Congada, na qual, segundo a autora, crianças, jovens e adultos, se reúnem para trocar conhecimentos sobre essa manifestação cultural dedicada a Nossa Senhora do Rosário. Para Sousa (2015) a congada pode ser a base de investigação para questões sociais ligadas à experiência humana no cotidiano e suas relações educativas. Ciente das mudanças sofridas pela Congada ao longo do tempo e que são típicas dos fenômenos culturais a autora apresenta que estas existem no Brasil desde o período colonial e que seus elementos vem sendo modificados de acordo com as características geracionais de cada época. Sobre tais mudanças a autora nos diz que:

Muitos estudos feitos sobre a cultura brasileira partem da perspectiva de que é preciso conservar a memória, o passado. Os folcloristas, por exemplo, costumam pensar na preservação do folclore para as gerações futuras. Nessa perspectiva, a mudança é vista com desconfiança, como se fosse uma violação do passado ou a determinação de seu prazo de validade, sua morte. Insiste-se muito em registrar, catalogar, sistematizar as informações a fim de que elas não se percam no tempo. Mais raros, porém, são os estudos que se dedicam a observar a transformação e a mudança como algo intrínseco às manifestações culturais.

A tarefa de registrar e preservar o passado em si não é de forma alguma negativa. Contudo, o preconceito com relação à mudança é capaz de gerar equívocos interpretativos que colaboram para a compreensão de questões ligadas à cultura. Um texto que trata da congada traduz bem como as transformações trazidas pelo tempo podem ser vistas de modo bastante negativo (p. 55-56).

De acordo com Sousa (2015, p.58) a Congada por reunir elementos do passado escravista e cristão brasileiro “[...] carrega toda essa simbologia atrelada à condição do

escravo negro que precisou modificar seu modo de estar no mundo, criando outro”. A autora destaca que as relações entre negros e brancos no contexto colonial, assim como suas consequências, sobretudo para os escravos e que o fato das congadas existirem ainda hoje pode ser “[...] um indicador de que algo importante ocorreu no passado em termos de configuração de uma nova cultura, carregada de características herdadas de culturas muito distintas (africana e europeia, no caso) e que se perpetuou no tempo apesar das mudanças que certamente sofreu” (SOUSA, 2015, p.63-64).

Na Congada de Pinhões-MG atual, integrada por diferentes gerações, a religiosidade ainda é a motivação para que os mais jovens ingressem no grupo, assim como é seu subsídio central sendo que:

[...] esse é um dos fatores que estão no âmago daquilo que é transmitido em termos de saberes nesse contexto cultural. As rezas, canções, memórias sobre um passado religioso estão presentes em todos os momentos de ensaios e da realização da congada em si. As pessoas que já conhecem os rituais, os passos, as melodias, acabam por se tornarem transmissoras desses saberes àqueles que se interessam por aprender. Aliados ao saber que está propriamente vinculado à congada estão tantos outros que, intencionalmente ou não, são repassados de geração em geração (SOUSA, 2015, p. 60-61).

Souza (2012, p.225) também tratando dos processos educativos entre gerações, a partir do observado no Terno de Congada Chapéu de Fitas de Olímpia-SP apresenta que:

Congada também é educação, expressão histórica e cultural na comunidade, tradição que educa, fortalece identidades, pertencimentos e prepara o ser humano para viver em sociedade, compartilhar, receber e dar orientações para a vida. [...]os processos educativos da congada podem contribuir para a educação das relações étnico-raciais e também para educação escolarizada, por emergir conhecimentos de uma raiz africana, que se utiliza da corporeidade, da ancestralidade, convivência e transmissão oral como subsídios pedagógicos para ensinar e aprender a tradição como uma pedagogia da vida, aquela que se instaura no dia-a-dia educando e formando pessoas para serem congadeiras na congada e cidadãs na vida.

Território de manifestação e resistência cultural e religiosa de matriz africana e também de celebração aos ancestrais que lutaram pela liberdade na África e no Brasil, é dentro desse universo que negros e negras foram “[...] recuperando sua humanidade aos olhos dos escravizadores/opressores, no balançar das fitas, na trança dos laços de fitas, nas danças da trança, na trama da história narrada, dançada, cantada por corpos de raiz e sentimento de

uma África lembrada em espírito na vida vivida e morrida” (SOUZA, 2012, p.13). Assim, a Congada se apresenta como:

[...] um espaço/território africano e diaspórico de forte raiz, da afrolatinidade, compreendida como influência da cultura africana e dos afrodescendentes nas culturas da América Latina e do Caribe, de representação e manutenção simbólica da política e do poder africano na América, como uma prática social que encadeia processos educativos de resistência, recriação e permanência dos territórios africanos na diáspora (SOUZA, 2012, p.28).

Os processos educativos são desencadeados a partir dos conhecimentos obtidos no devotar, no dançar, no toque dos tambores, nos cantos e rituais, etc, ou seja no significar, no conhecer e sentir a Congada. Tais ensinamentos são transmitidos pelos mais experientes na tradição para os mais novos e isso se dá coletivamente. Assim sendo a autora considera a Congada como “[...] um espaço educativo, que proporciona ensinamentos e aprendizagens a quem dela faz parte, desde uma perspectiva das raízes africanas recriadas e mantidas por meio da tradição oral e de produções socioculturais transmitidas nos processos educativos e culturais, em territórios geofísicos e simbólicos do mundo africano e da diáspora” (SOUZA, 2012, p.58). Os conhecimentos advindos de tais processos educativos que se dá de maneira constante na congada e:

[...] expressam um saber feito e construído na experiência de ser cotidianamente congadeiro(a), em sua maioria, descendentes de escravizados vitimados pelos escravizadores. Essa maneira de ensinar e aprender orienta os indivíduos, em contato uns com os outros, a ser quem são sem perderem os princípios herdados de seus antepassados, e enfrentando as situações que visam os desumanizar (SOUZA, 2012, p.58).

Como se pode observar a partir destas referências sobre a Congada tentar definir o que “É” a Congada em um conceito fechado e determinado é uma tarefa destinada ao insucesso, visto que suas formas de representação são diversas, assim como o é o conhecimento produzido sobre ela, pois conforme mostrado anteriormente a ciência não é neutra e nem tampouco são os saberes que são construídos e transmitidos na prática da Congada que se manifesta em regiões do país e é representada de diversas maneiras. Nestas diversas maneiras percebemos que a Congada “está-sendo”.

Diante do exposto sobre Congada, a partir das semelhanças e peculiaridades existentes observadas entre as existentes, neste estudo compreende-se as Congadas se inserem no âmbito do que denominamos Motricidades do Sul, envolvendo manifestação de pessoas, comunidades que envolvem tempo-espço de resistência e ressignificação de tradições do povo africano e de luta pela liberdade, de presença e existência contra-hegemônica, vivendo e revivendo, comemorando e rememorado na forma de festa de devoção popular aos santos negros católicos, tais como São Benedito, São Elesbão, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora do Carmo e Santa Efigênia, que possibilita a seus/suas integrantes a percepção, a transmissão, a compreensão e, por vezes, a reinterpretção desta prática social e seus saberes, conhecimentos, tradições.

No tópicó seguinte apresentaremos a Congada de São Benedito do município de Ilhabela.

6 A CONGADA DE SÃO BENEDITO NO MUNICÍPIO DE ILHABELA

O litoral norte paulista, onde se localiza o município de Ilhabela, foi fortemente atingido, e de maneira recorrente, pela maneira eurocêntrica de compreender o mundo, conforme explicitado anteriormente. A região de Ilhabela também sofreu ao longo do tempo processos de miscigenação, entretanto, é necessário ressaltar que estes não se deram de forma amigável, pois todo processo de ocupação da região pelos colonizadores incluiu a tentativa de sublimação de negros e indígenas (CAMPOS, 2008). O europeu, foi o triste agente da violência contra indígenas e africanos, aos quais sequestrou, matou, vilipendiou, abusou sexualmente de mulheres, castigou de maneira violenta e com isso afetou os entendimentos de vida indígena e africana posto que tentou de todas as formas oprimi-los, seja pelo trabalho escravo, seja imposição de uma linguagem, modos de vida e religião, que visava impedi-los de assumir suas identidades étnicas, acessar sua ancestralidade, suas formas de organização política, social e religiosa, assim como elementos linguísticos próprios de seu grupo social.

Ilhabela é um município arquipélago e dados oficiais apresentam que a Ilha de São Sebastião, foi descoberta e identificada por Américo Vespúcio, a 20 de janeiro de 1502. Seu povoamento, pelo branco, iniciou-se em 1608. Em contraponto a esse descobrimento e identificação, atualmente existem dados e pesquisas que nos dizem que parte das ilhas que integram o arquipélago de Ilhabela já era habitada muito antes da chegada dos primeiros europeus ao Brasil.

Em Ilhabela, o Projeto de Gestão e Diagnóstico Arqueológico desenvolvido pela arqueóloga Cintia Bendazzoli já identificou mais de uma dezena de sambaquis. O mais conhecido deles, o sambaqui de Furnas, revelou a presença do achado inédito: um sepultamento humano de 2 mil anos atrás. Os construtores de sambaquis, também conhecidos como “sambaquieiros”, dominaram a costa por um período aproximado entre 7.000 e 1.500 anos atrás, ocupando áreas estuarinas, pescando e navegando em mares que outras populações indígenas daquele tempo não ousaram enfrentar. Conquistaram ilhas como as de São Sebastião, Vitória e Búzios e prosperaram, até que desapareceram, cedendo lugar a populações ceramistas vindas da encosta da serra e do planalto. As causas do desaparecimento dos construtores de sambaquis da costa brasileira são até hoje desconhecidas (PREFEITURA DA ESTÂNCIA BALNEÀRIA DE ILHABELA, 2014a).

Isto nos mostra que também em Ilhabela os europeus tiveram que “negociar” este espaço já ocupado e se confrontaram com modos de ver e entender o mundo que diferiam muito dos seus.

Monteiro (2009) apresenta que o primeiro ciclo de relações luso-indígenas se encerra com o término do século XVI. No espaço de duas gerações os principais habitantes da região de São Paulo tinham vivenciado a destruição de suas aldeias e a desintegração de suas sociedades; os sobreviventes a estas situações encontravam-se completamente subordinados aos colonos e jesuítas, ou seja, as relações iniciais entre indígenas e portugueses desequilibraram-se a favor da dominação portuguesa. O autor também destaca a mudança radical no caráter das relações luso indígenas, posto que os portugueses na conquista haviam liberado terras para a sua ocupação futura. Por outro lado “[...] ao diminuir e destruir as reservas locais de mão-de-obra, havia imposto a necessidade da introdução de trabalhadores de outras regiões, fato que implicaria a redefinição do papel e da identidade do índio na sociedade colonial” (MONTEIRO, 2009, p.56).

Além disso:

O fato de os portugueses não conseguirem integrar as sociedades indígenas à sociedade colonial sem antes destruí-las resultou na elaboração de formas de organização de trabalho historicamente novas, entre as quais a escravidão indígena e africana veio a mostrar-se a mais satisfatória do ponto de vista colonial. Em última instância, sobretudo no litoral açucareiro, a escravidão africana acabou sendo preferida por motivos morais, legais e comerciais (MONTEIRO, 2009, p. 56).

Quando houve declínio da escravidão indígena a solução, à primeira vista, seria sua substituição por escravos negros. Segundo Monteiro (2009) falar em substituição dos cativos

indígenas, seria precipitado. A escravidão africana apresenta neste momento dois aspectos nitidamente diferentes, embora complementares. Ao mesmo tempo em que é mercadoria a ser fornecida para as minas, o comércio do escravo africano colabora para a transformação de São Paulo em entreposto comercial e escravos negros foram integrados às grandes propriedades rurais da região litorânea.

A economia na Ilhabela no período colonial, segue os moldes da Colônia. Sua principal fonte, exercida pelos novos colonos, era o plantio da cana-de-açúcar para a produção de açúcar, que se utilizava de mão-de-obra escrava trazida pelos navios negreiros. A partir da segunda metade do século XVIII, ocorre um aumento significativo da população. Nesta ocasião começa a se formar um pequeno povoado, que, por volta de 1785, foi elevado à condição de capela (denominação colonial para o primeiro estágio de um povoamento), recebendo o nome de Capela de Nossa Senhora D'ajuda e Bom Sucesso. No final do século XVIII, com o ciclo do açúcar em crise, a Ilha de São Sebastião contava com uma população espalhada por todo o seu território, estimada em três mil moradores, cujos líderes pleiteavam a emancipação do território abrangido pela ilha. Em 3 de setembro de 1805, uma portaria determinou a elevação da capela à condição de vila, que passaria a chamar-se Vila Bela da Princesa. Ao ser criada, essa nova vila recebeu o pelourinho, a Casa de Câmara e a Cadeia. O pelourinho, colocado no meio da praça e de frente para a Cadeia, era o local de castigos dos escravos e o marco zero da nova Vila constituída. Com o mercado de escravos situado defronte ao canal, facilitava-se o embarque e desembarque de mercadorias e de pessoas (PREFEITURA MUNICIPAL DA ESTÂNCIA BALNEÁRIA DE ILHABELA, 2014b). Uma pintura de Debret (Fig. 2), de 1827, retrata este espaço onde ficavam o mercado de escravos e pelourinho em Villa Bella da Princesa. É nesse espaço, sob os olhos da Igreja, da Justiça e senhores de escravos, atualmente reconfigurado pelo processo de urbanização, que vem acontecendo a Congada de São Benedito em Ilhabela. Bendazzoli (2016) diz que na obra de Debret já se pode perceber a importância da presença negra no local e como isso influencia os espaços da cidade, visto que a formação e configuração da cidade é totalmente voltada para a questão da presença negra e para a tentativa de controle e apropriação deste grupo social. Acrescento que ao mesmo tempo que a configuração da cidade expressa a violência ocorrida durante o período de escravização, a presença de instrumentos e instituições repressoras destinados aos negros, esta também nos mostra que isso não se deu sem resistência por parte dos povos que foram aviltantemente escravizados, já que foi necessária a sua utilização.

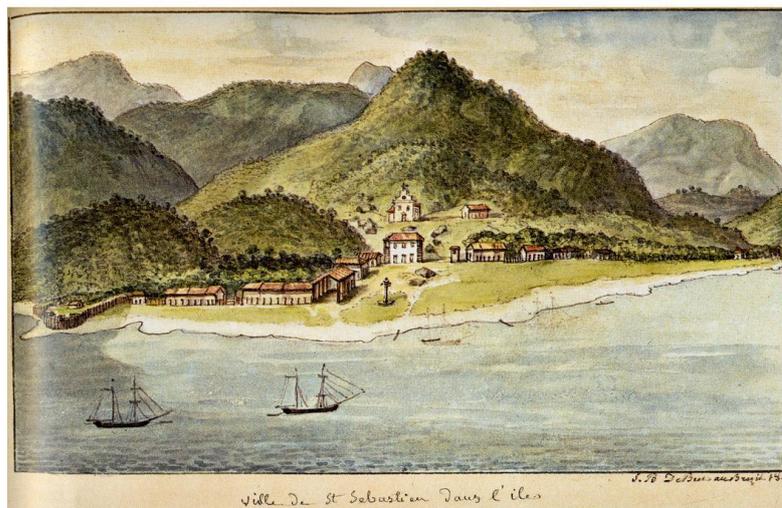


Figura 2: Pintura “Villa de St. Sebastian”, de Debret (1827). Fonte: Prefeitura Municipal da Estância Balneária de Ilhabela (2014c).

Após sua emancipação, Villa Bella da Princesa (atualmente chamada Ilha de São Sebastião) experimentou décadas de opulência e grande poder econômico, graças à agricultura e, principalmente, ao café. Com a Abolição da Escravidão, em 13 de maio de 1888, a cafeicultura se torna inviável em Ilhabela, já que era escrava toda a mão de obra empregada na atividade. Nessa época, o comércio de escravos era realizado de forma clandestina, pois já fora proibido por autoridades internacionais e algumas regiões da ilha (tais como a Baía dos Castelhanos- face leste da ilha e, Praia da Fome, localizada ao norte da ilha) eram utilizadas para o desembarque de escravizados contrabandeados.

Bendazzoli (2016)⁶ apresenta que há uma grande quantidade de vestígios arqueológicos e documentos que marcam a presença negra no município, desde o período colonial. Em seus levantamentos arqueológicos, o maior volume de sítios arqueológicos encontrados são de presença negra, que deixa marcas profundas na população e no território. Dos 63 sítios arqueológicos estudados desde 2007, 40 se referem à presença negra. Esses sítios são principalmente engenhos, fazendas, igrejas antigas, armações de baleia. Todas as ruínas e patrimônios históricos existentes atualmente em Ilhabela foram feitos pelas mãos dos negros. Além disso há tocas importantíssimas que se configuravam como refúgio para escravizados fugitivos. Tais sítios contêm uma série de vestígios do cotidiano dessa população. Em sua opinião há uma grande complexidade em se tratar das questões negras e afrodescendentes em Ilhabela porque a população negra escravizada que nela chegou vinha de

⁶ Palestra ministrada durante a “Jornada da Cultura silenciada, do Projeto Memórias reveladas (organizada e realizada pelo Espaço Pés no chão, de Ilhabela, entre os dias 30 de maio e 5 de junho de 2016).

origens distintas e trazia consigo bagagens culturais distintas umas das outras, situação que deve ser considerada quando se fala de cultura pois esta não é uma coisa envelopada, lacrada. Bendazzoli (2016) também nos fala de sua estranheza quando houve comentários de que não há uma grande influencia negra em Ilhabela, principalmente se considera-se que uma de suas suas principais manifestações culturais é a Congada de São Benedito.

Atualmente o município tem sua economia pautada em seu potencial turístico.

Um pouco do já dito e escrito sobre a Congada de São Benedito em Ilhabela

Falar sobre epistemologias e Motricidades do Sul, especificamente de Congada, significa também trazer o dito, o escrito, os registros sobre a Congada, assim como as relações estabelecidas entre quem de alguma forma registra e/ou vivencia/verbaliza, considerando-se que tais formas de linguagem implicam em dizer algo para alguém a partir de um determinado ponto de vista e de um contexto histórico e ideológico de maneiras que podem ser tanto dialógicas (as quais visam uma ecologia de saberes) quanto como em forma de um monólogo, hermético, de forma blablablante e absoluta.

Acredito que tanto a escrita quanto a oralidade referem-se a práticas produtoras e disseminadoras dos saberes produzidos e utilizadas pelos diferentes grupos sociais em seu cotidiano e mundo e, por isso, não deveria haver uma valorização desta ou daquela prática em detrimento da outra. Entretanto, a escrita, como uma prática comumente apresentada na modernidade como símbolo de civilidade, costuma ser supervalorizada em relação ao conhecimento difundido pela oralidade se utilizada pelos povos ágrafos, como algumas etnias indígenas e sociedades africanas, como registro e testemunho de sua história e memória.

Por conseguinte, a oralidade não seria necessariamente inferior a escrita, mas um saber diferente cuja importância só podia ser pertinentemente avaliada por aqueles, ou a partir daqueles, cujas vidas são animadas por ela. Mas por outro lado, por detrás da oralidade se esconde não simplesmente a apreciação, subjectiva e adjectivante das pessoas e grupos culturais por elas animados, mas a oralidade pode compreender uma sabedoria e até mesmo uma filosofia (NGOENHA, 2011, p. 184).

Sousa Junior (2004, p.125-6) nos diz que a oralidade mais do que ser uma maneira de se transmitir conhecimento se refere a um conjunto de conhecimentos transmitidos de geração a geração e que impressos nos corpos das pessoas vão se recriando diante das circunstâncias históricas.

A oralidade diz respeito não somente ao que se fala, mas também ao que não se diz, não se revela, pelo menos a todo mundo. Oralidade não significa aquilo que não se escreve, pelo contrário, inclui também o registros feitos nos corpos das pessoas através de riscos, cores e tatuagens. Oralidade, por fim, não é algo que se opõe aos livros, mas que diz respeito, sobretudo, a pessoas concretas, figuras que são capazes de representar mais do que qualquer compêndio e reunir explicações que não cabem nas bibliotecas tradicionais, pois são memórias vivas, não de particularidades, mas de grupos.

Ao vermos os registros escritos sobre a Congada de Ilhabela é possível perceber algumas relações que são estabelecidas entre pesquisadores/as e os/as participantes desta prática social e de como isso influencia a todas as pessoas envolvidas, ao texto escrito e ao dito e vivido que se produz a partir daí, “[...] Pois não somos tocados por um sopro de ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram?” (BENJAMIN, 1994, p. 223).

De acordo com Camargo (2011) as festas de São Benedito se iniciaram em Ilhabela com os negros recém-chegados na baía de Castelhanos para os engenhos. Originalmente eram feitas nas noites claras, de lua cheia após a pesca da sardinha realizada nas noites escuras. Dos atabaques originais, ainda existem alguns instrumentos, feitos em forma de pilão.

Entre os referenciais bibliográficos sobre o tema utilizados neste estudo o primeiro livro publicado sobre a Congada de Ilhabela foi escrito por Iracema França Lopes Corrêa, em 1981. Considerado como uma das principais referências sobre o tema por pesquisadores/as e congueiros, a autora faz uma análise folclórica da Congada, e seu texto traz a transcrição das falas assim a descrição da mecânica dos passos da dança que é até hoje seguida com poucas modificações por muitos congueiros. Por muito tempo os únicos materiais disponíveis aos/as moradores/as do município de Ilhabela na Biblioteca Municipal sobre o tema ou foram escritos por ela ou eram trechos, recortes, de seu livro. A autora apresenta que esta é uma manifestação repetida há mais de 170 anos⁷ dramatizando a história de dois grupos que se desentendem, por ambos quererem festejar São Benedito. “[...] Aos antigos moradores, perguntado sobre a Congada dizem que ‘representa as lutas antigas entre mouros e cristãos’ ou ‘é uma manifestação sagrada em homenagem a São Benedito’ e, sobre como chegou à ilha dizem ter vindo com os escravos” (CORRÊA, 1981, p.70). A autora ainda apresenta, no que

⁷ A contar da data da publicação de sua obra, hoje contariam mais de 200 anos.

se refere aos bailes, que se trata de uma dança guerreira, na qual os congos do Embaixador não participam⁸.

O “congo de baixo” se refere ao grupo liderado pelo Embaixador (no qual todos trajam roupa vermelha ou rosa) e é, geralmente, onde se inicia a participação dos indivíduos nos bailes da Congada⁹. O “congo” de cima é o grupo liderado pelo Rei e seus integrantes trajam azul. Os integrantes do congo de baixo são denominados congos e entre os do congo de cima estão os fidalgos.

Sobre a data em que se iniciam a Congada na Ilhabela, de acordo com Bendazzoli (2012) há documentos antigos preservados no Arquivo do Estado de São Paulo que relatam a realização de Baile dos Congos em festividades locais em 1794.

Corrêa (1981, p. 13) inicia seu livro dizendo como se sentia “responsável por aquela gente” e que “[...] ansiava por ajudá-la a preservar suas belas tradições e, ao mesmo tempo, fazê-la conhecida pelas suas manifestações espontâneas. Assumia assim um compromisso sério diante do povo da ilha: o de lutar para que se perpetuasse, ao vivo e no papel, o seu folclore”.

Em uma entrevista dada a um documentário, a citada autora diz que:

A Congada era, não tinha sapato, dançava descalço. Ahn, não tinha roupa também, a roupa era toda escangalhada, aí eu consegui uma verba da Secretaria de Cultura i comecei assim. Mas eu nunca influenciei a Congada daqui, eu sempre fazi-falava pra eles ‘veja o que vocês querem, do jeito que vocês querem que eu arranjo tudo, né? Eu fui dez anos Secretária de Cultura daqui (...), porque não tinha Secretaria de Cultura aqui, né? Então eu, eu vinha pra cá, eu vinha prá cá, passava as férias aqui e aí eu comecei a meter. (CORRÊA, In: Sobre a Congada de Ilhabela. Cap. 6, 11’ 00’’, 2004-2010)¹⁰.

⁸ A este respeito, nas apresentações por mim assistidas no decorrer dos últimos doze anos, os congos do Embaixador também dançavam. Conversando com congueiros e com o atual Rei (congueiro desde os 5 anos de idade, quando começou no Congo de baixo e que posteriormente foi o Embaixador por 14 anos), estes dizem que o congo de cima tem danças mais frequentes e vigorosas, mas que o Congo de baixo sempre dançou e fazem menção ao Grande Baile.

⁹ Para a leitura do texto apresentado nos bailes da Congada de São Benedito de Ilhabela vide Santos, 2007.

¹⁰ Sobre a falta de uso de sapatos e a escravidão, no período colonial os escravizados eram proibidos de ter e usar sapatos, seus pés descalços indicavam sua posição social. Souza (2015) ao relatar experiências com maracatu fala sobre pés descalço nos diz “Tal ato se relaciona com a questão do enraizamento dos músicos, da energia do candomblé e da alusão aos pés descalços dos negros que foram escravizados.



Figura 3: Congada de Ihabela na Rua da Praia - Vila. Década de 1940. Acervo: Biblioteca Municipal de Ihabela “Dr. Renato Lopes Corrêa”.



Figura 4: Apresentação de Baile da Congada de Ihabela na Vila (Rua da Praia), na década de 40. Acervo: Biblioteca Municipal de Ihabela “Dr. Renato Lopes Corrêa”.

A opinião de Iracema Corrêa quanto ao estado da Congada e ao que deveria ser feito para preservá-la e fazê-la conhecida não era compartilhada por todos os congueiros. No que se refere às consequências de sua tentativa de fazer a Congada conhecida, aos modos de fazê-lo e da ajuda por ela dispendida, há relatos de uma série de conflitos entre a autora e os líderes

da Congada no período, o que culminou na saída de Manuel Ciríaco da Silva (o Rei Neco) e de sua família da Congada, assumindo em seu lugar uma pessoa não indicada por ele, como seria de acordo com a tradição.

Ainda que a família de Neco (suas irmãs, principalmente) tenha retornado à Congada posteriormente, este nunca mais retornou à Congada. Sua família depois de seu retorno dedicou-se basicamente à Ucharia, e alguns descendentes vem participando dos bailes em algum momento, esses conflitos ressoam ainda hoje no ambiente da Congada e nos processos de sucessão do Rei.¹¹

Ana Esperança da Silva (Dona Ana), filha de Eva Esperança e irmã do Rei Neco, em entrevista dada a Kilza Setti, em abril de 1989¹² diz que era obrigação de seu irmão seguir com a Congada, ou que ele, se impossibilitado disso, passá-la para uma pessoa de sua estima ou confiança, pois assim a Congada continuaria a mesma. Sua família continuaria a ajudar e a ensinar a um novo rei assim como também poderia auxiliar na escolha do Embaixador, um dos principais personagens da Congada de Ilhabela. Segundo Dona Ana muitos congueiros saíram com suas famílias e perderam a confiança. Em sua opinião, a devoção que movia sua família na Congada, não era o que movia Dona Dedé (forma como Iracema Corrêa é conhecida no município). Outro aspecto intrusivo, em sua opinião, foi a doação de roupas para os participantes. O fazer a roupa, para Ana Silva exigia esforço próprio e doação do devoto. Ao tê-las doadas, essa dedicação se perderia. O derradeiro conflito entre Corrêa e o Rei Neco se deu devido a proposta de Neco de não apresentar a Congada naquele momento e sim só no ano seguinte de maneira a ter tempo para melhor organizar o grupo. Tal proposta não foi aceita por Corrêa (ENTREVISTA COM ANA ESPERANÇA DA SILVA, UMA DAS HERDEIRAS DA POSSE DA ANTIGA MARIMBA DE ILHABELA, 1989).

- O meu irmão era obrigado a dar pra alguém da família, ou outra pessoa conhecida de estima. Porque não embarga sem o rei. [...].
- Quer dizer que é ruim entrar gente de fora?
- Entrar de fora e desorganizar. Mas podia ser ele e nós continuávamos a ajudar, alguma falha meu irmão podia ajudar. Ele ensinava tudo, tudo, tudo. Alguma falha que tivesse ele ensinava, porque era vivo e podia ensinar. Então a congada continuaria a mesma, [...]. Porque o Benedito se meteu e foi lá por conta dele e fez sem explicação de ninguém. Por conta dele e por conta de Dona Dedé que ensinou. Podia ser outra pessoa que nós estimássemos, que nós gostássemos. [...] foi depois que nós saímos da

¹¹ Para outras informações v. Sobre a Congada de Ilhabela – Reinados (2004-2010) e Cirino (2010).

¹² Entrevista com Ana Esperança da Silva, uma das herdeiras da posse da antiga marimba de Ilhabela. Disponível no site http://www.memoriacaicara.com.br/site/busca_registro.php

congada que não quiseram ficar na congada, muitos e muitos saíram. Aqui só tem 3 ou 4, foram os que morreram, tem o antigo Pedro, que é o embaixador [...]

- Porque ela quis fazer filmes e esses negócios e não era devoção que ela tinha. Ela começou, pra agradar o povo, a dar roupas. De primeiro, não. Era aquele esforço. Todo mundo trabalhava pra conseguir aquela roupa e tudo, mas era por devoção. Agora ela começou a dar! [...] quer dizer, eles brigaram. O Neco falou isso pra ela e ela aborreceu-se. O Neco falou. E era tanto interesse que ela arrumou, dizendo que tinha gente que ia vir na festa. O interesse dela era tão grande que ela não aceitou o que meu irmão disse: não faria a congada, faria só o ano que vem; reunir o povo pra ficar sabendo porque não tinha procissão. Mas a congada era três dias de festa. E ela não aceitou. Então por isso ela pegou e insistiu: então eu vou fazer a congada. E disse a ele. Ele não poderia dizer não. Pois se ela propôs a fazer. Ele tinha boa vontade. E então foi assim e que deixasse o povo e que viesse ver na festa. Então ela não aceitou o que meu irmão disse. [...] muitas pessoas ficaram sentidas e agora não dão mais nada, não dão um ovo se quiser saber, pra fazer a Ucharia. E a Ucharia era assim, era livre. (ENTREVISTA COM ANA ESPERANÇA DA SILVA, UMA DAS HERDEIRAS DA POSSE DA ANTIGA MARIMBA DE ILHABELA, In: Acervo Memória Caiçara, 1989).

Há a opinião de que Iracema Corrêa deveria ter aceitado a proposta e possível ajuda de seu irmão pois ela não sabia o que era a festa, como era a festa e isso aparece em seu livro, pois em seu livro ela sempre diz “como me contaram”.¹³ A fala de Dona Ana nos remete à ideia de que havia ali um entendimento de que o saber de Dona Dedé fosse superior ao do Neco. Dona Ana Esperança também relata que a Congada foi trazida por seu bisavô e que sua mãe, Eva Esperança Silva,¹⁴ contava que lá na África já tinha devoção a São Benedito (ENTREVISTA COM ANA ESPERANÇA DA SILVA, UMA DAS HERDEIRAS DA POSSE DA ANTIGA MARIMBA DE ILHABELA, 1989).

¹³ Outras informações sobre esta questão vide também: Sobre a Congada de Ilhabela –O reinado

¹⁴ Eva Esperança Silva foi uma renomada parteira em Ilhabela, pois no seu tempo não havia médicos. Foi casada com o Rei Paulino Silva com quem teve 26 filhos. Eva era filha de Benedita Esperança, escravizada trazida da África, até a Praia de Castelhanos em Ilhabela . Atualmente há uma escola de ensino médio que leva seu nome.

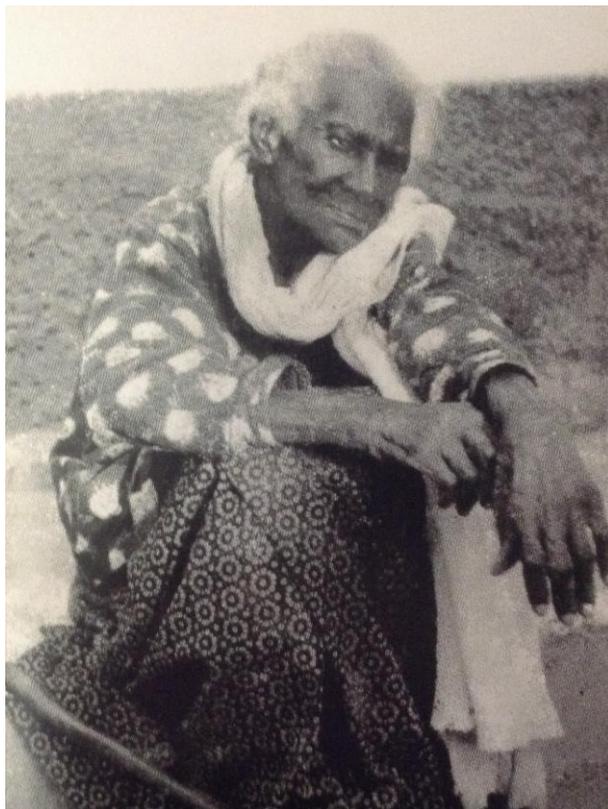


Figura 5: Benedita Esperança. Foto extraída de Camargo (2011, p. 85).



Figura 6: Eva Esperança Silva e sua neta Maria Cláudia. Foto extraída de Camargo (2011, p. 85).

Em seu livro Corrêa (1981) faz referência a vários outros reis de congo de Ilhabela que ainda eram lembrados naquele momento, tais como os reis Dionísio, Ventura e Quilombo, todos pertencentes à família de Paulino, Benedito e Neco. A autora também apresenta que a Congada é o ponto culminante da Festa de São Benedito de Ilhabela e que o culto religioso e o profano são dois aspectos característicos dessa manifestação no Brasil, coexistindo lado a lado. Apesar de fazer referências quanto ao aspecto devocional e religioso que é atribuído à Congada por seus participantes, já que todos que dela participam o fazem por promessa ou devoção, a autora a apresenta como uma manifestação de teatro folclórico, que tem basicamente nas suas origens a aculturação africana bantu, mas que remete ao livro “Carlos Magno e os Doze Pares de França”. Na congada dramatiza-se o desentendimento de dois grupos que querem festejar São Benedito, e para tal utilizam-se de partes faladas, cantos e danças, ao som de marimba e atabaques.

Santos (2007, p.33) apresenta que “[...] Não há dúvidas que a congada é uma das mais típicas e importantes expressões culturais do folclore brasileiro oriundo do continente africano trazida para o Brasil pelos escravos quando do tráfico negreiro”. Merlo (2011, p.47) nos traz, a partir de sua pesquisa utilizando-se da história oral, que a Congada de Ilhabela, na Festa de São Benedito, se apresenta como “[...] um forte elemento da contribuição do afro-brasileiro ao universo caiçara em uma tradição herdada dos antepassados em homenagem ao santo negro milagroso, reconhecido pela caridade que prestou aos escravos. Aliás, entende-se a caridade como uma leitura do catolicismo.

[...] a face sagrada da festa caiçara que tem sua ascendência na história dos negros, reafirmando a contribuição afro-brasileira ao universo caiçara. O santo negro que representa um pouco da história desse lugar, tanto é que retrata o período de escravidão da Ilha, na figura do Benedito homem que vivia num engenho das redondezas – generoso por dar comida e amenizar o sofrimento dos outros escravos, e que, por sua bondade, virou santo. Quer dizer, o santo e a Congada representam uma face da Ilha, que teve escravidão, à qual os negros resistiram como puderam, até mesmo por meio dos mitos, lendas e festas. Isso se intensifica quando todos afirmam estar na congada por devoção ao santo e por terem herdado de seus avós e pais os papéis desempenhados na festa, em outros tempos (MERLO, 2011, p.49).

Cardoso (1982), quando da realização seu estudo em Ilhabela relatando a Congada de 1976, também notou que ali ainda persistiam expressões africanas e foi, segundo a autora, a persistência de expressões africanas nas Congadas que serviram para

ocultar, sob o manto do catolicismo imposto como religião dominante, a preservação de práticas de cultos negros proibidos e possibilitaram a manutenção da memória, durante os séculos de escravidão, de momentos importantes da história dos povos africanos (CARDOSO, 1982, p.20).

De acordo com Cardoso (1982) há registros de incontáveis grupos de negros escravizados e seus descendentes que dançam, cantam e homenageiam os santos negros ao mesmo tempo que os reis de suas nações. Esses grupos foram denominados congadas, tucumbis, cucumbis, congados, bailes, ternos ou guardas de congos. O hábito da coroação de rainhas e reis negros em igrejas católicas devotadas a Nossa Senhora do Rosário, e Santa Efigênia entre outras, por seus sacerdotes foram descritos no Brasil a partir de 1674, no entanto tal manobra já era praticada pelos portugueses por volta de 1590, quando líderes locais eram aceitos como reis fictícios. Ainda que por vezes houvesse relutância por parte dos senhores de escravos em permitir tais festejos, em diversos lugares foi costume alforriar o escravizado coroado rei. No início do Brasil colônia esses reis eram eleitos entre os escravos, segundo suas origens étnicas, denominadas como nações. Esse título majestático já não faz distinção entre os grupos étnicos, prevalecendo a denominação Rei de Congo e eram celebrados pelos grupos mais marginalizados: africanos e descendentes de diversas etnias negras, mestiços e brancos pobres. Acompanhando o trajeto do rei entre sua morada e a igreja ou à capela do engenho e retornando desfilando em festa, entre danças, música e batuques, esses grupos mais tarde vieram a ser chamados de Congada. O momento da coroação do rei e da Rainha feita pelo padre no interior da igreja matriz e festejada pelas ruas da cidade ainda era recordado pelos dançantes mais velhos de Ilhabela no início da década de 1980 conforme relato apresentado por Manuel Ciríaco “[...] Nesta época a Congada não dançava dentro da igreja, mas cantoria tinha” (CARDOSO, 1982, p. 17).

As apresentações realizadas pelo país eram de tal importância para escravizados e seus descendentes que havia uma diversidade de situações rituais que eles se aproveitavam para concretizar suas apresentações:

além de comemorarem a coroação de reis negros e celebrarem os funerais de filhos de chefes no cativoiro, grupos de congos foram registrados exibindo-se por todo o País em ocasiões tão diversas quanto os festejos de santos padroeiros de pequenas comunidades interioranas e as comemorações de Natal; dias dos Santos Reis Magos e setenário do espírito Santo, festas profanas e celebrações em homenagem ao casamento de princesas e príncipes da corte portuguesa... (CARDOSO, 1982, p. 18-19).

Cardoso (1982) diz que encenações dramatizadas e mais complexas, como a de Ilhabela, na qual se desenvolve um enredo em torno de personagens, são registradas no país desde 1706.

Na opinião de Corrêa (1981) foi sem dúvida o português quem deu a maior contribuição étnica e cultural à cultura caiçara pois tanto os caracteres do colonizador português quanto a religião, hábitos e costumes são os dos europeus dos primeiros séculos de povoamento brasileiro.

Devo destacar que a supremacia da presença branca em aspectos culturais, entre outros, se dá em grande medida devido ao encobrimento, à tentativa de apagamento de culturas e religiosidades, entre outros aspectos, sofrido pelos povos indígenas e africanos quando sob o jugo do poderio europeu, que lhes impunha um outro modo de ser, religiar, viver. Um exemplo dessa situação de imposição é descrito por Corrêa (1981, p. 23-24, grifo nosso) ao dizer que a religião católica apostólica predominou na Ilha já com os primeiros colonos e foi para as “manifestações do folclore” uma forma de controle, emulação e agregação. “[...] Na Ilha de São Sebastião o fato é mais notável, porque a figura do catolicismo que melhor resiste até os dias atuais, impondo-se mesmo a praticantes de outras seitas e religiões, é SÃO BENEDITO. Uma outra questão é a que os escravizados costumavam receber novos nomes ao chegarem aos portos para os quais eram conduzidos e por vezes recebiam como sobrenome o nome da região de onde eram provenientes (da Costa, por exemplo) ou o sobrenome de seus senhores, como relatado por Cardoso (1982, p. 75): “informa um congo que “[...] de primeiro quase não tinha casamento, por isso não usava sobrenome. Depois tirava o sobrenome, igual ao fazendeiro”. Assim, os descendentes de escravizados muitas vezes passaram a atender pelo sobrenome dos patrões.

Corrêa (1981, p.20) ainda nos diz que o caiçara é proveniente de “[...] cruzamentos antigos entre colonizadores europeus com indígenas brasileiros”. Segundo ela, “[...] O africano, que serviu de escravo e cujos descendentes foram desaparecendo no processo de mestiçagem, deixou marcas indeléveis na coletividade. Estas são vividas e revividas a cada ano, no mês de maio, em uma festa historicamente de negros, hoje principalmente de brancos, a mais importante do calendário local” CORRÊA, 1981, p.9). Um outro ponto destacado por Corrêa (1981) é o de que havia naquele momento em Ilhabela, um grande número de pessoas chamadas Benedito, o que se devia invariavelmente ao cumprimento de promessas ao santo.

Assim como Corrêa (1981), Cardoso (1982), descrevendo a festa de 1976 diz que a Congada no município esteve sob a direção de Manuel Ciriaco da Silva (Rei Neco) até 1978. Embora a autora não tivesse nenhuma explicação sobre o porquê, a família real zelava para

que nenhum elemento da apresentação fosse revelado. Comenta também que havia uma grande deferência à figura do Rei de Congo (Atual e ancestrais) expressada não só cotidianamente, mas também no universo das representações simbólicas, como as embaixadas constantes do texto da Congada nas quais a expressão “Soberano Rei de Congo” sempre antecede os versos de homenagem ao São Benedito.



Figura 7: Rei Manuel Ciríaco da Silva (Rei Neco). Fonte: Acervo da Biblioteca Municipal de Ilhabela “Dr. Renato Lopes Corrêa”.

Para Cardoso (1982, p.32), rei Neco, que assumia o único cargo hereditário da Congada, era o maior depositário do saber a respeito da Congada e foi através de seus silêncios que ela percebeu estar ingressando em um território sacralizado “[...] onde por detrás da celebração aos santos católicos dançam vivas entidades africanas, cujos segredos são severamente guardados...”, ou seja o ritual da Congada de Ilhabela possuía segredos guardados pela família do rei Neco e que eram por eles preservados. Em sua opinião havia na Congada de Ilhabela um modo negro de realizar um ritual que ainda hoje é descrito de catolicismo popular. Em informações obtidas pela autora junto ao Rei Neco sabe-se que a festa antigamente acontecia por volta de 3 de abril que era o dia de São Benedito, mas não era um fundamento. Para a autora a expressão fundamento utilizada pelo rei tem na Congada de Ilhabela “[...] o mesmo sentido que lhe é atribuído nos candomblés: significa noções do sagrado que o iniciado é obrigado a conhecer e cumprir” (CARDOSO, 1982, p. 33-34) A maior parte de tais fundamentos são transmitidos oralmente, e gradativamente, pelo rei para

um congo que futuramente poderá a vir a substituí-lo, quando o rei não puder mais arcar com a missão de liderar a Congada.

E embora o texto da representação da Congada possa ser escrito, os mitos e lendas que envolvem sua realização são passados de boca a ouvido, e nem todos os congos compartilham desse conhecimento. É conhecida a aversão que o Rei de Congo Manuel Ciríaco tem por gravadores, máquinas fotográficas, filmadoras e mesmo registros escritos das raras entrevistas que concede (CARDOSO, 1982, p. 34-35).

Como se pode observar, a análise documental aqui apresentada nos permite apreender vários processos educativos entre integrantes do grupo ou entre o grupo e pesquisadores/as que vão se dando no interior da Congada de São Benedito em Ilhabela, não só através da fala, do diálogo, mas também a partir de silêncios e conflitos. A análise documental também nos alerta que, por vezes, apesar do desejo de preservar uma tradição, uma manifestação, o/a pesquisador/a corre o risco de não reconhecer o quanto de opressor/a traz em si, terminado por impor o seu saber, a sua verdade ao grupo ao invés de com ele aprender novas formas de ser e saber.

Cardoso (1982) apresenta a possibilidade de que o Rei Neco poderia dificultar propositadamente a transmissão de algumas informações a pessoas externas à Congada, a fim de evitar o risco de inadvertidamente passar algumas de suas implicações simbólicas e o poder ritual que as envolve ou, até mesmo buscava restringir a possibilidade da manifestação ser reproduzida, a fim de impedir a apropriação da Congada por pessoas externas a ela, já que de posse de tais informações estas seriam capazes de reproduzir sua encenação.

Entre os elementos que podem constituir fundamentos da Congada a autora relata alguns mitos (os quais foi autorizada a relatar) ouvidos do próprio, rei ou que por ele foram confirmados. Alguns mitos são conhecidos por alguns dos congueiros mais velhos, negros e mestiços, aparentemente os brancos participantes da dança não acessavam esses conhecimentos. Havia mistérios mais ou menos sondáveis que envolviam o ritual da Congada tais como o de que entre os alimentos servidos na Ucharia

Nunca pode faltar sem ter um boi. Sabe que desde o princípio da festa sempre teve um boi, como antes, negócio de imolação de carneiro... Toda festa tradicional tem que ter um animal morto, então na Congada... Negócio de sacrifício, aquela fumaça elevada aos céus (CARDOSO, 1982, p. 40-41).

Cardoso (1982) não vê como improvável a suposição de que o alimento morto serviria de almoço mas também teria outros significados rituais envolvendo sacrifícios. Ainda que não seja possível precisar se o sacrifício animal pode ou não ser associado ao culto aos mortos em Ilhabela; por muito tempo a Congada de Ilhabela “[...] serviu à preservação do culto aos ancestrais do chefe” (CARDOSO, 1982, p.41).

A Congada vem dos nossos antepassados, do tataravô, raiz, raiz de árvore. Firmeza no tambaque. Firmo o pensamento no tambaque, estou aqui sentado e estou vigiando a guerra das espadas, aí firma o pensamento, conforme o toque, firma ali e os meus passados estão tudo ali, meus antepassados estão tudo ali junto (CARDOSO, 1982, p.42).

Entre os vários mitos trazidos por Cardoso (1982, p.37) transcrevo abaixo o do beija-flor.

Com grande emoção é relatado o mito do passarinho: “Entrou um passarinho, um beija-flor, dentro da igreja, e começou a puxar a coroa do Reis. Foi puxando a coroa e depois saiu dali e foi querer pousar nos braços de São Benedito. Segundo consta, era um espírito. A seguir, nós fomos saindo dar a meia-lua na parte da manhã. A meia-lua serve para abrir o caminho, limpar de algum mal. E eu não sei se a porta da igreja baixou ou São Benedito que cresceu e nós não conseguimos tirar o São Benedito da igreja pra fora, não sei explicar, sei que não conseguimos, em seis homens, tirar o santo pra rua. Eu vi isso, todo mundo viu, eu me entusiasmo e por isso tenho remorso de deixar a Congada. Enquanto eu puder, eu danço”.

A realização das congadas permitiu que práticas religiosas africanas se mantivessem vivas e há na Congada de Ilhabela, sempre dançada acompanhando os toques de tambaques e marimba (tipo de xilofone de madeira com seis teclas, que ressoam sobre cabaças e que são percutidas por baquetas) toda uma liturgia envolvendo os instrumentos, pois a sua utilização é uma questão de fundamento (CARDOSO, 1982).

Foi entre os povos bantus que os primeiros viajantes encontraram na África os tambores falantes, isto é, os toques de tambor codificados de modo a constituírem mensagens. Mukuna afirma que entre os povos africanos da zona de interação Zaire/Angola o tambor de fricção tem usos específicos: em Angola, parece estar associado principalmente a cerimônias mágicas; entre os kubas, ele recebe valor místico e toca escondido dos demais participantes do ritual; na sociedade bakongo, o som do instrumento representa a voz dos mortos; e entre os lubas há instrumentos que de modo algum são utilizados para outro evento ou propósito senão aquele determinado pelo fato de pertencerem a diferentes usos cerimoniais (CARDOSO, 1982, p.40-41).

Os tambaques e a marimba da Congada de Ilhabela só podem ser tocados exclusivamente nos ensaios e durante a apresentação da Congada

Tabaque e marimba são feitos pelo próprio Rei, segundo preceitos específicos que, entre outras normas, estipulam medidas e qualidades de madeira empregadas. A feitura do arco da marimba, que possibilita ao tocador mantê-la presa às pernas, denota transferência de antiga tecnologia africana: a madeira é pouco a pouco vergada ao calor do fogo. Essa é a única marimba em uso de que se tem notícia no Brasil. Os instrumentos devem ser sempre guardados na casa do rei, de ano para ano. Perguntado sobre o porque de não utilizarem instrumentos fora do ritual, o rei de Congo Manuel Ciríaco revelou que : “Só tocam na Congada porque é mistério (CARDOSO, 1982, p.39).

Sobre os tambaques, Corrêa (1981) faz uma descrição detalhada dos instrumentos e de como eram manufaturados. Segundo a autora eles revelam aculturação africana yoruba e assim como a marimba estes instrumentos foram substituídos em 1979, por outros com as mesmas características. São assim descritos pela autora::

São de forma e dimensão diferentes, na característica de tambor cônico, a revelar a aculturação africana yoruba. O menor, surdo, com 0,79 m de altura e 0,31 m de diâmetro, na boca, é um tambor de suporte e tem a aparência de um cálice; o maior, repique, com 0,90 m de altura e 0,31 m de diâmetro na boca, assemelha-se a um copo ou vaso. São conhecidos como o “grande” e o “pequeno” e pintados à mão, de azul e vermelho, em listras verticais; dizem que é “para ficar mais bonitos e conservar a madeira”. Ambos são feitos de tronco de árvore escavado e vieram da ilha de Búzios. Na extremidade de maior dimensão, é fixado, com pregos, um couro de boi. Hoje em dia, na dificuldade de se encontrar couro cru, compra-se o couro nas lojas especializadas em São Paulo. Há também um talabarte de couro, para que possam ser carregados com mais facilidade. Os tocadores tocam sentados, com o instrumento apoiado no chão. Batem com as mãos abertas, alguns usando luvas, atualmente (fig. 14). Estes instrumentos descritos foram substituídos, em 1979, por outros de características iguais por não terem sido cedidos pelo Rei Neco (CORRÊA, 1981, p. 57-59).

Corrêa (1981) diz que a marimba pertencente à família do Rei Neco, até 1978 utilizada na Congada de Ilhabela, tinha mais de 150 anos, segundo depoimento do Rei Neco, que afirmava que esta vinha do tempo do Rei Ventura, antes do Rei Paulino, seu pai. Anualmente as teclas que estavam gastas eram substituídas. A marimba usada no momento da escrita de seu livro, foi copiada da do rei Neco, e mantinha a mesma série de seis tabuletas. As teclas variam em função da qualidade das madeiras utilizadas, retiradas das matas da ilha.

Neco, em 1972, nos apresentou a marimba com as teclas nesta ordem: 1ª. canela, 2ª. peroba, 3ª. araribá, 4ª. canela preta, 5ª. jacataúba e a 6ª canela. Eram preparadas por ele com serra de fita e muitas vezes a madeira era aproveitada de antigos assoalhos de casas demolidas. Das extremidades do retângulo de madeira da marimba sai um arco, que é chamado “guaracipó”, de aiá, e que se prepara no fogo; põe-se a madeira perto do fogo e vai-se vergando devagarinho, enquanto está quente, até formar um semi-círculo. O arco é apoiado nas pernas do tocador, que executa o toque sempre sentado. Para executar, a marimba é fixada na nuca do tocador por meio de uma corda presa nas laterais. As teclas são percutidas por duas baquetas roliças com pontas arredondadas. Para as baquetas ou vaquetas qualquer madeira serve, desde que seja forte. Em geral é piquiá ou aiá, árvores fáceis de serem encontradas na ilha. Fazer uma marimba demora três a quatro dias... (CORRÊA, 1981, p. 55-57).

Cirino (2012) alerta que a relação da marimba com o contexto da Congada de Ihabela merece ser melhor discutida, como por exemplo, sobre os toques e ritmos que são nela executados e as possíveis relações da marimba com símbolos de poder.

Rei Neco se recusa a transformar a Congada em espetáculo para consumo turístico vinha tentando resistir às pressões a décadas, através de um silêncio pertinaz. Na década de 50 já havia se recusado a encenar a congada quando a Prefeitura quis que esta participasse das filmagens d’O Caiçara, também foi contra a apresentação da Congada em julho, para atrair turistas e não cedeu nem os instrumentos, nem a coroa desta feita. Como consequência seu irmão Benedito Silva foi colocado como rei e novos instrumentos foram feitos. Em 1978 seu ultimato de que não participaria da festa foi manipulado de maneira a alimentar um rompimento entre os dançantes, caracterizando-se sua posição como quebra das normas no interior do grupo. Diziam que o rei não tinha mais interesse na Congada e espalhou-se que havia se convertido ao protestantismo (CARDOSO, 1982).

A acusação da pretensa conversão do Rei ao protestantismo implicou no abalo de seu prestígio perante alguns congos que nela acreditaram. Trata-se no fundo de uma acusação grave, que implica em quebra de lealdade, uma vez que a Congada tem sido secularmente aliada ao catolicismo, fato relevante para a manutenção do evento. A manipulação desta acusação traduz um conflito pelo poder no interior do grupo de dançantes. Um dançante que mora no continente contou: “essa calúnia chegou até Santos”. Alguns congos atribuíram a posição do Rei aos reiterados convites para multiplicar as apresentações da Congada. [...] Circularam cartas e bilhetes. Em atitude muito comentada pelos caiçaras, instado a emprestar os instrumentos para a realização da Congada sem a sua presença, Manuel Ciríaco negou o empréstimo respondendo nas costas da carta que o solicitava: “palavra de Reis não volta atrás”. E assinou. Conta-se que pressionado, ameaçou rasgar os tambaques (CARDOSO, 1982, p.85).

Houve então uma movimentação de pessoas ligadas às instituições que financiavam e/ou possibilitavam as apresentações da Congada (Prefeitura, Igreja, Secretaria de Cultura) e com a composição das novas alianças o nome de um novo rei foi proposto: Benedito Geraldo dos Santos. Da mesma maneira que em 1956, foram feitos novos instrumentos e coroas de papelão foram usadas no lugar das antigas de metal dourado do rei e da Rainha que eram mantidas com a família real. Na Ucharia, suas portas foram ladeadas por 2 policiais (CARDOSO, 1982). A frase dita por Manuel Ciriaco expressa bem sua posição: “Se for o caso de passar a coroa, eu passo. Mas assim, sem uma conversa...” (CARDOSO 1982, p. 85).

A substituição do rei Neco ter acontecido sem obedecer aos preceitos usuais implicou na não transferência oral de alguns fundamentos da Congada ao novo rei. Além disso, conhecedor de todas as falas, rei Neco funcionava como um ponto, como aquele que ajuda a lembrar as falas, já que ele dizia baixinho aos congueiros o início de suas estrofes, formando a ordem a ser seguida. Ainda que Bendito Geraldo dos Santos, que passou a ocupar o lugar do Rei ,se esforçasse para ampliar seus conhecimentos a respeito da Congada, até 1981, ele não sabia o texto completo, o que acarretou em uma modificação do texto, redução das falas e no tempo de apresentação e a perda de parte de sua força ritual negra. As consequências dessa nova situação estendem-se. Em 1981 não houve lanche nem baile informal na colônia dos pescadores, o número de dançantes não totalizou 30 congueiros e o público no domingo à tarde não somava 100 pessoas e o que era inadmissível no tempo do rei Neco e de sua família aconteceu: um fidalgo dançou com o uniforme incompleto. De acordo com Cardoso (1982, p.89), Rei Neco expressou sua opinião sobre as apresentações da Congada a partir de 1978, com a seguinte frase: “A cópia de uma carta não é uma carta”.

Com toda esta situação em 1981, a organização da Congada se encontrava sendo exercida pelo Conselho da igreja (que correspondia aos antigos festeiros da igreja) e pela Comissão de Festas da Congada, denominada pelos congueiros como comissão de rua e muitas das decisões que anteriormente estavam sob a esfera de influência da família do rei de congo deslocaram-se para setores ligados à Igreja, Prefeitura e Secretaria de Cultura do Estado. Ainda que o número de apresentações não tenha se multiplicado, houve ocasiões as quais os trajes dos congueiros foram levados para uma exposição em São Paulo (CARDOSO, 1982).

Em Ilhabela o que o devoto obtém do santo, depende da relação que este mantém com ele e é crença quase generalizada que o santo atende especialmente aos congueiros (CARDOSO, 1982). Corrêa (1981) nos revela que os devotos vinham de todos os lados da ilha e que a festividade era ocasião de ostentação e mostra de poder econômico.

Era ocasião também para ostentação dos mais afortunados, como os donos de barco de pesca de sardinha, ou sócios das redes, moradores nas praias do Pinto e da Armação. Estes e mais alguns potentados da sociedade local eram escolhidos como festeiros e gastavam liberalmente na sua preparação, na compra dos fogos e também nos lances altos com que se destacavam nas barracas de leilão. Estas festas constituem, hoje, como ontem, centro de atração para encontros de amigos e conhecidos. Para mostrar a fé no santo, dão esmolas muitas vezes acima de suas posses (CORRÊA, 1981, p.27).

Todos os congueiros que tomavam parte dela o faziam por devoção religiosa, ainda que ter um papel na Congada seja tido pelos caiçaras como algo sagrado que confere importância na vida cotidiana, e tal participação se dava de distintas maneiras: dançando, confeccionando espadas, ajudando no preparo da comida ou trabalhando com as barracas na quermesse. Durante os anos da existência da Congada, houveram algumas interrupções em suas apresentações. Nos anos de 1935 e 1936 a Congada foi interrompida pela primeira vez, por iniciativa dos próprios congueiros, devido à morte do rei Paulino, sendo reiniciada em 1937, a pedido de sua viúva Eva Esperança Silva, para que seu filho Neco substituísse o pai. De 1937 a 1978 Neco só não foi Rei por dois anos, devido a um desentendimento familiar, sendo neste período, substituído por seu irmão Benedito Silvestre, falecido em 1979. A partir de 1978 foi substituído como rei por Benedito Geraldo dos Santos – Dito de Rosa, que naquele momento era o Secretário. Dito de Rosa era o único conhecedor de toda a fala do rei. Ao Dito de Rosa assumir o trono foi interrompida a sucessão ao trono por herança, conforme apresentado anteriormente. Entre 1944 e 1956 a Congada foi radicalmente interrompida por padres do Convento de São Francisco (em São Sebastião), responsáveis pela paróquia de Ilhabela naquele momento e que consideravam impróprias as vestes dos congos e que estes usassem medalhas de santos como ornamento em suas roupas (Corrêa, 1981).

A Congada de Ilhabela retorna em 1956, com cerca de 50 pessoas e neste ano o livro Tombo da Igreja Matriz. Corrêa (1981) registra em seu livro:

Havia muito povo, tanto da ilha como de fora. Explica-se esta afluência tanto pela grande, ainda que superficial, devoção a São Benedito, como pela reintrodução na festa da tradicional Congada de São Benedito, a qual a vários anos não se tinha realizado.

Em 1964, o mesmo livro de Tombo diz: “esta festa é para o povo de Ilhabela a principal, pois é muito mais concorrida do que a festa da Padroeira. A Congada, que todos os anos nesta festa vem animar o povo desta paróquia, quase não saiu este ano porque vários elementos cabeças da Congada estão filiados à Umbanda, chamado aqui comumente pelo nome de Saravá (CORRÊA, 1981, p. 39).

Em 1972 o número de participantes era 35 e por volta de 1980 era, em média, 45 pessoas, com idades que variam entre 5 e mais de 70 anos.¹⁵ De acordo com informações por ela recolhidas em entrevistas, anteriormente este número chegava a cerca de 200 (CORRÊA, 1981).

A festa de São Benedito já foi organizada pela confraria de São Benedito (extinta por autoridade religiosas), e posteriormente pelo Conselho Paroquial, que se incumbia da parte religiosa e da quermesse (que destinava sua renda para as obras de conservação e restauração da igreja matriz). Com a extinção da irmandade aumentam as pressões da hierarquia eclesiástica. Impedida de acontecer na década de 40, a Congada retorna em 1956, pois devido ao interesse em atrair turistas, a prefeitura e algumas pessoas gradas da cidade promoveram a sua volta, sendo a festa realizada em julho, de maneira a coincidir com a temporada turística. Ao perceber que com a volta dos congueiros a festa de São Benedito atrai maior número de fiéis e conseqüentemente maiores lucros, tornou-se a admitir a entrada dos congueiros no interior da igreja, voltando assim a Congada a acontecer anualmente nas ruas de Ilhabela. Entretanto esta aceitação veio acompanhada de atitudes coercitivas que iam desde dificultar a preparação do andor até a repreensões aos congueiros durante os sermões que podiam substituir a missa na ocasião da festa. A partir da década de 1970, Prefeitura Municipal e a Secretaria do Estado começam a destinar algumas verbas ao evento (CARDOSO, 1982). Atualmente, apenas a Prefeitura Municipal de Ilhabela dá algum tipo de apoio financeiro.

Em Ilhabela a família do Rei de Congo ocupou o lugar de destaque na Irmandade de São Benedito, que se responsabilizou pela coordenação da Congada. Mesmo após a sua extinção pela igreja, a Congada persistiu nas ruas cantando deuses e antepassados, e evocando histórias de guerras africanas. As congadas de fato traduzem um modo específico de resistência cultural, na medida em que negros, descendentes e brancos empobrecidos continuam, através dos tempos e apesar das pressões, reunindo-se e veiculando esta forma de produção cultural popular. O Rei de Congo Manuel Ciríaco atribui essa longa resistência justamente aos segredos que a envolvem, por ele guardados ou divulgados nas circunstâncias que julga conveniente. Indagado sobre a eficácia e finalidade da representação, uma vez que os congos e o público não dominam todos os conhecimentos por ele preservados, o Rei diz que a Congada serve para não esquecer, para lembrar (CARDOSO, 1982).

A festa durava três dias (envolvendo quermesse e parte religiosa), haviam missas no sábado e no domingo (que era cantada) e, na segunda-feira era realizada uma missa pelos

¹⁵ Não me parece que ela considere os participantes da ucharia

congueiros falecidos. Seus participantes eram em sua maioria pescadores, mas já haviam neste momento comerciários, marceneiros, empregados de hotéis e restaurantes, etc. e já se percebia que a profissão por eles abraçada poderia dificultar sua participação devido ao horário de trabalho nos finais de semana. Não havia restrições para ingresso e participação dos novatos, que começavam no Congo de Baixo, não havendo número fixo para estes (CORRÊA, 1981; CARDOSO, 1982). Hoje em dia a festa se inicia na sexta-feira, com o Levantamento do Mastro e se encerra no domingo com uma procissão.

Os personagens da Congada são o Rei e o Embaixador (filho desconhecido do Rei e líder do congo de baixo), príncipe, Secretário, Fidalgos e Cacique de Cima (soldados do Rei), Congos de baixo e Cacique de baixo (soldados do embaixador), Cacique de cima e Rainha. De acordo com CARDOSO (1982), a única mulher é a Rainha, a quem não é atribuída nenhuma fala e cabe apenas ostentar dignidade durante os bailes, sentada ao lado do Rei. Em sua maioria os congueiros são oriundos de camadas de baixa renda da população. No período observado por Corrêa (1981), havia uma tentativa por parte do Rei de controlar os congos e fidalgos nos dias da festa (para não beber, por exemplo) e seu reinado se encerrava com sua morte, transmitindo o posto por herança. Não há menção por parte da autora se isso acontecia por uma atitude zelosa por parte do rei ou se por causa de restrições que os congueiros recebiam por parte da sociedade local quanto às maneiras de se distribuir e se comportar pela cidade nos dias de festa, já que estes não eram espaços usualmente ocupados por eles. O Embaixador representa um dos filhos do rei que foi educado por pagãos e a figura da rainha é apenas decorativa, sendo trocada todos os anos: “[...] Deve ter entre 12 a 14 anos, e ter corpo de moça e não precisa ser preta, de preferência cabelos compridos” (CORRÊA, 1981, p.47). Até 1943, a Rainha era coroada em uma missa onde ela recebia a coroa do sacerdote. Não há na Congada de Ilhabela da Rainha Ginga, que aparece em algumas congadas.

Corrêa (1981) relata em seu livro que de acordo com depoimentos no tempo do Rei Paulino, na década de 40, aproximadamente, haviam a coroação do rei e da Rainha pelos padres. No que se refere às vestimentas Corrêa (1981) diz ser possível notar-se a influência de fatores sociais e econômicos locais nas vestimentas dos congueiros. Independentemente de sua posição ou papel por eles representados, estes devem comparecer vestidos de acordo com a tradição, com roupas e ornamentos que são usados apenas nos dias da festa, mas por vezes não podem comprar a calça branca ou sapatos (conga) indispensáveis para a exibição. Antigamente se apresentavam descalços, mas com o calçamento da cidade não é mais possível, devido ao calor das pedras e cimento.

Sobre o traje do Rei, sua descrição nos diz que esta:

é composta de “calça branca com friso azul claro dos lados, congá e meias brancas. Sua camisa tem mangas comprida, feita de cetim ou lamê (fazenda brilhante), azul claro, enfeitada com franjas brancas e cordões dourados. Na cintura, um cordão chamado “banda”, que lembra a cinta dos oficiais de exército. Cobrindo as costas, há um manto cor de rosa, de cetim, com sobrecapa da mesma cor enfeitado com franjas e galões dourados. No ombro esquerdo estão pendurados laços de fitas coloridas, caindo até o chão. Em 1976, foi feito novo manto para o Rei, obedecendo às mesmas características do antigo, como desejava o Rei Neco. Sobre a cabeça, o Rei leva uma coroa. A usada pela família do Rei Neco era de cobre, dourada todos os anos, toda trabalhada, herança de outros Reis, forrada de cetim rosa, que era sempre renovado e também trazia enfeites de cordões portugueses de ouro lavrado, pertencentes outrora à família (fig. 8), que atualmente são substituídos por bijuteria dourada. Quando o Rei Dedé substituiu por 2 anos o Rei Neco, foi feita nova coroa pelo escultor Oliani, pois apesar de serem ambos da mesma família não foi admitido o empréstimo. Em 1978, o Rei Neco foi substituído por Dito Rosa e a família não cedeu a coroa, novamente foi feita outra [...]. Ao acompanhar a procissão o Rei leva a coroa na mão. O Rei leva uma espada, que também no passado era um instrumento elaborado e de tradição de família (CORRÊA, 1981, p. 48-49).

Já a Rainha deve usar um vestido longo simples de cor rosa ou azul, sem enfeites, sapatos pretos, não possui capa ou manto e seu vestido não pode ser branco. A Rainha costumava levar uma pequena coroa de prata, que “[...] conta estar há mais de 150 anos participando da Congada e que pertence à família do Rei Neco” (CORRÊA, 1981, p. 50). Após a saída de Neco, a coroa não foi cedida e comprou-se uma nova. Sobre o traje dos fidalgos do Rei, a autora relata que anteriormente as capas e sobrecapas não eram de tecidos estampados, mas liso e em cores fortes. Isso pode ser observado abaixo na tela “Congada” de Waldemar Belisário, na qual de acordo com Marcondes (2013), “[...] o pintor manifesta a religiosidade presente entre os moradores de Ilhabela” (p. 135). Apresenta-se aqui, uma outra perspectiva para os pés descalços: “[...] Uma detalhada composição de congueiros ‘descalços’ transforma-se no elemento simbólico da festa. Nos traçados da igreja centrada na vila segue-se a fileira de casas que hoje abrigam sofisticados estabelecimentos comerciais” (MARCONDES, 2013, p. 135).



Figura 8 Congada. Obra de Waldemar Belisário. Extraído de Marcondes (2013, p.39).

Ainda tratando dos trajés e capas dos Fidalgos (congueiros vestidos de azul) e dos Congos do Embaixador (vestidos com vermelho) Corrêa (1981) diz que estas eram bem compridas e que isso obrigava os congueiros a dançar segurando-as o tempo todo com a mão esquerda. Além disso,

Com o empobrecimento, as espadas antigas, em grande parte foram vendidas, usando-se, atualmente espadas de madeira, feitas pelos próprios congos ou as de plástico colorido e ainda espadas de ferro da extinta Congada do Bairro de São Francisco, em São Sebastião, ou as de oficiais das Forças Armadas, cedidas por empréstimos (CORRÊA, 1981, p. 52).

Apesar disso, a Congada chega aos dias de hoje com muitas características originais no que se refere às falas, música, trajés ou representação.

A Ucharia é apresentada por Corrêa (1981) como depósito de comestíveis ou despensa da casa real que em Ilhabela se traduz como o espaço organizado para o preparo, serviço e degustação dos alimentos pelos congueiros, suas famílias, ou convidados durante a festa, gratuitamente. No período observado pela autora os recursos para a Ucharia ficavam a cargo dos festeiros, que não são os mesmos que da festa religiosa, recolhendo-se o dinheiro normalmente por listas de contribuição. A autora nos fala que antigamente era comum os

devotos doarem porcos, aves e até bois, mas no período observado esta prática não mais acontecia devido às alterações ocorridas nas atividades tradicionais caiçaras e na década observada (1972-1981) tudo ou quase tudo é comprado por verba disponibilizada pela prefeitura local ou Secretaria da Cultura do Estado (CORRÊA, 1981).

Neste período a Ucharia era localizada na Colônia dos Pescadores, no centro urbano de Ilhabela, mas foi deslocada para outro lugar em dois momentos, porém retornando ao mesmo ponto.

A Ucharia era de responsabilidade do Rei de Congo e sua família ficava encarregada da organização/distribuição dos serviços, pousando no local¹⁶. Com a destituição do rei Neco, a Ucharia que era dirigida por sua irmã Guiomar, passou a ser dirigida por Pedro Tuteca e o Rei Benedito Rosa.

Camargo (2011) traz o seguinte relato sobre a Ucharia

Ucharia é onde os congos comem. Congos e povo, não só os congos. Uma é da família do Rei e outra é da família do Embaixador, era separado. Então, tinha um dia que o rei dava o almoço e no outro dia era a família do Embaixador. Oferecia o almoço para o povo. Depois não sei explicar o que aconteceu, meu pai morreu, juntou tudo numa só. Hoje, todos comem em um lugar só (CAMARGO, 2011, p. 100).

No passado, as doações eram feitas pelos devotos e festeiros e era comum os a doação de aves, porcos, entre outros alimentos. A comida antigamente era preparada nos “tacuruba”, que são fogões que são montados assentando grandes painéis sobre três pedras dispostas mais ou menos de forma triangular no solo, colocando-se lenha e fogo na área central das pedras. Na cozinha só trabalhavam mulheres, e os homens eram encarregados das funções mais pesadas como cortar lenha, carregar mesas e bancos etc. os alimentos que sobravam eram doados entre os que ali trabalhavam.

A forma de estruturação dos tacurubas na Ucharia de São Benedito de Ilhabela se aproxima muito do descrito por Tedla (1995) quando a autora apresenta que para os africanos, a maior coisa na vida é a própria vida e esta crença é expressa em diversos modos, seja por meio do nome das pessoas, formas de saudação ou provérbios. Discorrendo sobre o povo Ewe, a autora nos traz que:

¹⁶ Desde a saída do rei Neco a Ucharia não é mais responsabilidade da família do rei em exercício.

A expressão, “*Eo enye agbe*” que significa "três coisas que fazem a vida, revela a essencialidade da Vida, o "Três" nessa expressão é um número sagrado e representa as três pernas do tradicional fogão africano que são colocadas separadamente na forma de um triângulo isósceles: Observa-se que uma panela é capaz de manter o equilíbrio nas três pernas do fogão, mas nunca em dois ou um. A panela neste simbolismo representa a vida e o fogão de três pernas é sua fundação. O significado do simbolismo é que a vida que é aceitável e desejável é a que tem sido firmemente ancorada ou tem uma base forte. Esta é a vida que vale viver. Qualquer coisa que seja feita para manter este tipo de vida é bom e desejável (Dzobo, 1976, p. 78).

Essas expressões ou crenças Ewe também são encontradas entre os Amara da Etiópia, que usam a expressão *sost gulich* (três pernas de pedra do fogão africano) para referir-se a manutenção do equilíbrio e integridade, bem como para significar independência, como quando alguém começa uma vida em casa própria ao casar (TEDLA 1995, p.29).¹⁷



Figura 9: Tacuruba (tipo de fogão montado na Ucharia de São Benedito. Fonte: Biblioteca Municipal da Estância Balneária de Ilhabela "Dr. Renato Lopes Corrêa").

As refeições servidas eram o jantar na sexta-feira, quando da chegada da maioria dos participantes e geralmente se servia macarronada, no sábado servia-se aos congueiros o café da manhã com pão, leite e manteiga e há almoço e jantar onde podia ser servido carne picadinha com batata, cenoura, arroz, feijão, farinha de mandioca e salada, como no ano de 1980. No domingo, a refeição é mais variada, e servia-se carne assada, arroz, feijão, macarronada, salada com maionese e, no jantar, uma canja. Muitos congos por não terem onde ficar dormiam na Ucharia em esteiras ou mesmo no chão (CORRÊA, 1981).

¹⁷ Tradução livre.

Em estudos mais recentes, Merlo (2000; 2005; 2011) através da história oral em seus trabalhos com caiçaras de Ilhabela e negros do litoral norte vem mostrando as faces ocultas e ampliando as vozes dos grupos marginalizados da região assim como Cirino (2012) que em trabalho etnográfico desenvolvido paralelamente com a produção do documentário Sobre a Congada de Ilhabela (2004-2010) e de um filme que faz uma releitura da história de São Benedito protagonizado totalmente por meninos da Congada de Ilhabela e seus familiares, negros e afrodescendentes da região vem conhecendo e se reapropriando de sua história familiar.

Cirino (2012) a partir de um estudo etnográfico, considera a Congada de São Benedito de Ilhabela/SP uma convenção resultante de várias indexações que vêm sendo produzidas por seus agentes ao longo dos últimos trezentos anos. Trata-se de uma representação de conflitos entre mouros e cristãos, em uma encenação que ao mesmo tempo em que fala de guerra se apresenta em um contexto festivo. No município é bastante significativa a devoção ao São Benedito, que é expressada de diversas maneiras ao longo do ano, mas esta tem sua expressão pública máxima durante a Festa de São Benedito. Para o citado autor, a partir dos elementos expressivos que são utilizados na Congada, produzem-se formulações nas quais é possível vislumbrar aspectos na Congada que se conectam com o universo africano. Entretanto Cirino (2012, p.28) nos alerta que:

a despeito dos elementos expressivos (como a música, a dança e as cores) com possíveis relações com tradições africanas ou afrobrasileiras – caráter mais evidenciado na literatura que trabalha as questões de resistência cultural, sincretismo e hibridismos –, o modelo de congada que apresenta o complexo “Cristão versus Infiéis” possui uma procedência ligada aos projetos de missionação católica no Brasil, notadamente os jesuítas. Mesmo representando em seu drama estético episódios de dramas sociais no Congo e em Angola, espraia-se em desdobramentos aqui no Brasil refletindo também dramas sociais locais.

O caráter cristão do conteúdo da Congada se apresenta e se reafirma na conversão do Embaixador, porém isso se dá através da manipulação de expressivos elementos do universo afro-brasileiro. O autor também destaca a função do ritual das estruturas sonoras (especialmente a marimba utilizada pelo grupo) e como sua função ritual projeta ao instrumento a ideia de insígnia de poder já que através do instrumento se dá a produção de “[...] expressões do culto aos ancestrais e da devoção a São Benedito. Nesse sentido, a marimba não é algo acessório e complementar aos discursos e cantos. Para além do

instrumento e sua materialidade, os sons que se produzem nela são, em si, mais que indícios, são índices que evocam uma expressão da devoção” (CIRINO, 2012, p.291).

Cirino (2012, p.37) também nos alerta para a questão turística em Ilhabela, pois o apelo turístico na região é muito forte. Influenciado por uma acepção folclórica da Festa de São Benedito e por conseguinte da Congada faz com que o poder público nãoa reconheça como manifestação religiosa, mas sim como mais uma atividade a compor a “Semana de Cultura Caiçara”. A Festa de São Benedito em Ilhabela, fazendo com que se confunda “religião com folclore, mas tal “domesticação” envolve também um processo que equipara e toma como sinônimos dois termos cuja equivalência é duvidosa: cultura negra e cultura caiçara”.

Santos (2007) que participa da Congada desde seus 2 anos de idade nos diz que Congada é uma tradição com profundas raízes na religião e na memória de seus ancestrais, tradição esta que é transmitida oralmente de pai para filho. Comemorada sempre no terceiro domingo do mês de maio, está presente nos hábitos e costumes dos moradores mais antigos.

A presença dos participantes descendentes dos devotos que outrora faziam parte da manifestação também vem reforçar a tradicionalidade da festa, além de identificar algumas famílias que mantêm até quatro gerações envolvidas no evento como famílias tradicionais da congada.

A preservação da tradicionalidade é de suma importância para que se possa dar continuidade à realização de manifestações que apresentam valores intrínsecos, como é o caso da festa de São Benedito de Ilhabela com a realização da congada, estando presentes a transmissão de conhecimentos, costumes e hábitos que caracterizam a cultura popular (SANTOS,2007, p.63).

A seguir, apresento a trajetória metodológica utilizada para desvelar a percepção de participantes na Congada de São Benedito.

7 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Pesquisar a partir de Práticas Sociais e processos educativos e de Motricidades do Sul torna necessária a busca por trajetórias metodológicas que atendam tanto aos princípios éticos que regem essas linhas de trabalho quanto as especificidades dos múltiplos temas de pesquisa, assim como que nos tornemos vigilantes epistemológicos, ou seja, que não aceitemos como prontos e determinados os procedimentos metodológicos, mas sim que o tratemos de “[...] reelaborá-los historicamente em cada contexto. Não transplantá-los mecanicamente. A história de um método (= caminho) só pode ser ‘contada ao finalizar a pesquisa’. A direção tomada inicialmente é sempre provisória” (GADOTTI in GADOTTI *et al*, 1995, p. 14).

Falar sobre a construção de conhecimento científico a partir da investigação de práticas sociais de grupos marginalizados e suas ações educativas, ou seja, da realidade dos sujeitos, significa falar também de suas dimensões políticas, pois se assume que há, na marginalização destes grupos, o estabelecimento de uma hierarquização de poder e das formas de ser e saber. Reconhecer esta dimensão política é um possível ponto de partida para a transformação, para o educar-se, posto que esta pode estar implicada na tomada de decisões que influenciam nas relações de autoridade e poder entre grupos de pessoas e consequentes formas de resistência ou desistência.

Entretanto mais do que reconhecer que tais práticas produzem conhecimento é preciso tê-las como válidas, pois como bem nos alerta Santos (2010) o reconhecimento da diversidade cultural não implica necessariamente em um reconhecimento e valorização da diversidade epistemológica do mundo. Tal reconhecimento só é possível quando há por parte do/a pesquisador/a uma ação comprometida com os conhecimentos abordados pelo grupo social, em relação ao tema, no caso deste estudo, a Congada de São Benedito no município de Ilhabela, de maneira que cada vez mais pessoas conheçam as posições e entendimentos dos sujeitos envolvidos no processo da pesquisa.

Isso significa constituir uma comunidade de trabalho a partir de objetivos comuns e que “[...] ultrapassam a ordem do pessoal, se situam e enraízam em compromisso com a construção de uma sociedade justa que garanta iguais direitos e tratamento diverso para diferentes condições, circunstâncias, oportunidades sócio-histórico-sociais” (SILVA; ARAÚJO-OLIVEIRA, 2004, p. 2).

A comunidade de trabalho, neste caso, tem uma amplitude que permite transitar do espaço acadêmico à sociedade e desta àquele, reconhecidos cada

um deles como legítimo em suas diferenças, especificidades, funções. A sociedade, a assumimos como rede de relações objetivas que nos envolve e a todos conforma enquanto pessoas, cidadãos. Tais relações garantidas por estrutura hierárquica de poder e influência, que classifica as pessoas em níveis de superioridade e de inferioridade, excluem pessoas de seus direitos e de sua humanidade, tentando impedi-las de assumi-los. A academia no seio destas relações produz e divulga conhecimentos que, na nossa experiência de América Latina, mais tem servido para legitimá-las do que superá-las, transformá-las em humanas e justas (SILVA; ARAÚJO-OLIVEIRA, 2004, p. 2).

Estabelece-se aí reconhecimento da diversidade epistemológica o que implica que a ação do/a pesquisador/a não termina com a ação direta da coleta de dados com os participantes de sua pesquisa. Estabelece-se uma relação dialógica, uma ecologia de saberes que “[...] baseia-se na ideia de que o conhecimento é interconhecimento” (SANTOS, 2010, p.53) e “interignorâncias”.

Na ecologia dos saberes cruzam-se conhecimentos e, portanto, também ignorâncias. Não existe uma unidade de conhecimento, como não existe uma unidade de ignorância. As formas de ignorância são tão heterogêneas e interdependentes quanto as formas de conhecimento. Dada essa interdependência, a aprendizagem de certos conhecimentos pode envolver o esquecimento de outros e, em última instância, a ignorância destes. Por outras palavras, na ecologia de saberes, a ignorância não é necessariamente um estado original ou ponto de partida. Pode ser um ponto de chegada. Pode ser o resultado do esquecimento ou desaprendizagem implícitos num processo de aprendizagem recíproca. Assim, num processo de aprendizagem conduzido por uma ecologia de saberes, é crucial a comparação entre o conhecimento que está a ser aprendido e o conhecimento que nesse processo é esquecido e desaprendido. A ignorância só é uma forma desqualificada de ser e de fazer quando o que se aprende vale mais do que o que se esquece. A utopia do interconhecimento é aprender outros conhecimentos sem esquecer os próprios... (SANTOS, 2010, p. 56).

A produção deste interconhecimento e reconhecimento de ignorâncias significa investigar não só a experiência das pessoas, mas a minha também, já que no decorrer da pesquisa minha atuação não se limita a aplicar este ou aquele método ou instrumento de coleta de dados, posto que apesar de ter uma outra experiência de mundo que me permite interpretar a Congada de forma por vezes distinta (no caso deste estudo, vivo na mesma cidade, frequento espaços que nos são comuns, trabalho na Ucharia etc.), estou mergulhada em alguma medida no mundo-vida destas pessoas mais do que me aproximar da realidade dessas pessoa com o intuito de pesquisar, eu também faço parte dela.

Ou seja, ainda que investigadora, considero que sou parte da Congada. Desde o momento em que ouvi falar sobre a Congada pela primeira vez, desde o momento em que conheci a mesma e que tive minha curiosidade despertada a ponto de pensá-la como projeto de pesquisa, eu influencio e sou influenciada pela Congada. Se eu não houvesse sido influenciada ao ouvir a professora que me chamou a atenção sobre a existência e importância da Congada, ao assistir aos bailes pela primeira vez, ao participar da Ucharia, ao estabelecer laços pessoais, ao ouvir a crítica de uma criança ante a ideia de que eu ao chegar no espaço da Ucharia estaria apta a substituir sua família, sem problemas, na transmissão de alguns ensinamentos, assim como ao estranhamento de uma outra criança ao meu questionamento sobre o que ele viria a ser, que me fez pensar sobre o que é ser congueiro, esta pesquisa não existiria. Desde o início deu-se um processo de conscientização sobre quem somos e qual os lugares por nós ocupados nesta relação, que é interpretado pelas distintas pessoas que integram o grupo no qual estou inserida; percebo e interpreto e sou consciente de que também estou sendo continuamente percebida e interpretada pelos outros/as participantes.

É importante que seja destacado que o visto não é percebido de maneira isolada, mas em uma região de fenômenos percebidos. Forma-se um campo de percepção, onde estão presentes o fenômeno posto em foco e outros co-percebidos. Sujeito e fenômeno estão no mundo-vida juntos com outros sujeitos, co-presenças que percebem fenômenos. A co-participação de sujeitos em experiências vividas em comum permite-lhes partilhar compreensões, interpretações, comunicações, desvendar discursos, estabelecendo-se a esfera da intersubjetividade. Esta é *dificultada* e ao mesmo tempo *facilitada* pela linguagem, veiculadora de discurso (BICUDO, 1994, p. 19)

Merleau-Ponty (1996) nos diz que a linguagem exerce um papel essencial na percepção do outro, por isso neste estudo o diálogo foi sempre considerado fundamental, pois:

Na experiência do diálogo, constitui-se um terreno comum entre outrem e mim, meu pensamento e o seu formam um só tecido, meus ditos e aqueles do interlocutor são reclamados pelo estado da discussão, eles se inserem em uma operação comum da qual nenhum de nós é o criador. Existe ali um ser a dois, e agora outrem não é mais para mim um simples comportamento em meu campo transcendental, aliás nem eu no seu, nós somos, um para o outro colaboradores em uma reciprocidade perfeita, nossas perspectivas escorregam uma na outra, nós coexistimos através de um mesmo mundo. No diálogo presente, estou liberado de mim mesmo, os pensamentos de outrem certamente são pensamentos seus, não sou eu quem os forma, embora eu os apreenda assim que nasçam ou que eu os antecipe, e mesmo a objeção que o interlocutor me faz me arranca pensamentos que eu não sabia possuir, de

forma que, se eu lhe empresto pensamentos, ele em troca me faz pensar (MERLEAU-PONTY, 1996, p. 474-475).

Com base no apresentado foi feita a opção da pesquisa qualitativa com trajetória metodológica inspirada na fenomenologia, modalidade fenômeno situado, na qual

A principal tarefa metodológica é a interrogação dos princípios gerais, segundo os quais o homem/sujeito organiza as suas experiências na vida cotidiana. O que se busca são os constructos que participam da experiência do senso comum do mundo intersubjetivo da vida cotidiana, ou seja, a compreensão das percepções da situação real existencial do sujeito (MACHADO, 1994, p.39-40)

Ainda que a fenomenologia por si mesma não se traduza em um manual, de imediato, isso não significa que não haja estratégias metodológicas que baseadas em alguns princípios que orientam esta investigação que possam ser utilizadas.

Considera-se a fenomenologia como um modo de investigação do mundo vivido, entendendo investigação como “[...] todo querer saber, querer compreender que se lança interrogante em direção àquilo que o apela, que provoca sua atenção e interesse” (CRITELLI, 1996, p.25-26). Nas palavras de Bicudo (1994, p.19), a fenomenologia interroga “[...] o que é experienciado pelo sujeito voltado atentivamente para o que se mostra. A realidade é o compreendido, o interpretado, o comunicado. É, portanto, perspectival, não havendo uma única realidade, mas tantas quantas forem suas interpretações e comunicações”.

Garnica (1997, p. 111) diz que o sujeito por conviver com as coisas as quais interroga e atribuir significados, “[...] seleciona o que do mundo quer conhecer, interage com o conhecido e se dispõe a comunicá-lo”.

Consideremos, entretanto, que a análise fenomenológica não se encerra na descrição do subjetivo, como poderiam argumentar alguns. A mediação pela linguagem, sempre presente, e o “viver-com” - intersubjetivo -, permitindo a compreensão e interpretação de um discurso que não é o nosso próprio, colocam a análise conduzida pela fenomenologia como abrangendo o histórico e o social, pois encontros e mediações ocorrem temporal e contextualizadamente (GARNICA, 1997, p. 116).

Entende-se assim a fenomenologia como uma reflexão sobre o fenômeno, pois “Não nos interessam os fatos, interessam os sentidos deles” (ALES BELLO, 2006, p. 18):

O nosso problema é: o que se mostra como se mostra. Quando dizemos que alguma coisa se mostra, dizemos que ela se mostra a nós, ao ser humano, à pessoa humana. Isso tem, grande importância. Em toda a história da filosofia sempre se deu muita importância ao ser humano, àquele a quem o fenômeno se mostra. As coisas se mostram, a nós. Nós é que buscamos o significado, o sentido daquilo que se mostra (ALES BELLO, 2006, p. 18).

Em outras palavras a fenomenologia interessa-se pela expressão da experiência do sujeito para, a partir daí, desvelar o fenômeno interrogado, pois considera que só se pode compreender o ser e o mundo a partir de sua facticidade (MERLEAU-PONTY, 1996). O fenômeno é, portanto, perspectival. O primado é da percepção de nossas vivências, do mundo vivido e é a partir disso podemos compreender que há uma relatividade no conhecimento dados os infindáveis modos de ser e de experienciar o mundo, “[...] visto que a vida humana está em perpétuo deslocamento. Viver com os homens é jamais alcançar qualquer fixidez” (CRITELLI, 1996, p. 16).

Pesquisar utilizando a fenomenologia exige coerência e rigor, condizentes com as opções filosóficas, políticas e sociais assumidas, envolve mudanças em nossa vida cotidiana e traz a necessidade da percepção de que a pesquisa não pode ser estabelecida como verdade absoluta e eterna, pois esta é mutável e relativa. Ao sujeito, na fenomenologia, não há possibilidade de objetivação, o que há é um encontro de subjetividades, de perspectivas distintas, portanto como investigadora sou uma perspectiva a mais. Assim sendo, minha investigação não será a única história possível acerca do fenômeno, considerando que os significados de um dado fenômeno são consolidados a partir do exercício da intesubjetividade. Investigar a partir da fenomenologia é assumir uma transformação constante, uma eterna possibilidade de transcendência para todos os envolvidos; é saber que ainda que eu e os/as participantes envolvidos/as saibamos como somos ao iniciarmos o processo investigatório não temos ideia de como sairemos, o que viremos-a-ser.

Assim sendo, o pesquisar mais do que conhecer ao outro se apresenta como uma possibilidade de conhecer-nos, pois este “[...] movimento que busca compreender, ampliar o conhecimento sobre o mundo, transformando-o, humanizando-o, é também movimento que busca compreender a si mesmo, num re-encontro com sua humanidade, com os seres humanos, seres no mundo” (OLIVEIRA *et al*, 2014, p. 129), ou seja é um ato de convivência no qual:

constrói-se confiança, valorizando as trocas de experiências de mundo, compartilhando saberes, fundando o respeito mútuo, permitindo relações sociais autênticas, de modo que os sujeitos envolvidos na pesquisa troquem experiências de vida e visões de mundo, no olho no olho, abrindo caminhos para a construção de um processo que seja libertador, humanizador (OLIVEIRA *et al*, 2014, p. 134).

Por conseguinte, os sujeitos envolvidos na pesquisa não podem ser reduzidos a meros objetos de investigação e nem tampouco as situações por eles vivenciadas em situações na vida cotidiana como se estas fossem imutáveis ou definitivas, pois o ser humano é histórico, ou seja, o próprio ser é inacabado e condenado ao estar-sendo, ao vir-a-ser.

Nas sociedades africanas, este vir-a-ser está fortemente relacionado com o que se aprende e se ensina através da motricidade e nas relações intergeracionais dos membros destes grupos, e pela constituição histórica e grupo de origem da Congada de São Benedito em Ilhabela, buscou-se como elemento fundante para a coleta de dados a participação daqueles/as que vivenciam o fenômeno Congada, integrantes da comunidade congueira, de diferentes gerações, em Ilhabela.

Ainda se considerando a constituição histórica e grupo de origem da Congada de São Benedito em Ilhabela, comunidade congueira é compreendida nesse estudo a partir de uma interpretação africana de comunidade, conforme apresentado anteriormente. Resumidamente dentro da comunidade as responsabilidades são recíprocas e a prioridade é a busca de um projeto no qual sejam consideradas e priorizadas situações que beneficiem à toda a comunidade e a cada um de seus membros, considerando a liberdade de cada um deles.

A escolha dos espaços dos bailes da Congada, a missa dos congos, apresentação e ensaios da Congada Mirim, Levantamento do Mastro, Meia Lua e da Ucharia, atualmente considerados integrantes da Festa de São Benedito, para a realização das inserções se deu pela minha percepção de que nestes espaços havia uma maior apropriação e representatividade por parte da comunidade congueira, visto que tais espaços sempre me foram aqueles a mim apresentados como os espaços de realização da Congada, em minha convivência com participantes da festa.

Em 2015, os ensaios da Congada Mirim se iniciaram cerca de um mês antes da Festa de São Benedito e se apresentou no dia do levantamento do Mastro, após o hasteamento da bandeira de São Benedito. As Meias Luas ocorrem nos sábados e domingos pela manhã, antes dos bailes e é o momento no qual São Benedito transita pela cidade e se vai anunciando o momento dos bailes da Congada, que acontecem pelas ruas centrais da Vila, centro histórico e turístico de Ilhabela, depois que o santo é devolvido para a igreja. No sábado pela manhã o

primeiro baile acontece na Rua da Padroeira, defronte ao antigo Fórum (atual sede do Parque Estadual) e do Cruzeiro (escultura em metal feita e doada por um dos congueiros); em seguida para a Avenida localizada ao lado da praça. Encerrados os bailes da manhã, é servido o almoço na Ucharia. Depois do almoço são dançados três bailes. A Ucharia nos anos de 2015 e 2016 aconteceu no salão paroquial da Igreja Matriz e algumas pessoas já começam a trabalhar na quinta-feira e encerraram sua atividade no domingo à noite. No domingo pela manhã, após a Meia Lua e a devolução do santo, acontece a missa dos congos. Terminada a missa é dançado o primeiro baile defronte o cruzeiro. Pela tarde repete-se a sequência de bailes, ainda que haja a possibilidade de não se repetir os locais onde ocorreram pela manhã. Depois do 3º. Baile de domingo, que acontece na rua São Benedito, os congueiros se dirigem para a Igreja para buscar o santo para a procissão, que faz quase que o mesmo percurso da Meia Lua. Em 2016 os ensaios da Congada Mirim foram cancelados e não houve a participação da Congada Mirim na festa, ainda que muitas crianças participassem da Congada adulta, como é costume. Minha inserção e convivência no grupo vem ocorrendo desde 2004 e ocorreu de forma lenta e por vezes descontinuada (onde fui em alguns momentos pesquisadora, plateia dos bailes, doadora de alimentos para a festa; por vezes trabalhei na Ucharia, prioritariamente no salão de fora, e por uma vez auxiliei na cozinha de dentro. A partir de 2015 minha inserção foi total (acompanhando o levantamento do mastro, todos os bailes, a meia lua, a missa dos congos e procissão) e em 2016, comecei minha participação na Ucharia na cozinha de fora por uma manhã e em seguida fui para a cozinha de dentro. A Ucharia se divide em vários espaços, ainda que todos inter-relacionados. Há o salão, onde se serve o almoço e que costuma ser o primeiro local onde aquele que chega para ajudar é colocado. Ali ajudamos a enfeitar o salão, organizar as mesas, servimos bebidas e sobremesas, retiramos pratos e talheres sujos das mesas, limpamos o salão, enfim, mantemos o salão bonito, limpo e organizado. No salão também a comida é servida, costumeiramente por mulheres que estão a mais tempo fazendo parte deste grupo. Um outro espaço é a cozinha de fora, onde os alimentos são cortados, picados, enfim, preparados para ir para as panelas onde são efetivamente preparados. Na cozinha de fora também são lavadas a maioria das panelas utilizadas e são assadas as carnes. A cozinha de dentro é o espaço onde trabalha uma menor quantidade de pessoas e que tem o acesso mais restrito e uma maior responsabilidade, já que é dali que sai a comida pronta. Em todos os espaços há sempre uma pessoa que coordena e elas estão o tempo todo em contato umas com as outras. Minha função na cozinha de dentro foi a ajudar a manter o espaço em ordem e limpo (lavando louça, organizando as doações) e auxiliar com o corte de alimentos

quando necessário (o mais próximo que cheguei das panelas foi para me servir, na hora do almoço daqueles que ali trabalhavam).

Com a aprovação projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFSCar, em Parecer Consubstanciado n.º 939.372 (v. Anexo I) iniciei a coleta de dados, a partir da realização de entrevistas, que tiveram seu uso autorizado pelos/as colaboradores/as da pesquisa através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (v. Apêndice III). Também foi realizado o registro de imagens em fotografias que são utilizadas neste estudo de forma ilustrativa.

Minha presença no grupo como pesquisadora foi formalizada e autorizada junto à Associação dos Congueiros (v. Apêndice IV). De uma maneira geral, não foi especificado inicialmente à todas as pessoas do grupo que minha pesquisa se referia a uma tese de doutorado. Nunca foi segredo que eu fazia ali uma pesquisa, mas devido a meus entendimentos iniciais sobre a comunidade, os quais apontavam uma dominância dos saberes acadêmicos sobre o saber da experiência, que poderia ser inibitória no estabelecimento de vínculos e no que se refere às suas respostas quanto à questão de pesquisa, enfatizei a minha posição de iniciante, de aprendente daquela prática ao fazer pesquisa com participantes da Congada, mais do que a de ser uma doutoranda. Percebi, em vários momentos, o estranhamento de algumas pessoas ao saber eu cursava o doutorado e haver ficado lavando louça e limpando chão, sendo eu era o que eles consideravam “tão estudada”. Quando tal estranhamento era expressado por parte das pessoas para mim, sempre com a informalidade e horizontalidade que o trabalho em conjunto acaba por propiciar, dialogamos sobre ele.

Como instrumentos de coleta de dados foram utilizadas entrevistas, neste estudo consideradas como a descrição da percepção do entrevistado/a com relação ao fenômeno, uma manifestação do ser, posto que há na descrição uma intencionalidade na existência do sujeito pois referem-se à experiências que este vivencia em sua existência (MACHADO, 1994).

As entrevistas foram realizadas com participantes de diferentes espaços e tempos da Congada. Para a realização das entrevistas, propriamente ditas segui alguns preceitos básicos:

1. No ato da entrevista propriamente dita eu e a pessoa a ser entrevistada já havíamos tido pelo menos uma conversa pessoal que nos permitiu um conhecimento mutuo anterior (houve apenas uma exceção, mas fui apresentada e indicada a esta pessoa por **Secretário** (um dos colaboradores da pesquisa) e conversamos por telefone anteriormente) à realização da entrevista propriamente dita. Neste o contato inicial sempre apresentei às pessoas pelo menos um vínculo com outros integrantes ou amigos delas para que elas pudessem ter referências a meu respeito (se considerassem necessário) e falei do meu

interesse em entrevistá-las e aprender com elas. As entrevistas foram sendo realizadas conforme se intensificava minha inserção como pesquisadora junto à comunidade para assim alcançar, efetivamente, uma observação cuidadosa e respeitosa do seu dia-a-dia e estabelecer laços. Acredito como Bosi (1994, p.38) que a pesquisa é um compromisso afetivo, e é necessário que entre os envolvidos na pesquisa “[...] nasça uma compreensão sedimentada no trabalho comum, na convivência, nas condições de vida muito semelhantes.

2. A escolha do horário e local para as entrevistas sempre foi feita pela/o depoente, de acordo com sua disponibilidade o que fez com que as entrevistas ocorressem em locais e horários diversos: escadaria da igreja em um sábado à noite, em suas residências durante feriados, biblioteca municipal, em algumas escolas; para as entrevistas com menores de idade, sempre contatei os pais primeiramente. Nas duas entrevistas realizadas com menores de idade, o/a responsável por sua inserção/participação inicial na Congada também foi entrevistado/a, sempre realizada primeiro que a dos menores de idade.
3. Todas as entrevistas foram gravadas e realizadas individualmente;
4. Todos/as entrevistados/as receberam uma cópia de sua entrevista (áudio e transcrição).
5. Após o término da entrevista, era feita a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (v. Apêndice III), que posteriormente era assinada por mim e pelo/a colaborador/a em duas vias (ficando uma para mim, uma para o/a colaborador/a);
6. Todos/as colaboradores/as escolheram o próprio pseudônimo utilizado para sua identificação na pesquisa. Neste estudo, tais pseudônimos se apresentam sempre em negrito.

Fazem parte deste estudo 22 colaboradores/as que de alguma maneira são pessoas envolvidas com a Ucharia, com os bailes, com a Congada Mirim, a procissão e a missa dos congos, sendo que algumas delas atuam também em escolas públicas do município, e/ou na organização da Congada. Busquei também contemplar participantes de três gerações da Congada, principalmente integrantes de três famílias que estão entre as mais antigas participantes da Congada de Ilhabela. Havia a intenção de outras pessoas mais serem entrevistadas, mas por indisponibilidade nas agendas de trabalho e estudo destas durante o período priorizado para a coleta de dados e finalização da pesquisa, não foi possível tais entrevistas serem remarcadas em um tempo hábil para serem incluídas nesse trabalho. A faixa etária dos/as colaboradores/as varia entre 14 e 88 anos de idade. A seguir, apresento perfil dos entrevistados, com os pseudônimos por eles/a escolhidos e com dados por eles/as fornecidos.

Quadro 1 Perfil dos/as entrevistados/as

Discursos	Pseudônimo	Idade	Início da participação na Congada/lócus de atuação na Congada	Profissão
Discurso I	Nina	35	Desde que nasceu/ Ucharia	Professora de Educação Básica
Discurso II	Baepi	33	12 anos (desde 2003)/ Bailes - congo de baixo	Professor de Educação Básica e advogado
Discurso III	Negro	47	Desde que nasceu/ Bailes – congo de cima	Pedagogo, teatrólogo e historiador
Discurso IV	Rei	51	Desde que nasceu (participa dos bailes desde os 5 anos)/ Bailes – congo de cima	Marinheiro
Discurso V	Secretário	40	Desde que nasceu (participa dos bailes desde os 2 anos)/ Bailes – congo de cima	Policial militar (bombeiro)
Discurso VI	Beto	66	Participa a 57 anos/ Bailes – congo de cima	Artista plástico
Discurso VII	Henrique	30	Desde os 6 anos de idade/ Bailes- congo de cima	Artista plástico
Discurso VIII	Eliana		Há 15 anos (desde 2001)/ Bailes – mãe de congueiro	Funcionária pública
Discurso IX	Vermelho e Dourado	14	Participa dos bailes desde os 5 meses de idade/ Bailes – congo de cima	Estudante
Discurso X	Ditinho do Pagode	49	Iniciou sua participação aos 36 anos de idade/ Bailes – congo de baixo	Contador
Discurso XI	Tereza	76	Diz ter começado a participar já na barriga de sua mãe/ Ucharia	Dona de casa
Discurso XII	Boni	46	Desde os 4 anos de idade/ Bailes – congo de cima	Funcionário público municipal
Discurso XIII	Maura	50	Aproximadamente 20 anos/ Ucharia	Funcionária pública
Discurso XIV	Marta	88	A vida toda/ Ucharia	Aposentada
Discurso XV	Dedé	24	Desde quando nasceu (participa da festa desde os 2 meses de idade)/ Bailes – congo de baixo	Estudante universitário
Discurso XVI	Willian	29	Desde os 5 anos/ Bailes – congo de cima	Marinheiro
Discurso XVII	Rico	37	Desde os 7, 8 anos de idade/ Bailes – congo de cima	Agente comunitário de saúde
Discurso XVIII	Lili	21	Desde que nasceu/ acompanha os bailes e auxilia a Ucharia	Estudante universitária
Discurso XIX	Branco	38	Participa desde os dois anos de idade/ Bailes – congo de cima	Marinheiro
Discurso XX	Niquinha	47	Desde que nasceu/ Ucharia	Professora de Educação básica
Discurso XXI	Zeca	44	Desde os 6 anos de idade/ Bailes – congo de cima	Policial militar
Discurso XXII	Lelé	14	Desde os 4 anos de idade/ auxilia na confecção de roupas e Ucharia	Estudante

O entrevistar dentro de um amplo espectro de faixa etária teve como intencionalidade abarcar várias gerações, também com o intuito de abarcar nos extremos (jovens e idosos) percepções que costumam ser marginalizadas ou até mesmo ignoradas. O entrevistar os mais velhos também foi feito com o interesse na memória, “[...] no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida” (BOSI, 1994, p. 37) e da Congada. Gonçalves Filho (1988) nos fala da importância de se valorizar a história, a memória e a presença dos mais velhos, que através de relatos de suas experiências e lembranças estabelecem o vínculo entre a memória e a socialização. Sobre isso o autor afirma:

A recordação traz a marca dos padrões e valores mais ou menos ideológicos do sujeito, a marca dos seus sentimentos, é colorir eticamente e afetivamente a lembrança, traz a marca de sua inteligência a encontrar as razões do passado – e a recordação traz, ao mesmo tempo, as determinações do passado na urdidura daqueles padrões, daqueles valores, daqueles sentimentos, daquela inteligência (GONÇALVES FILHO, 1988, p.99).

A coleta das entrevistas (a partir de agora também denominadas discursos) foi realizada a partir da questão aberta: **O que é a Congada para você?**

Procurando evitar cair no risco de indução de respostas pré-determinadas, assim como respostas do tipo sim/não ou da utilização de apenas um comentário complementar, escolheu-se trabalhar com uma única questão, de maneira a não limitar o desenvolvimento da pesquisa na perspectiva fenomenológica (GONÇALVES JUNIOR, 2008), ao mesmo tempo que visava deixar o sujeito da pesquisa à vontade para escolher qual maneira de abordar a questão lhe era mais conveniente. Houve nesta etapa o cuidado de não interferir nas falas dos sujeitos. A mim, nesta etapa coube observar e ouvir, colocando em suspensão, neste momento da coleta de dados, tudo que eu conhecia e pensava a respeito do fenômeno.

Em algumas das entrevistas, após o término de sua resposta à questão estabelecida inicialmente, foram feitas indagações acerca de conceitos ou temas que me pareceram pertinentes ter uma oportunidade de ser aprofundados pelo/a colaborador/a. Os discursos foram coletados no período compreendido entre março de 2015 e outubro de 2016.

Após a realização das entrevistas e com seu uso autorizado, estas foram por mim ouvidas reiteradas vezes e transcritas na íntegra, na mesma sequência com que foram realizadas. Nas transcrições das entrevistas não houve qualquer alteração ou correção gramatical do discurso, mantendo as falas em sua forma literal, com seus silêncios (indicados no texto escrito por reticências), interrupções, risos, choros etc. de maneira a preservar a

expressão geral das pessoas o mais fielmente possível, considerando-se que tais entrevistas são

expressões claras sobre as percepções que o sujeito tem daquilo que está sendo investigado e que são expressões descritas para o pesquisador, pelo próprio sujeito que as percebe.

Os dados são, pois, as situações vividas pelos sujeitos que são tematizadas por eles, conscientemente nas descrições que faz. Ao descrevê-las, espera-se que os sujeitos simplesmente relatem de modo preciso o que ocorre com eles ao viver suas experiências (FINI, 1994, p. 28).

Algumas alterações foram feitas, de forma aleatória, em nomes citados pelos entrevistados, sempre apresentados em itálico e negrito, quando estes se referiam a pessoas que não haviam autorizado o uso de seus nomes na pesquisa ou pela impossibilidade de entrega do termo de consentimento a eles. Não foram alterados os nomes de pessoas citadas nas entrevistas que fazem parte da história da Congada de Ilhabela contada por seus participantes e que foram por mim percebidas, como muito representativas para o grupo, tais como Seo Zé de Alício (antigo Secretário), Rei Dito de Pilaca, Rei Neco, Paulino, Eva Esperança, Seo Pedro Embaixadô, entre outros. As entrevistas são identificadas como “Discursos” e os entrevistados/as são identificados como “Sujeitos”, ambos sendo numerados com algarismos romanos.

Após a transcrição dos discursos foi realizada a análise com procedimentos oriundos da fenomenologia, modalidade fenômeno situado: estabelecimento das unidades de significado, redução fenomenológica e análise ideográfica.

Em busca do estabelecimento das unidades de significado, ocorreu uma leitura cuidadosa das descrições obtidas, a partir das quais foram levantadas asserções relevantes/significativas para a interrogação formulada. Nas palavras de Martins e Bicudo (1989, p.99) “[...] as unidades de significado são discriminações espontaneamente percebidas nas descrições dos sujeitos quando o pesquisador assume uma atitude psicológica e a certeza de que o texto é um exemplo do fenômeno pesquisado”.

Estabelecidas as unidades de significado, as quais aparecem nos discursos transcritos numeradas e sublinhadas (v. Apêndice 1), foi atribuído às mesmas um número arábico crescente que indica a sua ordem de aparecimento na transcrição da entrevista. Assim, “X-10”, por exemplo, indica que se trata do discurso do sujeito “X” e refere-se à décima unidade de significado apresentada no texto.

Na busca pela essência do fenômeno interrogado, as unidades de significado passaram pela redução fenomenológica, e, posteriormente, pela análise ideográfica (apêndice 2). A redução fenomenológica refere-se ao “[...] movimento em busca da síntese, entendida como essência do discurso” (GONÇALVES JUNIOR, 2008, p.78). A título de exemplo, apresento a redução fenomenológica realizada no Discurso XVIII.

Quadro 2 Redução fenomenológica

Unidade de significado	Redução fenomenológica
(1) Congada é uma manifestação religiosa ééé ondii devotos da festa, devotos do santo se reúnem pra..., pra manifestá a..., a festa! Eles se reúnem ééé..., i fazem a festa acontecer e é passada di ge, di geração pra geração. ... Já acontece a muito tempo, há mais de 200 anos	É uma manifestação religiosa, que já acontece a mais de 200 anos, na qual os devotos do santo se reúnem e fazem acontecer a festa, que é passada de geração para geração
(2) Não sei como responder, Silmara (rindo). Nossa, é difícil! Nunca me fez essa pergunta!. Não sei... Não sei...	Não sabia como responder à interrogação da pesquisa
(3) É uma manifestação, por exemplo, a minha família ela sempre teve envolvida com a, com a festa. Éééé... todos os homens da minha família, por parte de mãe, participam, são todos congueiros	Sua família sempre esteve envolvida com a festa. Todos os homens de sua família, por parte de mãe são congueiros e participam da festa
(4) minha avó ela, ela que faz as roupas de todo mundo, eu já fui, eu já participei, eu fui Rainha mirim em 2002, fui Rainha do adulto em dois mil e dooze. Ela também que fez a s roupas, o vestido qui eu, qui eu usei foi passado por todas as mulheres da família também, pela minha mãe, pela minha tia, a minha prima..., a minha outra prima, eu..., Ééé, ela também, a minha avó também participava da Ucharia qui é o momento onde todas as mulheres, ééé... qui também éé são devotas, se reúnem na..., na-na, numa cozinha pra poder faz, fazer o preparo do alimento... ééé pros congueiros, pros devotos, pras famílias dos congueiros... Ééé..(fica em silêncio por alguns momentos). É! E minha avó partici-pou por muito tempo, hoje ela não participa mais, a minha mãe e a minha tia participam..., ajudam na coziinha... ii eu acho interessante a-a, essa parte porque, eu acho que é..., porque São Benedito foi um cozinheiro..., i eu acho que as mulheres fazem o papel que São Benedito exerceu. É, ele fazia a, ele era cozinheiro e ele ééé, a comida que sobrava ele dava pros mais pobres, qui não tinham o que comê, i aí eu acredito qui elas fazem esse papel. Eu lembro qui teve um ano... quii... não foi, a Ucharia não recebeu muuita, muita doação, porque a Ucharia ela, é, toda a comida qui é recebida é di doação, i eu lembro qui teve um ano qui não teve, i todo mundo ficou preocupado, ficou “Meu, não vai dá a comida pra vim, pra todo mundo”, porque é muita gente que vai comê... i aí, naquele desespero todo “Meu deus!” Aí, e no final elas fizeram acontecê i deu pra todo mundo i sobrô. Foi uma coisa tipo, ...um milagre, assim, sabe? Porque, meu, loucura porque não tinha, num, num tinha comida suficiente assim, em comparação aos outros anos. I nesse ano deu i sobrô i foi, todo mundo ficou meio ... surpresa...	Sua avó faz a roupa de todos e foi ela quem fez também seu vestido de Rainha, quando da sua participação em 2002 e 2012, como Rainah. O vestido por ela usado nesses momentos foi usado por todas as mulheres de sua família quando coroadas. Sua avó também participava da Ucharia, local onde as devotas se reúnem para preparar os alimentos para os congueiros, devotos e suas famílias, mas atualmente apenas sua mãe e sua tia ajudam na cozinha. Considera que como Benedito foi cozinheiro e a comida que sobrava ele doava aos pobres, as mulheres da Ucharia representam seu papel. Recorda de um fato ocorrido na Ucharia em um ano em que houveram poucas doações, que apresenta como um milagre de São Benedito, pois ao final a comida deu para todo mundo e até sobrou.
(5) eu acho, meu, uma manifestação cultural muito bonita, muito bonita! Acho qui é uma data muito, muito esperada, assim, pela minha família. Eu acho muito lindo. Noossa, muito lindo!...	Considera a Congada uma manifestação cultural muito bonita e que esta é uma data muito esperada por sua família
(6) pra ser Rainha precisa sê éé membro da família... dos congueiros i, como eu falei, todos os homens da minha	Para ser Rainha é necessário ser membro de família de congueiros. A coroa utilizada pela

<p>família participam. O meu irmão mais velho, meu irmão mais novo, todos os meus tios, os tios-irmãos da minha mãe, os tios-irmãos da minha avó i aí eu fui em dois mil e dois, eu tinha seti anos..., minha avó fez o vistido éé a cor do meu vestido foi azul, a coroa era,é a coroa qui passa, é sempre a mesma coroa pra todas, então, eu usei a coroa, ééé... i aí... I foi assim: a Congada Mirim ela começou em dois mil i um, si não me engano, a primeira veiz, i aí eu fui na sequência, em dois mil i dois. Em dois mil e doze eu tinha... doze ano, não.... Não! Eu não fui em dois mil i doze? Não! Não foi dois mil i doze, não. Foi dois mil i sete! Em dois mil i sete eu tinha doze anos ..., tinha doze anos, aí a cor do meu vestido foi rosa, foi o vestido qui passou pelas mulheres da minha família qui minha mãe usou, minha tia usou... Eu usei i depois minha prima usou... A coroa também foi a mesma...</p>	<p>Rainha é sempre a mesma. Foi Rainha da Congada em 2002 e em 2007. Em 2007 usou um vestido rosa, confeccionado por sua avó e que passou por todas as mulheres da sua família.</p>
<p>(7) uma manifestação cultural onde devotos se reúnem pra prestá a sua devoção ao santo... e aí fazem acontece a festa, qui é muito linda. Muito, muito linda!...</p>	<p>A Congada é uma manifestação cultural onde os devotos se reúnem para prestar a sua devoção ao santo</p>

Depois de estabelecidas as unidades de significado foram agrupadas em categorias, formadas no decorrer da redução a partir das convergências e divergências observadas nos discursos dos sujeitos, com as quais foi elaborada a matriz nomotética e a construção dos resultados, onde é apresentada uma compreensão do fenômeno interrogado.

A matriz é um movimento do individual para o geral, no qual há uma compreensão das proposições individuais e suas possíveis convergências, divergências e idiossincrasias com as proposições dos demais sujeitos (GONÇALVES JUNIOR, 2008). Na matriz nomotética as unidades de significado divergentes são representadas com a letra “d” minúscula, colocada em seguida ao seu número.

A matriz nomotética (quadro 3) é a representação gráfica da síntese (no sentido de essência) dos dados dos discursos coletados nas entrevistas.

Na parte superior da matriz, horizontalmente estão ordenadas numericamente (em algarismos romanos) as três categorias nomeadas, que foram montadas a partir da análise das unidades de significados obtidos nas entrevistas e por mim consideradas significativas diante da interrogação formulada. Na primeira coluna à esquerda apresentam-se os discursos também ordenados numericamente com algarismos romanos e, no interior da matriz, nos quadros formados pela intersecção de linhas e colunas, são dispostas as unidades de significado (em algarismos arábicos) referentes àquela categoria e àquele discurso. Caso não haja nenhum “número” nesta unidade do quadro, isto quer dizer que não há no discurso nenhuma unidade de significado referente a esta categoria. As categorias temáticas formadas a partir da organização das unidades de significado são: **A) Origens e manutenção da tradição;** **B) Devoção e Pertencimento e C) Comunhão e Festa.**

Quadro 3 Matriz Nomotética

CATEGORIA DISCURSO	CATEGORIA A ORIGENS E MANUTENÇÃO DA TRADIÇÃO	CATEGORIA B DEVOÇÃO E PERTENCIMENTO	CATEGORIA C COMUNHÃO E FESTA
Discurso I	17; 25; 27; 29; 30; 31	1;2; 4; 11; 12; 13; 14; 15; 16; 18; 28; 32; 33	3; 5; 6; 7; 8; 9; 10; 19; 20; 21; 22d; 23; 24; 26; 39d;
Discurso II	2; 5; 6; 7; 16; 18; 19; 21	1; 8; 9; 10; 11; 14; 15; 17; 20	3; 4; 12; 13
Discurso III	4d; 5d; 7d; 8d; 15; 16; 17; 18; 19; 26; 33 44;45d; 51; 54; 55; 56d; 57	1; 2; 3; 6; 9; 11; 12; 13; 21; 22; 24; 25; 28; 29; 36; 38; 39; 40d; 41; 42; 43d; 46; 47; 48; 49; 50; 52; 58; 59; 61	10; 14; 20; 23; 26; 27; 30;31; 32; 34; 35; 37; 53; 60
Discurso IV	5; 9; 13; 14; 15; 17;18; 19	1; 2; 3; 4; 6; 8; 10d; 11; 12; 16	7;
Discurso V	2, 3; 4; 8; 12; 13; 14; 15 16; 17; 18; 19; 20; 21; 22; 24; 25; 26; 27; 28; 29; 30	1; 5; 9d; 10d; 11d; 23	
Discurso VI	5; 6; 8; 9; 10	1; 2; 3; 4; 7	
Discurso VII	1; 6; 11; 12; 13; 15; 16; 17	2; 3; 4; 5; 7; 9; 14; 18	8; 10
Discurso VIII	7	1; 2; 3; 4; 5; 6; 8; 9; 10	
Discurso IX	7	1; 2; 3; 4; 5; 6; 8;9	
Discurso X	3; 4; 5; 12; 14; 15;20; 21; 22; 23; 24; 25; 27	1; 2; 6; 7; 8; 9;16; 18; 19; 26; 28; 29; 30; 31	10; 11; 13; 17
Discurso XI	1; 2; 3; 4; 5; 6; 7; 10; 11; 14; 15; 16d; 17; 20; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 27; 28; 29d; 30; 31; 32; 33; 35; 37; 38; 39; 40; 41; 42; 43; 44; 45; 46 47; 48; 49; 50; 51; 52; 53; 54; 55; 56; 57; 58; 59; 61; 62; 63; 67; 68; 70; 71; 73; 74	8; 9; 12; 13; 18; 34; 60; 72	19; 36d; 64; 65; 66; 60
Discurso XII	7; 8; 9; 10; 14	1; 3; 4; 11; 12; 13; 15	2; 5; 6; 16; 17
Discurso XIII	1; 2; 3; 4; 5; 6; 8; 9; 10; 13; 14; 15; 17; 18; 19; 22; 23; 24; 25; 28; 29	7	11; 16; 20; 21; 26; 27
Discurso XIV	2; 3; 4; 5; 6; 7; 8; 9; 10; 11; 12; 13; 14; 15; 16; 17; 18; 19; 20; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 27; 28; 29; 30; 31; 32; 33; 34; 35; 36; 37; 38; 39; 40; 41; 42; 43; 44; 45; 46; 47; 48; 49; 50; 51; 52; 53; 54; 55; 56; 57; 58; 59; 60; 61; 62	1	
Discurso XV	4	1; 2; 5; 6	3;
Discurso XVI	4; 6; 8; 9; 10; 13; 14. 20	1; 2; 3; 5; 7; 11; 12; 15; 16; 17; 18; 21; 22	19
Discurso XVII	3; 5; 13	1;2; 4; 7; 10; 11; 12	6; 9
Discurso XVIII		1; 2; 3; 4; 5; 6; 7	
Discurso XIX	10; 11	1; 2; 4; 5; 6; 8; 12	3; 9; 13
Discurso XX	7; 10; 11; 20; 21; 23; 27; 28; 29; 30	1; 2; 3;4; 5; 6; 8; 9; 12; 13; 15; 22; 24; 25; 31; 32; 33	26
Discurso XXI	1; 2. 5	3d; 4d; 9	6d; 8
Discurso XXII	2; 3; 4; 5	1	

8 CONSTRUÇÃO DOS RESULTADO

A seguir, construo os resultados a partir da análise de cada uma das quatro categorias (A, B e C), utilizando para a elaboração destes, os discursos que mostram a perspectiva dos/as entrevistados/as sobre o que é a Congada de Ilhabela. As categorias apresentadas a seguir buscam auxiliar a compreensão do fenômeno observado, a prática social Congada e processos educativos decorrentes, a partir do relatado pelos colaboradores/as da pesquisa em suas descrições. É importante frisar que a análise ora apresentada é perspectival e não visa estabelecer verdades sobre o tema.

Categoria A- Origens e manutenção da tradição

Esta categoria trata das origens da Congada em Ilhabela e seus desdobramentos. Fala também das histórias que são contadas no texto apresentado durante os bailes e de personalidades representativas da Congada e do município de Ilhabela e dos processos de transmissão e manutenção desta tradição realizados dentro deste grupo social.

São vários os entendimentos apresentados sobre a origem da Congada tanto no Brasil quanto em Ilhabela, ainda que, entre os/as colaboradores da pesquisa haja um consenso de que ela foi introduzida em Ilhabela por negros escravizados ou seus descendentes como uma maneira de manter viva a sua memória, cultura e tradição, como podemos observar nas asserções: “[...] os escravos que vieram aqui pro Brasil, e come, que começaram essa... dramaturgia toda, eles se referiam aaa, ao, aos acontecimentos que... que tinha lá. E foi... eu acredito que foi uma forma de pegá e manter viva uma cultura que eles tinham lá” (V-12); “[...] era uma forma de-do negro expressar a sua cultura... deixá enraizado, passa pros pros seus descendentes a, essa cultura e lembrar do do da de suas origens [...] é o que a gente tenta fazer. O povo caiçara tenta pegá, mantê isso aí pra lembrar das suas origens, né?” (V-15).

é mais uma representação... éé, artística mesmo, como fosse um teatro, falando porque, quando us, os escravos vieram pro Brasil, esse, muitos por escravo, muitos puur, pelos presídios que tinham lá, i, né, eles tiraram aqueles, aquelas, aqueles maus elementos que eles tinham na época lá e vieram para cáá. É na história tudinho da-da-da, da-da, como é que se diz, du, dos, dos navios negreiros, né? E eles... pelo fato... de ficarem aqui, inclusive na época, tinham mais de cinco mil escravos aqui, negros, eles falaram assim: “Não, vamos fazer uma representação daquilo qui a gente vivenciou lá” e foi nessa que foi continuando. Aí um, dois, três, quatro, quando vai vê duzentos anos, duzentos e poucos anos..., iii eu vejo assim como busca, como alguns ca, como algumas pessoas qui eu, que eu conversei também vê dessa forma, uma forma teatral (XXI-2).

Zeca ainda nos diz que este seu entendimento advém do que lhe foi passado por alguns livros e pelas palavras ditas no texto da Congada. Destaca também em sua fala que, de acordo com o texto da Congada, a redistribuição de alimentos e o bem ao outro praticado por São Benedito consegue acabar com uma guerra:

A gente fala que tem três bailes, são três encenações. Dessas três encenações, uma ooo, ele acaba porque o Rei reconhece que é filho dele [...] uma outra é quiiii em louvor a São Benedito, [...]. I que o mais interessante [...] é qui por causa do, de São Benedito eli, eles param a guerra! Falam: “Poxa tem, tem um, tem um santo, teve um santo reconhecido por todos, que veio à terra, fez só o bem e tal (XXI-1).

Tereza diz que a Congada se iniciou na Ilha com Seo Paulino e que atualmente “[...] é assim, branco, mas antes era tudo, tudo era gente de cor, que eles dançavam a Congada. [...] meu avô foi escravo também, o velho vivia na Ponta das Canas” (XI-1), reforçando em sua fala a presença negra na constituição da Congada no município.

Marta nos conta como nasce a ideia dos negros de Ilhabela se organizarem na Congada, segundo a história contada e vivida por sua família:

o começo da Congada foi o meu pai. Aqui não existia a Congada, né, e [...] o meu avô, falava pro meu pai, ele cresci, cresceu i queria que seguisse o que ele era da Congada, ele ia ensiná o meu pai ... Aí o meu pai [...] falô pra minha mãe: “Eva, vamos trabalhar! Vamos fazer o que meu pai queria. Não aqui, aqui meu pai não fez nada, mais me deixou eu encarregado nesse ponto”. Aí mamãe “Vamos!”. [...] A festa era na Vila. Semana toda, ele arrumava uma em uma casa e ficavam. [...] meu pai... tinha muitos amigos e começou a chamá os amigos pra isso... Os amigos mais velhos que iam acompanhá isso, explicava tudo. Depois o meu pai falou assim “Tá faltando oo Embaixador”, aí teve um deles que falou assim “Ah, ... parente”, porque eles si chamavam, “Eu, eu posso ser o Embaixador. Se você aceitar eu faço”. “Então você faiz?” Então, já marcou o carregamento pra ele, e ele morava lá na, na, na Siriuba e lá também ele já começou a arrumá o povo pra formar a Congada (XIV-2).

Marta também diz que depois de organizado o grupo houve a necessidade de se conversar com os frades da Igreja do bairro do São Francisco, localizada em São Sebastião, em busca de autorização para a realização da Congada. Como maneira de convencimento e explicação, foi apresentado por Seo Paulino aos frades a história que seria encenada.

porque ele fez um, como é qui chama, uma história..., então apresentou pro padre. O padre falou assim “Ei, isso aí não, isso aí não..., no meio tem

guerra, não queremos guerra, não queremos guerra”, foi a hora, né, di meu pai explicá tudo direitinho ... “Frei! O senhor precisa vê, ouvi, direitinho por senhor vê si é guerra ou não (sorri divertida), mas não é guerra...” (XIV-3).

Apesar de tudo ter sido acordado para a sua realização, as relações entre a Congada e igreja costumam oscilar entre a aceitação e a cordialidade e tentativas de limitação, para a realização da Congada, por parte da Igreja; assim como houve resistência por parte dos congueiros ante essas ações.

teve um padre qui é do tempo da Alemanha, o padre que não gos, não, não queria saber disso. Falá em guerra pra eles era o fim mundo. Papai: “Não, padre.” Aí ele falava assim “Olha, Paulino, tá muito bom, muito bonito, mais vamos acabar com espadas, essas espadas... eu tô aqui fugindo. Primeira coisa eu tô fugido da minha terra por causa da, dessas espadas, né”, ... aí meu, meu, meu pai falou “Tudo bem, mas não vamos acabar com a festa. Por isso, si o senhor não quiser a festa de São Benedito, o senhor pode ficá a semana toda, no dia da festa si o senhor não quisé fica presente, mais a festa vai tê. Não vai tê missa porque não tem padre, mas vai tê a festa tudo direitinho” (XIV-6).

A data inicialmente proposta para a realização da Congada levou em consideração a data de realização da Festa de Nossa Senhora da Ajuda (padroeira do município) como referência para a escolha do dia da Congada se apresentar e não no dia atribuído ao santo Benedito pela igreja católica. Isto decidido iniciaram-se os ensaios, que foram estruturados pensando a localização de moradia dos grupos participantes, de modo a facilitar a presença dos interessados em participar e assistir.

Tem a festa da Nossa Senhora da Ajuda, da Ajuda, dois de janeiro... Dois de fevereiro! E meu pai então “Vamos fazê a festa depois da festa do dia da Nossa Senhora” ... Eee aí então acertaram tudo pra fazê a festa. Então faziam, um domingo eles iam ensaiá lá na, na Armação, lá no Siriúba, outro dia na Armação, terceiro dia aqui no Perequê... né. Ensaivavam os trechos i tudo isso. [...] Então, tinha duas parte: do Rei ... i du, era vassalo, né, do Rei, nesse tempo do, do Reis. Então, ele tinha a parte dele, ele comandava a turma dele e meu pai..., i ele, mais a turma dele era mais do lado qui ele morava porque era mais fácil pra eles irem ensaiá (XIV-4).

Negro apresenta uma outra versão sobre o início da Congada na Ilha, atribuindo sua implantação a outra pessoa, ainda que se mantenha, de certa forma, no mesmo núcleo familiar (família de Eva Esperança, e não a de seu marido Paulino). De acordo com sua fala a Congada veio da África em 1785, trazida por um, negro, “[...] que chegou aqui na Ilha num num porão

de navio, diretamente na praia de Castelhanos, aonde todos os negros eram vendidos nessa, na época da colonização aqui na Ilha.” (III-4d), ou seja, em sua perspectiva foi “[...] Roldão Antônio de Jesus que difundiu toda essa crença, toda essa devoção que ele tinha pá São Benedito, né? Quando ele chegou aqui na Ilha e difundiu entre os outros negros, entre os outros escravos e perdura até hoje” (III-45d). **Negro** afirma que Roldão era “[...] irmão do marido da Benedita Esperança” (III-7d).

a Congada de São Benedito começou a ser dançada, primeiro nos quintais, né, nos terreiros das senzalas... Depois da libertação dos negros, a Congada... começou a sê ensaiada... na, em frente a igreja de São João no Perequê e as apresentações principais eram nas ruas da Vila... É a família de Eva Esperança Silva. Oo, o Roldão Antônio de Jesus, que era o nome do negro que trouxe a a Congada pra cá e começou a difundir a história da Congada entre todos os negros da fazenda dele, aonde ele tava, né, aonde ele era escravo,... e é a família de Eva Esperança Silva, que eles tão até hoje na Congada, né? (III-5d)

Passada esta etapa da organização, se fazia necessário pensar em como alimentar a todas as pessoas participantes durante o período da Congada, já que todos eram pobres. Em conversas entre membros do grupo participante sobre tal questão, surge a proposta de realizar a Folia de São Benedito, nos moldes nos quais acontecia a Folia de Reis.

A comida! Como é qui vai sê a comida?” Naquele tempo, tudo era pobre. Aí tinha um senhor..., é lá do Sul, ele falou assim, “Nós fizemos também..., Paulino” [...], “ooo a festa do Reis e tem o, a-o canto do do Reis, né.”[...] “Então, fazê assim, vamos fazer isso: eu vou com a minha turma ... você, você põe mais um trecho, vamos dividir !... Turma do Sul, turma daqui e turma da-da Armação. Cada um vai ficá com uma bandeira do São Benedito..., i vamo saí... em volta à ilha.” Já tem até marcado os pontos lá na ilha onde eles paravam. Então eles cantavam o Reis, a foli, é, a Folia de Reis eles cantavam e naquele canto eles faziam um pedido... sabe? Faziam um pedido. Todos eles. I já tinha o dia marcado di trazê (XIV-4).

E assim pensado e organizado se torna presente a característica mais marcante da Congada e que ainda hoje, em certa medida, se mantém: ela é realizada pelo povo, cooperativamente e de maneira compartilhada, cada um ajudando como pode. Neste momento da sua estruturação era levado para a festa pelos participantes o que era produzido usualmente no dia-a-dia e parte desta produção cotidiana de alimentos era destinada antecipadamente à São Benedito, tomando-se alguns cuidados no momento da separação dos alimentos a serem levados para a festa.

minha tia com mamãe..., vovó pegava aqueles patos, né, i já trazia tudo prontinho, pelava tudo, limpava, trazia tudo inteiro assim..., aquelas galinha toda, trazia.... matavam aqueles boi lá. [...]. Vovó fazia melado, pegava... banana, aquelas banana da terra grandona que agora... Agora qui tem pão, antes num tinha pão, né. Banana, batata, cará, eita, embarcando tudo, aquelas coisa toda lá, aquelas folhas de couve, grandona assim [...], trazia da roça..., pra i pá festa. [...] O pessoal qui vinha do Bonete também trazia... Era muito ... muito legal! O pessoal lá de fora tudo trazia. Quem morava no Jabaquara... traziam tamém (XI-35).

A minha mãe chegava em casa e dizia assim “Didita ...ali tá uma galinha choca já,... vamô..., vamô”. Ela chegava assim pegava... 14, 12 ovos, assim, a galinha era bem grandona: “Aqui São Benedito, esses frangos é pra..., fazei nascê tudo frango!”. Aí a falecida minha tia punha tudo os ovos com a mão esquerda pra sair tudo frango... Aí ela dizia assim: “olha São Benedito, tomai conta da, dessa ninhada que é pra vossa festa..., num deixai o gavião pegá um...”. I criava, sabe! Quando chegava no outro ano já tava, pato, sabe, aqueles pato. Traziam, num era um pato dois pato, não! Já traziam de-de 10 assim daqueles pato, porque cada um... trazia, traziam pra festa (XI-6).

Havia uma organização prévia para receber as pessoas que vinham das regiões mais afastadas da Ilha para a Congada e cada um contribuía da maneira como podia, fosse com seu saber ou com o que produziam em suas roças e casas como podemos observar nestas asserções: “[...] Ah mais... Não, eu vô trazê... qualquer coisa. Ia, comprava qualquer coisa i trazia [...], tinha uma senhora que ela gostava fazê pão, ela fazia pão na casa dela [...]. Pra treis dia de festa tinha pão fresquinho” (XIV-8).

Os porco [...] matavam aqui i a mã, a mamãe já tinha era gamela sabe, gamela grande, punha ali no tempero tudo, já ia assando... pra dia da festa, mais tinha que começá antes, não tinha geladeira naquela época. [...]. Então, a festa começou assim, com a ajuda do povo (XIV-7).

Marta conta que sua mãe chegava na Vila uma semana antes do início da festa para receber os alimentos arrecadados e também para preparar a casa para hospedar a quem necessitasse.

Tudo o que eles podiam naquele, aquela equipe arrumá i depois tinha outra equipe também tudo qui arrumava, então nunca faltou comida ... sabe? Iiii no Sul também, traziam tudo de canoa... Então, né, i tinha uma canoa que trazia só lenha ... tudo os pedacinhos de lenha... pra festa. Então elis... era,

era uma festa mesmo! Eles faziam isso. iii depois mamãe... e a casa que eles arrumavam era grande, com quarto grande. I naquele tempo não tinha nada de colchão. Não existia o colchão. O colchão eles mesmo faziam (ri baixinho). Mamãe fazi, mandava fazê esteira. Quem soubesse, fazia estera, estera, estera, estera, ficava aquele montão di este (XIV-4).

Fica claro na fala de colaboradoras a ausência de produtos industrializados e comodidades tecnológicas a que atualmente temos acesso, assim como a constante atribuição de propriedade desses alimentos à São Benedito, que se dava de forma dialogada com o santo.

na festa de São Binidito, [...]. Torravam o café em casa... Vinha com um moonte; colhia o café, torrava, aaí dizia “Ai meu são Binidito, fazei tempo bom pá secá esse café. Esse café... é pra fazê o café da vossa festa...” Aí torrava aqueles panelão assim, socava no pilão, traziam aquelas lata, as latas grandona assim, cheeia de pó de café, i traziam sabe? Aí, vovó traziam a cana, fazia o melado... aí fechava a tampa assim (bate com uma das mãos na palma da outra mão: “Esse aqui é o melado pra festa de são Binidito!” Naquela época não ti, naquela época não tinha açúcar,..[...], levavam aquelas latas de melado que era pra fazê café. Era banana cozida, mandioca, batata, cará..., fazia aqueles cuscuiz caçara ... pra tomá café com ele. Fazia cuscuiz nos cuscuzeiro de barro assim e virava assim i batia assim bum [...], parecia até um pandeiro assim (XI-40).

Com o falecimento de Seo Paulino, a Congada parou, porque “[...] o cabeça faleceu, ele era o Rei... E o Seo Pedro de Amparo também ficô parado porque ele tamém era Embaixadô” (XI-3). Dona Eva desistiu e se retirou da Congada, mas após uma mensagem de seu marido morto, recebida por ela através de um sonho, a Congada foi reiniciada.

Aí depois ela, ela teve um sonho com meu pai... di chegá prá ela e falá assim “Eva, vai tê a festa i você vai na casa do Pedro... i fala pra Pedro qui ele é o responsável pra tocá a festa pra frente”. Então, ela disse que conversava com ele i assim “Ah, mais Paulino...”. “Vai, vai, vai amanhã já!” Ela, de manhã, [...] pegou os filhos, dois ou treis filho mais velho ... foi lá, lá na Viana. Aí chegou lá e falou com Pedro, ca família do Pedro tudo. I ele assim “Eva..., eu fico! Eu vô ... vô ensiná um, eu fico no meu lugar, mais ensino outro pra sê, pra sê o manda-chuva, por assim dizê i tem oo, i da sua parte a senhora já sabe... i o Rei também”, Assim, i aí ela falou assim, ela falou assim “i o meu, i o rei vai sê o filho mais velho, o Manoel”... i o Pedro também ficou responsável por, por Manoel. Aí eles fizeram a festa (XIV-9).

Essa atitude de retomada da festa foi muito comemorada pelas pessoas participantes, conforme relata **Marta**: “[...] De manhã cedo a turma batia na porta ‘Ai, brigado, brigada,

nóis tava triste, não sabia, não podia passá a festa de São Benedito em vão...’ i aí continuou... a festa. Aí ia morrendo um, já outro já pegava o lugar” (XIV-10).

Com a continuidade da festa o cumprimento de tarefas começou a se organizar entre o grupo

tio Benedito, ele qui mexia com os foguetes... da festa e era aquelas salvas, sabe, botava assim (indica com as mãos a posição), tudo esticado num bambu assim, ligava assim i aquilo ia só estorando assim. Ele que era responsável das salva, os foguetes... meu tio José, falecida minha tia, Diola, ela falava “deixa comigo que o negócio de limpá, limpá e barrê é comigo mesmo”. A minha tia trazia pato, trazia tudo (XI-5).

Segundo **Tereza e Marta** a festa anteriormente durava três dias, já para quem “[...] ia pra Ucharia era quatro dia... era quinta, sexta, sábado e domingo” (XI-67), na quinta-feira “De manhã cedo, meu avô dizia assim: “Vamo, vamo, vamo já, porque si começava a ventá, né? Naquela época eles falavam bentá, né? Si começá a bentá, aí nois já tamo lá” Aí traziam pra Vila... iii a festa de São Benedito já começava” (XI-7). Seu término se dava no

domingo com benção, tudo. Segunda-feira era a festa dus, era a missa dus congos..., né, ... mais... depois, era a missa dos congos,[...]. Os congos cantavam, dispidiam do.... Até era bonito! Agora acabou! Não tem a segunda-feira! Você ia na igreja pra tomá tudo.A maioria tudo era congo. Os outros iam pra assistí, mais o congo. Aí o padre abençoava ...i eles iam embora” (XIV-48).

Negro faz referência a uma obrigatoriedade de permanência da família real da Congada em sua casa, que não foi mencionada em nenhum outro discurso. Quanto aos dias da festa, fala com saudosismo da presença constante da música e da dança quando os “[...] os violeiros iam cantar, tocar pra gente dançar,.. e antigamente também não era só três dias era uma semana, eram sete dias de dança, antigamente a Congada e todos era obrigados a dormir lá...dentro dessa casa aí, que depois virou Colônia de Pescadores (III-56d).

Tereza ao relatar sobre a Congada de antigamente rememora que era muita gente: “[...] Aquela rua que passa de frente a igreja, qui desce assim, o Rei ficava ali, quase ali pertinho na, da-da Barraca do Samba iii passava daqui de onde era o bazar São Paulo, passava a turma pra lá ainda, [...] de tanta gente que era...” (XI-47). Relembra também modos de fazer tais como se dava a limpeza do material utilizado na festa, sempre insinuando um espírito de colaboração: “[...] elas levavam ali na barra ali da Vila, do lado qui tem o grupo e ali elas

lavava na cachoeira aquelas panelona. Metia uma areia na panela assim i esfregava ... Ah, dizia, não tinha como lavá, traziam ali e lavavam ... as panelona lá toda...” (XI-52); ou como se dava o preparo da comida na Ucharia:

faziam carne com feijão, carne seca com feijão, na sexta, no sábado era a carne picada com batata, antis, antis ain quando ainda não tinha quase batata pra cá, faziam com mandioca, i no domingo, aí eles faziam... ou galinha, galinha e carne. Ficava os pedaço de carne tudo assando nas panela (XI-53).

As mulher ia tudo primeiro botava o frango assim, cozinhava aí quando a água tava trigueira, quando a água... tava baxan, tava baxando, aí ficavam rodando assim na panela assim pra assá (faz com as mãos o movimento de rodar a carne, me mostrando como)...i num era um, nem dois, eram muito assim, tudo assadinho. Aí traziam aqueles cocho... qui faziam assim a farinha, aí forrava assim, pegava, forrava com toalha, qui num tinha papel alumínio [...] i botava tudo aqueles frango tirado da panela, [...]. Os coxo, ia daqui lá assim. O, coxo era qui nem uma canoa sabe pedaço de carne, aquela carn... era gostosa. Agora não, a carne num tem gosto. A carne agora num tem gosto não. Aqueles bizerro qui eles davam só davam milho e mato, então a carne, ficava uma carne pura tinha nada di coisa. Aquelas comida era muito gostoso. i muito...[...] algumas qui sabia sabiam como fazê macarrão fazia... (XI-55).

Atualmente há a presença de homens na cozinha, mas inicialmente a cozinha era um espaço feminino e de trabalho intenso.

Encerradas as festividades as pessoas retornavam à sua rotina de vida e trabalho, sempre levando em consideração as condições oferecidas pela natureza para tal, como nos conta **Tereza**: “[...] minha tia vinha na Congada, ela ia segunda-feira, no outro dia embora, porque os canoero levavam... i durmia pra cá ainda no domingo, segunda-feira ela, era nove, deiz hora já tava chegado pra lá. Aí ela almoçava e ia pra roça” (XI-25).

O pessoal só ia embora segunda-feira cedo.... qui os canoero vinha pegá, pidia pra Deus pra num, pro mar num fica grosso... O pessoal do Bonete iam logo cedinho, né. O dia pintava assim, já olhava o ponteiro e si mandava, quando si começasse a ventar na parte da tarde ... já tava, já tavam lá. O pessoal qui iam pro Búzios, Vitória, pra trás da ilha... Ia canoa. Ia a canoa de voga assim... ia tudo imhora... os canoero. Um monte de mulher. Traziam istera, levavam istera... pra dormir qui num tinha colchão pra dormir... essa era a nossa Congada (XI-68).

A música e o canto eram muito presentes não acontecendo só nos momentos dos bailes dos congos, mas também durante a Folia de São Benedito. A ausência atual no período que antecede a Congada se deve às mudanças ocorridas na Folia de São Benedito, que costumava sair logo após de passado o carnaval para percorrer toda a ilha, arrecadando prendas e dinheiro e já anunciando que a Congada se aproximava, tendo em vista que alguns dias após seu encerramento esta se iniciava.

Se encerrasse num domingo, qui na quinta já começava a festa de São Binidito, então aquele dinheiro que eles arrecadavam lá, eles traziam que era pra comprá o que faltava na Congada. Então ali é a turma “ei, já tá anunciando a Congada.” Então eles cantavam foli, folia, sabe? Não era folia de Reis, era Folia mesmo. Era muito bonito! Agora, morreu tudo! O Zélio morreu, acabou a folia, não tem mais [...]. Cantavam a alvorada, minina, na festa da, quando tinha a Congada, cantavam a alvorada de noite. O pessoal..., enquanto qui quem comia, quem jantava, jantava, i a alvorada já passava na rua da Vila. Descia da igreja, passava por atrás assim, mesma coisa que faiz na procissão, fazia a alvorada. Depois cantava o Binidito no santo cruzeiro e encerrava. ... Durante a Congada, tinha a alvorada... mais faleceu, falecido Venturino morreu, falecido Pó de Arroz morreu, né? Depois ficou falecido Marcos, qui faleceu... Depois foi falecendo a turma, faleceno, faleceno, ... e teve qui acabá... (XI-62).

Houve tentativas de reavivar a Folia de São Benedito, mas com o falecimento de seus integrantes isso foi dificultado, mesmo considerando-se a contratação do serviço de outros tocadores.

Tinha um pessoal lá do sul, que vinham duas veiz, mais a primeira veiz eles cobraram parece que vin, vinti, depois pidiro quarenta, quarenta reais, depois, na outra veiz que foram falá com ele parece qui si dessem dois mil pra eles eles iam cantá. Mais assim mesmo eles num sabem cantá a a folia, eles cantam a coisa du ... daquele minino que mora lá em Minas Gerais. Disse “Isso aí não é, não é a folia. Folia é muito diferente”... Falecido José Rosa ainda cantava ... mais ele faleceu tamém... Agora como diz a turma, “agora vamo lá no cemitério” (XI-63).

Com o fim da folia de São Benedito houve a necessidade de se pensar em outras formas de arrecadação dos alimentos, agora organizada pelas mulheres e que se espalhavam pela cidade. Haviam grupos responsáveis pela coleta de alimentos.

Muitas vezes eu saia daqui cedo eu e meus minhas colegas, nois ia pra praia grande. Aí chegava lá, conversava com o povo, fazia uma reunião, tinha um lá responsável em reunir as mulherada, Então chamava as mulherada, fazia

reunião, conversava. Até tinha uma, qui eu deixava uma lista do qui a gente precisava ... iii depois ali tirava o que ela podia arrumá... Aí, **Marta**, você, daqui a quinze dias você... vem aqui em casa. Outra, lá na-na Armação, a mesma coisa ... então quando eu, ela manda aquela parte já que eu tinha qui pra dá, pra trazê prá cá A minha irmã, eu e tinha, a minha irmã também, uma era, tinha problema de coração .. ela trabalhava em tudo. i tinha outra uma que era costureira levava a máquina... pra fazê roupa de congo lá, na na festa. Ela não fazia mais nada. Ela trabalhava ali I...nóis fazia no, dia de busca, eu arrumava um carro., que aí ia lá já tava na casa da moça, a sala, metade era tudo compra., tudo “Ah, **Marta**, o que eu pude arrumar está aqui. Agora, tem pessoas qui qui qué dá mais”. [...]. I aí começou. Então, nunca faltou comida (XIV-16).

Várias outras mudanças são percebidas na Congada pelos/as colaborades/as A festa antigamente se realizava considerando os tempos de trabalho e os da natureza. O festar e o trabalhar estavam intimamente imbricados um no outro e na cotidianidade Apesar de ter seu início baseado no calendário litúrgico para a sua ocorrência, a Congada não segue o mesmo para a sua realização nos anos vindouros. **Tereza** nos conta que inicialmente a festa de São Benedito ocorria dia 28 de abril. Independentemente do dia da semana no qual esta data caísse, a festa tinha que se encerrar no dia 28.

Conforme o domingo que caia, si caia antes, às veis até o dia vintioito vinham. “Ah, caia numa segunda-feira”, eles iam rezá a missa qui dizia que era do festero novo. “Óia a missa no dia vintioito é dos festero novo.” Aíí os congueiro tamém. Aí vinha todo mundo, os congueiro tudo iam pra igreja... no dia vintioito de abril porque era..., era o dia da encerração da festa de São Binidito (XI-37).

Tereza ainda acrescenta:

“era éé em abril! Depois virou assim: os, os pescador começaram pescá, i aí tinha qui fazê na lua cheia porque ... os pescador chegavam i tinha suas folga na lua cheia. Depois, cabô os pescador aí puseram pra maio, terceiro domingo de maio, porque no dia da mãe não, porque trapalhava o Dia das Mães... (XI-32).

De acordo com **Negro** “[...] o Levantamento do Mastro é uma cultura portuguesa... e que foi acoplada na Congada” (III-51). Já Rei relata que havia um controle intenso sobre o comportamento dos congueiros durante a festa, um maior respeito do comércio em geral para com o santo quando ele passava com o andor.

Eu mesmo conversando com o Seo Dito essa semana agora. Tive lá na casa dele, na quarta-feira. [...] e ele falou quee no... passado era muito diferente da Congada de agora. Era mais rígida, ah, os comércios eram tudo fechado, assim tipo quando o andor passava... ooo era proibido vender bebida alcoólica para qualquer congueiro durante a festa. O mastro era levantado uma semana antes. E tirado uma semana depois... Eeee não saia ninguém da fila... Tal baile vai ser naquela tal rua. Ia todo mundo em fila até chegar num outro local da rua... Embaixador levava os congos dele, o Rei levava os congos dele. Tu-tuudo em fila certinho. Pra sair da fila, pra ir ao banheiro, alguma coisa, tinha que pedir ordem (IV-13).

Tereza relata a mudança ocorrida no texto da Congada, já que antigamente os congueiros o falavam em língua africana, o que dificultava o entendimento do significado do que era dito durante os bailes da Congada “[...] você tava ali, assistia bonito aquilo tudo, mais você num, num dava pra entendê o que eles falava [...] Ele, tem uma fala ainda no meio que é enrolada, sabe... A veiz, eu, quando eu entrei na Congada num era nada declarado assim direitinho (XI-45). Ela relata também que uma pesquisadora tentou registrar o texto da Congada: “[...] começou ainda a escrever e a ensinar mais declarado mesmo, porque antes num entendia nada! (XI-46). Apesar deste trabalho, muita coisa se perdeu.

mais falta muita coisa na Congada, fia, falta muita coisa. Muita fala! Porque Dona Dedé fez de tudo pra pegá, sabe? Cada um que, aqui, que sabia um pouco, a dona Dedé foi gravando, foi escrevendo e fez um livro pra Congada continuá, mais falta muita coisa, muita coisa, muita coisa... que ela fez pra declará (XI-44).

Negro mais uma vez tem uma opinião divergente e diz que a Congada “[...] Perdura até hoje com as mesmas falas, com as mesmas fardas, com as mesmas danças, com os mesmo passos... (III-8d).

Tereza relata que antigamente “[...] a Rainha até 12 anos só. Num tinha di cuatorze, quinze anos não” (XI-22) e haviam regras para a participação da garota que desejava ser rainha:

só tinha que participá, participavam aqueles qui participavam com a Congada. As Rainha tem participação com a Congada. Não era qualquer um que chegava assim “Eu vou lá levar minha filha pra sê Rainha”, não! Tinha qui tê participação na, com a Congada. ...podia sê do, do pessoal qui dança, os filhos qui dança, os filho da Ucharia, qui fosse do meio.., do, dos filhos dos congueiros, porque num adianta mais. Agora vem um de lá do ... Paraná, vem um de Minas Gerais, vem um da Bahia: “Ah eu quero que minha filha seja Rainha”. “Não!”... Não é assim! Porque o qui que eles sabem, qui num

tem participação? Tem qui tê participação. Si você qué sê alguma coisa na coisa você tem qui participar..., né? Tem qui participá! (XI-23).

Com o passar do tempo e com as mudanças ocorridas na festa, responsabilidades e saberes vão sendo transferidos para os /as sucessores/as, para as novas lideranças da Congada.

os primeiros filhos... foram trabalhando, uns foi saindo, outros foi ficando, outros ia entrando. Eu sei que afinal, fiquei eu. Mais tá muito diferente já... ai já chegou, começou a chegar turista, i tudo, i já muitos já começavam a ... a bagunça. I depois mais velha ... minha mãe não foi mais. Ia lá mais “Deixa eu entregá pras fias, né”. Eu como a caçula fiquei... ali. Mais o ponto trabalhava mais qui tudo di bom, você trabalhava mais do qui antes, porque antes o povo mesmo faziam a festa, principalmente da comida. A igreja é por conta dela, né? Mais pra falá com padre, pra ir lá no são Francisco, falar com padre era meu pai. Isso cabia na nossa família (XIV-14).

Tereza também comenta a participação de não-congueiros na festa, como seu pai que sempre ajudava e as contribuições se davam de maneira diversificada.

ele dava dinheiro praa comprá alguma coisa, ele trouxe... O seo Pedro Tuteca disse que tava precisando de uma lona pra, qui ia entrá o pessoal na Colônia, ele trouxe uma lona grandona, de San, da casa São Pedro, im Santos, ii pra cubri a, as panela na Colônia, i trazia frango, i sal, de barco, ele trabalhava de barco de pesca... Ele trazia uns pedaço de carne, qui tinha geladeira, tinha, o bagulho era cheio de gelo, né, botava assim pra trazê pra festa. Toda vida participô da festa ... de São Binidito. Desde que ele veio pra cá e conheceu a minha mãe... já chegou participando da festa. Não com ele dançando congueiro, mais ... sempre dando..., trazê fogos iii, sabe, sempre participô da festa (XI-41).

Há em alguns discursos relatos de conflitos familiares relativos à disputa pela coroa do Rei, tanto no seio da família de Eva Esperança, após a morte de seo Paulino, pois com a nomeação de Neco como rei “[...] esse meu outro irmão dizia que meu pai não podia dar o direito dele, de rei pra esse (ri). Tinha que dá pra ele também, né, ... aí o Pedro falou assim: “Não, é Neco! Neco está até quando ele não puder mais... Quando ele não puder mais, aí pode ser você...” (XIV-11); quanto também externos à família, como quando houve a necessidade de se ampliar a Ucharia.

era uma casa só pra essa comida pro pros congos... mais como era muita gente e a casa é pequena, eles puseram como um festero de rua... sabe? Esse festero de rua podia... eles... daqui ajudava aquele festero de rua a fazê na

casa dele a comida pra ajudá, pra divií pro povo comê... aí foi nisso que outros disse qui também seria rei, porque podia sê rei de rua. Mais aíf a briga foi entre eles lá (XIV-13).

A Ucharia mudou várias vezes de lugar, foi para o clube e lá apesar da fala de **Marta** de que “[...] lá também foi muito bom!”, neste espaço também havia “[...] um quarto fechado, né, essas coisas mais de segurança...” (XIV-24). Também se deram mudanças das pessoas que trabalhavam durante a festa, que atuavam na parte realizada pela igreja efetivamente, fazendo com que novos problemas surgissem e preconceitos fossem se revelando com a convivência.

depois teve na igreja teve um... Aí que começou trocá ... di-di pessoas pra trabalhá. Na parte da cozinha, não. ...né? Dos, dos-dos cômodos de baixo que trocava. Foi um que entrou no lugar do, de-do que morreu, [...] ele guardava comida, ele escondia. Aí falaram, tiraram ele. Ele dizia que não tinha mais. O pessoal de trais da ilha chegavam iii, eu chegava assim “Escuta,” [...] “não tem mais comida?” “Ah, não tem! Tem arroz e feijão. Pra quê, Dona **Marta**?” “Ah, as pessoas de trais da ilha chegaram agora.” “Ah, porque eles não chegaram mais cedo?” disse “Chega! Num, não precisa mais.” Aí... eu chegava “Tem tem arroiz, tem feijão? Tudo bem”!, eu falava ... Ia lá no açougue, comprava, fazia pra eles comê pra não passá fome, né, porque já tinha um quarto pra eles ficarem. “Tá vendo, vocês não passam fome... qui vocês muitos mesmo me ajudaram, muitos ajudaram meu pai e minha mãe”... Agora, ele negá, e tinha carne, tinha tudo escondido. Eu foi onde descobri i falava pra ele “Você escondeu do povo lá de trás da ilha que ajudou muito aqui, mais não vai adiantá pra você, porque não vai serví, não ..” (XIV-23).

Houve momentos nos quais a auto-segregação acontecia também conforme relatado: “[...] a senhora vai embora ou fica? ”. “Não, eu acompanho, eu fico. Eu venho quinta e só volto segunda-feira.” Ele falou assim “Não, a senhora vai ficar aqui na sacristia.” Disse “Não, padre, não quero saber de sacristia. A parte prá lá é-é de vocês, nós tamos aqui” (XIV-26). Estes momentos de aproximação com as lideranças religiosas tornou evidente preconceitos latentes:

tinha uns..., qui a mu-mulher trabalhava na igreja, i tinha um ... aí como qui é qui chama [...]..., uma geladeira, um freezer, grande, qui eles guardavam pras coisas pra, pra quermesse. A quermesse era no colégio... Então ele ia, meu quarto a janela dava pra... né, i eu não durmi, eu fiquei escondida lá olhando. Eles vinham, abriam o freezer ... i começaram assim “Ah, não mexeram”, né.” Pensando qui a gente ia mexer [...]. “Ah, não mexeram!” Aí eu fiquei ali... Aí quando chegou uma hora.. Ele não parava! Nem lá na quermesse, nem aqui! [...]. Aí eu falei assim... Quando chegou a última disse “Ah, tá tudo em ordem”, sabe? “Tá tudo em ordem”. Sabe, eles vinham contá o que

deixaram no freezer pra vê si a genti... Aí eu, eu peguei abri a janela rápido. Ele assustou-se. “Escuta pra que você vem toda hora? Você não dorme? Não trabalha?” “Ah, não. Nós viemos aqui pra pegá as coisas.” Disse “Não... olha, até hoje nós trabalhamô pra festa de São Benedito, mais ninguém leva nada!... Não. Isso aqui é de vocês, é de vocês. Não pense qui a genti é ladrão. Depois eu que durmo aqui, eu tô responsável Aí aí vão dizer que eu peguei, levei, chamei uma pessoa da minha família pra leva pra casa”. “Ai, não!” (XIV-27).

Marta também nos relata casos de preconceito percebidos por ela durante a Ucharia, sempre envolvendo pessoas ligadas à igreja, e até mesmo com algumas com as quais mantinha relações de convivência, como vemos a seguir

noutra festa mesmo, e tinha uma senhora que ela ia de ônibus, tudo. No primeiro ônibus ela ia. Então, i ela não conhecia a moça que trabalha, que ficava lá trabalhando pra igreja, na parte da igreja. Aí ela falou assim... que a mulher vinha falando, a mulher “Ah, eu tenho qui ir cedo porque lá na festa tem... além da bagunça que fazem lá naquela parte lá qui, da festa de São Benedito iii eles chegam a roubá as coisas do-do freezer”.[...]. “Mais é verdade, mesmo?”, a turma dizia. “Mas, verdade?” “Não, isso não acontece, nunca aconteceu!” “Aaah não, precisa a gente í cedo i vê, porque meu marido fica aí a noite, ele chega em casa diz que ele nem dorme. É um tal leva i traz.” [...] Eu já fui ali. Mais aquilo me subiu um calor... Aí... eu fui. Eu, quando eu fui, ela atravessou da nave na frente do altar...[...] Aí... eu falei pra ela “Vem cá”. Ela veio. Aí eu falei, “Escuta aqui, o que você faiz aqui na igreja?” “Ah, eu qui faço a limpeza, faço isso, as coisas.” “Tsc, tsc, tsc. Você conta pros outros o que você faiz aqui, o que você leva pra sua casa aqui?” “Ai, dona **Marta** o que é isso aí?”. Aí eu comecei, falei umas boa pra ela. Eu falei assim “Si ocê fosse uma pessoa que eu não conhecesse, eu ti perdoava. Mas você? Sua mãe, uma grande amiga da minha mãe. Vocês todos estão sempre na minha casa. E você falá de mim?” Ai, ela quase desmaiou! “Eu não falei assim!” “Falou! Você falou assim, isso, isso e isso, pro pessoal qui não ligaram... Senhora, você perca o costume de falá da vida dos outros. Cê não sabe? Eu não sei. Eu não tava na hora, eu não sei se alguma coisa aconteceu. Mas você falá... i o pessoal, sabe que o pessoal toma de...” “Quem falou, quem falou pra senhora?” “Você sabe quem veio no ônibus?” “Ah, num sei porque no ônibus nesse horário vem muita gente.” “Então! O pior é isso! Que você vem no horário que vem gente da Praia Grande, não sei o que, pra trabalhá! E dessa que veio dali pra trabalhá, que tava ouvindo o que você falava, ela nem foi trabalhá! Ela veio contá pra mim. Contou tudo, tudo, tudo. [...] Agora eu vou dizer: eu só peço à São Benedito... que te dê um castigo... pra você. Porque... se eu, se eu faço isso, se eu levo ... ele que me devolva pra, de você pra mim ...mas que você vai sofrer, vai ... Aí ela... ficou, chorou, chorou, me pediu perdão. “Ah, eu não vô perdoá... Deus que, peça perdão a Deus. Num sou Deus pra perdoar ninguém!” (XIV-28).

Em contrapartida também são relatadas reações de solidariedade recebidas de outras pessoas diante da situação acima exposta: “[...] aí a turma dizia **Marta**, o qui tá acontecendo,

qui vimos você muito brava lá”. Aí, aí eu falei pra turma. “Ai, mentira!” “Mentira não!... Hum. Ora! Eu não vô mentí!”... (XIV-29).

Sobre os lugares de poder ocupados por congueiros e negros na comunidade ilhabelense e de como a sua presença em alguns postos pode alterar a relação entre congueiros e Prefeitura, Ditinho do Pagode nos diz que

é a primeira vez que existe um secretário, na existência da Secretaria de Cultura, e da Fundaci, um secretário negro, congueiro, né, [...] o secretario ele, ele tem um envolvimento direto com a Congada, porque trata assim, trata-se da da manutenção do, não do resgate, porque a coisa já, já acontece, mas da manutenção, do apoio a essa cultura di ... da Congada, [...] i foi a primeira vez que um Secretário de Cultura, até porque a Congada, através da sua, da sua, da su, sua organização, né, que é a Associação dos Congueiros, ela não permite muito a influência do político, aliás, nenhuma influência. Eles não gostam de associar política à Congada. A prefeitura ajuda, a Secretaria de Cultura ajuda, a Fundaci ajuda, né, mas efetivamente não decide as coisas pela Congada. Então, secretários e prefeitos não, não decidem nada da Congada, quem decide são os congueiros mas eu tive o privilégio de participar do grupo di whatsapp deles como Secretário mas com certeza por ser congueiro. Mas evidente que eu era Secretário, e eu pude opinar, pude dar uma opinião com coração de congueiro mas sendo Secretário (X-14).

A presença de um público externo a Ucharia vem desregulando os ritmos da mesma já a algum tempo, conforme relata **Marta**:

uma vez veio uma equipe, lá de São Vicenti, ... dee ... Terceira Idade! Um ônibus lotado de velhos. Não sei onde arrumaram tanto velho pra, pra trazê pra festa de São Benedito!... Aí quando chegou, lá Dona Dedé, não sei quem foi chegou lá disse **Marta**, chegou um ônibus lotado pra festa ..., i a comida?” ... “Não vai dá! Na verdade, como é qui..., ninguém avisou nada, porque tinha de avisá!”. “Ah, nós vai vê isso”..(XIV-21).

Em um passado recente, a prefeitura começou a colaborar com a festa, por intermédio da Secretaria de Cultura, mas a participação popular é priorizada: “[...] Aí antes da festa ... a gente ia lá, já dizia o que queria, eles já tiravam com qui podiam dar ... iii pra festa. Ii o povo! Não podia deixar do povo!” (XIV-19).

Se antes a prefeitura “[...] nunca deu nada ... nada, nada, nada!” (XIV-17), agora sua ação tem contribuído para desvirtuar a essência da Ucharia atualmente, juntamente com parte do público externo que ali frequenta, fazendo com que congueiros deixem de participar dela por causa do mesmo neste espaço.

Não gosto de política..., numa coisa que é cultural. [...]. Porque antigamente... [...] as pessoas que vinham de trás da Ilha, não tinham como voltá... Então, às vezes chegava “Poxa, vamos dançá, fazê os bailes”, porque é baile, né? Não tinha como ir embora, só que eles traziam galinha, traziam pato, i tal. Cada um trazia um pouco. E faziam lá, e comia e tal, e faziam o baile e iam embora. I fizeram um link, porque, a partilha, né, já que São Benedito... ele tirava dos pobres pra dá pros rico, então, e era um cozinheiro, então fizeram, atrelaram isso também... conforme os anos. No meu entendimento, ééé quando entrou a política, que “Prefeitura tem que dar”, ééé “O comércio tem que dar”..., eu fiquei..., eu vi que perdeu a essência. Tem, tem um senhor que foi Secretário da, dentro da Congada, José de Alcício..., um cara muito sábio! Nossa! Precisa ver, ele sabia demais! E ele... quando ele viu qui, que, as pessoas não tavam entendendo isso, quanto ao pessoal fazê a Ucharia, ele não foi, ele não ia mais. Ele chegou a falar “Eu não vou mais, não!” (XXI-5).

Se por um lado mudanças ocorridas na Congada e Ucharia, afastaram parte se seus integrantes, elas também trouxeram pessoas novas para participar da festa. **Maura** fala sobre a importância de quem sabe ensinar a quem não sabe, àquele/a que chega para começar a participar da festa..

As pessoas costumam até dizer qui tem gente qui vai lá só pra comer, né, “Ah, porque não entende a festa”, “não entende ...”. Olha gente, cabe a quem tem mais informação, passá pra quem não tem...[...] De alguma maneira ou outra, isso tem que chegar pras pessoas, pra entenderem o qui que é Ucharia de São Benedito. Tem muita gente de fora, muita gente qui já não acompanha, algumas famílias... até porque... religiosidade mudou, as pessoas, elas tão em outras, outras religiões que não, não cultuam essa cultura, né, da gente, né, de São Benedito, estão em outras, outras, né, vendo Deus de uma outra maneira, que não é a mesma que a nossa, embora ele seja um só. Isso afastou um pouco algumas pessoas. Mas trouxe outras. Essas outras que vieram e que talvez não entendam o que é Ucharia, o que é essa festa, quem tem informação tem a obrigação de passá adiante. E aí a gente tem não só o meio do boca-a-boca dos mais antigos passarem para os mais novos, como os meios de comunicação, né, explicando o que é Congada, o que é Ucharia, que é uma festa só, a festa de São Benedito (XIII-9).

Ao falar das pessoas que chegam e novas participações **Maura** fala sobre as aparentes limitações de acesso e de como as pessoas que chegam são importantes porque há grandes perdas e é necessário estar pronto para elas.

a impressão que se tinha, Silmara, éé que isso era o clube da Luluzinha i fechado. Qui outras pessoas não poderiam adentrar isso, mesmo quando elas queriam participá. I por que? Porque se falava muito em tradição, tradição, tradição ... E aí as pessoas ficavam achando qui só quem era de família tradicional, que tinha vindo inaugurar Ilhabela é que poderia estar lá...né? Iii

o tempo foi passando e a gente foi demonstrando qui não, qui a gente aceita a ajuda di quem quer que seja porque ..., a gente precisa dessa ajuda, as pessoas mais antigas, mais tradicionais qui elas iam sim. Cada ano a gente vê uma figura a menos lá... E aí nem sempre a gente conseguia essa ajuda de estar lá, de essas pessoas poderem estar ajudando, inclusive correndo atrás das coisas, angariando coisas, pessoas que tinham esse saber, né? [...]. I aí a gente tem qui fazer outras pessoas que ainda estão com a cabeça fechada di entender..., qui a gente necessita, é uma grande festa, a gente necessita de grandes ajuda. De muita ajuda! Porque aí ela não passa a ser uma coisa trabalhosa pra ninguém..., tem que ser prazerosa, você tem que estar com as duas coisas aliadas. É um grande trabalho, dá muuito trabalho, mas você tem qui ter um grande prazer (XIII-25).

Já **Secretário** ainda vê a Congada de atualmente como uma comunidade onde está “[...] o povo caiçara mesmo. Povo caiçara que eu digo não porque nasceu aqui na Ilhabela. Não, os pais nasceram, os avós já eram daqui da Ilhabela... então é essa comunidade tipo de três gerações seguidas assim de caiçara que você acaba vendo ali” (V-16).

Uma das formas através da qual se dá manutenção e transmissão da tradição congueira é através de uma forte relação estabelecida entre congueiros e familiares com os trajes e adereços por eles/as utilizadas ou confeccionados (vestidos, capas, espada, chapéus etc.) e as embaixadas apresentadas durante sua participação na Congada, nos mais diversos momentos de suas vidas e através das quais vai se estabelecendo um vínculo entre gerações passadas, presentes e futuras de maneira que estas peças e textos, mais do que vestir essas pessoas para a festa ou contribuir com o espetáculo, os trajes e acessórios as vão re-vestindo da história de sua família e da Congada, lhe dando pertencimento e reconhecimento no grupo, por isso essas peças acabam “[...] tendo um valor, tendo significado, tendo uma história. Você olha pra aquela roupa, você olha pra vestimenta, você olha pra uma espada, você lembra de vários acontecimentos” (V-19).

Se a gente for na casa do, do do Seo Zé de Alício vê a, ver o chapéu dele e a espada... A espada então, a gente pega e via como Seo Zé de Alício pegava e dançava e como ele girava aquela espada... e fica naquela expectativa de todo mundo parar pra ver o Seo Zé de Alício dançando no último baile... né? E hoje eu num, num me vejo, eu num... eu não consigo enxergar, né, isso aí na hora que eu tô dançando, mas ééé é, no último baile todo mundo fica esperando pra me ver pegá dançando (V-20).

Há na gestualidade uma identidade e memória coletivas. Assumir um personagem, como por exemplo o Embaixador ou o Rei, é ao mesmo tempo trazer essa memória e

identidade ao presente e criar novas representações na mesma ao imprimir nesta a sua própria identidade.

Uma dança que a gente faiz, uma rodada da espada que a gente faiz, o jeito de falar...né? A gente tenta pegar... hoje, né? Hoje eu tento pegar e passar isso pros, pros os mais novos...[...] Um, um tipo da gente pegá e dançá que já ‘tá sendo copiado pelos mais novinhos... eu fiz uma coisa lá há... três anos,[...]. Quatro ou cinco anos aí, no primeiro ano que eu fui Secretário, eu fiz uma coisa diferente que hoje to-to todo mundo faz... Então, acho que é... Essa forma de ser lembrado... isso que-que é interessante pra gente (V-8).

Então fica naquela expectativa de todo mundo pegar e ver... Tipo assim, ele deixa de ser **o Secretário** pra ser o Secretário... do Rei que tá indo lá. Seo Zé de Alício acontecia a mesma coisa, ele era o Secretário, eterno Secretário do Rei. Todo mundo parava assim pra podê pegar e ver... aí eu falei “Caraca, como Seo Zé de Alício conseguia rodar aquela espada?...” o Seo Pedro Embaixadô era pequenininho, esse eu tenho alguns flashes... o Seo Pedro Embaixadô, quando ele vinha... vinha ameaçá o Rei e tal... era de um jeito único! Eu me lembro mais de Seo Dito de Rosa... do jeito que ele peg, ele virava a cabeça... Seo Dito de Rosa, ele mudava a espada de mão assim, ó (mostra com suas mãos como era a movimentação feita por Seo Dito de Rosa) com uma facili..., ele ia falando, mudava(V-21).

De acordo com **Secretário**, a Congada “[...] junta todos esses sentimentos de respeito, de-da religião com São Benedito, da devoção e da fé que a gente tem, com o respeito, no meu caso, da minha mãe, da minha avó... iiii doo do Seo Zé de Alício” (V-25) e é

esse respeito...é que, é que move a gente. Esse, esse sentimento de pegá e querer, em querer fazê... né? Eee, e daí vem essa obrigação, né, entre aspas, porque, a obrigação, a responsabilidade. Porque a gente não tem só uma responsabilidade coom, com essa confiança que nos foi dada... né? [...] Aaa, a significância que tem pra cada um de nós, de todos os congueiros, do-do pessoal que enfeita a imagem de São Benedito que é o andor, que é a família do Tico... do-do pessoal da Ucharia... é, então isso, isso passa pras outras pessoas e a gente tem essa responsabilidade [...] de pegá e transmitir essa, esse significado pros, pros mais novos (V-26).

Negro apresenta algumas de suas impressões sobre a gestualidade e a ancestralidade e, a partir da sua experiência, nos diz que

quando começa na sexta-feira o Levantamento do Mastro a impressão que eu tenho é que nós não somos mais nós,... Parece que a gente encarna alguma coisa, a gente fica diferente... às vezes a gente nem sabe quem a gente é, quando a gente tá dançando, quando a gente tá declamando uma embaixada, parece que encarna uma coisa... não só em mim, mas quando eu olho pro Rei, quando eu olho prum fidalgo, quando eu olho, sabe?, parece que num é aquela pessoa, ela fica diferente..., a voz muda, o jeito de andá muda. As pessoas mudam, parece que recebem alguma coisa, alguma história... e aí as pessoas ficam diferentes parece... que eles não são eles... e conversando assim com algumas pessoas da Congada, com alguns congueiros, amigos, o Rei, com o Embaixador, eles também sentem isso [...] “Nossa, às vezes quando eu tô dançando me dá um branco, assim, parece que eu não sou mais eu!”, “nossa, fica tudo tão louco, tão estranho!”... [...]. Eu não sei se são congueiros muito antigos que vem na gente, ou que ficam do lado, ou que... mas rola uma situação espiritual, (tosse), na hora da dança, principalmente... tem toda... uma-uma situação espiritual mesmo, de muitos anos atrás... Parece que a gente encarna pessoas muito antigas... que dançavam a Congada antes, né, no início de tudo, em 1780, 1785! (III-44).

Ao mesmo tempo que **Negro** fala da incorporação de gestualidades e identidades ancestrais, no reconhecimento em si mesmo de outrem, **Secretário** nos fala que há nesta gestualidade coletiva uma individualidade

Seo Dito de Pilaca, o antigo Rei... é, eu vi ele dançando algumas vezes...e tem uma vez quando ele podia pegá e dançá, ele pegou e ele veio como rei, teve um ano que ele veio dançá, um ano. A gente ficava olhando e “Caraca como é que consegue dançar desse jeito?” É uma coisa diferente, é um gingado diferente. E é isso que pega e fica iii eu entendo que essa, essa magia que tem entre a gente é o que faz pegá e perdurar... de geração em geração. [...] E é aí é bacana, né? Bacana pra caramba! Poder vê isso aí e entender um pouquinho... E espero que dure já, dure mais, mais... alguns, alguns séculos aí... (V-22).

No que se refere aos ancestrais, alguns nomes são frequentemente citados tais como [...] o Zé de Alício, ... ééé Di, Dito de Rosa... Dito de Pilaca! (X-27), como referências da comunidade congueira.

Baepi diz que a Congada tem, através de seu viés, uma possibilidade que “[...] faz com que [...] eu me sinta cada vez mais próximo das minhas raízes; da minha ancestralidade como um todo” (II-2). O mesmo é relatado por **Tereza**, ao falar sobre a Ucharia: “[...] Parece que eu vejo tudo a minha família assim, sabe?...quando eu vou lá vê, chego lá na Ucharia assim, tá aquela mulherada assim, parece qui eu vejo tudo elas ali” (XI-57).

Vários fatores foram relatados como impeditivos ou restritivos no que se refere à manutenção da tradição, entre eles o abandono da tradição por famílias congueiras ou de parte

de suas descendências: “[...] Algum está se perdendo, a família se, saindo..., mas tamo aí, na, na luta do dia-a-dia... na briga, sabe? Nas críticas, nos elogios... e vamu lá. Vamos ver até quando vai dar” (IV-19).

Tereza conta que há famílias que participavam e que os mais velhos faleceram e seus descendentes não participam. A maioria dos que abandonaram a Congada são mais da região do Perequê e, na sua opinião, são poucas as famílias que continuam lutando pela Congada.

Quem tá, quem tá aguentando memo a Congada éé a minha família e a família di Gilmar. Si vê mais alguém ajudando? I a **Maura**. Qui a família, a filha da Dona **Marta**... saiu fora. Aí era ...a Cininha, a Cininha já é prima da dona Izani, sabe?. Mais já não faiz parte, a família da dona **Marta** já faleceu todo mundo. Só tem dona **Marta**. E ela coitadinha, ela tem uma idade avançada, num dá mais (XI-26).

Além disso, **Tereza** acredita que não há mais interesse por parte dos pais nem em preparar a roupa para seus filhos: “[...] Eu vou lá si a Cultura der a roupa”. Não! A roupa era nós mesmo. A roupa era feita pra pros pai, pas pessoa mesmo (XI-48). Outra mudança é a ausência das gerações mais novas, principalmente feminina que recusam alguns espaços anteriormente a elas destinados, como relatado em um diálogo seu com uma de suas netas “[...] Não é só assisti a Congada, você tem que tomar parte da Ucharia e tudo!” “- “Ah, não vovó, eu não...”. Olha os filhos do meu irmão, as filha dele... Num tá!” (XI-29d).

Secretário diz que atualmente, a religião vem sendo deixada de lado, devido ao avanço da sociedade:

tá mais, fica muito mais fácil você pegá e deixar de lado essa parte de religião, essa parte de respeito e de família, né? Uma, porque eu os casais hoje em dia... o pai e a mãe tem que trabalhar, então não passa tanto tempo assim. E a parte de religião tá cada vez mais ééé sendo deixada de lado né, dessas, dessas famílias, no meu entender (V-27).

Sobre a dispersão e evasão dos mais jovens **Nina** aponta que um dos motivos para isso é alguns jovens acharem “[...] que é uma fantasia de se colocar ali, de ficá se expondo, no mundo tecnológico, onde todo mundo filma e que pode virar, sabe, uma piada no grupo de amigos” (I-17). Falando sobre esse mundo tecnológico, **Negro** relata sobre a época de seu nascimento

a gente nasceu em casa de pau-a-pique com chão pisado de barro... A nossa luz era de querosene ou então, a vela, entendeu? Aí, quando começou a chegar na cidade de Ilhabela toda essa tecnologia, a televisão, os celulares, né, e toda essa coisa que a gente tem hoje em dia, muita coisa da nossa história foi... indo embora, né? A gente foi se desprendendo das coisas... E o que ficou mesmo foi a Congada de São Benedito (III-18).

Maura nos fala de sua família, na qual, apesar de todo o esforço despendido, não conseguiu manter seus sobrinhos, depois de maiores, participando da Congada, e isso se deve, em sua opinião, à falta de referenciais masculinos na família que permitiriam conciliarem tradição e devoção: “[...] porque se nós somos uma família onde a maioria é mulheres e os poucos homens que tem não são daqui... aí que eu falo pra você, teria que ter a devoção, porque aí já não existe a tradição [...] minha família se perdeu um pouco nisso” (XIII-5).

enquanto crianças a gente consegue pedir pra que eles vão i na iii a idéia é qui quando você pede à criança, você ensina porque ela tem qui estar ali, a gente espera qui na fase adulta, a gente não tenha que tá pedindo mais, a gente não tenha que tá explicando mais, porque ela cresce entendendo o que qui é aquilo ali. Se não tá no coração dela continuá, quem somos nós por trás da tradição pidi qui elas continuem indo? Não podemos! Não devemos! E é aí qui entra a devoção, né? [...] Mais si eles não vêm hoje os pais dançando..., que são já nossos maridos, que nós somos todas mulheres e nossos maridos não dançam, até porque eles não são daqui, eles vieram de fora..., como ter isso na continuidade da família? Difícil! Porque eles não viram os pais dançando..., como eles vão dançar? Hoje, o que a gente vê lá em algumas famílias, poucas, é que você já vê os filhos dançando com os pais. Eles estão lá no infantil, ou então naquele no azul ou no vermelho que é mais novo, i depois os pais estão dançando lá. Aquilo ali vai dá, vai rolá! Vai, daqui a pouco ele tá tendo filhinho, o filho também vai, porque ele vê isso na família, prá ele é tudo uma festa quando o pai tá se arrumando iii tá o filho, daqui a pouco tá o neto. Então, é uma continuidade que...isso aí, é isso aí que a gente fala é a tradição envolvida com a devoção, conseguir se passar pra outras, pras crianças, pros adolescentes que crescerem naquilo ali o que era, o que é a Congada, o que é devoção, né, ... (XIII-5).

Lelê, adolescente, diz que a Congada para ela e sua família é tudo e que se ela não guardasse esta tradição “[...] no meu coração seria meio que uma ingratidão à minha família, porque desde o começo eu tô lá, desde o começo eu tô, eu tô acompanhando, eu tô ajudando. Então, é uma coisa que eu amo, porque éé’ e eu-eu cresci nisso” (XXII-2). Considera que sua interação na Congada era maior durante a sua infância, mas que agora na adolescência isso mudou, já que a adolescência é:

uma fase complicada da nossa vida, e a gente reconhece isso, mesmo que a gente não consiga mudar, porque a gente passa por isso. Então, é às vezes eu tô na Congada, minha avó fala assim “*filha, vai ajudá na Ucharia?*” Aí eu, “*Ah, mãe, quero assistí*”, aí eu não ajudo porque eu quero assistir, quero passear, às vezes quero dar uma volta na Vila. Então, eu acho que é por isso, porque antes eu, quando eu era pequeninha, desde que, eu, acho que eu tinha quatro anos, foi a primeira vez qui eeu ajudei na Congada qui foi já ééé, acho que foi ralando cenoura e ralan, cortando batata pra minha avó, pra minha avó colocar na panela. Então, depois de um tempo eu parei di, di ajudá na Ucharia, mais mesmo assim eu tô lá para ver a Congada, assim sabe, mesmo que eu não esteja ajudando. Mais vai tê uma hora que eu vou voltar porque..., eu sei que vai ter uma hora que eu vou querer voltar. Então, por isso que essa fase tá sendo meeio diferente, porque minha avó, ela sempre fala “*Filha, vem aqui ajuda!*” e eu sempre “*Ah, mas eu quero andar, quero ficar, eu quero dar uma volta, quero assistir...*” então, num, num acabo participando tanto da Congada, mas eu sempre tô lá (XXII-4).

Lelê apesar de reconhecer que há um certo distanciamento da Congada de sua parte, reafirma o seu pertencimento a ela pois, em sua opinião, se ela não gostasse verdadeiramente da Congada “[...] seria meio que uma, u... tempo perdido enquanto eu tô lá, sabe? Porque desde pequena eu gosto muito da Congada porque eu sempre fui, eu conheço a história, então é uma coisa bem... de família mesmo ... si eu gosto da Congada é porque eu faço parte dela...” (XXII-5).

Maura apresenta que atualmente não há apenas caixaras na Congada e que “[...] é legal saber que apesar de não ser ali todo mundo cem por cento caixara, mais são pessoas envolvidas porque tem a devoção à São Benedito. Eu sempre achei que São Benedito, eu na minha cabeça ele não é da Ilhabela, ele é do mundo” (XIII-3). Ela entende que a Congada mais que uma festa tradicional e cultural é:

acima de tudo é uma festa de devoção, né?... Porque eu sempre falo e isso a gente vai com o passar do tempo a gente vai tendo outro olhar sobre tradição, né, devoção [...] Porque elas, elas têm que andar juntas a devoção e a, e a tradição, porém se a gente for ver bem... [...], eu não posso... manter essas duas coisas tão unidas porque... fala-se muito em tradição, das famílias tradicionais em Ilhabela, quii levam i cultuam i que mantém isso muito definido como tradicional, festa cultural, tradicional. [...]. Lógico que é bom você ter isso como tradição. A minha família tem isso como tradição, porque foi lá meu avô, bisavô, Neco, lá de vovó Eva e o pai dele, i us, meus tios-avós, meus tios que levaram isso, foram passando de família e sempre ficou um, sempre foi ficando as famílias ali envolvidas. Só que hoje a, apesar da nossa família ser tão grande, família de Eva Esperança... né, o que a gente e Benedito Paulino, né, que era um dos primeiros reis congo lá, tem pouca gente envolvida na dança..., infelizmente! Tem um parente aqui, outro ali, porque infelizmente as pessoas não tem mais aquele querer de devoção. E isso não pode.... isso, as pessoas tem que ir lá, porque elas querem estar, porque são devotas, elas não podem estar lá porque o vô estava, porque o

bisavô estava... acima de tudo ela tem que tar devota, ela tem qui sentí que não estão ali dançando porque o avô dançou, elas querem, elas tem que querer estar lá, i entender porque elas estão! É uma festa além de tudo, é uma festa qui é a festa de um santo..., né, tá envolvida uma religiosidade por, por trás disso. Tem que estar! Se não tem gente lá porque vai aparecê, porque qué aparece no livro e a gente escuta muito isso, viu, qui na hora das fotos todo mundo tá lá, né, iii iii eu tenho, eu tenho qui ter muito cuidado com essas coisas (XIII-12).

Rei também alerta para a postura de alguns congueiros durante a Congada:

Hoje, hoje o cara sai e não dá satisfação pra você, não tá nem aí. Então, acho que tá ali por diversão. Muitos tá ali por diversão! Sabem que tem um, um uma câmera filmando... Apareceu aquele drone filmando... domingo! Aí todo mundo quer aparecer, saber quem é, todo mundo... os congueiros tudo agoniado, de quem era aquele drone, de quem era que tá filmando, ia pra onde, passá aonde. Então ah, então muitos quer ir pra passá na televisão... Não importa! A gente não faz pra televisão. A gente faiz é pro povo, pra devoção, pra igreja (IV-14).

Henrique diz há mudanças internas na Congada. Quando menino, ele conheceu uma Congada da qual quis participar e na qual aprendeu a respeitar os mais velhos e viu seu pai buscar a tradição e sempre mantê-la. A Congada de hoje, é para ele,

uma Congada totalmente diferente, onde as pessoas, né, lembram do ego acima de todas as outras coisas. Ééé... a Congada de antes é a que eu me encantei, a que eu me apaixonei,...é uma Congada que era mais pura, as pessoas eram mais verdadeiras entre si, iii e talvez isso também se reflita a verdadeira devoção e o sentido do que era a Congada (VII-1).

Outro aspecto elencado foi a religião. **Rico** diz que o crescimento do mundo evangélico e a adesão de caiçaras a esta religião tem interferido na evasão de seus participantes

a Congada, por ser coisa católica, né, porque tem o São Benedito, a imagem do São Benedito totalmente ligada à, à Congada em Ilhabela iii, ... muita genti saiu... devido a isso, iii... o meu pai creio qui tenha sido um deles, porque minha avó se tornou uma evangélica, ela era católica e se tornou uma evangélica, né, e meu pai deixou de ser, meu avô, acho que por idade, né, porque um pouco cansado, mas também se tornou evangélico (XVII-3).

Boni nos mostra que este fluxo entre as duas religiões acaba sendo um movimento de via dupla visto que

tem alguns que tão voltando, qui participaram de outras religiões e agora tão voltando também. O ano passado, esse ano di, di dois mil i, i dizesseis, uma pessoa foi convidada novamente a participar da Congada e aceitou. O ano passado, num num sei direito, mas esse ano, sim. Assim. Bom, são uns que voltam, uns que tão chegando, basta... pode ser de outro estado, de outro, di-de outra cidade, basta chegar... é só comentar “*Quero!*”, vir com vontade, que a gente recebe assim... i é bom (XII-9).

Frente a essa evasão de congueiros para outras religiões, fica uma atitude de luta, ainda que houvessem ocorrido momentos de questionamento da própria fé.

se dependê de mim, pode ter certeza, qui vou querer passá para todos da minha família. Todos os homens dança, todos aqui em casa aqui, aqui! Não tem um que não dança. Meu vô, que é o único que não dança, né qui é... [...], i todas as mulheres em casa foi Rainha, todas as..., as netas da minha avó. A gente tem uma coisa assim, qui pra, pra gente é sério. Qui nem, meu tio... Na hora qui eu ti falo assim, si eu acho si todo mundo pensa como eu penso, porque pra mim é forte mesmo i tudo o que eu pedi pra São Binidito, teve uma época qui veio... Caramba! Mais...? um monte de gente pará de dançá, será qui São Benedito... Aquela hora, aquele ponto de interrogação “Será qui existe? Será qui Jesus Cristo existe? (XVI-4).

Secretário acredita que a Congada só persiste atualmente por conta “[...]dessa tradição, desse nosso respeito com os nossos antepassados aí... porque ééé como se fosse... se a gente herdasse... uuumm, uma responsabilidade...” (V-3) e diz também que

a urbanidade poderia afetar os significados dos espaços ocupados por eles pois “cada ponto, cada... cada paralelepípedo... lá da frente da igreja significa alguma coisa pra gente... eu acho que si, que si viesse o progresso e asfaltasse...né, aa em frente o cruzeiro lá... já não seria igual... pra nós. Porque a gente tem lembranças di-di muitas coisas...” eeee a vontade de reviver isto tudo também, também é tamanha (V-4).

Negro apresenta que não se pode deixar a Congada acabar pois ela é importante não só para os congueiros, mas também para a cidade pois atualmente ela representa

toda a cultura tradicional da cidade, porque foi a única festa que, que conseguiu perdurar, porque nós perdemos tanta coisa da cultura da Ilha

assim, que, que correu entre os dedos da gente, com a migração que a Ilha teve... (...). Com o pessoal também, com as casas de veraneios, com todos os turistas que começaram a vim pra Ilha; com todas as tecnologias que começaram a vir pra Ilha (III-17).

Além disso, **Negro** acredita que como “[...] a nossa cidade é turística..., precisa da história da cidade” (III-19).

Congada ficou na memória, representa o alicerce da cultura tradicional de Ilhabela, não deixa a gente esquecer das outras, culturas... da Ilha que a gente sempre teve e que agora a gente não tem mais, mas através da Congada, a gente ainda lembra, a gente ainda vai nas escolas, a gente ainda faz os resgates, a gente..., e tudo isso, pra mim, quem dá essa força, é a Congada, porque a Congada ela representa a vida do caiçara, né, a historia do caiçara... e que perdura até hoje. A Congada não pode acabá nunca. Se a Congada acabá, acaba a história da Ilha... (III-19).

São aparentes os movimentos de resistência para a manutenção a Congada, por vezes pensados a partir de uma ação individual.

se depender de mim, da minha vontade... isso aí vai continuar aí até... e eu só largo só quando... quando vencer a validade, né. Só largo só quando eu não puder realmente mais fazê-lo. A gente tem as dificuldades, este ano vim de uma pós-cirurgia não me incomodou em poder fazer, né? Aí eu consegui fazer, não tão bem como eu costumo fazer, como eu gostaria, mas, mas o simples fato de tá ali participando e cumprindo com uma, com a minha obrigação me satisfaz, renova as energias pra mais um ano e se Deus quiser o ano que vem a gente tá aí. tá bom? (V-24).

Secretário também fala que a responsabilidade que é tentar despertar nos mais novos o interesse pela Congada é de quem está na Congada hoje porque

dependendo do, do que a gente pegá e transmitir... aí, daí vai perdurar realmente. E como fazer essa transmissão, né? É só a gente pegar e viver, né, com amor e devoção e qualquer um pega e vê a gente entendeu,” esse cara tá fazendo com, nossa realmente com sentimento!”... A gente não precisa pegá e abrir e pegar a cabeça da molecada e fala“olha tem que ser assim, tem que ser assim”. Não, se a gente fizer e eles pegarem e perceberem, isso que realmente vai perceber, eles vão adquirir isso aí e vão também repassar... eu acredito que, que foi assim durante todos esses anos (V-30).

Maura assume uma posição semelhante à de **Secretário** quando fala sobre a transmissão de saberes na Ucharia.

Qualidade! Qualidade é isso gente, é você fazer as coisas decente, com carinho, com amor, chamando pessoas pra você, fazendo decente, legal, sem machucar ninguém, sem prejudicar ninguém, atingindo o seu bem maior, da maneira correta. Qualidade, né, é você respeitar quem está à tua volta, as pessoas que estão ali são voluntários, cada um dentro da sua função, respeitá quem de repente não quer ir largar as panelas porque tá com aquela coisa assim muito antigo di qui só eu sei fazê, mas é porque ela esteve fazendo durante muuuito tempo. Você tem que ser respeitado, sim! E aos pouquinhos, sem que você perceba, quando ela percebe que ela já não está fazendo tanto, ela mesma vai passando para as outras. É só colar nela. Cola nela, fica ali juntinho, qui aí você vê a pessoa passando a função... Que são as pessoas mais antigas que a gente tem que respeitar a opinião deles, né, até porque o que seria da festa hoje se não fossem eles, né? E o que será daqui um pouco da festa adiante se não formos nós que estamos aqui agora (XIII-23).

Negro e **Maura** se mostram preocupados com a sucessão e a transmissão de saberes “[...] a gente tem que começar, eu vou ter que começar a pensar já em deixar um sucessor, no meu lugar [...], que já tiveram outros antes de mim, né, que cuidavam da Congada... e hoje em dia eu tô não só eu, né, mas tem todo um pessoal aí na linha de frente... (III-33).

De acordo com **Negro**“

A Ilha cresceu, se desenvolveu... é outra história hoje, mas a devoção não acabou..., aquela garra não acabou..., aquela união dos congueiros não acabou... Isso continua. A cidade que deu uma mudada, uma evoluída assim mas a Congada..., continua a mesma de sempre, a mesma história de sempre. (III-57).

Maura fala também da responsabilidade para com o saber adquirido e da importância de você ir passando o que você sabe: “[...]“Você tem um grande saber, se você não passa... É como si você tivesse tão limitado, e o seu saber tão grande e você fica limitado porque você não tá passando isso. Você tem que passar o que você sabe, o que você aprendeu, como fazer, onde fazer, com quem, né?” (XIII-22). Em suas palavras o saber demanda poder e responsabilidade.

Qual o seu poder nisso? Porque você está comandando ali junto com outras pessoas uma coisa muito grandiosa. E qual a sua responsabilidade? De passar isso pra alguém! Passar pras pessoas! [...] Mais você tem, olhando pra

família, olhando pros seus, olhando pras pessoas que estão por lá ..., olhando pras pessoas que às vezes você sente a falta, “Onde tá fulano?”, né, “Ah, aconteceu isso, aquilo, aquilo outro!” Você fala assim: “É, você tem que ir passando... porque... as pessoas vão e se vão, elas vem e vem, né, i o fato de não estar lá não quer dizer que ela não gostariam de estar, né, ... Mas, o que ela fazia tem que ser feito !... I tomara Deus que si ela fazia uma coisa muito importante pra festa que alguém teje em algum momento atento, pra aprender o que ela tinha pra passar. I que em algum momento, entendendo a grandiosidade da sua função dentro da festa ela tenha tido a grandiosidade de passar isso pra alguém. Senão..., né, que adianta, né? (XIII- 24).

A Congada e a Ucharia se encontram em uma fase de transição já que recentemente suas lideranças foram trocadas. **Rei** é o novo rei e **Maura** é a atual responsável pela Ucharia. Nestes espaços há a transmissão de saberes e são geradas ações que condicionarão os rumos da Congada de São Benedito..

Rei diz que ainda não sabe como se sente como rei, apenas que “Não dá pra explicá a sensação é muito... sei lá, é diferente, uma sensação diferente... né? Em tá em outro lado, entendeu? Ali é muita responsabilidade, é muita cobrança, entendeu? Então, isso que... eu me sinto, eu me caibo dentro disso aí (IV-5).

Enquanto eu tiver na frente dela, dezenove anos que eu tô a frente da Congada, vai ser... desse jeito. Procurar com que... o pessoal, principalmente os congueiros, arregace as manga e... e não vista só a farda no dia, sabe? Ou coloque só o chapéu... E vira as costas pra Congada. Não é isso! Congada é muita coisa. É o ano inteiro trabalhando se deixar... Os congueiros só vão na igreja quando... é dia da Congada, depois aparece ninguém mais (IV-9).

Rei diz ter percebido a comparação entre ele e outros reis que passaram, mas tudo correu bem: “[...] Tamo... mais uma batalha, né, se passou... eee começamos uma outra. [...] Porque o próximo ano nós, se Deus nos permitir, se a data de validade não vencer, nós trabalharemos novamente aí, entendeu? Com a permissão dele, vamos festejar Benedito santo (IV-17).

A transição na Ucharia parece ter sido mais tumultuada e são várias versões que se apresentam, caracterizando, possivelmente mal-entendidos de lado-a-lado. **Marta** tratando da transmissão de cargo e poder diz saber que “[...] Tem qui passar pra outro, porque vai morrê, senão vai morrê. Mais tudo de acordo, tudo combinado, né? Vamos passar? Vamos!” (XIV-42), mas se revela insatisfeita ante a maneira como se deu a troca de liderança na Ucharia, os motivos apresentados para a troca e por não ter sido respeitada na escolha de sua sucessora, no caso, sua filha, que iria acompanhá-la e para quem gradualmente seriam passadas as

responsabilidades do cargo, fazendo-a sentir-se desapropriada de seu poder e desvalorizada quanto ao seu conhecimento. Em suas palavras

eles queriam por a minha sobrinha... no meu lugar, porque antes, bem antes, eu tava, tinha o, com um problema nas pernas i eu falei assim “Olha, ... eu no final quero por a Mariana no meu lugar,” mas eu trabalhando junto, sabe como é que é? Só ela pra tê o nome que, qualqué coisa em São Sebastião onde foi a, em vez di eu í, ela vai, me representá. Aí..., mais eu num tava sabendo o qui tava acontecendo, né? [...] aí depois ele falou assim “Olha, ... dona **Marta**..., a partir deste ano a responsável pela Ucharia vai sê **Maura**.” “**Maura**? Por que? ...Cadê ela? Cadê a **Maura**?” [...] ela não está aqui, por que? I ela sabe?” “Ah, ela sabe, tá tudo combinado!” “Ah, vocês fizeram tudo sem, sem me pedir, sem eu s.... “Ah, não sei o quê...” Aí ficaram tudo sem graça, né (..) Aí, o Carlinhos falava assim “Ah, dona **Marta**, mais a senhora tamém tá numa idade qui num dá pra ..., pra fazê, entrá em festa assim, dona **Marta**.” “Por que? A **Maura** ela sabe? Ela sabe o que se passa? Sabe o segredo da festa? Dessa Ucharia?” ... “Ah, ah, não sei!”. Ficaram tudo sem jeito. Assim, “Mais tudo bem. Se foi pra isso, vocês não precisavam me chamar. Podia até manda um bilhete, pelo telefone... Pode ficá!... Porque... ela, ela é nova também, ela sabe muito bem, então ela que fique.” [...]“Si ela é pra recebê, é ela quem vai sê, é a obrigação é ela estar aqui..., né? Mais onde ela tá? No Rio! I vocês fizeram isso! Olha pra mim, chega! (enfaticamente). Vou dizer pra São Bini, vou me despedir de São Binidito, nessa parte aqui da Ucharia. Cheega aqui com voceis! ... mas também tem uma coisa. O que tivé no meu alcance..., esqueça que existo, Carlinhos, porque eu tô ficando velha! ... sabe, a pessoa que ficou velha já não presta pra mais nada.” “Ah, não dona **Marta**, não”. Disse “Não!” Aí me levantei e vim embora (XIV-34).

Teresa ao relatar a transferência de sua posição na Ucharia para suas filhas acena que a indicação do/a sucessor/a é uma prática comum por parte daquele/a que deixa o cargo e também expõe que pode ocorrer um certo desinteresse na continuidade da participação por parte da pessoa escolhida: “[...] eu falei pra **Niquinha**; “**Niquinha**..., toma a minha frente, filha, porque mamãe num tá podeno”. Ela disse “Tá, mamãe!” “Cê toma a minha frente”. Falei pra **Nina**, a **Nina** assim “Ah, tudo bem”, mas a **Nina** não si interessou-se. Aí a **Niquinha** entrou no meio... (XI-20).

Mesmo tendo sido procurada depois por sua sobrinha num primeiro momento manteve-se irredutível “Aí tudo o que eu tenho de São Benedito tá na casa do Diogio (exclama o nome dele), tá na casa do Diogio, eu não tenho mais com você, só com São Benedito” “Ah não, não. Ah, dona **Marta**...” “Chega! ... Fique com você” (XIV-35). Atualmente parece haver uma reaproximação, mas **Marta** ainda se sente incomodada pela postura assumida e o comprometimento de sua sobrinha com a Ucharia.

Ela queria, né, ela uma vez já numa reunião ela falou pra mim assim “Tia, ...mas tia eu não entendo nada disso. “Eu quero qui a senhora conti, esteje lá” então, pra ...eu dá uma orientação.” “Eu já estou muito velha...” (ri) A minha resposta pra ela “Você tá nova, cê vai pegá esse cargo é pra você! Já qui deram pra você, é pra você... mais... Mais nada!” ... Ajuda lá, í lá ajuda, ela ficou contente comigo porque eu tava lá ... porque se fosse uma coisa ... direito... Tudo no direito, é direito! ... Aí, é deferente!..., sabe? Si ela chegasse, ou si eles chegasse ou ela chegasse fala “Tia, cê... Tia, isso, assim, assim vai acontecê i eu quero sua ajuda...” Aí, de coração, ia trabalhá..., di coração. Mais... ela fugiu. [...]. Porque podia ajudá as pessoas qui eu conhecia já, qui já me conheciam ali, né, ainda brincava com eles, tudo..., mas ela, o primeiro dia ela foi, foi sê madrinha, não sei que de um casamento lá no sul... Isso não!... Isso no dia que eu perguntei pra ela ... “Como é qui pode? Você saí,saí no dia da sua..., como se..., da sua apresentação ...” [...] Cadê a dona qui vai sê? Ninguém conhece...” Tem de apresentá, né, ... Assim, o pouco qui eu sei. Não sei si falei assim. Não sei si eu tô errada, mais... Eu acho qui tinha di apresentá, né, “Essa aqui vai sê agora a ...” Mas não... [...]. I nunca deu, nunca dá certo..., porque tá errado ali. Agora i vai genti qui nunca teve em Congada! Nunca foi daqui, qui sabe, qui vai tratá isso aí... Então, eles, um dia vai, não vai dar certo isso!... Então, eu eu falei pra, no dia eu falei pro Dado... “Olha, eu sei que eu tem um dia, né, um dia, não tem um dia da caça? Um dia é do caçador. Qui não é pra mim, não sou não sou... Eu não era, era minhas irmãs qui eram i tudo, qui chamô o pessoal qui tudo acompanhô i em tudo estava comigo i me ajudou. Eu não fui sozinha! Eu não trabalhava sozinha, com a ajuda do povo.... I nunca achei, nunca teve uma pessoa qui reclamassi, graças a deus! Nunca! [...] Saiu a, a, a minha filha também... (XIV-60).

Marta sente que foi descartada: “[...] Chegaram a perguntar pra mim.[...]“Ah, mais a senhora não tá mais aqui?” Disse “Não.” “Por que?” ... Porque tinha pessoas conhecidas. “Fui descartada!” “Descartada como? que descartada...?”, falou. Precisava brinca, porque o santo não tem nada a vê!” (XIV-39).

A maneira como a comida é preparada e servida, e o que é feito das sobras do alimento obtidas durante o preparo das refeições e pessoas estranhas na cozinha são coisas que incomodam **Marta**: “A festa de-e no almoço, tinha uma mesa... qui ali aquela mesa era pro rei..., Rainha..., o embaixador... Éé, a turma do-do do guerreio, né, pro almoço. Ele tirou fora ..., tirou fora (falando baixinho). E tem, tem, a turma tem mais lá qui só vai fazê bagunça... (XIV-50).

Então, eu fu, eu fui lá i achei. Cozinha pessoas que eu nunca vi mexê em panela! Nunca vi mexê em... fazia tempero di nada... Tinha um senhor..., pegava o frango, sabe, puxava assim a-a pele do frango i jogava... dexava aquele... só o o frango sem pele, sem nada. O, a, o, a coxa, tudo ... I pegava éé, o pé,... o pé, o-o a asa, tudo num balde, i eu falei assim “Pra que qui é isso aí?” Ele assim: “Ah, isso aí não presta pra...!” Eu fiquei olhando... Não presta? Né, é pra, era pra fazê canja; eu nunca vi canja feita com isso... até já

a... “Isso aqui é prá canja!” Só aquela carne bráánca . Aí “I o qui vai fazê disso aqui?” “Ah, não sei o qui vão fazê!” “Ah, mais é qui tem um senhora lá na Barra, ela tem muitos filhos...”, I ela... eu falei pra ela, nos outros anos eu falava “Traz uma vasilha, pra eu te dar comida pros teus filhos!..” Eu já levava, já arrumava tudo. Tadinha! Ela ficava tão contente! Falava assim “Vai lá leva na tua casa e volta” (sorri com a lembrança)... Então... aí ela tava assim “Iscuta, cê trouxe a vasilha, pra comida pors seus? “Ah, não! Eu truxe i acharam ruim...” Eu, “Sabe o qui ia te fazê, cê levava um bocado disso aqui pra fazê canja pra teus filhos”...” “Ah, era bom! Mais... tá diferente...” Disse “Qui interessantes!”... Aí, tava pas... Eu fui lá na ... no lado da-da, da cozinha. Tava lá num, um balde, não sei o que lá, uma coisa, qui coisa esquisita aqui, né? Eu falei pra uma qui é irmã de Walter, qui tava lá ... “Escuta, o que qui vão fazê com isso aqui? ... “Ah, dona **Marta**, é qui o pernil, pra dá a carne, então tiramo.” “Mais... Isso aí si tirá pra assá a carne?... “Ah, é pra tirá. Tirá tudo.”... Falei “Muito bom.... Vocês trabalham muito bem! Não presta mesmo, faiz mal!” ... Agora, eu não sei. Eu sei que eu fiquei com dó da moça! Cê sabe que... A Malu, até Malu que me, que me apresentou, porque Malu conhecia ela. “Ah, dona **Marta**, dá pra ela porque ela tem, ela deixou as crianças,(pigarreia) ela vai lá, leva, deixa as crianças com a barriguinha cheia e vem” (XIV-44).

A forma como o alimento vem sendo preparado e servido também tem incomodado doadores/as, conforme citado por **Niquinha**:

Aquele monte de comida. A pessoa fala “A gente doa pra isso aqui..., pra sê jogado isso fora?...” Aí eu falei assim “É mesmo, né?” Pô! Até eu! Eu guardo dinheiro pra comprar as coisas né, e aí eu vejo ali, ó, tudo jogado fora! Eu acho, qui não sei, né, depois vou falar com, com Dado pra gente marcar uma reunião e ver esse negócio do desperdício, porque não é, não é certo aquilo! É uma quantidade muito grande... Foram quase três sacos de lixo, de comida fora naquele dia. Cada pedaço de frango deste tamanho (indica o tamanho com as mãos)... bom, cara! A pessoa nem mexeu (XX-29).

Apesar de sua discordância com os rumos tomados nesta nova fase da Ucharia, **Marta** ainda gosta de estar presente na mesma.

Eu venho! O tanto qui eu possa vir, eu venho! Eu nunca deixo de vir aqui não Na cozinha, não.” Na cozinha **Marta**, experimentasse a ..., a...” a comida como é qui a gente... a gente fazia, qui faiz. Disseram que não iam fazê esse ano. Aí vinha “Você experimentou, **Marta**?” ... Mas que ruim!...Muito sem sal... “Tu experimentou?” Disse “Não. Então vou experimentá”. Aí, eu pus um pouquinho na boca, ai falei pruma conhecida minha “Você qui fez?” “Não, senhora. Foi... aquelas duas ali. I eu falei qui ficou sem sal Ai, falaram, falaram pra mim que não sabiam qui eu era a cozinheira.” (ri) Ah, eu dei risada. “Xá di sê boba, não liga! Você diz: eu sou cozinheira!” (XIV-40).

A substituição de **Marta** na função de responsável na Ucharia não impede que ela continue sendo uma referência para as outras pessoas.

E ela trouxe... esse mesmo dia que, vamos dizer, da minha dispidida de doce, ela trouxe, mais chegou aí alguém perguntô... “A senhora quer alguma coisa?” “Quero pra entre! Essa caixinha é pra **Marta**” Ela disse que não sabia quem foi. “Ah, deixa que eu entrego assim!” “Não, eu quero entregá na mão dela!” ... “Aah, mas acho que ela não vem.” “Se ela não vem eu levo de volta! ... Mas ói, ela não deixou com uma pessoa qui, “Eu trouxe pra dividir e dei pro povo”. Aai... eu peguei e dei u ah, fiz o doce dei pra turma toda, né iii... No ano passado, eu levei, fiz um pouco também de doce, peguei e levei. Esse ano eu não levei nada (XIV-36).

Maura ao falar de sua nova função e como se dá a transmissão de saberes, vê como importante a presença de **Marta** na Ucharia:

Hoje a última filha de Eva, que é tia **Marta**... que ainda está por lá, nos seus oitenta e oito ano, né? Ela não tem uma atividade na cozinha, mas ela fica ali com sua presença optando, palpitando, porque isso é bacana, né, são experiências passadas, adquiridas, né, pela gente ao longo do tempo, vendo ali... transitar pela cozinha i nos anos atrás muuito envolvida cabeça, devoção, tradição, físico, né, porque são três dias ali se ocupando dia inteiro... Isso pra gente é bacana! Então, a gente tá ali porque a gente quer, a gente tá ali porquê a gente tá da tradição, a gente tá ali porque a gente tem devoção, i isso pra gente, mulheres que estão ainda envolvidas com as coisas de São Benedito, enquan-enquanto Ucharia, pra gente não tem muito segredo porque é uma coisa tão automática, a gente só definiu um pouco de funções, porque hoje observando lá... tem poucas pessoas da minha família. Tinha-se muito mais... (XIII-6).

Falando sobre o momento atual da Congada **Maura** diz que a crise chegou para todo mundo e isto provocou mudanças no modo de arrecadação de alimentos.

antigamente os comércio davam maais. Dão menos hoje. As pessoas tinham aquela tradição da Festa de São Benedito era tudo doação... tudo era doado. [...]. As pessoas já guardavam aqueles franguinho no quintais, aquilo é de São Benedito. Si nascia um pato lá, aquilo é di São Benedito. As, as construções foram crescendo, as pessoas foram vendendo suas terras, filho construindo na casa de pais, como isso aqui, isso aqui era um quintal só. Minha mãe também tinha a galinha que dava prá São Benedito, mas agora “Mãe, vamos ter que tirá o galinheiro pra podê construía nossa casinha, porque o negócio ficou feio”... E aí, esse negócio de doação perdeu-se assim um pouquinho... Não é que se perdeu, é que as pessoas que doavam cinco, doam dois. Não é porque elas não querem. Mais pra gente não interessa [...], não interessa a quantidade... Interessa que elas doaram o que elas podiam doar [...]. A ideia qui si tinham dez pessoas doando deiz ou cinco e tão

doando dois, vamos correr atrás de mais cinco. Vamos, vamos cavar tipo ouro em pedra, porque as quantidades elas aumentaram um pouco, né, a gente qué mantê mais não dá, porque são mais pessoas comendo (XIII-13).

Sobre as novas pessoas que chegam para ajudar na Ucharia **Maura** argumenta que

não importa a tradição, elas tão com boa vontade, elas tem devoção, tá ótimo, beleza, perfeito! Acho que... mais pessoas virão porque a gente perde pessoas ao longo da caminhada, pessoas de peso iii é uma coisa que eu falo e repito, né,... esse... as pessoas elas não são substituídas não, esse negócio “Ah, ninguém é insubstituível”, nós somos insubstituíveis, sim. Nós somos pessoas singulares... Não existe outra pessoa como eu, não existe outra pessoa como você. Existe apenas a boa vontade, a grande vontade de que as pessoas façam o que eu faço, o que você faiz... isso se aprende, sim. Si tiver alguém com boa vontade, as pessoas qui têm que aprender o que eu faço com boa vontade, o que outras pessoas que me ensinaram faziam eu tive a boa vontade de aprender. As suas ações sim, são substituídas por outras pessoas que vão vir a fazê-las. As pessoas não, né? Isso é qui eu levo sempre pra mim. E aí ao longo dessa caminhada muitas pessoas se foram, muitas tias, muitas senhoras idosas, gente qui ia prá Vila pra dormir lá (XIII-15).

Maura revela cuidado com a tradição ao dizer que há um medo de se perder, no meio de todas essas novidades, a presença das pessoas mais antigas que participaram da festa. Como solução está sendo realizada uma tentativa de reaproximar essas pessoas mais antigas e suas famílias da festa.

Então a gente angaria um da família, né. Esse ano consegui trazer algumas pessoas... Filha num sei di quem, filha não sei de quem, qui era daqui daonde, qui era do morro, qui é di família qui a gente via por lá i não vê ninguém i a gente sabe qui a família é imensa, a gente fala “Pô, porque você sumiu de lá? Não, você está convidada, você está intimada a ir lá”. I aí depois a gente vê que a pessoa foi, gostou i tá lá então..., a ideia é trazê pra qui isso possa caminhar junto ainda, né, a tradição ali com a devoção ... A gente qué, a gente qué qui essas pessoas tenham pelo menos um de cada família ali, entre tantos, qui são famílias numerosas. A genti qué passá o olho e ver qui aquela pessoa tá representando alguém lá do morro, lá do Cantagalo, lá do Morro do Cemitério, lá da Armação, ali do Saco da Capela já tem uma galera qui tá com a gente; a gente quer ver gente lá do sul da ilha, lá do-do norte, a gente quer ver um de cada família ali com a gente. Então, o convite, a gente faiz o convite, a gente estende o convite, o convite está sendo feito, já começamos nessa luta aí esse ano e a gente vai adiante..., a gente vai adiante... Quem sabe a gente não consegue pegá essas pessoas que tem tanta tradição e fazê com qui elas voltem a ter a devoção né? (XIII-17).

De acordo com **Maura** a presença das mulheres mais antigas transitando pela festa e ajudando como podem é muito importante pois elas:

são figuras importantes di estarem ali transitando pela festa pra qui as pessoas vejam e fale: “Ela está aqui!” Isso passa pra gente uma ... um tchan, uma energia bacana sabê qui a pessoa qui começou aquilo lá atrás ainda está por ali olhando, fazendo parte, si sentindo parte, mesmo qui descasque uma batatinha ..., antigamente descascava treis quilo, hoje com as mãos mais leve, mais cansadas, algumas senhorinhas descascam duas, treis i a gente vai buscá em casa pra tá lá... Não faiz muita diferença, talvez na quantidade de coisas que façam, mas fazem uma diferença danada di estarem ali sabendo que elas ainda são importantes pra festa. Então, a gente também tem que trabalhar isso né, e as pessoas que estão do lado, as mais novas, elas têm qui entender a importante presença destas pessoas lá, essas pessoas muito forte. I são pessoas qui fizeram isso chegar até onde tá, né... [...]. É uma energia assim qui ... é vital, né? Isso pra mim é, é de grande relevância, por isso que eu falo que às vezes as pessoas elas, elas si sentem assim meio qui deixadas de lado porque elas acham qui elas estão mais incapacitadas, né, di realizá... tarefas. A gente não quer qui ninguém vá pra lá descascar um saco não, mais se for pra lá fazê um pouquinho ... i a gente olhá e olhá prá tras, vê lá fotos de vinte, trinta anos atrás, quarenta i vê a pessoa ainda ali ... Nossa, isso é, é tão gratificante pra gente! ... A gente não pode perder isso ... E aí a gente, em algum momento lá atrais outras pessoas, ...qui não entenderam isso ... ééé graças a Deus não é tão, não estão assim tão integrada i não assim tão ativa como nós porque não fala a mesma língua qui a gente né, tem qui falá todo mundo a mesma língua ... E aí a importância de cada um dentro do que se faiz lá (XIII-19).

A presença dos jovens descendentes na Ucharia também é considerada importante pois

para os seus mais antigos que já não podem mais estar ali, porque já estão idosos i uma coisa e outra assim, né, ... iii isso, isso é importante para essas pessoas porque eu acho que eles que carregaram isso nas costas, eu acho que eles se sentem assim “onde tá fulano” “onde tá fulano?”, “onde tá beltrano?” “Ah, tá lá na Ucharia, foi ajudar lá”. Noossa, tenho certeza! (XIII-18).

Nina fala sobre a importância de haver atualmente uma nova organização da coletividade, pois na sua opinião é necessário um maior envolvimento dos congueiros pois “[...] a gente vive numa outra realidade de, a gente não pode achar que a 200 anos atrás quando chegou, a 150 anos atrás a Congada chegou e que iria continuar a mesma coisa, porque as coisas evoluem, então a gente também precisa se adaptar a isso” (I-25). Ela fala também que há a necessidade de se ter um líder presente e organização, porque “[...] se não fica um improvisado [...] por isso muitas vezes as pessoas falam “ah, vai acabar, vai acabar! ” por conta de de falta de organização e desse envolvimento antes.” (I-29). Considera também

que “é necessário fazer um cadastro, de você saber quem, quem são as pessoas, onde moram, onde eu posso entrar em contato, do que eu preciso (I-30).

Entre as alterações mais recentes na Congada temos a incorporação da Congada Mirim e da Missa Afro. De acordo com **Negro**:

Tem toda uma história a Festa de São Benedito porque na Missa, a representação da Missa Afro... são, são as flores, são as folhas... a água de cheiro... o ar, as coisas da natureza, que eles representam e a comida... Comida é importantíssimo!... Porque todas as músicas são músicas em olodum, em africano, que são cantadas, abaixo de marimbas e atabaques aonde os congueiros vão entrando cada um com um prato de comida na mão... eeee eles oferecem aos pés de São Benedito essa comida e que fica lá e que é consagrada pelo padre e que no final da missa que todo mundo que está na missa come ou leva pra casa porque além de ter comida pronta que as pessoas comem dentro da igreja na hora, tem alimentos, chuchu, mandioca, abacate, abobora, batata doce, cana, que as pessoas colocam na sacolinha e levam embora... pra comer em casa porque está santificado, não só por São Benedito, mas também pelo padre, né, que na hora benze todo o alimento... toda a comida... (III-26).

Como uma tentativa de preservação da tradição da Congada de Ilhabela, a Congada Mirim foi criada por **Negro** em 1999, para a qual foram convidados a participar

as crianças que tinham o sangue da Congada, que corria a história da Congada na veia, filhos de congueiro, netos de congueiro, sobrinhos de congueiro, [...] e no ano de 2000 eu lancei esta Congadinha e foi o maior sucesso, o pessoal se emocionou muito. [...], os meus aluninhos que tinham na época 8, 9 anos, hoje eles tem 22, 23 anos e já comportam a Congada adulta. Então a Congada adulta já cresceu... e a Congada Mirim ainda tá aí. Então, pra mim, é um retrato do resgate da cultura tradicional de Ilhabela (III-16).

Uma situação destacada por alguns/mas colaboradores/as foi a não realização da Congada Mirim este ano (2016). **Henrique** entende ser necessário se reconhecer as causas do ocorrido e definir os objetivos da Congada Mirim (VII-13).

Branco diz que ficou muito triste pela Congada Mirim não ter acontecido este ano e que em um primeiro momento foi contrário à decisão, mas a acatou, pois há uma hierarquia na Congada que deve ser respeitada. Atualmente reconhece a validade dos motivos apresentados para sua não realização, mas acredita que a Congada Mirim deve continuar devido ao seu papel educativo: “[...] A Congada só ti leva pro bem [...] Então, te forma o teu caráter, a Congada te forma teu caráter..., entendeu? Te forma como homem, cê tê sua

dignidade, entendeu? ... Congada é isso... pra mim! Formar seu caráter ...Formou... o meu...” (XIX-10).

Você tem a hierarquia... Mas não te impede di, di, no caso, nos dias de hoje, de você si expressar, i falá o que você acha..., [...]. Eu fiquei triste, di não tê dado uma continuidade da Congada Mirim..., porque eu acho qui, qui, a con, no inicio si voce fizé um trabalho bem feito na Congada Mirim i tal, você forma o caráter do congueiro lá na frente ... [...] Você forma. Você forma a dignidade, entendeu, da pessoa na frente, de uma forma ou de outra... Eu oo, ou pro praa coisa certa, ou pra coisa errada, de ele fala, de ele acha qui logo no ensaio lá, na Congada Mirim, si for uma coisa qui muito vacalhada, ele vaii olhá a Congada de outra forma. Por isso, não teve Congada, entendeu? Ou faiz a Congada do-da maneira que ela tem qui ser passada realmente, entendeu, ou não faz a Congada do jeito que ela tem qui ser passada realmente... entendeu? Aí, o **Secretário** falou “Não, não vai ficar legal e não é essa mensagem qui a gente quer passar pras outras pessoas”. I a gente respeitou. Eu falei “Não...” Demorou pra eu aceitar, é verdade, mais eu acabei aceitando, a Congada Mirim não deve acabar nunca... (XIX-11).

O caráter formativo da Congada Mirim e seu importante papel no auxílio da manutenção da tradição é também demonstrado na fala de **Vermelho e Dourado** quando este fala sobre sua participação e dos processos educativos que vem se dando na Congada Mirim por ele percebidos.

um dos meus primos, ele que dava o ensaio, aí ele me explicou melhor. I, tipo, vários dos meu primos que pulam Congada também me explicaram, ii, tipo, eu já gostava! Eu ia mais pela... porque eu gostava. Só que depois que eu aprendi um pouco mais sobre o que qui é, sobre o que representava a Congada foi aí que eu comecei a gostar mais ainda. Quando eu tinha 1, 2 anos acho que eu devia ir porque eu achava legal i porque já estava dentro de mim, mesmo sem eu saber. Mas aí quando eu comecei a ir para a Congada Mirim ii minha mãe e os outros, os adultos realmente me explicaram o qui, o qui, porque qui eles fazem a Congada, por, o que a Congada home, homenageia quem, quem ela homenageia, [...], i eu comecei a pesquisá, pesquisar não, a perguntar quem era São Benedito, o que ele fez e tal ... e me apaixonei pela história de vida dele e tal e eu comecei a querê continuá aa, esta tradição nossa (IX-7).

Boni, assim como **Maura** vê grande importância na realização da Congada Mirim porque a Congada tem altos e baixos e

ela tem tem ano qui com poca gente, teve ano que foi muita gente pequena, de crianças, aí veio uma, um pessoal “ah, a Congada tá acabando...! Aí eu

olhava pras crianças assim “não, a Congada não tá acabando” a Congada, ela, ela não acaba, ela recomeça...(XII-7).

Henrique, ao apresentar a sua formação na Congada adulta indica possibilidades de como deve se dar o trabalho da Congada Mirim. Para ele, esta deveria ser um espaço de aprendizagem, inicialmente “[...] Folclórico num primeiro momento, assim como eu acho que eu também fui um pouco pelo lado folclórico e depois eu fui aprendendo a religião, fui aprendendo a arte, né, de religiar, junto com os congueiros iii é este trabalho... (VII-16).

Tereza aponta que a responsabilidade pela não-realização da Congada Mirim este ano se deve ao pouco comprometimento dos pais das crianças em estimular a participação dos meninos na Congada. Além disso, ela não vê a Congada Mirim como necessária para a manutenção da tradição já que antigamente apenas a Congada adulta era suficiente para ensinar aos meninos.

Porque antis num tinha nada de Congada Mirim, sabe, os pai arrumava os filho iii saiam tudo lá trais... né, a turma qui não sabia corria trais, porque atrais num tem perigo. A frente tem, porque o pessoal, já, né, com ispada ii atrais tem ispada mais num num num fazem aquela guerra. Então, num tem perigo. I dali qui aí o Rei lá chamava aqueles qui já tava na hora de vim... pra cima, já tava tava si formano i vinha pra cima (XI-16d).

Tereza diz que as pessoas vão assistir a Congada, mas na verdade não estão preocupadas com a mesma, mas sim com o almoço servido gratuitamente na Ucharia, e não se preocupam em levar seus filhos para conhecer e vivenciar a tradição

Mais não! Quando chega a deiz e meia da manhã já tão na fila como daqui lá no Arno, entonces a classe de pessoas não vão lá pra Congada, eles vão pra comê. Agora, vê si eles pegam os filhos, os netos i leva, arruma e vai vamo lá dançá a Congada. “Vamos meu filho, somos católico, tem a Congada, vô fazê sua ropinha i você ...” si não souber fazê pede pra alguém, leva na Congada. Mais não! Vão lá pra comê. Tem que participa do, vê ... os pais num tão nem aí.... Pai de hoje, né tsc. Agora si é um carnaval vão, si vai um show, sabe i... isso eles sabe i (XI-71).

Ainda tratando da manutenção da festa, **Henrique** entende que deve haver uma ação conjunta e dialogada entre os congueiros e que esta deve ser estendida para as escolas

Vamos nas escolas, vamos fazê uma, de repente motivá prá que tenha uma apresentação nas escolas, os congueiros indo fardados explicá, sei lá, alguma coisa que a gente possa junto, em conjunto, chegá a um consenso que aquilo é legal, de interessante di fazê... e não um ou outro tomá uma decisão e tentá impor uma decisão mesmo que fale assim “Ah, eu penso dessa forma, deixo pra vocês decidirem”, entendeu? Mas já influenciando a forma com que os outros vão trabalhar..., né, e decisão tem que ser feita com amor e com com uma, um certo senso crítico também, mas acima de tudo a gente tem qui respeitá todas as características, de todas as pessoas, não só é o que a gente pensa, o qui que a gente vai fazê, o qui que a gente quer impor, tem que respeitar as características (VII-17).

Já **Baepi** entende que por ser congueiro, assim como é professor tem por obrigação, em sua atuação profissional garantir o conhecer e o vivenciar desta cultura aos seus alunos e alunas,

pra que eles possam conhecer, e a partir do conhecer... quem sabe..., amar. Amar toda essa história que é, que também é deles, dos avós, dos bisavós, dos pais. E também pode vir a ser deles. Nesse sentido, até por uma..., como eu já disse, por uma questão profissional... e de crenças pessoais, temos feito sim, um trabalho no sentido de buscar a ajudar as crianças, os meninos e as meninas, a conhecerem para poder... (suspira) pra poder conhecendo vivenciar, e vivenciar e vivenciando amar a toda esta história (II-21).

Negro diz que está bastante envolvido com a Congada e vai “pras escolas, eu conto a história da Congada pras crianças, eu explico a Congada pros professores, eu tô envolvido na Ucharia, eu tô envolvido no Levantamento do Mastro“(III-15). Como pedagogo vê um forte papel educativo da Congada:

a gente tem que passar isso pras crianças desde cedo... essa coisa da bondade, da humildade,... de compartilhar com o amiguinho as coisas que tem...de tá ajudando o amiguinho dentro da sala de aula... a gente tem que se unir... cada vez mais. O ser humano é muito desunido... a gente precisa dá, se dar as mãos... se abraçar mais, se beijar mais, se gostá mais. É isso que São Benedito qué!...é isso que a gente tem que ser, né?... pregá isso, por aí tudo (III-54).

Um outro ponto a ser destacado como maneira de auxiliar a preservação da tradição se refere às asserções nas quais os colaboradores/as falam da interferência causada no grupo por pesquisadores, assim como sugerem posicionamentos metodológicos e instrumentos de coleta, bem como de novos temas para futuras pesquisas.

Boni, Beto e Secretário indicam em suas falas que há uma presença constante de pesquisadores/as na Congada. De acordo com **Boni** “[...]Tem pessoas, como você assim, qui tá perguntando, tá querendo registrar... iii vai vendo muita gente falando da Congada é diferente (XII-10), já **Secretário** diz haver uma interferência causada pela presença do pesquisador, nas atitudes de alguns congueiros “[...] num é só tipo assim “eu vou lá, porque tem muita gente que vai... vai ficar vendo, vão tirá foto de mim”, “O pessoal da USP seja lá outro, né, pesquisador tá filmando e tal e eu vô tá lá, bonito. Não! Não é isso”(V- 29). Já **Beto** tem um posicionamento mais favorável à presença de pesquisadores/as no espaço da Congada.

peessoas bonitas como você que vão guardar essa lembrança, vai passar para um outro povo, vai passá pra outras pessoas, pra outras crianças, ...né? A cultura que cê teve, né, teve... de estar dentro, de estar se dedicando, né? É essa coisa bonita, como foi Iracema França, a Dedé, ... a outra coisa também a Dedé, então é uma coisa... muito boa ... muito... muito forte, muito forte, sabe? Muito forte e que, i qui você tenha ... muita força, muita luz... a mão de São Benedito esteja sempre na tua cabeça..., te dando força, te dando muita energia pra que você consiga fazer um, um trabalho qui, né, hã, encerre seu trabalho muito bem, condignamente, sabe? Como você tá fazendo. Porque o que a gente faz, a gente tá o que, uns 3, 4 anos, né, tentando essa etapa de conversar, né, começá né, que ele te ilumine muito e te dê muita força, sabe? ... Eeita a Congada é você!... Certo? (suspira). A Congada é você! ...que tá fazendo esse tipo de trabalho. Você não vai deixar a coisa cair, nem esmorecer! (VI-6).

Beto relata suas participações em pesquisas anteriores como forma de assumir posicionamentos perante o grupo.

Não modifico uma palavra, eu gravei pra Radio USP, gravei pras, pras outras pessoas, inclusive mais fortes ainda. Que eu virei, num determinado eu virei politicamente a coisa... Eu não admito, sabe, não admito mesmo! Então aqui que eu quero falar com você exatamente isso aqui, que eu fiz agora, aquilo que eu te falei antes. Não mudo uma palavra (VI-8).

Tereza ao relatar a ação de uma pesquisadora no grupo nos diz que esta [...] começou, começou ainda a escrever e a ensinar mais declarado mesmo, porque antes num entendia nada! (XI-46).

Além disso, **Beto** assim como **Niquinha** fazem sugestões sobre trabalhos a serem realizados posteriormente

Eu gostaria de acrescentar que você não deixasse, não deixasse a Ilhabela. Que você continuasse aqui e continuasse com outros trabalhos, porque tem trabalhos de folclórico e religioso que perderam..., se perderam! Por exemplo, busca a festa de Santa Rita lá na hã,... no Eustáquio (VI-9).

si não tivesse a fé..., a religião em primeiro lugar, né, propriamente dita, será que existiria a Congada hoje? Será que esse povo ia dançar a Congada, por dançar a Congada? Não sei! Taí ó, finalizo com essa... pra você descobrir (caímos na gargalhada).

[...]

- Pra você ir mais adiante na sua investigação (XX-23).

Já **Niquinha** questionou a maneira como a entrevista foi proposta como se pode observar nas seguintes falas: [...] Tem mais pergunta? Era bom si fosse assim com perguntas, né, você fizesse várias perguntas (XX-7); [...] Eu achei que você fosse falar “Ah, quando você era pequena..., quando era... blá blá”, entendeu? (XX-21).

Ante a solicitação de dizerem o que era Congada, houveram alguns momentos nos quais os/as colaboradores/as demonstraram insegurança quanto ao que deveria ser dito por eles/as, que haveria um entendimento certo a ser apresentado, independente do por eles/as vivenciados, como indicado nestas falas “[...] Não sei si eu ...si eu cheguei ah no foco que você queria..(XV-4); [...] Vê, qui se tem muita coisa errada aí, você faiz o laudo (XIV- 45); [...] Você arruma aí, separa o que você acha que tem que declará, você declara (XI-73) ou Não sei como responder, Silmara (rindo). Nossa, é difícil! Nunca me fez essa pergunta!. Não sei... Não sei... (XIII-2).

Ao falar sobre a possibilidade de compreensão deste significado por parte da pesquisadora, **Willian** diz que tal compreensão por parte da pesquisadora advirá de uma prolongada inserção desta no grupo mas mesmo assim “[...] tudo, tudo, tudo eu acho não vai conseguir assim sentir o qui é ... sei lá, espero qui a genti passe alguma coisa pra você assim também” (XVI-13).

uma coisa é difícil te explicá assim. Às vezes cê tá ali no meio du,... da Congada mesmo ali, cê ...cê vê a expressão de uns assim qui cê fala assim “caramba, né”... Falei, o cara é...” Cê vê, né, qui... É só você não vai conseguí entende nunca o qui é qui a gente pensa, entendeu?.. Cê podi, qui nem cê falou, é um aprendizado seu, mais cê vai tentá, tentá, tentá i, sei lá, a não ser qui cê teja ali todo ano i.. tá participando di todos os episódios, pra você fala “Meu, tô começando a entender o que esses caras tão passando,

entendeu, o que esses caras fazem, o que esses caras... o compromisso deles assim todo ano (XVI-10).

Já **Rico** indica a importância de quem faz a pesquisa conhecer e ser conhecida e indicada por pessoas que são respeitadas no grupo, de maneira que estas possam agir como elo de contato entre pesquisador/a e o grupo, “[...] Estarei sempre às ordens, ainda se tratando de um pedido do **Secretário** ou do **Rei**, porque eu falo pra eles que um pedido deles é uma ordem, pela relação de respeito qui a gente tem um pelo outro (XVII-13). Falando de aproximar-se de um grupo, de “chegar em um novo lugar” Dona **Marta** ensina:

Eu falei assim “Olha, a gente quando não conheci, vai num lugar i não conhece... faiz como você...” A pessoa que chega... qui vai... né,... di encontro com quem mora aqui, porque quem mora, quem mora, quem mora aqui ou em qualquer outro lugar, chegou, chegou, não é? Num sabe quem é a pessoa. Agora, a pessoa qui chega, chega. Minha avó dizia quem pisa na terra dos outros, pisa no chão devagar!” “É por isso dona, é por isso” Achei tanta graça (rimos) “Por isso qui, quero conhece, quero...,num quero fica parado assim, quero conhecê o povo pra...” “Intão! Você é o interessado” ele deu risada quando falei qui quem pisa na terra dos outros, pisa no chão devagar. (ela olha para mim) Você, eu tô achando qui tá pisando devagar (XIV-56).

Categoria B - Devoção e pertencimento

Nessa categoria consideram-se as descrições sobre a devoção a São Benedito e sentimento de pertencimento pessoal/comunitário na Congada. Assim sendo, há asserções dos/a participantes da Congada sobre o papel do Santo em suas vidas, percepções sobre quem é São Benedito, possibilidades de cuidar de outrem com a força do Santo, o sentimento de pertencimento a um grupo, processos históricos e enfrentamentos sofridos, bem como luta pela continuidade da tradição da Congada.

Tudo que acontece dentro da Congada é relacionado à devoção que a gente tem a São Benedito, tudo. Desde a dança dos congueiros, do Levantamento do Mastro, da missa afro, da Ucharia, tudo é devoção! Tudo é feito através da devoção..., do milagre que São Benedito... faz acontecer na vida das pessoas...! Tudo é realizado através da devoção que a gente tem. Se num se não tivesse devoção, não teria Congada, não teria nada, não teria folia, não teria levantamento, não teria nada...” (III-38).

Baepi fala sobre como a Congada “[...] conseguiu promover uma luta pela igualdade éé, éé, social, religiosa, éé é étnica, de certa forma, aqui no município (II-15).

silenciosamente a Congada foi fazendo, fazendo seu papel, o seu trabalho de-de-de identidade, o seu trabalho de pertencimento, [...] vem à tona quando as pessoas falam “eu quero vivenciar as coisas que eu acredito, eu quero vivenciar a aquilo que é minha tradição, eu quero vivenciar aquilo que me faz bem e que eu tenho desde da-de uma ancestralidade que que não começou agora, aqui”. Não, vem do meu bisavó, vem de pessoas muito mais antigas, eeeee e aí ela consegue vencer esse abafar de vozes, consegue vencer esse abafar de vozes, deixando cada vez mais as pessoas com aquela sensação de “poxa vida, né, sou sim ééé afrodescendente, sou sim éé devoto de Benedito, sou também católico, éé e quero vivenciar esta experiência própria de fé... quero vivenciar esta experiência própria de fé que, pra alguns, éé é uma experiência social, uma experiência cultural ou até mesmo uma experiência política já que a gente está falando de uma política de libertação, de- de-de de uma auto aaah, de uma auto-aceitação que é incrível... (II-17).

Começamos falando sobre os entendimentos apresentados sobre o que é devoção. São várias as asserções que se referem à liberdade ou à obrigatoriedade da devoção. **Henrique** nos fala de dois tipos de devoção, da devoção que aprisiona e a devoção que liberta. Ele as define apresentando que a devoção que liberta é aquela com a qual

você tá aberto, né?, a receber aquela, aquelas outras pessoas, aquelas outras informações, que você aceita as pessoas como elas são[...] A devoção que liberta não é aquela que, por exemplo, lhe é imposta por alguém. Você aprende com a devoção o que você pode ser na vida. Já a devoção que aprisiona, é aquela que ela é imposta e você tem que ficar na, na, naquele modo, naquele pensamento porque ééé aquilo que uma outra pessoa acreditava... e que você passa a ter que acreditar também. E aquilo não é um sentimento puro, né? Então é por isso que a devoção que é liberta é você tá, você tá aberto, né, pra receber éé... a Deus, a Jesus Cristo, a São Benedito, assim como outras devoções também que as pessoas tem. [...]. Já a aquela que não é, que é imposta ..., que é.. .condicionada, éé, você não é verdadeiro, você passaa a tá ali como um simples boneco, um enfeite i quii as pessoas vão olhá pra você e talvez você vai esbravejá, vai sê um cara qui, sabe, vai ter menos participação, não vai tá ajudando de coração, i aí você termina que você mesmo si éé como é que fica? Fica preso a um sentimento incubado, uma coisa assim qui, que não vai pra frente, entendeu?... (VII-18).

As falas de **Rei, Negro e Vermelho e Dourado**, ao apresentarem seus entendimentos sobre o que é a devoção, parecem confirmar a existência de tal dualidade no que se refere à devoção. **Vermelho e Dourado**, aos 14anos, nos diz que:

Eu num, num tô lá só por causa quii, tipo, minha mãe me mandou ir ou porque... éé eu tô indo lá prá aparece, ou qui nem uns colegas meus falavam qui iam lá só práá comer... na Ucharia (ri). Alguns iam, diziam que só por causa qui a mãe tava obrigando a ir. Não, eu não vou por causa disso! Eu vou porque eu quero tá lá, porque eu me sinto bem naquele ambiente... Ii eu acho quii a cada ano que passa eu gosto mais e mais e mais. Eu acho que é uma coisa que eu vou levá prá minha vida inteira i qui eu nunca mais vô querê pará de fazê. Nem quando eu não aguentá mais pulá, quando eu tive bem velho, né, mas pelo menos eu vou prá pelo menos vê, né?... Eu acho quii é isso que é a Congada prá mim. Eu acho que eu nunca vou deixá de ser congueiro, por nada nessa vida... (IX-5).

Rei já fala da devoção e associa a emoção sentida pelos congueiros à liberdade e ao amor.

A emoção vem da devoção! Se você não tiver emoção, você não tem devoção... Então, acho que é isso, a emoção vem da devoção![...!] Você é devoto, você faiz por, por carinho, entendeu? Então você tem aquele amor, você tá fazendo por amor! Então você se emociona por ‘tar fazendo alguma coisa de coração, porque você gosta de fazer, não é obrigado a fazer... né? Então você faiz por isso, então acho que é por isso que vem a emoção... (IV-12).

Já **Negro**, ao falar sobre devoção e das pessoas que participam da Congada nos diz que:

ninguém tá ali por tá, porque acha bonito ou porque quis ir lá dançar... por nada assim. Não! Todo mundo que tá ali é, tem uma história de devoção, tem uma promessa, tem um-uma fala, tem... Não é porque tá ali, porque tá, porque quis, “ah é legal, vou lá, vô dançá também!” Não pode! Entendeu? Todo mundo que participa e de todos os lados, né, não só da dança, da Ucharia... da folia, da missa, é tudo através de devoção; ninguém tá ali porque acha legal tá... Tá ali porque é um compromisso com o santo. Entendeu? Todo mundo que participa, que está envolvido com a história da Congada tá ali porque é um compromisso mesmo. Assumiu aquele compromisso, encarnou aquele compromisso e tem que ir até o fim. A devoção é isso, dentro da Congada. É o compromisso que a gente tem porque a gente se diz... escravo de São Benedito. São Benedito é o nosso pai poderoso. Então, toda a devoção ééé tudo, né, porque todo mundo que tá ali, participando da Congada é através da devoção..., através das promessas..., tem toda uma ligação assim, dos milagres que ele comete dentro das famílias... e todo mundo que assiste a Congada sente isso, né? Vê isso! Tá no sangue da gente... não tem como a gente fugir (III-43d).

Ao mesmo tempo que a devoção que liberta proporciona um forte sentimento de pertencimento e emoção, a devoção que aprisiona, ou escraviza, acaba por criar situações conflitantes entre os congueiros:

num tá tendo respeito entre as pessoas dentro da Congada..., e o que também tira um pouco esse negócio da devoção porque... ooo Deus é uma coisa maior, né? São Benedito ensinou com a humildade dele. É o que eu penso, assim, a humildade é uma coisa muito importante nas pessoas..., né, e infelizmente hoje, e essa é a minha opinião isso aí, as pessoas dentro da Congada não tão tendo humildade, não tão seguindo..., então quando se questiona a devoção dentro da Congada eu fico me perguntando: mas o qui que é a devoção..., em si, da Congada? Qui que... naonde nós vamos chegar? Si tudo é devoção, tem tanta gente que não tá sendo devoto..., porque o coração da gente é que diz ... A fé é uma coisa da cabeça, sabe, do coração, é uma coisa que muitas pessoas ali nem sabem a verdadeira fé. Às vezes tá ali por uma devoção que lhe foi imposta talvez i ela fica presa porque num sabe se aquilo é ou num é dela, entendeu?... Ééé e assim eu acho que muita gente hoje só está na Congada muito mais até pelo, por esta questão “ah, fui colocado pela devoção do meu pai ou da minha mãe e eu tenho que cumprir isso porque se não eu vou voltar”, então tipo, tem como uma escravatura e não como uma coisa liberta, né, uma coisa de próprio coração, de própria mente aberta... (VII-9).

A devoção à São Benedito, a tradição e a família estão complexamente relacionadas na Congada de Ilhabela e é a partir desta relação que se iniciam e se traçam os caminhos da devoção para cada um, como destacado nas asserções a seguir: “[...] a Congada era pra mim, era uma coisa muito mais de sentimento do que próprio de devoção... éé sempre por meu pai tá envolvido, minha família envolvida, ééé..., pelas preservações mesmo da própria raiz da Congada, da cultura caiçara” (VII-5); São Benedito vem antes até mesmo da Congada, ainda que através dela: “[...] a Congada ali de lado. Aquela festa bonita! Linda! Mas São Benedito primeiro, mas através da Congada...!” (XX-15); já **Baepi** nos diz que:

as pessoas que ali estão..., sendo devotas de Benedito... elas aprendem de certa forma ééé, a cultuar... a reverenciar... este rapaz que.. só dedicou sua vida a fazer o bem de uma forma geral e entendem que naquele momento, naquelee momento em que se, se prestam a-a, a estar no congo de cima ou no congo de baixo, entendem que naquelee momento é uma oração, entendem que naquelee momento é uma devoção, é uma prestação de serviço a uma entidade, se a gente pode falar um pouquinho da ancestralidade, a a uma entidade, a um santo católico, mas que em alguns momentos, nos momentos de dança, nos momentos de luta... pra algumas outras religiões de matriz africana você enxergaria a possibilidade de uma entidade, e o que envolve essa mística é o que faz esse povo se mantenha unido (II-8).

A devoção de São Benedito está fortemente relacionada ao vivenciar a Congada por meio da família (seja ela a natural ou a família de São Benedito), podendo esta vivência ter sido motivada por uma promessa ou pelo desejo de estar junto da família ou comunidade.

Para **Ditinho do Pagode** a Congada é:

um místico de de dança, de canto, de emoção, de devoção, de promessa... ao santo, de agradecimento por por ter de repente alcançado a graça do santo [...] eu acredito qui ééé cada caiçara, cada pessoa já da antiga como a minha mãe, a minha avó, elas tiveram a mesma impressão. Naturalmente que a Congada lá no passado né, um passado de 80 anos atrás, 60 anos, né, uma coisa assim mais breve que até do que a idade dela ééé talvez in a coisa era mais simples, né, os congueiros dançavam descalços, era uma roupagem mais simples, tinha menos glamour, mas eu tenho certeza que menos envolvimento, menos, menos, menos fervor não tinha (X-2).

Boni diz que o motivo de estar na Congada “[...] Não é uma questão de promessa pra mim. Nem pros meus irmãos, eu acredito qui nenhum deles. De promessa! É mais porquee a família tá ali dentro, ondi tá a família, tá bom. Aí um fica com o outro...” (XII-12); **Rei** diz que “Congada éé... é tudo, tudo. É família, é devoção [...], é igreja, entendeu? Pra mim eu sinto que Congada é isso aí: Igreja i ii o povo de Ilhabela que fa, que abraça a Congada de coração. Isso é a Congada!”(IV-4). A presença da igreja como parte da Congada também é compartilhada por **Dedé**

Ééé a tradição..., éééé..., é a fé,...ééé..., é... é, eu acho qui é aproximação de éé de união entre, entre todas as famílias da Ilhabela. [...] É, é a fé, é, é a cultura da cidade... que hoje é a única praticamente qui é viva i muito forti. I principal de tudo qui éé... a Congada é fé. É a Igreja, qui é muito importante também! E a união família, é onde a gente consegue fazer um, uma festa homenageando éé... São Benedito e consegue unir to, a cidade toda, a gente consegue parar a cidade toda pra, pra às vezes lembrá qui acima de tudo existe uum deus pra gente, iii, e um santo qui mostrou muita ééé simplicidade... ééé... com os pobres, qui hoje infelizmente é o que a gente precisa ter mais no coração, é, eu acho que é um pouco de simplicidade... [...]. O mais importante eu acho que a Congada é mais qui cultura, é mais qui tudo, é a fé. ... (XV-1).

Beto associa sua participação na Congada a um laço familiar com o São Benedito, pois se apresenta como

filho de São Benedito por promessa..., da minha mãe, qui a minha mãe fez uma promessa prá mim mesmo, né, não era pra ela nada, pra mim mesmo...,

qui eu tinha um problema de saúde, que eu quase cheguei a-a a morrer, asfixiado e ela pediu pra São Benedito pra ele, pediu a um santo e esse santo era São Benedito prá que me salvasse, me tirasse da crise i mi fizesse um homem... Então, que ela me entregaria como seu filho. Filho de São Benedito. Então, eu danço por promessa eu sou um filho ou afilhado de São Benedito. ...” (VI-2).

Segundo **Rico** a Congada é uma das coisas mais lindas de sua vida e “[...] quando eu entendi... quii... eu... tinha algo... ééé, de religião em mim...[...], elaa me ensinou muita coisa. Embora não pareça, ela seja apenas, pra muitos, um folclore da Ilhabela, pra mim não é (XVII-1).

A devoção à São Benedito nem sempre começa na infância. Ainda que houvesse tido uma vivencia anterior na Congada com sua avó, **Eliana**, a gravidez de seu filho, viu

a imagem de São Benedito assim, eu senti uma emoção... e eu só prometi prá ele que se fosse minino... ia ser congueiro. Aí a partir daquele momento, assim, a Congada éé, prá mim a Congada é uma devoção, é uma entrega pra pra São Benedito, é uma entrega pra Deus, eu me sinto realizada, emocionada, cada vez que vejo meu filho na Congada. Até me emociona (VIII-1).

Niquinha nos diz que sua fé foi aprendida, pois ela era uma pessoa que “[...] não acreditava em muitas coisas não qui ... Passei tantas coisas na minha vida porque eu achava qui Deus num, num me ajudava... I a partir do momento qui eu comecei a entendê o qui que era é, essa devoção que a minha família tinha, né... aí mudou!” (XX-1). **Henrique** também aprendeu sua fé com o tempo

a Congada, os três dias que a gente tá ali é um universo paralelo, né? Você tá vivendo aquela, aquela emoção, aquela, aquela religiosidade, é quase um confinamento espiritual... que eu fui aprendendo com o passar do tempo. Num primeiro momento é a festa, né, você é criança e tal e você, e depois cê entra com a parte religiosa mesmo, você começa... no meu caso que não foi por devoção, eu fui aprendendo ééé, a religiar, né, essa coisa da religião dentro da Congada... iiii aí fui aprendendo a, a, incorporar o espiritual também... iiii... éé..., no demais, assim...,(VII-7).

Entre os /as participantes apenas um único colaborador não vê como essencial a relação entre a devoção e a participação na Congada, como descrito na asserção a seguir “[...] num vejo di-de formaa ... que eu tenho que tê uma devoção...” (XXI-4d) e nos diz também que que por vezes as pessoas praticam na verdade uma adoração, o que não deveria acontecer

pois “[...] o santo não foi feito para ser adorado...[...], a gente pode repre, usar o exemplo dele, que veio ao mundo... (XXI-3d). Algumas opiniões lhe são contrárias pois consideram que “[...] não é uma adoração a-a-o santo.” (I-12) e que “[...] sem devoção não tem Congada... Não tem! É através do milagre tudo o que acontece na Congada... Tudo! (III-42).

São Benedito é considerado um santo muito milagroso:

O primeiro milagre de São Benedito foi quando ele ainda vivia ele era cozinheiro do convento de Santa Maria... ee e ele saia com as cestas dele lá, cheia de comida pra poder dar pras pessoas tavam famintas lá fora, né, do convento... eee os guardas desconfiaram e perguntaram pra ele um dia lá que ele estava saindo nos portões: “Benedito, que que tu leva aí nessa cesta?” [...] Ele falou “São flores que eu tô levando... dentro dessa cesta, que eu catei no campo”. Aí os guardas “tudo bem, são flores...”, e levantam o tecido pra ver se são flores mesmo e eram flores. Os guardas viram que eram flores que tavam dentro da cesta... e no momento que eles voltam a fechar a cesta, as flores se transformam em alimento de novo (III-24).

Dedé ao falar sobre a sua relação com o santo, mostra para com ele cumplicidade e um sentimento de ser protegido.

quando eu vou rezar, tipo, olho pra São Benedito parece qui ele já já me conhece, já sabe o qui eu vou pedir, já, já sabe os meus problemas, sabe? Você pede intercessão pra ele junto de Deus, cara, ééé... é magnifico! é uma coisa que arrepiá toda hora, é uma coisa qui você [...] você pede em pensamento, i ele, ele mesmo [...] com, com muita gente pra cuidar ele vai falá assim: “Não, vamos dar uma forcinha pra ele, qui ele tá merecendo! (XV-2).

É através da devoção que os colaboradores/as se relacionam com Santo Benedito, e esta relação pode se dar de diferentes maneiras e em distintos locais., pois o santo faz, conforme mostrado a seguir, parte do cotidiano das pessoas facilitando contato, seja ao “[...] usá o exemplo da São Benedito, da sua simplicidade,... de fazê aquilo. Pegá aquilo i partilhá com aquele qui não tem... Seja com conhecimento, seja com um..., seja o que tiver. Si partilhar é tão bom partilhar! Então éé, é isso é usá o exemplo de São Benedito pro seu dia-a-dia..” (XXI-9); ou seja “[...] No Levantamento do Mastro, quando tá levantando, eles colocam o mastro, você pode fazer um pedido. Seja lá assim no seu cantinho... e você faz o seu pedido... (I-14). Para **Niquinha** a sua fé é elemento suficiente para ela se conectar com o santo não sendo necessário ir à igreja para encontrá-lo, como vemos neste trecho, a seguir,

“[...] Não tenho essa, esse negócio de í na igreja, igreja, igreja, mas... eu tenho fé, em alguma coisa, e essa alguma coisa é ... meu pretinho de Angola”(XX-33).

eu não vou na igreja, né, então, pra mim a única hora di agradecê é nesses dois dias da Congada, nesses três dia da Congada qui eu ...i quando eu rezo i tal, essas coisas, qui eu sempre peço principalmente São Benedito ... a Jesus Cristo, lógico ... mais, às vezes eu peço primeiro pra São Benedito do qui..., Às vezes só pra ele também... (XVI-12).

Os pedidos ao santo atingem as mais distintas esferas da vida de seus/suas devotos/as tanto podem se referir à proteção no trabalho como nos diz **Niquinha**: “[...] Quando eu tô em casa, peço pra iluminá essa escola aqui, qui a gente, que eu trabalho hoje. Pra não deixar que nada aconteça de ruim aqui. E é assim, nas pequenas e nas grandes coisas é, (XX-33). Os pedidos podem se referir a questões rotineiras como encontrar o sobrinho arteiro “[...] Ai meu São Benedito, me trazei aquele menino! i bababa babababababá!” tudo assim (rimos). Eu acho qui era a mais devota da família [...]. Qui tudo era São Benedito!” (XX-25); ou curar a cachorra de estimação “[...] Antisdiontem a cachorra latindo, eu lá na cama, eu “São Benedito, pelo amor de deus, passa a tosse da minha cachorra!” (XX-32).

Há relatos de que caso haja alguma necessidade ou urgência, o santo é o primeiro a ser procurado e ele está sempre onipresente em suas vidas “[...] O meu pretinho na frente... Ó, ele tá comigo aqui! Tá aqui ó! Sinto a presença dele, do São Benedito. Toda vez que eu falo nele assim..., entendeu, eu sinto a presença...” (XX-31); “[...] qualquer coisa que acontece comigo, a primeira coisa que eu falo é “São Benedito”! [...] Qualquer dificuldade, qualquer desespero é nele que eu me apego, é ele que consegue abrandar o meu coração” (III-29); além disso “[...] A gente cria forças assim coom intercessão de São Benedito, com... e nosso senhor Jesus Cristo, com Deus eee, pra que tudo dê certo, saúde” (V-5). A ele também é atribuída proteção contra as injustiças, a restauração da saúde e o bem que faz parte da vida.

eu tava arriscado, aí, a tomá aí quase quinze ano di uma coisa qui eu não, di culpa qui eu não tinha. Foi, a paciência qui eu tive, a promessa da minha avó di abrí u, os olhos di quem tinha que enxergá qui num era eu i ...[...] i sempre, i depois disso, veio o acidente ... Depois do acidente começou a, aí eu comecei a entender mesmo o valor da festa, então ...Foi daonde eu... [...] fui conhecê minha namorada, fui conhece porque cê me tirou de uma coisa que, junto com qui ..., assim com a fé que eu tenho, né, de-de melhorar, hoje em dia, puxa, deu uma volta na minha vida qui ... pegá São Benedito (XVI-22).

A imagem de São Benedito, seja em estátuas, santinhos, escapulários tem um forte caráter de vinculação entre o devoto e o santo, estabelecendo entre eles uma conexão: “[...] o santo carrego ele, carrego ele pra mim, pra todos os lugares eu carrego a imagem, eu... minhas rezas eu, eu carrego ele nas minhas rezas, o São Benedito. Peço pra ele interceder por mim, perante a Deus, sim, ... eu tenho, eu tenho muita fé sobre isso (XIX-12); e **Niquinha** fala de sua necessidade de tê-lo sempre próximo de si.

Queria São Benedito agora e não tenho pra colocar no meu pescoço... Comprá um! Então, é assim, si você vê a minha bolsa [...], é o São Benedito que eu tenho dentro... Na minha carteira, é São Benedito que eu tenho dentro... Na minha outra bolsa qui tá lá, já guardadinha, qui só pra sair..., eu já tenho o meu São Benedito lá dentro. No meu carro, tem São Benedito... Dentro da minha casa, na cozinha, tem meu São Binidito pra não deixá faltá nada na mesa (XX-9).

A imagem de São Benedito é também a representação da fé e elo de contato com o santo. É também através das imagens que os atos e feitos de São Benedito são reconhecidos e lembrados.

Todo mundo fala “ah, mas é uma imagem!! Você não, você não tá divulgando a imagem de São Benedito. Seria a mesma coisa eu tê a minha mãe, eu tê uma foto da minha mãe... E eu admiro a foto de minha mãe como fosse ela viva. Pelo que ela me fez., né? Mesma coisa assim. Pela história de São Benedito, pelo que ele fez. Então, a gente... festeja porque ele fez e não pelo o que ele é, né? Pelo o que ele é agora em gesso, uma imagem de gesso? Não! A gente festeja o que, o que ele fez no passado quando ele era, quando ele era homem... (IV-6).

Ao falar sobre uma foto sua entre os integrantes da Congada Mirim e um dos congueiros mais antigos **Branco** revela que a imagem é uma forma de lembrar e trazer para mais próximo de si todo o grupo: “[...] cê viu o quadrinho qui eu tenho ali ...tá ali tá... daqui a quarenta anos eu vou olhá pra aquele quadrinho ali, si Deus quisé, entendeu? I aí vou vê um monte di genti ali com família. seo Marcelimo, qui já faleceu, tá ali”(XIX-4). Ao falar sobre sua imagem de São Benedito diz que

Tenho minhas, minha imagem di São Benedito, qui pra ondi qui eu vô..., todos os lugares qui eu vou... dirigindo..., ou navegando no meu trabalho, eu levo a minha imagem ali (aponta para sua imagem de São Benedito que se encontra no rack de sua sala, onde estávamos). Tá vendo? Tá desgastadinha, no pretinho...Mais é, oo São Benedito éé ..., é o protetor, sabe?...Eu tenho

como protetor, meu... meu anjo que intercede por mim... Tenho certeza que nada de mal me acontecerá..., por conta da-da fé que eu tenho com São Benedito .(XIX-5).

Para **Rei**, se há a devoção em São Benedito, tem que ter igreja também pois “[...] é lá que São Benedito está, né? Na casa de Cristo, então é lá que você tem que ir lá louvar ele... (IV-10d). **Baepi**, porém, diz que os/as devotos/as, que podem tanto ser católicos, evangélicos ou pertencentes a religiões de matriz africana “[...] nesse momento, né, no momento no momento do claro do mês de maio, no terceiro final de semana por assim dizer, como nesse momento todos se colocam na condição de servidores de São Benedito” (II-9) e em tal condição,

se tornam inclusive mais humanas e mais sociais porque se põem à serviço do outro. É impressionante como como ééé nesse... quan-quando da preparação dos festejos, quando do próprio, do-do próprio desenvolver dos festejos em si, ééé todo mundo que está ali, está imbuído de uma atmosfera, tá imbuído de uma atmosfera tããã forte, tããã marcante que você se ve servindo, servindo desde aquele que-que vai preparar, que vai buscar o alimento a ser servido, àquele que prepara, aquele que serve literalmente, aquele que organiza a igreja, ao que prepara os congos mirins, e-e aos que vão guerrear no-nos três bailes da Congada propriamente dita (II-10).

A devoção e a gratidão pelas graças recebidas são manifestadas na Congada, em todos os seus espaços: nos bailes, na Ucharia, no levantamento do Mastro, seja dançando ou trabalhando na realização da festa

a Congada é uma forma de eu retribuí, de eu pagá os meus pecados, di eu í lá ii agradecê o santo, i faço mesmo com, com todo amor que eu posso. Todo canto que tem na Congada, eu canto com minha garganta mesmo, do fundi i me sinto melhor que eu vejo todo mundo, todos os meus irmãos lá, minha família inteira assim, que dá o sangue mesmo (XVI-5).

Um dos momentos nos quais os devotos manifestam sua fé é durante os bailes da Congada. Os bailes da Congada representam uma história. Para **Negro**, a Congada veio da África e é uma situação que se passa entre duas cidades Congo e Luanda.

O Rei de Congo, ele se apaixona por uma plebeia. Ele engravida essa plebeia e quando ele descobre..., que, que essa mulher tá grávida dele, ele se encontra com ela e pede pra ela ir embora da cidade de Congo, porque ele é um Rei, a Rainha jamais poderia tá sabendo... dessa situação, dessa amante

dele, né? [...] e ele pede pra ela se retirar da cidade e ela vai embora pra Luanda. Em Luanda ela tem esse filho e quando ele fica grandinho ela conta, toda a história, fala pra ele a verdade, que ele é filho do Rei de Congo eee que o Rei pediu pra ela sair da cidade, e tal [...]. Ele monta um exército, se transforma no Embaixador de Luanda e... vai pra Congo com o exército dele..., querer o trono do pai. Porque a intenção primeira dele é essa: eu vou lá pra Congo e vou..., querer o trono, é meu..., né? Eu sou filho dele! E quando ele chega na cidade de Congo, a cidade está em festa..., uma grande festa pra São Benedito, e aí começa a guerra. Os, o Embaixador de Luanda pega seu exército e começa a provocar os fidalgos do Rei... de Congo eeee e e aí começa uma grande guerra. No ultimo baile, são três bailes, né? E no último baile, o Rei assume..., que realmente ele é filho, hã, no último baile o Embaixador é preso três vezes porque é uma guerra. O segundo baile já é uma guerra é um alvoroço, é uma guerra completamente fechada aonde ele tenta se aproximar do Rei por muitas vezes e o filho verdadeiro do Rei, o Príncipe não deixa. Ele quer cortar a cabeça do pai, ele quer matar o pai, ele quer fazer qualquer coisa pra poder ter o trono... pra ele, né? Ele quer mostrar pro Rei, de qualquer forma, que ele é o filho bastardo... do Rei. E ele qué contar isso pra toda a cidade de Congo, né? E o último baile, o-o Rei assume que ele é filho mesmo... e termina tudo em paz e eles participam da festa... no final. Ele pede perdão pro pai, de tudo o que ele cometeu, de todos os xingamentos, de toda a situação de guerra que ele queria fazer com a cidade de Congo, e no final termina tudo em paz assim. Ele aceita o filho, o filho aceita o pai (III-11).

o Rei de Congo ele não admitia que o, o exército do do Embaixador de Luanda participasse da festa porque eles eram mouros. Eles não eram batizados. E só podia entrar na, na Festa de São Benedito os batizados, né? Por isso que eles vestem azul, porque o azul representa o batismo, representa o céu, representa a religiosidade... cristã, católico apostólico e romano. E o mouro é o ateu, é o que não acredita em nada, é o que nunca foi batizado, é o que nunca entrou dentro de um templo. É o contrário. Então eles usam a cor... do sangue da guerra, é o vermelho e o rosa (III-12).

quando o Embaixador de Luanda chega na cidade de Congo, além dele querer o trono do pai, quando ele vê a história da Festa de São Benedito, além dele querer o trono do pai, ele também quer festejar São Benedito, junto com o exercito dele, e aí a guerra fica mais... mais evoluída ainda, mais fechada ainda, né? E isso acontece no segundo baile. Tanto que eles chamam o segundo baile de “alvoroço”, que é uma grande guerra (III-13).

A versão acima apresentada não é aceita por todos os congueiros. **Secretário** diz que começou a se aprofundar um pouco e a conhecer um pouco mais sobre a Congada de Ilhabela

durante a faculdade. Segundo ele a Congada é de origem bantu da região do Congo e de Luanda

ééé, entendi que alguns, alguns versos dentro da Congada se refere... aaaa à dominação portuguesa naquela região... que inclusive depois eu fiquei sabendo qui que a região do Congo foram, foram as tribos africanas que mais resistiram ààà colonização portuguesa, né?. Uu... E alguns trechos também vi o porque... que o... dessa, dessa, dessa guerra, né, que é a Congada porque pra quem vê de longe é uma guerra, luta de espadas, né? O Rei defendendo o seu reino, né?... eee no primeiro momento parece que éé... que é um exército querendo dominar o reino do Rei de Congo. Mas não é! É apenas uum... alguns, que não eram... que não eram batizados, entre aspas, que queriam também ter o direito de louvar à São Benedito... porque só, só os fidalgos, né,... só o pessoal do Rei de Congo ali... que... a pessoa de cima, que é representado pela gente de cima, ou pela turma de azul é que tem, entre aspas, o direito de pegá iii... e festejar São Benedito. E os mouros, né, os pagãos, que é a turma de baixo [...] que é a turma do Embaixador, eles não... “Poxa, também... quero festejar São Benedito, eu também sou devoto de São Benedito. Eu quero, tenho direito disso!” (V-9d).

Fazendo referência à versão apresentada por **Negro** sobre o rei ter se apaixonado por uma mulher do povo, **Secretário** diz:

eu não acredito nisso, e pelo, pelo pouco que eu pesquisei, nu-num enxerguei nada disso, não! É, o que eu enxerguei é que os reis, né, como todos os reis aí da-da da época medieval, eles tinham relacionamentos aí cum, com quem quisesse, né? Praticamente. Iiiii e realmente pegou e nasceu uma criança de um desses relacionamentos aí, que é os bastardos da vida... né? E tem um trechinho na Congada que fala, que o Rei pergunta pro Embaixador “Como é que fugi-fugiste dos meus laços”. Os laços, né, isso é família, né? Os laços é tipo “tá às minhas vistas”, e o Embaixador responde: “foi a cruel batalha de massan... A cruel batalha de Massangana foi a causa” (V-10d).

e complementa que

existiu realmente esta batalha de Massangana, neste lugarejo lá na... na África, que foi uma das-das resistências do povo africano contra a dominação portuguesa... e tem... tem tem, tem muito. A figura da Rainha! Ah, por que tem a Rainha? Por que que existe a Rainha na Congada? Com o Rei de Congo? “Soberano Rei de Congo”. O Rei de Congo da época, ele teve que fazer uma aliança com a, com a, com a Rainha bantu, (estala os dedos) que é a... No meu trabalho eu tenho, eu esqueci o nome que se refere a ela. Ela era líder das tribos mais guerreiras na época. Então ela pegou, ela se uniu, ela fez o casamento com o Rei de Congo... né? Daí a resistência contra a dominação portuguesa foi até maior. Isso é histórico! Isso existiu realmente! (V-11d).

Trabalhar e ajudar durante a festa se concretiza a oportunidade de agradecer as graças recebidas “[...] É uma necessidade que você tem de, não, pra esse santo eu vou fazer e eu vou, porque, assim, é uma forma de agradecimento” (I-13) e esta gratidão não se limita aos dias da festa.

Pra gente que participa, pra gente que tá ali nesses três dias dançando... A dança começa às nove e termina às seis da tarde, a gente fica o dia inteiro, são três dias inteiríssimos... dançando, né, em louvor ao santo...[...] e e nesses três dias a gente... vive pra São Benedito... É São Benedito vinte e quatro horas na cabeça da gente... A gente dorme pensando em São Benedito a gente acorda pensando em São Benedito... A gente nunca esquece da Congada, né, porque durante o ano inteiro... A genti... fala sobre a Congada, a gente se reúne pra falar sobre a Congada. A Congada acabou, a gente já tá pensando no próximo ano... a gente já tá já si se reunindo pra... fazer a próxima festa. É São Benedito o ano inteiro na cabeça da genti. Sem parar. E durante o ano a gente vai na igreja também, a gente vai muito lá no altar dele, porque tem vários santos na igreja, mas o altar mais... visitado, mais... é o de São Benedito... Aonde a gente mais vai... aonde a gente se ajoelha... aonde a gente mais reza... durante o ano todo... é pra esse santo glorioso e que atende a gente porque tem muitas, muitas pessoas que dão testemunhos e que falam que ele realmente atende, que ele realmente... concede aquilo que a gente pede. A gente tem um, uma devoção, uma ligação... muito grande com esse santo... muito grande... (III-22).

Negro, assim como **Nina**, também considera o momento do levantamento do mastro muito importante pois

Quando a gente carrega o mastro nas costas, e canta a música de Santa Luzia... Senhora Santana Santa Luzia, a gente já se transforma completamente... e é super importante o Levantamento do Mastro porque é o momento onde a gente faz as promessas também, né. Aonde a gente fecha os olhos e pede tudo aquilo que a gente precisa e é o momento também que a gente agradece tudo aquilo que a gente já conseguiu, né, pra São Benedito, e a gente agradece muito, e a gente pede também muita coisa (III-21).

Há para alguns participantes a ideia de que já se nasce congueiro, como, por exemplo, apresenta **Eliana**, mas que com o tempo a fé e esta identidade vai se desenvolvendo

meu filho ele é devoto de São Benedito, e através da minha gravidez e de vê ele nascendo congueiro, porque já nasce congueiro. Não se faz congueiro, congueiro nasce! Ele já nasceu, porque desde pequinininho ele já andava com a espadinha atrás. Aí a gente vai... a fé vai crescendo! Então da religião que eu digo, assim. Da fé crescê, de você vê teu filho tão pequinininho ali entregue a uma dança que ele não sabe nem o qui que é mas que ele passava

a semana pulando, e cresceu e hoje com 14 anos continua com a mesma vontade sabe, di di pulá a Congada, di de se dedicá, di-de rezá prá São Benedito, de tudo qui ele vai fazê é pidí prá São Benedito ajudá (VIII-10).

Vermelho e Dourado relata que quando pequeno “[...] ia mais, tipo, eu ia sem sabê, porque, tipo, eu já gostava mas eu não sabia o que qui era i, tipo, quando eu comecei a saber melhor sobre o qui que era aí que eu realmente me apaixonei de vez...” (IX-8). **Willian** diz que foi colocado na Congada pela avó e ficava ali, porque estava ali. Conforme foi crescendo e assumindo papéis no grupo, sua fé e dedicação à Congada foi se ampliando

eu tive um papel com oito anos, que eu era o cacique. [...]. O cacique é uma pessoa que é divertida na Congada. Tem um papel que às vezes é tipo é teatral mesmo o negócio .. iii eu já via assim Pô, legal, né tenho um papel na Congada i tal”. Hoje em dia... eu sou um fi, fidalgo, né, normal. Danço mesmo, mas danço pra mim, i cada ano eu vejo que vai aumentando mais o-o, a fé que a gente tem, né. De pequeno..., que parecia assim que foi empurrado pela, depois, você começa a gostá, gostá, gostá i... hoje em dia assim tudo quii a gente pode fazê, a gente faiz (XVI-7).

Os laços familiares já acenam um pertencimento a este grupo, mas caso a família não faça parte do grupo, ou tenha dele se desligado, é possível ao indivíduo continuar no grupo ou ser por ele acolhido

nisso me deu vontade di, di ser um congueiro, di estar congueiro. Eu creio qui eu já era congueiro, mas eu não estava congueiro, eu não dançava a Congada, realmente. Então, eu... tinha lá uns... nove, dez anos, não me lembro muito bem..., com muita vontade de dançá a Congada, qui meu pai ainda não tinha me colocado, ele tinha saído, eu pedi que eu pudesse entrar ao seo Dito de Rosa, na época era o Embaixador,... i ele falou queee ia conversar com os outros mais velhos, né, porquee, na época, para entrar na Congada... eu era de família de congueiro, mas na época pra entrar na Congada si pidia, si falava com as pessoas “Olha, independente de sê no congo di baixo ou no congo de cima. No congo de cima, com certeza é, é muito mais, tem uma história ainda muito... é muito, é muito mais difícil. A autorização tem qui ser com muito mais pessoas secretário, embaixador, rei, mas na de baixo... I ele ... como eu era de família de congueiro, eu tive a facilidade de entrá, eles autorizaram i eu entrei, na Congada. I então, a partir daí, eu nunca mais sai, nunca mais sai (XVII-4).

Há etapas a serem seguidas pelo congueiro que ingressa no grupo. Normalmente aquele que se inicia na Congada ingressa no congo de baixo, mas há casos em que o menino é convidado a entrar diretamente no congo de cima, como foi o caso de **Henrique**:

comecei no congo de cima, a convite do seo Dito que era pra mim ser cacique do congo de cima. Então lá nunca fui pra congo de baixo, não passei por essa experiência di tá em baixo, mais é porque eu ia substituir o Mazinho na época como, que ele já tava maior e tal, então falaram pra eu ser o cacique (VII-3).

Ser congueiro é uma identidade que pode ser assumida livremente ainda na infância, mas se exige responsabilidade por parte de quem o faz. **Tereza** relata que seu irmão resolveu por conta própria começar a dançar a Congada: “[...] Aí disse “Mãe, eu quero ser congueiro de São Benedito”. Aí minha mãe falou assim: “Olha, congueiro é pra toda vida! Não pode brincá com São Benedito, não”. “Não, eu quero! Manda fazê minha roupa qui eu vô ser congueiro...” Aí “Tudo bem!”. Mandou a minha, a fia da minha madrinha fazê a ropa dele” (XI-8). Mas se pode ingressar na Congada sendo mais velho, seja porque já tem um elo com a Congada por causa de uma promessa feita ao santo, como o relatado a seguir: “[...] Eu comecei com 36 anos, né. 36 anos? Nãão, acho que 37 anos, iii mas eu só comecei porque eu realmente tinha um elo com a Congada (X-6), seja porque se identifica com ela: “[...] Depois o **Baepi** conheceu a **Nina**, também começô a querê vim tamém, aí sabe “Si é pra nego, eu tamém sô nego...” (ri). Aí começô a vim” (XI-13).

Entre os homens, o traje pode significar assumir esta identidade congueira. Os trajes dos congueiros além de seu papel de transmissão e manutenção da tradição, já apresentados na categoria anterior, também tem seu caráter de pertencimento. Ao mesmo tempo as peças são motivo de orgulho e emoção para os familiares já que estes indicam a adesão e participação do congueiro àquela comunidade: “[...] eu tenho orgulho, eu tenho um monte de roupinha dele, né (ri). Tudo feita, tudo guardada as ropinha dele, desde piquininho... De emoção assim, me faz bem...” (VIII-6); elas também são passadas para outras gerações vindouras, e “[...] é, como eu te falei, né, é coisa... fica na família, né, porque aí um é congueiro, o sobrinho vai ser congueiro quando nasce, aí né, o irmão vai ser congueiro quando nasce porque já tá, já tá na, no sangue da gente “(III-59).

A confecção das roupas se apresenta como um momento de aprendizado com o/a outro/a e de superação, tendo o olhar, o observar como um importante instrumento para o aprendizado para a sua realização:

Eu comecei a fazê a ropa da-da Congada eu tinha 12 anos, eu comecei a fazê a ropa..., da Congada... minha mãe disse, “Aí, essa minina, isso não dava certo” “Vô dá certo!”, [...]Aí eu fiz a rôpa de **Rei**. Primeiro, a Alice fez, depois eu olhei assim, aí comecei fazê pros meu fio... fiz us vestido de Rainha... i eu tô até hoje aí (XI-12).

ela faiz, ela faiz porque ela enquanto num tivé certinho ela sabe cada calça. Essa espada é di num sei quem, cordão é di num sei quem... “I ó, si não trazer... a roupa do jeito qui saiu daqui, si emprestá pra alguém, cês vão vê!”... I nunca sumiu uma camisa, nem nada. Minha vó tem cami, tem roupa di Congada aí di, di cinquenta anos atrais aí. Tem espada qui é velha pra caramba! Teem... aqui, aqui.. por isso qui eu falo quando ela for, como qui vai sê, né? Apesar qui a gente vai querê usá, por ela, até esfarelá assim, até ... porquee... ela conseguiu passá, né, o qui ela, ela sentia pra cada um. Aí cê vai indo, desde pequeno você vai. Começa, ela começou me levando, depois você ... começa a entende. Cê vai entendendo o que significa o canto, o que qui... Aí cê vai com, começa você faiz a, começa a í pra igreja, faiz, faiz o catequese, tudo, aí você começa a entendê assim um pouco da história, né, de São Benedito, cê vaai ...aprendendo o qui é a Congada, o qui qui cada, o qui cada rei tá passando, o qui que o rei passa, o qui que é os fidalgo, os pagão,... Cê começa a entender a história toda, [...], né, nossa família é ... é todos devotos de São Benedito i a gente vai querê pa, eu vou querê tenta passá, né, pra quem vim a nascê, si quisé, mais, hum, nada forçado, véio, sê natural mesmo. Eu acho qui do jeito qui ela me ensinou, eu vou conseguí passá pra ele, ele vai entendê, entendeu, quem vim depois. Porquee foi uma coisa que aconteceu mesmo ii ... eu já vi que não é di uma, duas, três gerações, já é de várias gerações aí. Parece qui vai se estendê assim. Apesar qui, qui o tempo muda! Não sei como vai sê... O futuro só pertence a Deus... Agora... espero qui a... quem vim, assim de casa, continue levando assim, si não levá também, importa qui eu fiz minha parte... (XVI-18).

E esse cuidado com os adereços e roupas, permitem o reconhecimento da história e pode suscitar nas novas gerações o desejo de pertencer ao grupo, ainda que se tenham passado gerações sem esta participação familiar.

minha mãe, dona Helena, ..., ela, ela ela tinha guardado uma espadaé, da época..., a espada pertenceu ao pai dela no caso, o meu avô, um senhor chamado Antonio Carlota, que era um congueiro do passado e que tinha, como outros congueiros baluarte de Ilhabela, uma espada que a gente não sabe a origem mas ela tem o brasão da família real, ela tem o P II, que é Pedro II, é a espada que eu danço. Então, quando ela me contou essa história e disse que, qui tava guardada a 30 anos a espada, e que ninguém da família quis dançá, ou pegou afinidade com a Congada... e como eu sempre acompanhei de perto e aquilo me emocionava, eu falei si ela, si ela permitisse, eu gostaria de dançar com a espada, pedi para os líderes da Congada, e eles acharam qui, ficaram... Disseram o seguinte prá mim: “A, a Congada fica honrada da sua participação!” né, iii, i então eu comecei ... só que eu já tinha colocado meu filho Iago pra dançá. Então, quando eu comecei, o meu filho Iago, que era uma criança ali di, ele ainda é uma criança de 16 anos hoje, mas quando ele dançava, ele devia ter aí 8, 9. Então, eu já ia acompanhar o meu filho na Congada e acabei dançando junto com ele (X-7).

Os trajes e adereços também são objetos a serem abençoados em um caso de necessidade e espelham o cuidado e zelo da família assim como permitem uma aproximação

com o santo para alcançar uma graça como relata **Willian**: “[...] minha avó levou um chapéu pra mim, um chapéu qui eu não tinha, qui ela feiz aqui em casa ..., levou na igreja, pediu pra abençoá, qui no outro ano ... eu tinha qui tá lá pra dançá ..., qui ela tinha, qui ela não sabia do futuro dela, i fez outra promessa (XVI-21).

São vários os entendimentos sobre o ser Rainha da Congada de São Benedito. De acordo com **Negro**, a Rainha participa da Congada devido a uma promessa (III-39) e assumir este papel exige da garota um ano de recolhimento.

durante o ano todo tem toda a história da Rainha ir lá, nos pés de São Benedito, conversá com ele, pedi pra ele... (pigarreia) e todo o comportamento dessa Rainha ela... (pigarreia) é tudo assim... Os pais também ficam muito em cima da menina durante este ano que ela é Rainha... Em tu-tudo o que envolve. Na história de namoro, na história de hora de sair de casa, na história di... é uma coisa muito reservada durante este ano, pra esta menina, é uma coisa pura... Então a história dela é a escooola, é alimentação, não pode sair muito de casa, sair de casa prum outro motivo é pra ir na igreja, é pra falar com o santo... é pra... tem toda uma situação assim muito religiosa... que é a devoção... do santo e aí a minina já tá lá com a coroa na cabeça e já tá sabendo que ela vai ter que ficar este ano completamente... num vai podê sair pra bagunça, num vai pode sair pra festejá nada durante a noite. Vai ter que dormir cedo... e rezá. Rezá muito! (III-40d).

Boni diz que só tem uma vaga para a mulher dentro e da dança e é como Rainha. Em sua opinião para ser “[...] rainha da Congada a pessoa tem qui sê um, um congueiro..., um congueiro assim bem, bem bacana, tem qui sê um congueiro bom, uma pessoa boa, senão a, num, nem a filha faiz parte da Congada... (XII-4).

Nina, que foi Rainha diz que vê uma disputa para ser Rainha e que muitas meninas não o conseguem, devido à concorrência

Aconteceu comigo, que eu ia ser coroada com 12 anos, pra ser 13 anos e por conta de uma promessa que foi al-alcançada naquele ano, foi pedido pro Rei e o Rei falou “Não, já que, já aconteceu de imediato, então a gente vai fazer isso. A gente vai passar na sua frente”... E foi um dos piores dias da minha vida. De falar “Nossa, eu não vou ser coroada no domingo à tarde? Como assim, eu não vou ser coroada?...Porque eu já tinha 13 an, 12 anos e eu já entendia o que era a festa... já entendia este sentimento, né, que fazia, o porquê eu estava lá na festa. Porque que eu colocava uma, um aventalzinho pra podê ajuda a minha mãe...[...] Eee quando você recebe o não, é muito difícil. O que aconteceu com a minha sobrinha também. A **Lelê** aconteceu a mesma coisa. E ela tá, você lembra, desde catatauzinha. E ela chorava, chorava... sabe? Por conta de..., de você ser impossibilitada, de-de –de você, de você...estar, assim, você esta envolvida nos bastidores, porém, é diferente

quando você tá participante mesmo. E saber que um dia você foi a Rainha de São Benedito! (I- 18).

Um outro relato sobre ser Rainha da Congada:

quando minha mãe colocou eu de rainha quando eu era pequena..., eu tava vestida de Rainha..., mais... eu não entendia nada... Eu sei que era uma promessa da minha mãe!... Mais eu tava vestida de Rainha ali. A segunda vez, a mesma coisa, porque fui duas vezes Rainha... Pra mim assim ó (dá de ombros), ah, é um momento qui eu tô ali..., entendeu? Mais aí, depois... foi acontecendo, fui passando por momentos muito difíceis na minha vida, comecei a encarar assim, éé, te-tudo é São Benedito! Tudo é São Benedito (XX-2).

Rico diz que gostaria muito que suas filhas passem pela oportunidade de ser rainhas da festa de São Benedito:

Eu não sou pai de Rainha de Congada, mas eu tenho vontade di qui, si elas... entendem que, entenderem qui ... a Congada é importante pra elas, elas sejam Rainha também, qui também é um orgulho pro pai. Algumas das minha filhas já foi, Gabrielle, foi da Congada Mirim, foi da Congada adulta... Elaa, mas porque ela quis, porque ela tinha vontade de ser a Rainha da Congada, não por capricho do pai (XVII-10).

Já **Lili**, ao relatar sua experiência diz que “[...] Em dois mil i sete eu tinha doze anos ..., tinha doze anos, aí a cor do meu vestido foi rosa, foi o vestido qui passou pelas mulheres da minha família qui minha mãe usou, minha tia usou... Eu usei i depois minha prima usou... A coroa também foi a mesma...” XVIII-5, mostrando que o traje e adereços usados pelas meninas podem assumir o mesmo sentido do que atribuído aos trajes dos congueiros. Ainda sobre o papel da mulher na Ucharia **Lili** apresenta que:

a minha avó também participava da Ucharia qui é o momento onde todas as mulheres, ééé... qui também éé são devotas, se reúnem na..., na-na, numa cozinha pra poder faz, fazer o preparo do alimento... ééé pros congueiros, pros devotos, pras famílias dos congueiros... Ééé.[...]. É! E minha avó participou por muito tempo, hoje ela não participa mais, a minha mãe e a minha tia participam..., ajudam na coziinha... ii eu acho interessante a-a, essa parte porque, eu acho que é..., porque São Benedito foi um cozinheiro..., i eu acho que as mulheres fazem o papel que São Benedito exerceu. É, ele fazia a, ele era cozinheiro e ele ééé, a comida que sobrava ele dava pros mais pobres, qui não tinham o que comê, i aí eu acredito qui elas fazem esse papel. Eu lembro qui teve um ano... quii... não foi, a Ucharia não recebeu

muuita, muita doação, porque a Ucharia ela, é, toda a comida qui é recebida é di doação, i eu lembro qui teve um ano qui não teve, i todo mundo ficou preocupado, ficou “Meu, não vai dá a comida pra vim, pra todo mundo”, porque é muita gente que vai comê... i aí, naquele desespero todo “Meu deus!” Aí, e no final elas fizeram acontecê i deu pra todo mundo i sobrô. Foi uma coisa tipo, ...um milagre, assim, sabe? Porque, meu, loucura porque não tinha, num, num tinha comida suficiente assim, em comparação aos outros anos. I nesse ano deu i sobrô i foi, todo mundo ficou meio ... surpreso...(XVIII-4).

De acordo com **Nina** “[...] A Ucharia é uma consequência da minha mãe, é uma consequência da minha avó, da minha bisavó. E até mesmo porque você enquanto mulher, você não tem éé espaço para fazer outras coisas... (I-2).

Trataremos do trabalho das mulheres na Ucharia com mais detalhes, no próximo tópico.

Categoria C - Comunhão e festa

a Congada é muita, muita gente. É, é o envolvimento de muita gente. Eu não sei como consegue tê uma apresentação, di-de início, que já é uma turma que faz, que levanta o mastro, aí depois vem, vem o bolo, que já faiz um...um bom tempo já, qui tem o bolo, que é doce né, com concertada junto também. A missa que já é um, é um outro setor que já é direto com os padres e tem... as pessoas que fazem um, enfeitaram a igreja, depois a Ucharia, os congueiros, cada fato diferente um do outro. E eu até hoje não sei quem é qui vai, i acaba terminando tudo, prá começa tudo de novo. Eu acho que tudo começa na hora que termina assim... E aí a gente pede fé, força, pra, pra continuá no outro ano, pra que todo mundo venha de novo, né? prá podê tá junto de novo (XII-6).

Esta categoria foi construída a partir de asserções em que os/a colaboradores/a entrevistados/a exaltam o processo educativo de comunhão, de partilha de alimentos e saberes, de encontro e reencontro para fazer junto, ou seja: planejar, construir, trabalhar, orar e divertir-se na Congada de São Benedito, elementos estes que não se dão de modo isolado, mas integrados, no fazer-com, que se materializa na festa.

Vários sujeitos não conseguem dissociar a Congada de si, da família e de Ilhabela e de um forte sentimento de emoção. Também a consideram um momento de união, de reencontro, atribuindo-lhe um significado especial em suas vidas: “[...] Significa o amor, significa a união, significa... [...]... Significa a minha vida a Congada porque foi através de São Benedito, por uma promessa da minha mãe fez,... que eu tô aqui até hoje” (III-14).

A Congada é um momento muito esperado, que acontece por causa da devoção a São Benedito.

a gente espera demais, a gente espera demais que tenha essa, esse momento e e por várias vezes a gente passa por um perrengue para poder continuar... Éé pessoas com opiniões diferentes, mas que chega no momento do “vamos ver” acaba saindo. Todos os anos falam que: Ah, vai acabar! Vai acabar! Mas por uma crença maior, não se acaba!... Por mais discussão que tenha, por mais discórdia que tenha... Então, assim, a essência maior continua sendo da devoção a São Benedito... Assim, a com, a Congada é devoção! Pra quem é, quem vem de uma família tradicional. Pra quem não vem de uma família tradicional, é apenas folclore... (I-7).

Rico diz que para ele a Congada é [...] uma das coisas mais importantes na minha vida. É a ligação com a Congada, a ligação com São Benedito, a ligação com os meus irmão congueiros... a ligação com a minha família qui assiste a Congada..., a ligação com o povo que vem assistí...” (XVII-9). Diz também que a Congada é importante não só para ele, mas para Ilhabela e todos os caiçaras pois devido ao trabalho e desencontros da vida é “[...] nesse momento de Congada, em maio, né? é onde a gente consegue... vê, rever vários amigos, várias pessoas, não só os amigos, muitas pessoas que não dançam Congada mas vem se encontrar e se ver ali. Então esse momento pra gente é muito importante” (XVII-6). Esse entendimento da Congada como um reencontro e momento de retorno às suas origens é compartilhado com **Negro** que diz que os caiçaras que migraram, na época de São Benedito retornam para a Ilha por causa de sua devoção, então quando “[...] chega em maio o povo vem, e é um momento mágico, porque aí a gente vê estas pessoas que ficam todo ano fora, e que fazem parte da infância da gente...” (III-37).

A Congada como o momento de reencontro com os que migraram da cidade é bastante enfatizado por **Nina**, **Negro** e **Henrique**

ela pra mim... é importante ... no sentido diii sêê a última peça que eu acho da cultura e da, das tradições caiçaras..., porque o único momento que você encontra na Ilha aquele pessoal mais antigo..., ééé que você tem um contato maior com sua própria família, às vezes, muitas vezes, i que você vê amigos que tão fora da ilha, qui, né, você convive desde criança ali também dentro da Congada, então todo mundo vem prá cá i se junta nessa época. Então, o gostoso da Congada ainda é isso (VII-8).

Já para **Negro** “[...] O mês de maio, é uma alegria... é uma emoção... a cidade fica toda colorida, a cidade fica leve... todo mundo feliz, todo mundo se abraçando, se beijando, muito

bonito de ver! É uma emoção... completa...”(III-20). **Ditinho do Pagode** também considera a Congada como um momento de reencontro.

Congada prá mim é algo que agrega, as famílias éé mantém... uma tradição caiçara, né?, di di di longa data i é quando, talvez a festa que mais reúne caiçaras nativos de Ilhabela ao mesmo tempo em um lugar comum. Não há, é assim, os caiçaras são a grande minoria, a grande minoria da população hoje em Ilhabela. [...] Iii aí nessa hora, esse povo aparece de todos os lados, até aqueles que foram embora pra Santos, ou outros lugares, vêm, né?, iii é isso que prá mim é a Congada. Congada é, é um negócio qui tem éé contos... Você consegue visualizar uma parte pequenina do significado, mas a essência mesmo, ooo a Congada é misteriosa, ela esconde fatos qui qui são inexplicáveis, né? iii... é muito complicado entender isso, né, muito, muitas situações i depoimentos já ficaram com pessoas qui já faleceram (X-13).

A união familiar, seja causada pela realização da festa ou pela união necessária para que esta realize também foi destacada. **Baepi** considera impressionante que para algumas famílias do município a Congada consiga ser

um momento de trégua, um momento de união, um momento de paz, um momento de conagração, conagração quase como se fosse um Natal, quase como se fosse uma Ação de Graças. Pra algumas famílias éé a época da... dos festejos a São Benedito, são, de longe,... é a época mais importante que aquela família vivencia. A época mais importante! A gente tem éé algumas famílias aqui que só conseguem se reunir, na maior quantidade dos seus membros, na ocasião da festa de São Benedito,... superando o Natal, superando aniversários... superando outros festejos importantes e e isso é outro fator (II-12).

Negro relata que

As famílias começam a se unir, a se encontrar, a fazer reuniões, a preparar essa grande festa. É uma coisa bem bonita assim, que, que além de ser uma história de cultura, de folclore, de tradição caiçara, é um momento que..., que a gente se une, que a gente se encontra, que a gente ri junto, que a gente chora junto, a gente faz comida junto, a gente dança junto, a gente canta junto (III-10).

Nas palavras de **Baepi** se destaca o viés social que é apresentado pela Congada pois ela consegue [...] mobilizar uma cidade como um todo de, de, de certa forma e pessoas que já não moram mais, ahn, neste município pra que possam estar juntos, em virtude da-daqueles festejos, daquele momento.” (II-3), e considera apaixonante a existência desta

mobilização da-da da comunidade pra que aaa, essa, essa tradição não, não se perca com o tempo [...], dialogando, buscando de uma forma ou de outra colocar a sua colaboração à disposição, é-é é, do todo, pra que a Congada aconteça [...] Você vê num determinado momento ééé as pessoas tão imbuídas, tão envolvidas e você já não consegue perceber classes, divisão de classes sociais, ééé no fazer da coisa, você já não consegue mais perceber ééé, divisão necessariamente por cores de-de tonalidade de pele no fazer das coisas ééé..., porque as pessoas... estão... colocando ali parte da-da sua paixão ee pra vivenciar essa sua paixão, pra vivenciar a essa coisa que foi herdada... e trabalhada; é necessário se fazer isso em comunidade (II-4).

Na opinião de **Nina** a comunhão é um dos fatores decisivos e necessários na realização da festa pois “[...]além da crença, além da devoção, é um momento de estar em comunhão, né? [...] a gente tem assim, este momento de estarmos juntos, em comemoração a São Benedito” (I-5) e a forma “[...] que cada um pega para poder fazer a sua parte, cada um sabe que é fundamental, né? Você tem o seu momento de poder participar e que todo mundo junto vai sair uma festa bacana e que vai continuar a tradição” (I-6).

Willian nos apresenta que esta relação de comunhão e união se estende para além da festa

depois acaba, segunda-feira cê vai encontrando o pessoal na rua, né?, aí cê vê qui aquele pessoal di congueiro assim quando você passa é um outro com-cumprimento assim, né?, aquele cumprimento “Pô, o ano qui vem, tu tem qui tá lá”, né? Assim, só di tu olhá i “Po i aí, i tal...” (tosse) A genti é bem unido assim, né?. Quando se vê na rua abraça i tal i... Um monte assim, óó, os mais antigos, assim, da minha época (XVI-19).

é muita gente que tá ali pra... Eu não vejo aquilo de coração sabe..., de partilha, é, eu não vejo uma partilha ali, eu vejo, sabe, um monte di di gente em cima e tal e brigando por causa de fila... Eu num, num achei bacana, porque não era assim antis, sabe? Antis era uma mesa gigante, colocavam lá e todo mundo, família, todo mundo, todo mundo junto. Era bacana isso! Era menor o espaço. Aí conforme foi crescendo, crescendo, crescendo e perdeu um pouquinho a essência. “Por que fulano tem qui...”, “Tem qui correr atrás disso”, i “Tem que correr atrais daquilo”. Precisa não, gente...basta as pessoas “Ó, cê quer ir lá?” Convida! “Ó, cê vai lá, tal e tal, a gente vai fazer uma partilha. Você pode levar um prato, você pode levá um outro”. Eu vejo assim, né... e infelizmente perdeu um pouquinho di, essa parte da Ucharia da Congada... de São Benedito (XXI-6d)...

A folia de São Benedito que ocorria antigamente também é apresentada como um momento de confraternização, canto, oração, partilha e alegria entre as pessoas participantes

A gente cantava a dispidida numa casa i depois ia com a bandeira i cantava numa outra casa, assim ia..., assim ia vindo, o dia interinho assim! Aí chegava no almoço, almoçava na casa que era do almoço, aí de noite a gente vinha pra casa da, da janta, a gente jantava, ia todo mundo já jantado pra casa. [...] Era ruim que você achava... quando a folia chegava na Ponta das Canas e você acha...achava uma pessoa que tinha, que tava com a casa aberta. Tudo fechado que tava tudo na folia lascado qui ia cantá, i só subia de noite pra casa (XI-65).

Tereza relembra que eram dois violeiros, um versista, acompanhados de violino e tambor, “[...] Ai, era tão gostoso! A gente ficava tudo quietinho [...], escutando... o qui eles rezava. Dipois qui acabô de rezá, dispidia i ia cantá na outra casa. ... [...], a mulher com a bandeira na frente ... todo mundo acompanhando, aquela procissão atrais assim” (XI-66). Já **Negro** diz que a bandeira de São Benedito

ia angariando fundos pra festa, porque aí as famílias, tinha família que dava peixe, tinha famílias que dava frango, tinha famílias que dava porcos, tinha famílias... então o que tinha, o que a gente tinha dentro de casa, a gente doava, pra poder compor a festa também, e a folia também tem um pouco disso entendeu? De passar na casa das pessoas, mas também pedindo também fundos pra festa poder ser realizada... porque a Festa de São Benedito tem que ser tudo doado... não pode ser nada comprado, nada assim... tem que vir do povo, entendeu? A formação da festa inteira, entendeu? É o povo que faz a festa... não tem nada a ver com nada a festa é do santo e com a comunidade, com o povo, e é o povo que faz a festa, é o povo que dá a comida, é o povo que... é a gente que faz tudo, é o povo todo. A gente que corre atrás de tudo e o povo vai doando as coisas. (III- 32).

Segundo **Nina**, a Congada é um conjunto de elementos: “[...] É a manifestação de rua, é a Ucharia, é a missa dos congueiros [...], então o o conjunto de, desses, desses segmentos que faz a Congada e muita gente acha que é só a apresentação do teatro, da dramatização e não é ” (I-10); “[...] tem toda a preparação do andor, como eu falei, da sexta-feira às 5 horas da tarde... éé, o carinho com que aquelas pessoas vão, vão enfeitá o santo... Ééé, da pessoa que vai fazer a concertada, da pessoa que vai fazer o bolo, que virou tradição, da pessoa que pintou o mastro, ééé..No sábado e no domingo, né, além da-da manifestação de rua, [...] a gente não faz uma festa só no momento (I-8).

A “[...] Ucharia ééé aonde faiz a comida da Congada, aonde que fazem a alimentação de quem vai... dançá, de quem vai participá, assistí...i é bonito também” (XII -5). Atualmente a Ucharia não é mais como antigamente pois agora tudo é pedido nos mercados e a cultura dá também: “[...] Um congueiro qui divia de ajudá num ajuda..., né? Então tem qui é, o povo, os congueiro qui divia di si combiná i di novo fazerem a festa de São Benedito, a comida, tudo. Mais não, eles querem qui saia a pidi, tem qui pidi pra um, pros comerciantes” (XI-19). Tal mudança na maneira de se arrecadar o alimento e no entendimento de como isso se deve dar facilita a apropriação da Congada pela Cultura: “[...] agora..., se o mercado dá, ééé tem, se o mercado não dá, num tem. Puseram-na cabeça! I é aonde a Cultura entra qui é: “É Cultura!” É Cultura uma ova! Não é cultural! Não é cultura” (XI-36d).

Negro apresenta que na Ucharia “[...] é muita gente pra comê... e a comida dá pra todo mundo. E todo mundo que chega lá tem que comer... Tem que comer a comida dele, tem que comer o docinho dele, todo mundo. Mais de seis mil pessoas vão lá... comê a comida de São Benedito. E sobra” (III-23). Ele acha muito importante as famílias comerem junto e que isso é comentado pelos congueiros, que é “[...] muito emocionante a gente tá ali junto degustando essa comida que foi levada por nós mesmos, pela própria comunidade, essa união das famílias se alimentando junto... é uma coisa... bem primordial assim, pra quem participa da Festa de São Benedito” (III-27).

Entretanto **Nina** apesar de também considerar a Ucharia como um espaço de comunhão, nos alerta sobre as consequências de algumas mudanças sofridas pela Ucharia: “[...]Antigamente era assim. Agora que foi aberto ao público e que você acaba tirando essa essência” (I-9d), “[...] perdeu-se aquela coisa de [...] vamos estar em comunhão só os congueiros e as famílias dos congueiros” (I-22d). **Zeca** compartilha desta opinião.

As pessoas, as famílias, elas iam assistir i inclusive tinha, minhas tias faziam isso! Quanto! Meu Deus do céu, ela fazia isso em mil novecentos e vinte alguma coisa. Então, ela pegava as coisas qui, pegava i falava “Enquanto voceis vão dançando aí, eu vou..., dá aqui, dá aqui a sua galinha, dá aqui seu pato, eu vô fazê aqui..”. Iii era bacana, era, era, era todo mundo! É, não tinha uma cabeça só pensando. Hoje se dá, o, sabe, o rei tem que escolhê, não sei o que ta, ta tal. Beleza. Tranquilo. Mas de uma forma mais simples, uma forma mais bacana, sabe? Mais não, hoje ficou tipo político..[...] Eu acho que talvez a influência do dia-a-dia, da.... Conforme as pessoas, talvez pela simplicidade da época, das pessoas não tê tanto conhecimento, por ser simples, né?, Falava “pô”, pra eles né, “Ah, um prato de comida tá bom!”. “Ah, vô trabalha pra quê?”. Antigamente tinha muito disso! [...]Iii eu vejo muito ali qui essa obrigatoriedade que tem, qui a prefeitura tem que dar, que os comércio têm que dar, num sei o que, qui tem qui ir lá pedir... por que? Sabe, eu num eu não acho bacana. Isso não é partilha!... Isso éé uma

obrigatoriedade. Isso é... deixa di sê aquela essência, e aquelas pessoas parecem um... Perdão! Eu, isso eu eu, isso eu vi na fila. Pessoas assim “Ah, que demora pra comer, qui não sei o quê!” Gente..., eu hum (gaguejando), eu num, não é esse a questão aqui. A questão é poder só... partilhar aquilo que tem.(XXI-8).

Henrique entende que a comunhão entre os participantes é importante para a construção de um novo tipo de liderança, como a que ele ve sendo construída na Ucharia, “uma liderança que eu vejo que está aberta a receber, a agregar, né?, a ter esse carinho com as pessoas, e eu gostaria que isso também tivesse na Congada” (VII-10).

Falando sobre o trabalho na Ucharia **Maura** apresenta que

tem tanta gente ajudando qui aquilo se torna tão ... tão pequeno, né? [...] Eu estou à frente com um monte de pessoas, porque não se faz uma festa tão grandiosa dessa si não tiver muita gente, de grande importância, entendendo a importância da festa, entendendo que ... a festa é importante pra gente, nós não somos importantes para a festa... Importantes somos se estamos todos unidos i muita gente junto, porque si eu saio do jeito qui as coisas estão tão bem encaminhadas com as pessoas sabendo tão bem o que si fazem, sentem minha falta, mas qual qui é a grande importância, qual qui é o que da história? As pessoas, uma sabe o qui a outra faiz, porque na falta de uma o show não pode parar... As coisas tem que continuar, a festa tem que sair, as panelas tem que estar no fogão (XIII-21).

Nina diz que apesar de toda a união para a realização da festa e de muita gente dizer quer ajudar, são poucas que efetivamente trabalham antes da festa, pela Ucharia e em sua opinião as pessoas precisam perceber que “[...] opa se a gente também não colaborar, eu congueiro, eu família de congueiro, se a gente não colaborar, realmente vai ser só, vai ser só a questão da da..., da manifestação de rua, da dramatização só. Né?, e a questão da Igreja, mas a Ucharia mesmo...” (I-26). Na arrecadação de alimentos que são compartilhados nos almoços da Ucharia já se percebe transformações pois, de acordo com **Nina**, “[...], a quantidade de pessoas que ajudava, principalmente na Ucharia, na arrecadação... Seo Didi era uma pessoa que-que corria muito atrás... E a minha mãe tinha o Toninho do mercado, como um aliado assim... que dava muito e já não está mais aqui, né?, entre nós, então... (I-20), além disso, “[...] Antes você tinha a colaboração de cada família...a gente foi vendo que com a colaboração de cada família não dava, não tinha como [...] aí a gente foi pedindo pros comércios. Só que tá muito difícil” (I-23).

No ano passado a gente precisou sair correndo e comprar carne. No meio da festa “[...] ‘opa, vai faltar!’... e é incrível também que... nunca falta!... Por mais preocupação, por mais

assim, desesperado que seja nunca faltou comida..., a gente sempre acabou dando pra quem faz parte da Ucharia, a gente acaba fazendo a distribuição entre as pessoas... E como acontece isso também a gente não sabe” (I-24).

De acordo com **Negro**, São Benedito pregava a

a bondade, a união, a alegria,... as pessoas si ajudarem, si unirem pra se ajudar, pra... ajudá o próximo... o qui qui o outro precisa, se você tem você vai lá e ajuda... É uma grande confraternização... esses três dias de São Benedito aqui na Ilha... E tudo isso é por causa da devoção que a gente tem no santo, né?, chega a época dele, parece que toca no coração e isso a gente não pode esquecer durante o ano, né?... as pessoas não podem sentir isso só nos três dias de festa... O pessoal tem que estar com essa devoção no peito o ano inteiro (III-53).

Nina afirma que pela devoção as pessoas querem ajudar, “[...] pela questão da devoção, você, você acaba se envolvendo em uma associação dos congueiros, você quer ajudar no custeio... né?, da da comida, porque tem tudo um custo. Então assim, tudo isso você, você acaba fazendo por conta de uma devoção” (II-3). **Negro** diz que quando chega a Congada, “[...] cada um faz uma coisa,...e já fica aquele fomento dentro de casa, é? [...] ficava aquelas, (pigarreia) aquela comunicação entre as famílias caiçara, né?, durante o mês de abril... e os encontros que a gente tem né?... pra poder organizar tudo” (III-60).

Maura fala sobre sua satisfação e de seu sentimento de missão cumprida, no que se refere à Ucharia.

Interessante da festa o o é que quando eu vejo todo mundo ali, exatamente, fazendo o que tem qui ser feito, aon, as pessoas estão aonde elas tem que estar ...e eu vejo pessoas novas se agregando para substituir, algumas que não estão mais porque por motivos alheios à no-nossa vontade, ou à vontade delas, né?, eu fico assim me sentindo realizada i eu sei que as outras pessoas que também estão nessa essa frente, à frente disso tudo, também se sentem, porque o pior passou... Éé, quando eu vejo a comida ali toda pronta, as pessoas comendo, eee a gente fala assim mais um ano, né?, mais um ano (XIII-12).

Apesar disso e das críticas que por vezes surgem **Rei** cita que um dos cozinheiros “[...] falou que a alegria dele é ver todo mundo comendo ali e satis, saindo satisfeito” (IV-7).

Dedé apresenta que a Congada é a união da família e a Ucharia une as famílias

Hoje em dia a genti não tem essa, essa união qui infelizmente muita genti não consegue nem almoçar no domingo, sentá com a família e, e comê. I, tipo, você vim também pra Ucharia... i você sent... A Ucharia é mais pros congueiros, né?, mas você vê aquela, aquela população ali, ééé, i você vê aquelas pessoas qui, que acreditam também na, no na nosso trabalho que fazemos, nono nosso teatro, você vê qui as pessoas se emocionam..., qui as pessoas sentem verdade naquilo qui a gente tá fazendo, iii, e vendo a fé das pessoas, qui você vê pessoas emocionadas, é, chorando, num, num tem palavras pra descrevê o-o sentimento, o alívio, i o orgulho (...) de você tá participando da Congada. Não importa si você é o cozinheiro. Não importa si você tá na igreja pra fazê a missa pra São Benedito, si você tá dançando Congada ou até mesmo ééé aquelas pessoas que fazem, qui não aparecem tanto, né?, éé qui às vezes o pessoal tá trabalhando, param o serviço pra vê a genti, a genti fazendo a nossa, nossa apresentação (XV-3).

Nina também percebe essa função da Congada unir diante de eventos importantes para seus integrantes e como isso vai além dos dias da festa

no ano que eu fui, o **Rei** virou princi, não, saiu de Príncipe pra Embaixador e foi um-um ano assim, pra nossa família, foi fantástico..., porque ele estava se tornando Embaixador por uma vontade do antigo, do antigo Príncipe porque herda, né?, as pessoas vão passando..., e foi o momento da gente tá todo mundo junto, mais próximo... E depois disso também...sabe. Sabe quando você aproxima mais a família, assim? Então não é algo só da festa..., parece queque quando dá certo, tudo certinho nos três dias, parece que aproxima mais a família. É incrível (I-19).

Branco tem para si que todos os que dançam a Congada criam uma irmandade e um grande respeito um pelo outro, que não permite que nada de mal aconteça ao outro, caso esteja presente. Para ele, esta irmandade é algo muito forte e leal e por isso crê que “[...] a Congada na nossa geração agora... ela não vai sê acabá, então éé é a Congada pra genti é tudo, né?, é uma tradição qui a genti vai carregá... pra sempre..., que eu vou querê levá pros meus filho, entendeu? Passá pra minha filha, pra minha filha um dia paassá pros filhos dela” (XIX-3).

A irmandade é o seguinte [...] Se você vê um congueiro, é difícil você não cumprimentá, você não pará, pelo menos comigo é assim, ééé, eu num pará i falar “Como é qui você tá, como é qui tá a sua vida?”. Seo Camilo, Camilo tava com o pé, lá. Machucado. Procurei lá“Ei cara cê vai lá, você quer qui eu te leve lá no hospital?” É você se preocupar com aquele congueiro, entendeu? Aí você cria uma irmandade, por de fato, você pensá no bem. Não no criar uma irmandade pra, pra éé o tirá algum benefício. Não! É se preocupar com a vida da pessoa somente pro bem [...], a genti criou essa irmandade iiiii, i a gente não vai deixar acaba, acabá a Congada..., entendeu? [...] É uma irmandade assim, pro lado do bem... Irmandade pra querê... se

preocupa com o outro, entendeu? Se preocupa com... principalmente ... as pessoas mais próximas de mim, entendeu? Aquele congueiro qui... hoje pode tá usando droga ou alguma coisa parecida ou tudo mais, tá passando uma dificuldade, a gente vai lá e tenta tirá aquela pessoa, mas si a pessoa quisé voltar pra Congada i tudo mais, a gente não vai fala pra pessoa “Não, você não vai dançá a Congada”, pelo contrário a gente abraça [...] A gente nunca expulsa ninguém da Congada [...] O seo Dito, o seo Dito de Pilaca ensinou muito, muito isso pra gente, nosso eterno rei, né? Ensinou a gente tê amor, amizade um pelo outro... Aquele jeitinho di falá qui ele tinha, muito doce, né?... Fala doce, carismático, sempre di criancinha ali, ele já o rei, e pô, ele abraçava a gente. Nosso rei. “Vamô leva o rei! O rei tá velhinho, vamos leva o rei!”... Aí criou aquele carinho, aquele afeto muito forte pelo seo Dito... Fui lá no enterro dele, dei minha última embaixada pra ele, fui com aquilo na cabeça, i tal... Dei a última embaixada pra ele, foi, foi importante pra mim... Aí é isso, cê, cê criá esse respeito, irmandade é criá respeito, né, criá laço di amizade, ... Iii você num... Sabê qui essas pessoas qui si foram, os mais velhos, vão... ti fazem falta i não fogem da sua memória. Isso é, aí você cria mesmo esse, esse laço, essa irmandade. Você não vai esquecer... aqueles qui se foram, né?... [...]Tenho muito isso comigo. Quando a gente faleci... a genti vai prum, assim, congueiros, vão prum lugar chamado jardim das flores, sabe? Na Congada nada é em vão... Num tem uma coisa em vão. Você tem uma música, ela tem um propósito...tem uma música qui cê fala “Cantemos jardim das flore-es” (cantarola este trecho). Ela é falado no segundo baile, e ela é um verso, cumprimento de um verso tão bonito! Eu não sei esse canto todo, eu não sei o canto todo. Mais é como se você tivesse entrando num jardim das flores assim, num lugar, paraíso, uma coisa bonita, onde, eu tenho certeza, qui os congueiros tá tudo lá...I quando ooo alguém faléci eu, eu penso comigo qui é pra lá qui nós vamos, cê entendeu? Todos os congueiros vão pra, pra esse lugar i eu fico tranquilo. Eu fico tranquilo! Tenho isso comigo, eu carrego essa, essa filosofia comigo qui [...] a genti tem um lugar destinado, os congueiros tem um lugar destinado é, é eu tenho isso pra mim... É isso aí! (XIX-13).

9 CONSIDERAÇÕES – “MALUNGO!”

[...] ‘Esse velho tem razão. Esse treco de mudar o mundo não só é possível, mas é preciso’. Não é possível deixar de mudar um mundo onde há milhões de brasileiros morrendo de fome. E eles não deixarão de morrer de fome, a não ser que a gente mude as estruturas políticas, ideológicas, do país e da sociedade (FREIRE, 2014, p.285).

Todo texto é um pouco autobiográfico, pois o que escrevo depende sempre dos valores que tenho acerca do outro e do mundo, assim como do que vivi e vi, assim sendo, este texto apresenta-se como uma forma de compartilhamento de entendimentos construídos a partir da reflexões e experiências vivenciadas nesta pesquisa em Educação. Não há aqui a pretensão ou intencionalidade de se constituir o texto como a verdade, o certo, o definitivo sobre a Congada São Benedito de Ilhabela, a partir de relações binárias de certo/errado, bem/mal, verdade/mentira.

Diante da intersubjetividade e das significações a partir da experiência com participantes da Congada de São Benedito de Ilhabela anteriormente descrita, a busca por desvelar os processos educativos, dando ouvidos aos que eles e elas dizem, na perspectiva da ecologia de saberes (Santos, 2010, p.66) se traduziu na essência do processo de investigação proposto, visto que a “[...] ecologia dos saberes capacita-nos para uma visão mais abrangente daquilo que conhecemos, bem como do que desconhecemos, e também nos previne para que aquilo que não sabemos é ignorância nossa, não ignorância em geral”. Isso me remete à ideia de parentesco intelectual apresentada por Freire (2014, p.294) na qual, segundo o citado autor, tal parentesco “[...] envolvendo similitudes na forma de apreciar os fatos, de compreendê-los, de valorá-los envolve também dessemelhanças e descompassos” assim como

provoca em quem o sofre sentir-se numa atmosfera agradável em que a intercomunicação se dá facilmente, com um mínimo de distúrbios. Em que os temas sobre que se fala são apreendidos por meio de experiências semelhantes de aproximação epistemológica a eles. Em que a afetividade, “amaciando”, “esquinas arestosas” nos sujeitos, ajuda-os nas suas relações, em lugar de dificultá-las (FREIRE, 2014, p.294-5).

Não consigo imaginar melhor organização de palavras para descrever como se deu o processo de construção desta tese.

“Ser parente” me parece ser o cerne da Congada em Ilhabela. A partir dos relatos e textos sobre o tema lidos, trago como indiscutível a questão de que as matrizes da Congada de São Benedito de Ilhabela são negras. **Marta** nos conta em um trecho de sua entrevista, enquanto narra sobre o início da Congada que “[...] “Ah, ... parente”, porque eles si chamavam assim” (XIV-2) e Sousa Junior (2004, p.125) falando sobre as religiões de matrizes africanas no Brasil apresenta que família foi uma das primeiras noções que os povos africanos escravizados foram obrigados a reconstruir ao serem trazidos para o Brasil, o que foi feito a partir da ideia de “malungo” que significa “aquele ou aquela que veio junto. Em suma, um “parente”.

O tipo de escravidão impetrada aos povos africanos pelos europeus, e que contou com o auxílio da Igreja, tentou roubar-lhes a humanidade; destruir sentimentos, sua história (Sousa Junior, 2004). Apesar dos despojos materiais e a tentativa de coisificação e apagamento das memórias a que foram submetidos, as memórias destes povos, seus símbolos, o pensamento tradicional africano e seus conceitos fundamentais, ancorados em seus corpos negros, foram sendo ressignificados ao chegarem em terras estranhas. É importante lembrar que neste estudo compreende-se o corpo como instrumento de minha expressão e da minha compreensão do mundo a partir de minhas experiências e que há nele, o corpo, uma intencionalidade e poder de (re)significação.

Dussel (2007) nos diz que o ser humano é um ser vivente e originalmente comunitário. Quando comunidades se tornam vulneráveis pela extinção, pela morte, estas devem ter continuamente como tendência “[...] o instinto ancestral de querer permanecer na vida. Este *querer-viver* dos seres humanos em comunidade denomina-se *vontade*. A *vontade-de-vida* dos seres humanos é a tendência originária de todos os seres humanos” (DUSSEL, 2007, p.25). É essa vontade que permite que nos mobilizemos, que nos impulsiona a ir além de nossas possibilidades mais imediatas de existência ou sobrevivência, é o que nos permitir transcender a nossa existência, apesar da força dos condicionamentos a que vamos sendo submetidos/as em nossa vida cotidiana.

Por essa vontade-de-vida, povos africanos escravizados lutaram para reconstruir suas famílias, suas comunidades, suas identidades e um destes locais de reconstrução para os negros no Brasil foram as irmandades, que lhes permitiu resignificar e vivenciar a sua religiosidade e o pensamento tradicional africano na diáspora africana no Brasil, reafirmar sua identidade, entre outras maneiras e lugares, através da Congada de São Benedito em Ilhabela. De acordo com os relatos, entre eles o de **Marta, Tereza e Ditinho do Pagode**, a Congada de Ilhabela, em sua origem, constituiu-se como um núcleo de proteção e organização dos negros

no município, ainda que haja controvérsias sobre o momento de seu estabelecimento no município ou de quem seria o responsável por isso. Trata-se de motricidades do sul se organizando ante à modernidade; de como a alteridade vai se relacionar com a totalidade (hegemonia dominante).

A Congada se apresenta, desde sua chegada em Ilhabela, como ponto de convergência entre passado, presente e futuro, a qual se faz e se refaz pelos/as próprios/as participantes da Congada, cujas lembranças evidenciam processos educativos de tradição e resistência desta manifestação. Como espaço próprio de manifestação deste grupo marginalizado, a Congada tem lugar para se festejar, agradecer, celebrar e se afirmar a vida. Ao relembra o passado de seus ancestrais, notamos afirmação da identidade afrodescendente, assim como a afirmação da devoção a São Benedito. Apesar de documentos datados de 1794 já indicarem a realização de bailes de congos, seja por desconhecimento, por rejeitar essa história, por silenciamento, ou seja, por querer esquecer uma história regressa de sofrimento, o início indicado nos dados coletados na maioria das vezes se refere a um passado mais recente, com o rei Paulino Silva, ainda que Corrêa (1981) faça menção a reis anteriores a ele, pertencentes à sua família.

Falando sobre a organização das apresentações da Congada e analisando um passado recente e o que se passa atualmente, **Rei** nos conta sobre uma conversa com Dito de Pilaca na qual este fala que era proibido vender bebida para qualquer congueiro durante a festa, ninguém saía da fila, etc.

Tal baile vai ser naquela tal rua. Ia todo mundo em fila até chegar num outro local da rua... Embaixador levava os congos dele, o Rei levava os congos dele. Tu-tuudo em fila certinho. Pra sair da fila, pra ir ao banheiro, alguma coisa, tinha que pedir ordem (IV-13).

Ainda que possa ser compreendido como uma forma de organização ordenada na transição entre espaços de maneira que as apresentações tenham uma continuidade e bom andamento; ou como forma de proteger-se, já que o grupo, por seu volume, se torna menos frágil do que um indivíduo isolado, me parece que essa questão retrata também um controle de outros grupos sobre o transitar dos negros pelas ruas da cidade. Fiquei me questionando se aos brancos, devotos e participantes, o público, membros da igreja, não dançantes da Congada, também era proibida a venda de bebidas ou se estes/as tinham que ser levados/as pelo padre ou qualquer outro representante ou responsável pelo grupo de um espaço a outro pelas ruas do centro da cidade. Precisariam estas pessoas se organizarem em grupo em busca

de proteção? Eram destinadas e/ou necessárias regras condicionando seu deslocamento pelo espaço? Se trataria aqui de uma questão etnicorracial?

Considerando-se a relação dos espaços da cidade e os negros, através dos relatos percebemos que estes viviam em áreas mais afastadas do centro econômico e político do município, a Vila, vindo de bairros como a Ponta das Canas, Borrifos, Bonete, Castelhanos, entre outros que ainda hoje sofrem com a dificuldade de acesso. A necessidade relatada de se organizar espaços de acomodação e alimentação para os que vinham para participar da Congada mostram que o negro e seus modos de ser e se organizar não estavam rotineiramente presentes nestes espaços.

Sobre o espaço de realização dos bailes da Congada não considero um acaso que estes se desenrolem nas ruas defronte à igreja, ao lado do antigo Fórum ou próximo ao local onde se localizava o mercado de escravizados e o pelourinho (marco inicial da cidade), grandes forças políticas e econômicas, núcleo em torno do qual a cidade se constituiu arquitetônica e economicamente. A Congada acontecer nestes espaços, ainda que inicialmente pensada como uma forma de controlar os negros, teve como ação, intencionalidade por parte do grupo que a integra o que me parece mais ser uma forma de, através da devoção, do canto, da dança, de sua motricidade, gritar que apesar de toda a opressão e violência, havia resistência, havia luta e a liberdade de poder Ser outrem era almejada por eles. Emblematicamente o mercado de escravizados, o pelourinho, o antigo Fórum perderam seus lugares na cidade, mas a Congada não. A luta continua!

Também não considero um acaso o relatado por Negro (III-21) quando este diz que “[...]Quando a gente carrega o mastro nas costas, e canta a música de Santa Luzia... Senhora Santana Santa Luzia, a gente já se transforma completamente”. Esta música é sempre cantada e dançada no levantamento do mastro que segue em procissão, acompanhada da marimba e dos dois atabaques. O levantamento do mastro, marca o início da festa.e a música toda diz: “Senhora Santana, Santa Luzia, dai-nos louvor, ó Virgem Maria. Hoje é o nosso dia, hoje é o nosso dia!”. No meu entendimento, se o HOJE citado no verso é o nosso dia, é porque, lamentavelmente, os outros não o são, eles não nos pertencem. De acordo com Cardoso (1982), há relatos e mitos que indicam que neste dia era autorizado aos negros assumirem a sua negritude e assim eles o faziam.

Nos espaços destinados à Ucharia, a sua transitoriedade espacial histórica reflete que apesar do discurso de que a Congada é a mais importante manifestação católica e caíçara, ser um reduto da população negra e seus familiares (atualmente também de outros grupos) não lhe permitiu conquistar espacialmente uma posição definitiva na cidade. A Ucharia vem

transitando por casas alugadas por seus integrantes, pela hospedagem de amigos, por clube (com portas trancadas), em escolas, no salão paroquial da igreja (sob cuidados, comentários e olhares preconceituosos que os acusavam de roubos), como explicitado no Discurso XIV. Isso vem gerando movimentos de organização por parte do grupo, no que se refere ao armazenamento de alimentos e utensílios de cozinha. Quais os lugares do negro em Ilhabela? Um negro e congueiro ter sido nomeado para assumir um cargo político pela primeira vez no município em 2016 já nos fornece alguns indicativos sobre isso.

Esperançosamente, é possível perceber no relato de **Secretário** uma mudança na relação com os espaços da cidade, sendo estes agora também reconhecidos como meio de apropriação, por parte dos congueiros, da sua memória.

cada ponto, [...] cada paralelepípedo... lá da frente da-da igreja significa alguma coisa pra gente... eu , acho que si, que si viesse o progresso e asfaltasse...né, aa em frente o cruzeiro lá... já não seria igual... pra nós. Porque a gente tem lembranças di-di muitas coisas... eeee a vontade de reviver isto tudo também, também é tamanha.(V-4).

É importante destacar que apesar da Congada ser apresentada pelos meios oficiais e a igreja como parte integrante da Festa de São Benedito de Ilhabela, há um certo silêncio quanto a alguns outros espaços constituintes da festa (quermesse e barracas, organizadas pela Igreja e apoiada pela Secretaria de Cultura do município)por parte dos colaboradores/as deste estudo, quando é feito algum tipo de menção.

Nas relações estabelecidas entre participantes na Ucharia e Congada, os conceitos fundamentais do pensamento tradicional africano se fazem marcadamente presentes: a espiritualidade, a generosidade, a comunidade, a partilha, o tornar-se pessoa, a ancestralidade, o trabalho realizado em comunhão e para a comunidade, como apresentados por Tedla (1995), Silva (2003a) e Oliveira (2004). Dentro da comunidade congueira, segundo os relatos de **Branco, Nina e Baepi**, há uma rede de acolhimento, de cuidados e proteção, de afirmação da identidade, que olha por todos. Educa-se para comunhão, a partilha de alimentos e saberes, e esta propicia o encontro e reencontro para fazer junto, ou seja: planejar, construir, trabalhar, orar e divertir-se na Congada de São Benedito, elementos estes que não se dão de modo isolado, mas integrados, no fazer-com, que se materializa na festa. Vários sujeitos não conseguem dissociar a Congada de si, da família e de Ilhabela e de um forte sentimento de emoção. Também a consideram um momento de união, de reencontro, atribuindo-lhe um significado especial em suas vidas, sempre em relação com o outro. **Branco** (XIX-13) tem

para si que todos os que dançam a Congada criam uma irmandade e um grande respeito um pelo outro, o que não permite que nada de mal aconteça ao outro, caso algum membro esteja presente. Essa irmandade ultrapassa os limites do mundo visível e invisível e os da festa.

O seo Dito, o seo Dito de Pilaca ensinou muito, muito isso pra gente, nosso eterno rei, né? Ensinou a gente tê amor, amizade um pelo outro... Aquele jeitinho di falá qui ele tinha, muito doce, né?... Fala doce, carismático, sempre di criancinha ali, ele já o rei, e pô, ele abraçava a gente. Nosso rei. “Vamô leva o rei! O rei tá velhinho, vamos leva o rei!”... Aí criou aquele carinho, aquele afeto muito forte pelo seo Dito..[...]. Aí é isso, cê, cê criá esse respeito, irmandade é criá respeito, né, criá laço di amizade, ... Iii você num... Sabê qui essas pessoas qui si foram, os mais velhos, vão... ti fazem falta i não fogem da sua memória. Isso é, aí você cria mesmo esse, esse laço, essa irmandade. Você não vai esquecer... aqueles qui se foram, né?... (XIX-13).

A relação com a ancestralidade já fora anteriormente apresentada em Cardoso (1982) quando transcrevendo uma fala do rei Neco apresenta: “Firmo o pensamento no tambaques, estou aqui sentado e estou vigiando a guerra das espadas, aí firma o pensamento, conforme o toque, firma ali e os meus passados estão tudo ali, meus antepassados estão tudo ali junto (CARDOSO, 1982, p.42). Entre os/a participantes da pesquisa **Tereza, Negro, Baepi, Secretário** também nos falam sobre a presença dos ancestrais e o respeito devido a eles por todos os ensinamentos recebidos. Assim como a necessidade de honrá-los. A presença dos ancestrais, em suas falas, também se reflete, no uso de seus trajes e acessórios e na gestualidade.

Os trajes e a gestualidade caminham juntos na recuperação da memória e lembranças dos ancestrais da Congada. A partir do relatado, a ancestralidade e a gestualidade são entendidas como polos nos processos educativos de manutenção, transmissão e resistência dos/as participantes da Congada e seus familiares na busca de seu lugar na sociedade e de apropriação de sua história, e se respaldam na devoção popular à São Benedito.

Para as mulheres a confecção dos trajes ou a sua responsabilização por eles é também uma forma de externar a sua devoção a São Benedito e à sua família, além de motivo de satisfação pessoal. É uma maneira a mais da mulher, através de seu trabalho e cuidado com o outro, se fazer presente nos bailes, participar do grupo e ter visibilidade pública, ao mesmo tempo que lhe atribui reconhecimento familiar. Há mulheres que além de mantenedoras desse patrimônio, são também as suas produtoras e com sua dedicação à essas roupas e objetos ensinam aos seus a devoção, o zelo e o cuidado à esta tradição. Há outros papéis destinados às

mulheres, onde estas assumem também posição de protagonismo, como quando Rainhas ou líder da Ucharia. **Lili** nos traz uma interessante analogia na qual as mulheres da Ucharia, ao preparar e servir o alimento, seriam a representação de São Benedito, e lhes atribui assim grande importância. Podemos aqui observar que a significação e importância das mulheres no e para o grupo sobrepõe-se ao papel decorativo que lhes é atribuído por Correa (1981).

Ainda tratando da comensalidade, o alimento e a maneira como São Benedito o distribuía entre os escravizados e famintos é o que o tornou santo, na devoção popular. A distribuição equitativa dos alimentos praticada por São Benedito é algo extremamente perigoso para o individualização do capitalismo, pois nos mostra que a fome não é causada porque não existe alimento em quantidade suficiente para todos no mundo, mas sim, porque o alimento produzido e disponível é mal distribuído. Destaco ainda que há na fala de alguns colaboradores (**Niquinha e Vermelho e Dourado**) asserções que nos dizem que o motivo de participar da Congada era apenas comer. Levando-se em conta que as refeições servidas na Ucharia eram e ainda são produzidas com base em alimentos que integram nosso cotidiano alimentar e que antigamente eram produzidos pelos próprios participantes (na roça, criação de galinhas e patos), me parece que os integrantes em realidade mais do que buscar alimento, buscam seu pertencimento, seu lugar no grupo, assim como se alimentam da solidariedade e de sua ancestralidade. Comer junto nos fala de pertencimento, de se reconhecer de que só sou se nós somos.

A devoção a São Benedito está entranhada na vida cotidiana dos participantes da Congada, conforme dizem: “nasce com a gente”, “tá no sangue” e por isso “não se aprende”. É possível observar que as crianças iniciam esta experiência de religiosidade e devoção na família, pois é em suas práticas cotidianas que elas aprendem a se portar, a se vestir, em todos os espaços da Congada. Ao mesmo tempo em que aprendem em seus núcleos familiares, aprendem durante a manifestação desta religiosidade na Congada com orientações dos adultos, dos mais experientes e dos mais velhos.

É interessante observar que certos gostos que as crianças revelam em seus brinquedos. Dizemos por exemplo: este menino é um médico nato, veja como ele gosta de brincar de medicina [...]. Não. Eu acho que o que acontece é que nós, na infância, de um lado programados para saber e condicionados pelo nosso aparelho genético; e de outro condicionados pela cultura de que fazemos parte -, expressamos certos gostos e certas coisas que chamamos *tendências*.

E é exatamente vivendo essa herança com que chegamos ao mundo, e juntando a essa herança genética a herança cultural, e vivendo a unidade diversa dessas heranças, a contradição delas na prática de que fazemos parte

com os outros, que vamos nos inclinando para isto ou para aquilo. Ninguém nasce feito, a gente se faz, a gente se constrói social e historicamente (FREIRE, 2014, p.224).

A família e os locais ocupados pela Congada apresentam-se como espaços-tempos onde ocorrem orientações e processos educativos.

Essas orientações se referem a como dançar, na empunhadura e no giro da espada, na apresentação das embaixadas, na cantoria ou na forma de gingar. Se referem também ao como trabalhar na Ucharia, ser Rainha, ser mulher e respeitar a tradição de louvar ao santo. Assim sendo, a comunidade congueira, organizada em função da religiosidade, é a união de diferentes núcleos familiares, que ao se organizarem a constituíram, para onde as crianças são geralmente levadas pela família e são orientadas no espaço, não necessariamente por seus pais. Por vezes trata-se de um familiar, nem sempre adulto, mas sempre por alguém mais experiente. A iniciação aos ritos de passagem existentes na Congada e Ucharia (ser congo de baixo, congo de cima, cacique, trabalhar no salão da Ucharia ou na cozinha de dentro, por exemplo) possuem tanto uma dimensão social, visto que através deles a comunidade reconhece aquele indivíduo como pessoa, quanto uma dimensão política ao reafirmar a identidade e o pertencimento do indivíduo àquele grupo identitário. Tais “ritos” acontecem tanto na Ucharia quanto nos bailes da Congada e referem-se ao processo de tornar-se pessoa e aprender a conduzir a própria vida. De acordo com Silva (2003a) o tornar-se pessoa refere-se a receber orientações para se completar enquanto humano, o que ocorrerá por toda a vida. A citada autora acrescenta:

Aprender requer uma atitude fundamental – respeito atencioso dos menos experientes para com os mais experientes, do aprendiz para com o mestre, dos mais jovens para com os mais velhos. Aprender demanda atenção, trabalho, esforço para interpretar dados e situações, enfrentar dificuldades, resolver problemas, planejar empreendimentos. Para aprender é necessário que alguém mais experiente, em geral mais velhos, se disponha a demonstrar, a acompanhar a realização de tarefas, sem interferir, a aprovar o resultado ou a exigir que seja feito (SILVA, 2003a, p. 186).



Figura 10: Pai e filho na Congada. Acervo pessoal da autora

Entre os entendimentos apresentados acerca a devoção tem-se que esta pode ser tanto uma devoção que liberta quanto uma devoção que aprisiona (**Henrique**) Segundo **Henrique**, a devoção que liberta é aquela na qual você está aberto a receber outras pessoas, outras informações, que você aceita as pessoas como elas são. A devoção que liberta não lhe é imposta por alguém. Você aprende com a devoção o que você pode ser na vida. Já a devoção que aprisiona, é aquela que é imposta e você tem que ficar naquele modo, naquele pensamento porque é aquilo que uma outra pessoa acreditava e que você passa a ter que acreditar também. A devoção imposta que é condicionada, não lhe permite ir para a frente.

Por diversos momentos, as qualidades enaltecidas em São Benedito (da devoção popular na maioria das vezes), assim como o santo são apresentadas como modelos a serem seguidos. **Ditinho do Pagode** ao dizer que havia muitos Beneditos na Ilha e que agora os nomes são diferentes, muitas vezes em inglês, como é o caso de seus filhos, nos mostra que há uma forte influência externa não só à Ilhabela, mas também ao país. Destaco esse ponto, pois, na minha opinião, trazer o nome do santo era incorporar a devoção, é a identidade e as qualidades do mesmo. Levando-se em conta a necessidade que os escravizados e seus descendentes tinham (e, infelizmente ainda hoje seus descendentes também tem) de se organizarem socialmente neste novo mundo, trazer o nome do santo ou atribuí-lo aos seus filhos e filhas era uma maneira desses indivíduos “ostentarem” seu pertencimento, assumirem seu lugar no mundo, pertencerem a uma comunidade. Me parece preocupante que atualmente ao nomear seus filhos, o que se busque seja de alguma maneira uma outra identidade, alheia

ao seu grupo identitário, representada na fonética de nomes, no caso citado, originalmente pertencente a grupos de indivíduos falantes da língua inglesa, por estes serem os mais aceitos socialmente.

É importante frisar que vem ocorrendo transformações no espaço da Ucharia, que também é um espaço de construção e fortalecimento de identidades. É possível detectar nos relatos que algumas pessoas percebem que a Ucharia está deixando de ser um espaço essencialmente voltado à comunhão das famílias congueira (**Nina, Zeca**) e isso se deve à uma abertura relativamente recente, que provavelmente se inicia com a saída do Rei Neco, que provocou a mudança de liderança da Ucharia, pois sua família era a responsável por ela (CORREA, 1981; CIRINO, 2010). **Zeca** diz que o espaço da Ucharia tem sofrido com a chegada de pessoas alheias à comunidade congueira. Isso vem roubando sua essência e tem afastado congueiros e famílias mais antigas do espaço. Também na Ucharia, há pessoas da comunidade que ao dizerem que não sabem como colaborar com a festa (**Nina**) ou a quem procurar demonstram um distanciamento do grupo, do formar-se nele, posto que o significado de se tornar uma pessoa e o significado do trabalho são derivados da comunidade. Retomando o entendimento de Tedla (1995) sobre o trabalho já apresentado anteriormente, os preparativos de festas e rituais também são trabalho e este tem como característica essencial a comunalidade o que implica em compartilhamento (do trabalho e do fruto resultante) e é através dele que se aprende a cuidar e nos vinculamos à comunidade.

Estar vinculado também significa que a pessoa tem deveres e obrigações para com a própria família, a comunidade e com a vida como um todo. A realização de tarefas e responsabilidades assegura que todos sejam cuidados. Assim, por meio de trabalho e partilha com os outros, aprende-se o que é preciso para ser corajoso. Bravura significa realizar os deveres para os outros e para si mesmo, perseverante nas dificuldades, fazendo bem qualquer coisa com a qual se comprometa. Bravura não espera por eventos extraordinários. É fazer o bem nas circunstâncias comuns da vida diária, transformando o ordinário em extraordinário. Bravura é entendida como sendo alcançável por qualquer um que se dedica a ele/ela mesma. Pessoas corajosas podem ser conhecidas pela qualidade de seu trabalho, pela forma como falam e pela maneira como se movimentam (TEDLA, 1995, p. 20-1).

Aliados a este distanciamento, as mudanças do modo de vida e de produção do caiçara vem alterando a forma de colaboração; se antes havia na Ucharia alimentos que eram produzidos pelo caiçara em seu cotidiano e que eram compartilhados com o outro/a, hoje estes alimentos têm sua produção realizada por um mercado externo e caro, o que dificulta as doações. Dissociado dos modos de produção, algumas pessoas atribuem a outros, tais como a

prefeitura e Secretaria de Cultura, a responsabilidade do provimento de alimentos, e também dos trajes para os bailes da Congada. É a festa deixando de ser trabalho como acima descrito para ser responsabilidade de pessoas externas ao grupo. As pessoas não participam do processo de constituição e organização da manifestação e nem de seus processos educativos: as pessoas não partilham o que tem, nem seu tempo, nem seu dinheiro, nem seus alimentos, esquecendo-se dos ensinamentos aprendidos nesta comunidade a partir de São Benedito e do pensamento tradicional africano, que pregavam a simplicidade e a bondade, a ajuda mútua e que isto não deve ser segmentado ou destinado a apenas alguns momentos da vida. Esta forma de relacionar-se com a Congada e seus espaços também priva aos integrantes das reuniões referentes a organização que antecedem a festa que se apresentam também como um importante ponto de comunhão e aprendizagem e rouba da Congada a sua característica de ser uma festa realizada somente pelo povo e para o povo.

A forte relação de seus integrantes com a religiosidade, que se expressa a partir de diferentes religiões, faz com que muitos congueiros não frequentem a Igreja fora do período da festa. Talvez isso se deva ao fato de que a musicalidade e gestualidade presentes na igreja católica não sejam suficientes para externar o sentimento e sentido da religiosidade de alguns, assim como ao fato destes devotos se reconhecerem no São Benedito da devoção popular, mas não no da Igreja. Aos praticantes de religiões de matriz africana a forma de manifestação religiosa apresentada pela igreja católica pode não ser suficiente considerando-se o apresentado por Tedla (1995, p. 20): “[...] A través de seu trabalho de meditação, música, dança e rituais, os africanos unem-se a força motriz da vida. Como eles afirmam e fundem-se com a vida, a vida afirma e funde-se com eles”.

Conforme podemos observar, a Congada que se estabeleceu em Ilhabela a partir da possibilidade de se constituir como um espaço de comunhão e de convívio dos escravizados e também do questionamento da realidade na qual está inserida, de resistência, de afirmação de identidades e de combate à hegemonia, ainda hoje combate valores de uma ideologia religiosa (católica), eurocêntrica e centrada no gênero masculino, econômica, entre outras.

Ao se abrir para o acolhimento de pessoas, devotas de São Benedito, em boa parte das vezes, que não fazem parte de famílias que tradicionalmente constituíram a Congada, seus integrantes também se abrem a novas ideias e entendimentos a respeito do ser humano, religião e negritude, assumindo assim um importante papel social no que se refere a possibilidade de articulação de grupos que pode auxiliar na luta pela manutenção de saberes e valores que são importantes aos seus participantes. Nesse sentido **Maura** (XIII-17) nos diz:

eu quero assim muito mais pessoas envolvidas, eu quero ..., eu gostaria de ter assim, na realidade, quando a gente, qui a gente tem medo assim de se perder nu meio disso tudo, as pessoas lá antiigas qui tiveram com a gente lá. Então a gente angaria um da família, né. Esse ano consegui trazer algumas pessoas... Filha num sei di quem, filha não sei de quem, qui era daqui daonde, qui era do morro, qui é di família qui a gente via por lá i não vê ninguém i a gente sabe qui a família é imensa, a gente fala “Pô, porque você sumiu de lá? Não, você está convidada, você está intimada a ir lá”. I aí depois a gente vê que a pessoa foi, gostou i tá lá então..., a ideia é trazê pra qui isso possa caminhar junto ainda, né, a tradição ali com a devoção ...

Esse acolhimento também tem se intensificado atualmente no que se refere a pesquisadores/as. Houve momentos em que a relação entre pesquisadores e a comunidade congueira foi bem difícil, como o que culminou na saída de Neco e que a partir da posição tomada lado a lado, impediu que saberes importantes continuassem sendo transmitidos por Neco, sua voz foi em certa medida silenciada. Há referências em Cardoso (1982) sobre a existência de *segredos* no ritual da Congada de Ilhabela que eram guardados e preservados pela família do rei Neco. **Marta**, irmã de Neco, também faz alusão a estes *segredos*, quando nos conta sobre sua reação ao saber que a pessoa que a sucederia na Ucharia não é aquela que ela havia escolhido: “[...] Por que? A **Maura** ela sabe? Ela sabe o que se passa? Sabe o segredo da festa? Dessa Ucharia? ”(XIV-34); “[...] o que meu pai aprendeu foi a Congada! ... e um segredo que ninguém sabia”.

Sousa Junior (2004, p.128) apresenta que o *segredo* é “[...] um dos maiores mecanismos de preservação de identidade e da memória elaborados pelos homens e mulheres que idealizaram as religiões africanas.

Atualmente, seus saberes, que anteriormente eram transferidos aos outros prioritariamente pela oralidade, gestualidade e musicalidade (formas de expressões presentes nas culturas de matrizes africanas) ou difundidos pela escrita de maneira por quem falava sobre eles/as, agora são escritos, não mais apenas por pesquisadores/as que falam sobre, mas por seus participantes que tentam retomar o controle de sua história, contando-a a partir de suas experiências de vida, já que o domínio da escrita também tem um papel social. Tal controle também é retomado quando ouvem seus antigos, numa tentativa de reavivar sua memória, e começam a refletir e sobre o que é escrito a respeito do grupo, mudando o que consideram necessário a partir desta reflexão em grupo. As pesquisas realizadas durante o período da festa causam reações em alguns congueiros (querer serem filmados, por exemplo, e por isso ficam desatentos) que tem incomodado às lideranças do grupo.

O grupo vai, assim, de certa maneira resistindo a ser transformado em objeto de estudo e também vai se apropriando de uma maneira mais reflexiva do conhecimento produzido no meio acadêmico no seu processo de formação humana.

O acolhimento a grupos externos, portanto, merece ao mesmo tempo atenção e cuidado, principalmente pelos princípios que A Congada busca difundir e vivenciar. Silva (2009, p. 45) nos traz um provérbio africano: “[...] Nós somos responsáveis pela felicidade do visitante, enquanto ele estiver sob nosso teto”. Afirma-se que este entendimento sobre a recepção ao viajante facilitou aos colonizadores ocupar e dominar os territórios africanos”. Ou seja, há o risco de a partir do acolhimento, pessoas externas ao espaço, se apropriarem do mesmo e dos conhecimentos ali produzidos e assumirem o controle sobre ele, ou por causa do desconhecimento das relações e dinâmicas de organização do grupo, interferir nestas, irremediavelmente, sem querer.

É preciso se ter em mente que na Ucharia, assim como nos bailes, encontram-se os fundamentos da Congada. Alterações e apropriações que não são constituídas no interior do grupo podem afetar e dificultar a manutenção de valores que são essenciais à manutenção da tradição, tais como a ideia de comunidade, trabalho e espiritualidade. Apesar das contradições percebidas, tempo-espacos habitados por motricidades do sul são assim mantidos, criados, recriados, rememorados, presentificados e projetados, como cultura viva que é, entre participantes da Congada de São Benedito em Ilhabela.

Referindo aos cuidados necessários para a manutenção da tradição e da festa **Henrique, Baepi e Negro** acenam com a necessidade e importância de haver uma ação conjunta e dialogada entre o conhecimento produzido na Congada e a escola, de maneira a garantir que toda a comunidade escolar possa conhecer e vivenciar esta cultura, a fim de que a partir da difusão deste conhecimento possam resistir contra a hegemonia e praticar o que Dussel (2004) nomeia como solidariedade. Esta questão apontada por eles torna inevitável a reflexão sobre as possibilidades nas formas de nos relacionarmos com os outros e o papel da escola neste contexto.

A percepção desta necessidade e também a vontade da Congada se aproximar da escola advém do reconhecimento da comunidade congueira de que seus modos de ser, ensinar e aprender, assim como tantas outras epistemologias e motricidades advindas de povos e grupos sociais são colocados abaixo do que Santos (2010) denomina linha abissal, ou seja, linhas produzidas a partir do contato hegemônico ocorrido no Brasil a partir do colonialismo e que buscam eliminar definitivamente o que está do outro lado da linha. Isto faz com que, apesar dos movimentos de resistência já existentes, haja uma grande dificuldade que tais

motricidades e epistemologias do sul, sejam reconhecidas tanto em ambientes de educação formal, quanto nos de educação não-formal, posto que vivemos em um mundo construído a partir das ideologias, valores e interesses daquele que nos oprime e que desfavorecem e/ou prejudicam a nossa subjetividade.

Percebe-se também nos ambientes de educação formal um desconhecimento, uma ausência no que se refere aos saberes populares, assim como a reprodução de pensamentos e atitudes opressivas de negação em relação aos mesmos. Os ambientes de educação formal e informal são espaços onde a diversidade pode e deve ser contemplada em práticas pedagógicas de maneira a contribuir para que, a partir de ações deliberadamente concebidas e executadas de maneira a sanar tais situações, todos(as) os(as) educandos(as) e educadores/as possam se perceber agentes e sujeitos de sua história e de sua cultura. Para isso, há de se buscar, esperar a descolonização do saber, de maneira a combater a perpetuação desta lógica colonial e opressora. Esperar é aqui compreendido a partir de Freire (1992, 2014):

A educação é exatamente esse processo de busca, e é por isso que ela é esperançosa. Eu diria até que mais do que ela, a natureza humana é naturalmente esperada. E, apesar de todas as razões diárias que todos nós temos para perdermos a esperança, a desesperança na existência humana é acidente, não necessidade (FREIRE, 2014, p.228).

Neste aspecto, a Congada apresenta um grande potencial educativo e descolonizador, conforme o apresentado anteriormente. Não se trata aqui de romantizar esta prática corporal/religiosa, principalmente se levarmos em consideração, situações alienantes como a descrita **Henrique** que nos explicita algumas possibilidades de ser da devoção, mas sim de demonstrar apoio aos movimentos de luta, resistência e libertação ante os processos de encobrimento que lhes vem sendo perpetrados pela hegemonia ocidental, ainda que por vezes a percebamos envolta em conflitos e tensões internas, já que Congada está inserida no mundo e não é imune, assim como nenhum/a de nós o é, a situações de opressão e dominação.

Considerando que tais conhecimentos se referem a uma gama maior de saberes e são mais do que o mero reflexo da influência civilizatória ocidental, os diálogos horizontais entre os diferentes saberes permitem a reflexão sobre a realidade e a desconstrução do discurso hegemônico a partir de uma postura crítica perante o condicionamento histórico, sociológico e ideológico que nos envolve. A dialogicidade entre saberes pode assim nos tornar parentes intelectuais, lembrando que “[...]Pertencer à mesma família intelectual não significa a redução

de um no outro, pois que é a autonomia de ambos a pedra fundamental que alicerça o verdadeiro parentesco” (FREIRE, 2014, p.297).

Este parentesco pode suscitar discussões que nos permitam refletir sobre as abordagens educacionais existentes e também sobre o desenvolvimento de novas abordagens e teorias educacionais, metodologias de ensino, ações políticas e sociais, formas de fazer ciência etc., todas elas apoiadas nas epistemologias de grupos marginalizados, porque é a eles que se destinam, de maneira romper com a influência hegemônica que nos rouba o direito e a credibilidade da diversidade cultural.

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: — Me ajuda a olhar! (GALEANO, 2002, p. 12).

O mar, sempre me foi uma imagem forte e muito presente desde que cheguei em Ilhabela e, por consequência, neste projeto. E perceber as ausências citadas no início deste projeto, me fez sentir como Diego, ao ver o mar pela primeira vez.

Quando se busca sobre os “heróis” da Conquista é por sua coragem em aventurar-se neste Mar que estes são enaltecidos, como se apresenta nos versos de Camões: “[...] Por mares nunca de antes navegado/Passaram ainda além da Taprobana,/Em perigos e guerras esforçados/ Mais do que prometia a força humana,/(...)Novo Reino, que tanto sublimaram;/ Daqueles Reis que foram dilatando/ A Fé, o Império, e as terras viciosas/ De África e de Ásia andaram devastando,...”

Por consequência destes atos, estes mares se apresentam vermelhos do sangue dos negros de África e índios do Brasil e ruge de dor por terem sido usados como palco para o comércio de escravizados entre África e Américas. É este mesmo mar que cerca Ilhabela por todos os lados, a separando/unindo ao continente e a outros mundos e que trouxe a Conquista e a escravidão. Por vezes me parecia que era do mar que vinha a distância que nos separa das nossas raízes africanas e indígenas, posto que foi por ele, o Mar, que chegaram do “norte” ideais de discriminação, de sublimação, de negação e desapropriação do Outro. Foi por ele que nos chegou determinações de como devemos ser e enxergar ao outro e como guiar nossas relações humanas, mas também foi por ele, que vieram novos ideais ao deslocar o meu olhar e

ver surgir sobre ele uma nova paisagem, por uma luz que diferentemente se incide sobre o já conhecido e estabelecido.

Espero que assim como Diego, cada vez mais nos levemos e sejamos levados a olhar “este” mar de uma outra forma: encantada, deslumbrada, fulgorosa, a partir do sul. Que a partir dele possamos encontrar novos caminhos de reconhecimento desta história de África e dos índios do continente e da Ilha que nos foram roubados, se perderam e nos deixaram perdidos. Que olhemos para além deste espelho d’água de dor e sofrimento das relações etnicorraciais e admiremos todas as nuances da beleza do “Ser Outro/a”; das diferentes formas de se relacionar a partir de novas luzes e/ou pontos de vista. Espero que, assim como Diego, esses olhares sejam cada vez mais compartilhados e mais e mais pessoas nos/se ajudem a “olhar”. Para isso propõe-se a ampliação e a sistematização de formas e propostas pedagógicas pelas quais tais práticas corporais possam contribuir para a educação de relações étnico-raciais humanizadoras e justas em outros ambientes.

Encerro este texto da única maneira que me parece possível:

Obrigada aos/às participantes envolvidos nesta pesquisa, por me ajudarem a olhar!

REFERÊNCIAS

- ALBÁN, Adolfo. Epistemes “otras”: ¿epistemes disruptivas? In: ALPIZAR, Solano et al (orgs.). **Colonialidad/Decolonialidad del poder/saber: miradas desde el sur**. Valdivia: Imprenta America Ltda. 2012. p.187-210.
- ALES BELLO, Angela. O que é fenômeno e fenomenologia. In: _____. **Introdução à fenomenologia**. Bauru: EDUSC, 2006.
- ARAÚJO, Alceu M. **Folclore nacional: festas, bailados, mitos e lendas**. vol. 1. Edições Melhoramentos, 1964.
- BENDAZZOLI, Cintia. Ilhabela de raízes negras. In: FUNDACI. **Congada de São Benedito**. Ilhabela: FUNDACI, 2012.
- _____. **Jornada da Cultura silenciada**. Projeto Memórias reveladas (organizada e realizada pelo Espaço Pés no chão, de Ilhabela, entre os dias 30 de maio e 5 de junho de 2016).
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In; BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 222-232.
- BICUDO, Maria A. V. Sobre a Fenomenologia. In: BICUDO, M.A.V.; ESPOSITO, V.H.C. (Orgs). **Pesquisa qualitativa em Educação: um enfoque fenomenológico**. Piracicaba: UNIMEP, 1994, p. 15-22.
- BIKO, Steve. **Escrevo o que eu quero**. São Paulo: Editora Ática. 1990.
- BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha**. Disponível em:< <http://www.bonsucessomt.com.br/imagens/AGUIAEAGALINHA.pdf> > Acesso em: 17 abr. 2015.
- BOMFIM, Manoel. **A América Latina: males de origem**. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: < http://www.do.ufgd.edu.br/mariojunior/arquivos/BOMFIM_A_America_Latina_Males_de_origem.pdf> . Acesso em: 14 ago 2016.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRANDÃO, Carlos R. **A cultura na rua**. Campinas: Papyrus, 1989. Disponível em: < http://www.sitiodarosadosventos.com.br/livro/imagens/stories/anexos/a_cultura_na_rua.pdf> Acesso em 26/01/2015.
- BRASILEIRO, Jeremias. **Congadas de Minas**. Fundação Cultural Palmares/Ministério da Cultura, 2001.
- CAMARGO, Caio. **Memórias de uma ilha**. São Paulo: Intermeios; Programa de Ação Cultural do Estado de São Paulo (PROAC), 2011.
- CAMÕES, Luis de. Os Lusíadas. Disponível no site <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000178.pdf> . Acesso em 27/09/2012.

CAMPOS, Marcio D'Olne. A arte de sulear-se. 1991. Disponível em <<http://sulear.com.br/beta3/wp-content/uploads/2017/03/CAMPOS-M-D-A-Arte-de-Sulear-1-.pdf>> Acesso em: 25 fev 2017.

_____. SULEar vs NORTEar: Representações e apropriações do espaço entre emoção, empiria e ideologia. **Programa de Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social**. EICOS - Instituto de Psicologia - UFRJ/UNESCO. 1999. Disponível em: <<http://www.sulear.com.br/texto03.pdf>>. Acesso em 20 jan 2016.

CAMPOS, Silmara E. A. de. (2008). **Ser caçara em Ihabela**: as construções de identidade nas tensões entre o passado e o presente. 226 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - PPGE/UFSCar, São Carlos.

CAMPOS, Silmara E. A. de; CARMO, Clayton da S. Pesquisa em Educação: tecendo reflexões entre Práticas Sociais e Motricidade Humana. In: **IV Seminário de pesquisas em práticas sociais**: contribuições de Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, 2013. São Carlos. São Carlos. p. 126-137. (CD-ROM - ISSN: 21792313).

CAMPOS, Silmara E. A. de; CORREA, Denise A. **Ucharia da congada de São Benedito do município de Ihabela**: (re) inventando a tradição. 2013. Disponível em <http://educere.bruc.com.br/ANAIS2013/pdf/10198_5399.pdf>. Acesso em 21 abr. 2015.

CARDOSO, Haydée D. de F. **Relações entre cultura popular e indústria cultural**. 1982. Dissertação de Mestrado (Ciências da comunicação) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo/USP), 1982.

CARMO, Paulo Sérgio do. **Merleau-Ponty**: uma introdução. São Paulo: EDUC, 2000.

Centro Nacional do Folclore. Disponível em: <<http://www.cnfcp.gov.br/tesauro/00000065.htm>> Acesso em 14 de out 2014.

CASCUDO, Luis da C. **Dicionário do folclore brasileiro**. 5a. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

CEZAR, Lilian S. Saberes contados, saberes guardados: a polissemia da congada de São Sebastião do Paraíso, Minas Gerais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 38, p. 187-212, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v18n38/08.pdf>>. Acesso em 25 ago. 2017.

CIRINO, Giovanni. **Uma etnografia da devoção a São Benedito no litoral norte de São Paulo**. 2012. 342 f. Tese (doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Antropologia. São Paulo, 2012.

CONCEIÇÃO, Frei A. da. **Flor perigrina por preta, ou nova maravilha da graça**. Descoberta na prodigiosa vida de B. Benedicto de S. Philadelfio Religioso leigo da Província Reformada da Sicília, das da mais estreita Observância da Religião Seráfica; Vigário, e guardião que foi do Convento de S. Maria de Jesus de Palermo. Lisboa: Officina Pinheirense da Música e da Sagrada Religião da Malta, 1744.

CONGADA de São Benedito: devoção e fé na ilha. **Brisa** - Ihabela vida e movimento. Ihabela, Maio-2015, p.11-14.

CORRÊA, Iracema F.L. A Congada de Ilhabela na festa de São Benedito. São Paulo: Escola do Folclore/ Livramento, 1981.

CRITELLI, Dulce M. **Analítica do sentido**: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. São Paulo: EDUC; Brasiliense, 1996.

DUSSEL, Enrique. **Para uma ética da libertação latino americana III**: erótica e pedagógica. São Paulo: Loyola; Piracicaba: UNIMEP, s/d.

_____. Europa, modernidade e Eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO-Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

_____. **1492 - El encubrimiento del outro**: hacia el origen del mito de la modernidade. La Paz: Plural Editores – Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educacion – UMSA, 1994. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/otros/20111218114130/1942.pdf>>. Acesso em 30 fev. 2015

_____. **Filosofia da libertação**. São Paulo: Editora Loyola; Piracicaba: UNIMEP. 1977.

_____. Religiosidad popular latino-americana (hipótesis fundamentales). **Cristianismo y Sociedad**. v.24, No. 88, 1986. p.103-112.

_____. **Deconstrucción del concepto de “tolerancia” (de la intolerancia a la solidaridad)**. 2004. Disponível em:< <http://old.afyl.org/tolerancia-dussel.pdf> >. Acesso em 24 fev. 2016.

_____. **20 teses de política**. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO; São Paulo: Expressão popular, 2007.

ENTREVISTA com Ana Esperança da Silva, uma das herdeiras da posse da antiga marimba de Ilhabela. 1989. In: **Acervo Memória Caiçara** Disponível no site < http://www.memoriacaicara.com.br/site/busca_registro.php> Acesso em 10 fev. 2016.

FINI, Maria I. Sobre a pesquisa qualitativa em Educação, que tem a Fenomenologia como suporte. In: BICUDO, M.A.V.; ESPOSITO, V.H.C. (Orgs). **Pesquisa qualitativa em Educação: um enfoque fenomenológico**. Piracicaba: UNIMEP, 1994, p. 23-33.

FIORI, Ernane M.. Aprender a dizer a sua palavra. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 17ª ed. p. 5-11.

FREIRE, Ana M. A. Notas. In: FREIRE, Paulo. _____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 12ª ed.

FREIRE, Paulo. Considerações em torno do ato de estudar. In: _____. **Ação Cultural para a liberdade**. Petrópolis: Paz e Terra, 2007, p.9-13.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 17ª ed.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 12ª ed.

_____. **Professora sim,tia não.** Cartas a quem ousa ensinar. SãoPaulo: Olho D'Água, 1997.

_____. **Pedagogia da tolerância.** São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____. **Política e educação.** São Paulo, Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **A África ensinando a gente:** Angola, Tomé Bissau, São Tomé e Príncipe. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antônio. **Por uma pedagogia da pergunta.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/paulo_freire_por_uma_pedagogia_da_pergunta.pdf> Acesso em 20 mar. 2015.

GADOTTI, Moacir. Aos leitores. In: GADOTTI, Moacir; FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Pedagogia: diálogo e conflito.** São Paulo: Editora Cortez, 1995, 4ª ed. p.11-14.

GALEANO, Eduardo. **De pernas para o ar:** a escola do mundo ao avesso. Porto Alegre, RS: L&PM Editores, 2011.

_____. GALEANO, Eduardo. O livro dos abraços. 9. ed. – Porto Alegre: L&PM, 2002

_____. **As veias abertas da América Latina.** 2010. Disponível em: <<http://abcdasdiversidades.art.br/espiral/file/view/1025/as-veias-abertas-da-america-latina-eduardo-galeanopdf>> Acesso em: 15 ago. 2016

GARNICA, Antonio V. M. Algumas notas sobre pesquisa qualitativa e fenomenologia. **Interface** - Comunicação, Saúde, Educação, São Paulo, v.1, n.1, p.109-119, 1997.

GONÇALVES JUNIOR, Luiz. Lazer e trabalho: a perspectiva dos líderes das centrais sindicais do Brasil e de Portugal em tempos de globalização. In: _____. (Org.). **Interfaces do lazer:** educação, trabalho e urbanização. São Paulo: Casa do Novo Autor, 2008. p.54-108.

_____. Etnomotricidade: multiculturalismo e educação física escolar. In: CARREIRA FILHO, D. ; CORREIA, W. R. (Org.). **Educação física escolar:** docência e cotidiano. Curitiba: CRV, 2010. p.49-67.

GONÇALVES JUNIOR, Luiz; CORRÊA, Denise A.; CARMO, Clayton da S.; CAMPOS, Silmara E. A. de; TORO-ARÉVALO, Sergio. Etnomotricidad: juegos de resistencia cultural en la comunidad caizara de Ilhabela – Brasil. **Estudios Pedagógicos** (Valdivia. Imprensa). 2012, p. 249-266.

GONÇALVES FILHO, Luiz. José Moura. Olhar e memória. In: NOVAES, Adauto (org.). **O Olhar.** São Paulo: Companhia da Letras, 1988, p. 95-125.

IANNI, Octávio. **Enigmas do pensamento latino-americano.** s/d. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/iannienigmas.pdf>> Acesso em 15 ago 2016.

LARROSA BONDIA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: **Revista Brasileira de Educação.** 2002, n.19, pp.20-28.

LOURES, Patrícia Marcelina. **Inventário de benzeções, rezas e novenas, folias e congada:** educação nas manifestações culturais. 2012. 195 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Departamento de Educação, 2012.

LUZ, Marco Aurélio. **Agadá:** dinâmica da civilização africano-brasileira. Salvador: Editora da UFBA. 2000.

MACHADO, Ozeneide V. de M. Pesquisa qualitativa: modalidade fenômeno situado. In: BICUDO, M.A.V.; ESPOSITO, V.H.C. (Orgs). **Pesquisa qualitativa em Educação:** um enfoque fenomenológico. Piracicaba: UNIMEP, 1994, p. 35-46.

MARCONDES, Ana M. de F. **Travessia periférica:** a trajetória do pintor Waldemar Belisário. São Paulo: Imprensa Oficial, 2013

MARTINS, Joel. Não somos chronos, somos kairós. **Revista Kairós** – Gerontologia. Ano 1, nº1. São Paulo, p.11-24, 1998.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria M.A.V. **A pesquisa qualitativa em Psicologia:** fundamentos e recursos básicos. São Paulo: Educ/Moraes, 1989.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** 2ªed. São Paulo: Martins Fontes. 1996.

_____. **O homem e a comunicação:** a prosa do mundo. Rio de Janeiro: Bloch Editores S/A, 1974.

MERLO, Márcia. **Memória de Ilhabela:** faces ocultas, vozes no ar. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2000.

_____. Congada de Ilhabela: o santo, o homem, a festa, o negro e o lugar. In: **Ângulo.** 127, set./dez. p. 43-56. 2011 Disponível em: <<http://antirrepublicanístico/index.php/angulo/article/view/831/596> > . Acesso em: 25 jan 2015.

MONTEIRO, John M. **Negros da terra:** índios e bandeirantes nas origens de São Paulo. 5ª reedição. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MONTEIRO, Marianna F, M; DIAS, Paulo. Os fios da trama: grandes temas da musica popular tradicional brasileira. **Estudos avançados** 24 (69), 2010. p. 349-371. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v24n69/v24n69a22.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2014.

MOURA, M. M. Festas, ritos e celebrações. In: LUCENA, C.T.; CAMPOS, M.C.S.S. (Org.) **Questões ambientais e sociabilidades.** São Paulo: Humanitas/CERU, 2008. p.33-38. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/ceru/anais/anais1.html>>. Acesso em: 01 ago. 2014.

NGOENHA, Severino Elias. Concepções africanas do ser humano. In: NGOENHA, S.; CASTIANO, J. P. **Pensamento engajado:** ensaios sobre filosofia africana educação e cultura política. Maputo: editora EDUCAR, 2011.

OLIVEIRA, Maria W.; SILVA, Petronilha B. G.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; MONTRONE, Aida V. G.; JOLY, Ilza Z. L. Processos educativos em práticas sociais:

reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisas em espaços sociais. In: OLIVEIRA, M.W.; SOUSA, Fabíola.R. (Org.). **Processos educativos em práticas sociais**: pesquisas em educação. São Carlos: EdUFSCar, 2014, p.29-46.

OLIVEIRA, Anderson J. M. Devoção e identidades: significados do culto de Santo Elesbão e Santa Efigênia no Rio de Janeiro e nas Minas Gerais no Setecentos. **TOPOI**, v. 7, n. 12, jan.-jun.. pp. 60-115, 2006. Disponível em: <https://www.academia.edu/4193204/Devo%C3%A7%C3%A3o_e_Identidades_significados_do_culto_de_Santo_Elesb%C3%A3o_e_Santa_Efig%C3%A2nia_no_Rio_de_Janeiro_e_nas_Minhas_Gerais_no_Setecentos> Acesso em: 24 fev. 2015.

_____. A santa dos pretos: apropriações do culto de Santa Efigênia no Brasil Colonial. **Afro-Ásia**, 35, pp.237-262, 2007. Disponível em: <http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia35_pp237_262_Anderson.pdf>. Acesso em 25 jan. 2015.

_____. Santos de cor: hagiografia e hierarquias sociais na América portuguesa (século XVIII). **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, a. 169 (438): 09-27, jan./mar. 2008. Disponível em: <www.ihgb.org.br/trf_arq.php?r=rihgb2008numero0438.pdf> Acesso em 30 jan. 2015.

OLIVEIRA, Irene dias de. Das culturas tradicionais. Africanas. In: SOUSA JUNIOR, Vilson Caetano (org.). **Nossas raízes africanas**. São Paulo: Centro Atabaque de Cultura Negra e Teologia, 2004. p.117-123.

PAZOS-COUTO, José; TRIGO, Eugenia. Motricidad Humana y gestión municipal. In: **Estudios Pedagógicos**. Valdivia, vol. XL, n. 1, p.373-387, 2014. Disponível em <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-07052014000100022&lng=es&nrm=iso> . Acesso em: 10 out 2014.

Prefeitura da Estância Balneária de Ilhabela. Disponível em: <<http://www.ilhabela.sp.gov.br/historia/os-sitios-arqueologicos>>. Acesso em 30 set 2014.

_____. Disponível em: <http://www.ilhabela.sp.gov.br/historia/a-emancipacao-da-ilha-#.VCsva_ldVW4> Acesso em 30 set 2014b.

_____. Disponível em: <http://www.ilhabela.sp.gov.br/historia/a-emancipacao-da-ilha-#.VCsva_ldVW4> Acesso em 30 set 2014c.

QUINTERO, Pablo. Anibal Quijano y la cuestión del poder en America Latina. In: ALPIZAR, Solano et al (orgs.). **Colonialidad/Decolonialidad del poder/saber**: miradas desde el sur. Valdivia: Imprenta America Ltda. 2012. p.65-82.

RED INTERNACIONAL DE INVESTIGADORES EN MOTRICIDAD HUMANA. La ciencia de la Motricidad Humana (CMH) como área autónoma de conocimiento: trayectorias desde la red internacional de investigadores de Motricidad Humana. **Integração**: 2006; 12(46); p.247-262. Disponível em: <www.kontraste.com/pdf/temasinvestigadores/La%20CMH%20como%20Elrea%20aut%F3noma%20de%20conocimiento%20RIIMH.pdf>. Acesso em: 10 set 2014.

RENDERS, Helmut. O coração como atributo hagiográfico de São Benedito do Rosário: hipótese sobre a sua origem e seu modelo subjacente da vida cristã. In: **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 11, n. 29, p. 109-132, jan./mar. 2013.

SANTOS, Boaventura de S. Introdução. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.) **Conhecimento prudente para uma vida decente**: um discurso sobre as ciências sociais revisitado. São Paulo: Cortez, 2004. p. 17-56.

_____. **Em torno de um novo paradigma sócio-epistemológico**. 2007. Disponível em: <http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Em_torno_de_um_novo_paradigma.PDF> Acesso em 22/05/2015.

_____. **Descolonizar el saber, reinventar el poder**. Montevideo: Ediciones Trilce-Extensión universitaria. Universidad de la República, 2010a.

_____. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: SANTOS, Boaventura de S.; MENESES, Maria Paula (orgs.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez Editora, 2010b. p. 31-83.

SANTOS, Boaventura de S.; MENESES, Maria Paula. Introdução. In: _____ (orgs.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez Editora, 2010. p. 15-27.

SANTOS, W.B. **A congada de São Benedito de Ilhabela e sua influência no turismo local**. 2007. (arquivo disponibilizado pelo autor)

SÉRGIO, Manuel. **Epistemologia da motricidade humana**. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana. 1996.

_____. **Textos insólitos**. Lisboa: Editora Instituto Piaget, 2008.

_____. **Educação física ou ciência da motricidade humana?** 2ªed. Campinas: Papirus, 1991.

SILVA, Vívian P. **Do chocalho ao bastão**: processos educativos do terno de congado marinho de São Benedito – Uberlândia-MG. 2011. 149f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011.

SILVA, Petronilha B. G. Aprender a conduzir a própria vida: dimensões do educar-se entre afrodescendentes e africanos. In: BARBOSA, L. M. de A.; SILVA, P. B. G.; SILVÉRIO, V. R. (org.) **De preto a afro-descendente**: trajetos da pesquisa sobre relações étnico-raciais no Brasil. São Carlos: EDUSCar, 2003a, p.181-198.

_____. Africanidades brasileiras: esclarecendo significados e definindo procedimentos metodológicos. In: **Revista do Professor**, 9 (73), p.26-30, jan./mar. 2003b.

_____. Profissão e Militância. In: _____. **Entre Brasil e África**: construindo conhecimento e militância. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011. p. 87-106.

_____. A palavra é... africanidades. In: **Presença pedagógica**, 15 (86), p.42-47, mar/abr. 2009.

_____. **Africanidades**: como valorizar as raízes afro nas propostas pedagógicas. (s/d). Disponível em: <
http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo6/questoes_etnico_raciais/Africanidades.pdf
 >. Acesso em: 30 ago 2016.

_____. Pesquisa e luta por reconhecimento e cidadania. In ABRAMOWICZ; Anete, SILVERIO, Valter R. (orgs). **Afirmando diferenças**: montando o quebra-cabeça da diversidade na escola. Campinas. Papirus, 2005.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves; ARAÚJO-OLIVERA, Sonia S. Cidadania, ética e diversidade: desafios para a formação em pesquisa. In: VI Encuentro – Corredor de las ideas del cono sur: Sociedad civil, democracia e integración. **Anais...** - Montevideo – 12 marzo 2004, p.1-8.

SIMSON, Olga R.M. Carnaval em preto e branco: comemoração e resistência étnico-cultural na São Paulo do século passado. In: LUCENA, C. T.; CAMPOS, M. C. S. de S., orgs. **Questões ambientais e sociabilidades**. São Paulo: Humanitas/CERU, 2008. p. 33-38. Disponível em: <no site <http://www.fflch.usp.br/ceru/anais/anais1.html>>. Acesso em: 01/08/2014.

SOBRE A CONGADA DE ILHABELA: Reinados. vol.6. Eduardo Kishimoto, TV-USP, 2004 – 2010. Disponível em: < <http://iptv.usp.br/portal/video.action?idItem=8658> > Acesso em: 25 mai. 2015.

SOUSA, Wanessa Ferreira de . **Manifestações Culturais**: A congada como espaço educativo dos jovens de Pinhões – MG. 2015. 107f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Brasília/UNB, Brasília, 2015.

SOUSA JUNIOR, Vilson Caetano de. As religiões de matrizes africanas no Brasil. In: SOUSA JUNIOR, Vilson Caetano (org.). **Nossas raízes africanas**. São Paulo: Centro Atabaque de Cultura Negra e Teologia, 2004. p.124-137.

SOUZA, Marina de Melo. Catolicismo negro no Brasil: santos e minkisi, uma reflexão sobre miscigenação cultural. **Afro-Ásia**, 28, p.125-146, 2002. Disponível em: < http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia_n28_p125.pdf> . Acesso em:06 abr.2015.

SOUZA, Tatiane Pereira de . **Áfricas**: processos educativos presentes no terno de Congada Chapéus de fitas. 2012. 273f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

STRECK, Danilo R. **O império e suas pedagogias**: aproximações freireanas. In: IV Encontro Internacional Forum Paulo Freire caminhando para uma cidadania multicultural. 2004. Disponível em <<http://www.ipfp.pt/cdrom/Pain%20E9is%20Dial%20F3gicos/Painel%20F%20Possibilidades%20de%20Empowerment/danilostreck.pdf>> Acesso em: 17 ago. 2016.

TEDLA, Eleny. **Sankofa**, african thought and education. New York: Peter Lang, 1995.

TORO AREVALO, Sergio; VALENZUELA MAUTZ, Pamela. Desde la acción a la enacción: Más allá del movimiento y de la Educación Física. **Estudios pedagógicos**, Valdivia, v. 38, n. especial, p. 211-230, 2012 . Disponível em: <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-07052012000400012&lng=es&nrm=iso> . Acesso em 20 abr. 2015.

TUTU, Desmond. **Deus não é cristão e outras provocações**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2012.

WALLERSTEIN, I. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.) **Conhecimento prudente para uma vida decente**: um discurso sobre as ciências sociais revisitado. São Paulo: Cortez, 2004, p. 123-129.

APÊNDICES

Apêndice I: Transcrição dos discursos

Discurso I

- Bom **Nina**, a pergunta é a seguinte: O que é isso, a Congada, para você?

-... O que é a Congada para mim?...

- Isso!

- Bom, tá! (1) Eu venho de uma, de uma tradição... é Silmara, ondi, assim a ra, a razão mesmo da Congada, né? De acordo com o que a gente começa a pesquisar quando a gente... ééé vira professor também acaba indo vendo outras, outras situações. Só que o que é a Congada pra, pra família que eu nasci... É uma manifestação cultural, não deixa de ser uma manifestação cultural... mas é principalmente religiosa... que a gente, a gente trabalha, que a gente se envolve, que a gente está como participante... por conta de uma devoção. Então eu não teria sentido na minha vida, se eu não tivesse uma crença em São Benedito... tá? E, e assim, o envolvimento que você tem....., não é só, éé, no meu caso, com a Ucharia. (2) A Ucharia é uma consequência da minha mãe, é uma consequência da minha avó, da minha bisavó. E até mesmo porque você enquanto mulher, você não tem éé espaço para fazer outras coisas... só que a, a vontade de você ééé e por, e (3) pela questão da devoção, você, você acaba se envolvendo em uma associação dos congueiros, você quer ajudar no custeio... né?, da da comida, porque tem tudo um custo. Então assim, tudo isso você, você acaba fazendo por conta de uma devoção, porque se não, não teria sentido algum. Bom eu trabalho, eu sou participante, porque eu creio em São Benedito... que é muito além, que é muito além do que apenas uma manifestação cultural... E a nossa família toda se envolve por conta disso.

Me olha e pergunta baixinho: -“O que mais?”

- ... O que você quiser...

-... A, (4) a essência é isso... a essência é, é exatamente de você, você acreditar... de você, assim, de você ter fé naquilo que é, que é algo, ... éé muito divino, é muito, é muito mágico... é algo que te inspira a cada... (5) Em abril agora você já começa a se preparar, de já pensar na roupa, das, da questão, do, do envolvimento de, de arrecadação de de de comida, de, de estar em comunhão com as pessoas, porque é um encontro anual, né?, e muita gente é de fora e você tem aquela expectativa de, de ver aquelas pessoas festejando. Não-deixa de ser uma comunhão, então assim, ééé além da crença, além da devoção, é um momento de estar em comunhão, né? Tem o Natal e para a gente tem... a Congada, né, porque não deixa de ser uma família... e mesmo morando em uma cidade pequena, a gente tem..., assim, es-este momento de estarmos juntos, em comemoração a São Benedito, que é o mais lindo de tudo! Então, assim, ah... (6) a forma que a gente, que cada um, como estava falando, que cada um pega para poder fazer, hã, a sua parte... cada um sabe que é fundamental... né? Você tem o seu momento de poder participar e que todo mundo junto vai sair uma festa bacana e que vai continuar a tradição. Então, se não fosse isso... per, se perderia! A Congada se perderia! Então, (7) a gente espera demais, a gente espera demais que tenha essa, esse momento e e por várias vezes a gente passa por um perrengue para poder continuar... Éé pessoas com opiniões diferentes, mas que chega no momento do “vamos ver” acaba saindo. Todos os anos falam que: Ah, vai acabar! Vai acabar! Mas por uma crença maior, não se acaba!... Por mais discussão que tenha, por mais discórdia que tenha... Então, assim, a essência maior continua sendo da devoção a São Benedito... Assim, a com, a Congada é devoção! Pra quem é, quem vem de uma família tradicional. Pra quem não vem de uma família tradicional, é apenas

folclore... É isso que eu acredito. E é isso que eu penso da Congada. (Fica em silêncio por alguns momentos).

- Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa, **Nina**?

- Não, assim, eu gostaria é em relação a-a, que às vezes (8) as pessoas acham que a Congada é só a manifestação de rua, e não é só de rua. É, tem toda a preparação do andor, como eu falei¹⁸, da sexta-feira às 5 horas da tarde... éé, o carinho com que aquelas pessoas vão, vão enfeitá o santo... Ééé, da pessoa que vai fazer a concertada, da pessoa que vai fazer o bolo, que virou tradição, da pessoa que-pintou o mastro, ééé..No sábado e no domingo, né, além da-da manifestação de rua, as pessoas acabam enxergando os bastidores, ééé é fundamental! Que a gente não faz uma festa só no momento..., né? A, (9) a Ucharia... geralmente as pessoas não conhecem quem... Até mesmo os-os, as pessoas que vão almoçar, quem não são os familiares acha que é só uma distribuição de comida... E não é uma distribuição apenas de comida... É um momento de estar em comunhão com os familiares. Antigamente era assim. Agora que foi aberto ao público e que você acaba tirando essa essência..., né?, e e é um conjunto de coisas. (10) A Congada é um conjunto de coisas, né, de segmentos... É a manifestação de rua, é a Ucharia, é é a missa dos congueiros... que que é inculturada por conta dos congueiros... né? Não é uma missa afro. É apenas com características para poder caracterizar realmente os congos..., porém acabou meio que misturando, no meio do caminho acabou misturando, mas..., é missa dos congueiros... Então, assim, então o o conjunto de, desses, desses segmentos que faz a Congada e muita gente acha que é só a apresentação do teatro, da dramatização e não é...

(Fica em silêncio, me olhando, à espera que eu diga algo). Risos.

É isso! É isso! A Congada para mim é isso!...

- Cê, você falou várias vezes sobre a crença à São, São Sebastião (sic!), Podia falar mais sobre isso?

- À São Benedito?

- São Benedito! Desculpa!

- É, da crença... É assim, Silmara...ééé... (11) Muitos congueiros a gente percebe... só vão, só vão à missa, na missa de domingo... na missa dos congueiros... Poucos são aqueles católicos frequentes... que estão ali, que trabalham em uma pastoral... e é uma das coisas que você... assim, mais sente falta, este envolvimento dos congueiros, na, na da presença deles, na frequência de de da igreja em si... e isso, assim, eu resalto a falar..., é, é (12) é uma devoção tão tão incrível..., que não é uma adoração a-a-o santo. Eu não vejo dessa forma porque eu sou engajada... mas assim, eles colocam São Benedito como, como a essência principal mesmo..., entendeu? Então, assim, eles tão ali, de repente, assim, não tanto por, pela a igreja ou o catolicismo, de uma forma geral, mas sim, por conta do santo que é São Benedito. Então, ah, quando, quando, assim, realmente você, você precisa, você tem, (13) você precisa de uma ajuda, a primeira coisa que você pensa é no santo... pela, pela fé que você tem acima de tudo..., entendeu? E-e, realmente, para quem acredita, pra quem quem, quem trabalha, quem tá envolvido., quem fez uma promessa e que-que recebeu essa graça, éé como se fosse... não um dever,...mas assim, eu preciso, é aquele sentimento, eu preciso manifestar a minha... a graça que eu recebi, no dia da festa. É uma necessidade que você tem de, não, pra esse santo eu vou fazer e eu vou, porque, assim, é uma forma de agradecimento. É muito... e você realmente sente uma energia diferente... E aquele choro que você vê no final da festa, durante a festa, é muito verdadeiro... é muito verdadeiro! E pra quem tá assistindo e que sabe e que recebeu uma graça... éé, é como se fosse contigo, sabe? Porque você sabe que aquele choro existe um por quê e que foi algo de bom... na sua vida... sabe? Então, é-é muito forte. (se

¹⁸ Refere-se a conversa que tivemos antes do início da entrevista e registrada em diário de campo

movimenta no sofá tentando achar uma posição mais confortável). Abaixa seu tom de voz, acaricia sua barriga e diz: Eles foram uma promessa!(se referindo aos bebês dos quais está grávida)

- Foram uma promessa?

- Eles foram! (fala suavemente enquanto olha e acaricia sua barriga). E assim... (14) é isso que eu falo, né? Da questão do, da fé! No Levantamento do Mastro, quando tá levantando, eles colocam o mastro, você pode fazer um pedido. Seja lá assim no seu cantinho... e você faz o seu pedido... Pra, pra muita gente é uma coisa tão insignificante, ”ah, imagina!” Mas pra quem, pra quem está envolvido, pra quem tem realmente esta crença, não é... não é uma, uma coisa banal, coisa que... sei lá. É impressionante mesmo...

- Então é isso...

- É isso! (risos)

- Ai, eu me emociono cada vez que vejo vocês falando sobre isso.

- Obrigada, **Nina!**

- Imagina! É o que a gente sente, é muito forte!... É muito forte! é, você não encontra muitas palavras, sabe...? (15) Eee tenho meus priminhos agora..., eles, eles já, não sei o que que é, parece que já nasce... já com aquela, aquela tendência assim de, sabe, de de querer participar e, e é deles. O Enzo, por exemplo. É dele! O ano inteiro ele fica dançando, e por ele. Ninguém fica instigando, ninguém fica... sabe, incentivando “não, vamos ver aqui o vídeo”. Não, é dele!... Então assim..., (16) é algo que, que que move a família de-de uma força tão, de uma força espiritual no caso, tão forte que, que você não sabe exatamente daonde vem, e por que vem... De repente assim, pelo envolvimento..., né de você, de eles olharem pro teu olhar, e sentirem que, nossa!, é verdadeiro. Mas, desde bebezinho... Desde bebezinho ele é assim. E isso não acontece só na nossa família. Vejo..., essas, esses núcleos, né, (17) são alguns núcleos... familiares..., que um ou outro acaba se dispersando, achando que é uma fantasia de se colocar ali, de ficá se expondo, no mundo tecnológico, onde todo mundo filma e que pode virar, sabe, uma piada no grupo de amigos e-e não é assim. Tanto faz! Quer filmar, filma! Que bom que você está me filmando, porque você está, cê tá mostrando aquilo que eu sou,... sabe... num é uma vergonha de colocar um saiote! Não é uma vergonha! “Não, tira aí porque, que é isso que-quem eu sou, o que eu acredito, sabe? Então isso é muito bacana! Porque poderia se perder muito facilmente... a juventude. Porque quando você é criança você vai no embalo. Você não sabe, você não entende muito bem o que é. Mas o jovem, não... O jovem já é diferente. (18) Eu vejo a disputa muito grande das Rainhas, por exemplo..., né, de de você... demonstrar isso e muitas vezes você não conseguir de tanto, de tanta gente envolvida. E que você gostaria de ser e acaba não se tornando Rainha. Aconteceu comigo, que eu ia ser coroada com 12 anos, pra ser 13 anos e por conta de uma promessa que foi alcançada naquele ano, foi pedido pro Rei e o Rei falou “Não, já que, já aconteceu de imediato, então a gente vai fazer isso. A gente vai passar na sua frente”... E foi um dos piores dias da minha vida. De falar “Nossa, eu não vou ser coroada no domingo à tarde? Como assim, eu não vou ser coroada?...Porque eu já tinha 13 an, 12 anos e eu já entendia o que era a festa... já entendia este sentimento, né, que fazia, o porquê eu estava lá na festa. Porque que eu colocava uma, um aventalzinho pra podê ajuda a minha mãe...(uma moto é ligada na rua) Eee quando você recebe o não, é muito difícil. O que aconteceu com a minha sobrinha também. A **Lelê** aconteceu a mesma coisa. E ela tá, você lembra, desde catatauzinha. E ela chorava, chorava... sabe? Por conta de..., de você ser impossibilitada, de-de -de você, de você...estar, assim, você esta envolvida nos bastidores, porém, é diferente quando você tá participante mesmo. E saber que um dia você foi a Rainha de São Benedito! Não importa... Então, é difícil..., mas, mas foi..., sempre vai, né? No final das contas sempre acontece, no momento certo. A gente não sabe por que, mas tinha o momento. (19) Igual, no ano que eu fui, o **Rei** virou princi, não, saiu de Príncipe pra Embaixador e foi um-um ano assim, pra nossa família,

foi fantástico..., porque ele estava se tornando Embaixador por uma vontade do antigo, do antigo Príncipe porque herda, né, as pessoas vão passando..., e foi o momento da gente tá todo mundo junto, mais próximo... E depois disso também...sabe. Sabe quando você aproxima mais a família, assim? Então não é algo só da festa..., parece queque quando dá certo, tudo certinho nos três dias, parece que aproxima mais a família. É incrível!...(fica em silêncio por alguns momentos, me olhando e rimos). Não sei mais o que falar.

- Pode falar o que você... pensa sobre isto.

... É isso. (20) A Congada é isso! É expectativa agora (risos)... É expectativa, é preocupação... A, a quantidade de pessoas que ajudava, principalmente na Ucharia, na arrecadação... Seo Didi era uma pessoa que-que corria muito atrás... E a minha mãe tinha o Toninho do mercado, como um aliado assim... que dava muito e já não está mais aqui, né, entre nós, então... (21) Até, até ele que assim não nasceu numa família, que ele era de Minas Gerais, mas..., como a gente morou muito tempo junto, colado..., e ele sentia a –a né, toda aquela movimentação pra festa e ele era uma das primeiras pessoas “Não, eu vou ajudar nisso, eu vou; por conta dessa... de olhar pra gente e dizer, “não, vamos fazer uma festa bacana e precisa de ajuda. E é uma pessoa que sempre ajudou muito... e que por consequência, faleceu e os-as filhas não tem essa mesma essência... Então (22) você pede só que acabam doando uma coisa ou outra, só que a quantidade de gente, sabe a quantidade de gente que-que vai... apenas pra poder... ééé almoçar mesmo; que nem nem vai assistir um baile e, e como tá cada vez maior esta quantidade... perdeu-se aquela, aquela coisa de “não, vamos estar em comunhão só os congueiros e as famílias dos congueiros... (23) Você não tendo uma colaboração do comércio, porque a intenção não é, nunca foi de, de, de comprar as coisas, mesmo porque daonde dinheiro, né? Antes você tinha a colaboração de cada família...a gente foi vendo que com a colaboração de cada família não dava, não tinha como (Um cachorro late ao fundo) aí a gente foi pedindo pros comércios. Só que tá muito difícil. (24) No ano passado a gente precisou sair correndo e comprar carne. No meio da festa “opa, vai faltar!”... e é incrível também que... nunca falta!... Por mais preocupação, por mais assim, desesperado que seja nunca faltou comida..., a gente sempre acabou dando pra quem faz parte da Ucharia, a gente acaba fazendo a distribuição entre as pessoas... E como acontece isso também a gente não sabe (ri e Um cachorro late ao fundo)... Então assim, éé (25) na minha visão precisa de mais envolvimento, sim, dos congueiros... éé’ a gente vive numa outra realidade de, a gente não pode achar que a 200 anos atrás quando chegou, a 150 anos atrás a Congada chegou e que iria continuar a mesma coisa, porque as coisas evoluem, então a gente também precisa se adaptar a isso. Mas, éé (26) a gente vê... poucas pessoas trabalhando e, e muita gente querendo... assim, estar, estar, mas assim: “Não, a festa vai acontecer e então, eu não preciso ajudar”. E aí você precisa fazer uma rifa, você precisa se, se mover pra poder, as pessoas perceberem “opa se a gente também não colaborar, eu congueiro, eu família de congueiro, se a gente não colaborar, realmente vai ser só, vai ser só a questão da da..., da manifestação de rua, da dramatização só. Né, e a questão da Igreja, mas a Ucharia mesmo... (27) No ano passado as pessoas começaram a perceber que “opa a gente precisa fazer a nossa parte!”... Existe uma associação dos congueiros, só que... poucas pessoas..., ééé... É assim, depende muito do outro, sabe? Vou esperar o outro me chamar... eee esse envolvimento é mais no-nos 3 dias da festa... Antes, é-é bem complicado... Bem difícil...! (28) Quem sabe, né, com o **Rei**, a gente não consiga organizar melhor..., porque..., é assim, al-além de tudo..., de tudo isso, hã, as pessoas principais da Congada..., moram fora da Ilha. Então, o Rei, já é, o que era, né, o Rei, uma pessoa debilitada que morava em Santos. O **Rei** que mora no Guarujá. O Príncipe que mora em São Paulo, o **Secretário** que morava em São Paulo... Até pra você poder ter uma, uma reunião era, é mais difícil... né? Então, agora quem sabe a gente vai conseguir envolver mais as pessoas porque o maior tá aqui. A gente precisa... Na verdade é assim: (29) as pessoas precisam acordar, sabe? Pra você continuar uma festa... na proporção que é, você

precisa ter uma organização...! Porque se não fica um improviso e que nem sempre dá certo este improviso... (um cachorro late ao fundo) por isso muitas vezes as pessoas falam “ah, vai acabar, vai acabar!” por conta de de falta de organização e desse envolvimento antes. Precisa chamar as pessoas antes da festa pra poder ir entendendo a necessidade pra o acontecimento. (Um cachorro late ao fundo). É isso que a gente, assim, daquilo que eu penso, né? (30) De fazer um cadastro, de você saber quem, quem são as pessoas, onde moram, onde eu posso entrar em contato, do que eu preciso. (31) Quando nós fizemos a rifa o ano retrasado..., a gente conseguiu arrecadar um dinheiro bom para comprar os bancos, as necessidades da festa. Muita gente falava assim para mim: “**Nina**, mas eu quero muito ajudar”, isso fala de congueiro, “Eu quero muito ajudar, porém, às vezes, a gente não sabe quem procurar... aí a gente vai procurar a igreja, a secretaria da Matriz, elas não sabem responder, porque existe um, existe um núcleo fechado da Congada, a gente sabe que tem... e elas também, o padre, nunca sabe até onde pode ir. neste sentido de pode ajudar e falar para as pessoas “Ó você pode ajudar em tal coisa...”, Então assim, precisa ter uma divulgação maior pra gente poder saber como ajudar. Assim, é de, vai, (32) de 100 integrantes... mais ou menos isso, então você via mais de metade das pessoas falando isso: “eu quero muito ajudar, só que a gente não sabe como ajudar”! E aí nós demos umaaa... como se fosse uma cartelinha de mensalidade, que era uma ajuda de custo, no valor de 10 reais, mas se poderia tá colaborando com aquilo que você podia, a cada mês, e era pago lá na secretaria, deixava essa cartela, né, deixava essa cartelinha lá e entregava e o padre ia com com **Rei**, no caso, e passava pro **Rei**, pra ele comprá os mantimentos, então assim, deu super certo! Foi uma forma das pessoas ajudarem e assim e saberem qual é a finalidade. só que, Silmara, (33) se você não tiver um líder... presente ali... se deixar pra, pra acontecer, não vira... não vai. Você precisa encabeçar!... Então eu acredito que agora com o **Rei**, como **Rei**, ele vai conseguir..., fazer este trabalho. Mas que precisa de outras pessoas pra ajudar também porque se não... (fica em silencio por alguns momentos). É isso! É isso (em um tom mais baixo de voz)... Tem mais pergunta?

- Não, é uma pergunta só!

(ela ri)

- É uma pergunta só (eu repito)

- Quantos minutos? Nem sei!

- A gente descobre agora. (Olho no cronometro do gravador de voz). 40 minutos!

- ... Pra responder uma pergunta só

- Bom, não tem tempo certo, não tem.

Ela começa a me perguntar sobre quais serão os procedimentos metodológicos de análise de sua entrevista e em seguida chama **Baepi**, para ser entrevistado.

Discurso II

Início a entrevista explicando os procedimentos da entrevista e sobre o termo de consentimento livre e esclarecido. Logo em seguida faço a pergunta inicial

- Bom, aí a pergunta é a seguinte: O que é a Congada para você?

-... Congada...(procura uma nova posição no sofá onde está sentado e respira fundo).

(1) Inicialmente é algo... que me faz apaixonar. Algo que me faz apaixonar a cada... a cada novo ápice, a cada novo encontro, a cada novo momento, mas por todas as nuances que a Congada tem. Ela me fez apaixonar num momento e me mantém apaixonado ao longo dos momentos. (2) A Congada tem..., um viés cultural..., encantador demais, muito forte, que vem muito de encontro com situações que eu já vivenciava antes mesmo de, de, de conhecer a Congada, e em especial, a Congada de Ilhabela... Este viés cultural éééé'..., faz com que cada vez... que eu vivencie o, o..., as nuances, a-as pormenoridades da Congada, faz com que eu me sinta cada vez mais próximo das minhas raízes; da minha ancestralidade como um todo. Isso... torna a Congada para mim algo a-pai-xo-nan-te, né, faz de mim um apaixonado pela coisa.(3) Mas a Congada também tem um, um..., além do viés cultural, tem um viés social interessantíssimo, que é igualmente apaixonante. Ela consegue..., promover nas pessoas uma..., congratulação, um momento de, de, de confraternização ímpar, quando a gente pensa na nas nas localidades em que ela acontece e aí mais uma vez volto a dizer, a gente pensa na, na Congada de Ilhabela, em especial, ela consegue ah ser hã uma..., uma manifestação cultural, também, porque tem este viés social, porque consegue mobilizar uma cidade como um todo de, de, de certa forma e pessoas que já não moram mais, ahn, neste município pra que possam estar juntos, em virtude da-da-queles festejos, daquele momento e isto também é apaixonante. (4) É apaixonante a mobilização da-da da comunidade pra que aaa, essa, essa tradição não, não se perca com o tempo e aí você vê pessoas de n segmentos..., dialogando, buscando de uma forma ou de outra colocar a sua colaboração à disposição, é-é é, do todo, pra que a Congada aconteça e essa coisa... é incrível, é realmente incrível! Você vê num determinado momento ééé as pessoas tão imbuídas, tão envolvidas e você já não consegue perceber classes, divisão de classes sociais, ééé no fazer da coisa, você já não consegue mais perceber ééé, divisão necessariamente por cores de-de tonalidade de pele no fazer das coisas ééé..., porque as pessoas... estão... colocando ali parte da-da sua paixão ee pra vivenciar essa sua paixão, pra vivenciar a essa coisa que foi herdada... e trabalhada; é necessário se fazer isso em comunidade não necessariamente uni, de forma unitária, sozinha e, e isso também é apaixonante, é realmente apaixonante. (5) Quando a gente olha pelo viés da cultura e da tradição, daquilo que foi herdado do do dos, no caso de Ilhabela, dos negros que aqui estavam já dois séculos, dois séculos e meio, é lindo... e apaixonante. (6) Mas quando você olha também a partir do viés social do quanto isto pode ser mobilizador e do quanto isto pode criar uma identidade, é ainda mais lindo! E (7) o outro viés é exatamente esse... o viés da identidade, dessa coisa de, das pessoas ééé se sentirem pertencentes a Ilhabela... porque também fazem parte da Congada. E aí você tem ééé, pessoas que não necessariamente éé moram aqui ou que já estão longe a 20, 15, a 15, 20, 30 ano séé, como morador do município, mas que na ocasião da Congada faz questão de vir perpetuar o seu pertencimento, perpetuar ali a sua, a sua coisa de “eu sou Ilhabelense”, “eu participo da Congada”, “eu sou devoto de São Benedito” e aí (8) a gente acaba caindo na parte mais bela de todas, pra mim. A parte mais bela de todas, que é a coisa devocional. Essa coisa devocional, essa coisa do místico, essa mística religiosa que a Congada tem e mais uma vez eu friso, e e-ela tem.. em todas as suas vertentes, a Congada... ampla no Brasil inteiro, lindíssima. Mas a Congada de Ilhabela em especial, ela não pode ser entendida una e exclusivamente como uma questão cultural, ou como uma questão de tradição, que são formas lindíssimas, ou social, das quais eu também sou... das quais eu também me fizera apaixonar mas é o viés religioso, é a linha da religiosidade, do místico, do que está por trás, que de fato me encanta... nessa Congada. Me

encanta... e me encanta porque... as pessoas que ali estão..., sendo devotas de Benedito... elas aprendem de certa forma ééé, a cultivar... a reverenciar... este rapaz que.. só dedicou sua vida a fazer o bem de uma forma geral e entendem que naquele momento, naquele momento em que se, se prestam a-a, a estar no congo de cima ou no congo de baixo, entendem que naquele momento é uma oração, entendem que naquele momento é uma devoção, é uma prestação de serviço a uma entidade, se a gente pode falar um pouquinho da ancestralidade, a a uma entidade, a um santo católico, mas que em alguns momentos, nos momentos de dança, nos momentos de luta... pra algumas outras religiões de matriz africana você enxergaria a possibilidade de uma entidade, e o que envolve essa mística é o que faz esse povo se mantenha unido, porque se fosse só uma questão cultural..., talvez não tivesse a força... que tem. Uma questão social, questões sociais sobem, aparecem e desaparecem, permanecem e desaparecem, e as questões que tem algo... de misterioso, algo que, que você não consegue necessariamente compreender ou explicar... isso pode a vir se perpetuar, e isto é-é mágico. (9) Como essas pessoas que não necessariamente são católicas... de-de práticas, ou mesmo podem até ter nascido num berço católico mas outras devoções religiosas... né, alguns evangélicos, outros de religiões de matriz africana, muitos até..., de religiões de matriz africana e doutras tanto quanto, nesse momento, nesse momento, né, no momento no momento do claro do mês de maio, no terceiro final de semana por assim dizer, como nesse momento todos se colocam na condição... de.... servidores de São Benedito. Isso é incrível! (10) E isso é incrível porque na condição de servidores de São Benedito as pessoas deixam aflorar algumas coisas que são naturalmente humanas..., se tornam inclusive mais humanas e mais sociais... porque se põem à serviço do outro. É impressionante como como ééé... nesse... quan-quando da preparação dos festejos, quando da-do próprio, do-do próprio desenvolver dos festejos em si, ééé todo mundo que tá ali, tá imbuído de uma atmosfera, tá imbuído de uma atmosfera tããõ forte, tããõ marcante que você se vê servindo..., servindo desde aquele que-que vai preparar, que vai buscar o alimento a ser servido, àquele que prepara, àquele que serve literalmente, aquele que organiza a igreja, ao que... prepara os congos mirins, e-e aos que vão guerrear... no-nos três bailes da Congada propriamente dita. É uma... (11) é uma rede de serviços interessantíssima, em que todo mundo tem uma ééé, mesmo sem saber o que, o que necessariamente estão fazendo, i qui todo mundo se põe a serviço... Isto não se faz apenas por um ato social... isto não se faz apenas por um ato cultural. Isso se faz porque tem uma mística por trás..., porque existe uma questão devo éééé devocional por trás. Existe algo maior e incompreensível que faz com que estas pessoas, às vezes de 80, (riso) quase 90 anos vá arrumar um tempo nas suas dores, nos seus afazeres do dia-a-dia..., nas suas lutas como um todo, pra poder estar ali... Então, são pilares interessantíssimos que fazem ééé, que a Congada conseguiu... ééé, em que a Congada conseguiu se apoiar, dos quais eu destacaria como o mais apaixonante, ainda digo, a questão da mística, a questão... a questão do sagrado que está por trás dessa dessa..., de todo este processo que é a Congada... De minha parte..., eu tenho que (12) a Congada ela ainda tem, consegue exercer uma outra coisa que é incrível, que também tá junto dessa mística, que é a união das famílias. É impressionante como para algumas famílias aqui deste município de Ilhabela..., a Congada consegue..., ser um momento de trégua, um momento de união, um momento de paz, um momento de conagração, conagração quase como se fosse um Natal, quase como se fosse uma Ação de Graças. Pra algumas famílias ééé... A época da..., dos festejos a São Benedito, são, de longe... é a época mais importante que aquela família vivencia. A época mais importante! A gente tem ééé algumas famílias aqui que só conseguem se reunir, na maior quantidade dos seus membros, na ocasião da festa de São Benedito..., superando o Natal, superando aniversários... superando outros festejos importantes e... isso é outro fator. É um outro fato que nos deixa apaixonado pela Congada. Muito apaixonado!...(13) E por outro lado, tem a coisa do acolhimento. Enquanto num, num passado próximo ééé você tinha que... herdar..., a fé do

congueiro, no sentido de ser pertencente à família, entendeu-se que você poderia ser acolhido, se você gostasse daquela tradição, daquela cultura, daquela religiosidade, daquela mística que envolve Benedito... e os seus congueiros, e você sê aceito e acolhido por todos é-éé' é um outro ponto extremamente apaixonante da Congada. Você é aceito e acolhido, seja na Ucharia pra comungar com todos aqueles que ali estão, mas você também é aceito e acolhido, hoje...éé, como um dos congueiros, como um dos soldados do Embaixador ou mesmo do Rei de Congo. Isto é, é... uma outra coisa incrível, porque não é necessariamente um grupo fechado, é um grupo em expansão, um grupo que já foi fechado e que hoje se entende que não, que-que acolher é melhor do que, do que repelir. Outra coisa muito apaixonante muito apaixonante! (14) Eu definiria... de forma... até talvez... eu não diria mesquinha, eu diria própria... eu definiria a Congada..., além destes pilares por onde..., por onde caminhamos ééé..., como algo que, a mim, especificamente, me torna mais ilhabelense¹⁹. Porque hoje, hoje, né, de 10, 11 anos é o que mais..., mais me faz, é o que mais me dá a sensação de pertencimento, a essa cidade num primeiro momento que não seja uma obrigação. Que uma coisa é meu trabalho, outra coisa é minha relação ééé amorosa- afetiva, a outra coisa é aquilo que a cidade está me dando por conta própria e eu faço questão de-de introjetar também, né.? Não existe uma o-bri-ga-to-ri-e-da-de. Existe um encantamento, que gerou um pertencimento. Então, no meu caso, que não sou nativo, que sou de-de outra origem, a Congada de Ilhabela é também, e muito, o que me dá a sensação de pertencimento deste município..., é o que me dá a sensação de..., de que aqui é também o meu lugar. É isso!...

- Gostaria de acrescentar mais alguma coisa, **Baepi**?

- Hum, ah, é que na verdade, é... tem muita coisa (ri levemente). Na verdade é que (15) -aí a gente iria pra, pra ooutros vieses, pra ooutras áreas. Coisa da, das, do sinsin-cretismo religioso, que é interessantíssimo e que acontece também, a abertura da-da pró, da própria Igreja Católica pra, prá... que uma outra coisa que é incrível, que não tem como não deixar de falar, que dentro do fator social... e cultural e de poder de manifestação... como a Congada silenciosamente, silenciosamente, conseguiu promover ou vir lutando, ou comendo pelas beiradas ou éé..., conseguiu promover uma luta pela igualdade éé..., éé, social, religiosa, ééé étnica, de certa forma, aqui no município. Como ela conseguiu? (16) ela ééé aé algo que-que era muito bem aceito pelos, pelas etnias, pelos brancos e pelos negros eee que num determinado momento foi banida da-da igreja, proibida de de-de se fazer, de se manifestar essa forma éé cultural, essa forma re, de religiosidade, até pela, pelo sincretismo por, ééé alguns sacerdotes católicos entenderem que... ah, em muito se estava presente elementos da-da cultura... africana, em especial, elementos que são acolhidos na-nas religiões de natureza africana e aí a gente está falando especificamente de candomblé eee, e aí mais tarde no Brasil, quando se funda no Brasil a Umbanda... é cada desencontro, mas não vou entrar no-no mérito, vai se falar também de umbanda e a gente tem esta manifestação da, da-da cultura religiosa dominante, que seria a igreja católica no sentido de falá “não, isso não me serve, isso... não vai ser praticado aqui na na-na frente da nossa igreja ou dentro da nossa igreja, ou com a nossa anuência” e fecha-se as portas pra esse povo, pra essa manifestação cultural, pra essa manifestação religiosa, pra essa i-den-ti-da-de. E (17) silenciosamente a Congada foi fazendo, fazendo seu papel, o seu trabalho de-de-de identidade, o seu trabalho de pertencimento, o seu tra..., até que..., até que essa esse trabalho de-de formiguinha, no silêncio, de vir pelas beiradas, ss..., vem à tona quando as pessoas falam “eu quero vivenciar as coisas que eu acredito, eu quero vivenciar a aquilo que é minha tradição, eu quero vivenciar aquilo que me faz bem e que eu tenho desde da-de uma ances, de uma ancestralidade que que não começou agora, aqui”. Não, vem do-do meu bisavô, vem de pessoas muito mais antigas, eeeee e aí ela

¹⁹ **Baepi** é nascido e criado em São Sebastiao, cidade localizada defronte Ilhabela.

consegue vencer esse abafar de vozes, consegue vencer esse abafar de vozes, deixando cada vez mais as pessoas com aquela sensação de... “poxa vida, né, sou sim ééé afrodescendente, sou sim éé devoto de Benedito, sou também católico, éé e quero vivenciar esta experiência própria de fé... quero vivenciar esta experiência própria de fé que, pra alguns, éé é uma experiência social, uma experiência cultural ou até mesmo uma experiência política já que a gente está falando de uma política de libertação, de- de- de de uma auto aaah, de uma auto-aceitação que é incrível... totalmente incrível, e são situações que a gente vai conhecendo e vai... quanto mais va-vai percebendo a luta que foi para ela sê o que é hoje, a gente vai ficando cada vez mais apaixonado, bem mais apaixonado (18) e essa essa paixão ela é manifestada através do-do quanto as pessoas que tem éé que vão buscando este conhecimento vão de certa forma éé buscando dar sua parcela de contribuição para perpetuar essa questão..., pra perpetuar. A gente vê aí que entra ano, sai ano, éé algumas pessoas é “ai meu deus do céu, vai acabar, vai acabar, vai acabar! E no ano seguinte aquilo... com aquela energia novamente! Com aquela força novamente, né? Com aquele axé, aquele espírito! Isso se deve porque, isso se deve, na-na minha opinião, em muito, em muito... pelo fato de não ser algo imposto, mas algo que vem sendo construído ao longo da história, permitindo que as pessoas desenvolvam ah, o sentimento de per-tem-ci-men-to, essa coisa de “eu faço parte!” E é esse “eu fazer parte” que tem garantido aí, ao longo da história éé “eu faço parte, eu conheço e eu quero, (pigarreia), e eu quero preservar” que tem garantido, ao longo da história, o crescimento da Congada. Então, pra mim... ééé além das questões que eu já, já deixei claro anteriormente ééé (19) a Congada também tem, também tem, teve, acho que teve ainda mais num num num passado recente, mas também tem essa luta éé política-social. Política-étnico-social que é lindíssima, apaixonante, que é a coisa da-da aceitação, da defesa de uma crença, (vai enfatizando sua fala, batendo as costa de uma mão na palma da outra) da defesa de uma cultura, da defesa especificamente de do-do meu direito de dizer ééé’ “essa linha de de festejo, essa linha de culto que eu pretendo manifestar!” Apaixonante! É verdade!

– Eu sei!

–... Quer saber mais?... (Fala algo que não compreendo e que me parece que ele falou sabendo que eu não iria compreender, pois logo em seguida ele ri)

- Oi? (Rimos). Quero saber o que você pensa sobre isso, o que significa para você...

- (20) Pertencimento!... Realmente, pertencimento com todas as nuances das quais discorri. (Suspira) Pertencimento! Cultural..., religioso..., social..., e com um certo viés também de político..., de garantia de manifestação..., de uma..., de uma crença..., de uma vontade..., e apaixonante. Paixão, muita paixão!... Além do devocional que eu já deixei claro... .

- Quer acrescentar mais alguma coisa, **Baepi**?

- Não, a gente não vai falar de missa afro, então tá bom!

- Podemos falar do que você quiser, **Baepi**

–... A missa afro é um outro segmento..., uma outra coisa. Tende até a... mas tudo bem, uma outra coisa. Diferente, se ²⁰eu for falar de missa afro, eu falo de missa afro... se possível! Mas de Congada, é isso! Só isso... Deve dar pra escrever em 3 linhas!

- Não!... Mais nada? ²¹

- Não, acho que está bom!

–... Então tá bom, se você acha que está bom!

²⁰ Não consigo entender esta palavra 27'10

²¹ Neste momento da entrevista, quando fala sobre a Missa Afro, sua entonação de voz é mais baixa e há uma mudança em sua postura corporal. Ele muda a posição no sofá onde está sentado e cruza seus braços e pernas. Entendo que ele se fecha para falar sobre isso no momento e resolvo perguntar-lhe sobre a missa afro em um outro momento de diálogo.

- Acho que tá bom! Acho realmente que tá bom. É que na verdade, é-é você fica aí querendo que eu fale coisas... e mais coisas. Na verdade, é assim, éé nós temos..., você é... uma das pesquisadoras que mais conhece..., e hã..., eu sou uma das pessoas que vivencio mesmo dos que saíram, dos que...chegaram..., eu vivo intensamente a cultura da Ilhabela, e vivo intensamente a Congada de Ilhabela. (21)Vivo com muita avidez, vivo realmente..., a cultura deste lugar e a Congada é um dos pontos que eu mais vivencio. E por profissão, eu sou professor... e tenho por o-bri-ga-ção, agora não mais como, como alguém que é devoto devoto... ou ou alguém que acredita nessa-nessa cultura, tenho por obrigação como um professor... que sou, gestor ou não, de garantir o conhecer dessa cultura. Garantir o conhecer dessa cultura e se possível garantir o vivenciar de toda esta cultura... Isso a gente tem feito! Isso a gente tem feito nas escolas por eu..., por onde passei..., como, na condição de gestor, na condição de professor, a gente tem feito talvez ééé, talvez por questões... quase que óbvias..., sejam nas escolas que tenham os trabalhos mais pontuais em cima da questão da-da-da Congada propriamente dita, atéé... pelo fato de eu ser um participante, alguém que tenha ali uma gama de responsabilidade (que fique claro, de responsabilidade e não importância). Não me interessa ter importância nesse sentido, alguma, não mesmo! Ter responsabilidade, sim! Minha responsabilidade entra no servir. Como é o que eu falava anteriormente... Eee como alguém que tem ali algumas responsabilidades ééé..., até me coloca na obrigação de saber algumas coisas e o saber ao cantar algo-contar pode ser encantador e esse ser encantador éé o que a gente tem buscado fazer com as crianças..., pra que eles possam conhecer, e a partir do conhecer... quem sabe..., amar. Amar toda essa história que é, que também é deles, dos avós, dos bisavós, dos pais. E também pode vir a ser deles. Nesse sentido, até por uma..., como eu já disse, por uma questão de obrigação profissional..., e de crenças pessoais, temos feito sim, um trabalho no sentido de buscar a ajudar as crianças, os meninos e as meninas, a conhecerem para poder... (suspira) pra poder conhecendo vivenciar, e vivenciar e vivenciando amar toda esta história. E é isso senhora professora mestra, quase doutora..., e nossa amiga.

- Quase doutora, tem um tempo aí rrsrrs. Tem um tempinho ainda para isso.

- Tem um rol de perguntas suas aí?

- Oi?

- Você tem um rol de perguntas aí?

- É a única pergunta!

-... Se você tinha uma pergunta eu te respondi uma pergunta com um calhamaço de palavras..., de folhas a serem escritas...

- Serão todas escritas!

- Nem todas. Também não é necessário.

- Absolutamente necessárias!

- Não, não, tem muitas coisas que se repetem.

- Não, a, a entrevista é toda transcrita, literalmente. Do jeito que você falou... ela é... totalmente transcrita.

- Com os mesmo verbetes?

- Textualmente! As paradas para respirar, tudo. É a sua fala..., na íntegra, que -quevai para o trabalho.

- Show! Deveria ter pensado melhor nos vocábulos, nos vocábulos que eu usaria.

(Risos). Entendeu?

- Não, não tem!

- Tem um rol de vocábulos que são, que poderiam ser melhor aplicados, mas tudo bem. (Faz um gesto com as mãos que entendo como de encerramento)

_ **Baepi**, Obrigada..., pela entrevista!

- Obrigado a você! Falar do que gosta é sempre um prazer! É sempre um prazerão..., de verdade!

- Te ouvir falar também é um prazer enorme.

Discurso III

Realizada na Escola José Antonio Verzegnazzi, em 15/04/2015

- Então a pergunta é...: O que é isso, a Congada, para você?

Negro apoia os cotovelos na mesa e segura sua cabeça com as duas mãos, em silêncio por alguns momentos.

- Bom, a Congada pra mim... (pará de falar porque me lembro de tirar a capa do ipad, para uma melhor nitidez na gravação do áudio)

- Pode continuar, só para tirar isso daqui.

- (1) Congada pra mim, é a minha vida (ruídos de criança ao fundo). Eu tô na Congada desde bebezinho, desde quando eu nasci. Fui entregue..., nas mãos de São Benedito... pela minha mãe. Minha mãe fez uma promessa quando eu era bebê... eeee..., e essa promessa foi para que eu fosse congueiro de São Benedito pro resto da minha vida e que eu não deixasse a Festa de São Benedito acabar, porque ela conseguiu... um milagre, né? Ela fez a promessa e São Benedito atendeu ela... Em troca dessa promessa ela me entregou nas mãos de São Benedito. Eu era um bebê e de repente eu fiquei muito doente, desenganado pelos médicos; a minha mãe ficou muito desesperada porque o médico falou na cara dela que eu não ia ter condições de viver... Ela ficou muito doente, teve um derrame, ficou com uma parte do rosto..., torta, teve que ir..., urgente pra Santos..., e isso era..., aconteceu eem 1968..., que foi quando eu nasci... Teve que ir pra Santos se tratá, eee chegando lá em Santos ela fez essa promessa pra São Benedito... Quando ela saiu do hospital eu tava bem e eu tô vivo até hoje e sou congueiro de São Benedito já a... quarenta e sete anos,... (2) Então pra mim a Congada de São Benedito é tudo, né? É o meu santo de louvor, é meu santo protetor... Tudo o que envolve a minha vida, tem São Benedito no meio... Até hoje!... É isso, a Congada é isso pra mim! (ruído das crianças ao fundo, pois era hora do intervalo na escola onde estávamos). É a coisa mais importante da minha vida é a Congada. Tudo que se refere à São Benedito para mim é importante... (fica em silêncio por vários momentos e me olha como que buscando saber o que eu gostaria de saber)

- Gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

-... (respira fundo). Então, porque a pergunta foi o que que é a Congada para mim, né?... (3) A Congada pra mim é isso tudo que eu te falei! É a coisa mais importante da minha vida. Isso que é a Congada pra mim! Agora, (4) se eu for falar da história da Congada, aí é uma outra situação, né? Porque a Congada...,ela veio da África, né, em 1785. Veio... por um, um, negro, um escravo que chegou aqui na Ilha num num porão de navio, diretamente na praia de Castelhanos, aonde todos os negros eram vendidos nessa, na época da colonização aqui na Ilha. Esse negro foi vendido pra Fazenda do Morro do Espinho, que é localizada na, no bairro da Cocaia...Hoje em dia a gente chama de Cocaia, tudo aquilo era Morro do Espinho... iiii, (5) por coincidência ele chegou lá, a família dele tava nessa mesma fazenda... e ele começou a divulgar esta história da Festa de São Benedito, da Congada de São Benedito, da Congada, inseriu a Congada de São Benedito,... e a Congada de São Benedito começou a ser dançada, primeiro nos quintais, né, nos terreiros das senzalas... Depois da libertação dos negros, a Congada... começou a sê ensaiada... na, em frente a igreja de São João no Perequê e as apresentações principais eram nas ruas da Vila... É a família de Eva Esperança Silva. Oo, o Roldão Antônio de Jesus, que era o nome do negro que trouxe a a Congada pra cá e começou a difundir a história da Congada entre todos os negros da fazenda dele, aonde ele tava, né, aonde ele era escravo, e é a família de Eva Esperança Silva, que eles tão até hoje na Congada, né?(6) Os congueiros se dizem..., escravos de São Benedito. Tudo o que acontece dentro da Congada é através de promessas. A Rainha, a postura da Rainha na Congada é através da promessa, a história do Rei é promessa, a história do Embaixador é promessa. É uma história que passa também de pai pra filho..., né? Éééé... (7) Inclusive hoje a Ucharia de

São Benedito que significa... ééé um depósito real de alimento, aonde o, os Reis guardavam os alimentos do palácio antigamente... Até hoje quem comanda a Ucharia é a família de Eva Esperança Silva. A mãe dela que foi a primeira dona, vamos dizer assim, da Ucharia a primeira chefe da Ucharia foi Benedita Esperança, a mãe de Eva, e o irmão do do marido de Benedita, que era escravo também da fazenda do Morro do Espinho... é que... difundiu... toda a história da Congada entre os negros da fazenda, e ele era cunhado... daa, da Benedita. Era irmão do marido da Benedita Esperança,... né? Então, é tio avô da Dona **Marta** que hoje é a chefe atual da Ucharia... Então, (8) a Congada éé, é uma situação assim... E perdura, né? Perdura até hoje, com as mesmas falas, com as mesmas fardas, com as mesmas danças, com os mesmo passos... (pigarreia). (9) Quase trezentos anos existe a Congada aqui na Ilha, né? Começou em, em, em 1785 e e e tá até hoje, né? É a manifestação... cultural do folclore da cidade mais importante,... é a festa mais gloriosa, mais colorida..., mais emocionante, ... Quando começa a chegar o mês de maio, a gente já começa a se transformar. Parece que a gente já não é mais a gente! A gente começa a a a ficar meio doidão assim, porque é muito, é muito grande a festa, né? (10)Então, a gente começa a se juntar. Tem muita história da união das famílias, né? As famílias começam a se unir, a se encontrar, a fazer reuniões, a preparar essa grande festa. É uma coisa bem bonita assim, que, que além de ser uma história de cultura, de folclore, de tradição caiçara, é um momento que..., que a gente se une, que a gente se encontra, que a gente ri junto, que a gente chora junto, a gente faz comida junto, a gente dança junto, a gente canta junto... É muito emocionante, assim, a Festa... de São Benedito..., é muito emocionante! Acho que pra Ilhabela inteira!... Acho que é isso! Cê quer que eu fale mais alguma coisa da história, do baile, do que em si é a Congada. Porque (11) a Congada, ela veio da África e é uma situação entre duas cidades: a Cidade de Congo e a cidade de Luanda... O Rei de Congo, ele se apaixona por uma plebeia. Ele engravida essa plebeia e quando ele descobre..., que, que essa mulher tá grávida dele, ele se encontra com ela e pede pra ela ir embora da cidade de Congo, porque ele é um Rei, a Rainha jamais poderia tá sabendo... dessa situação, dessa amante dele, né? (raspa a garganta) e ele pede pra ela se retirar da cidade e ela vai embora pra Luanda. Em Luanda ela tem esse filho e quando ele fica grandinho ela conta, toda a história, fala pra ele a verdade, que ele é filho do Rei de Congo eee que o Rei pediu pra ela sair da cidade, e tal (tosse). Ele monta um exército, se transforma no Embaixador de Luanda e... vai pra Congo com o exercito dele..., querer o trono do pai. Porque a intenção primeira dele é essa: eu vou lá pra Congo e vou..., querer o trono, é meu..., né? Eu sou filho dele! E quando ele chega na cidade de Congo, a cidade está em festa..., uma grande festa pra São Benedito, e aí começa a guerra. Os, o Embaixador de Luanda pega seu exército e começa a provocar os fidalgos do Rei... de Congo eeee e e e aí começa uma grande guerra. No ultimo baile, são três bailes, né? E no último baile, o Rei assume..., que realmente ele é filho, hã, no último baile o Embaixador é preso três vezes porque é uma guerra. O segundo baile já é uma guerra é um alvoroço, é uma guerra completamente fechada aonde ele tenta se aproximar do Rei por muitas vezes e o filho verdadeiro do Rei, o Príncipe não deixa. Ele quer cortar a cabeça do pai, ele quer matar o pai, ele quer fazer qualquer coisa pra poder ter o trono... pra ele, né? Ele quer mostrar pro Rei, de qualquer forma, que ele é o filho bastardo... do Rei. E ele qué contar isso pra toda a cidade de Congo, né? E o último baile, o-o Rei assume que ele é filho mesmo... e termina tudo em paz e eles participam da festa... no final. Ele pede perdão pro pai, de tudo o que ele cometeu, de todos os xingamentos, de toda a situação de guerra que ele queria fazer com a cidade de Congo, e no final termina tudo em paz assim. Ele aceita o filho, o filho aceita o pai, e ele faz parte. E no meio disso tudo, éééé, (12) o Rei de Congo ele não admitia que o, o exercito do-do Embaixador de Luanda participasse da festa porque eles eram mouros. Eles não eram batizados. E só podia entrar na, na Festa de São Benedito os batizados, né...? Por isso que eles vestem azul, porque o azul representa o batismo, representa o céu, representa a religiosidade..., cristã, católico apostólico e romano. E o mouro é o ateu, é

o que não acredita em nada, é o que nunca foi batizado, é o que nunca entrou dentro de um templo. É o contrário. Então eles usam a cor..., do sangue, da guerra, é o vermelho e o rosa... E além dele querer, porque quando ele chega, (13) quando o Embaixador de Luanda chega na cidade de Congo, além dele querê o trono do pai, quando ele vê a história da Festa de São Benedito, além dele querê o trono do pai, ele também quer festejar São Benedito, junto com o exercito dele, e aí a guerra fica mais... (pigarreia) mais evoluída ainda, mais fechada ainda, né? E isso acontece no segundo baile. Tanto que eles chamam o segundo baile de “Alvorço”, que é uma grande guerra, né?... Acho que é isso. A história da Congada.. (fica em silencio por alguns momentos). Quer saber mais alguma coisa?

- Quero saber o que significa pra você. E aí,

- Então...,

- É você quem decide.

- Então pra mim significa tudo isso. (14) Significa o amor, significa a união, significa... (pigarreia)... Significa a minha vida a Congada, né, porque foi através de São Benedito, por uma promessa da minha mãe fez,... que eu tô aqui até hoje, né? Eu nunca mais tive doença nenhuma. Nunca mais fui pro hospital, nunca mais tive problema nenhum de doença alguma na minha vida. Eu hoje eu tô com 47 anos... Então imagino que (15) a Congada é tudo pra mim... É a minha vida! Eu nunca larguei da Congada até hoje! E eu faço tudo né? Eu vou pras escolas, eu conto a história da Congada pras crianças, eu explico a Congada pros professores, eu tô envolvido na Ucharia, eu tô envolvido no Levantamento do Mastro, eu... (pigarreia). (16) Em 1999, com medo de eu, de perder a Congada, da Congada acabá, eu montei uma Congadinha, uma Congada Mirim... (pigarreia) e em 99 eu ensaiei e chamei todos, todas as crianças que tinham o sangue da Congada, que corria a história da Congada na veia, filhos de congueiro, netos de congueiro, sobrinhos de congueiro, crianças que parti..., que tinham a história da Congada no sangue e montei uma Congadinha. E no ano de 2000 eu lancei esta Congadinha que foi o maior sucesso, o pessoal se emocionou muito e deu certo, tá aí, né. Faz 15 anos que a Congada Mirim existe, isso também é uma coisa que eu fico super feliz, porque... os meus aluninhos que tinham na época 8, 9 anos, hoje eles tem 22, 23 anos e já comportam a Congada adulta. Então a Congada adulta já cresceu... e a Congada Mirim ainda tá aí. Então, pra mim, é um retrato do resgate da cultura tradicional de Ilhabela, né? (17) Não podemos deixar a Congada acabá. A Congada, hoje em dia..., além de ser superimportante para nós congueiros, não só pra mim, mas pra todos os congueiros, pra todos os participantes da Congada... é superimportante a Congada para todos nós... Congada... é o que representa, hoje em dia, toda a cultura tradicional da cidade, porque foi a única festa que, que conseguiu perdurar, porque nós perdemos tanta coisa da cultura da Ilha assim, que, que correu entre os dedos da gente, com a migração que a Ilha teve... (tosse). Com o pessoal também, com as casas de veraneios, com todos os turistas que começaram a vim pra Ilha; com todas as tecnologias que começaram a vim pra Ilha. Porque (18) na época que eu nasci, a gente também nem luz a gente tinha. Imagina, a gente nasceu em casa de pau-a-pique com chão pisado de barro... A nossa luz era de querosene ou então, a vela..., entendeu? Aí, quando começou a chegar na cidade de Ilhabela toda essa tecnologia, a televisão, os celulares..., né, e toda essa coisa que a gente tem hoje em dia, muita coisa da nossa história foi... indo embora..., né? A gente foi se desprendendo das coisas... E o que ficou mesmo foi a Congada de São Benedito... que é uma situação assim..., (19) a nossa cidade é turística..., precisa da história da cidade. Eu tenho lutado até hoje, não só pela Congada, mais pelo Caiapó, pelas danças tradicionais que são várias. Inclusive hoje, nesse ano que você tá me entrevistando, eu tô aí, com um projeto de resgate da cultura tradicional, tô passando de escola em escola, tô ensinando as crianças a dancá vários tipos de danças tradicionais, que eram realizadas antigamente aqui na cidade de Ilhabela,... mais o mais importante de tudo é a Congada... Congada ficou na memória, representa o-o alicerce da cultura tradicional de

Ilhabela, não deixa a gente esquecer das outras, culturas... da Ilha que a gente sempre teve e que agora a gente não tem mais, mas através da Congada, a gente ainda lembra, a gente ainda vai nas escolas, a gente ainda faz os resgates, a gente..., e tudo isso, pra mim, quem dá essa força, é a Congada, porque a Congada ela representa a vida do caiçara, né, a história do caiçara... e que perdura até hoje. (25) A Congada não pode acabá nunca. Se a Congada acabá, acaba a história da Ilha... Acaba a vida do caiçara, acaba, aí a Ilhabela vai fica muito... Não sei o que vai acontecer com a Ilhabela se a Congada acabar (riso)..., acho que vai ficar triste a Ilha..., vai ficar muito triste. A Congada traz uma alegria assim... (20) O mês de maio, é uma alegria..., é uma emoção... a cidade fica toda colorida, a cidade fica leve..., todo mundo feliz, todo mundo se abraçando, se beijando, muito bonito de vê! É uma emoção..., completa... (ele ri e percebo que está emocionado)... (me olha, bate na mesa com os dedos e fica em silêncio por alguns momentos)... Não sei mais o que falar da Congada (risos)... (fica em silêncio por mais alguns instantes, enquanto tamborila os dedos na mesa).(21) O Levantamento do Mastro na sexta-feira, quando começa na sexta-feira o Levantamento do Mastro..., já tá todo mundo mudado na avenida. Quando a gente carrega o mastro nas costas, e canta a música de Santa Luzia... Senhora Santana Santa Luzia, a gente já se transforma completamente..., e é super importante o Levantamento do Mastro porque é o momento onde a gente faz as promessas também, né? Aonde a gente fecha os olhos e pede tudo aquilo que a gente precisa e é o momento também que a gente agradece tudo aquilo que a gente já conseguiu, né, pra São Benedito, e a gente agradece muito, e a gente pede também muita coisa. Com os olhos fechados, a gente coloca a mão no mastro... (sua voz está um pouco embargada)... (22) A Congada é muito séria!... Pra gente que participa, pra gente que tá ali nesses três dias dançando... A dança começa às nove e termina às seis da tarde, a gente fica o dia inteiro, são três dias inteiríssimos... dançando, né, em louvor ao santo...(crianças falam ao fundo) e e nesses três dias a gente..., vive pra São Benedito... É São Benedito vinte e quatro horas na cabeça da gente... A gente dorme pensando em São Benedito a gente acorda pensando em São Benedito. A genti nunca esquece da Congada, né, porque durante o ano inteiro... A genti..., fala sobre a Congada, a gente se reúne pra falar sobre a Congada. A Congada acabou a gente já tá pensando no próximo ano... a gente já tá já si si reunindo pra..., fazê a próxima festa. É São Benedito o ano inteiro na cabeça da genti. Sem parar... E durante o ano a genti vai na igreja também, a genti vai muito lá no altar dele, porque tem vários santos dentro da igreja, mas o altar mais..., visitado, mais... é o de São Benedito... Aonde a genti mais vai... Aonde a genti se ajoelha... Aonde a genti mais reza... Durante o ano todo..., é pra esse santo glorioso e que atende a genti porque tem muitas, muitas pessoas que dão testemunhos e que falam que ele realmente atende, que ele realmente... concede aquilo que a genti pede. A genti tem um, uma devoção, uma ligação... muito grande com esse santo..., muito grande... (fica em silêncio me olhando por alguns momentos e ri)... (23) O momento da Ucharia é uma loucura muito grande, né, porque é muita genti pra comê... e a comida dá pra todo mundo. E todo mundo que chega lá tem que comê... Tem que comê a comida dele, tem que comê o docinho dele, todo mundo. Mais de seis mil pessoas vão lá... comê a comida de São Benedito. E sobra! (tamborila os dedos na mesa)... A comida brota na panela... (tamborila os dedos na mesa) e ainda sobra. Todo mundo come e ainda tem comida!... É, (24) o primeiro milagre de São Benedito..., quando ele era vivo, porque ele cuidava muito, né, das pessoas que não tinham, dos pobres, das pessoas...que eram miseráveis, das pessoas... que não tinham condições na época de sobreviver, ele era cozinheiro do convento de Santa Maria na cidade da Itália, em Palermo, porque ele nasceu na Itália, né? Só que ele é de famílias da Etiópia... Os pais deles eram negros da Etiópia... mas foram pra Itália, né, e tiveram São Benedito lá, na cidade de

Cecília²²... (32) e em Palermo ele era cozinheiro do convento de Santa Maria... ee e ele saia com as cestas dele lá, cheia de comida pra podê dá pras pessoas tavam famintas lá fora, né, do convento... eee os guardas desconfiaram e perguntaram pra ele um dia lá que ele estava saindo nos portões: “Benedito, que que tu leva aí nessa cesta?” (seu sotaque caiçara se faz mais presente). E a cesta tava com tecido, né, de flores, em cima... Ele falou “São flores... que eu tô levando... dentro dessa cesta, que eu catei no campo”. Aí os guardas “tudo bem, são flores...” e levantam o tecido pra ver se são flores mesmo e eram flores. Os guardas viram... que eram flores que tavam dentro da cesta... e no momento que eles voltam a fechar a cesta, as flores se transformam em alimento de novo. E São Benedito sai e consegue alimentá todas as pessoas que ele precisava que tavam famintas, que tavam com fome. Esse foi o primeiro milagre que São Benedito cometeu... eee é toda uma história, né, a vida de São Benedito..., uma loucura muito grande... (25) E o corpo dele tá lá né? Depois que ele morreu, depois de muitos anos, encontram o corpo dele lá, nessa cidade, e tava em perfeitas condições... depois de muitos anos... e hoje tá lá, tá... tá lá na igreja de Santa Maria... o o colocaram o corpo dele num, num num caxão de cristal... É uma múmia, né, na verdade. Ee tá lá (tamborila seus dedos na mesa)... nessa igreja..., pra visitação, pras pessoas irem lá visitar o corpo de São Benedito... desse santo super milagroso e super conhecido pelo Brasil todo (tamborila os dedos na mesa) e pela Europa também, inteira. (ri). (26) A história de São Benedito é uma história do mundo (tamborila os dedos na mesa)... e que veio pará aqui na Ilhabela..., e que já fazem..., quase trezentos anos, né, que ela existe aqui na Ilha... E tem toda uma história a Festa de São Benedito porque na Missa afro, a representação da Missa Afro... São..., são as flores, são as folhas... a água de cheiro... o ar..., as coisas da natureza, que eles representam e a comida... Comida é importantíssimo!... Porque... todas as músicas são músicas em olodum, em africano, né, que são cantadas, abaixo de marimbas e atabaques... aonde os congueiros vão entrando cada um com um prato de comida na mão... eeee eles oferecem aos pés de São Benedito essa comida e que fica lá e que é consagrada pelo padre e que no final da missa todo mundo que está na missa come ou leva pra casa... porque além de ter comida pronta que as pessoas comem dentro da igreja na hora, tem alimentos, chuchu, mandioca, abacate, abobóra, batata doce, cana, que as pessoas colocam na sacolinha e levam embora..., pra comer em casa..., porque é, tá santificado, né, não só por São Benedito, mas também pelo padre, né, que na hora benze todo, todo o alimento... toda a comida. É linda a missa afro ee muuita gente. Nossa, a igreja fica completamente lotada! As pessoas ficam pra fora da igreja... (27) E essa união, né, porque a gente acha que..., a história de comer junto... é uma historia muito íntegra, né, uma história muito de união. É importante as famílias comerem junto. Então, isso também tem a ver com a missa afro dessa união das famílias tarem ali comendo..., junto... a comida do santo...a a a... Os congueiros falam isso muito, né. Que é muito emocionante a gente tá ali junto degustando essa comida que foi levada por nós mesmos, pela própria comunidade, essa união das famílias se alimentando junto... é uma coisa... bem primordial assim, pra quem participa da Festa de São Benedito. (28) Congada... é a significação da vida pra a gente. A gente vai com muito louvor, com muita raça, com muita gana..., com muita vontade, e todo mundo, o público que tá lá assistindo gente sente isso na gente, né? Muitas pessoas se emocionam na hora dos bailes... porque a gente faiz com muito afinco, né, com muito louvor, com muita..., com muita vontade, né, porque é pra ele, é pra São Benedito... (finge que vai pegar o livreto sobre a Congada escrito por ele²³ que estava próximo sobre a mesa e rimos)

- Não pode colar (risos)

- Não pode, tem que falar aquilo que sabe na hora (rindo)

- É, mas eu vou ver depois.

²² Se refere à Ilha da Sicilia, na Itália.

²³ FUNDACI (2012).

Ele ri. - Você não conhecia este livro aqui?

- Já conheço, já vi

- Ah tá. Tem cada foto maravilhosa aqui!

- Tem! Um material lindo

Cochicha para mim “não tenho mais o que falar” e ri.

- Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

- Ah, o que eu sinto é isso, o que eu tô te falando. Assim... a Congada é tudo isso que eu te falei, te contei um pouco da história, de quem que trouxe, do que que a Congada significa pra mim... o porquê que eu tô na Congada, né? (29) São Benedito é..., é o meu santo, né, o meu santo de cabeça..., qualquer coisa que acontece comigo, a primeira coisa que eu falo é “São Benedito”! (ri) Qualquer dificuldade, qualquer desespero é nele que eu me apego, é ele que consegue abrandar o meu coração... é isso a Congada. Acho que eu te falei tudo daquilo que eu sinto da Congada... (30) No dia do Levantamento do Mastro, a minha família também serve a concertada, eu que sempre faço a bandeira da folia..., porque a gente canta a vida de São Benedito. Tem a folia de São Benedito, tem a bandeira de São Benedito que é muito louvada pelos fieis também. Quando a gente passa com a bandeira na rua, todo mundo vem pra beijá a bandeira, beijá as fitas, é uma bandeira toda colorida cheia de flores com a imagem de São Benedito em cima... ééé é muito emocionante também a folia, de São Benedito... é toda cantada e tocada, né... uma menina donzela que leva a-a bandeira pelas ruas... as pessoas gostam muito da história da folia..., se emocionam muito também, acreditam né, muito na história da folia, assim..., porque antigamente a folia, a bandeira de São Benedito passava de porta em porta, dormia na casa das pessoas até o dia da festa... Hoje em dia a folia é feita no dia da festa..., e quando eu faço, né, porque se eu não faço a folia, a folia não aparece... não é sempre que a folia tem...porque é uma situação também... bem, bem difícil, tem que chamá o pessoal, tem que reuní os tocadores, (pigarreia). Os tocadores e versistas, né, as pessoas que versam a vida de São Benedito, (pigarreia), mais tem tido, a folia tem tido iii.... As pessoas acreditam muito na bandeira de São Benedito!... (31) E ia para todos os lugares, né, a a a bandeira de São Benedito começava lá de trás da Ilha..., passava na porta de todo mundo..., dormia na casa de todo mundo,... a bandeira de São Benedito. E no dia seguinte ia pruma próxima casa, e ia pruma próxima casa..., e todas as casas tinham no, na sala, num cantinho lá o seu altarzinho, entendeu? Que ficava ladeado pelas, pela família, pelo dono, pela dona da casa, pelos familiares, a bandeira do lado..., aonde eles faziam as suas orações, os seus cânticos pra São Benedito... durante a noite... E no dia seguinte, a bandeira de manhã cedo saía daquela casa e ia pruma outra. (32) Passava o dia na casa da pessoa... e com isso também a gente ia angariando fundos pra festa, porque aí as famílias, tinha famílias que dava peixe, tinha famílias que dava frango, tinha família que dava porcos, tinha família... então o que tinha, o que a gente tinha dentro de casa, a gente doava..., pra poder compor a festa também, a folia também tem um pouco disso entendeu? Di passar na casa das pessoas, mais também..., pedindo também fundos pra, pra festa poder ser realizada... porque a Festa de São Benedito tem que ser tudo doado... Não pode ser nada comprado, nada assim..., tem que vim do povo, entendeu? A formação da festa inteira. É o povo que faiz a festa..., não tem nada a ver com nada! Tem a ver com o santo e com a comunidade, com o povo, e é o povo que faz a festa, é o povo que dá a comida, é o povo que... é a gente que faz tudo, né, é o povo todo. A gente que corre atrás de tudo, e o povo vai doando as coisas. (33) Espero que perdure por muito mais anos, né?... Porque..., a gente nasce, a gente vive e um momento a gente vai ter que morrer, né, a gente tem que começá, eu vou ter que começá a pensar já em deixá um sucessor, no meu lugar (risos), que já tiveram outros antes de mim, né, que cuidavam da Congada..., e hoje em dia eu tô..., não só eu, né, mas tem todo um pessoal aí na linha de frente..., mas (34) como eu moro na cidade, né, porque assim né, a maioria dos personagens da Congada, que são caiçara nativos, já não moram mais em Ilhabela, que eles vem pra Ilhabela na época da festa, pra

produzir a festa, mais a gente que mora na cidade, que fica aqui durante o ano inteiro...né? Então (35) a família de **Marta**, por exemplo, que são, que tão na Ucharia até hoje, desde, desde o início de tudo, né, eles também são moradores da cidade, nunca saíram daqui, tão aqui até hoje eee... e a gente se une muito pra podê realizá a festa. Mas (44) o Rei da Congada já não mora mais na Ilha, o Embaixador da Congada já não mora mais na Ilha, o Príncipe da Congada não mora mais na Ilha. Então, os personagens principais da Congada não são mais moradores da Ilha. Eles moram longe, em outras cidades eee e eles vêm todo ano, na época da festa pra gente... pra se agregar a nós eee aí a gente monta a festa... e aí a festa acontece. Eles nunca deixam de vir, né, eles estão sempre aqui, dois, três, quatro dias antes do Levantamento do Mastro eles já estão zanzando pela cidade... (silêncio). É isso!...(silêncio). Essa é a única pergunta?

- É a única pergunta, mas aí assim,... éé... você falou algumas vezes sobre devoção à São Benedito...

- Hum hum

- E eu queria saber se você podia falar um pouco mais sobre isso...

- Então, (36) a devoção de São Benedito é a, é daí que começa tudo..., toda a Congada, a festa..., i tudo qui envolve esses três dias da Festa de São Benedito é a história da devoção porque, como eu te disse, tudo o que acontece dentro da Ucharia é através de promessa, até o alimento que é doado..., pra Ucharia, aonde as cozinheiras ficam lá, éé através de promessa. Então a devoção, à São Benedito é que causa toda essa alegria, toda essa união, todos esses abraços... as pessoas vêm de outros lugares pra cá para ver essa situação, de São Benedito. (37) É aí..., a gente fica tanto tempo durante o ano inteiro sem ver um monte de caiçara..., que o caiçara também migrou muito daqui... né, só que na época de São Benedito todos vêm..., então também é uma época, porque eles são devotos..., então quem é devoto de São Benedito, quando chega em maio o povo vem, e é um momento mágico, porque aí a gente vê estas pessoas que ficam todo o ano fora, e que fazem parte da infância da gente,... (38) A devoção de São Benedito... é tudo, né, é a coisa mais importante, porque têm muitos... ééé, muitas pessoas que relatam isso, né, muitos, muitas, muitas pessoas que relatam as graças que eles já receberam de São Benedito... É uma coisa muito profunda... a devoção. Tudo que acontece dentro da Congada é relacionado à devoção que a gente tem a São Benedito, tudo. Desde a dança dos congueiros, do Levantamento do Mastro, da missa afro, da Ucharia, tudo é devoção! Tudo é feito através da devoção..., do milagre que São Benedito... faz acontecer na vida das pessoas...!... Tudo é realizado através da devoção que a gente tem. Se num se não tivesse devoção, não teria Congada, não teria nada, não teria folia, não teria levantamento, não teria nada... e todo mundo faz com prazer, ninguém ganha nada. É uma trabalhadeira muito grande..., mas é feito com muito amor, muita satisfação... Por quê? Porque a gente acredita no santo, porque a gente tem essa devoção, a gente se diz... promesseiros... Todos que participam da Congada são os promesseiros, a gente são, é, são as pessoas que fazem promessas, né. (39) A Rainha vai lá por quê? Porque a mãe fez uma promessa. Agora tá acontecendo uma situação de uma mãe qui a primeira filha que ela teve... teve um problema de saúde, grave. E ela fez uma promessa pra São Benedito e falou “Não, a minha filha vai ser... concede a cura que ela vai ser sua Rainha e durante o ano ela vai se dedicar”, porque a Rainha fica com a coroa durante o ano. Ela é coroada e fica durante aquele ano que ela foi Rainha, ela é um ano Rainha de São Benedito. Então um ano ela tem qui ir lá, ela tem qui, tem todos os deveres, né, para com São Benedito, não para com a comunidade, nem para com ninguém, mas é uma situação íntima, interior, da devoção... daquela promessa, daquela mãe e daquela minina que foi servir São Benedito como Rainha. Então, (40) durante o ano todo tem toda a história da Rainha ir lá, nos pés de São Benedito, conversá com ele, pedi pra ele... (pigarreia) e todo o comportamento dessa Rainha ela... (pigarreia) é tudo assim... Os pais também ficam muito em cima da menina durante este ano que ela é Rainha... Em tu-tudo o que envolve. Na história de

namoro, na história de hora de sair de casa, na história di... é uma coisa muito reservada durante este ano, pra esta menina, é uma coisa pura... Então a história dela é a escoola, é alimentação, não pode sair muito de casa, sair de casa prum outro motivo é pra ir na igreja, é pra falar com o santo... é pra... tem toda uma situação assim muito religiosa... que é a devoção... do santo e aí a minina já tá lá com a coroa na cabeça e já tá sabendo que ela vai ter que ficar este ano completamente... num vai podê sair pra bagunça, num vai pode sair pra festejá nada durante a noite. Vai ter que dormir cedo... e rezá. Rezá muito! E aí, (41) aí teve a promessa, a mãe conseguiu, São Benedito beneficiou essa criança que foi a Rainha e ela fala pra São Benedito: “Não, se, as os próximos filhos, todas que forem mulher, se eu tiver mais filhas mulheres, todas que forem mulheres... vão ser sua Rainha.” E ela teve só três mulheres. As três, as três gravidezes dessa moça foi mulher. Então, a primeira filha dela foi Rainha aí a segunda dela, filha dela foi Rainha. Agora a filha caçula dela vai ser Rainha esse ano. Ela encerra a promessa dela esse ano. Porque aí a ultima filha dela vai ser Rainha. Então esse ano ela encerra o que ela prometeu pra São Benedito...e São Benedito já concedeu. A devoção dela foi tão forte, ela cumpriu tão direitinho tudo o que ela pediu pro santo, que o santo... realizou. A menina ficou boa, é boa até hoje, trabalha, anda por aí tudo assiste a Congada, a época da Congada as filhas dela são as primeiras a chegar e participam de tudo... de tudo, participam do Levantamento do Mastro, participam da Ucharia, participam da missa, participam assistir a Congada, assistem os três bailes todos os dias, desde a primeira. A segunda foi Rainha, foi; cumpriu tudo, cumpriu; mas ela vai... (42)as três ficam juntinhas lá... todo ano que tem a Congada... e é pra sempre isso né? Elas vão sempre. Vão ficar velhinhas participando da Congada e lembrando da época que elas foram Rainhas, da promessa que a mãe fez... (43) a devoção dentro da Congada é a coisa mais séria e mais importante..., sem devoção não tem Congada... Não tem! É através do milagre tudo o que acontece na Congada... Tudo! As pessoas que participam na Congada, que você for lá vê, eles não, ninguém tá ali por tá, porque acha bonito ou porque quis ir lá dançar... por nada assim. Não! Todo mundo que tá ali é, tem uma história de devoção, tem uma promessa, tem um-uma fala, tem... Não é porque tá ali, porque tá, porque quis, “ah é legal, vou lá, vô dançá também!” Não pode! Entendeu? Todo mundo que participa e de todos os lados, né, não só da dança, da Ucharia... da folia, da missa, é tudo através de devoção; ninguém tá ali porque acha legal tá... Tá ali porque é um compromisso com o santo. Entendeu? Todo mundo que participa, que está envolvido com a história da Congada tá ali porque é um compromisso mesmo. Assumiu aquele compromisso, encarnou aquele compromisso e tem que ir até o fim. A devoção é isso, dentro da Congada. É o compromisso que a gente tem porque a gente se diz... escravo de São Benedito. São Benedito é o nosso pai poderoso... Então, todo, a devoção ééé tudo, né, porque todo mundo que tá ali, participando da Congada é através da devoção..., através das promessas..., tem toda uma ligação assim, dos milagres que ele comete dentro das famílias... e todo mundo que assiste a Congada sente isso, né? Vê isso! Tá no sangue da gente... não tem como a gente fugir... (44) E quando a gente tá dançando lá..., é uma coisa particular minha, que eu sinto isso, porque eu vejo, né, a gente conhece as pessoas tão intimamente aqui na Ilha... todas as pessoas que participam da Congada... e logo assim nu nu, quando começa na sexta-feira o Levantamento do Mastro a impressão que eu tenho é que nós não somos mais nós,... Parece que a gente encarna alguma coisa, a gente fica diferente... às vezes a gente nem sabe quem a gente é, quando a gente tá dançando, quando a gente tá declamando uma embaixada, parece que encarna uma coisa... não só em mim, mas quando eu olho pro Rei, quando eu olho prum fidalgo, quando eu olho sabe?, parece que num é aquela pessoa, ela fica diferente..., a voz muda, o jeito de andá muda. As pessoas mudam, parece que recebem alguma coisa, alguma história... e aí as pessoas ficam diferentes parece... que eles não são eles... e conversando assim com algumas pessoas da Congada, com alguns congueiros, amigos, o Rei, com o Embaixador, eles também sentem isso, porque eu já tive esta conversa com muitos deles. Eles

também sentem “Nossa, às vezes quando eu tô dançando me dá um branco, assim, parece que eu não sou mais eu!”, “nossa, fica tudo tão louco, tão estranho!”... Tem isso na Congada também... tem muito a ver com.. não sei, com uma história espiritual, sabe?... Eu não sei se são congueiros muito antigos que vem na gente, ou que ficam do lado, ou que... mas rola uma situação espiritual, (tosse), na hora da dança, principalmente... tem toda... uma-uma situação espiritual mesmo, de muitos anos atrás... Parece que a gente encarna pessoas muito antigas... que dançavam a Congada antes, né, no início de tudo, em 1780, 1785! Sei lá o que rola, mas... não sei se são pessoas... da África mesmo, porque a Congada veio de lá, então tinha essa Congada lá, né, tinha essa festa lá..., porque veio de lá. (45) Esse Roldão Antônio de Jesus difundiu toda essa crença, toda essa... devoção que ele tinha pá São Benedito, né, quando ele chegou aqui na Ilha i difundiu entre os outros negros, entre os outros escravos e perdura até hoje, então é uma coisa que tem a ver com a cidade também. Tem a ver! Que nem, (46) a padroeira da cidade é Nossa Senhora da Ajuda e do Bom Sucesso, uma coisa linda também Nossa Senhora da Ajuda e do Bom Sucesso, coisa linda! Ela tá presente, com certeza, na Festa de São Benedito. A gente sente isso. Mais (47) a Festa de São Benedito é tãão emocionante, é tão grandiosa, é tão di devoção, é tão di promessa que ela é a festa mais importante da Ilha. Quando tem a Congada, aa Festa de São Benedito, eu tenho a impressão di que quem não conhece a história da Ilha, a impressão que a pessoa tem é que São Benedito é que é o padroeiro da cidade..., porque a Festa dele é grandiosa. É a festa que traz harmonia, né, na cidade. A alegria..., a cidade muda! A cidade fica completamente mudada quando acontece a Congada... e todo mundo sente isso. Quem é daqui da Ilha saca isso, percebe isso..., sente isso! Porque a gente desce na Vila e já não é mais aquela Vila..., parece que a gente anda flutuando nas avenidas, nas calçadas. Uma coisa de... leveza!...a, o encontro que a gente tem com as pessoas é diferente, né, as pessoas já vem com um sorriso na orelha, já vem ti dar um abraço..., ti dá um beijo já... (48) Fica diferente o mês de maio aqui na Ilha... quando começa a Congada... É tudo muito especial e isso tem tudo a ver com devoção, né? É a devoção que causa emoção, é a devoção que faz esta história da união... das famílias na hora da Congada... né? É a devoção que faz as pessoas se emocionarem porque elas vêem, na gente que tá ali fazendo a Congada acontecer, a devoção. Então a pessoa chora, a pessoa fica emocionada, num num desembainhar de uma espada, numa declamação de uma embaixada, num... sabe... numa cantoria a pessoa já... como se o Espírito Santo baixasse na pessoa, e a pessoa, tem pessoas que começam a chorar e não param, né? Ah, os próprios congueiros choram... O próprio Rei chora de verdade..., se emociona de verdade..., principalmente no momento que ele... no momento que ele aceita o filho, nossa, ele chora...! Porque ele descobre, porque nem sabe néque é o filho dele... e no momento, que tem um momento que o Embaixador próprio fala, né, que ele é o filho, no ultimo baile..., e isso... faz o Rei refletir muito, nesse momento o Rei chora muito e a mesma coisa nu, nu, quando o Embaixador é preso três vezes ele chora pra caramba porque ele fica “putz, é o meu pai!”, né e “ele tá me prendendo!”, “ele vai me levar... né, vai mi prendê numa sala, vai mi chicoteá, vai mi isso, vai mi aquilo”, e ele chora de verdade porque ele sente, né, toda aquela história. (49) A história da Congada envolve a gente. Completamente! A gente se transforma, a gente não é a gente!... A gente encarna uma outra situação ali!... e isso é devoção. E isso que faz o publico se emocioná; é isso que faz as pessoas saírem de cidades tão longes virem pra cá só pra assisti a Congada... é essa coisa, é essa alegria, essa devoção, é...essa emoção... A Congada..., a Ilhabela sem a Congada, não é Ilhabela, isso tu pode tê certeza absoluta (ri). É o mês mais esperado durante o ano... (fica em silêncio e chora emocionado, com as mãos cobrindo o rosto). É o mês mais esperado o ano todo..., que a gente fica aguardando chegá esse mês (com a voz muito embargada)... (respira fundo) Pra gente cumprir tudo aquilo que a gente precisa... Eu fico muito emocionado de, de fala, de..., eu me controlo mas..., eu não consigo. (fica em silêncio por alguns momentos) (50) São Benedito tem todo um grande significado dentro da

minha vida, dentro da minha história,... da minha família... do meu avô..., que (51) a gente nem conhecia a Congada, quando a gente morava atrás da Ilha, né, meu avô já fazia o Levantamento do Mastro lá (fala com a voz embargada)..., porque o Levantamento do Mastro ele... ele, ele foi aclopado na Congada. A Congada não tinha Levantamento do Mastro. O Levantamento do Mastro é uma cultura..., portuguesa..., e que foi aclopada na Congada e tem tudo a ver, né... (52) São Benedito é tudo pra mim. A Congada... Fico muito feliz quando... quando chega maio... a minha casa fica superdiferente. A energia da casa muda, a gente acende o fogo de lenha. A gente faz também a comida do santo dentro da minha casa. A gente faz a concertada que é uma bebida típica que... o meu avô sempre fez pro Levantamento do Mastro, a gente sempre fez também. A gente continua... essa tradição da concertada que é uma bebida da Ilha, feita à base de rapadura, de... de caldo de cana, folhas de laranja, de limão, cravo, canela e água ardente, pinga... Fica igual um licor assim. Muito interessante... Eu já fiz, né, porque a gente tem que enterrá durante 40 dias antes de servir. Então, a minha concertada já tá pronta, já tá lá pra baixo da minha casa, no quintal, enterrado os garrações... eee tem que ficar 40 dias no escuro, debaixo da terra, antes de servi...r, pra comunidade toda que for lá. A gente faiz..., até hoje. Todo ano eu tô lá com meus garrações servindo a concertada de São Benedito... Ai (suspirando. Fica alguns momentos em silêncio)... (53) São Benedito faz a diferença, viu... não só pras pessoas que participam da Congada mas eu acho que pra todo mundo da cidade, a cidade inteira... Tudo se transforma na cidade na época da festa dele... Todo mundo se movimenta... E é um movimento alegre... Era o que ele pregava, né, a bondade, a união, a alegria,... as pessoas si ajudarem, si unirem pra se ajudar, pra... ajudá o próximo... o qui qui o outro precisa, se você tem você vai lá e ajuda... É uma grande confraternização... esses três dias de São Benedito aqui na Ilha... E tudo isso é por causa da devoção que a gente tem no santo, né, chega a época dele, parece que toca no coração e isso a gente não pode esquecer durante o ano, né..., as pessoas não podem sentir isso só nos três dias de festa... O pessoal tem que estar com essa devoção no peito o ano inteiro, entra ano, sai ano você tem que estar com essa devoção no peito... cê tem que tá tentando olha pro próximo, você tem que tá tentando ajuda alguém..., cê tem que ser humilde, como São Benedito era, tem que se disprender das coisas materiais..., porque a gente não vive de coisas materiais... A gente vive... de coisas espirituais..., o espírito da gente, é a forma com que a gente lida com as pessoas. A gente não pode agredir as pessoas, a gente n..., tem que entender as pessoas..., tem que conversá com as pessoas, a gente não pode sentir, tê e ficar, com essa história da raiva, do ódio, da...a gente tem que sabê se comunicar, se uni cada vez mais. Acho que é isso que São Benedito prega, né, e que ele pregou durante a vida dele inteira, que sofreu pra caramba, porque ele era negro né, então tinha todo... um preconceito, racismo,... e ele ainda no meio de toda essa loucura, da época que ele vivia, ele ainda ajudava as pessoas, imagina!... Tinha que sê santo mesmo! Não tinha outro jeito..., tinha que sê santo... Passou por tantas dificuldades, né... e ainda tinha tempo de ajudar o próximo, era humilde..., tinha um bom coração..., e mesmo as pessoas que judiavam dele, ele gostava... Um exemplo, né? Um exemplo de ser humano... Todos os seres humanos tinham que ser assim... Difícil! (54) Mas a gente vai tentando (ri) e passando isso, né, pras crianças, que eu acho isso superimportante. Por isso que eu tô sempre..., eu sou professor, eu sou pedagogo... ii tô sempre falando isso pras crianças em sala de aula..., sobre o bem querer, sobre o próximo, sobre a amizade... É a formação, né, o caráter da criança, da pessoa que tá em formação. Porque é a gente que faz, né, o caráter. A criança tá lá, né, naquele meio, se ela vive num meio de união, num meio de pessoas que tem amor, num meio de pessoas que acreditam em alguma coisa..., importante, ela vai ser gente boa. E nós professores, a gente tem que passar isso pras crianças desde cedo... Essa coisa da bondade, da humildade... De compartilhar com o amiguinho as coisas que tem... de tá ajudando o amiguinho dentro da sala de aula... A gente tem que se unir... cada vez mais. O ser humano é...muito desunido... A gente precisa dá, si dá as mãos... si abraçá mais, si beijá mais,

se gostá mais. É isso que São Benedito qué!... É isso que a gente tem que ser, né?... Pregá isso, por aí tudo... (fica em silêncio). Acho que é isso, Sil! (Ele ainda está muito emocionado e com os antebraços apoiados na mesa, ele me mostra as palmas das mãos vazias. Ri suavemente e fica em silêncio)

- **Negro...**

- Hum?

- Obrigada mesmo! (Estendo minhas mãos agradecendo e ele as beija)

-Obrigado você..., que me faz lembrar dessas coisas e aí eu fico chorando.

- E eu choro junto, né?(Rimos). Já chorei com **Nina**...

- Então (55) a família da **Nina** também é super importante na Congada... (sua voz ainda está chorosa) também vem desde essa época a família da **Nina**, da dona **Teresa** vem dessa época do Antônio Roldão de Jesus desde... 1785, os familiares da **Teresa**, da **Nina** já... Eles são dessa época e tão até hoje também né..., as famílias da Congada são tudo dessa época (56)... Também adoro a **Nina**... A família dela toda. E a gente é... a gente cresceu junto, né, a gente... desde quando a Congada era na casa onde eu morava, era a casa do meu avô, lá onde hoje é o Ponto das Letras, né, o cafezinho,... tudo era lá, né... Os congueiros inclusive, a família real era obrigada a dormir dentro dessa casa... que era onde eu morava, onde eu passei minha infância, eee... era lindo. À noite tinha baile, os violeiros iam cantá, tocá pra gente dançar... E antigamente também não era só três dias, era uma semana, eram sete dias de dança... antigamente a Congada e todos era obrigados a dormir lá... dentro dessa casa aí... que depois virou Colônia de Pescadores e e e hoje é o Ponto das Letras... Foi aonde eu cresci, assim, aonde eu passei minha infância e um pedacinho da minha adolescência... Era lindo, nossa! Era muito bom naquela época! Ainda é hoje, né?... (57) Mas naquela época era diferente. Porque a Ilha tá toda diferente hoje em dia, né? A Ilha cresceu, se desenvolveu... é outra história hoje, mas a devoção não acabou..., aquela garra não acabou..., aquela união dos congueiros não acabou... Isso continua. A cidade que deu uma mudada, uma evoluída assim mas a Congada..., continua a mesma de sempre, a mesma história de sempre. Que bom que você falou com a **Nina** também... Ela vai ter gêmeos agora, vai ter um congueirinho e uma Rainhazinha (risos).

- Diz que a roupa de Ricão já tá pronta.

- Já tá pronta, ela já me falou também risos. A gente se encontra, a gente conversa.

(58) Eu perguntei pra ela “a roupa do Ricão já tá pronta?” ela falou: Ah, eu acho que ele vai usar a do Enzo...

- É, parece que sim.

- É, (59) porque a gente guarda, né, imagina! A roupa do Gabriel, do meu sobrinho, a menorzinha, a gente tem guardada até hoje, tudo! O tenisinho... a roupinha inteira tá lá minha irmã, não se desfaz nunca. E tem guardada lá de todas as idades dele..., as roupinhas da Congada... E aí vai, né, como eu te falei, né, é coisa... fica na família, né, porque aí um é congueiro, o sobrinho vai ser congueiro quando nasce, aí né, o irmão vai ser congueiro quando nasce porque já tá, já tá na, no sangue da gente, já tá na... né. Então é uma loucura, (60) minha família se movimenta inteira quando chega a Congada. Todo mundo, cada um faz uma coisa...e já fica aquele fomento dentro de casa, né? Em abril já “Ai que não sei o que da Congada...; por que já fizesse aquilo? Já arrumasse aquilo” (risos) ²⁴ lá. É aquela loucura! E aí liga pra casa de Maninha, liga pra casa de **Marta**, liga pra casa de **Teresa**, liga, fica aquelas, (pigarreia) aquela comunicação entre as famílias caçara, né, durante o mês de abril... e os encontros que a gente tem né... pra poder organizar tudo. É lindo, gente! Olha, a Congada... é lindo! (61) É uma das histórias... por isso que eu acho que foi a única coisa que viveu até hoje

²⁴ Aqui ele fala com o sotaque caçara

porque é... é o que tem a devoção, né, é o que tá no coração, né?. Por isso que ela tá aí até hoje. A gente nunca vai largar a Congada. Acredito eu que não. Sorri. É isso, amor! Brigadinho!

- Obrigada eu, **Negro**. Obrigada mesmo!

- E o que eu queria te falar também... Aquela hora..., é que além de eu ser pedagogo e trabalhá nas escolas, a gente tá sempre levando a cultura da cidade pra todas as crianças, né, pra rede municipal de ensino... Eu sou caçara, de verdade, de família tradicional e desde a 30 anos eu trabalho com a história, sou historiador e pesqui-pesquisador das tradições e das manifestações religiosas e culturais da minha cidade... Então, fazem 30 anos já que eu faço isso. Não só com a Congada, né, mas com todas as outras manifestações que tem, com as danças tradicionais..., com as comidas típicas..., que a gente tá sempre em alguma festa fazendo as comidas tradicionais da cidade pras pessoas saberem, experimentarem, nunca esquecerem..., as danças..., as peças de teatro porque eu também sou teatrólogo, eu também escrevo peças de teatro e as peças que eu escrevo são tudo voltadas ééé'pra história da cidade, pro trejeito do caçara... Eu mostro todas as roupagens do caçara, o trejeito, o linguajar..., as histórias que acontecem dentro das casas do caçaras, do cotidiano, são mostradas no palco. O pessoal adora! O pessoal acha lindo! É, eu eu fico completamente emocionado quando eu tô no palco também, porque eu tenho muitos personagens, né, antigos que já faleceram, e que ficam na memória de gente, né? Eu interpreto o Seo Antônio Inácio que era uma pessoa importantíssima, morador da Praia da Figueira, e que era o curandeiro da época, né?. Curava de mordida de cobra, curava... as pessoas... de qualquer tipo de doença... Ele era fera nisso, né, e mexia cum, tinha um conhecimento muito grande da mata..., né, e ele conversava com os animais. Ele mandava nos animais, ele conversava com a cobra. Se alguém fosse mordido de cobra, ele chegava na porta da casa da pessoa, colocava o dedo na boca, assobiava, todas as cobras da redondeza vinha. Isso é verídico! Qualquer caçara antigo pode te falar isso. Porque meu avô foi mordido de cobra e a minha tia teve que ir lá de canoa à remo na Figueira buscá o Seo Antônio Inácio pra trazer no Sombrio pra curar meu avô, porque ele tava quase morrendo e uma cobra venenosa mordeu ele... Ele já veio com a garrafada pronta, meu avô tomou... Só que antes dele dá, ele chama a cobra. Tem que descobrir qual foi a cobra que mordeu ele e por, e tirá na hora o veneno da cobra e por nesse nessa garrafada que ele traz da casa dele com ervas e tal... e eee ele usava também a língua do lagarto! Ele arrancava a língua do lagarto, secava, transformava a língua do lagarto num pó e misturava também nessa garrafada... que ele subia pra mata e pegava as ervas certas e transformava isso num, numa garrafada mesmo, né, num remédio, num soro, junto com a língua do lagarto, porque o lagarto, ele se alimenta das cobras..., ele come cobra. Então diz que a língua do lagarto tem um poder muito grande pra diluir o veneno da cobra, pra curar a pessoa... do veneno da cobra... e o próprio veneno da cobra, né, que ele pega na hora. Que a, a tampa da, do vidro que ele põe a garrafada era sempre feita de cortiça... Ele pegava a cobra na hora e enfiava o dente da cobra na-na cortiça, pingava uns, uns pouquinho de veneno assim do dente da cobra e... e já balançava, balançava, e já dava pra pessoa tomá. A pessoa já levantava na hora e já ia andando. A pessoa ficava curada na hora! Eu tenho vários personagens. Eu interpreto Antônio Inácio, eu interpreto Ramiro, eu interpreto Benedito, eu interpreto Durvalina, eu interpreto Palma Rosa, eu interpreto vários personagens. É a coisa mais linda! E é a história do cotidiano mesmo do caçara! Em cima do palco a gente mostra tudo, né? O linguajar, o trejeito, comida típica, a forma como eles cozinhavam, o fogo tacuruba, a gente... faz o que pode pra pode deixar essa cultura caçara de Ilhabela de pé! A gente faz o que pode! Por enquanto a gente tá conseguindo! Não tá tão difícil ainda! (Rimos)

- Obrigada **Negro**! Obrigada mesmo

- De nada, amor.

- É sempre um prazer enorme te ouvir.

- Obrigado eu, amor!

Discurso IV

- A pergunta, **Rei** ééé...: O que é a Congada para você?

- Ixê! (ri). Essa pergunta todo mundo faz... né? (1) Pra mim é tudo! É tudo! Ééé é devoção, é uma obrigação, éé de família. Desde piqueno tô envolvido... desde cinco anos dançando... Ééé, já vinha de vó, de tia. Ééé minha tia, a última que faleceu tinha uns oitenta e poucos anos e foi até finalzinho da vida dela acompanhando... Congada é tudo, tudo. Não tem, num... (2) Ninguém explica o que é a Congada pra uma, pra cada pessoa... Todo mundo diz que é devoção. Acho que a resposta de todos são iguais, em relação à Congada. Uns que abraça com mais carinho, outros que abraça com menos, entendeu? Eu abraço com mais carinho, eu abraço..., de alma e corpo e coração. Isto é a Congada para mim. Hoje mesmo aqui, eu tô aqui trabalhando. Como Rei, tô trabalhando fazendo um quarto para a Congada²⁵. E aí? (sorri) O que que é a Congada, entendeu? (3) Não tem explicação nenhuma. É muito forte..., falar da Congada..., entendeu? Temos..., tem pessoas que se envolvem pouco, outros que se envolve muito... Eu sou um que se envolve muito! Perdi até o emprego por causa da Congada! Hoje estou desempregado porque eu vim pra Congada. Eu não tô preocupado, porque com certeza eu vou arrumar outro. Ele perdeu um funcionário, e eu não perdi nenhum patrão. Essa é a realidade, devido à Congada. Eu num tô preocupado... (4) A Congada é isso prá mim (suspira). A Congada éé..., é tudo, tudo. É família, éé devoção (barulho de uma moto passando), é igreja..., entendeu? Pra mim eu sinto que Congada é isso aí: Igreja i ii o povo de Ilhabela que fa, que abraça a Congada de coração. Isso é a Congada!... (Ri). Não sei se está bom pro cê, entendeu, mas num tem o que falá..., não tem muito..., entendeu? (sorri)

- Pra mim... tudo é bom. Não tenho... É o pra você.

- É o que eu sinto. É é, o que eu te passo é o que eu sinto. (5) Todas as pessoas que perguntam “o que é a Congada? “como tu te sente como Rei?”, Não sei nem como me sinto como Rei, não tenho nem explicação nenhuma... já fui soldado de baixo quando pequeno, passei a Príncipe, éééé, voltei como Embaixador, voltei de novo como soldado de baixo. Hoje, primeiro ano como Rei, não tenho, não tenho uma explicação (barulho de moto ao fundo) e a sensação que eu sinto ali como Rei. Não dá pra explicá a sensação é muito... sei lá, é diferente, uma sensação diferente... né? Em tá em outro lado, entendeu? Ali é muita responsabilidade, éé muita cobrança, entendeu? Então, isso que... eu me sinto, eu me caibo dentro disso aí, entendeu? Então, (6) a Congada é forte demais pra mim..., entendeu? Tem pessoas que acham que não tem nada a ver, mas eu me sinto bem... em tá fazendo a Congada... e servindo ééé São Benedito que nada mais que... Todo mundo fala “ah, mas é uma imagem!” Você não, você não tá divulgando a imagem de São Benedito. Seria a mesma coisa eu tê a minha mãe, eu tê uma foto da minha mãe... E eu admiro a foto de minha mãe como fosse ela viva. Pelo que ela me fez..., né? Mesma coisa assim. Pela história de São Benedito, pelo que ele fez. Então, a gente... festeja porque ele fez e não pelo o que ele é, né? Pelo o que ele é agora em gesso, uma imagem de gesso? Não! A gente festeja o que, o que ele fez no passado quando ele era, quando ele era homem... né? Então é isso que a gente festeja dele. Eu me sinto desse jeito..., né? Como diz... (7) o próprio Junior falou que a alegria dele é ver todo mundo comendo ali e satis, saindo satisfeito. Meia dúzia de pessoa que critica ali e meteu o pau em mim essa semana agora aí (sorri), mas eu num, eu não ligo pra essa... minoria. (8) O importante é a maioria, a maioria que gosta, que faz de coração... Ontem mesmo tiramos o mastro fora. Todo mundo foi, bastante gente foi lá. Então isso é a Congada: éé amor, paixão e devoção... Tá bom? (ri e percebo que está um pouco emocionado). É isso aí!... Num dá pra... Não tem muita explicação, não tem muito o que explicá, não.... Você,

²⁵ No dia da entrevista, um sábado à tarde, **Rei** fazia a ampliação de um cômodo para poder guardar o material utilizado na Ucharia.

como diz... não tem, você não vem uma resposta pronta em relação a uma pergunta dessa. Não tem jeito! Se você fizer dez perguntas pra dez pessoas, as respostas vão ser todas mais ou menos iguais, entendeu? Ninguém vai inventar nada (ênfatisa esta palavra) pra falar dela, entendeu? Tá bom isso aí?(ri)

- Isso é você quem me diz...

- Éé, acho que... Não tem mais o que falar. Eu vou repetir tudo a mesma coisa, entendeu? Não tem... Não temos muito, muito o que dizer... Meio que é... O objetivo maior é esse mesmo... Que eu já falei... (9) Isso é... é tudo! Enquanto eu tiver na frente dela, dezenove anos que eu tô na frente da Congada, vai ser... desse jeito. Procurar com que... o pessoal, principalmente os congueiros, arregace as manga e... e não vista só a farda no dia, sabe? Ou coloque só o chapéu... E vira as costas pra Congada. Não é isso! Congada é muita coisa. É o ano inteiro trabalhando se deixá... Os congueiros só vão na igreja quando... é dia da Congada, depois aparece ninguém mais... Aparece meia dúzia, só... (10) Eles acham que isso é a Congada. Então, a Congada é igreja, a Congada é tudo, se tem.. Congada como devoção, tem que ter a igreja como também... Ééé é lá que São Benedito está, né? Na casa de Cristo, então lá que você tem que ir lá louvar ele... (11) não adianta de se ajoelhar diante do altar, se ajoelhar diante do Cristo e do São Benedito, derrubá meia dúzia de lágrima queeee... É uma puta mentira!(barulho de moto) Depois não vai mais..., entendeu? Tem que ir lá e ver o Cristo vivo que tá lá. Aí sim, aí é o verdadeiro congueiro... mas de mais... de mais é isso. Aí começa já a mudar, já começa já a se emocionar e(ele está bem emocionado e ri, como que para disfarçar esta emoção). Tá bom...? Valeu querida! (me indica com as mãos que encerrou).

- Ééé... Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

- Acho que não! Não! Não tenho mais o que... falar, acho que é isso aí...

- Você falou sobre se emocionar... né?... Você podia falar um pouquinho mais disso?

(Caimos na risada)

- Ah, aí cê tá de sacanagem (rimos). É que aí... (12) É impressionante, né..., o porquê emoção, né?... Por que a emoção? E todos eles se emocionam no dia da festa, todos os congueiros, né...? Principalmente no último baile, não sei por quê. Porque tão indo embora, porque tá acabando... Brigam prá num começá!... e choram quando termina... Aí, por quê? Não dá prá entender! Todos eles! Principalmente... Ultimo baile quando vai todo mundo embora, se despede, não dá pra entender o porquê. Sabe... essa emoção... Ela é... será por causa da devoção, a emoção...? Pode ser! A emoção vem da devoção! Se você não tiver emoção, você não tem devoção... Então, acho que é isso, a emoção vem da devoção! É uma boa pergunta que tu fez: falar um pouco da emoção... Aí..., não dá pra... não tenho como falá de uma emoção... A emoção é isso! Acho que é isso, a emoção vem da devoção! Você é devoto, você faiz por, por carinho, entendeu? Então você tem aquele amor por-por tar fazendo você tá fazendo por amor! Então você se emociona por 'tar fazendo alguma coisa de coração, porque você gosta de fazer, não é obrigado a fazer... né? Então você faiz por isso, então acho que é por isso que vem a emoção... (ri) É isso aí, querida. Acho que... se tiver outra pergunta vamos rolando, mas que essa já foi (ri)

- É essa a pergunta só...

- Ai...

-... e aí você responde.. o que você acha que, éé, deve ser dito

- não tem ... num tem muito o que... (13) as pessoas que inventam muita coisa, falam um monte de coisa, sabe? Conta uma história que não existe... né? Podia até existir no passado mas os mais antigos levaram tudo, sabe? Com eles! Tinha aquelas, aquela coisa de...rígida, né? Eu mesmo conversando com o Seo Dito essa semana agora. Tive lá na casa dele, na quarta-feira. Ele tá um pouco doente. Ele vinha agora na quar, no domingo, mas ele não pôde vim... e ele falou quee no... passado era muito diferente da Congada de agora. Era mais rígida, ah, os comércios eram tudo fechado, assim tipo quando o andor passava... ooo era

proibido vender bebida alcoólica para qualquer congueiro durante a festa. O mastro era levantado uma semana antes. E tirado uma semana depois... Eeee não saia ninguém da fila... Tal baile vai ser naquela tal rua. Ia todo mundo em fila até chegar num outro local da rua... Embaixador levava os congos dele, o Rei levava os congos dele. Tu-tuudo em fila certinho. Pra sair da fila, pra ir ao banheiro, alguma coisa, tinha que pedir ordem. (14) Hoje, hoje o cara sai e não dá satisfação pra você, não tá nem aí. Então, acho que tá ali por diversão. Muitos tá ali por diversão! Sabem que tem um, um uma câmera filmando... Apareceu aquele drone filmando..., domingo! Aí todo mundo quer aparecer, saber quem é, todo mundo... os congueiros tudo agoniado, de quem era aquele drone, de quem era que tá filmando, ia pra onde, passá aonde. Então ah, então muitos quer ir pra passá na televisão... Não importa! A gente não faz pra televisão. A gente faiz é pro povo, pra devoção, pra igreja, entendeu? Que nem, o Nuno falou na reunião ontem, teve uma reunião dos... (estala os dedos, como se o auxiliasse a lembrar) os... Secretário da Cultura e o pessoal... (15) pediram que ele levasse, de todo Vale do Paraíba e litoral que ele levasse a Congada até a..., até eles. Ele falou assim “Então, vamos fazer o seguinte: vamos trazer a escada do Senhor do Bonfim também pra vocês...! Vamos, vou trazer o Cristo Redentor do Rio de Janeiro pra vocês... Se vocês querem ir lá, vocês vão até á para ver a escada do Senhor do Bonfim, vão até o Rio de Janeiro para ver o Cristo, vocês vão até... vê o frevo em em Recife. E por que vocês não vão até Ilhabela vê a Congada, no dia da Congada. Por que que eu tenho que trazer a Congada até voçeis... Então façam o mesmo: visite a nossa cidade, visite a nossa cultura... é isso que eu,(16) que às vezes o povo acha que tem que ser a Congada..., entendeu? Diversão! Vamos nos apresentar... porque tá vindo aí um secretário num sei o que. Não, nada a vê! Não vai se apresentá pra ninguém especial, vamos apresentá pro povo, fazê a devoção... que tem que ser feita. Aí sim, aí é feito de... quando você faz com carinho e coração dá tudo certinho, né? Esse ano a torcida era grande contra mim. Eu percebia! (17) Sentia que muito povo foi lá pra dá uma olhada, pra comparar eu com Seo Dito. Muita gente não conhecia, não conheceu os outros reis que se passaram: Seo... Seo Dedé, Seo Neco... Dito de Rosa... Não conheceram! Conheceram mais Seo Dito! Então foram comparar... foram comparar ééé eu com os outros cong... com os outros reis mas... deu tudo certo! Maravilha!... É isso aí, querida! Tamo... mais uma batalha, né, se passou... eee começamos uma outra. Uma nova batalha, entendeu? Porque o próximo ano nós, se Deus nos permitir, se a data de validade não vencer, nós trabalharemos novamente aí, entendeu? Com a permissão dele, vamos festejar Benedito santo. É isso aí! (ri). E como diz o povo “Viva São Benedito”, entendeu...? É isso aí...! Acho que é isso tudo aí que é a Congada de São Benedito....

- Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

- Acho que não!... Não tenho... Agradecimento num, num se faz pra publicidade. Isso aí não tem... (18) Em relação à família, minha família hoje é uma das maiores famílias da Congada. Tenho nove, nove membros na Congada... mais pessoal da Ucharia, a **Niquinha**, a **Teresa**, minha irmã mesmo, ainda adoentada. Então, no total dá umas dez, doze pessoas lá... lá na festa. Isso, parente direto meu... Agora vindo primos, somando primos... os primos dos meus sobrinhos, os primos de..., no caso até Gilmar é meu primo, de terceiro ou quarto grau. Mazinho e tudo... Então, se eu for somar a família, a Congada hoje é... gira em torno de mim... né? Em torno, em torno da minha família. (barulho de moto ao fundo). E, é só agradecê, eles estão aí junto, entendeu? (19) Algum está se perdendo, a família se, saindo... mas tamo aí, na, na luta do dia-a-dia... na briga, sabe? Nas críticas, nos elogios... e vamu lá. Vamos ver até quando vai dar. Tá bom? E terminá meu barraco aí porque senão vai chover (ri) e não vai dar tempo de cobrir eee trazer as cadeiras prá cá... É isso aí querida. Acho que... não sei se eu respondi tua pergunta... Mas eu acho que..., não foi nem uma entrevista, foi um..., um bate papo, um diálogo, né, isso aí, em relação à festa. Tá bom? Ponto final!

- Obrigada, **Rei!**

Discurso V

- A pergunta ééé, é: O que é a Congada para você?

-... (1) Congada pra mim é tradição..., religião..., família..., i cultura. Cultura caiçara... Primeiramente, a religião, devoção com, à São Benedito, né? (2) Aí depois vem a tradição..., tradição por conta dee... que a gente lembra muito dos nossos... eu lembro da minha mãe, lembro da minha avó... né? Do **Rei**, é meu tio, do Seo... do falecido Zé de Alício... Do meu outro tio, o tio Zezinho... eeee daí por fim né, aa cultura caiçara que já vem em consequência... (3) e eu entendo que só ainda persiste, esta manifestação... né, religiosa, cultural, por conta dessa nossa tradição, desse nosso respeito com os nossos antepassados aí... porque ééé é como se fosse... se a gente herdasse... uuumm, uma responsabilidade... e fica intrínseco, né? Fica, fica dentro da gente isso...né? Ficaa, é uma mist... É incrível, é uma mistura de, de tudo... é uma mistura de tudo. Daí... e(4) cada ponto, cada... cada paralelepípedo... lá da frente da-da igreja significa alguma coisa pra gente... eu acho que si, que si viesse o progresso e asfaltasse...né, aa em frente o cruzeiro lá... já não seria igual... pra nós. Porque a gente tem lembranças di-di muitas coisas... eeee a vontade de reviver isto tudo também, também é tamanha. E fora os pedidos, né?(5) A gente cria forças assim coom intercessão de São Benedito, com... e nosso senhor Jesus Cristo, com Deus eee, pra que tudo dê certo, saúde eee... então e, e... (6) com o progresso da sociedade isso fica um pouquinho esquecido... né? Eu saí daqui da-da Ilhabela, fui morar no Guarujá, passei por São Paulo... e conheci várias outras pessoas... de várias outras religiões também... Eee, e eu acho que fica esquecido esse... pra alguns ééé, como que eu falo... é... (estala os dedos, como se isso o fizesse se lembrar do que quer dizer)... pra alguns é como se foossee..., como se fosse..., tipo assim, um, uma superstição, né? Mas pra gente realmente é uma coisa que a gente acredita bastante e a gente pede sempre, né, proteção, saúde pra nós, nossos familiares e nossos amigos...

(Eu mudo minha posição na cadeira para verificar o gravador de voz, que estava apoiado em uma superfície ao nosso lado e ele pará de falar)

- Não, desculpe... eu tava vendo... desculpe!

- Então, (7) a Congada pra mim... pra mim é isso. Essa mistura de tudo iiii... primeiramente a religião, a devoção à São Benedito iii depois a nossa tradição que se mistura com, com o respeito dos nossos familiares que já se foram, nossos amigos... qui, qui já se foram e a gente procura pegá e passá isso... para os, para os menores, né? (8) Uma dança que a gente faiz, uma rodada da espada que a gente faiz, o jeito de falar...né? A gente tenta pegá... hoje, né? Hoje eu tento pegar e passar isso pros, pros os mais novos... iii... E a gente tava conversando, né? Um, um tipo da gente pegá e dançá que já 'tá sendo copiado pelos mais novinhos... eu fiz uma coisa lá há... três anos, **Rei?** (pergunta para **Rei** a alguns metros de distância de onde estávamos. **Rei** responde que mais, pois "Zé tem mais de morto"). Quatro ou cinco anos aí, no primeiro ano que eu fui Secretário, eu fiz uma coisa diferente que hoje to-to todo mundo faz... Então, acho que é... Essa forma de ser lembrado... isso que-que é interessante pra gente, né?... E é isso aí, mano! É... tudo junto e misturado!... Quer que eu fale mais? (rimos). É isso aí!

- Quero que você fale o que você... pensa...

- É isso aí! O que eu acho da Congada é isso...! É isso. Tive, tive a oportunidade de-de pegá e fazer também um trabalho de conclusão de curso, na-na faculdade de Turismo, com ênfase em Administração de Empresas, que eu fiz... E apresentei um projeto, né? Prum, prum professor lá de Turismo Cultural e ele achou interessante. Aí eu fiz só o projeto que era daa, que era da matéria, né, que era da disciplina no momento... iiii e daí ele até me incentivou em pegar e em fazer isso aiii... E aí eu acabei, quando chegou... (9) na época da, de começar o TCC, eu comecei a me aprofundar... um pouquinho mais e co-comecei aa conhecer um pouquinho mais... da Congada, um pouquinho mais da história dessa Congada de Ilhabela... A

origem, de origem bantu; da região do Congo, de Luanda... ééé, entendi que alguns, alguns versos dentro da Congada se refere... aaaa à dominação portuguesa naquela região... que inclusive depois eu fiquei sabendo qui que a região do Congo foram, foram as tribos africanas que mais resistiram àà colonização portuguesa, né? Oo ... E alguns trechos também vi o porque... que o... dessa, dessa, dessa guerra, né, que é a Congada porque pra quem vê de longe é uma guerra, luta de espadas, né? O Rei defendendo o seu reino... eee ao primeiro momento parece que éé... que é um exército querendo dominar o reino do Rei de Congo. Mas não é! É apenas uum... alguns, que não eram... pessoas que não eram batizados, entre aspas, que queriam também ter o direito de louvar à São Benedito... porque só, só os fidalgos, né,... só o pessoal do Rei de Congo ali... que é a pessoa de cima, que é representado pela gente de cima, ou pela turma de azul é que tem, entre aspas, o direito de pegá iii... e festejar São Benedito. E os mouros, né, os pagãos, que é a turma de baixo (crianças brincam e falam alto na casa ao lado) que é a turma do Embaixador, eles não... “Poxa, também quero... festejar São Benedito, eu também sou devoto de São Benedito. Eu quero, tenho direito disso!”... né? E a história se de, se desenrola assim... Alguns dizem, né, que... (10) um conhecido da gente aí que, “o Rei se apaixonou por uma, por uma mulher do povo. Queee esse amor era proibido, ele teve que mandar a mulher e o filho embora..” (muda a sua entonação de voz, como se estivesse encenando). Isso aí... Meu, isso aí, eu não acredito nisso, e pelo, pelo pouco que eu pesquisei, nu-num enxerguei nada disso, não! É, o que eu enxerguei é que os reis, né, como todos os reis aí da-da da época medieval, eles tinham relacionamentos aí cum, com quem quisesse, né? Praticamente. Iiiii e realmente pegou e nasceu uma criança de um desses relacionamentos aí, que é os bastardos da vida... né? E tem um trequinho na Congada que fala, que o Rei pergunta pro Embaixador “Como é que fugi-fugiste dos meus laços”. Os laços, né, isso é família, né? Os laços é tipo “tá às minhas vistas”, e o Embaixador responde: “foi a cruel batalha de massan... A cruel batalha de Massangana foi a causa”. E aí, daí, eu pesquisando, (11) existiu realmente esta batalha de Massangana, neste lugarejo lá na... na África, que foi uma das-das resistências do, do povo africano contra a dominação portuguesa... e tem... tem tem, tem muito, tem muito. A figura da Rainha! Ah, por que tem a Rainha? Por que que existe a Rainha na Congada? Com o Rei de Congo? “Soberano Rei de Congo”²⁶. O Rei de Congo da época, ele teve que fazer uma aliança com a, com a, com a Rainha bantu, (estala os dedos) que é a... No meu trabalho eu tenho, eu esqueci o nome que se refere a ela.²⁷ Ela era líder das tribos mais guerreiras na época. Então ela pegou, ela se uniu, ela fez o casamento com o Rei de Congo... né? Daí a resistência contra a dominação portuguesa foi até maior. Isso é histórico! Isso existiu realmente! Então, (12) os escravos que vieram aqui pro Brasil, e come, que começaram essa... dramaturgia toda, eles se referiam aaa, ao, aos acontecimentos que... que tinha lá. E foi... eu acredito que foi uma forma de pegá e manter viva uma cultura que eles tinham lá... né? Porque pros..., (13) pros nobres aí, que vieram para o Brasil aí, da Família Real ou outros que vieram para o Brasil e foram governadores aqui na na época, eles usavam essas.. ééé, essas, manifestos aí do-do povo negro como diversão pra eles. Isto é histórico também. Éé... Moçambique, Folia de Reis, isso... eles deixavam com que os negros pegassem, fizessem isso aí como diversão pra eles e pra acalmá os escravos, né? “Não, vamos deixar eles pegá, eles fazê a festinha deles aqui, a gente pegá e se diverte, é até interessante, eeee fica, fica tudo bem. (14) Mas é uma for, era uma forma do negro pegar íii criar uma raiz, transmitir essa cultura, né? Lembrar dos antepassados deles lá. A capoeira é assim!... A feijoada foi, foi assim..., né? A feijoada ela éé é oriunda tipo, o povo da senzala não tinha o que comer, o feijão preto não era bem quisto pelo..., pelo..., pelos senhores lá, e eles davam pro negros

²⁶ Esta é uma frase com a qual os fidalgos se apresentam diante do Rei de Congo, quando vão apresentar suas embaixadas.

²⁷ Aqui o entrevistado se refere à rainha Ginga Mbandi. Vide: SANTOS (2007.)

comê o feijão preto ii orelha de porco, focinho de porco, pé de porco, rabo de porco, ééé a linguiça que depois eles fizeram, né a linguiça que era dos miúdos lá e jogavam tudo num caldeirão, cozinhavam e era o que eles tinham que comer. Hoje em dia é um prato apreciado por-por todos. (15) Então essa manifestação, assim como outras Congadas também era uma forma de-do negro expressar a sua cultura... deixá enraizado, passa pros pros seus descendentes a, essa cultura e lembrar do do, do, da de suas origens, né? E é o que a gente pega e tenta, eu acredito que, que é o que a gente tenta fazer. O povo caiçara tenta pegá, mantê isso aí pra lembrar das suas origens, né? Não sei se você percebeu lá, a procissão lá de São Benedito ela é, esse ano..., puta foi gente pra caramba! (16) E se você fizer uma triagem ali, é são, é o povo caiçara mesmo. Povo caiçara que eu digo assim, não porque nasceu aqui na Ilhabela. Não, os pais nasceram, os avós já eram daqui da Ilhabela... então é essa comunidade tipo de três gerações seguidas assim de caiçara que você acaba vendo ali. E como todo lugar pequeno, era tudo primo, né?(rimos). É porque um, um casa com outro, casa com outro e como é lugar pequeno chega uma, uma geração que tudo é primo! Fala “- não, esse é filho de fulano de tal e fulano de tal? – É. - Fulano de tal era primo do outro. Então, você é meu primo de terceiro, de quarto grau. E a gente até, até costuma, costuma falá, né? A gente encontra fala “E aí, primo, tudo bom? Deve ser primo! De algum grau é! E assim vai. (17) Mas é, é interessante... você fazê uma comparação de lugar pequeno... com um lugar maior eeee... e ainda tê essa tradição que continue e é forte. Cada vez é mais forte, né? Da sociedade tanto aqui do litoral norte quanto de São Paulo, quanto até do Brasil... né? Eeeuu... às vezes eu pego... eu me vejo..., eu procuro, né, ver e não tem, não tenho nenhuma notícia assim de manifestação tão, tão forte quanto, quanto a gente. A gente procura manter as mesmas vestimentas..., éee, espada... o linguajar acaba pegando e modificando muita coisa. Tem várias palavras dentro da Congada que a gente não sabe o que é, que a gente não entende e nem sabe se é realmente pronunciada daquela forma... né? Mas a gente pega e procura manter ooo o máximo, sabe?... Quanto mais original, eu acho que mais significado tem, né?... E a gente tá aí. Tá aí com a molecadinha.(18) Eu já fui moleque, o **Rei** já foi aquele moleque lá (fala em tom provocativo para **Rei** que está a alguns metros de onde conversamos). O Lucas, meu primo, que ficou dançando, de dois aninhos, oRei já foi um desse aqui. Eu já, meus irmãos já foram, eu já fui. Ooo, ooo(19) o Cacique de Baixo, o **Vermelho e Dourado**, ele perguntou pra mim se eu já tinha “Não, tu já dançou na parte de baixo...? Eu falei assim “ah, tu tá perguntando se eu já já dancei na parte de baixo?” Aí eu chamei meu sobrinho, o Enzo, “ ah, tá vendo essa capa aqui, ó?... Essa capa aqui ó, foi do meu irmão, **Boni**, passou pro **Zeca**, passou prá mim, passou pro **Branco**, passou pro **William**... e agora tá... o Enzo tá, tá dançando com, com a mesma capa, que a que minha mãe fez... Então, é uma peça que já, já, já acaba tendo um valor, tendo significado, tendo uma história. Você olha praquela roupa, você olha pra vestimenta, você olha pra uma espada, você lembra de vários acontecimentos... né? A, o chapéu do Seo Zé de Alício, até hoje ninguém fez igual... E quando a gente pega e vê, né? (20) Se a gente for na casa do, do do Seo Zé de Alício vê a, ver o chapéu dele e a espada... A espada então, a gente pega e via como Seo Zé de Alício pegava e dançava e como que ele girava aquela espada... e fica naquela expectativa de todo mundo parar pra ver o Seo Zé de Alício dançando no último baile... né? E hoje eu num, num me vejo, eu num... eu não consigo enxergar..., né, isso aí na hora que eu tô dançando, mas ééé é, no último baile todo mundo fica esperando pra me ver pegá dançando²⁸, inclusive, nós congueiros. Todos os congueiros ficam esperando eu pegá, ir lá e pegar ii reclamar do Rei do que está acontecendo... O Secretário, na, na verdade, né? (21) Então fica naquela expectativa de todo mundo pegar e ver aquela pessoa... Tipo assim, ele deixa de ser o **Secretário** pra ser o Secretário... do Rei que tá indo lá.

²⁸ Sua irmã me pediu que eu o fotografasse durante o ultimo baile.

Seo Zé de Alício a mesma coisa, ele era o Secretário, eterno Secretário. Todo mundo parava assim pra podê pegá e ver... aí eu falei “Caraca, como Seo Zé de Alício conseguia rodar aquela espada?... o Seo Pedro Embaixadô era pequenininho, esse eu tenho alguns flashes... o Seo Pedro Embaixadô, quando ele pega..., ele vinha... vinha ameaçá o Rei e tal... era de um jeito único! Eu me lembro mais de Seo Dito de Rosa... do jeito que ele peg, ele virava a cabeça... Seo Dito de Rosa, ele mudava a espada de mão assim, ó (mostra com suas mãos como era a movimentação feita por Seo Dito de Rosa) com uma facili..., ele ia falando, mudava... eu falei “Pô, esse cara estudou pra, pra ser ator jáá...” se ele tivesse oportunidade de ser ator, ele seria, ia ser um ótimo ator... né? (22) Mas éé, iii o gingado que tem. O Seo Dito de Pilaca, o antigo Rei... é, eu vi ele dançando algumas vezes...e tem uma vez quando ele podia pegá e dançá, ele pegou e ele veio como rei, teve um ano que ele veio dançá, um ano. A gente pegava e ficava olhando e “Caraca como é que consegue dançar desse jeito?” É uma coisa diferente, é um gingado diferente. E é isso que pega e fica iii eu entendo que essa, essa magia que tem entre a gente é o que faz pegá e perdurar... de geração em geração.(o tom de sua voz vai se alterando, tornando-se mais baixo) E é aí é bacana, né? Bacana pra caramba! Poder vê isso aí e entender um pouquinho mais ... E espero que dure já, dure mais, mais... alguns, alguns séculos aí... É isso aí, meu. O que eu tenho pra fala é isso aí, se é que eu respondi, né, a pergunta.

(**Rei** ao fundo faz um comentário mas a fala não é compreensível na gravação)

- A resposta é a sua, não é a minha.

- É! É isso! É isso aí... (23) Congada pra mim é, é isso. Principalmente a devoção à São Benedito e...o respeito aos nossos familiares, principalmente os que já se foram... e amigos. É uma forma de lembrar tudo... Tá bom? (ri). É isso aí!

- É, você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

- Não, acho que já, já falei... O que eu tinha que falar, já falei... talvez só um (24) se depender, se depender de mim e da minha vontade... isso aí vai continuar aí até... e eu só largo só quando... quando vencer a validade, née. Só largo só quando, quando eu não puder realmente mais fazê-lo... A gente tem as dificuldades, este ano vim de uma, de uma pós-cirurgia não me incomodou em poder fazer..., né? Aí eu consegui fazer, não tão bem quanto eu costumo fazer, como eu gostaria, mais..., mas o simples fato, o simples fato de tá ali participando e cumprindo com uma, com a minha obrigação mi satisfaz, renova as energias pra mais um ano e se Deus quiser o ano que vem a gente tá aí . Tá bom?

- É, você falou, é, de magia, na hora da dança e de responsabilidade. Você podia falar mais um pouquinho sobre isso?

- A magia é aquela, é tipo, é um um... Magia entre aspas, né? É, (25) é um sentimento que a gente tem... de pegar eee tá participando e tá, tá fazendo. É aquilo que eu te falei...é... é junta todos esses sentimentos de respeito, de-da religião com São Benedito, da devoção e da fé que a gente tem, com o respeito, no meu caso, da minha mãe, do-da minha avó... iiii doo do Seo Zé de Alício, que ele pegou, ele pegou e olhou pra mim e falou assim ó “Carinha, quando eu morrer você vai ficar no meu lugar!” Ee foi a primeira vez que aconteceu isso aí. Eu tenho conversado com o **Rei**, tenho conversado com... Foi a primeira vez que alguém ainda em vida... pegou e olhou pra alguém e pegou e falou assim, ó:“Quando eu morrer, você vai ficar no meu lugar... Dar continuidade. (26) Então essa magia, esse, é esse, esse respeito...é que, é que move a gente. Esse, esse sentimento de pegá e querer, em querer fazê... né? Eee, e daí vem essa obrigação, né, entre aspas, porque, a obrigação, a responsabilidade. Porque a gente não tem só uma responsabilidade coom, com essa confiança que nos foi dada... né? Aí vem a responsabilidade de pegá e passar pros demais esse sentimento... que é o que, que é o que move a gente e é por isso que ainda perdura .Essa nossa manifestação ainda perdura, por que? Porque existe essa magia, existe esse sentimento em cada um da gente, a vontade de pegá e todos os anos e vim e participar... né? Aaa, a significância que tem pra cada um de nós, de

todos os congueiros, do-do pessoal que enfeita a imagem de São Benedito que é o andor, que é a família do Tico... do-do pessoal da Ucharia... é, então isso, isso passa pras outras pessoas e a gente tem essa responsabilidade de fazê com que, hoje, eu, né?, a gente tem essa responsabilidade de pegá e transmitir essa, esse significado pros, pros mais novos... né? (27) Hoje em dia com, com o avanço da sociedade éé... você... fica muito mais, tá mais, muito mais fácil você pegá e deixar de lado essa parte de religião, essa parte de respeito e de família..., né? Uma, porque eu os casais hoje em dia, né... o pai e a mãe tem que trabalhar, então não passa tanto tempo assim. E a parte de religião tá cada vez mais ééé sendo deixada de lado né, dessas, dessas famílias, no meu entender...iii (28) a responsabilidade maior da gente é pegar e passar, falar “Meu, ..tá vendo isso aqui ó...” Igual na embaixada na turma de azul. Eu percebi que tem, teem menino lá que pega embaixada de outra pessoa e dá... Vai lá e fala uma embaixada de outra pessoa... Eu falei “- Meu, essa embaixada é sua? – “Ah, mas eu não tenho embaixada.” Falei:“- Então, então vamos pegar e vamos fazer uma embaixada sua...”. Pra que aquelas palavras mexam com coração dele. “Não, essa aqui é minha. Só eu que posso dar!” Esse aqui é a minha contribuição para com a festa, uma contribuição para com São Benedito. Essa camisa aqui que a minha mãe fez, cada fitinha que ela pregou, ou que ele mesmo próprio fez, ou que mandou fazer. Não importa, mas aquela camisa, quando ele chegar e vai suar aquela camisa, ele vai pegá e vai se apresentar com aquilo lá, quando ele pegá e tirá ele vai ver “Meu, eu participei da Congada com essa camisa!” Aí no outro ano vai ser com aquela mesma camiseta, aquela mesma roupa, né? Aquela mesma espada... aquela embaixada. Então a coisa única dele... E isso ele vai passá pro filho dele, pro sobrinho... ou seja quem for. Então, passa a ter um significado... pode ser uma embaixada nova. Ele pode pegá e criar lá e tal fazê, pede licença para o Rei. O Rei pega e abençoa as palavras dele. Ele vai passar pro filho, do filho vai passar pro neto, do neto pro bisneto. Quando chegar lá, vai ter uma história naquelas palavras. O bisneto dele, que ele nem vai, não vai saber quem foi. Quer dizer, não vai ter a imagem, né, de repente. Mas é “bom, isso aqui foi do meu bisavô”. Então, já tem um significado, já tem uma outra importância, porque ele vai lembrar dos seus entes... então, eu... a parte da responsabilidade, eu acho que tá com a gente hoje, né... A gente que tá encabeçando, né, a a festa, então a gente tem que pegá e tem responsabilidade de passar pros mais novos que não é só um, um teatro...(29) num é só tipo assim “eu vou lá, porque tem muita gente que vai... vai ficar vendo, vão tirá foto de mim, minha”, éé, “O pessoal da USP ou seja qualquer outro, né, pesquisador vão ficar filmando e tal e eu vô tá lá, bonitão. Não! Não é isso. (30) É muito mais! Èééé, é esse sentimento que a gente pega e tenta despertar nesses mais novos justamente pra que a Congada perdure. Então a responsabilidade dessa manifestação continuar, hoje é nossa! Amanhã, não vai mais ser eu, vai ser do mais novos. Aí dependendo do, do que a gente pegá e transmitir... aí, daí vai perdurar realmente. I prá, e como fazer essa transmissão, né? É só a gente pegar e viver..., né, com amor e devoção e qualquer um pega e vê a gente entendeu, “Meu, esse cara tá fazendo com, nossa realmente com sentimento!”... A gente não precisa pegá e abrir e pegar a cabeça da molecada e fala“olha tem que ser assim, tem que ser assim”. Não, se a gente fizer e eles pegarem e perceberem, isso que realmente vai perceber, eles vão adquirir isso aí e vão também repassar... eu acredito que, que foi assim durante todos esses anos... E é isso Dona Silmara (rimos)

- Então é isso!
- Que mais tu quer saber?
- Quero saber o que a Congada é pra você, o que ela significa para você.
- Então, é isso aí. É isso aí...
- Então é isso.
- Beleza? (ri)
- Obrigada, **Secretário**
- Imagina!

- Obrigada mesmo!
- Por nada! “Tamo aí”!

Discurso VI

- Vamos lá? A pergunta, **Beto**, é: O que é a Congada prá você?

- ... (1) A Congada prá mim ...e prá muita gente, não é só pra mim, não! Vou responder por alguns, né? É, é aquilo que eu falei no começo prá você que eu danço a todo esse tempo. Congada prá mim ... é uma festa re-li-giosa,(ênfatiza a palavra quando a fala), especificamente religiosa... em homenagem à um santo que é São Benedito..., o negro, o mouro, o africano, né? Certo? ... E você quer mais, mais é ...?

- Eu quero que você me diga o que a Congada..., o qui é isso, a Congada, prá você?

- Bom ..., então é assim. Aí (2) você já viu que pra mim tem um fundo totalmente religioso, né? Porque a minha mãe me passou exatamente esse tipo de coisa. Ué, eu sou um... ahhh fiilho de São Benedito por promessa.., da minha mãe, qui a minha mãe fez uma promessa prá mim mesmo, né, não era pra ela nada, pra mim mesmo..., qui eu tinha um problema de saúde, que eu quase cheguei a-a a morrer, asfixiado e ela pediu pra São Benedito pra ele, pediu a um santo e esse santo era São Benedito prá que me salvasse, me tirasse da crise i mi fizesse um homem... Então, que ela me entregaria como seu filho. Filho de São Benedito. Então, eu danço por promessa eu sou um filho ou afilhado de São Benedito. Então, essa parte eu respeito demais, essa parte eu respeito demais, porque toda vez que eu tô em dificuldade eu dou um gritinho prá ele. Continuo gritando, apelando por ele e tenho, tenho muita devoção... a, a ele, ele como figura..., né, como figura, uma figura muito bonita, é muito muito iluminada ... é uma coisa que... hum com palavras não tem muita tradução, né, palavras prá figura de São Benedito. Então, é e-eu acredito muito nisso.... E assim, então, (pigarreia)..., (3) por outro lado, por outro lado, levando-se, né, que a gente está no século XXI e que, praticamente todas as coisas né da, do-do homem, da terra, né? Do raiz, da raiz... se torna uma manifestação, se torna cultural então... eu dô a liberdade pras pessoas falarem que isso é uma dança éééé, folclórica cultural, né. É um folclore. É uma parte folclórica, porque tudo o que é do povo si su-substituiu. A palavra folk, o folclore lá que é o popular. Agora, mas continuo batendo na mesma tecla: pra mim é religioso, é de fundo religioso..., que eu respeito muito i... assim,... como eu, como eu tinha te falado fora, né da da agora da entrevista, (4) se eu tiver qui cair no meio da Congada morto, eu tô feliz. Eu vô tê uma passagem, eu vou me desencarnar muito bem. ... entendeu? Então pra mim é o meu coração, é o meu coração, a minha vida, o meu sentimento, é a coisa que tá dentro de mim, tá certo? Ééé é uma coisa, é uma coisa muito pura, muito pura, então... a pureza, é muito difícil você explicar a pureza, né, ah..., (chora em silêncio por alguns momentos, emocionado e cabisbaixo). Me perdoe!

- Imagina!

- (5) O coração ... é minha alma, ... é minha mãe também... (chorando) ... Traduzindo pra você é a força do meu ser..., a força do meu ser. Isso é o que eu sei, o que eu faço, o que eu penso..., a minha gente... A minha gente! Por isso esse sofrimento todo qui antes di começa, di tá falando direto prá você. Meu sofrimento é exatamente esse, sabe? ... (continua chorando em silêncio por alguns momentos). É isso a Congada. É isso! O que eu sou, o o que eu tenho, o que eu fiz. (6) pessoas bonitas como você que vão guardar essa lembrança, vai passar para um outro povo, vai passá pra outras pessoas, pra outras crianças, ...né? A cultura que cê teve, né, teve... de estar dentro, de estar se dedicando, né? É essa coisa bonita, como foi Iracema França, a Dedé, ... a outra coisa também a Dedé, então é uma coisa... muito boa ... muito... muito forte, muito forte, sabe? Muito forte e que, i qui você tenha ... muita força, muita luz... a mão de São Benedito esteja sempre na tua cabeça..., te dando força, te dando muita energia pra que você consiga fazer um, um trabalho qui, né, hã, encerre seu trabalho muito bem, condignamente, sabe? Como você tá fazendo. Porque o que a gente faz, a gente tá o que, uns 3, 4 anos, né, tentando essa etapa de conversar, né, começá né, que ele te ilumine

muito e te dê muita força, sabe? ... Eeita a Congada é você!... Certo? (suspira). A Congada é você! ...que tá fazendo esse tipo de trabalho. Você não vai deixar a coisa cair, nem esmorecer!

- Tomara!

- Entendeu? ...(suspira) Tá bem prá você ou não?

- Tá bem?

- Cê acha que ficou, tá faltando alguma coisa prá você?

- Isso é você quem me diz

- Si você tiver...(7) É, aqui é meu sentimento! (ouve-se a televisão ao fundo) ... Eu, eu não quero 10 mil palavras, eu quero uma palavra e que você,... você..., o meu coração, o meu coração que eu estou abrindo e dando prá você...

- Obrigada!

- ... As outras coisas se você gravou tudo bem... (8) Não modifico uma palavra, eu gravei pra Radio USP, gravei pras, pras outras pessoas, inclusive mais fortes ainda. Que eu virei, num determinado eu virei politicamente a coisa... Eu não admito, sabe, não admito mesmo! Então aqui que eu quero falar com você exatamente isso aqui, que eu fiz agora, aquilo que eu te falei antes. Não mudo uma palavra..., não arredo meu pé dali! ²⁹Não! Entendeu?... Certo?...

- Hã, você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

- ... Gostaria! (9) Eu gostaria de acrescentar que você não deixasse, não deixasse a Ilhabela. Que você continuasse aqui e continuasse com outros trabalhos, porque tem trabalhos de folclórico e religioso que perderam..., se perderam! Por exemplo, busca aa a festa de Santa Rita lá na hã,... no Eustáquio. Já ouviu fala, ou não?

- Não

- Pois que lá também que foi uma tragédia lá também. Era uma família que comandava..., eles derrubaram a capela... da santa... Pergunte! Pergunte pras pessoas, pergunte pras pessoas, faça uma enquete;... Ah, e no Bonete tem a Santa Verônica, sabe, também... bonito também! Uma coisa di, né, aquela raiz, aquela coisa.... né? Entendeu? (10) Então, são coisas que ..., você pode continuar fazendo ...certo? Levantando como fala, né, a gíria, levantando a lebre pro poder público, cultural..., não deixa, né,

- É

- Certo?

- Certo!

- É, e isso que eu tinha prá fala pra você. E e e um grande beijo pra você também, que você é uma figura muito bacana, muito legal.

- Obrigada, **Beto!**

- Certo? Iluminada! Você tem..., você é iluminada naturalmente

- Obrigada

- Você tem luz própria! Não precisa de holofote, não.

Encerramos sua entrevista e ele vai chamar seu filho que está em outra parte da casa para que eu o entreviste também.

²⁹ Ele se refere a conversa que tivemos antes de iniciarmos a entrevista e registrada em diário de campo.

Discurso VII

- Ééé, a pergunta, **Henrique**, é: o que é a Congada prá você?

- ..(1)Éé, tava até pensando que deveria ser isso a pergunta, prá fala a verdade. Ééé, a Congada prá mim... éé, teve dois momentos na minha vida, certo? Uma que eu quis participá, uma que eu aprendi a respeitá os mais velhos na Congada, uma que eu vi meu pai buscá a tradição, buscá sempre mantê ela iiii i a que eu vejo hoje..., que é uma Congada totalmente diferente, onde as pessoas, né, lembram do ego acima de todas as outras coisas. Ééé... a Congada de antes é a que eu me encantei, a que eu me apaixonei,...é uma Congada que era mais pura, as pessoas eram mais verdadeiras entre si, iii e talvez isso também se reflita a verdadeira devoção e o sentido do que era a Congada. (2) Eu não entrei por devoção, eu entrei porque eu quis e porque meu pai me mostrou ali, o ambiente da Congada me encantava... iiii tudo isso né, iii somado ao convite do embaixador, do seo Dito, na época, ele me convidou pra sê cacique. (3) E muita gente fala ah, mas você tá, você começou já no congo de cima, não sei o que. Sim, comecei no congo de cima, a convite do seo Dito que era pra mim ser cacique do congo de cima. Então lá nunca fui pra congo de baixo, não passei por essa experiência di tá em baixo, mais é porque eu ia substituir o Mazinho na época como, que ele já tava maior e tal, então falaram pra eu ser o cacique... mas terminou não acontecendo porque aí deixaram, mantiveram o Mazinho mais duas ou três Congadas, eu também... a diferença de idade entre a gente é relativamente próxima até, lógico éé Mazinho acho que é mais 4 anos mais velho, 5. Pra uma criança ainda tem aquela diferença de idade... e aí veio o Morroi. (4) O Morro foi colocado lá também... Bom, enfim, aí já passou pro Morro direto, nem foi comigo que ficou... (5) Mas a Congada era pra mim, era uma coisa muito mais de sentimento do que próprio de devoção... éé sempre por meu pai tá envolvido, minha família envolvida, ééé..., pelas preservações mesmo da própria raiz da Congada, da cultura caiçara que é uma coisa qui... sempre me marcou. (6) Com o passar dos anos éé, eu fui vendo também a mudança... de posição, de postura, né, as pessoas começaram a não ter mais aquele respeito pelas pessoas mais velhas dentro da Congada..., embora o **Rei** ainda manteve essa relação em sigurá bastante a tradição ali e o seo Dito também, seo Dito de Pilaca, o Dito rei, ele foi uma pessoa assim que, qui eu tenho até hoje como meu avô assim, num tive um avô. Então ele pra mim foi a figura, uma figura... muito forte..., né, tanto que eu ainda mantive mesmo tando lá em Fortaleza, ainda mantive relação com ele, tipo ligá pra ele sabe como ele tava... iiii (7) a Congada, os três dias que a gente tá ali é um universo paralelo, né? Você tá vivendo aquela, aquela emoção, aquela, aquela religiosidade, é quase um confinamento espiritual... que eu fui aprendendo com o passar do tempo. Num primeiro momento é a festa, né, você é criança e tal e você, e depois cê entra com a parte religiosa mesmo, você começa..., no meu caso que não foi por devoção, eu fui aprendendo ééé, a religiar, né, essa coisa da religião dentro da Congada... iiii aí fui aprendendo a, a, incorporar o espiritual também... iiii... éé..., no demais, assim..., (8) ela pra mim... é importante ... no sentido diiii sêê a última peça que eu acho da cultura e da, das tradições caiçaras..., porque o único momento que você encontra na Ilha aquele pessoal mais antigo..., ééé que você tem um contato maior com sua própria família, às vezes, muitas vezes, i que você vê amigos que tão fora da ilha, qui, né, você convive desde criança ali também dentro da Congada, então todo mundo vem prá cá i se junta nessa época. Então, o gostoso da Congada ainda é isso, né, (9) e agora eu volto a falá, ééé, tem tá, num tá tendo respeito entre as pessoas dentro da Congada..., e o que também tira um pouco esse negócio da devoção porque... ooo Deus é uma coisa maior, né? São Benedito ensinou com a humildade dele. É o que eu penso, assim, a humildade é uma coisa muito importante nas pessoas..., né, e infelizmente hoje, e essa é a minha opinião isso aí, as pessoas dentro da Congada não tão tendo humildade, não tão seguindo..., então quando se questiona a devoção dentro da Congada eu fico me perguntando: mas o qui que é a devoção..., em si, da Congada?

Qui que... naonde nós vamos chegar? Si tudo é devoção, tem tanta gente que não tá sendo devoto..., porque o coração da gente é que diz ... A fé é uma coisa da cabeça, sabe, do coração, é uma coisa que muitas pessoas ali nem sabem a verdadeira fé. Às vezes tá ali por uma devoção que lhe foi imposta talvez i ela fica presa porque num sabe se aquilo é ou num é dela, entendeu?... Ééé e assim eu acho que muita gente hoje só está na Congada muito mais até pelo, por esta questão “ah, fui colocado pela devoção do meu pai ou da minha mãe e eu tenho que cumprir isso porque se não eu vou voltar, então tipo, tem como uma escravatura e não como uma coisa liberta, né, uma coisa de próprio coração, de própria mente aberta.... iiii tem (10) a Congada é ampla, não é só os congueiros, né? Eu acho que é bunito vê o trabalho da Ucharia, embora eu não esteja tão dentro da Ucharia, mas eu vejo que por mais que já tivesse... Esse ano eu senti uma união maior, né, uma liderança de uma certa forma, mas uma liderança qui ... não tá se impondo, é uma liderança qui tá sendo construída, né, i eu acho qui isso também ééé, lideranças que não são impostas. Porque a liderança, se é liderança não é imposta, não é por imposição e sim pur ... pelo grupo, né, ali pela..., é uma coisa que é trabalhada ... então a Congada também perde um pouco nisso, assim, da parte dos congueiros. Meu sentimento, eu qui estou falando. ... Ééé, a imposição não é legal pra ninguém. O legal é se construir dentro de um grupo uma determinada liderança i dali sair o Rei, sair o Embaixador e sair os, as principais peças, né? Pelo respeito, pela união, mais do que pela imposição. E na Ucharia já tô sentindo que essas lidera, liderança foi um pouco construída também... Foi se construindo com o passar do tempo, não é? E uma liderança que eu vejo que está aberta a receber, a agregar, né, a ter esse carinho com as pessoas, e eu gostaria que isso também tivesse na Congada. Então a Congada, (11) eu gostaria muito ainda de ver a Congada as pessoas trabalhando pelo amor na festa, né, trabalhando pela... e não só pelo egoísmo, pelo egocentrismo que tá rolando, entendeu?... Assim, entender realmente qual é o verdadeiro sentido, qui pra mim é esse o sentido. Quando você perguntou da Congada, o sentido é olhar pra São Benedito, olhar pra Jesus Cristo e vê o qui que eles mostraram pra gente... e a gente passá isso prás pessoas...né, e não ficá só na teoria, né, não só na bíblia., Lá no livro lá, o livro diz isso, isso e isso. Não, não é isso..., né. A gente tem muito mais do que aquela interpretação que muitas vezes qui levam as pessoas a cometer coisas que você, né, nem imagina. Num tá dito lá que você tem que julgar ..., mas as pessoas julgam dentro da bíblia, acham que ali tem um certo julgamento daquilo, e não é. Já fala que você não deve julgar ninguém... é só um ensinamento e as pessoas tem que aprender... a devoção ali, a religiosidade, que é isso que eu, pra mim é a Congada. O sentido da festa é São Benedito. Se São Benedito tá lá pra gente louvar e a gente fazer a devoção, né. E quem louva a São Benedito é porque tá lá pra pros ensinamentos, pra mensagem que ele deixou, pelo bem qui, pela mensagem total. Então acho que é isso que é a Congada. ... no meu ponto de vista, apesar de eu ter sido, não ter sido devoto, mas aprendi a fé dentro da Congada... é isso! (ri e em seguida fica em silêncio por alguns momentos).

- Tem alguma coisa que você gostaria de, de acrescentar?

- ...Ah, acho qui... pra acrescentá assim... (12) é porque é tão, é tão difícil, tão amplo ... Eu tô com um sentimento pelo que eu vi esse ano na Congada... é um sentimento meio diferenciado, sabe? Acho que eu, quando eu vejo a Congada ...e acho que também é muito do mundo também. Isso que eu tô falano, né, esta transição que nós tamo vivendo, né, de um mundo que não tinha muita informação, pra um mundo que tem ééé... informação o tempo todo na cabeça das pessoas, né, i eu acho que isso também, as pessoas ... até brinquei outro dia que parece que a minha geração, né, ali dos anos 80, né, pegando uma parte até dos 90 ali, alguns de 90, nós somos uma transição, né, do mundo, da não-informatização prum mundo informatizado. E às vezes a minha geração até mesmo tá muito perdida com relação a como lidar com situações de qui a gente tem que vir do passado e trazer pro presente, entendeu? Conciliar um pouco isso iii eu vejo que a Congada ... éééé ela tem que aprende aaa a ...

mostrar um pouco disso pro mundo mas não perdendo a essência. Eu acho que é o grande desafio da Congada, hoje. Ii e (13) esse ano lá o pessoal não teve Congada Mirim, né, “ah, mas não teve criança”. Então, mas onde o qui qui qui, qual o objetivo da Congada Mirim ? Não é fazê essa devoção ... a Congada... é aí é qui tá, talvez o ponto chave que eu ainda também minha cabeça ainda gira muito, sabe? Porque (14) eu não sei até onde a Congada vai sê devoção e até onde vai sê folclore..., né? Onde vai fundi. Em algum, em algum momento já tá fundindo um pouco, né, por exemplo, tem muitas pessoas que vem de fora que gostam da Congada e estão incorporando a Congada... Então..., ééé mesmo elas não tendo uma certa ligação com a igreja católica, elas tão lá participando..., entendeu? São ativas i eu nunca vou poder chegar pra alguém que vem de fora e fala assim “ah, não, você não vai participar...”, entendeu? Você não é, você não é nem católico, você não tá dentro de uma igreja 24 horas ou..., mas a pessoa, ela tá com, o sentimento dela tá puro em querê ajudá ali. Então, como é que eu posso chegar pra essa pessoa e mandá ela saí da Congada. Não é assim as coisas. Acho que a gente tem que conversar, e mostrar o que é a verdadeiramente a festa, mas a gente só pode mostrar o que é verdadeiramente a festa se a gente tiver com sentimento ...limpo, puro de amor por aquela pessoa que tá ali. E não vai ser expulsando ela que a gente vai resolver um problema ou... e a festa vai minando. Porque? As pessoas em vez de agregar, as pessoas vão querer... fugir da festa. Falá: Pô, mas qui é isso, né? ... Iiii (15) por isso que eu falo, a transição, né, do que, isso é globalização ... então as pessoas vão se agregá porque elas vão conhecer a festa i elas vão tá vindo, elas vão tá tendo informação sobre aquele assunto, vão tá rezando, então, assim, eu acho que o grande desafio da Congada éé essa transição desse tempo que tá aqui. A gente tem qui... não perder as características, manter as características, mas sabendo também como lidá com essa nova geração que vem. (16) Congada Mirim tem que ser feito um trabalho, entendeu? Folclórico num primeiro momento, assim como eu acho que eu também fui um pouco pelo lado folclórico e depois eu fui aprendendo a religião, fui aprendendo a arte, né, de religiar, junto com os congueiros iiii é este trabalho... que deve ser feito com a Congada Mirim. (17) Vamos nas escolas, vamos fazê uma, de repente motivá prá que tenha uma apresentação nas escolas, os congueiros indo fardados explicá, sei lá, alguma coisa que a gente possa junto, em conjunto, chegá a um consenso que aquilo é legal, de interessante di fazê... e não um ou outro tomá uma decisão e tentá impor uma decisão mesmo que fale assim “ah, eu penso dessa forma, deixo pra vocês decidirem”, entendeu? Mas já influenciando a forma com que os outros vão trabalhar..., né, e decisão tem que ser feita com amor e com com uma, um certo senso crítico também, mas acima de tudo a gente tem qui respeitá todas as características, de todas as pessoas, não só é o que a gente pensa, o qui que a gente vai fazê, o qui que a gente quer impor, tem que respeitar as características... eu acho que é mais ou menos essa a minha linha de raciocínio dentro do que a Congada pode apresentar e o que a Congada ainda pode nos oferecer, entendeu?... (fica em silêncio por alguns momentos)... Alguma dúvida ainda? Alguma pergunta? (Ri)

- Não, minha pergunta é o que a Congada pra você.

- É..., é isso! ...

- É, você falou ...falou algumas vezes, sobre a devoção que liberta e a que aprisiona.

...você podia falar um pouquinho mais sobre isso?

- ... Ah, (18) a devoção que liberta! A devoção que liberta eu acho que é aquela quiiii você tá aberto, né, a receber aquela, aquelas outras pessoas, aquelas outras informações, que você aceita as pessoas como elas são, né, iiii... por que eu tô falando isso? A devoção que liberta não é aquela que, por exemplo, lhe é imposta por alguém. Você aprende com a devoção o que você pode ser na vida. Já a devoção que aprisiona, é aquela que ela é imposta e você tem que ficar na, na, naquele modo, naquele pensamento porque ééé aquilo que uma outra pessoa acreditava... e que você passa a ter que acreditar também. E aquilo não é um sentimento puro, né? Então é por isso que a devoção que é liberta é você tá, você tá aberto, né,

pra receber éé... a Deus, a Jesus Cristo, a São Benedito, assim como outras devoções também que as pessoas tem. Então eu acho que, que a liberdade, você tem que partir de você. Já a aquela que não é, que é imposta ..., que é..condicionada, éé, você não é verdadeiro, você passaa a tá ali como um simples boneco, um enfeite i quii as pessoas vão olhá pra você e talvez você vai esbravejá, vai sê um cara qui, sabe, vai ter menos participação, não vai tá ajudando de coração, i aí você termina que você mesmo si éé como é que fica? Fica preso a um sentimento incubado, uma coisa assim qui, que não vai pra frente, entendeu ? E aquilo também até atrapalha, no meu ponto de vista, a própria Congada, porque pessoas assim, não vão gerar um sentimento positivo sobre aquela determinad... eu acredito, apesar de acreditar em São Benedito, em Jesus Cristo, mas eu acredito muito em energia. Então, se a gente bota uma energia ruim, a gente começa a voltar, regredir, a gente não vai prá frente, entendeu? Então é, é muito melhor a pessoa chegar e falar “ eu não tô na fé!” Não tô acreditando, mais ... eu gosto da Congada. Às vezes acontece isso... A pessoa finge que tá lá com devoção e não é devoção. Ele tá lá pela Congada, pelo, né, pela festa. Só que ele tem medo de falá. Tem medo de expressá, né? Então, ele fica preso naquele sentimento. Ou si, por exemplo, ele num qué tá lá, então melhor que ele não esteja, deixa ele num sentimento puro. Que as pessoas não venham julgar ele por causa do do desse tipo de fé ou... eu acho que é muito mais o sentimento da pessoa do qui ..., né. Então, pra mim, essa é a diferença da, do sentimento liberto aí, né, da devoção de liberdade e uma devoção mais presa mais, mais, mais que lhe é imposta por pai, por mãe, por avô, né. Por promessa, né, uma devoção prometida ali... (sorri para mim)... É isso!...

- É isso! (Rimos). Obrigada,**Henrique**. Obrigada mesmo. Adorei. Adorei sua entrevista, a de seu pai... foi, foi... fantástico! Obrigada! Obrigada mesmo!

Discurso VIII

- A pergunta, **Eliana**, (a televisão ao fundo está ligada) é o que é a Congada para você?

- (1) Congada pra mim? ... Aai, não se..., é, é tipo uma entrega, sabe assim, de devoção mesmo, di... Na verdade, assim, eu comecei a Congada porque ... eu vinha quando eu era criança com a minha, minha avó também. Depois assim eu nunca fui muito de vir na Congada. Mas quando eu fiquei grávida de **Vermelho e Dourado** que eu vi a imagem de São Benedito assim, eu senti uma emoção... e eu só prometi prá ele que se fosse minino... ia ser congueiro. Aí a partir daquele momento, assim, a Congada éé, prá mim a Congada é uma devoção, é uma entrega pra pra São Benedito, é uma entrega pra deus, eu me sinto realizada, emocionada, cada vez que vejo meu filho na Congada. Até me emociona (ri com os olhos com lágrimas). É uma coisa... (2) Pra mim é, assim, uma coisa importante. Prá mim é muito importante na minha vida e prá vida dele, a Congada pra mim. Não é só a tradição, não é só a beleza. Porque a gente fala: “Ah é a tradição, que é cultura”... Pra mim eu não vejo como cultura, eu vejo como religião... (fica em silêncio por alguns momentos). Mais alguma coisa? ... (3) Eu defino isso só, prá mim é isso: éé emoção, éé religião, ééé... é, não tenho mais o que falar. Pra mim define isso: religião i a emoção. O amor, acho que a entrega, o amor assim sabe, pra, de vê o meu filho ali na Congada... acho que traz tudo qui-qui que significa mesmo. Que prá muita gente é só uma festa, né, folclórica, mas prá nós não. Prá nós é religião mesmo (um cachorro late ao fundo) ... Ai (4) olha, me dá vontade de chorar, porque eu lembro do dia que eu fiquei, que eu vi a imagem assim que eu senti uma emoção grande e toda vez que eu vejo o **Vermelho e Dourado** na Congada eu me emociono... eu sinto que é verdadeiro dele, um sentimento verdadeiro, sabe assim? (5) Eee peço a Deus que dê muita saúde pra mim acompanhá ele até eu ficá velhinha ali, vendo ele pulá a Congada porque ele é devoto, fervoroso, é dele, num tem influência, num tem nada, é dele mesmo. Dele, sabe, a entrega di-di acordar cedo, de ir pular a Congada. E (6) eu tenho orgulho, eu tenho um monte de roupinha dele, né (ri). Tudo feita, tudo guardada as ropinha dele, desde piquinho... De emoção assim, me faz bem... Tá bom? Não tenho mais nada para falar (está muito emocionada e chora)... Ai,... pergunta alguma coisa (rimos)

- Minha pergunta é essa, é: O que é a Congada para você?

- É isso aí! (7) Depois você vai editar isso, né?... (está muito emocionada e enxuga seus olhos) Então não tenho mais o que falar é isso mesmo. (8) Essa entrega de amor, de religião deee, essa emoção que eu sinto... é isso aí. Para mim é isso Congada!... Não é cultura, é religião... (fica em silêncio por vários momentos emocionada)

- Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

- Não, acho que não, não mesmo, só isso mesmo. (9) Num tem o que falar além di-di do qui que é. Mais grandioso que amor e religião, entrega. Entrega di- di pra São Benedito. Ele pra mim é um santo que é milagroso, que cuida do meu filho i qui.. nós vamos ser devoto até o final das nossas vidas... Congada é a festa de São Benedito...é religião... é isso pra mim... Só!...

- Você falou várias vezes sobre religião. Você podia falar um pouquinho mais sobre isso?

- ... Ai, como assim?

- De que religião você fala?

- (10) Eu falo assim, que a gente é católico. Éé no que eeu quero falá de religião muitas vezes as pessoas “Ai isso é cultura!”... Não! Pra m, pra mim não é cultura! Pra mim a gente tá ali porque a gente é devoto de um santo, a gente éé católico e a gente é devoto dele. É por São Benedito a gente tá ali. É por São Benedito qui qui que é, existe a Congada. Então, e eu acho é, meu filho ele é devoto de São Benedito, e através da minha gravidez e de vê ele

nascendo congueiro, porque já nasce congueiro. Não se faz congueiro, congueiro nasce! Ele já nasceu, porque desde pequenininho ele já andava com a espadinha atrás. Aí a gente vai... a fé vai crescendo! Então da religião que eu digo, assim. Da fé crescê, de você vê teu filho tão pequenininho ali entregue a uma dança que ele não sabe nem o qui que é mas que ele passava a semana pulando, e cresceu e hoje com 14 anos continua com a mesma vontade sabe, di di pulá a Congada, di de se dedicá, di-de rezá prá São Benedito, de tudo qui ele vai fazê é pidí prá São Benedito ajudá. Então essas coisas prá mim que eu digo, religião é isso. Por isso que eu falo que é religião. Não é cultura, não é uma dança prá se exhibi, não é uma, um tiatro como o pessoal fala qui é teatro. Não, não é tiatro!... É uma dança em homenagem, é a festa de São Benedito e é religião... É isso aí. Não tenho mais o que falá. Por mim é isso! Tá? (ri). É isso aí!

- Então é isso...

Discurso IX

- A pergunta é: O que qui é a Congada para você?

- A Congada prá mim?

- É!

- (1)A Congada prá mim é muito mais do que apenas dançar, do que apenas ir no dia.

A Congada acontece o ano todo ii prá mim, mais o que me motiva realmente a pulá é por devoção à São Benedito... Nada mais! A festa é uma coisa. A festa é em devoção a São Benedito. Isso que prá mim é a Congada... (2)quando eu era pequeno eu não entendia direito, eu gostava por gostar. Mais aí quando eu fui crescendo iii com os ensaios e tal. Depois de entender melhor éé o qui que era a Congada que eu fui gostando, me apaixonando cada dia mais. Essa é a razão de me motivá a cada ano tá lá pulando. É o, minha devoção, não porque eu quero lá prá ta aparece. Assim como eu, várias e várias pessoas estão lá pelo mesmo motivo, pela mesma causa iiii u... Minha mãe, ela diz que ela fez uma promessa pra São Benedito, que eu ia sê congueiro dele mais, só por dois anos. Só que aí eu comecei a gostá e por conta própria quis ficá mesmo e agora todo ano eu tô lá e todo ano ela tá comigo...é isso que a Congada é prá mim... (fica em silêncio por alguns momentos e ao ver que eu o olhava me pergunta: O que foi?

- Nada...

- Não, então, acho que não tem mais o que resumir o que é a Congada. Acho que eu resumi bem o que qui é ... Prá mim, você perguntou o que é prá mim

- É, prá você!

- (3)Porque pros outros eu não sei. Porque prá mim é isso! Apenas isso!. Acho que acabou, né?

- Não sei, isso quem me diz é você...

- Não, então, é uma pergunta. É, tipo, se fosse várias até tudo bem, mas é uma pergunta...

- É só uma pergunta, só ela. Só essa pergunta.

- Então (4)... Congada prá mim, eu tô lá pela devoção. É só isso que a Congada é prá mim... tipo, eu não sei explicá muito bem, definí muito bem. É qui só dá prá explicá direito quando cê tá lá, intendi? Que nem, tipo, é um negócio que muitas pessoas esperam o ano todo... Qui nem, é o momento mais aguardado do ano todo prá mim. E, tipo, passa mó rápido... Iii..., eu acho qui é isso.(5) Eu num, num tô lá só por causa quii, tipo, minha mãe me mandou ir ou porque... éé eu tô indo lá prá aparece, ou qui nem uns colegas meus falavam qui iam lá só práá comer... na Ucharia (ri). Alguns iam, diziam que só por causa qui a mãe tava obrigando a ir. Não, eu não vou por causa disso! Eu vou porque eu quero tá lá, porque eu me sinto bem naquele ambiente... Ii eu acho quii a cada ano que passa eu gosto mais e mais e mais. Eu acho que é uma coisa que eu vou levá prá minha vida inteira i qui eu nunca mais vô querê pará de fazê. Nem quando eu não aguentá mais pulá, quando eu tive bem velho, né, mas pelo menos eu vou prá pelo menos vê, né?... Eu acho quii é isso que é a Congada prá mim. Eu acho que eu nunca vou deixá de ser congueiro, por nada nessa vida... Eu acho que a entrevista acabou .

- (Rimos por sua pressa em encerrar a entrevista) Então você acha que já acabou. Então, tá. Ééé, você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

- Sobre?

- Sobre isso.

- Não, acho que não. Acho que eu consegui resumir bem o que eu queria falá.

- Não precisa resumir...

- É que eu não sou uma pessoa de muitas palavras, não gosto de falá muito.

- Não? Vou te fazer mais uma pergunta. Você mi falou que você começou, que no começo você ia i que depois você foi aprendendo.

- Sim

- Eu queria que você falasse um pouquinho mais desse a, desse “aprendendo”.

- É qui nem. Porque (6)quando eu, eu ia era minha mãe que me levava, eu tô dizendo quando eu era pequeno, um ano. dois anos. É, eu não entendia muito bem. Tipo, eu não entendia porque não devo lembrar de muita coisa, mas aí quando eu fiz 3, 4 anos e eu comecei a entender mais, minha mãe foi explicando que eu..., porque qui acontecia a Congada... Aí (7)eu comecei também a entrar na Congada Mirim... Aí lá, tipo, éé, um dos meus primos, ele que dava o ensaio, aí ele me explicou melhor. I, tipo, vários dos meu primos que pulam Congada também me explicaram, ii, tipo, eu já gostava! Eu ia mais pela... porque eu gostava. Só que depois que eu aprendi um pouco mais sobre o que qui é, sobre o que representava a Congada foi aí que eu comecei a gostar mais ainda. Quando eu tinha 1, 2 anos acho que eu devia ir porque eu achava legal i porque já estava dentro de mim, mesmo sem eu saber. Mas aí quando eu comecei a ir para a Congada Mirim ii minha mãe e os outros, os adultos realmente me explicaram o qui, o qui, porque qui eles fazem a Congada, por, o que a Congada home, homenageia quem, quem ela homenageia, aí eu comecei aaa gostar mais porque, tipo, porque aí eu comecei a vê, i eu comecei a pesquisá, pesquisar não, a perguntar quem era São Benedito, o que ele fez e tal ... e me apaixonei pela história de vida dele e tal e eu comecei a querê continuá aa, esta tradição nossa. Tipo, e porque (8) eu sempre gostei desde pequeno, porque... eu tava lá, e lá eu me sinto bem. É, tipo, é um lugar que eu vou, é o lugar que eu me sinto melhor no ano todo... é, tipo, a data, como eu já disse, é a data que eu espero o ano todo, tipo, quando começa é ótimo i, tipo, e acaba tão rápido... Acho que é isso, tipo, por isso que eu quando você disse porque eu comecei a gostar mais i me interessá é por causa disso... Eu já sabia! Quando eu era pequeno eu ia mais, tipo, eu ia sem sabê, porque, tipo, eu já gostava mas eu não sabia o que qui era i, tipo, quando eu comecei a saber melhor sobre o qui que era aí que eu realmente me apaixonei de vez... Ee é isso. (9)Acho que tá no sangue de cada um, né? Que nem meu primo pequeno, ele é exatamente como eu. Tá lá, mas acho que quando ele crescê e entender melhor também, acho que ele vai gostá mais ainda ...acho que é isso (sorri)... Acabou?

- Você quem me diz...
- Eu acho que sim! Não tem mais nenhuma pergunta?
- Não, a pergunta era só só essa mesmo.
- Então, acabou.
- Acabou?(ele acena com a cabeça afirmativamente). Então acabou!

Discurso X

Começamos a gravar e depois de alguns segundos percebo que o gravador não funcionava. Reiniciamos a entrevista.

- Um minuto, não tava gravando. Eu vou fazer de novo a pergunta, tá? O que é a Congada prá você?

- Ok! É ..., a Congada, eu tenho 49 anos e (1) desde que eu me conheço por gente, né, a gente vê e se deslumbra com a Congada ... a gente sente uma energia com relação à Congada ééé... vive por, por conta da fé dos congueiros, por conta da procissão, a imagem do santo, a, a atuação da igreja, o envolvimento dos caiçaras. Então, acho que essa imagem que eu vejo da Congada é, eu (gagueja um pouco),(2) esse evento ele é um místico de de dança, de canto, de emoção, de devoção, de promessa... ao santo, de agradecimento por por ter de repente alcançado a graça do santo i isso, como a Congada já perdura a 200 anos então eu acredito qui ééé cada caiçara, cada pessoa já da antiga como a minha mãe, a minha avó, elas tiveram a mesma impressão. Naturalmente que a Congada lá no passado né, um passado de 80 anos atrás, 60 anos, né, uma coisa assim mais breve que até do que a idade dela ééé talvez in a coisa era mais simples, né, os congueiros dançavam descalços, era uma roupagem mais simples, tinha menos glamour, mas eu tenho certeza que menos envolvimento, menos, menos, menos fervor não tinha. Então ééé (3) e ela perdura e eu, eu ainda acho que Ilhabela assim não consegue enxergar ééé quando chega o mês de maio e a e a segunda quinzena de maio não, não haver a Congada. Eu acredito que isso aí não deva acontecer...(4) ou pode acontecer se as pessoas não forem cuidadosas com a Congada, mas eu acho quiii qui (5) a cada ano que qui passa as pessoas tem um cuidado maior, um envolvi, um envolvimento maior. Como todo elo cultural depende do envolvimento das pessoas em algum momento que isso fica um pouco frágil ou dá uma, dá algumas baixas, né, porque as pessoas nascem e elas vão embora mas aí acaba ééé meio que estimulando, sabe, ééé, fortalecendo as pessoas e aí elas pegam com muita garra novamente e a coisa vai se perpetuando, né? Ééé.(6) eu danço Congada por conta de qui... e comecei, e comecei tarde. Eu comecei com 36 anos, né. 36 anos? Não, acho que 37 anos, iii mas eu só comecei porque eu realmente tinha um elo com a Congada. Primeiro que meu nome é Benedito, Benedito Augusto... dos Santos e a gente sabe qui foi promessa pro santo, mais ééé,(7) a minha mãe, dona Helena, ..., ela, ela ela tinha guardado uma espada ...é, da época... a espada pertenceu ao pai dela no caso, o meu avô, um senhor chamado Antonio Carlota, que era um congueiro do passado e que tinha, como outros congueiros baluarte de Ilhabela, uma espada que a gente não sabe a origem mas ela tem o brasão da família real, ela tem o P II, que é Pedro II, é a espada que eu danço. Então, quando ela me contou essa história e disse que, qui tava guardada a 30 anos a espada, e que ninguém da família quis dançá, ou pegou afinidade com a Congada... e como eu sempre acompanhei de perto e aquilo me emocionava, eu falei si ela, si ela permitisse, eu gostaria de dançar com a espada, pedi para os líderes da Congada, e eles acharam qui, ficaram... Disseram o seguinte prá mim: "A, a Congada fica honrada da sua participação!", né, iii, i então eu comecei ... só que eu já tinha colocado meu filho Iago pra dançá. Então, quando eu comecei, o meu filho Iago, que era uma criança ali di, ele ainda é uma criança de 16 anos hoje, mas quando ele dançava, ele devia ter aí 8, 9. Então, eu já ia acompanhar o meu filho na Congada e acabei dançando junto com ele. E cada, e (8) dentro da Congada você sente a energia diferente..., né, aquela coisa realmente quando você canta ali, embora seja uma..., um, é um, é uma coisa com devoção, mais é uma grande peça teatral, é um negócio bacana e que você não precisa ser um artista pra fazê. ...as pessoas fazem com o coração. Existem congueiros qui, qui dão embaixadas. Embaixada são as poesias que eles falam, sempre um texto rimando em louvor ao santo Benedito, mas que são caras calados e que às vezes nem são muito ééé, são comedidos, né, são quietos, mas na hora da Congada se ele tiver que dá um discurso ele vai dar iii falando com o coração e com sentimento. Então, pra mim, a (9) Congada é algo qui

divino, sagrado de muita luz, que tem muita fé, pra mim é sagrado, né, e a imagem que eu tenho da Congada é essa. (10)Éé um evento que envolve a fami, as famílias por agora já centenas de anos, no caso 200 anos i qui... como foi esse ano passado houveram acontecimentos, mais uma vez a Congada de São Benedito de Ilhabela perdeu membros que não só dançam Congada mas, (11)a Congada é um contexto assim: tem a Ucharia, que é a comida, a Ucharia... da Congada é a comida ofertada para o rei, né, então num nã, seria meio complicado ter a Congada e não ter a Ucharia, que é a comida que se serve para, para os moradores e quem quer que esteja no município, eu não sei porque mas aquela comida rende, rende, se aumentá prá quatro mil, 5 mil, 10 mil, acho que ainda vai ter comida, é um negócio inexplicável... iii... e assim não exis, não consigo enxergar a Congada, apesar de ser um rapaz jovem ainda de quase 50 anos, mas não consigo enxergar a Congada sem a Ucharia e outros fatores que perti, pertinentes à Congada. (12)Então, quando falece alguém da Ucharia que corria atrás daquela comida, como o caso que aconteceu em 2016, a nega Malu, às vésperas da Congada, era prá pra dá um baque, né, pra fragiliza aquilo ali tal, mas ao contrário..., impulsionou! As pessoas... até se envolveram mais ii aí foram mais guerreiras i fizeram isso. Assim como a perda de grandes congueiros também, pessoas marcantes na história de Ilhabela. Então, a (13)Congada prá mim é algo que agrega, as famílias ééé mantém... uma tradição caiçara, né, di di di longa data i é quando, talvez a festa que mais reúne caiçaras nativos de Ilhabela ao mesmo tempo em um lugar comum. Não há, é assim, os caiçaras são a grande minoria, a grande minoria da população hoje em Ilhabela. Não sei em percentual, se são 10%, ou 5%, i o restante são pessoas migrantes, né, di todo lugar do mundo, do mundo não, mas do Brasil. Tem do mundo também! Iii aí nessa hora, esse povo aparece de todos os lados, até aqueles que foram embora pra Santos, ou outros lugares, vêm, né, iii é isso que prá mim é a Congada. Congada é, é um negócio qui tem ééé contos... Você consegue visualizar uma parte pequenina do significado, mas a essência mesmo, ooo a Congada é misteriosa, ... ela esconde fatos qui qui são inexplicáveis, né, iii ... é muito complicado entender isso, né, muito, muitas situações i depoimentos já ficaram com pessoas qui já faleceram, mas prá mim, Benedito Augusto dos Santos, hoje Secretário de Cultura de Ilhabela, (14)é a primeira vez que existe um secretário, na existência da Secretaria de Cultura, e da Fundaci, um secretário negro, congueiro, né, então que isso seja..., mas é um acontecimento diferente, nunca houve antes, i eu me senti bem tranquilo de ser o secretario porque, o secretario ele, ele tem um envolvimento direto com a Congada, porque trata assim, trata-se da da manutenção do, não do resgate, porque a coisa já, já acontece, mas da manutenção, do apoio a essa cultura di ... da Congada, né, então eu tenho, tem que se envolver i eu mi senti assim... ééé bastante tranquilo porque os congueiros, eles mi, mi aceitaram com muito respeito, eu consegui participar da opinião de todos, coisa que às vezes ficam só entre eles mesmos eu tive acesso inclusive a grupo de whatsapp, né, hoje a coisa mais moderna, globalizada, então os congueiros tem grupo de whatsapp. Então ali se discute tudo o que é de interesse da Congada i foi a primeira vez que um Secretário de Cultura, até porque a Congada, através da sua, da sua, da su, sua organização, né, que é a Associação dos Congueiros, ela não permite muito a influência do político, aliás, nenhuma influência. Eles não gostam de associar política à Congada. A prefeitura ajuda, a Secretaria de Cultura ajuda, a Fundaci ajuda, né, mas efetivamente não decide as coisas pela Congada. Então, secretários e prefeitos não, não decidem nada da Congada, quem decide são os congueiros mas eu tive o privilégio de participar do grupo di whatsapp deles como Secretário mas com certeza por ser congueiro. Mas evidente que eu era Secretário, e eu pude opinar, pude dar uma opinião com coração de congueiro mas sendo Secretário. (15) A Congada pra mim é algo ééé ..inexplicável. Apenas a devoção a um santo, à imagem de um santo... e há indícios e contos de verdadeiros milagres, né. Enfim, ééé é um ato de fé..., de amor, né, de devoção mesmo. É isso que eu vejo que é a Congada! ... (fica em silêncio por alguns momentos). Ok? Então (16)pra mim acho que esse é meu posicionamento,

né, minha visão assim, né, da Congada... É isso, é algo inexplicável, você vai sempre achá algo pra falá. todo mundo vai falá tudo o que pensá e vai ter mais alguma coisa pra falá porque éééé... porque é um mistério efetivamente. Tem coisas enigmáticas na Congada. Sentimentos, acontecimentos inexplicáveis, éééé ... Enfim,(17) a família qui, que cuida do mastro, do mastro, né, qui qui qui é colocado na sexta feira que antecipa a Congada i qui fica, qui eleva a bandeira de São Benedito, né. Então tem a família que cuida disso, e aí o envolvimento da família qui fica ali cuidando por sete anos ou mais, 10, né, enquanto eles, podem ééé, eles enfeitam às vésperas da Congada mas eles guardam este mastro, eles decoram todo ano, durante anos e também com certeza é por alguma promessa, né? Então a coisa é..., (18) não é um teatro, não é apenas uma dança, é, é um ato de fé mesmo, de devoção. A Congada é um ato de fé e devoção quiii eu acredito que vai sê muito difícil acabá, terminar. É isso que eu penso... Ok?... (fica em silêncio)

- Éééé, você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

- ... Sobre a Congada?

- Sobre a Congada.

- ... Bom, acho qui, (19) acho qui o que eu falei expressa meu pensa, meu pensamento, né? Naturalmente que eu não sou o dono da verdade. Com certeza éé outras pessoas... tocariam em situações diferente, em situações diferentes, né, em ve, verem, as pessoas verem a Congada naturalmente cada um de uma forma diferente, né?... Mais, iii..., mas a essência não muda... ééé..., acho que não tem, não tem! (20) A Congada vai se explicando por si própria a cada um, né éééé é complicado entender, né, assim essa coisa do do ... As pessoas demoram pra entender o papel do Embaixador, o papel do Rei, né, ... éé esse confronto, né, que tem uma explicação simples, mas o gostoso é que ninguém ouve... o que eles falam. O diálogo, ele não, ele não é microfonado.... e ele nunca foi gravado na sua íntegra, né, os bailes... pra alguém fica estudando e entendendo, né, ou decorá a fala. Não sei, eu acho que não tem ninguém que saiba decorá na íntegra as falas da Congada, ou tenha aí esse registro, eu não sei. (21) Ou pode ser que tenha, porque é tão fácil, é só ficar gravando ali o tempo todo, qui vai tê, né, um material assim. (22) Mais, com certeza... o fato de não entender é qui desperta essa curiosidade, a pessoa fica ali pres, prestando atenção e aquilo é repetido anos e anos e anos e anos e, como não tem uma audição nítida assim ou microfonada, então fica aquele mistério, qui “Eu não entendo o que eles falam, não entendo o que eles falam”. (ri). Éé, acho que isso é tudo, pra mim, né?... (fica em silêncio por alguns momentos).

- Você falou, ééé..., várias vezes sobre a essência, ... e o mistério da Congada. Ééé, você podia fala um pouquinho mais sobre isso?

-... Mistério...? Então!..., (23) Essas espadas, uma que até eu ostento lá, danço, é um mistério, né? Como que que chegou essas, essas espadas ...? O finado Zé de Alicio, o saudoso Zé de Alicio, né..., acho que seo Dito de Rosa, e tantos outros que possuem esta espada que qui é, você vê que é um objeto de relíquia, né? Então, como qui estas espadas chegaram na Congada? Ééé..., a questão... (24) pode ter acontecido da comida ter acabado em algum dia..., né, mas ééé... tudo às vezes cai no descrédito..., né, as pessoas não acreditam, acabam não incentivando, acabam não colaborando. Mas isso não, nunca aconteceu com a Congada de São Benedito, então, hoje ela pegou essa... essa cultura di, na questão da Ucharia, não, não é comida, Ucha Ucharia, e aqui vem tanta gente, não tem como mensurar isso, não tem como... a não ser qui falasse “Vamos atender até “x” pessoas e depois acabô, chega, já era”. Não, ninguém estabelece isso. Todavia todo mundo sai satisfeito e as doações nunca terminam e a Congada não perde essa credibilidade. Qualquer coisa hoje é passivo de dúvidas, né, e a Congada não. Talvez pelo lado do envolvimento da igreja...(25) Mas até mesmo um movimento de igreja, às vezes, ééé, culmina pra um fator ou outro negativo... Congada, não! Ééé... eu... eu vejo que ..., eu acho assim éé mistério, né? Mistério é coisas que você não consegue desvendar, né? (26)... Existe algumas coisas que eu gostaria de falá, mas eu, é

complicado, porque é uma coisa assim que você éé... não pode ter um domínio. Se é um mistério, eu não posso dominar, eu tenho que ficar sempre aprendendo, olhando, né e não entendendo! Então eu digo que é um mistério porque você olha, olha e alguns fatos da Congada, algumas coisas que acontecem, que se repetem, você não consegue entender como qui aquilo acontece. Então é um mistério, né, ... ééé enigmático, sinistro. Éé... agora se você fala de um milagre, não isso aconteceu e eu sei de um depoimento assim em que a pessoa teve lá uma graça, uma benção, então já é uma coisa ... didid fé, de religiosidade, né, uma coisa de devoção, e a fé move montanhas. Mas eu falo de coisas assim di-diferentes, misteriosas mesmo, né. E eu sei que isso acontece na cabeça de um monte de gente, né? Eu acho que uma coisa quando você entende ela, você acaba entendendo o que significa ela, chega um tempo que você pará, “ Ah, eu entendi, tá bom! Acabou!” Não tem mais o que acrescentar, é aquilo ali, tal e você pode até chegar numa conclusão que ... que você poderia ter parado antes, deixado de se envolver um pouco, há mais tempo. Mas a Congada ela é um negócio que a pessoa vai ficando, por devoção, por fé, ééé, um sentimento que eu não sei se todo mundo sabe explicar. Então, prá mim, eu prefiro colocar como ééé, um acontecimento qui a gente sabe contá, a gente entende assim grande parte assim da manifestação ..., a gente sabe que é uma tradição, a gente sabe o que teve, que já acontece a “x” anos ..., mais efetivamente..., há muita coisa pra se explicar e quando você tenta explicá uma, acontece uma outra, então.... aí (ri) o mistério continua! É isso!... Tudo Bem?

- Tudo bem! Pra mim está ótimo.

- Então, tá...! Ééé não é ... Bom... (27)fico pensando, né, o que qui poderia mais ressaltar aí seriam nome de pessoas, mas eu acho que é muito complicado você falá da importância, né, ainda mais eu que..., porque a coisa é muito antiga, então o que eu vejo é até supérfluo diante de toda a tradição e história. Então eu não ousa falar de pessoas, exceto aquelas que realmente ali são, né...? Eu citei o Zé de Alício, ... ééé Di, Dito de Rosa... Dito de Pilaca! Eu me lembro, eu, eu, o que eu vejo também em Ilhabela... Ilhabela... (28)Eu me chamo Benedito...(suspira) Eu coloquei o nome de um filho meu de Benedito, por conta do santo... iii ele é uma pessoa especial. Só qui, só qui eu coloquei... Do mesmo jeito que eu nas, antes de eu, de eu ser registrado, eu tive o nome de Benedito, porque foi uma promessa, i eu tava com algum tipo de doença no caso acho que era, eu tinha era muito recém nascido, eu tinha sapinho na boca, a boca não fechava do tamanho que ficou a minha língua... e aí colocaram o nome de Benedito. Tudo bem! ... eu num, num gostava muito, porque assim, fui aprendendo que não era um nome muito normal, ele não era muito social, ele não era muito assim, sabe,ééé... como eu vou dizer? Ele não era, ele não é muito social, ele não é comercial, sei lá. E aí eu não coloquei o nome do de nenhum filho meu de Benedito... então coloquei Jeferson, Anderson, né, Alexander (ri). E aí, e aí vai. Só que chegou um qui ele nasceu e eu, e ele tava lindo, maravilhoso..., eu tenho vários filhos, e ele nasceu, tava lindão, maravilhoso, eu fui trabalhar, na época eu era motorista do Yatch Club. Aí me ligaram no Yatch Club “ó tá, quando eu cheguei lá, ele tava roxo, ele tava muito ruim, e ele ficou nove dias internado em São Sebastião, que ele nasceu na Santa Casa de Ilhabela, foi transferido... e a hora que eu..., e eu poderia ter perdido o menino, sim, claro. E a hora que eu registrei Benedito... Bom, enfim, ele tá até hoje comigo. Tem 21 anos, ele tem, realmente tem dificuldades, tem alguns limites, né, mas talvez ele não tivesse vivo... e ele tem um significado na minha vida grande ... sempre que eu luto, que eu venço, nas coisas que eu venço na vida, eu penso muito nele. Eu lembro do olhar dele prá mim, ele não fala, só se manifesta com os olhos... tem outras dificuldades... então, ele é Benedito Augusto dos Santos Junior. Mas (29)no passado, existiam muitos Beneditos, Ilhabela era muito ... Tinha Bididitinho, Bidico, Bendito. Benedito, Ditinho, tinham vários apelidos que se resolvia em Benedito e era muito Benedito na Ilhabela. Tinha muito mesmo. Era Bintó Félix!... era, era...Bintó, Bidico... tem seo Bidico lá do Morro, né? Bintó, Bidico Binditinho, ... Dito, Ditinho, então aqui já tem 5.... e aí vai, né, uma infinidade.

Então, tinha, haviam muitos Beneditos. E eu acredito que é mais um mistério ... Não sei, mas a importan, o santo tem essa importância há tanto tempo na Ilhabela, né? Então, existiu muitos Beneditos, muitos Beneditos, então, si, não sei qual, como era a coisa, né? Mas ééé... Benedito é é é hum não dá prá conta, mas a ... na na na geração da minha mãe pra trás era acho que nasciam 6 Beneditos, e os outros 4 era João, Zé, Pedro, Maria, né, mas eram mais Beneditos. Tinha muito Benedito...e alguns ... já teve Benedito prefeito, aí ele podia contar porque se foi promessa e ele virou prefeito (ri). Não sei, mas é isso, sabe? É um negócio complicado ... eu acho que... eu acho que é, é isso. (30)Não consigo dar, dizer o que é a Congada para mim, eu vou resumir em 3, 4 palavras, mas tem um contexto muito maior que é difícil de contar, né. Cê vai vivendo aquilo, inexplicavelmente, né...ééé...o a energia vai te levando! É uma energia, a Congada iiii pessoas que não tem o entendimento da Congada e qui ve pela primeira vez e voltam pra vê de fora ééé ... ééé... enfim..., é misterioso, mas também tem uma energia ééé que você não consegue ééé, você não consegue explicar, não dá prá, não dá pra você... é uma energia, bem forte! Pra quem vê, pra quem assiste no caso, quem é congueiro..., acho que o padre, às vezes ele vem, os padres vem de outros lugares, né? O padre, ele não se formou padre na Ilhabela. Nenhum. Todos vêm de fora. Quando os padres veem a Congada pela primeira vez, quando eles entendem aquilo ali, quando eles veem, certamente eles veem uma coisa bem diferente... do que eles já viram... (31)a Congada de São Benedito não se apresenta pra espetáculos. Ela só é, só acontece em homenagem e devoção ao santo naquele, naquela semana de baile determinado ... iiii i é isso. Se os padres se surpreendem, né? (ri) É isso aí!...(sinaliza que termina e em seguida o seu celular toca)

- Obrigada, Dito
- Que é isso!

Discurso XI

- Então, a pergunta, Dona **Teresa**, é: O que é a Congada pra senhora?

- (1) A Congada pra mim é tudo, né, que vem de, vem dos meus antecedentes, né, ...de meus antecedente, de meu... bisavô, avó que logo que começou isso aí, combinado com seo Paulino que é..., era o pai da dona **Marta**, né, iii eu qué, dizê que tudo... Agora é assim, branco, mas antes era tudo, tudo era gente de cor... que... eles dançavam a Congada. Mais pra mim é tudo, porque veio da, da minha antecendência, né,.. Veio, meu avô foi escravo também, o velho vivia na Ponta das Canas. (2) Qui ele trazia galinha, trazia lenha, trazia..., trazia melado, que agora qui tem açúcar, mais, antigamente não tinha açúcar. Trazia tudo qui tinha lá (ao fundo alguém arrasta uma cadeira), eles traziam pra festa, porque antes era, era, era festerô né..., então naaa, na sexta fe, na quinta-feira eles já vinham trazê pra vila. Então tinha as casas assim: três festerô fazia numa casa o almoço, três festerô fazia de noite na outra casa, isso que era na sexta-feira. No sábado, também já tinha coisa na outra casa, de noite já fazia na outra casa, até domingo essa mesma coisa, fazia, sabe, mas agora que ficam pidino isso aquilo, mas antes não! Antes si criava um bezerro, ô matava um bezerro pra trazê. I sempre em três, sabe? Era... iii traziam pra Vila..., que eles, ali em frente Yatch Club tinha uma casa do falecido Barbosa, qui em maio ele cedia a casa dele que era pra fazê a festa, a Ucharia de São Benedito. Lá onde era, aí é o Yatch Club também lá também tinha, eles também faziam lá também. Aí, (3) depois o falecido Paulino morreu, que é o pai da dona **Marta**, parô!... Sabe? Parô porqueeee o cabeça faleceu, ele era o Rei... E o seo Pedro de Amparo também ficô parado porque ele tamém era Embaixadô... Isso (4) aí apareceu a Dona Dedé fazendo... intrivista, fez um livro... aí ela foi pra, pra Santos, lá falô com Dedé que é o irmão da Dona **Marta**... i pra continuá a festa, né, já tinha fazido, o que, acho que mais de uns, di uns anos já bem. Aí começô a festa, tуди di novo ... que aí jááá já tinha... o seo Neco tamém foi o Rei, aí ficou uma briga entre um irmão e outro irmão... Aí, aí que começou a passá, né, ... pra um, passá pra outro ... (5) I a festa de São Benedito continuou, i nós sempre participando. A minha mãe quando ela vinha pra Ucharia, ela já veio grávida de mim ... Entonce que eu na barriga da minha mãe já tava participando da festa, né... (sorri), i os meus tio, minhas tia Benedita, meu tio José, tio, tio Benedito, ele qui mexia com os foguetes... da festa e era aquelas salvas, sabe, botava assim (indica com as mãos a posição), tudo esticado num bambu assim, ligava assim i aquilo ia só estorando assim. Ele que era responsável das salva, os foguetes... meu tio José, falecida minha tia, Diola, ela falava “deixa comigo que o negócio de limpá, limpá e barrê é comigo mesmo”. A minha tia trazia pato, trazia tudo. (6) A minha mãe chegava em casa e dizia assim “Didita ...ali tá uma galinha choca já,... vamô..., vamô”. Ela chegava assim pegava... 14, 12 ovos, assim, a galinha era bem grandona: “Aqui São Benedito, esses frangos é pra..., fazei nascê tudo frango!”. Aí a falecida minha tia punha tudo os ovos com a mão esquerda pra sair tudo frango... Aí ela dizia assim: “olha São Benedito, tomai conta da, dessa ninhada que é pra vossa festa..., num deixai o gavião pegá um...”. I criava, sabe! Quando chegava no outro ano já tava, pato, sabe, aqueles pato. Traziam, num era um pato dois pato, não! Já traziam de-de 10 assim daqueles pato, porque cada um... trazia, traziam pra festa i (7) era muito linda a festa de São Benedito, muito linda, que era os três dia. É que agora é, só dois dia só, mas não, antes eram três dias. Vinham pra cá, pra Vila, na quinta-feira já se mandava pra lá. De manhã cedo, meu avô dizia assim: “Vamo, vamo, vamo já, porque si começava a ventá,” né, naquela época eles falavam bentá, né, “Si começá a bentá, a nois já tamo lá.” Aí traziam pra Vila ... iii a festa de São Benedito já começava, sabe, ... aquilo nu... Pessoa que vinha do du (interrompe sua fala para questionar Nana sobre algo na cozinha). Aí, (8) mas a festa, nós era, nós faiz assim: participava assim. Aí depois meus irmão nasceram, ii o **Rei** nasceu i resolveu. Aí disse “Mãe, eu quero ser congueiro de São Benedito”. Aí minha mãe falou assim: “Olha, congueiro é pra toda vida! Não pode brincá com São Benedito, não”. “Não, eu quero! Manda fazê minha roupa qui eu vô ser congueiro...” Aí “Tudo bem!”.

Mandou a minha, a fia da minha madrinha fazê a ropa dele, que é Alice. (9) Aí fez a roupa dele... e ele começou... na Congada, piquinininho, ... Aí depois virô cacique, ele andava correndo atrás que nem o filho da Nina saiu correndo, sabe (sorrisos com sua lembrança), aí depois ele ééé ficô, virou cacique, de cacique ...virô Embaixadô, de Embaixadô agora tá Rei³⁰... I os meus filho viram, hum, sabe, principalmente o Ditinho, ele também era piquinininho, os amigo..., o caminhão do-do lixo ia lá pegá o pessoal lá das Canas, da Armação pegá qui, antes já não tinha mais canoero, né, pra trazê... aí ele pegô... Meus filho tudo correrô atrás, todos eles são congueiros. Depois veio o meu neto, o William também quis... sê da Congada, aí... já veio o filho do-do Zeca, que é o Tato..., minhas minina tudo foram Rainha. A **Niquinha**, foi duas veiz, a **Nina**... também duas veiz, a **Lelê** foi uma veiz só, qui teve um imprevisto que num pôde sê. A Thais já foi, aí duas filha de-do Matheus que é meu irmão tamém já foi, tanto a Michele como a Mara, agora já foi o filho do Mário, a filha dele tamém já foi Rainha..., sabe, iii o Mario agora resolveu tamém dançá a Congada ... i tá indo, sabe, isso da minha família, tá indo. Aí o (10) **Secretário** falô “ Só tenho medo do Tato, porque Tato num..., num tá com aquela coisa toda de... qué continuá.” Mais o que dé dos meus filho..., o **Secretário**, principalmente o **Secretário**... Ele vai continuá! Num tem, eu...(11) a minha tia, a minha, a minha mãe, minha outra tia, elas sempre diziam “Meus filho... num dêxa a festa de São Binidito caí... isso aí vem di nós ii vamo si ajuntá com os outro pra ... porque o pessoal, era assim, o pessoal tão morreno mas vocês devem di continuá...” Enquanto existi a Congada, né, ... si eles quiserem também, né, depende da vontade deles. Porque como dizia meu avô, meu avô sempre dizia “É gente, ...o que, o que vem de, de baixo não nos atinge, o que vem de cima, sempre! Mas num esqueça que voceis tem uma coisa a cumprir... que é a Congada de São Binidito..”. E aí, nós tamo aí... (12) Eu comecei a fazê a ropa da-da Congada eu tinha 12 anos, eu comecei a fazê a ropa..., da Congada... minha mãe disse, “Aí, essa minina, isso não dava certo” “Vô dá certo!”, a maquinazinha de minha mãe deste tamaninho assim, qui era daquelas assim, sabe? Aí eu fiz a rôpa de **Rei**. Primeiro, a Alice fez, depois eu olhei assim, aí comecei fazê pros meu fio... fiz us vestido de Rainha... i eu tô até hoje aí. (13) Depois o **Baepi** conheceu a **Nina**, também começô a querê vim tamém, aí sabe “Si é pra nego, eu tamém sô nego...” (ri). Aí começô a vim. Já o menininho da **Nina**, já todo mundo falô qui pareci, qui aquilo já veio, sabe já vem do sangue, que ele saiu já correndo (ri e me parece que está feliz com o que conta) já vestidinho de congo, i eu aqui, a Leticia mi mostrô pelo, pelo telefone dela, aí, assim “Meu Deus do céu,... parece um falecido meu tio, vistido di conguro...”, tsc. Não é bom nem lembrá, viu... Mesma coisa! (percebo que ela está bem emocionada). (14) Mais creio em Deus que continue, (15) mais eu acho qui vai morrê... A Festa de São Benedito vai morrê. Congada vai!... Vai, porque enquanto o **Rei** tá levando i a gente do-do Gilmar, qui samo tudo uma primaiada só...qui samo tudo uma parenta só, mais depois qui eles deixarem... vai morrê! (nesse momento **Lelê** sai do quarto e nos cumprimenta). Porque ninguém qué mais nada com nada, os pai de hoje num qué mais!...(Leticia diz bom dia). Os pais de hoje num querem mais qui... Num si interessam mais, sabe? Porque agora, qui nem,(16) a Congada Mirim que era pra tê, num teve, porque us pai num levaram os fios... aí, como diz o **Rei** “Num adianta mais!” Porque antes num tinha nada de Congada Mirim, sabe, os pai arrumava os filho iii saiam tudo lá trais... né, a turma qui não sabia corria trais, porque atrais num tem perigo. A frente tem, porque o pessoal, já, né, com ispada ii atrais tem ispada mais num num num fazem aquela guerra. Então, num tem perigo. I dali qui aí o Rei lá chamava aqueles qui já tava na hora de vim... pra cima, já tava tava si formano i vinha pra cima. Mais num era uma pessoa, hã, como é essa coisinho agora não! (17) Ali tinha mais de 100 pessoas... dançando, sabe? Agora, os pai acha qui... Intão,

³⁰ Antes de ser rei, ele voltou a ser congo de baixo.

porisso que eu digo que... a festa de São Benedito vai morrê..., vai morrê porque os pai de hoje num, num querem sabe di um... Quem era da Congada já virou crente, e num qué sabe di mais nada. (18)Depois si arrependi i vem tamém, qui nem o seo Dito ali, esse ano se arrependeu di deixá a Congada por motivo de família, agora ficô duente, parece qui as filha fizeram promessa pra, pra São Benedito e ele voltou i agora vai voltá.... (19)Não é a mesma coisa. O negócio de, da “charia”³¹ lá... Agora é tudo pidido nus mercado. Aí, a Cultura já entra no meio, já pega, qui nem no ano passado tinha pego era um dinheiro i num si sabe de que fim levou esse dinheiro. Querem dinheiro, querem dinheiro, querem dinheiro, mais num sei de que parte (bate as mãos). Diz que até entrô uma carne qui num foi do-do Ilha da Princesa, i entrô outra carne por cima qui foi que a Cultura levô, qui num si sabe daonde veio essa carne..., né? Isso aí tudo prejudica, né, tudo prejudica. Agora, só querem pidi, pidi, pidi, mais ninguém tira! Um congueiro qui divia de ajudá num ajuda..., né? Então tem qui é, o povo, os congueiro qui divia di si combiná i di novo fazerem a festa de São Benedito, a comida, tudo. Mais não, eles querem qui saia a pidi, tem qui pidi pra um, pros comerciantes. Não, num era assim tsc, tsc. De jeito nenhum! Por isso que eu digo assim, fia, eu, (20)esse ano eu não pude mais, eu falei pra **Niquinha**; “**Niquinha**..., toma a minha frente, filha, porque mamãe num tá podeno”. Ela disse “Tá, mamãe!” “Cê toma a minha frente”. Falei pra **Nina**, a **Nina** assim “Ah, tudo bem”, mas a **Nina** não si interessou-se. Aí a **Niquinha** entrou no meio... Mais esse ano já... diz que por causa da toalha lá da mesa lá entrô ... ca **Maura** lá... (21)Aí eu penso assim, sabe, (fala bem baixo). Eu, eu tenho pena é que foi um ...uma coisa que vem da família, foi do meu bisavô, meu avô... minha avó, a minha bisavó, ..., i veio co pai, era o pai da Dionéia... qui... vinha tamém, seo Antonio di Atico..., seo Antonio de Dadá ca família que morava na Viana, ooo pai do seo Pedro Ercílio aqui..., qui gente qui..., ele era da frente, ele faleceu, o avô do-do Dito do Pedrinho..., também era tudo junto, o seo Marcilino que faleceu também, aquele velho faleceu, o pessoal do Bonete que era gente da, du, que era bisa, avô i bisavô da-da **Lili**, vinha. De lá de trás da ilha tudo vinha..., si juntava tudo num só, sabe? Então, era, vamu dizê, uma negada só. Agora qui entrô branco no meio..., mais antis não. Antis só tinha que sê negão mesmo, sabe? Tinha que sê negão mesmo. A Rainha tamém. Aí eu falei pra **Rei** (22)“**Rei**, antigamente ... a Rainha até 12anos só. Num tinha di quatorze, quinze anos não”. Qui nem teve um ano aí qui a minina foi coroada, no fim tava..., aí quando chegô no dia da festa tava grávida. Aí tive que arrumá uma outra lá em cima da hora, sem sê coroada (bate uma mão na outra), sem nada..., né. Então eu falei: “**Rei**, coroa com 11 ano...”, no outro ano já tá com 12 ano, né... Assim memo tem qui ficá de olho, porque hoje em dia sabe como é qui é, né? Aí ele falou assim “Ah ...é memo, né mana”. Então, isso daí aí acharam, começou a achá ruim. I tem uma coisa, (23)só tinha que participá, participavam aqueles qui participavam com a Congada. As Rainha tem participação com a Congada. Não era qualquer um que chegava assim “ Eu vou lá levar minha filha pra sê Rainha”, não! Tinha qui tê participação na, com a Congada. ...podia sê do, do pessoal qui dança, os filhos qui dança, os filho da Ucharia, qui fosse do meio..., do, dos filhos dos congueiros, porque num adianta mais. Agora vem um de lá do ... Paraná, vem um de Minas Gerais, vem um da Bahia: “Ah eu quero que minha filha seja Rainha”. “Não!”... Não é assim! Porque o qui que eles sabem, qui num tem participação? Tem qui tê participação. Si você qué sê alguma coisa na coisa você tem qui participar..., né? Tem qui participá! Vê como é qui é! (24)Agora, ah, porque... “Ah mais isso num dá porque fica cansado.” Num fica não! Tsc, tsc! Nunca tive uma pessoa que falasse assim: “Eu não, eu tive ajudando na Congada, fui pra Ucharia e fiquei cansada”. Verdade: quem é da Ucharia não vê nada da Congada..., qui tá dançano na rua. Qui tá.. na outra parte! Mais a gente num fica cansada não! Qui São Binidito

³¹ Refere-se à Ucharia.

num deixa a gente ficá cansada... Quanta vezes num vinha... de lá..., e chegava aqui já onze hora i que tinha qui limpá tudo.... No outro dia di manhã, segunda-feira, tinha que trabalhá. “Ah mas cê num ficô cansada? Puxa, você tava onti lá.” “Não, num tem cansera nenhuma. São Binidito não deixa a gente fica cansado”... No tempo da minha tia, (25)minha tia vinha na Congada, ela ia segunda-feira, no outro dia embora, porque os canoero levavam... i durmia pra cá ainda no domingo, segunda-feira ela, era nove, dez hora já tava chegado pra lá. Aí ela almoçava e ia pra roça..., né? Tia Binidita, minha tia Diola..., tio Bito Leopoldino, tio José ... i minha avó já tinha falecido, o meu avô já tinha falecido...né, enquanto isso... (seu tom de voz começa a ficar mais baixo), nós ficamo nós, na luta aí ... si ajuntando... (26)A família foi do seo Pó di Arroiz..., eles viraro crente a família, os filho dele, um morreu, i os fio abandonaro, trairo a fé ...i a maioria mais aqui do Perequê (o chuveiro é ligado no banheiro que fica próximo ao cômodo onde estavámos), a turma do Perequê tudo abandonarô, não querem mais, sabe? Tudo abandonarô, num quiseram mais sabê. Us qui tão aguentano é a minha família i a família doo Gilmar. A genti sâmo da mes..., sâmo da mesma família, sabe? Somos i (não é possível compreender) qui tamém faiz parte que é o primo do andava dançando i desistiu. Quem tá, quem tá aguentando memo a Congada é a minha família e a família di Gilmar. Si vê mais alguém ajudando? I a **Maura**. Qui a família, a filha da Dona **Marta**... saiu fora. Aí era ...a Cininha, a Cininha já é prima da dona Izani, sabe?. Mais já não faiz parte, a família da dona **Marta** já faleceu todo mundo. Só tem dona **Marta**. E ela coitadinha, ela tem uma idade avançada, num dá mais. (27)Ela falou pra filha “Filha, continua!” Eu não sei o que aconteceu que de repente ela deixô! Si, si não fosse a **Maura**... enfrentá, ... ficava, ficava sem comando, sabe? Aquele ano, ficava sem comando, assim. Porque ...tava todo mundo lá, tudo nós lá pra cozinhá iii... iii cadê... cadê a responsável? Aí “Dona **Marta**, cadê a sua filha?”. “Ah, vem ainda, vem ainda, vem ainda”, e a Mariana apavorada..., deixou ... Aí **Maura** tomô parte i ficou. Aí. Esse ano, acho deu uma zebra lá qui, não sei o qui aconteceu, que deu uma zebra, mas depois, mas saiu a festa...(28) Por isso que eu digo: se a família da da **Maura**... deixá, nossa família i a de Gilmar ... não tem mais Congada! Acabô a Congada!... Quem qui, quem qui vai, quem qui vai se virá? Falá pra mim...! Quem qui vai atravessá essa, essa batalha?... Alguém conhece alguma coisa de Congada? Não conhece! ... Qui nem você, você é di fora. Você vai... tomá a frente de um, di uma Ucharia? Você num sabe! Nem o, nem o que fazê! Num sabe!... (29) Que nem, tem a **Lili**, é minha neta, eu digo “**Lili**!” “ - Ah vovó eu... não tenho...” “ - Não é só assisti a Congada, você tem que tomar parte da Ucharia e tudo!” “ - “Ah, não vovó, eu não...”. Olha os filhos do meu irmão, as filha dele.. . Num tá! Então..., é isso qui eu digo, qui (30)é uma pena que a Congada vai morrê..., vai morrê porque..., não tem mais aquele, aquela animação! Esse ano fui lá, um poquinho qui eu fui lá, eu achei que muito poca gente ... muito poca gente dançando Congada... Eu disse, “Nossa Senhora!” ... Eu peço a Deus que São Benedito dê coragem à turma... né..., pra se ajuntarem mais, os pais por na cabeça pra levarem os filhos..., enfeitá, porque num é chegá lá na Cultura i vai pedindo, porque a Congada num tem nada a ver com Cultura, gente! Nunca teve! Agora qui a a a Cultura acha que “Ah, é da Cultura.” Não é não! A Congada é religiosa! Num tem nada a ver com Cultura! Eles que puseram na cabeça qui é da Cultura, mas não é da Cultura! (ela, neste momento, fica muito brava)... A reli,(31) a festa de São Binidito é qui nem a festa de Nossa Senhora da Ajuda! Num tem nada a ver com Cultura. Mais eles acham qui é a Cultura, mais num é a Cultura. ...A festa di di Saõ Bini, a Congada de São Benedito tem pra mais de 200 anos. Isso aí ó, uuu meu meu, o meu avô, que era Antônio..., ...esse, foi do, do tempo da escravidão, quando eles vieram já, já da África, né, num sei daonde qui apareceram qui, aqui tinha os escravos, no tempo da escravidão, então vai ter como? Vai sabe, uu, qui nem a dona **Marta** falô: “Ué, o meu pai..., ii os pais dele... eles eram da Congada mais ... antis, né, nós nem sonhava ...como é quii agora...?” Num era Cultura, não tinha nada com Cultura! Era até, (32)era é em abril! Depois virou assim: os, os pescador começaram pescá, i aí tinha qui fazê

na lua cheia porque ... os pescador chegavam i tinha suas folga na lua cheia. Depois, cabô os pescador aí puseram pra maio, terceiro domingo de maio, porque no dia da mãe não, porque trapalhava o Dia das Mães..., então... Eu, (33)eu só tenho pena, tenho pena quiii um dia... acabe. Qui aí eu num vô tá aqui, ou vou eu ainda vô tá aqui ainda, ... mais ... Eu não sei (baixa bastante seu tom de voz). Então ... si essas treis família disisti da Festa de São Binidito, não vai tê mais Festa de São Binidito... Aí eu quero vê, que qui Cultura vai fazê! Não vai fazê (sussurrando)... Eu até falei pro Gilmar “Né primo, see si nóis abaixá a cabeça pra, pra eles agora, que a **Maura** tá responsável na Ucharia, abaixá a cabeça i o o Gilmar baixá a cabeça, acabô tudo!” (fala algo incompreensível, devido ao seu tom de voz baixo e ao barulho do chuveiro)... E é assim, fia. (34)Eu sei que ... tô aqui, faço, fiz a rôpa di todos meus filhos, faço a dos meus neto,... Agora, agora já vem mais unzinho que é pra fazê. Já falei pra **Nina**: “Olha gente, enquanto eu tô aqui eu não sei... porque eu tô aqui, daqui a pouco eu não tô. Mais precisa ter a ropinha doo piquinho seu. Já deixá prontinha aí porque esse que ele usou este ano foi do Willi, foi do Enzo, sabe?...” A roupinha do Enzo... que tinha guardada...mas tive que fazê um chapeuzinho porque..., pra ele, direitinho... Porque o negãozinho ali, ele tem jeito pra sê, sê congueiro (ri). Aí eu falei “Oia, tem a espada qui guardaram qui era do Enzo, tá aqui procê ... dá pra ele...” E foi ... lá... Naquela, (35)aquela época era muito boa. Até a, minha tia com mamãe..., vovó pegava aqueles patos, né, i já trazia tudo prontinho, pelava tudo, limpava, trazia tudo inteiro assim..., aquelas galinha toda, trazia.... matavam aqueles boi lá. Cada um, punha tudo, os festero ia pegá i trazia ... já tudo picado numas panelona, fazia o café. Era melado. Vovó fazia melado, pegava... banana, aquelas banana da terra grandona que agora... Agora qui tem pão, antes num tinha pão, né. Banana, batata, cará, eita, embarcando tudo, aquelas coisa toda lá, aquelas folhas de couve, grandona assim (indica o tamanho da couve com as mãos), trazia da roça..., pra i pá festa. Era tão bunito antes... nós era piqueno, mais... Naquele tempo era! Nós chegava aqui na Vila a família, o pai de Dionéia já tava com o trocado, a família do Barbosa, o seo Pedro Ercílio com o pai dele ia, levava também. O pessoal qui vinha do Bonete também trazia... Era muito ... muito legal! O pessoal lá de fora tudo trazia. Quem morava no Jabaquara ... traziam tamém. Agora, (36)agora..., se o mercado dá, ééé tem, se o mercado não dá, num tem. Puseram-na cabeça! I é aonde a Cultura entra qui é: “É Cultura!” É Cultura uma ova! Não é cultural! Não é cultural (em tom mais baixo) ... (37)É religiosa! Si caso a Festa de São Benedito for fazê em abril como era antes ... aí eu quero vê o qui eles vão, como é qui eles vão fazê com a Cultura qui é feita em maio..., si for pra abril. Hum? Como qui é, como é qui vão fala qui é cultural? ... Qui antes era! Era em, no mês de abril ... Todo dia vintioito de abril era a festa de São Benedito... Podia sê domiingo, podia segunda-feira, podia sê aquilo i coisa... Mas era assim olha, si o dia vintioito vai cai num domingo nós vamo fazê, i si fosse dia vintioito ia cai um sábado... fazia... Eu sei que tinha que sê encerrado no dia vintioito... Conforme o domingo que caia, si caia antes, às veis até o dia vintioito vinham. “Ah, caia numa segunda-feira”, eles iam rezá a missa qui dizia que era do festero novo. “Óia a missa no dia vintioito é dos festero novo.” Aíí os congueiro tamém. Aí vinha todo mundo, os congueiro tudo iam pra igreja... no dia vintioito de abril porque era..., era o dia da encerração da festa de São Binidito. Daí... Agora não, agora éé a turma achou que, o que seo, seo Dito de Pilaca achô que tinha que fazê ... no terceiro domingo do, de maio... no final ficou. (38)O que tem que ver é a Cultura? “Ah, mais é Cultura..”. Não é cultura! Festa de São Binidito não é cultura, gente! Festa de São Binidito é religiosa! Como é que vai botá São Binidito di cultura?... Num entra na minha cabeça, filha, não entra na minha cabeça de jeito nenhum! Festa de São Binidito é cultura, tsc!... Ainda eu falei, é, com o Gilmar: “Ei Gilmar... si tua mãe fosse viva i minha mãe tamém, hein?... será que essa Cultura ainda tava enchendo o saco no meio?” ... “Ah, isso ela num tava prima, num tava! Num tava qui elas si metiam no meio i diziam que Festa de São Benedito era tudo!” ... porque falecida Maria de Gico, a mãe de Gilmar, pelo amor de Deus... quando abria boca lá, humph! E

falecida minha mãe também não ficava por baixo não! Festa de São Binidito é religiosa, não tem nada com Cultura... I assim fazia... a nossa Congada. (39)Eu tenho uma pena... porque minha família veio..., seo Antonio, Antonio Costa era meu bisavô... minha avó Maninha, minha bisavó Maninha..., que era, ela era Maninha, mas era Maria, a minha avó Rita que era mãe da minha mãe...meu avô Leopoldino... era da festa, meu tio, tio Dito Leopoldino, meu tio Zé Gordo..., minha tia Diola, a tia Binidita... Nossa, genti, se acabavam todo aqui...(40) na festa de São Binidito, cada um tinha que trazê um pouco de lenha. Torravam o café em casa... Vinha com um moonte; colhia o café, torrava, aaí dizia “Ai meu são Binidito, fazei tempo bom pá secá esse café. Esse café... é pra fazê o café da vossa festa...”... Aí torrava aqueles panelão assim, socava no pilão, traziam aquelas lata, as latas grandona assim, cheeia de pó de café..., i traziam sabe? Aí, vovó traziam a cana, fazia o melado... aí fechava a tampa assim (bate com uma das mãos na palma da outra mão: “Esse aqui é o melado pra festa de são Binidito!”) Naquela época não ti, naquela época não tinha açúcar, né, então fazia, uns ainda trazia a garapa, qui quando eles vinham pra cá... eles já trazi, traziam até a garapa pra fazer, moíam lá de manhã e traziam pra fazê o café da parte da tarde, i quem vinha pra fica mais tarde pra cá, tinha o melado ... aí vinha do Bonete, vinha daqui da ... da Barra Velha, vinha de lá do Portinho, de toda aquela parte de lá. Vinham daqui dooo.... qui o pai du, a mãe, os pais de Dionéia moravam no Barreiro; aqui do Perequê..., tudo levavam aquelas latas de melado que era pra fazê café. Era banana cozida, mandioca, batata, cará..., fazia aqueles cuscuiz caicara ³²... pra tomá café com ele. Fazia cuscuiz nos cuscuzeiro de barro assim e virava assim i batia assim “bum (bate na palma de sua própria mão, simulando a batida), parecia até um pandeiro assim. Aí trazia, mostrava ai, (sussurra algo que não é possível compreender) Ai, era tão gostoso... Agora, uma pena! (vai baixando seu tom de voz)... (41)É qui quem sabe da festa, já foi daquele povo, naquele tempo era, era legal, eu era pequena. Era legal. O meu pai trazia..., ele não era congueiro, mais participava, sabe, participava até assim, ele dava dinheiro praa comprá alguma coisa, ele trouxe... O seo Pedro Tuteca disse que tava precisando de uma lona pra, qui ia entrá o pessoal na Colônia, ele trouxe uma lona grandona, de San, da casa São Pedro, im Santos, ii pra cubri a, as panela na Colônia, i trazia frango, i sal, de barco, ele trabalhava de barco de pesca... Ele trazia uns pedaço de carne, qui tinha geladeira, tinha, o bagulho era cheio de gelo, né, botava assim pra trazê pra festa. Toda vida participô da festa ... de São Binidito. Desde que ele veio pra cá e conheceu a minha mãe... já chegou participando da festa. Não com ele dançando congueiro, mais ... sempre dando..., trazê fogos iii, sabe, sempre participô da festa. Por isso que no dia que ele enterrou-se, o o meu marido falou assim “Aí, que paiçada foi aquela qui cantaram a, a dispidida da Festa di São, di São Binidito pra, pra teu pai”. Disse “Ah, ele não foi congueiro, mais sempre participô da Festa de São Binidito, até ele podê andá, ele tava aqui na Festa de São Binidito!”...ele tavação de sua fala por alguns segundos) tava honrando São Binidito. Então, por isso que teve a dispidida dele. Aí ele “ah!” Não adianta o pro padre fala isso nem isso e aquilo. (42)Deixa ele... com o tempo ele pará ele não é crente e nem é é católico, não sabe tanto qui o que você tava lá com ele tava tudo bem, aí ele chegou “Ah já a falação de Congada “. Ele fala..ai fia, (suspira) (43)por isso que eu digo pro você: quem pudé que ajude, que corra tras da festa de São Benedito.. Que eu vejo morrê, eu vejo... Gilmar, me dizia, “Já tá, tamo véio!”. Os filho dele tem uns.... tem o Embaixadô agora porque o **Rei** passô pra ele porque é o úni, era o único que tinha qui, qui passá era o Mazinho. Falei “Rei, cê vai deixa de sê Embaixadô” porque ficou com problema sério de coluna. “É Mazinho, fio, porque Mazinho vai continuá com a festa....se ele não for, meu véio, não tem ninguém, não!” Ou passa, passa pro **Secretário**, então, ou alguém, mas o **Secretário** logo também o seo, o véio lá morreu e teve que participá, o seo Zé de Alcício... que

³² Feito com farinha de milho

assim não tinha quem substituisse seo Zé de Alício... porque o que o seo Zé de Alício falava, ninguém sabia falá, aí o **Secretário** entrou no lugar de seo José de Alício... Então ... (44) mais falta muita coisa na Congada, fia, falta muita coisa. Muita fala! Porque Dona Dedé fez de tudo pra pegá, sabe? Cada um que, aqui, que sabia um pouco, a dona Dedé foi gravando, foi escrevendo e fez um livro pra Congada continuá, mais falta muita coisa, muita coisa, muita coisa... que ela fez pra declará,(45) antis não era nada declarado, o ruim foi isso. Sabe, você tava ali, assistia bonito aquilo tudo, mais você num, num dava pra entendê o que eles falava..., porque eles falavam tudo africano, num sabe? Porque tem, tem palavra também que você fica assim “Qui eles falaram?”, não é? Ele, tem uma fala ainda no meio que é enrolada, sabe... A vez, eu, quando eu entrei na Congada num era nada declarado assim direitinho. (46) Porque dona Dedé começou, começou ainda a escrever e a ensinar mais declarado mesmo, porque antis num entendia nada!(47) Era muito grande a Congada antigamente. Era muita gente. Aquela rua que passa de frente a igreja, qui desce assim, o Rei ficava ali, quase ali pertinho na, da-da Barraca do Samba iii passava daqui de onde era o bazar São Paulo, passava a turma pra lá ainda, (desligam o chuveiro) de tanta gente que era... (48) Agora ... ficou... um pouquinho de nada... que eles os pai de hoje não qué. “Eu vou lá si a Cultura der a roupa”. Não! A roupa era nós mesmo. A roupa era feita pra pros pai, pas pessoa mesmo. Teni, tênis era um, num era esse tênis aí di qualqué cor, não. Eles pegavam aquele Conga, branco assim ou fosse igual aquele. Não fosse, tinha qui i em São Sebastião lá no Isidro, no Zepe,... i faziam encomenda lá i mandavaa buscá. Todo mundo comprava deles, qui aqui na ilha não tinha ... tsc(49) É moça, ... tô vendo o dia qui os meus netos mesmo, meus bisnetos vão nascer e não vão sabê mais o que é Congada...é né, Muito pensativa... mas... Eu gostaria, eu gostaria di continuá... a festa de São Binidito, sabe...(suspira profundamente e me olha). Ai, mia fia, (suspira) né? Não adianta nem pensá porque aí.. (fica em silêncio por alguns momentos, olhando suas mãos entrelaçadas). Ah (suspira) Si Deus qué assim, assim que seja... tsc! Ai! É fogo, fia! É isso que eu sei da festa de São Binidito, é isso aí que eu sei. (50) Eu, às vez num gosto nem di me lembrá não, porque passo mal.... Passo mal, sabe? Quando eu vejo a minha gente ... (começa a chorar em silêncio). Éé ... (suspira profundamente e chora em silêncio, ao mesmo tem barulho de pratos ao fundo. Nana espirra na cozinha). Ai Deus ai....Paciência. Deus.. (fica em silencio por vários momentos). Éé minha filha... tudo se acaba na vida da gente... tudo se acaba na vida... I os meus tio, as minha tia..., todos, né? Aquela turma toda na festa de São Binidito ...tsc... (51) Eu até eu tenho uma foto da minha mãe que ela tá com um prato na mão assim... na festa ainda (faz a pose). Custamo pegá, mais nós pegamo... a foto dela ... ela tá assim com um prato na mão ... (52) e a Giovana. Aparecia a Henriqueta lavano uma panela ... e com as mulheres aqui erado Pereque lavâno as panelona... elas levavam ali na barra ali da Vila, do lado qui tem o grupo e ali elas lavava na cahoeira aquelas panelona. Metia uma areia na panela assim i esfregava ... Ah, dizia, não tinha como lavá, traziam ali e lavavam ... as panelona lá toda...; as panela com (53) aqueles pato, sabe, que vovó levava, aqueles pato, aquelas galinha, os pedaços de carne ... faziam carne com feijão, carne seca com feijão, na sexta, no sábado era a carne picada com batata, antis, antis ain quando ainda não tinha quase batata pra cá, faziam com mandioca, i no domingo, aí eles faziam... ou galinha, galinha e carne. Ficava os pedaço de carne tudo assando nas panela. (54) O suor das mulher lá chegava a..., agora qui tem homem no meio, mas antes não, era só mulher qui cozinhava. Suor corria assim (mostra o caminho do suor no rosto) as, i aqueles pedaço de carne com aquelas pazona grandi, uns pedaço de carne pesado, agora já num é, já, já pede frango assado, já vai assado. Antis não, antis assavam lá mesmo. Com aquelas panelona tudo, de frango assado, tudo. Não era nada de açougue! Tudo de casa. Aquelas panelona lá. (55) As mulher ia tudo primeiro botava o frango assim, cozinhava aí quando a água tava trigueira, quando a agua... tava baxan, tava baxando, aí ficavam rodando assim na panela assim pra assá (faz com as mãos o movimento de rodar a carne, me mostrando

como)...i num era um, nem dois, eram muito assim, tudo assadinho. Aí traziam aqueles cocho... qui faziam assim a farinha, aí forrava assim, pegava, forrava com toalha, qui num tinha papel alumínio, naquela época num tinha nada, forrava assim com a toalha assim i botava tudo aqueles frango tirado da panela, botava lá, pra mosca não pousá .botava naqueles coxo. Os coxo, ia daqui lá assim. O, coxo era qui nem uma canoa sabe pedaço de carne, aquela carn... era gostosa. Agora não, a carne num tem gosto. A carne agora num tem gosto não. Aqueles bizerro qui eles davam só davam milho e mato, então a carne, ficava uma carne pura tinha nada di coisa. Aquelas comida era muito gostoso. i muito... Macarrão, às vezes, algumas qui sabia sabiam como fazê macarrão fazia... macarrão lá. Minha mãe tinha até uma maquininha... fazê macarrão lá, na hora da festa fazia o macarrão ...ai fia... (56)Eu mi vejo..., parece qui inté vejo anssim pequena, crescendo no meio da festa i vendo tudo aquilo. Às vez fico pensando ... como qui era antes... I hoje tá tão diferente. Agora é bibida, bebi, levam cerveja, levam é vinho, é pinga. Naquele tempo num tinha nada disso não! Num tinha não. Num tinha nada disso. ..Só na levantação do mastro qui faziam a concertada. Tamém só na hora da levantação do mastro. Que fazia aquela levantação. Bolo, esse bolo que fazem agora não, não! Não tinha não! Concertada era sagrado... levantô o mastro, cada um tomava um pouquinho i acabô.... Agora não, agora eles tão misturando tudo. .. Cerveja, batida, vinho. ...ééé ...nem é bom lembra, viu. ... (57)Às vez, “ai mamãe cÊ fica lembrando, depois fica doente”. e é verdade, eu me sinto mal... Parece que eu vejo tudo a minha família assim, sabe?...quando eu vou lá vê, chego lá na Ucharia assim, tá aquela mulherada assim, parece qui eu vejo tudo elas ali ... Eu não conheci minha avó! A mãe da minha mãe eu não conheci.. .. A mãe do meu pai não era daqui, era de Picinguaba. A mãe de minha mãe eu não conheci, as minhas tias eu conheci. Meus tio..., eu conheci eles, mais, a mãe do Gilmar, o Gilmar, das minhas primas, conheci... o pai de Dionéia qui... você conhece Dionéia, não conhece?

- Não.

- Aquela que canta sempre na, na Semana Santa qui faiz o, o, pano do cirio, o retrato. Ela sempre faiz.

- Não, acho que não.

- Sexta-feira da paixão... é ela que canta aquele (ela cantarola o trecho para mim) é o pai dela que... tamém... Éé fia ... (58)é tão bom que voltasse, que voltasse atrás, né, as coisas, né? (ri). Não é verdade? É tão bom si voltasse atrás as coisa. .. Ou então a gente num morresse, né? (ri divertindo-se com a ideia)

- Seria bom!

- (59)Ou então qui a gente não morresse aí, então a gente continuava tudo di novo (esfrega as mãos) ... Ai, Deus! (chama sua neta, avisando-a sobre a hora). Pois é filha, ficamos assim, sabe?... o que sei da Congada, tô te falano ... O que eu digo à você: (60)Congada num é cultura! É religioso, num tem nada a ver... Cultura, cultura. A Congada, a Cultura é qui fazia a ropa? Fazia? Não! Congada não é a cultura... Congada fica..., A Cultura foi agora, nesse tempo. (61)A Congada já tem mais de 200 anos! Muito mais... é do tempo do, do meu, meu bisavô. Não é? Do tempo da fami, dos pais da dona **Marta**.. ooo velho. Já vem de tanto tempo, acha qui é cultura? não é não!! Um dia aquele **Negro** veio falá comigo e falô assim “Ah, porque é cultura!” “não, sinhô. Tu não sabe nada de Congada, fio. Você nasceu lá fora, lá na Serraria. A sua família nunca participaram com Congada. Como cê sabe o que é?” “Ah, mas é cultura!” “Não senhor!” “Ah porque é uma coisa antiga na ilha” “Então, é antigo, mas é da igreja!...” É antigo da igreja. É Folia. (62)Eu tenho uma bandeira de São Benedito da folia... a folia saia... no mês de... passava o carnaval, folia já ia lá pra fora. Ia pro Búzios, Vitória... anunciando qui... a Congada, né. Aí vinha. Quando tava no Jabaquara, já diziam lá na Ponta das canas “olha a, a a bandeira vai vir oito horas pra cá pra começa a cantar a folia..”. aí vai. Quando chegava lá no São Pedro, era Rodamonte que chamava esse lugar, tinha o nome de Rodamonte ...era a encerração, né? Encerrava. Encerrava. Se encerrasse num

domingo, qui na quinta já começava a festa de São Binidito, então aquele dinheiro que eles arrecadavam lá, eles traziam que era pra comprá o que faltava na Congada. Então ali é a turma “ei, já tá anunciando a Congada.” Então eles cantavam foli, folia, sabe? Não era folia de Reis, era Folia mesmo. Era muito bonito! Agora, morreu tudo! O Zélio morreu, acabou a folia, não tem mais. Agora eu tenho a bandeira aqui, na casa do falecido Zé Dito vinha a bandeira de Espírito Santo ... quando chegava o Espírito Santo também saiam cantá a folia ... Eu tenho, tá guardadinha aí. Já foi arrumada duas vezes por Alice, a filha da minha madrinha e eu tenho guardada ela, a bandeira... Depois pediram pro a, pra escambau. Cantavam a alvorada, minina, na festa da, quando tinha a Congada, cantavam a alvorada de noite. O pessoal..., enquanto qui quem comia, quem jantava, jantava, i a alvorada já passava na rua da Vila. Descia da igreja, passava por atrás assim, mesma coisa que faiz na procissão, fazia a alvorada. Depois cantava o Binidito no santo cruzeiro e encerrava. ... Durante a Congada, tinha a alvorada... mais faleceu, falecido Venturino morreu, falecido Pó de Arroz morreu..., né. Depois ficou falecido Marcos, qui faleceu... Depois foi falecendo a turma, faleceno, faleceno, ... e teve qui acaba... (63)Tinha um pessoal lá do sul, que vinham duas veiz, mais a primeira veiz eles cobraram parece que vin, vinti, depois pidiro quarenta, quarenta reais, depois, na outra veiz que foram falá com ele parece qui si dessem dois mil pra eles eles iam cantá. Mais assim mesmo eles num sabem cantá a a folia, eles cantam a coisa du ... daquele minino que mora lá em Minas Gerais. Disse “Isso aí não é, não é a folia. Folia é muito diferente”... Falecido José Rosa ainda cantava ... mais ele faleceu tamém... Agora como diz a turma, “agora vamo lá no cemitério” (rimos). Ai meu... (64)a **Niquinha** ainda se lembra de, da folia ainda... porque ela é a mais velha..., ela ainda se alembra da folia, da alvorada. Agora a **Nina**, poco se alembra ... era a menorzinha, poco se alembra da alvorada. Ela sabe o que é alvorada, mais (tosse) si alembra muito poco. (65)Quando tinha a folia assim a gente dizia ói é ruim. Agente si levantava logo cedo, varria a casa, limpava tudo, dobrava tudo... iii aí, aí começava longe lá, começava já a batê Bom bom bom bom! “Ai, já vai começa!” A gente cantava a dispidida numa casa i depois ia com a bandeira i cantava numa outra casa, assim ia..., assim ia vindo, o dia interinho assim! Aí chegava no almoço, almoçava na casa que era do almoço, aí de noite a gente vinha pra casa da, da janta, a gente jantava, ia todo mundo já jantado pra casa. Em casa, tomava banho i si deitava, aí a mãe da gente “Óia, tem qui, tem qui môe cana primeiro, qui assim amanhã não tem café. A gente “Então vamo logo. Um poquinho só! (ri) A gente moía a cana, todo mundo era assim, né! Era ruim que você achava... quando a folia chegava na Ponta das Canas e você acha...achava uma pessoa que tinha, que tava com a casa aberta. Tudo fechado que tava tudo na folia lascado qui ia cantá, i só subia de noite pra casa (ri) (66)Ai, era tão gostoso! A gente ficava tudo quietinho! Era dois violeiro, o versista, u vio, o que tocava violino, iii o que tocava tambor. ... aí a gente ficava todo mundo quietinho, escutando... o qui eles rezava. Deipois qui acabô de rezá, dispidia i ia cantá na outra casa. ... A gente ia, a mulher com a bandeira na frente ... todo mundo acompanhando, aquela procissão atrais assim (faz um gesto longo com a mão, indicando o comprimento da procissão) ...Ô meu Deus... como era bom (quase sussurrando)... depois dizia “ai agora, agora já vem a Congada”. Aí eles vinham vindo, de lá pra cá e ia embora, pra lá, bem pra lá. Quando chegava o dia certo que ia pra chega pra Congada..., eles encerrava... num domingo, segunda-feira eles vinham, quinta-feira já começava o movimento da Congada. Porque era treis dia dançando, num era fácil não! ... I a turma “Ah, porque ficava cansado!” Ficavam nada, os congueiros num ficava cansado não, dançava treis dia. Agora qui é dois dia só! Agora qui é dois dia só. Mais antis eram treis dias. I dizia, (67)pra quem ia pra Ucharia era quatro dia, né... (ri e começa a falar um pouco mais baixo). Pra quem ia pra Ucharia era quatro dia ...era quinta, sexta, sábado e domingo. (68)O pessoal só ia embora segunda-feira cedo.... qui os canoero vinha pegá, pidia pra Deus pra num, pro mar num fica grosso... O pessoal do Bonete iam logo cedinho, né. O dia pintava assim, já olhava o ponteiro e si mandava, quando si começasse a ventar na parte da tarde ... já

tava, já tavam lá. O pessoal qui iam pro Búzios, Vitoria, pra trás da ilha... Ia canoa. Ia a canoa de voga assim... ia tudo imhora... os canoero. Um monte de mulher. Traziam istera, levavam istera... pra dormir qui num tinha colchão pra dormir... essa era a nossa Congada!... i a turma “Iii já vai, já vai saí a folia!”. A gente ia, ia barco de pesca levá né, o pessoal ia levá a bandeira de São benedito na frente assim, aquelas fita tud, aí, aí uma dizia pra outra “olha só já ta, já tá anunciando”, “óia só, a folia já tá anunciando que vem a Congada aí...” aí ia embora... (69)Num tinha crente aquela época, sabe, aqui na Ilhabela, num tinha crente!. A Congada, a bandeira batia na porta, podia cantá qui num tinha problema, todo mundo de porta aberta. Agora não! Agora tem essa cambada de crente aí qui... num sei qui tanta religião di crenti tem qui ééé é uma, é outra, outra outra. Ah, não! Religião pra mim é católica, católica. Pronto, acabô! Num tem nada de mistura. Agora crente, não. É Deusamor, ééé não sei o que Deus que amo.... ééé, Deus i assembleia, éé não sei qui mais. Eu não sei qui... religião di crenti são essas. I a católica é uma só? Por que? Pergunto pra você, por que? ... i os crentes assim, cê vai batê numa porta cê num sabe si é católico o si é crente, num tem jeito. Por isso acabô também mais a folia por causa disso. Depois qui inventarô essa bobage di crente aí. ... Tanta genti que era católica i é crenti porque “Deus vai ti salvá!” Deus salva a genti, né. A fé, só tem qui tê fé nele, né! Quando você tem fé nele, ele salva você. Si você num tem fé, num salva. Então “ah, vamu virá crenti, qui o crenti vai curá!” Curá o escambau! Cura nada! Só cura, sendo católica ele também cura, só tê fé nele. Agora dizê pra você, sou crente vou dizê “vou te leva na igreja, dipois você vai ficá, vai sará da sua doença”... qui certeza qui eu tenho?... Si eu num sou Deus?... Eu sou católica i eu creio em Deus i si ele acha qui eu sou merecedora da cura dele, eu vou sê curada!.. Não porque eu falei com crente que veio na porta ah, tem a cura. Não si ele acha qui eu sô merecedora ... vou deitá na minha cama de noite i di manhã eu vô amanhece curada, sem tê dor nenhuma ...perfeitinha como eu era antis. ... agora, si ele acha qui eu tenho qui sofrê..., né, si ele acha qui eu tenho qui sofreeee, eu sofro, o qui Deus tá me mandano, né. Qui ele sofreu por nós, porque nós não podemos sofrê... então, vai virá crenti porque vai sará. I você acredita qui aquela genti qui vai ali... di cadera di rodas, aquilo ali, qui a mão do pastor ... “levantate, qui cê tá curado”, a pessoa levantá normal? Cê acredita naquilo ali? Aquilo ali é pra chama bobo pra dá dinheiro pro pastor lá! Agora cê olha aquele pastor, é um carrão do ano, a casa..., muito bem... agora enquanto os coitadinhos cê vai na casa deles, não tem nem o qui comê porque o dinheiro qui si tem pra comprá uma mistura, pra comê um feijão, um arroz, dá lá pro pastor... Agora a igreja católica num obriga ocê a fazê isso não ...cê ajuda, uma quermesse, às veiz cê vai numa missa, cê põe um troquinho, você num, não é obrigado a dá cinquenta ... até cinquenta tem que dá, pelo menos até cinquenta. Menos não podi dá! tsc!! ... Eu ah, mais você vem aqui faz oração. Eu vô sará si Deus quisé. Vo sê curada ... eu vô sê operada... eu vô sê i Deus vai botá a mão em cima i eu vô sará! ... Eu vô sê curada. ... Mais num é coisa de crente. ... não é coisa de crente. Meu marido não é católico, não é nada! Eu vinha vinha aqui vinha o padre fazê a missa em casa, ele pois pra corrê! Ele pois pra corrê (Fala com Nana sobre alguma coisa da cozinha)... ele põe pra corrê, genti qui vem mi visita às veiz aqui ele fica falano abobrinha, o pessoal vai logo embora... Fica hoje graças a deus tá lá pro Ame.... mais eu sofro muito com esse homi. Cê fala pros fio, os fio num acredita...éééé (suspira)... Tá na hora di toma o remédio tamém... agora. Já vai dá uma hora.

- É! (percebo que ela começa a se preocupar com o horário do remédio). Dona **Teresa**, a senhora gostaria di acrescentar mais alguma coisa?

- Não, não... eu acrescentá nada. (70)Eu só peço ééé qui Deus ajude o povo ..., os católico, esse pai qui ... qui levem os filhos pra dançá a Congada... né, pra, pra eles amostrá ... não deixa caí ... eu peço isso: não deixa caí... porque si... eu vejo qui tá caino. Num tem mais... Si o **Rei** á., a **Maura** qui tá no comando deixá,... o Gilmar deixá... aí, não, não tem mais... porque quem vai si interessá? ... Alguém vai si interessá? ...Ninguém mais vai si interessá!... Congada. (71)Qui tem muita gente ali que vai, “ah eu vou assisti a Congada!” mai

vai pensando pra i no almoço.... “Ó vamo lá qui nós va...” antis di, do pessoal tá assistindo o ultimo baile da Congada na hora do almoço, tão lá uma fila enorme pra podê comê. Intão, isso tem cabimento? ... Por que vai fica ali na fila aqui? Vai lá, assiste a Congada. Acabou a Congada, agora sim que vai pra lá, depois qui os congueiro comê, porque toda vida foi assim, os congueiro tem que comê na frente, porque eles tem qui discansá pra podê dança outra veiz i quem vai acompanhá a Congada come depois. Mais não! Quando chega a deiz e meia da manhã já tão na fila como daqui lá no Arno, entonces a classe de pessoas não vão lá pra Congada, eles vão pra comê. Agora, vê si eles pegam os filhos, os netos i leva, arruma e vai vamo lá dançá a Congada. “Vamos meu filho, somos católico, tem a Congada, vô fazê sua ropinha i você ...” si não souber fazê pede pra alguém, leva na Congada. Mais não! Vão lá pra comê. Tem que participa do, vê ... os pais num tão nem aí.... Pai de hoje, né tsc. Agora si é um carnaval vão, si vai um show, sabe i... isso eles sabe i. Agora, na hora qui ficam duenti “ah meus Deus”, “ ah porque num sei o que”...Não adianta nada, né. A gente tem qui procura Deus lá na igreja... porque ele tá no meio di nós aqui, né, mais temo que i na casa dele! ...Ele tem casa tamém. Fica lá. Deus tá lá! Você num vê ele, mas ele vê você ...então si vê qui você tá participando a ele, você tá procurando a ele... ele vem a você, tá certo, mais ele vem vê duma outra manera qui você ... por aí.aquele ali num foi lá. Si você num dé (fala com sua neta que sai para a escola). Si hoje você não dá pra ir, mais o outro dia você vai mais tá lá... com Deus. I outra, (72)eu fico muito queixosa porque agora num posso i mais na igreja. Só fui na missa do meu pai lá, porque o Neco e o meu, o **Branco** me levaram porque num to podeno meu joelho....me levaram na missa, eu não sei dize mais uma missa, porque não posso i,... aqui que rezavam uma missa final o ultimo domingo do mês sempre vinham rezá a missa aqui que rezavam uma missa, sempre final, o ultimo domingo do sírio do mês, sempre vinham rezá a missa aqui em casa... meu marido começô a desfila no meio sem camisa. Depois veio rezá o terço, ele passava aqui no meio assim sem camisa, falano bobage, que tem uma parte que a gente fica, né, pede pra gente i pede pra aqueles qui tão doente, qui qui são mercedô... sabe cês vieron aqui pra rezá vocês o vieram pidi pros outro?... aí começou com palhaçada... Até a minha gente que vinha aqui às veiz mi visita, ele num gosta. Num gosto nada, fica falano besteira... às veiz vem aqui assim, quando ele vai saí pro médico me perguntam, “quando for sair pro médico a gente vai ti visita”. Aí aproveitam i vem aqui, mi ver. Isso não... põe muita praga nos outro... Ele já falô pra mim i eu falo pra tudo os filho: quando ele morre, num qué padre, num qué nada! Num qué padre ... num qué..., num qué esse negócio de flor, num qué nada.... Porque ele é... sempre fala “ Palhaçada, o padre... Ele é muito ruim. Ai meu deus!. Faz recomendações a sua neta para que esta se agasalhe por causa do tempo (rimos).

- Dona **Teresa**, não tenho como agradecer a senhora

-Olha filha a Congada é essa. Temm muita coisa mas ...eu num faço muito

- Muito, muito, muito obrigado mesmo.

- (73)Você arruma aí, separa o que você acha que tem que declará, você declara

- Declaro tudo!

- (74)Só peço a Deus, assim, que a turma fé na cabeça e continue a Congada...

porque eu daqui um pouco não posso mais ... i quem fica, que põe fogo na canjica!

Rimos.

Discurso XII

- Podemos começar? Pronto? Então **Boni**, a pergunta é: o que é a Congada prá você?

- ... (1) a Congada é uma forma de continua a cultura, né, de Ilhabela. A Congada tem, tem motivos di... di folclore, mas também, o maior pra a gente é qui é di religião, di religião católica. ... Aí (2)tenho uma família inteira qui tá dentro da Congada, Congada tem, tem muitas pessoas qui a genti acaba nos encontrando só dentro da, da festa da Congada. É uma, uma festa que... tem uma forma di..., deixá assim bem a vontade do caicara, a vontade, di, qui é, alguma uma coisa, sabe? Congada é desse jeito mesmo! Bastante ... (3)tem qui ter muita fé, muita, muita força, tê um equilíbrio emocional muito grandi. Uma festa de emoção muito grande. Uma festa di-di genti forte!... Eu tenho... 46 anos..., eu tô na Congada a 40 anos. 42 anos, aliás! Tô desde os 4 anos de idade, que eu consigo lembrar, né? Então, a gente fala do que a gente consegue lembrá... (4)Tenho uma filha também, qui desde criança tá na Congada. Ela foi rainha da Congada, a Congada tem, tem só uma, um fato de ter uma, uma vaga pra mulher dentro da dança, né, porque tem qui sê rainha. I Pra se rainha da Congada a pessoa tem qui sê um, um congueiro..., um congueiro assim bem, bem bacana, tem qui sê um congueiro bom, uma pessoa boa, senão a, num, nem a filha faiz parte da Congada..., né. Não faiz, faiz parte da dança da Congada, tem qui ter um... tem qui ter um caráter bom, uma pessoa boa, senão o filho da pessoa não vai pra Congada, não vai, não vai sê uma rainha..., né? Mesmo que seja pessoa boa. Que é uma vaga só, muitas meninas estão aí, que são mulheres “poxa, eu não consegui sê da Congada”. É porque tem qui tá muito próximo mesmo daqueli ... daquilo do perfeito. Pra mim! Eu acho que foi isso que aconteceu di uma pessoa boa não consegui (uma moto barulhenta passa pela rua). (5)Aí agora a minha filha, ela faiz parte da Ucharia que é, a Ucharia ééé aonde faiz a comida da Congada, aonde que fazem a alimentação de quem vai... dançá, de quem vai participá, assistí...i é bonito também. Depois vem (6)a Congada é muita, muita gente. É, é o envolvimento de muita gente. Eu não sei como consegue tê uma apresentação, di-de início, que já é uma turma que faz, que levanta o mastro, aí depois vem, vem o bolo, que já faiz um...um bom tempo já, qui tem o bolo, que é doce né, com concertada junto também. A missa que já é um, é um outro setor que já é direto com os padres e tem... as pessoas que fazem um, enfeitaram a igreja, depois a Ucharia, os congueiros, cada fato diferente um do outro. E eu até hoje não sei quem é qui vai, i acaba terminando tudo, prá começa tudo de novo.eu acho que tudo começa na hora que termina assim... E aí a gente pede fé, força, pra, pra continuá no outro ano, pra que todo mundo venha de novo, né, prá podê tá junto de novo. (7)Foi importante também fazê aquela Congada Mirim, porque a Congada tem altos e baixos, né, ela vai e volta...ela vai, ela tem tem ano qui com poca gente, teve ano que foi muita gente pequena, de crianças, aí veio uma, um pessoal “ah, a Congada tá acabando...! Aí eu olhava pras crianças assim “não, a Congada não tá acabando” a Congada, ela, ela não acaba, ela recomeça... Então ela foi com, com as crianças esse ano num num, eu num vi se teve Congada Mirim. Acho que não teve Congada Mirim. Todo mundo participou da Congada qui o mirim já não é mais mirim. O mirim agora é grande. Então eu tô vendo qui a Congada tá continuando i eu tô gostando, tá, tá bom. Voltou... (8)Quem era rei infelizmente num tá mais iiiii eu já participei de vários, né, vários reis, eu já peguei alguns bons, os melhores, já os mais antigos falaram qui os caras muito melhores qui passaram, assim, perto da gente, qui embaixador da Congada, cacique... ééé, vários caciques, né, porque cacique muda praticamente todo ano. Todo ano tem um cacique novo ééé que é do mirim. Príncipe! Esse príncipe que tá agora, tá a bastante tempo já. Muito tempo. Mais eu peguei outro Príncipe, peguei embaixador, uns 4, 5. Rei eu já peguei uns três, quatro também. (9)Tem muitos que já foram, né, e tem alguns que tão voltando, qui participaram de outras religiões e agora tão voltando também. O ano passado, esse ano di, di dois mil i, i dizesseis, uma pessoa foi convidada novamente a participar da Congada e aceitou. O ano passado, num num sei direito, mas esse ano, sim. Assim. Bom, são uns que voltam, uns que tão chegando, basta...

pode ser de outro estado, de outro, di-de outra cidade, basta chegar... ie só comentar “quero!”, vir com vontade, que a gente recebe assim... i é bom! (10) Tem pessoas, como você assim, qui tá perguntando, tá querendo registrar... iii vai vendo muita gente falando da Congada é diferente, mas (11) a Congada é emoção! a Congada num é uma coisa, é devoção né ... eu sou devoto do santo e isso que é o importante. Isso, acho que consegui falá o que queria também. Tá bom?

- Tá bom...

-

-... Éé, você falou qui a Congada é emoção e devoção. Você podia falar um pouquinho mais sobre isso?

- (12) é porque eu não tenho, eu num foi o qui ... assim, uma quando a pessoa tá doenti, eu não sei que eles fazem umaaa, como fala. tsc... uma promessa! Não é uma questão de promessa pra mim. Nem pros meus irmãos, eu acredito qui nenhum deles. De promessa! É mais porquee a família tá ali dentro, ondi tá a família, tá bom. Aí um fica com o outro. não tem a, nenhum ..., menos o meu pai que não, qui não participa. Meu pai não participa. Mais o restante, todos, todos os outros, todos eles participam... Todos eles! (13) Eu fiquei algum tempo sem, sem ficá, um ano ou dois, por doença... iii, mesmo com a doença, né, foi com o santo lá, “Mais você...” “Não, eu tô com São Benedito i eu tô muito forte” iii fica muito forte quem tá numa a, assim, você tá ali, em uma religião, você vê qui você fez tudo direitinho na vida, aí te dá muita força prá você continuá assim, força, qualquer doença que vem a gente.... não foi só, não foi só na em questão de doença, questão com vida, do trabalho. Eu trabalhei como marinheiro. Velejei muito. O cara olhava um garoto... aí, “Pô, esse cara vai prá ondi, vai di veleiro, pra, pra Bahia, é longe!” Aíí, o mar ééé... aqui tá o mar é di um jeito, ali o mar é di outro jeito, a gente às vezes num conhece, aí cê esse não vou passar por isso aqui, vento, veleiro é vento, veleiro é forti! Ah, Tô com equipamento, equipamento é bom dimais, aí você acredita no qui tá ali na tua mão i você vai, cê... tem uma força maior com você. é isso aí. É bem, é bem assim, os cara, os cara são marrento, caiçara é marrento! ... (fica em silêncio por alguns momentos). Quer perguntar mais alguma coisa?

- Não, a ... a pergunta é essa mesmo, assim, o que é a Congada prá você

- ... é, é isso mesmo.

- Éisso?

- É isso!

- Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

- ... (14) qui as pessoas, né, vissem que a Congada, ela tem, pessoas também qui são mais antigas ééé.... a colaboração da-da Congada vem di, dos comerciante, o pessoal qui tá ...né, qui tem tem uma arrecadação assim di alguns qui dão, outros não... muito tem, dão mais importância, outro também num tem a mesma importância qui é busca tudo pronto. Vai só pra dança, num num procura sabê o qui tá acontecendo, como vai sê, ... i deixa pra po-poucas pessoas fazerem, né? Ii, essas poucas pessoas qui estão ali fazendo também não deixam qui a prefeitura possa fazê um pouco mais ... qui poderia tá fazendo. Por orgulho mesmo. Isso eu... eu acompanho, não me meto, por isso também qui já num, por mim eu, mas muito mais pessoas também, não não se engajam mais porque o pensamento é diferente. O meu é mais político! Podia ser mais bem vindo a, né, Cultura, com prefeitura junto, junto tem mais condições, aí as condições ficariam mais fáceise a Congada ficaria talvez mais, melhor mesmo. Com dinheiro tudo fica melhor! Com dinheiro ficaria bem mais bonito! Mas tá bonito a Congada! Tá bonito! É uma forma de mostrar “não, a Congada somos nós!” Esse ano questão di foguete “não, não podi mais foguete porque é perigoso, isso i aquilo. Perigoso é tá num campo de futebol, muita gente no nu num show, cê pega aí num show... cheio de genti, poca polícia... não, (15) ali não é show! Ali é gente qui tá indo ali pela religião, prá vê um baile, prá vê a cultura. A polícia tá ali, tá ajudando, porque o pessoal da prefeitura ajuda

também da forma, qui tão deixando fazê, mas a Congada ela é ... tem, tem os seus, “nós qui mandamos assim”, mas eu acho qui tem que ter uma política melhor aí. Tem qui tá ali conversando, vamos ver fazê... éé por causa da segurança também do pessoal. Porque depois qui dé uma coisa muito de errada, essa questão do foguete aí, a gente vai tê qui conversá. Mais aí..., um só falando errado, tudo mundo acha qui tá certo mais podi tá errado, mas eu a questão da-da nona pessoa, né? oito falam “tá tá certo”, i o nono podi tá... tá certo, fala qui tá errado, não pode ser... tem qui ser do jeito qui os oito, os oito tão achando. é poder público, né? É a jus, a justiça, é a justiça que vai ver isso. ..., tá? Se quiser, pode perguntar mais alguma coisa.

- Não, a pergunta é essa

- Essa foi a ... essa qui tem qui falar mesmo, qui isso, isso deu debate, né? Deu debate danado ali na, no último baile. (16)Congada... ela tem ... são três bailes. Todos os bailes, eles mostram a mesma questão. Só qui di três formas diferente. ...Aaí no terceiro baile quando a apresenta qui vai fazê a procissão, né, que é o momento maior da Congada, pra mim ... é o início e iii questão fim qui ainda depois da procissão ainda tem a missa. (17)Mais os congueiros não estão ficando pro final da missa. ...os congueiros já tão cansados demais, já pegaram uma missa durante o dia, dança de sábado, dança de domingo, procissão, e ainda fica numa missa todo encharcado, com frio, mês de junho é frio, já todo encharcado, tá cansado, tá com filho, tá com mulher cansada di tá esperando. Eu acho qui..., as pessoas falam “ah, pô, congueiro não fica na última missa ... a última missa foi a primeira (ri), a-a primeira do domingo, essa é a última do di, depois fica cansativo ...é isso mesmo!....tá bom?

- Você quem me diz...

- Eu acho qui tá bom. Viva São Benedito!

- Viva São Benedito! Obrigada Boni! É isso.

Discurso XIII

- A pergunta ééé, **Maura**, é o que é a Congada pra você?

- Bom, (1)vou ti falar assim bem pouco de Congada porque ...éé apesar de serem ... de Congada e Ucharia fazerem parte da mesma festa, fazerem parte da meesma tradição cultural, né, do santo, de São Benedito, eu entendo pouco de Congada, mas vou falar o que eu sei, tá? Eu vou falar o que, qui que eu acho que é a Congada.... Na realidade é assim, essa, essa festa, assim, quando eu comecei a entender o que era Congada sempre, sempre teve assim muito, muito próximo é, é tive ela sempre junto à Ucharia que é a cozinha de São Benedito, né, por causa até das tias. Então a gente ia pra Vila iii... as pessoas estavam lá festejando a Congada i dançando, né, i prá gente ali na Ucharia a gente pouco via como si vê pouco hoje, ou quase nada quem está lá. As pessoas às vezes até se reveza um pouquinho. Eu vejo quase nada disso, porque a gente tá lá na lida, né, então pouco se vê... da Congada. (2)Acho sim, qui é uma festa cultural, é também tradicional mais acima de tudo é uma festa de devoção, né?... Porque eu sempre falo e isso a gente vai com o passar do tempo a gente vai tendo outro olhar sobre tradição, né, devoção, né, iiiii i a gente vai alongando isso. Por que? Porque elas, elas têm que andar juntas a devoção e a, e a tradição, porém se a gente for ver bem... eu não posso falar (para de falar por alguns momentos porque seu cachorro começa a latir), eu não posso... manter essas duas coisas tão unidas porque... fala-se muito em tradição, das famílias tradicionais em Ilhabela, quii levam i cultuam i que mantém isso muito definido como tradicional, festa cultural, tradicional. Ora, vejam só! Temos tantos adeptos que não são da Ilhabela, né, que não são daqui. As famílias se misturaram muito, né. Lógico que é bom você ter isso como tradição. A minha família tem isso como tradição, porque foi lá meu avô, bisavô, Neco, lá de vovó Eva e o pai dele, i us, meus tios-avós, meus tios que levaram isso, foram passando de família e sempre ficou um, sempre foi ficando as famílias ali envolvidas. Só que hoje a, apesar da nossa família ser tão grande, família de Eva Esperança... né, o que a gente e Benedito Paulino, né, que era um dos primeiros reis congo lá, tem pouca gente envolvida na dança..., infelizmente! Tem um parente aqui, outro ali, porque infelizmente as pessoas não tem mais aquele querer de devoção. E isso não pode.... isso, as pessoas tem que ir lá, porque elas querem estar, porque são devotas, elas não podem estar lá porque o vô estava, porque o bisavô estava... acima de tudo ela tem que tar devota, ela tem qui sentí que não estão ali dançando porque o avô dançou, elas querem, elas tem que querer estar lá, i entender porque elas estão! É uma festa além de tudo, é uma festa qui é a festa de um santo..., né, tá envolvida uma religiosidade por, por trás disso. Tem que estar! Se não tem gente lá porque vai aparecê, porque qué aparece no livro e a gente escuta muito isso, viu, qui na hora das fotos todo mundo tá lá, né, iii iii eu tenho, eu tenho qui ter muito cuidado com essas coisas, né, porque... (3)hoje, na nossa, na nossa Congada, eu tenho a certeza que tem muito muito caiçara, mas são caiçaras já também filhos de outras pessoas que vieram de outros estados. Então, é legal saber que apesar de não ser ali todo mundo cem por cento caiçara, mais são pessoas envolvidas porque tem a devoção à São Benedito. Eu sempre achei que São Benedito, eu na minha cabeça ele não é da Ilhabela, ele é do mundo. Tanto que eu sempre falo que tem pessoas qui estão com a genti hoje qui tem outros sotaques, que são de outros países... Puxa, qui bom, né, qui sabem qui vem de outros lugares, outros estados i sabem qui podem continuar com a sua fé, que eles não vão “ó porque é tradicional do povo caiçara”. Sim, uma festa tradicional do povo caiçara, mas que todos os devotos são muito bem-vindos. Tá? Então, graças a Deus. (4)Este ano, infelizmente não teve a Congada Mirim porque... é, a gente costuma dizê qui... até pra, prum grande time de futebol, né, tem que tê a base, né, tem que tê o time infantil, dente de leite, infantil, juvenil, né, pra que saiam dali grandes craques pro time principal. E a Congada não é diferente! Esse ano não tivemos infelizmente, mas é uma coisa qui a gente qué começá, a gente escuta as pessoas que lidam com isso, principalmente o **Branco**, né, ...eles querem começá a se aperceber disso ... a

consequir angariá as crianças um pouco antes disso, da Congada, de chegar a época da festa, pra qui essas pessoas um dia possam ser os adultos da festa, porque com o passar do tempo, eles vão se perdendo, alguém foi embora, alguém não é possível mais estar, está ocupado com outras coisas, independente da sua vontade, né? Às vezes com coisas alheias à sua vontade não pode estar presente na Congada. (5) Tenho sobrinhos aqui de todas as idades e tamanhos i a gente não conseguiu de uma maneira assim efetiva trazê-los assim, principalmente os maiores, porque enquanto crianças a gente consegue pedir pra que eles vão i na iii a idéia é qui quando você pede à criança, você ensina porque ela tem qui estar ali, a gente espera qui na fase adulta, a gente não tenha que tá pedindo mais, a gente não tenha que tá explicando mais, porque ela cresce entendendo o que qui é aquilo ali. Se não tá no coração dela continuá, quem somos nós por trás da tradição pidi qui elas continuem indo? Não podemos! Não devemos! E é aí qui entra a devoção, né? Então, tenho sobrinhos grandes que quando começaram éé, dançaram quando crianças e hoje já não vão. Tenho meu neto que vai, tem o meu sobrinho, que minha irmã, que também tá na pré-adolescência vai, tenho um sobrinho neto meu que tem seis anos que vai... Que bom que eles continuem, né? Mais si eles não vêem hoje os pais dançando..., que são já nossos maridos, que nós somos todas mulheres e nossos maridos não dançam, até porque eles não são daqui, eles vieram de fora..., como ter isso na continuidade da família? Difícil! Porque eles não viram os pais dançando..., como eles vão dançar? Hoje, o que a gente vê lá em algumas famílias, poucas, é que você já vê os filhos dançando com os pais. Eles estão lá no infantil, ou então naquele no azul ou no vermelho que é mais novo, i depois os pais estão dançando lá. Aquilo ali vai dá, vai rolá! Vai, daqui a pouco ele tá tendo filhinho, o filho também vai, porque ele vê isso na família, prá ele é tudo uma festa quando o pai tá se arrumando iii tá o filho, daqui a pouco tá o neto. Então, é uma continuidade que...isso aí, é isso aí que a gente fala é a tradição envolvida com a devoção, conseguir se passar pra outras, pras crianças, pros adolescentes que crescerem naquilo ali o que era, o que é a Congada, o que é devoção, né, ...i a gente às vezes lamenta não poder fazer isso, porque se nós somos uma família onde a maioria é mulheres e os poucos homens que tem não são daqui... aí que eu falo pra você, teria que ter a devoção, porque aí já não existe a tradição. A gente se perde um pouco nisso, isso... minha família se perdeu um pouco nisso. Somos em muitos, mas poucos envolvidos. (6) Na Ucharia não é diferente, né, ...é uma festa que a cozinha de São Benedito, que ali nós temos, nossa, minhas tias-ávós, em primeiro lá minha bisavó Eva, depois minhas tia-avós. Hoje a última filha de Eva, que é tia **Marta**... que ainda está por lá, nos seus oitenta e oito ano, né? Ela não tem uma atividade na cozinha, mas ela fica ali com sua presença optando, palpitando, porque isso é bacana, né, são experiências passadas, adquiridas, né, pela gente ao longo do tempo, vendo ali... transitar pela cozinha i nos anos atrás muuito envolvida cabeça, devoção, tradição, físico, né, porque são três dias ali se ocupando dia inteiro... Isso pra gente é bacana! Então, a gente tá ali porque a gente quer, a gente tá ali porquê a gente tá da tradição, a gente tá ali porque a gente tem devoção, i isso pra gente, mulheres que estão ainda envolvidas com as coisas de São Benedito, enquan-enquanto Ucharia, pra gente não tem muito segredo porque é uma coisa tão automática, a gente só definiu um pouco de funções, porque hoje observando lá... tem poucas pessoas da minha família. Tinha-se muito mais... Hoje tá, as minhas filhas não estão mais porque elas trabalham, uma vem do Rio só para isso, mas ela vem porque ela quer, ela gosta de estar ali... né iii, então fica mais fácil porqueee a minha mãe, eu vi a minha tia-avó, no lugar da minha avó falecida, i durante muito tempo, até porque vovó não morava aqui, morava em Santos. Depois vi minha mãe, automaticamente para eu e minhas irmã, a Bel, a Ene e a Maninha, então é, fica fácil quando eu passo pra minha filha e minha, minha outra filha. Minhas duas filhas, a Aline e a Isabele, porque elas... automaticamente é uma coisa que elas já sabem que naquele terceiro final de semana de maio, nós vamos estar todas lá. Então, a gente nem, nem, é uma coisa... esses três dias dentro de casa não existe para a gente. Nós não estamos aqui.

Então, automaticamente, eles já sabem que são três dias qui nós temos que estar lá. Elas gostam de estar lá. A gente faz uma, daquilo uma festa, né? Então, enquanto Ucharia, isso ficou bem mais fácil para a gente. Ééé..., digo assim, as pessoas numa reunião que nós tivemos passaram assim: nós tínhamos a Mariana, filha de tia **Marta** qui é a filha, a última filha de Eva viva, então, é neta de Eva Esperança, né? Uma das mais novas, porque neta de Eva tem muitas, né, mas filha da última filha que é **Marta**, era Mariana. Mas só que por moti, por motivos de doenças, né, de saúde, ela não pôde estar à frente como era da vontade da filha de Eva última. Tem minha mãe também, que também é vó, né, minha mãe que é, que é também neta de Eva, né, e também uma das filhas de filha de Eva iii me passaram aí, como uma continuidade de trabalho das pessoas da, das famílias tradicionais de Ilhabela, estar a frente dessa Ucharia. (7) Sempre deixei bem claro qui éé eu acho que coordenar, éé ..., coordenar é coordenar junto, é mandar junto, né, e uma festa tão grandiosa como essa, não dá para você estar à frente disso sem você ter uma boa equipe. Ter as pessoas que você confie, que você delegue funções, e que você saiba exatamente o que, o qui as pessoas tem qui fazer i onde elas tem qui estar... Então, nós temos uma equipe boa, uma equipe bacana, graças a Deus cada vez chega mais gente boa lá pra se unir à gente, você é uma delas, iii porque gosta, gosta de estar envolvida e gosta daquele movimento todo, até porque para entender o que é, tem que estar lá dentro, né? Então ééé, eu costumo dizer que nos dias da festa, apesar daqueles três dias de festa serem assim, praticamente doze horas ali dentro... às vezes catorze, né, porque a gente chega às sete e sai de lá às oito, nove horas (ri), eu costumo dizer qui são os dias que eu menos trabalho ...porque nós começamos a trabalhar bem antes. Então é um grupo pequeno que se reúne antes para angariar os alimentos, né, e quando isso tudo está lá, e não é pouco, são dias três de festa, três dias dando alimento grátis prum mooonte de gente, isso tudo não chegou lá por acaso... A gente começa, a gente começa antes com as reuniões, todo mundo sabe depois de uma determinada época o que cada um tem que fazê. E aí, por isso que eu falo assim fico mais relaxada e as pessoas às vezes podem até achar que eu, que a gente fica meio ausente. No começo, a gente fica naquela “vai dar tudo certo?”, “vai dar tudo...” Oras, já deu certo! Quando você consegue angariar uma tonelada de alimento, você consegue reunir pessoas que são voluntárias, que não estão ganhando absolutamente nada, que estão ali com três dias de dedicação deixando suas famílias, suas casas, a suas vida, muitas vezes pegando folga, banco de hora, não sei o que lá, pedindo pros seus patrões para estar ali porque nem todo mundo folga sábado e domingo e a gente começa sexta-feira..., você vê que deu certo, porque em, quando que você consegue, de repente, alimentos, né, pra três dias de festa? É três, é uma janta né, e dois almoços. Sexta à noite que a gente começa com a canja, sábado e domingo são os almoços... de repente, cê tem tudo isso lá e tem pessoas dispostas a fazerem. Uma coisa não se realiza sem a outra. Então, existe um povo que trabalhou antes para que algumas outras pessoas venham para trabalhar durante e depois fica-se poucas, fica-se menos pessoas, mas já deu certo! Mais, é é o antes, o durante e depois!... O que qui é o depois? O depois é entregar o ambiente onde a gente fica, fez a festa, do jeito que a gente encontrou, fazê um saldo do que foi a festa né, se reuní como a gente se reunia antes. Isso a gente tá até devendo porque cada um voltou um pouquinho pra sua vida mas a gente não relaxou não... Então, assim, éé (8) a festa da da Congada sei pouco falá sobre isso, o que eu sei mais falá é de Ucharia, mais pra mim é uma... A cozinha de São Benedito... pra mim assim é o, é o coração da festa, onde as pessoas, como se fosse um casamento, as pessoas vão lá tem o religioso e depois elas vem pra cerimônia, né, e ali éé... é onde tudo acontece. (9) As pessoas costumam até dizer qui tem gente qui vai lá só pra comer, né, “Ah, porque não entende a festa”, “não entende ...”. Olha gente, cabe a quem tem mais informação, passá pra quem não tem... O mundo é informação, não é? De alguma maneira ou outra, isso tem que chegar pras pessoas, pra entenderem o qui que é Ucharia de São Benedito. Tem muita gente de fora, muita gente qui já não acompanha, algumas famílias... até porque... religiosidade

mudou, as pessoas, elas tão em outras, outras religiões que não, não cultuam essa cultura, né, da gente, né, de São Benedito, estão em outras, outras, né, vendo Deus de uma outra maneira, que não é a mesma que a nossa, embora ele seja um só. Isso afastou um pouco algumas pessoas. Mas trouxe outras. Essas outras que vieram e que talvez não entendam o que é Ucharia, o que é essa festa, quem tem informação tem a obrigação de passá adiante. E aí a gente tem não só o meio do boca-a-boca dos mais antigos passarem para os mais novos, como os meios de comunicação, né, explicando o que é Congada, o que é Ucharia, que é uma festa só, a festa de São Benedito. (10)O Rei ele luta muito por isso, né, qui é a integração das coisas, né, que elas andem juntas e que as pessoas percebam que é uma só... Mas a maioria sabe sim, a maioria se não sabe, ela quer aprender, a maioria das pessoas elas, às vezes, estão ali para comer só um pouquinho da comida porque eles acham que é abençoada, e é! (11)Porque nos tempos de crise como hoje, se angariá tanta coisa..., você dar de comer pra tanta genti..., as pessoas saindo satisfeitas, i sempre sobrá aquele monte de comida, i você preocupada que não dê, né, ...Eu acho que é uma benção, eu acho que é uma benção! Eu acho qui as pessoas conhecendo o qui que é a festa, eu acho qui hoje a nossa maior preocupação ééé, eu falo isso assim de-de coração, é que as pessoas é qui não dê pra todo mundo, que as pessoas saiam sem comer, eu fico preocupada como o pessoal da cozinha mesmo “Ah, tá acabando, não tem, tem que fazer mais”, i mas sempre sobra! Raramente alguma coisa assim que falta. Quando falta, eu acho que é pra gente qui tá lá trabalhando qui a gente deu tudo pra todo mundo comê e isso aí pt saudação. Deu, deu; se não tem vamos pra panela fazê mais (ri). Isso que é interessante! (12)Interessante da festa o o é que quando eu vejo todo mundo ali, exatamente, fazendo o que tem qui ser feito, aon, as pessoas estão aonde elas tem que estar ...e eu vejo pessoas novas se agregando para substituir, algumas que não estão mais porque por motivos alheios à no-nossa vontade, ou à vontade delas, né, eu fico assim me sentindo realizada i eu sei que as outras pessoas que também estão nessa essa frente, à frente disso tudo, também se sentem, porque o pior passou... Éé, quando eu vejo a comida ali toda pronta, as pessoas comendo, eee a gente fala assim mais um ano, né, mais um ano. Não é fácil!... (13)Não é fácil porque a crise chegou pra todo mundo. A crise..., antigamente os comércio davam maais. Dão menos hoje. As pessoas tinham aquela tradição da Festa de São Benedito era tudo doação... tudo era doado. Tudo, tudo era doado. As pessoas já guardavam aqueles franguinho no quintais, aquilo é de São Benedito. Si nascia um pato lá, aquilo é di São Benedito. As, as construções foram crescendo, as pessoas foram vendendo suas terras, filho construindo na casa de pais, como isso aqui, isso aqui era um quintal só. Minha mãe também tinha a galinha que dava prá São Benedito, mas agora “Mãe, vamos ter que tirá o galinheiro pra podê construía nossa casinha, porque o negócio ficou feio”... E aí, esse negócio de doação perdeu-se assim um pouquinho... Não é que se perdeu, é que as pessoas que doavam cinco, doam dois. Não é porque elas não querem. Mais pra gente não interessa (cachorro late ao fundo), não interessa a quantidade... Interessa que elas doaram o que elas podiam doar (seu neto e um colega entram na casa em busca de um brinquedo). A ideia qui si tinham dez pessoas doando dez ou cinco e tão doando dois, vamos correr atrás de mais cinco. Vamos, vamos cavar tipo ouro em pedra, porque as quantidades elas aumentaram um pouco, né, a gente qué mantê mais não dá, porque são mais pessoas comendo. Então o que hoje a gente sentiu que faltou tem que aumentá a quantidade no ano que vem. (14)Aí fala-se assim “ah, mais quanto mais você aumentá, mais gente vem comê!” Ora gente, si estão genti doando i tem gente disposta a fazer, que bom! Que venham! Tamos aí pra isso! (ri). Num tamo nem aí. Senta-lhe pau!” (ri). A idéia é que só as pessoas só entendam que mais pessoas tem qui doarem, mais não porque a gente tá com aquela coisa de aumentá a quantidade, mas sim porque aumentaram o número de pessoas pra se, pra comerem, né, iii a gente tem que tirá isso de algum lugar. Então, nossa corrida três meses antes, ela é árdua, ela é difícil..., mas ela também é prazerosa porque tudo é voluntário, todas as pessoas envolvidas são voluntários, i

os três dias, as pessoas que estão lá também são voluntários, então, num tá bem, num tá legal, vai pra tua casa, vem amanhã, vem mais tarde, vai passeá na vila, volta depois... I daqui a pouco aparece outra pessoa pra substituí ali cortando alguma coisa, i daqui aparece uma pessoa pra substituir ali tocando paneela, aparece outra pessoa pra, pra lavá os praato. Aparece muita gente! As pessoas parecem qui brotam quereno ajudá... É logico, qui..., qui diz um ditado qui muito ajuda quem não atrapalha, mais aí você tem que ordenar as pessoas. Mais se elas veem um grupo organizado trabalhando direito, é só copiar. Aí você vem, designa a função de cada um deles, delé ééé delega funções i isso flui... isso é muito bacana! Ééé. a gente vai começá já os trabalhos agora a partir já di agosto, começá a fazer alguns contatos importantes... (15)Temos pessoas novas ajudando a genti qui não vieram, não são daqui, moram aqui já a algum tempo e adotaram a Ilhabela como sua, como se fosse raiz daqui, isso é muito bom i aí que eu te falo que aí não importa a tradição, elas tão com boa vontade, elas tem devoção, tá ótimo, beleza, perfeito! Acho que... mais pessoas virão porque a gente perde pessoas ao longo da caminhada, pessoas de peso iii é uma coisa que eu falo e repito, né,... esse... as pessoas elas não são substituídas não, esse negócio “Ah, ninguém é insubstituível”, nós somos insubstituíveis, sim. Nós somos pessoas singulares... Não existe outra pessoa como eu, não existe outra pessoa como você. Existe apenas a boa vontade, a grande vontade de que as pessoas façam o que eu faço, o que você faiz... isso se aprende, sim. Si tiver alguém com boa vontade, as pessoas qui têm que aprender o que eu faço com boa vontade, o que outras pessoas que me ensinaram faziam eu tive a boa vontade de aprender. As suas ações sim, são substituídas por outras pessoas que vão vir a fazê-las. As pessoas não, né? Isso é qui eu levo sempre pra mim. E aí ao longo dessa caminhada muitas pessoas se foram, muitas tias, muitas senhoras idosas, gente qui ia prá Vila pra durmir lá. (16)Meu pai costumava falá i a gente na época da, a uns anos atrais, “Cadê a mãe? “Ah, viajou pra Vila!” (ri). Falei “cadê ela?” “Ah, viajou pra Vila, né?”. Agora tu viajou prá lá! Bom, quatro quilometro! Porque elas iam pra durmir porque a preocupação di no outro dia bem cedinho ali pra... tá na lida né? E aí gente, é legal porque o patrão é São Benedito..., nós somos funcionários dele e a única coisa que eles nos cobra é que a gente faça isso com amor, com devoção i qui juntem-se à nossa tradição, vindo de qualquer lugar. A gente pede apenas qui... as pessoas tentem entender o nosso trabalho, aprendam com quem já tá lá a mais tempo, observe, né, i qui isso não seja pra, nenhum palco pra subí ou pra aparecê, porque quando é assim elas permanecem tão pouco tempo, elas si vão como vieram..., né? I as, i as grandes pessoas que estão ali, porque querem estar, precisam estar i entenderam isso i gostam di estar, essas ficam com a genti durante muuuitos anos!... Eu pretendo ser uma delas. ...Tsc! Apesar qui às vezes dá uma..., você junta, acumula muita função porque você é mãe, você é mulher, você é esposa, você é avó, cê, cê é filha, né, cê é funcionária, né, i cê é pessoa, né? Aí você fala assim “Ai meu deus! Tô com uma corcunda aqui de Notre Dame, mais, né, aí você senta direito na cadeira, empina a espinha, i joga fora e vamu embora ... Balança a cabeça e fala “Passou, e vai dar certo!” E é isso... é isso Silmara... (fica em silêncio, me olhando)

- Éé, você gostaria de acrescentar alguma coisa?

- Gostaria de acrescentar, sim. Gostaria de acrescentar qui eu, (17)eu quero assim muito mais pessoas envolvidas, eu quero ..., eu gostaria de ter assim, na realidade, quando a gente, qui a gente tem medo assim de se perder nu meio disso tudo, as pessoas lá antiigas qui tiveram com a gente lá. Então a gente angaria um da família, né. Esse ano consegui trazer algumas pessoas... Filha num sei di quem, filha não sei de quem, qui era daqui daonde, qui era do morro, qui é di família qui a gente via por lá i não vê ninguém i a gente sabe qui a família é imensa, a gente fala “Pô, porque você sumiu de lá? Não, você está convidada, você está intimada a ir lá”. I aí depois a gente vê que a pessoa foi, gostou i tá lá então..., a ideia é trazê pra qui isso possa caminhar junto ainda, né, a tradição ali com a devoção ... A gente qué, a gente qué qui essas pessoas tenham pelo menos um de cada família ali, entre tantos, qui são

famílias numerosas. A genti qué passá o olho e ver qui aquela pessoa tá representando alguém lá do morro, lá do Cantagalo, lá do Morro do Cemitério, lá da Armação, ali do Saco da Capela já tem uma galera qui tá com a gente; a gente quer ver gente lá do sul da ilha, lá do-do norte, a gente quer ver um de cada família ali com a gente. Então, o convite, a gente faiz o convite, a gente estende o convite, o convite está sendo feito, já começamos nessa luta aí esse ano e a gente vai adiante..., a gente vai adiante... Quem sabe a gente não consegue pegá essas pessoas que tem tanta tradição e fazê com qui elas voltem a ter a devoção né? Aí seria seria máster, máster, blaster, plus (rimos). Seria lindo! O sol brilhou, si fosse assim. Muito maravilhoso! Mas é é uma ... (18)eu-eu costume dizer que é uma, é um trabalho assim meio qui de formiguinha você trazer essas pessoas di volta, né, qui aí você também tem que trabalhá a cabeça i fazê qui elas entendam o quão é grandioso a gente ver elas transitando por ali i o quanto isso é importante para os seus mais antigos que já não podem mais estar ali, porque já estão idosos i uma coisa e outra assim, né, ... iii isso, isso é importante para essas pessoas porque eu acho que eles que carregaram isso nas costas, eu acho que eles se sentem assim “onde tá fulano” “onde tá fulano?”, “onde tá beltrano?” “Ah, tá lá na Ucharia, foi ajudar lá”. Noossa, tenho certeza! Que (19)a minha mãe aqui, pelo menos aqui a gente ... “Já vão, já vão?”, Fica lembrando: “Sai logo, olha a hora di tá lá, o pessoal já tá chegando!”, “Vai atrasá a comida i temos que ir!” Nós tamo super cedo e ela está falando... Então a gente o dia que ela não pode ir, porque tem que olhar meu pai, mas ela vai só um pouquinho, assim como tia **Marta**, né, qui são figuras importantes di estarem ali transitando pela festa pra qui as pessoas vejam e fale: “Ela está aqui!” Isso passa pra gente uma ... um tchan, uma energia bacana sabê qui a pessoa qui começou aquilo lá atrás ainda está por ali olhando, fazendo parte, si sentindo parte, mesmo qui descasque uma batatinha ..., antigamente descascava treis quilo, hoje com as mãos mais leve, mais cansadas, algumas senhorinhas descascam duas, treis i a gente vai buscá em casa pra tá lá... Não faiz muita diferença, talvez na quantidade de coisas que façam, mas fazem uma diferença danada di estarem ali sabendo que elas ainda são importantes pra festa. Então, a gente também tem que trabalhar isso né, e as pessoas que estão do lado, as mais novas, elas têm qui entender a importante presença destas pessoas lá, essas pessoas muito forte. I são pessoas qui fizeram isso chegar até onde tá, né... Isso aí, amanhã sou eu, né i as minhas filhas vão ter qui entender isso, i meus netos, sei lá, se tiver neta, a importância das pessoas estarem presentes, e a força delas qui é pra gente. É uma energia assim qui ... é vital, né? Isso pra mim é, é de grande relevância, por isso que eu falo que às vezes as pessoas elas, elas si sentem assim meio qui deixadas de lado porque elas acham qui elas estão mais incapacitadas, né, di realizá... tarefas. A gente não quer qui ninguém vá pra lá descascar um saco não, mais se for pra lá fazê um pouquinho ... i a gente olhá e olhá prá tras, vê lá fotos de vinte, trinta anos atrás, quarenta i vê a pessoa ainda ali ... Nossa, isso é, é tão gratificante pra gente! ... A gente não pode perder isso ... E aí a gente, em algum momento lá atrais outras pessoas, ...qui não entenderam isso ... ééé graças a Deus não é tão, não estão assim tão integrada i não assim tão ativa como nós porque não fala a mesma língua qui a gente né, tem qui falá todo mundo a mesma língua ... E aí a importância de cada um dentro do que se faiz lá. A minha tia **Marta** ela, que é a última filha de Eva, filha de Benedito Paulino, um dos antigos, reis, né, da Congada ...Ela tem assim a, na árvore genealógica dela, ela vem ... pa gente abaixo dela i eu tenho certeza qui ela chega lá i vê as sobrinhas netas, vê minha mãe qui é uma, como si fosse no grau de filha lá, né, ... Vê minhas filhas qui já são como si fosse também né, tias bisneta dela, né, são sobrinhas, né, como si fosse bisavó delas, né, ... tia-bisavó, então eu acho que ela fica feliz de ver a gente por lá dando a continuidade do trabalho dela... (20)Pra eles é um trabalho, pra eles é uma, é uma, tipo assim uma obrigação para com São Benedito, não qui tenha qui estar lá, mas como si ele fosse achar ruim de elas não estarem lá. Elas têm essa preocupação... né? É, é porque é o respeito, né, di, daquele trabalho voluntário de estar lá. E este trabalho voluntário, as pessoas tem qui entender qui ele é

primordial, ele é essencial, ele ééé pra gente ...a melhor coisa da festa, porque como você reúne tanta gente em três dias de festa, cozinhando pra tanta gente..., sem si cansar i disposta no outro dia saindo de lá nove hora da noite, sabendo qui no outro dia vai às sete de novo? ... Iii sem cansá, sem reclamá, cantando, toda hora gritando “Viva São Benedito!”, né, i as outras “Viva!” Uma energia qui tem qui você eu tenho certeza qui na minha casa mesmo, o qui eu faço em três dias lá, acho qui eu não faço em quinze (rimos). Eu não sei daonde eu tiro isso, mas eu tiro porque é muito legal e a gente revê pessoas qui a gente não vê faiz teempo. A gente vê a vitalidade das pessoas, vê a energia, i aí vê já trazendo filha, já vê trazendo uma neta. A gente fala “Opa! O negócio tá funcionando, é assim qui tem que ser né, tá passando de mãe”. É hereditário, ali a cozinha viu? i aí a gente adota algumas pessoas ... pra família qui não são daqui, mais que gostam tanto de estar ali que a gente vê o olho brilhar... (me encara e sorri para mim), e aí a gente fala “Po, isso aqui tá bom pra cacete!”(dá risada). É isso! É isso, menina! (21)Eu não sei o que ti falá assim mais porque quando eu falo eu, me emociona i eu, eu não falo ...eu não falo assim muito da-da burocracia da festa, porque é tudo tão simples. Pra mim é tudo tão... é como realizar uma tarefa, um pouco maior, mas qui tem tanta gente ajudando qui aquilo se torna tão ... tão pequeno, né? Então, pra mim eu, eu tiro de letra, eu num, eu não fico procurando o de trás disso, tentando fazer isso parecer uma coisa “Óóó!” Não, é uma coisa UAU... né, é tudo pra mim, relax ... ii a única coisa que eu faço e deixo isso sempre bem claro ... é qui quando as pessoas às vezes, né, que antigamente as pessoas, elas tinham muito isso assim di ... “Quem está ali à frente é fulano!”.Nããão! Eu estou à frente com um monte de pessoas, porque não se faz uma festa tão grandiosa dessa si não tiver muita gente, de grande importância, entendendo a importância da festa, entendendo que ... a festa é importante pra gente, nós não somos importantes para a festa... Importantes somos se estamos todos unidos i muita gente junto, porque si eu saio do jeito qui as coisas estão tão bem encaminhadas com as pessoas sabendo tão bem o que si fazem, sentem minha falta, mas qual qui é a grande importância, qual qui é o que da história? As pessoas, uma sabe o qui a outra faiz, porque na falta de uma o show não pode parar... As coisas tem que continuar, a festa tem que sair, as panelas tem que estar no fogão ... então,(22) daí a importância de você ir passando o que você sabe... porque o que qui é aquilo que você sabe? Você tem um grande saber, se você não passa... É como si você tivesse tão limitado, e o seu saber tão grande e você fica limitado porque você não tá passando isso. Você tem que passar o que você sabe, o que você aprendeu, como fazer, onde fazer, com quem, né? Que agora tem aquele negócio de qualidade, tudo é qualidade. Eu acho ótimo qualidade. Qualidade nada mais é do que você fazer as coisas direito, né? Eles ficam dando nome muito boniiiiito. Legal. Bacana! Legal! (23)Qualidade! Qualidade é isso gente, é você fazer as coisas decente, com carinho, com amor, chamando pessoas pra você, fazendo decente, legal, sem machucar ninguém, sem prejudicar ninguém, atingindo o seu bem maior, da maneira correta. Qualidade, né, é você respeitar quem está à tua volta, as pessoas que estão ali são voluntários, cada um dentro da sua função, respeitá quem de repente não quer ir largar as panelas porque tá com aquela coisa assim muito antigo di qui só eu sei fazê, mas é porque ela esteve fazendo durante muuuito tempo. Você tem que ser respeitado, sim! E aos pouquinhos, sem que você perceba, quando ela percebe que ela já não está fazendo tanto, ela mesma vai passando para as outras. É só colar nela. Cola nela, fica ali juntinho, qui aí você vê a pessoa passando a função... Que são as pessoas mais antigas que a gente tem que respeitar a opinião deles, né, até porque o que seria da festa hoje se não fossem eles, né? E o que será daqui um pouco da festa adiante se não formos nós que estamos aqui agora? É uma grande responsabilidade, né?(24) Não tem aquele ditado que o super-heróis que com um grande poder vem grande responsabilidade? Adoro essa frase! Por que? Qual o seu poder nisso? Porque você está comandando ali junto com outras pessoas uma coisa muito grandiosa. E qual a sua responsabilidade? De passar isso pra alguém! Passar pras pessoas! Gostaria que elas estivessem mais envolvidas, mais trabalham e

uma coisa e outra, às vezes não é possível estar né, uma vem do Rio e a outra ... Mais você tem, olhando pra família, olhando pros seus, olhando pras pessoas que estão por lá ..., olhando pras pessoas que às vezes você sente a falta, “Onde tá fulano?”, né, “Ah, aconteceu isso, aquilo, aquilo outro!” Você fala assim: “É, você tem que ir passando... porque... as pessoas vão e se vão, elas vem e vem, né, i o fato de não estar lá não quer dizer que ela não gostariam de estar, né, ... Mas, o que ela fazia tem que ser feito !... I tomara Deus que si ela fazia uma coisa muito importante pra festa que alguém teje em algum momento atento, pra aprender o que ela tinha pra passar. I que em algum momento, entendendo a grandiosidade da sua função dentro da festa ela tenha tido a grandiosidade de passar isso pra alguém. Senão..., né, que adianta, né? É isso, simples assim! ... (ficamos em silêncio por alguns momentos)

- Obrigada, **Maura**

- De nada, amor! (25)Só falo porque eu te vi lá pela cozinha, lá. Vi você com aquele coisinho lá, nós tudo colocando aquela coisa na cabeça, falei..., falei assim... Gente, eu olhei pras pessoas novas lá chegando falei: “Nossa, é a grande importância de ter essas substituições, porque tivemos uma grande perda. E essa pessoa vinha preparando (ela começa a se emocionar e chorar)... me preparando pra isso, pra que, sem que ela soubesse, ela falava “Vamos trazer fulano, vamos trazer beltrano, vamos trazer outras pessoas” ... I era um pensamento dela de trazer outras pessoas assim, porque a impressão que se tinha, Silmara, é que isso era o clube da Luluzinha i fechado. Qui outras pessoas não poderiam adentrar isso, mesmo quando elas queriam participá. I por que? Porque se falava muito em tradição, tradição, tradição ... E aí as pessoas ficavam achando qui só quem era de família tradicional, que tinha vindo inaugurar Ilhabela é que poderia estar lá...né? Iii o tempo foi passando e a gente foi demonstrando qui não, qui a gente aceita a ajuda di quem quer que seja porque a gente precisa dessa ajuda, as pessoas mais antigas, mais tradicionais qui elas iam sim. Cada ano a gente vê uma figura a menos lá... E aí nem sempre a gente conseguia essa ajuda de estar lá, de essas pessoas poderem estar ajudando, inclusive correndo atrás das coisas, angariando coisas, pessoas que tinham esse saber, né? Iii eu tive uma boa professora, a Malu. Ela foi passando, ela “eu vou aqui, eu vou ali, eu pego lá” iii ela foi preparando a gente pra isso... I aí a gente tem qui fazer outras pessoas que ainda estão com a cabeça fechada di entender..., qui a gente necessita, é uma grande festa, a gente necessita de grandes ajuda. De muita ajuda! Porque aí ela não passa a ser uma coisa trabalhosa pra ninguém..., tem que ser prazerosa, você tem que estar com as duas coisas aliadas. É um grande trabalho, dá muuito trabalho, mas você tem qui ter um grande prazer, você tem qui tá tendo prazer em fazer isso, né, i às vezes (26)a gente não é de ferro, né, a gente poxa, a gente bate o joelho no chão e fala “meu deus me ajuda porque tô tendo coisas que eu não sei lidar. Me dai sabedoria”. Mas tudo isso porque você quer realizar uma festa bacana. Você quer ver um, um, as pessoas comendo bem, tempero bacana, não faltando nada pras cozinheiras qui tão ali. A gente faz aqueles corres nervoso na hora: “Falta isso, falta aquilo”. Di boa, legal, vamos, entendeu? É isso quui a gente quer ver lá né, ii fica difícil de entender como as pessoas não entenderam qui a gente tem qui abrir esse leque de opções... de pessoas, de sangue novo, com idéias novas, porque o novo ele vem e a gente tem qui também inovar na na na cozinha de São Benedito, na Ucharia dele. A gente tem qui ter grandes ideias i aproveitá quem vem com ela, a gente não pode ficar na mesmice i achar qui qui era feito ou podia ser feito ou como era feito antigamente pode estar sendo feito hoje, tem qui si adaptar... porque as coisas estão bem diferentes, elas estão bem maiores... né? Pra você ter uma ideia si (27)a gente oferecia essa refeição na Colônia dos Pescadores... Meu deus, parecia aquilo uma sala de aula! ... era uma sala de aula praticamente, aquilo. Gente, no salão Sporte Club i depois pro salão paroquial, esta festa a gente, nós fizemos na escola, na quadra de uma escola. Com aquilo três, enchendo três, quatro vezes na quadra com um monte de banco formado do começo ao fim, de trave a trave. Então, a festa cresceu muito! A, gente vê aquela escola cheia de gente montando mesa lá em cima ainda a

gente falando “Nossa, como isso ficou grande!”. E aí tento e vamos ter qui ser grande pra isso aqui também. Vamu tê quii tentá entendê, aprendê, i buscá informação i buscá novos recursos.., entendeu? Gente, é isso! Ééé, isso é muito dinâmico, é muito contagioso, né, i quando você tem pessoas que vão aparecendo i qui se contagia com isso, puxa, glória! É um jogador a mais, gente. Só tem, a gente só tem qui agradecê. Tem que agradecê a Deus que ele manda as pessoas na hora certa. Mesmo quando ele nos tira uma, ele nos manda tantas, né? E eu agradeço a Deus todo dia, pra festa saí bacana, que é nossa preocupação... É, é isso aí. É só isso. (28)A preocupação da gente é essa: que a Congada lá os meninos dançando, os congueiros, pessoal assistindo, i quando ele suba esteje tudo a contento, teje tudo bacana..., dando a comida pra todo mundo, que as pessoas saiam dali satisfeitas, contentes i, é claro o que a gente não pode esquecer qui uma festa grande como essa, servindo tanta gente, sempre tem uns erros, né, como não ter? Si não a gente acha qui tá tudo bom i num vai tentá melhorá, i aí a gente claro que a gente aceita críticas desde que elas sejam construtivas, porque a pior coisa depois de você se, se desdobrar e todo mundo... A gente sabe que vem crítica de algum lugar, e a gente quer qui critiquem sim, construtivamente, mas critiquem porque aí gente “Pô erreí aqui, erramos ali, aqui dá pra fazer melhor, vamos fazê diferentii,” né? Isso é... Eu tenho esse entendimento. Adoro quando falam, só não pode ser destrutiva, porque às vezes uma palavra, se você não tiver equilíbrio, ela te desmotiva, e isso em qualquer lugar, em qualquer profissão ... Maaiis, a gente se abala por um momento ou outro mas depois tu balança a cabeça e fala “Pô meu, vou aproveitá essa pedra aqui que me jogou aqui e pra fazê o, fazê meu muro ali i boa” (ri). Ai, Sil. É isso!

- Obrigada! Obrigada mesmo!

- É de coração. (29)Quando a gente fala de coração a gente fala o que tá, o que rolou, o que vai rolá, quais são os novos planos, os planos nós temos bastante ... E parece que a gente tá meio amuada, mais na hora de fervê “óoo a gente, vamo pro pau” (ri) E é isso.

- É isso. Obrigada!

- De nada!

- O grande mistério do meu trabalho vai ser se vai se vai ter uma entrevista que eu não vou chorar junto. Choro em todas.

- É né, porque a gente, a gente tá falando com o coração, né, a gente se emociona, sim.

- Em todas eu...eu choro! Em todas! Ai, obrigada.

-De nada.

- Obrigada! Não tem ideia do quanto eu gosto ... (desligo o gravador e passamos a conversar)

Discurso XIV

- A pergunta é bem simples. Ééé... A pergunta é: O que é a Congada para a senhora?

- ... Essa é, é a ...?

- É a pergunta.

- Oolha, a Congada pra mim... (fica em silêncio por alguns momentos), (1)eu... nem sei explicar o que significa essa Congada pra mim, porque eu, eu fui uma, fui a última qui fiquei da turma da Congada... Porque meu pai que começou, aí os filhos tudo, né, seguiram ele, eu fui aaa última. Então, isso é uma devoção..!. E todo aquele ano... o trabalháa pra Congada i lutar, trabalhar em casa, e tem o dia certo di. di andá... a Congada, tudo pra Congada, né. I Tentem brincava muito, “tem a época do pidão, né?” A gente vai pidi, pedí, ee pra fazer uma boa Congada e agradá muito o povo ... e assim isso, porque isso aí ... (2)o começo da Congada foi o meu pai. Aqui não existia a Congada, né, e meu pai, ele era... filho deee, como é que é, português... e ele..., essa conversa já eles contavam, e meu pai, ele, o meu avô, falava pro meu pai, ele cresci, cresceu i queria que seguisse o que ele era da Congada, ele ia ensiná o meu pai ... Aí o meu pai... ééé falô pra reuní a família iiii ele falô pra minha mãe: “Eva, vamos trabalhar! Vamos fazer o que meu pai queria. Não aqui, aqui meu pai não feiz nada, mais me deixou eu encarregado nesse ponto”. Aí mamãe “Vamos!”. Iii, a minha mãe trabalhava, ela ela teve vintiiseis filhos..., ela, ela ganhava nenê..., levava um, um ou dois dia em casa, embrulhava a criança e ia pra Vila. a festa era na Vila. Semana toda, ele arrumava uma em uma casa e ficavam. Então, ali não tinha festa ainda, di Congada, né. Tão preparando... a festa. iii i meu pai... tinha muitos amigos e começou a chamá os amigos pra isso... Os amigos mais velhos que iam a companhá isso, explicava tudo. Depois o meu pai falou assim “Tá faltando oo Embaixador”, aí teve um deles que falou assim “Ah, ... parente”, porque eles si chamavam, “Eu, eu posso ser o Embaixador. Se você aceitar eu faço”. Então você faiz? Então, já marcou o carregamento pra ele, e ele morava lá na, na, na Siriuba e lá também ele já começou a arrumá o povo pra formar a Congada... Iii (3)naquele tempo até pro padre era difícil, os padres não aceitavam. Era frade! Moravam no bairro são Francisco... Então ele dizia assim, ah, o meu pai, meu pai ... não, porque ele feiz um, como é qui chama, uma história..., então apresentou pro padre. O padre falou assim “Ei, isso aí não, isso aí não..., no meio tem guerra, não queremos guerra, não queremos guerra”, foi a hora, né, di meu pai explicá tudo direitinho ... “Não padre, o senhor preci, hã...padre... Frei! O senhor precisa vê, ouvi, direitinho por senhor vê si é guerra ou não (sorri divertida), mas não é guerra...” Aí começô a fazê a Congada, a fazê a ... começou na festa. (4)Tem a festa da Nossa Senhora da Ajuda, da Ajuda, dois de janeiro... Dois de fevereiro! E meu pai então “Vamos fazê a festa depois da festa do dia da Nossa Senhora” ... Eee aí então acertaram tudo pra fazê a festa. Então faziam, um domingo eles iam ensaiá lá na, na Armação, lá no Siriúba, outro dia na Armação, terceiro dia aqui no Perequê... né. Ensaivam os trechos i tudo isso. ... Esse Pedro ele é muito..., além dele fazer o papel do-do, todo mundo achava muito bonito o papel dele e, e tinham medo (ela ri), por causa da espada, né (faz o gesto como se estivesse lutando com uma espada), ele como guerreiro, né? Então, tinha duas parte: do Rei ... i du, era vassalo, né, do Rei, nesse tempo do, do Reis. Então, ele tinha a parte dele, ele comandava a turma dele e meu pai..., i ele, mais a turma dele era mais do lado qui ele morava porque era mais fácil pra eles irem ensaiá... i depois disse “vamu fazê como é qui... A comida! Como é qui vai sê a comida?” Naquele tempo, tudo era pobre. Aí tinha um senhor..., é lá do Sul, ele falou assim, “Nós fizemos também..., Paulino” (que é meu pai), “ooo a festa do Reis e tem o, a-o canto do do Reis, né.” Você já viu, né? (aceno com a cabeça que sim) como, como é que chama...? “Então, fazê assim, vamos fazer isso: eu vou com a minha turma ... você, você põe mais um trecho, vamos dividir !... Turma do Sul, turma daqui e turma da-da Armação. Cada um vai ficá com uma bandeira do São Benedito..., i vamo saí... em volta à ilha.” Já tem até mercado os pontos lá na ilha onde eles paravam. Então eles cantavam o Reis, a foli, é, a Folia de Reis

eles cantavam e naquele canto eles faziam um pedido... sabe? Faziam um pedido. Todos eles. I já tinha o dia marcado di trazê... Então tinha o dia que eles chegavam ...Então, por isso, mamãe já ia uma semana antes da festa pra ficá lá, pra recebê ... as coisas, né? Então eles traziam... farinha..., peixe salgado, éééé..., éé, mandioca,.... tinha outra coisa também que eles traziam... Os frangos, demais! Galinha! Tudo o que eles podiam naquele, aquela equipe arrumá i depois tinha outra equipe também tudo qui arrumava, então nunca faltou comida ... sabe? Iiii no Sul também, traziam tudo de canoa... Então, né, i tinha uma canoa que trazia só lenha ... tudo os pedacinhos de lenha... pra festa. Então elis... era, era uma festa mesmo! Eles faziam isso. iii depois mamãe... e a casa que eles arrumavam era grande, com quarto grande. I naquele tempo não tinha nada de colchão. Não existia o colchão. O colchão eles mesmo faziam (ri baixinho). Mamãe fazi, mandava fazê esteira. Quem soubesse, fazia estera, estera, estera, estera, ficava aquele montão di este. Conhece esteira?

- Conheço

- (5)O pessoal quando vinha já tinha onde dormir..., sabe? Ninguém ficou na rua. ... Aí começou..., ééé, a Festa de São Benedito. ... Aí todo mundo vinha i, naquele tempo, turista era difícil... I todo mundo vinha e tinha já umas pessoa pra cozinhá... iii prá dormí ali ficava tudo é embolado, jogava uma esteira no chão, eles emendavam uma na outra e faziam um soalhado, o quarto. iiii assim foi indo a festa... i nunca faltou nada. I o padre ...(6)Antes também o padre, eles vinham do Bairro i ficavam na Vila i pra assití tudo essas parti... i onde tinha essa parte da guerra... i teve um padre qui é do tempo da Alemanha, o padre que não gos, não, não queria saber disso. Falá em guerra pra eles era o fim mundo. Papai: “Não, padre.” Aí ele falava assim “ Olha, Paulino, tá muito bom, muito bonito, mais vamos acabar com espadas, essas espadas... eu tô aqui fugindo. Primeira coisa eu tô fugido da minha terra por causa da, dessas espadas, né”, ... aí meu, meu, meu pai falou “Tudo bem, mas não vamos acabar com a festa. Por isso, si o senhor não quiser a festa de São Benedito, o senhor pode ficá a semana toda, no dia da festa si o senhor não quisé fica presente, mais a festa vai tê. Não vai tê missa porque não tem padre, mas vai tê a festa tudo direitinho”. ... (7)E assim foi continuano i, i o pessoal num esquecia. Os porco vinham pra, matavam aqui i a mã, a mamãe já tinha era gamela sabe, gamela grande, punha ali no tempero tudo, já ia assando... pra dia da festa, mais tinha que começá antes, não tinha geladeira naquela época. não tinha nada! ... Então, a festa começou assim, com a ajuda do povo... Você... não conheceu. (8)Você ia lá, já via o movimento i chegava pra minha mãe “Ó dona Eva, não tá faltando nada?” I mamãe: “Até o momento não tá faltando!” “Ah mais... Não, eu vô trazê... qualquer coisa.” Ia, comprava qualquer coisa i trazia ... na pada, tinha uma senhora que ela gostava fazê pão, ela fazia pão na casa dela, ela qui comprava trigo, fazia pão. Pra treis dia de festa tinha pão fresquinho. Ela fazia um pouco deixava... trazia a rezia e depois ia trazendo aos poucos não faltava pão! café também ... café, o bule era um bule grande, de café pro povo chegava i comia ... iii assim foi, foi indo. (9)Dipois meu pai ... morreu... Aí mamãe..., por ela, disistiu... né, porque com quem ela ia. Chamou o, esse Pedro, embaixador... ele “mas nós estamos aqui...” aí ela assim “Pedro eu sei qui você mais... minha parte, eu não fico, não tenho coragem mais de trabalhá”... Aí depois ela, ela teve um sonho com meu pai... di chegá prá ela e falá assim “Eva, vai tê a festa i você vai na casa do Pedro... i fala pra Pedro qui ele é o responsável pra tocá a festa pra frente”. Então, ela disse que conversava com ele i assim “Ah, mais Paulino...”. “Vai, vai, vai amanhã já!” Ela, de manhã, falou assim pra, pra minha avó ...ela chamava “minha mãe”. “Minha mãe, eu vou na casa de Pedro”, mamãe prá ela. “Vai fazê o que?” “É porque tá chegando já a época da festa i Paulino veio me pedí... pra mim fala com Pedro.... “I você vai?” “Vou”. Aí pegou os filhos, dois ou treis filho mais velho ... foi lá, lá na Viana. Aí chegou lá e falou com Pedro, ca família do Pedro tudo. I ele assim “Eva..., eu fico! Eu vô ... vô ensiná um, eu fico no meu lugar, mais ensino outro pra sê, pra sê o manda-chuva, por assim dizê i tem oo, i da sua parte a senhora já sabe... i o Rei também”, Assim, i aí

ela falou assim, ela falou assim “i o meu, i o rei vai se o filho mais velho, o Manoel ... i o Pedro também ficou responsável por, por Manoel. Aí eles fizeram a festa. Aí batalharam tudo, era a fogueira, era tudo. (10) De manhã cedo a turma batia na porta “Ai, brigado, brigada, nós tava triste, não sabia, não podia passá a festa de São Benedito em vão...” i aí continuou... a festa. Aí ia morrendo um, já outro já pegava o lugar, sabe como é qui é di, i a parte de Rei o meu, o meu irmão estava... mas quando éé tem... (11) Na família sempre tem um que quer ser mais que o outro, né, ... Eu tinha outro irmão, esse meu outro irmão dizia que meu pai não podia dar o direito dele, de rei pra esse (ri). Tinha que dá pra ele também, né, ... aí o Pedro falou assim: “Não, é Neco! Neco está até quando ele não puder mais... Quando ele não puder mais, aí pode ser você...” Aí ele ficou com raiva, né, mas ... mais... depois foi, foi caindo. Pedro até hoje queria mandá mais que esse Pedro, que é o Embaixador. Ele tinha o chapeuzinho dele, ele arrumava aquilo. Ele veio dizer que não queria mais. (12) I antis o, o meu irmão fez greve com, com esse Pedro também, aí deixaram por conta desse meu irmão. Então, (13) era uma casa só pra essa comida pro pros congos... mais como era muita gente e a casa é pequena, eles puseram como um festero de rua... sabe? Esse festero de rua podia... eles... daqui ajudava aquele festero de rua a fazê na casa dele a comida pra ajudá, pra divií pro povo comê... aí foi nisso que outros disse qui também seria rei, porque podia sê rei de rua. Mais aí a briga foi entre eles lá. (14) Mas continuô a festa. Depois mamãe morreu, ela teve bastante filho, os primeiros filhos... foram trabalhando, uns foi saindo, outros foi ficando, otros ia entrando. Eu sei que afinal, fiquei eu. Mais tá muito diferente já... ai já chegou, começou a chegar turista, i tudo, i já muitos já começavam a ... a bagunça. I depois mais velha ... minha mãe não foi mais. Ia lá mais “Deixa eu entrega pras fias, né”. Eu como a caçula fiquei... ali. Mais o ponto trabalhava mais qui tudo di bom, você trabalhava mais do qui antes, porque antis o povo mesmo faziam a festa, principalmente da comida. A igreja é por conta dela, né. Mais pra fala com padre, prair lá no são Francisco, falar com padre era meu pai. isso cabia na nossa família, incluso em casa tinha a capelinha, meu pai convidou o povo pra fazê uma capelinha de São João, São João vivia numa cozinhezinha de uma velhinha que era dona ... (15) aí fizemos, então tinha assim, tudo repartido direitinho. Então tudo mundo comia, bebia, mais tinha tudo i não precisava fazê questã, sabe ... Aí... fiquei eu..., aí foi aca, foi acabando... o, Assim, morreu também o da da folia lá do sul, o seo Paulo, o qui ficô já não era mais aquele e foi mudando tudo, sabe? mais o pessoal foi eu.. a gente andava. muitas vezes andava. (16) Muitas vezes eu saia daqui cedo eu e meus minhas colegas, nois ia pra praia grande. Aí chegava lá, conversava com o povo, fazia uma reunião, tinha um lá responsável em reunir as mulherada, Então chamava as mulherada, fazia reunião, conversava. Até tinha uma, qui eu deixava uma lista do qui a gente precisava ... iii depois ali tirava o que ela podia arrumá... Aí, **Marta**, vocÊ, daqui a quinze dias você... vem aqui em casa. Outra, lá na-na Armação, a mesma coisa ... então quando eu, ela manda aquela parte já que eu tinha qui pra dá, pra trazê prá cá A minha irmã, eu e Tinha, a minha irmã também, uma era, tinha problema de coração .. ela trabalhava em tudo. i tinha outra uma que era costureira levava a máquina... pra fazê roupa de congo lá, na na festa. Ela não fazia mais nada. Ela trabalhava ali I...nóis fazia no, dia de busca, eu arrumava um carro.., que aí ia lá já tava na casa da moça, a sala, metade era tudo compra., tudo “Ah, **Marta** o que eu pude arrumar está aqui. Agora, tem pessoas qui qui qué dá mais”. Disse “Não!”, si eles quis é dá, pode dá, mais vamos parar. nossa parte aqui já está bem dado!” Agradei muito. i ela também depois assim mesmo antes de nós saí com o carro vinha as crianças gritando “Dona, dona, dona, a senhora esqueceu isso. Dona, dona! (ri) Era até uma graça, sabe? A gente ria... i logo. I aí começou. Então, nunca faltou comida. (17) A prefeitura nunca deu nada ... nada, nada, nada! Até os fogos, tinha uma que trabalhava lá, num entendo esse negócio, Ela roubava quando chegava fogos, negócio de fogos assim da prefeitura, ela guardava escondido... e quando chegava **Marta**, olha, em tal lugar, tal hora assim tú vai lá, qui a pessoa vai buscá..”. iii assim a gente fazia.

porque tinha fogos pra tudo, mais pra festa não tinha! I depois de outra, outra turma de, era como é qui diz...ra tem a prefeitura e tem ...? Não tem uma repartição? Ai meu Deus do céu! Tsc! Ah, esqueci agora o que qui é. Também tá na prefeitura. (18)Eu sei que essa repartição... Entrou uma... lá ..., aí ela falou **Marta**, não dá, num ...? A prefeitura não dá nada?" "Não!" "Como? Tem que dar sim! Tem que dar, sim! I eu, eu já vou já arrumá. I você vem aqui, pra você assiná!". Aí eu fui arrumá i dava... mas, pouco, né? Ééé se era cem quilo..., "Num, num! Não quero cinquenta, quero menos." Tudo de menos". Eu não gostava de pedir... grande coisa. Aí eles **Marta**, você tem que ..." Não, não adianta!. Então sempre o ditado da minha avó; "Pouco com Deus é muito, muito sem Deus é nada!" Então, vamos um pouquinho aqui, um pouquinho ali... Então nunca faltou nada, graças a Deus. Aí depois a prefeitura, por intermédio dela... (19)A Cultura! Isso! Que tinha a cultura, aí. Aí, começou, aí ela começou a dar, pela Cultura. Aí antes da festa ... a gente ia lá, já dizia o que queria, eles já tiravam com qui podiam dar ... iii pra festa. Ii o povo! Não podia deixar do povo! O povo... Um dia lá pra cima,... (20)A rua do cemitério tinha umas crianças qui a mãe dizia assim **Marta**, eu, não é eu dizê que falta pra mim, mas pra dizê Ô Valéria, cê tem um ovo? ... o meu filho dizia 'Mamãe esse pra eu levar pra festa'. Entendeu? Não queria que faltasse ele enten... "Filho eu vou dá..., mas esse aqui eu tenho que fazê o almoço!" Falou assim: "Não! Esse aqui já é de São Benedito ... Não, não!" E o pessoal acostumava caquilo, né? ... Eles de trás da ilha já chegavam com a canoa i já... chegavam. **Marta** como é que faiz ?" "O que qui você trouxe, mulher? Trouxe lenha!, truxe ééé.. matêmo um leitão, nós tem galinha, nós matamo mais cês precisa tratá." "Então vamô trata!" Era assim, sabe, muitas vez, às vez num precisava nem pedí. Eles já sabiam i já traziam... mais, era muito bom! Muito trabalhava, nós brincava muito, ria muito, agradava todo mundo... Nossa mãe do céu! Tem hora que lembra ... Agora, por fim, acabou!... Entrou uma turminha... O Pedro, essi morreu. Acabou tudo. Um troca troca ... iii i, i num, num, não dá. Ainda ficou na, na Colônia nós trabalhamos, era muito bom., Cujo o, (21)uma vez veio uma equipe, lá de São Vicenti, ... dee ... Terceira Idade! Um ônibus lotado de velhos. Não sei onde arrumaram tanto velho pra, pra trazê pra festa de São Benedito!... Aí quando chegou, lá Dona Dedé, não sei quem foi chegou lá disse **Marta**, chegou um ônibus lotado pra festa ..., i a comida?" ... "Não vai dá! Na verdade, como é qui..., ninguém avisou nada, porque tinha de avisá!". "Ah, nós vai vê isso".. Aí, veio, eles trouxeram o chefe da, da, da comanda deles, aí, na mandaram aí, ii "Teve um da diretoria qui falou pra mim falá com a senhora sobre almoço do pessoal. Eu não sei nada, viêmo na festa!" Aí eu fui lá na cozinha... i falei: "Escuta, tem comida sobrando?" ... "Ah, tem arroz...", qui é uma coisa que podia fazê mais rápido, "feijão,...", porque não faltava o feijão. "Iii..., pra salada, tem um pouco de batata... Mais não tem a bendita mistura, porque sem a mistura que é a carne, o... não tem!" "Não tem?" "Não!" "Mas, i o qui tá pronto aí? "Só dois pernil, treis pernil, pernilzinho... mais é esse que tá pronto" ... Disse "Escuta aqui, i agora como é qui vai sê? "Mas não vai dá pra essa turma, **Marta**!" Eu disse assim "Vai dá! São Benedito que vai dá sim!." Aí o Walter... Eu disse: Vou chamar quem? Tem que pegar uma pessoa que, qui saiba também controlar essa comida (ri)... Aí procurei, não via Walter. Aí perguntei pra pros pros minino "Se você vi um rapaiz baixinho, vestindo a camisa"... Eu dei a cor da camisa di Walter. Aí vieram com Walter. Walter veio correndo, né? "O senhor qui é Walter?" (22)Cada um com um papelzinho com o nome Walter. "O senhor que é Walter?" "Sou eu, por quê ?" "Dona **Marta** falou pro senhor ir urgente lá na, na Ucharia." Walter pensou que tinha acontecido algo grave, veio desesperado, né... "Dona **Marta**, o que qui aconteceu?" "Nada! A casa não caiu ainda, mais vai cair." Começava a brincá. "Vem cá... tem essa carne aqui, vê se essa carne vai rende pra setenta pessoas ..". Ele olhou "Mas pra que?" "Depois eu te explico!" ...Aí não sei quem falou isso, "Aí **Marta**, eu falei com o dono do açougue, ele falou pra você mandá um papelzinho né, que ele vai arrumá a..". Aí eu mesmo fui, porque eu não gostava de mandá, eu gostava de ir., pra ver si dava, si era verdade ... "Ah **Marta**, você, você pediu, que

tá faltando carne.... “está!” “Nossa, então, está aqui!” ...dois lagarto. Eu sei qui, graças a Deus já tava... Quando eu cheguei lá, o Walter tinha cortado a carne pra setenta pessoa!..., sabe? Aí, aí... eles vieram e comeram. Nossa Mãe do céu! Agradeceram tanto e a turma “**Marta**”, tinha um rapaz muito engraçado, “onde é qui tu foi buscar essa carne feita aqui? Tinha escondido, né?” “Quem escondeu foi meu Benedito!”. Porque já guardava pro outro dia, né?... Comeram à vontade. E a, o que o açougue mandou... eu... já temperei pra, pro outro dia... No dia da festa de São Benedito, a turma não passou fome, não. Nunca passaram fome! ... Eu sei qui..., (23)depois teve na igreja teve um... Aí que começou trocá ... di-di pessoas pra trabalhá. Na parte da cozinha, não. ...né, Dos, dos-dos cômodos de baixo que trocava. Foi um que entrou no lugar do, de-do que morreu, do Pedro... iii... ele guardava comida, ele escondia. Aí falaram, tiraram ele. Ele dizia que não tinha mais. O pessoal de trais da ilha chegavam iii, eu chegava assim “Escuta,,” eu não sei como o nome dele, já morreu, nem quero saber ... “não tem mais comida?” “Ah, não tem! Tem arroz e feijão. Pra quê, Dona **Marta**?” “Ah, as pessoas de trais da ilha chegaram agora.” “Ah, porque eles não chegaram mais cedo?” disse “Chega! Num, não precisa mais.” Aí... eu chegava “Tem tem arroz, tem feijão? Tudo bem”!, eu falava ... Ia lá no açougue, comprava, fazia pra eles comê pra não passá fome, né, porque já tinha um quarto pra eles ficarem. “Tá vendo, vocês não passam fome... qui vocês muitos mesmome ajudaram, muitos ajudaram meu pai e minha mãe”... Agora, ele negá, e tinha carne, tinha tudo escondido. Eu foi onde descobri i falava pra ele “Você escondeu do povo lá de trás da ilha que ajudou muito aqui, mais não vai adiantá pra você, porque não vai servi, não ..”. “Ah, não ah, mais não, ah mais não...” “Tem um quarto aí é pra eles, quando vêm ficarem pra dormi... Aí eu sei que depois... outro ano ele saiu da Congada... e ficou isso aí i tão rodando até hoje (ri). (24)Depois nós ficamos na ... no clubi. Ah, lá também foi muito bom! Nossa! Tudo mundo que tava lá responsavi pelo clubi só deixou um quarto fechado, né, essas coisas mais de segurança ... I ali, nossa, muito bom. Iiii, depois fomos pra... aí começou a andá de lugar em lugar, a cozinha... Aí fomos. Ah, sim! (25)Aí eu tive um padre que falou assim “Olha..., vamos fazer uma quermesse... pra dar, arrumá dinheiro pra festa de São Benedito, mais vocês que vão trabalhá.”. Aí nós começamos a trabalhá... com prendas, i tudo i fizeram cartai z i começou. Iii o dinheiro deu pra fazê a parte da cozinha, em volta lá tras.... i ...a parte principal, né, i depois o padre assim “Nem adianta fechá, esse dinheiro que tem eu já vou, eu já vou levá pra São Paulo i vou trazê a imagem de São Benedito... pra por na cozinha”. E ele foi e trouxe a imagem de São Binidito.... deste tamanho assim (indica com as mãos o tamanho da imagem) pra por na cozinha porque “São Benedito foi cozinheiro como é que ele não tava pra vê o que fazem aqui?” Ele era muito engraçado, né? Aí nós fizemos. Ele... (26)nós trabalhamos aí, ele falou assim “Dona **Marta**, ii a senhora vai embora ou fica?” “Não, eu acompanho, eu fico. Eu venho quinta e só volto segunda-feira.” Ele falou assim “Não, a senhora vai ficar aqui na sacristia.” Disse “Não, padre, não quero saber de sacristia. A parte prá lá é-é de vocês, nós tamos aqui, porque vai virá muita bagunça.” “Não!” Aí me levou lá num quarto, tinha quatro camas. “Essa, essas quatro a senhora vê com quem vai ficá com a senhora iii num tem nada. A sacristia, a outra parte é livre.” Aí eu fiquei. Ah, mais muito bom. Depois nós..., i (27)tinha uns..., quii a mu-mulher trabalhava na igreja, i tinha um ... aí como qui é qui chama (sussurrando)...., uma geladeira, um freezer, grande, qui eles guardavam pras coisas pra, pra quermesse. A quermesse era no colégio... Então ele ia, meu quarto a janela dava pra... né, i eu não durmi, eu fiquei escondida lá olhando. Eles vinham, abriam o freezer i começaram assim “Ah, não mexeram”, né.” Pensando qui a gente ia mexer (o relógio dá algumas badaladas indicando a hora.). “Ah, não mexeram!” Aí eu fiquei ali... Aí quando chegou uma hora.. Ele não parava! Nem lá na quermesse, nem aqui! (fala de forma mais incisiva) .. Hoji nem tá mais lá. Aí eu falei assim... Quando chegou a última disse “Ah, tá tudo em ordem”, sabe? “Tá tudo em ordem”. Sabe, eles vinham contá o que deixaram no freezer pra vê si a genti... Aí eu, eu peguei abri a janela rápido. Ele assustou-se. “Escuta pra

que você vem toda hora? Você não dorme? Não trabalha?” “Ah, não. Nós viemos aqui pra pegá as coisas.” Disse “Não... olha, até hoje nós trabalhamô pra festa de São Benedito, mais ninguém leva nada!... Não. Isso aqui é de vocês, é de vocês. Não pense qui a genti é ladrão. Depois eu que durmo aqui, eu tô responsável. Aí aí vão dizer que eu peguei, levei, chamei uma pessoa da minha família pra leva pra casa”. “Ai, não!” Ele ficou tão sem jeito. Aí depois eu falei pro padre. O padre deu uma bronca... na mulher dele. Aí, depois quando chegou passado ... (28) noutra festa mesmo, e tinha uma senhora que ela ia de ônibus, tudo. No primeiro ônibus ela ia. Então, i ela não conhecia a moça que trabalha, que ficava lá trabalhando pra igreja, na parte da igreja. Aí ela falou assim... que a mulher vinha falando, a mulher “Ah, eu tenho qui ir cedo porque lá na festa tem... além da bagunça que fazem lá naquela parte lá qui, da festa de São Benedito iii eles chegam a roubá as coisas do-do freezer”. I ela tava ali “Ai meu Jesus Cristo, isso aí tá tocando em **Marta**” i ela escutando. “Mais é verdade, mesmo?”, a turma dizia. “Mas, verdade?” “Não, isso não acontece, nunca aconteceu!” “Aaah não, precisa a gente i cedo i vê, porque meu marido fica aí a noite, ele chega em casa diz que ele nem dorme. É um tal leva i traz.” Diz que a gente tirava pra... Aí ela chegou su, subiu aquela ladeira ali é, da igreja, né, cansada. Disse “O que tu tem?” Elisabeth, o nome dela. “Ai, dona **Marta** pelo amor de Deus, eu tô querendo contá uma coisa pra senhora, mais tô com medo!” (ri). Ela disse, “Eu tô com medo!” “Fale Elisabeth, você tá, você tá sentindo mal? Tem alguma coisa? Vai tomá um café ...” “Não, não adianta tomá café, eu queria contá pra senhora...” “Fala o qui é .si não falá agora, vai fala depois eu não quero mais ouvi. Então é mentira sua!” “Ai não, não! Olha, tem aí na igreja, ela subiu, tá aqui na igreja. Ela falou, veio falando da senhora..., que a senhora esconde comida..., pra dá pros outros i falou...” Eu acho qui ela-ela gravou aquilo tudo, viu?. “Ii ela tá aí?” “Tá!” “Que cor é a roupa dela?” “Ela tá com uma blusinha amarela, uma saia assim...” disse assim “Vai, vai tomá café i vem trabalhá. Troca a roupa i vai trabalhá”. “E você, onde vai? Não, eu vou resolvê um problema aqui, logo depois eu vou falar com essa moça.” Mentira! Eu já fui ali. Mais aquilo me subiu um calor... Aí... eu fui. Eu, quando eu fui, ela atravessou da nave na frente do altar...Eu disse “Minha Nossa Senhora da Ajuda, eu vou fazê umas pergunta pra uma pessoa, mais só tô muito triste porque vai ser dentro da igreja... Eu queria por ela fora, ela fora não vai saí.” Mais, eu, porque quando eu quero pedir as coisas eu pego, eu gosto de pidí alto. I eu “Nossa Senhora da Ajuda mais não é por mal não, porque eu tenho que desabafá! ...” Aí... eu falei pra ela “Vem cá”. Ela veio. Aí eu falei, “Escuta aqui, o que você faiz aqui na igreja?” “Ah, eu qui faço a limpeza, faço isso, as coisas.” “Tsc, tsc, tsc. Você conta pros outros o que você faiz aqui, o que você leva pra sua casa aqui?” “Ai, dona **Marta** o que é isso aí?”. Aí eu comecei, falei umas boa pra ela. Eu falei assim “Si ocê fosse uma pessoa que eu não conhecesse, eu ti perdoava. Mas você? Sua mãe, uma grande amiga da minha mãe. Vocês todos estão sempre na minha casa. E você falá de mim?” Ai, ela quase desmaiou! “Eu não falei assim!” “Falou! Você falou assim, isso, isso e isso, pro pessoal qui não ligaram... Senhora, você perca o costume de falá da vida dos outros. Cê não sabe? Eu não sei. Eu não tava na hora, eu não sei se alguma coisa aconteceu. Mas você falá... i o pessoal, sabe que o pessoal toma de...” “Quem falou, quem falou pra senhora?” “Você sabe quem veio no ônibus?” “Ah, num sei porque no ônibus nesse horário vem muita gente.” “Então! O pior é isso! Que você vem no horário que vem gente da Praia Grande, não sei o que, pra trabalhá! E dessa que veio dali pra trabalhá, que tava ouvindo o que você falava, ela nem foi trabalhá! Ela veio contá pra mim. Contou tudo, tudo, tudo. Eu falei “Não, não vai trabalhá, depois eu falo com a tua patroa que é muito amiga minha que você tá me ajudando... Ela tá aí. Você quer que eu chame ela?” “Ai, não, não, dona **Marta**”. Disse assim “Perca o costume! Agora eu vou dizer: eu só peço à São Benedito... que te dê um castigo... pra você. Porque... se eu, se eu faço isso, se eu levo ... ele que me devolva pra, de você pra mim ...mas que você vai sofrer, vai ... Aí ela... ficou, chorou, chorou, me pediu perdão. “Ah, eu não vô perdoá... Deus que, peça

perdão a Deus. Num sou Deus pra perdoar ninguém!” ... Aí, passô. No dia seguinte, passô o tempo, ela saiu de lá da igreja. Pegô a tê pobrema, pobrema, pobremas... Foi pra Santos, saiu de lá. Até eu nem sabia qui, onde estava ela! Outro dia no ônibus qui eu vi. Qui nem na igreja de Nossa Senhora Aparecida ela frequenta. Tudo, ninguém, depois ninguém gostava dela. (29)I aí a turma dizia **Marta**, o qui tá acontecendo, qui vimos você muito brava lá”. Aí, aí eu falei pra turma “Ai, mentira!” “Mentira não!... Hum. Ora! Eu não vô mentí!”... Eu não dei umas bofetada lá na igreja porque ela não tinha a resposta pra me dá, sabe? Eu pedia perdão à Nossa Senhora, eu ia dá umas bofetadas nelas! Porque eu falei pra ela assim “Perca de falá da vida dos outros sem sabê o motivo. ... Mesmo que saiba, fica quieto, ... esconde com você.” ... Nunca mais. Logo saiu de lá. Não sei o qui que houve lá e nem que saber... Ela saiu da igreja, porque ela queria tomá por chefe, ninguém gostava dela, que ela queria... I assim era du São Benedito. Aí do São Benedito, (30) sei qui foi indo, mudou prum... rapaiz chamado **Rei**, conhece? ... Ele, ele é valentão, né? (ela emposta sua voz um pouco). Aí ele foi e já começou a fazê pedido ... “**Rei**, não é assim... Não é do jeito que você tá fazendo. Não é assim. I depois outra, si você está na-na nessa, aonde você está agora ... num tem nada com a cozinha. ... Di mandá na cozinha. Vem procurá sabê o qui tem, si tá faltando alguma coisa, si você pode ajudá i tudo. I tudo. Mais você quer mandar, i o pessoal sabe ... Não é assim, não...” Não, tinha, tinha ele tinha o rei, coitado do Dito, do rei. I aquele era muito bom! Nossa Mãe do céu! Eles a, ele morava em Santos. Dizia **Marta** ... Olha, eu sei que tá tudo em ordem, tudo muito..., devia...devia vim só pro almoço”. Ele vinha na hora, vinha só para o almoço. Ele ia pro almoço, daí Aí..., aí ele começô a mandá... em tudo ali... Ai, a turma não gostava dele. I não gosta!... Mais ele queria ser o rei. Bem, hoje agora tá com a roupa, até trocou a roupa, a cor da roupa da-de rei. ... Qui não é aquela, é... Aí..., sei que foi muita coisa, muita coisa qui num era pra mim lembrá mais! Mais tem, mais, o-o, esse **Rei**... ele... falou..., foi no..., vai fazê treis ano já... Tive uma... Me chamaram pra uma reunião. (31)Nóis temos uma reunião. Todo ano a gente fazia duas reu, duas, treis reunião. Aí então na primeira tudo, viemos lá, tamo tudo lá Depois na outra ele... não falou nada. Falou a ordem tudo direitinho. Entrou o Carlinhos, também, (32)lembra de Carlinhos?... Carlinhos... também muito..., filho de... até a avó dele, o avô dele tem, criou-se com mamãe... O curioso que mamãe nasceu, mamãe era... Minha avó era escrava dos avós dele, né. Inclusive, pra ele, eu trabalhava muito bem, né, qualquer coisa “Dona **Marta**...” Depois qui entrou o **Rei**, aí começou... Aí..., aí **Rei** “Não, é, não, dona **Marta** porque não sei o quê, a senhora...” “Não é assim, **Rei**. O Dito...“Mais oo Dito, o rei não tá.” “Mais o rei não tá, mais ele sabe de tudo que se passa aqui... e ele vem, conversa, faiz a reunião, conversa, todo mundo gosta dele”. Aí começou... Depois acabô. O Dito morreu..., (33) antes de morrer, enquanto o Dito não passou a coroa pra ele, ele não sossegou. Aí, ele foi o tal. Ele respondia pessoal, na-na hora do almoço. Não sei que ele queria ser o bambambam dali. I tá sendo! Aí eu falei pra ele, (34) aí eu cheguei pra reunião “Escuta aqui! Reunião, pra que reunião?... Não teve a reunião da festa? Ou essa não é a reunião?” “Ah, Dona **Marta**, não...” I eles queriam por a minha sobrinha... no meu lugar, porque antes, bem antes, eu tava, tinha o, com um problema nas pernas i eu falei assim “Olha, ... eu no final quero por a Mariana no meu lugar,” mas eu trabalhando junto, sabe como é que é? Só ela pra tê o nome que, qualqué coisa em São Sebastião onde foi a, em veiz di eu í, ela vai, me representá. Aí..., mais eu num tava sabendo o qui tava acontecendo, né? Eu marquei uma reuniãozinha aqui, e o Carlinhos também tal, assim “I u qui que tá..., o que tá acontecendo?” “Não, nada, dona **Marta**, nada” Daí começou a falar, a falá ... aí depois ele falou assim “Olha, ... dona **Marta**..., a partir deste ano a responsável pela Ucharia vai sê **Maura**.” “**Maura**? Por que? ...Cadê ela? Cadê a **Maura**?” ...” “Ela não veio porque ela teve..., ela foi, foi chamada ...” ela tem uma filha que está estudando no Rio, né, “...pra vê a filha porque...” Eu falei assim “A filha tá doente? Si tem si é, si ela não está aqui, por que? I ela sabe?” “Ah, ela sabe, tá tudo combinado!” “Ah, vocês fizeram tudo sem, sem me pedir,

sem eu s.... “Ah, não sei o quê...” Aí ficaram tudo sem graça, né. Aí, o Carlinhos falava assim “Ah, dona **Marta**, mais a senhora tamém tá numa idade qui num dá pra pra fazê, entrá em festa assim, dona **Marta**.” “Por que? A **Maura** ela sabe? Ela sabe o que se passa? Sabe o segredo da festa? Dessa Ucharia?” ... “Ah, ah, não sei!”. Ficaram tudo sem jeito. Assim, “Mais tudo bem. Se foi pra isso, vocês não precisavam me chamar. Podia até manda um bilhete, pelo telefone... Pode ficá!... Porque... ela, ela é nova também, ela sabe muito bem, então ela que fique.” “Ah, mais não é porque...” “Si ela é pra recebê, é ela quem vai sê, é a obrigação é ela estar aqui..., né? Mais onde ela tá? No Rio! I vocês fizeram isso! Olha pra mim, chega! (enfaticamente). Vou dizer pra São Bini, vou me despedir de São Binidito, nessa parte aqui da Ucharia. Cheega aqui com voceis! ... mas também tem uma coisa. O que tivé no meu alcance..., esqueça que existo, Carlinhos, porque eu tô ficando velha! ... sabe, a pessoa que ficou velha já não presta pra mais nada.” “Ah, não dona **Marta**, não”. Disse “Não!” Aí me levantei e vim embora. ... Aí depois passo, veio..., (35)a **Maura** ligou pra mim... “Ô **Maura**, você sabe! ... Você sabe de tudo,... da feesta. Onde, si...” Éé porque na-na, na casa que ficava as... Você já conheceu o..., tsc... Ô meu Deus do Céu, agora esqueci... onde tava guardado a festa? Porque antis ficava tudo na minha casa, mais esse rapaiz, minha irmã ficou doente i tudo, então ficou na casa dododo... Ai, meu deus, um que morreu tsc... Esqueci o nome dele! Na casa dele. Ali, lá a gente fazia feijoada, fazia tudo. Então, “Aí tudo o que eu tenho de São Benedito tá na casa do Diogio (exclama o nome dele), tá na casa do diogio, eu não tenho mais com você, só com São Benedito” “Ah não, não. Ah, dona **Marta**

... “Chega! ... Fique com você” ... Aí quando chegou lá no..., eu tinha ganho uma abobora enoorme ... né, eu encomen. Eu perguntei um rapaiz si vendia. Ele assim “Não, dona **Marta**, mais eu sei quem trais sempre pra Caraguá... eu vou em Caraguá e vou ver. Se tiver...” Aí ele manda pelo sobrinho dele aquela abobrona, daquela grandona di pesçoço. Disse “Minino o que qui é isso? “Ah, qui meu, meu pai trouxe pra entrega pra senhora. É seu.” Disse “Meu Deus! Comecei a brinca: “Não posso levá na cabeça!” Ele mesmo trouxe em casa assim ... Aí eu fiz doce daquela abobora, levei, né, iii... eu já tinha ganho... mamão também. Mamão lá de Paraibuna. Aí fiz misturado mamão cum abóbora, né? I fiz um isopor grande dessa altura, cheinho. Aí, levei! Fui lá. Levei, dei pro povo, né..., tudo. Diogio, Diogio.. Ah, como é mesmo, eu esqueço o nome dele. Eu me perco, eu vô falando assim e me perco. Eu falei, ele não veio me dizer “Bom-dia dona **Marta** a senhora está boa?” A mulher dele... veio, encontrô comigo eu fiquei olhano e dando risada ne, a mulher tudo pensaro qui eu era doida. “A mulher do **Rei**, ela ia passar por aqui, topou comigo, voltou... (rindo) O bicho aqui tá bravo, hein?” Dali a pouco... (36)Porque muitos vinham trazer as coisas, mais “Cadê **Marta**? Cadê **Marta**?”, porque já sabiam né. Iiii tinha uma na Barra, qui ela sempre dá ... cocada. Ela fazia uma parte, uma caixinha assim (indica o tamanho da caixa com suas mãos) dividia com cocada branca i cocada preta. Aí ela tava mi procurando i quem vai lá. Aí ela encontrou comigo “Olha, eu trouxe cocada, **Marta**, trouxe...” “Onde é qui tá a cocada?” “Aah, eu entreguei pra uma pessoa lá, diz que entrega pra senhora. Não entregou?” “Não!” Uma gente, uma senhora que mora lá na ... Porto Grande, em São Sebastião, ela gostava de trazê doce de-de amendoim. Nossa, ela trazia a caixinha doce de amendoim. E ela trouxe... esse mesmo dia que, vamos dizer, da minha dispidida de doce, ela trouxe, mais chegou aí alguém perguntô... “A senhora quer alguma coisa?” “Quero pra entre! Essa caixinha é pra **Marta**” Ela disse que não sabia quem foi. “Ah, deixa que eu entrego assim!” “Não, eu quero entregá na mão dela!” ... “Aah, mas acho que ela não vem.” “Se ela não vem eu levo de volta! ... Mas ói, ela não deixou com uma pessoa qui, “Eu truxe pra dividí e dei pro povo”. Aai... eu peguei e dei u ah, fiz o doce dei pra turma toda, né iii... No ano passado, eu levei, fiz um pouco também de doce, peguei e levei. Esse ano eu não levei nada. Mas ele não fala comigo. Engraçado, eu acho tanta graça, me dá vontade de dá risada, sem tê. (37)Mas não deixei de ir lá. Mas turma da cozinha **Marta**, tu tá fazendo falta, aquelas brincadeira nossa! Disse “Não

eu tô aqui, vamô brinca!” Mais..., mais ele não, não falou mais comigo e nem o Carlinhos que não saia..., nem o Carlinhos. Aaí a, a dentista, aquela qui dá u suco, veio falá pra mim. Disse “Não!... (tosse) Eu vou lá por causa de São Benedito i por causa do povo. Eu gosto de i lá i conversá com o povo. Mas ajudá (nega com a cabeça)..., o dinheiro qui divia di dá, pra tomá cuidado pra Ucharia, deixo lá no, nu cofre de São Benedito... Ii quando eu não posso, eu vou falá com São Benedito que eu não posso”... Então eu tô rindo assim. Aí eu falo pra São Benedito “Esse mês o pagamento não saiu.” A turma dá risada (rindo). A turma dá risada! Mais..., mais eu não sei. A,(38) a **Maura** mudou, não tem, não tem jeito. I na primeira, no primeiro, hã, (gagueja um pouco) no primeiro dia que ela tinha, tinha de estar lá com o povo..., ela foi madrinha de um casamento lá na Praia Grande ... (balança a cabeça)... (39)Chegaram a perguntar pra mim. “Não, filha” “Ah, mais a senhora não tá mais aqui?” Disse “Não.” “Por que?” ... Porque tinha pessoas conhecidas. “Fui descartada!” “Descartada como? que descartada...?”, falou. Precisava brincá, porque o santo não tem nada a vê! ... Eu sei qui... Nossa, eu sei qui esse ano fui esse ano, só fui no último dia, depois fui na missa i fui embora. Mais..., veio, eu vi muita coisa errada. Não falei nada. I vinham reclamá comigo, **Marta**, o qui ta acontecendo, qui antis não era assim”. Disse “Olha, agora tá melhor!”... Ninguém gosta de **Re-rei**. Aí um fala “**Rei**, qui não sei o quê, é estúpido, **Marta!**” “É, né!” ... Gente, tá bom! O que é isso, ele é muito bom!” ... É própria irmã! A própria irmã não gosta dele. Mudou também ca irmã. ... Mais não, deixa ele.... (40)“Eu venho! O tanto qui eu possa vir, eu venho! Eu nunca deixo de vir aqui não Na cozinha, não.” Na cozinha **Marta**, experimentasse a ..., a...” a comida como é qui a gente... a gente fazia, qui faiz. Disseram que não iam fazê esse ano.³³ Aí vinha “Você experimentou, **Marta?**” ... Mas que ruim!...Muito sem sal... “Tu experimentou?” Disse “Não. Então vou experimentá”. Aí, eu pus um pouquinho na boca, ai falei pruma conhecida minha “Você qui fez?” “Não, senhora. Foi... aquelas duas ali. I eu falei qui ficou sem sal Ai, falaram, falaram pra mim que não sabiam qui eu era a cozinheira.” (ri) Ah, eu dei risada. “Xá di sê boba, não liga! Você diz: eu sou cozinheira!” (rindo ainda)... Mais... (41)Sobrou muito, né? Diz qui sobrou bastante coisa! (fala algo que não compreendo) Nós fazia assim: uma vez... no tempo da minha irmã, qui morreu minha irmã, ela tinha um conhecido lá em Barro Alto... Ii ele vinha aqui, ele vendia as coisas, qui ele vinha di canoa, de Caraguá pra cá... Eles iam comê na casa dela... Então ela falou assim “Guiomar, eu tô com um novilho em ponto di,...” i ele fala, mais tem um negócio qui ele dizia pra matá... “Ii eu queria dá pra festa de São Benedito.” Guiomar falou assim “Olha... eu aceito, i todo mundo aceita, mais como é qui eu vai trazê? Como é qui eu ia trazê?” Ele assim: “Ah, eu dô um jeito! ... Mais, vô fazê assim. Eu vou, eu vô vê si dô jeito de trazê vivo..., pra matá aqui.” I ele trouxe!... Vivo! Matou lá no Sul, na casa da minha irmã... Ele mesmo que limpou i já dividiu. Ele assim “Daí já vai dividido direitinho, qui lá... é só por no freezer” Mais tudo assim! Trazia de lá di ..., de Barro Alto... Depois ele ve, ele passava em casa “Óia, Guiomar quando precisa, me avisa, qui agora tá mais fácil. Eeu tenho, até eu tenho carro!” ... Guiomar:“Quando precisá, eu aviso!” Depois minha irmã morreu... Minha irmã Elvira “Deu carne, né, nossa Mãe do Céu!”... (42)Eu sei muita coisa. Certa, errada, mais tá indo... Agora eu não sei como é qui vai sê... Eu não vou!... Na, mais... Tem hora qui eu fico lembrando... Puxa vida, a genti... trabalhá, trabalhá... Tem qui passar pra outro, porque vai morrê, senão vai morrê. Mais tudo de acordo, tudo combinado, né? Vamos passar? Vamos! Mais assim? ...(43) O meu filho tá lá! “Ah, mãe, ah, eu tô lá!..”. “Fica, vai lá, fica lá, filho! Ajuda!...” (44) Então, eu fu, eu fui lá i achei. Cozinha pessoas que eu nunca vi mexê em panela! Nunca vi mexê em... fazia tempero di nada... Tinha um senhor..., pegava o frango, sabe, puxava assim a-a pele do frango i jogava... dexava aquele... só o o frango sem pele, sem

³³ Refere-se à canja servida na noite de sexta-feira.

nada. O, a, o, a coxa, tudo... I pegava éé, o pé,... o pé, o-o a asa, tudo num balde, i eu falei assim “Pra que qui é isso aí?” Ele assim: “Ah, isso aí não presta pra...!” Eu fiquei olhando... Não presta? Né, é pra, era pra fazê canja; eu nunca vi canja feita com isso... até já a... “Isso aqui é prá cánja!” Só aquela carne bráanca . Aí “I o qui vai fazê disso aqui?” “Ah, não sei o qui vão fazê!” “Ah, mais é qui tem um senhora lá na Barra, ela tem muitos filhos...”, I ela... eu falei pra ela, nos outros anos eu falava “Traz uma vasilha, pra eu te dar comida pros teus filhos!” Eu já levava, já arrumava tudo. Tadinha! Ela ficava tão contente! Falava assim “Vai lá leva na tua casa e volta” (sorri com a lembrança)... Então... aí ela tava assim “Escuta, cê trouxe a vasilha, pra comida pors seus? “Ah, não! Eu truxe i acharam ruim...” Eu, “Sabe o qui ia te fazê, cê levava um bocado disso aqui pra fazê canja pra teus filhos”...” “Ah, era bom! Mais... tá diferente...” Disse “Qui interessante!”... Aí, tava pas... Eu fui lá na ... no lado da-da, da cozinha. Tava lá num, um balde, não sei o que lá, uma coisa, qui coisa esquisita aqui, né? Eu falei pra uma qui é irmã de Walter, qui tava lá ... “Escuta, o que qui vão fazê com isso aqui? ... “Ah, dona **Marta**, é qui o pernil, pra dá a carne, então tiramo.” “Mais... Isso aí si tirá pra assá a carne?... “Ah, é pra tirá. Tirá tudo.”... Falei “Muito bom.... Vocês trabalham muito bem! Não presta mesmo, faiz mal!” ... Agora, eu não sei. Eu sei que eu fiquei com dó da moça! Cê sabe que... A Malu, até Malu que me, que me apresentou, porque Malu conhecia ela. “Ah, dona **Marta**, dá pra ela porque ela tem, ela deixou as crianças,(pigarreia) ela vai lá, leva, deixa as crianças com a barriginha cheia e vem.”... Tsc! Mas tem muita, muita coisa! ...Ah, no mais, tá bom!...(45) Vê, qui se tem muita coisa errada aí, você faiz o laudo

- Não, tá tudo certo.

- Hum?

- Tá tudo certo!

- Mais ...São Benedito... Agora esse ano, ... tava um... esqueci o nome..., ele sempre ajudava. Gostava di dá avental! Então, ele deu bastante avental, bastante avental. Ele vendeu..., ele deu um gorrinho, tudo. Aí eu tava conversando com o pessoal, assim, sentada assim... Ele veio (sorri)... i o, aquele pacotinho pôs no meu colo, mais eu nem percebi qui era ele, qui tinham posto aquilo. Conversando, né... Aí depois, deixei cair no chão “Ai meu Deus! Qui é isso? Di quem é, di quem é essa...? pras pessoas “Ó, quem é que tem esse pacotinho aqui?...” “Não, dona **Marta**, é seu!” “Meu? Que...?” “Lembra aquele senhor do seu lado? Qui ele veio i pois no seu colo!” ... Disse “Ah, é? Tá bom! Obrigada!” Também não abri o que era! Depois falei “Presente quando dão, a gente guarda para si! Então, eu não vô mostra pra voceis o que ele me deu.” ... Aí cheguei, encontrei com ele “Ó Rui..., trouxe pra você... “O que é, Dona **Marta**?” “Só veja em casa!”... Mesmo presente! (ri) Devolvi. Depois eu não sei... o que deu lá. Mais não falou nada! Antis, nossa! Ele vinha em casa, ele ia na cada de...! Pegou o pacotinho pois ... Eu queria agradecê o lá, né. Mais eu achava graça... (46) Mais eu gosto di í pra lá ... (47) **Mais o Rei...**! Ele, i muitas vinham, i depois vinham se queixá pra mim... Mesmo depois da festa, teve um. “Ah, dona **Marta** é... Não dei uma bofetada... em **Rei**, porque eu respeitei a senhora! ...” “A mim? Por que?” ... “Não era assim! Treis anos atrais, não era assim! ... Mais..., eu só disse umas boas pra ele... I respeitei, porque ele, no jeito qui ele me tratou ..., ele merecia umas bofetada! Mais ele não perde por esperar, não!” Disse “Calma, deixa pra lá! Deixa pra lá” “Essas pessoas qui qué sê, i não é nada!... Só pra si mostrá?...”. Já vi festa di São Benedito, já vi festa imbrulhada, mais como a de São Benedito... Agora, tá qui... **Mais tá bom!**... (fica em silêncio por alguns momentos). Não, porque (48) a festa de São Benedito era assim:... ééé até domingo, né, um dias sempre. Cada dia uma, domingo. Segunda-feira..., terminava domingo com benção, tudo. Segunda-feira era a festa dus, era a missa dus congos..., né, ... mais... depois, era a missa dos congos, primeiro era a festa (sussurra como se estivesse revisando). Terminando aquilo. Os congos cantavam, dispidiam do.... Até era bonito! Agora acabou! Não tem a segunda-feira! Você ia na igreja pra tomá tudo. A maioria tudo era congo. Os outros iam pra assistí, mais o congo. Aí o padre abençoava

...i eles iam embora...Mais já saiu a maioria, tudo éé ... (49)Mais eu acho graça **Rei**. Meu deus do céu! Assim eu acho qui num divia sê essa pessoa di bofetada, i tudo, né? (ri)...(fica em silêncio, e pássaros cantam.) Também tinha outra! (50)A festa de-e no almoço, tinha uma mesa... qui ali aquela mesa era pro rei..., Rainha..., o embaixador... Éé, a turma do-do do guerreiro, né, pro almoço. Ele tirou fora ..., tirou fora (falando baixinho). E tem, tem, a turma tem mais lá qui só vai fazê bagunça... Muito respondão! ... I acabou o pessoal di ... qui tinha um gosto... (51)Eu não sei mais si tem alguma coisa! Tem muito ainda, né? Tem muitos pedacinhos! É qui não... Eu tô falando mais a parte principal! ... (fica em silêncio por vários segundos).

- A senhora gostaria de acrescentar alguma coisa, Dona **Marta**?

- Mais alguma...? Não ... Eu tô falando assim, qui depois qui vai lembrando ... ainda faltou isso. Não sei quem foi qui veio aqui. Teve uma moça lá da prefeitura ... Aí, conversamo tudo, depois... O tempo qui eu era criança ... Daí eu comecei a contá a história das crianças, mais esqueci uma porção de coisas. Depois, “Ah, meu Deus do céu! Não contei pra moça que andava trepa, que brigava por causa de cima de pedra! (rimos)... (52)A gente esquece, depois qui vai lembrando, né? ... Como a festa de São Benedito ... (53)Mais eu acho graça é isso, ... de se a pessoa não faiz nada, porque que ... por que que vira a cara?... Por que não vem pergunta pra mim? “Dona **Marta**, porque qui a senhora não fala comigo?” Porque eu falá, eu falo. Eu nunca...nunca deixei de num falar... Mais, não pergunta, né? Carlinhos! Noossa! Carlinhos outro di, não sei onde foi que estava ... onde eu estava ele vinha, fora de festa, ... iii outro dia, não sei qui Ele estava..., ele estava, então aí chegou uma pessoa ...muito conhecida “Ô, **Marta**, mais você...,” “você não cresce não Agora eu vô baixá, não vou crescê!” (ri) Aí, ele, num sei que, chateou-se “Ô, você tá bem, **Marta**? ...” “Graças a deus! Estou aqui!”... Procurei ele, não encontrei mais! (ri) Num achei ...Mais ... Mais eu num... Tenho..., tenho até dó! ... Eu sei que essa veiz eu num ... Bom, depois...(54) Foi no ano passado qui até a dentista qui falou! ... Eu saia lá da casa du..., da prefeitura lá dos... fui lá, falar ca turma... a turma “Nossa, a senhora não voltou mais” “Não, eu vou, mas eu volto, eu volto!..” “Então, vem! Quando qui a gente si...?” “Não sei! Si voceis não fecharem a porta a hora que eu entrar...” “Aí, não, não, não! Nunca aconteceu i não vai acontecer!” (55)Mais, eu sai de lá porque..., do ponto do ônibus, até chegá lá eu parava umas cinco a seis vezes, de dor. Não podia! Daí eu falei assim “Não!” ... Aí tinha, tinha qui ficá sentada, sentada... Aí, descansá um pouco ... Então eu falei assim “Não vou lá”. I Mariana “ Mamãe, então a senhora não vai! Como é qui a senhora vai? Daí um dia a senhora vai si...” Daí eu “Mariana. eu saio do ponto do ônibus, até lá pra mim é...” Um dia, vindo de lá ... Sorte, por acaso, a minha afilhada qui mora perto, eu nem sabia, “Madrinha? Vem, vamos tomar café, vem cá, vem!” Carregada assim! Ai, eu fui. Falei assim “Aai Jacira, graças a Deus!” “Mais o que a senhora tem?”Aí eu “Olha, num sei! Eu não tô muito bem” “Não, então a senhora fica aqui! Mais tarde eu vou levá a senhora!”... Aí ficamô conversando i dando risada... Mais..., é assim. ...Eu me dou com todo mundo, graças a Deus éé Eu vou lá... hoje, hoji descí. Aí, tem uma obra aí qui tão fazendo; veio um, um rapaiz de lá... me comprimntou! “A senhora tá bem?” Assim eu “Ah, eu tô, né. Tô aqui, tô firme (ri). Aí, aí começô a conversá, conversá. Assim “Por que, cê tá morando aqui?” Tava fechada a casa. Ele assim “Não! Eu, eu, compramô uma casinha...” Carteira de mão”. Eu nunca vi chamá desse nome... nós tamo trabalhando, eu sou di...como é qui é, “di Goiás...” Longe! Disse “Mais de Goiás? O qui você veio fazê aqui?” (ri) Ele falou assim “Não, nós tamo trabalhando!” I atrais tinha uma casa grande já lá atrás que tavam trabalhando “A senhora quisé alguma coisa? Me avisa pra nós fazê pra senhora!” (ri) Disse “Que bom!”... Assim, então prestigiava as...é, fala com a pessoas “Se precisar, tamo aqui!” Não custa! Nem conhecia o rapaiz!(ri) Ele se ofereceu! Ai meu deus dos céus... ele deu o nome dele ... (56) Ele assim “Ah, eu sou uma pessoa ... eu, eu gosto di falá com as pessoa” Eu falei assim “Olha, a gente quando não conheci, vai num lugar i não conhece... faiz

como você...” A pessoa que chega... qui vai... né,... di encontro com quem mora aqui, porque quem mora, quem mora, quem mora aqui ou em qualquer outro lugar, chegou, chegou, não é? Num sabe quem é a pessoa. Agora, a pessoa qui chega, chega. Minha avó dizia quem pisa na terra dos outros, pisa no chão devagar!” “É por isso dona, é por isso” Achei tanta graça (rimos) “Por isso qui, quero conhece, quero...,num quero fica parado assim, quero conhecê o povo pra...” “Intão! Você é o interessado” ele deu risada quando falei qui quem pisa na terra dos outros, pisa no chão devagar. Você, eu tô achando qui tá pisando devagar. (rimos) Aii...

- Dona **Marta**, a senhora falou no começo ... qui seu pai aprendeu com o pai dele da Congada. A senhora podia fala... A senhora falou isso e falou também do segredo da Congada, da, de quando **Maura** passou à Ucharia, a senhora perguntou si ela sabia, conhecia o segredo da Congada. Então eu queria saber si a senhora pode falá um pouquinho dessas duas coisas. Do-do qui pode, do qui o seu pai aprendeu com o pai dele sobre a Congada...

- Não, (57) o que meu pai aprendeu foi a Congada! ... e um segredo que ninguém sabia. Eee o primeiro a saber foi meu pai... foi o motivo do, do pai dele...então, aquilo ali... Pra nós foi um segredo porque ele, porque alguma coisa ele abafou, porque ele não era daqui...né, ele era de Portugal. Quando veio aquela turma lá que veio da guerra, aquele tempo não tinha guerra, né, sei lá que qui tinha... então, mais foi aí que... Hoje, meu pai tinha muito parente aí no Ilhote... porque meu vô, meu avô diz que era muito esperto (rimos). I meu pai começou assim..., porque meu pai casou com a minha mãe, mamãe tinha doze anos.... Iiii ele morava no Ilhote... i muita gente do Ilhote, muitas vezes, depois que foram falecendo, chegavam pra gente perguntava “Guiomar,nóis somos primos, né? Somos primos por causa do-do, do véio lá qui foi embora, deixou prantado aí”...ii pois mamãe... mamãe quando casou com ele ele era, ele tinha ... tinha três filhos... um de cada mulher... aí ele falou pra minha mãe, si criava as crianças... Mamãe falou qui criava... qui acho qui a mamãe não queria, né?... Então, além dos vinte e seis qui ela teve, ela criou mais três... Depois ele morreu, tudo e ficou sendo... Cuijo o último, eu conheci o último, qui ele morava lá tinha casado, vivia na Praia Grande, por lá... Eu conheci ele em Santos... Agora, dois eu não conheci... Mais ... mamãe criou, como filho...ele ainda chamavam mamãe de Sinhá Eva. E quando nós fomos lá, a minha irmã mais velha ela morava em Santos i descobriu também... I ele era jogador de futebol... i quebrou o braço iiiii não souberam tratá, sabe? Ele ficou com a posição no braço qui ele sentia bem ficou! Não mexia o braço, nem pra frente... Só nessa posição...(mostra a posição). (58)Aí, uma vez estive em Santos ela falou “Ah, agora vô te mostra teu irmão” Ele vive sempre ali na, na, na esquina, tá lá conversando, tudo, bem perto do cais...” Aí fui, eu fui ela me levou lá ... ele chorou, chorou... “Como é qui pode? Como é qui pode? ...” Aí eu falei assim “Olha,... Caio, não sei o nome, não sei, você va-vamo pra casa, pois como é qui você pode trabalhá?” I naquele tempo, os jogadores não ganhavam o, eles tinham um número, né, mais não ganhavam nada... E ele foi muito sofrido com isso... Os conhecido qui sustentava ele i tudo ... Aí ele falou assim “Olha, eu agradeço tanto esse convite... Eu gostaria tanto di acompanhá você..., mas não vou...” “Por que?” “Quando eu era moço, qui eu vim pra Santos... comecei a trabalhá nas docas... eu ...num conhecia sua mãe nem por nome. Nunca procurei sabe quem era, quem não era... Então eu trabalhava, jogá bola i tal muito bem...” Também depois ele arrumou uma companheira mas... Graças a deus, não teve filhos... Mais ... Ele falou “I agora, depois di tá nessa minha situação..., eu í dá trabalho...Não vou!” Num quis vim!... O único qui eu conheci! Ele morava aqui, ele morou aqui no sul e foi embora pra Santos... I os outros também, os outros irmão também foram. Mamãe tanto qui podia, fazia questão di carregá ele. Fiquei com dó porque... Na casa qui eles moravam tratavam bem, mais nunca, né. Ele assim “eu saio, eu não tenho com que pagá das coisas pra eles i eu, eu sou conhecido daqui do pessoal daqui i eu chego, eu já tenho peixe escolhido, tudo limpinho” que limpam pra ele levá... Então, ele assim “Pra que, agora? Agora pra dá trabalho? Di jeito nenhum! (ri) ... Então ele assim “Mas eu quero agradecê muito!” Di eu sendo a caçula, né,

ainda fui à procura dele... Assim, mais é assim mesmo... (59)Mais sobre a outra parte ... eu não tenho nada a falar ... Sobre a **Maura**, que qui você falou?

- ... A senhora perguntou si ela sabia o segredo da Congada, né, da Ucharia. Então, é um segredo, é um segredo?

- É...

- Mais assim doo, o qui a senhora pudesse fala a respeito disso assim...

- (60)Ela queria, né, ela uma vez já numa reunião ela falou pra mim assim “Tia, ...mas tia eu não entendo nada disso. “Eu quero qui a senhora conti, esteje lá” então, pra ...eu dá uma orientação.” “Eu já estou muito velha...” (ri) A minha resposta pra ela “Você tá nova, cê vai pegá esse cargo é pra você! Já qui deram pra você, é pra você... mais... Mais nada!” ... Ajuda lá, í lá ajuda, ela ficou contente comigo porque eu tava lá ... porque se fosse uma coisa ... direito... Tudo no direito, é direito! ... Aí, é deferente!..., sabe? Si ela chegasse, ou si eles chegasse ou ela chegasse fala “Tia, cê... Tia, isso, assim, assim vai acontecê i eu quero sua ajuda...” Aí, de coração, ia trabalhá..., di coração. Mais... ela fugiu. Eu falei pra ela... quando “Como é qui pode, qué dizê qui um presidente ... já um pouco lá em cima, um presidente vai, vai tê um concurso, ele vai, ele vai entrá ou é o nome dele que vai entrá? ...Como é qui é o nome dele vai vou entrá sem a presença dele?” É a mesma coisa! ... como é qui vai fazê um... vai fazê a festa sem o dono da casa...(ri) Então, ... eu disse não (em um tom melancólico. Porque podia ajudá as pessoas qui eu conhecia já, qui já me conheciam ali, né, ainda brincava com eles, tudo..., mas ela, o primeiro dia ela foi, foi sê madrinha, não sei que de um casamento lá no sul... Isso não!... Isso no dia que eu perguntei pra ela ... “Como é qui pode? Você saí,saí no dia da sua..., como se..., da sua apresentação ...” “Aah, porque não sei o que” Eu falei pra eles “Vocês são tão inteligenti,... i vão fazê, convidá o pessoal aí pra reunião ... Cadê a dona qui vai sê? Ninguém conhece...” Tem de apresentá, né, ... Assim, o pouco qui eu sei. Não sei si falei assim. Não sei si eu tô errada, mais... Eu acho qui tinha di apresentá, né, “Essa aqui vai sê agora a ...” Mas não... (fica em silêncio por vários momentos). I nunca deu, nunca dá certo..., porque tá errado ali. Agora i vai genti qui nunca teve em Congada! Nunca foi daqui, qui sabe, qui vai tratá isso aí... Então, eles, um dia vai, não vai dar certo isso!... Então, eu eu falei pra, no dia eu falei pro **Rei**... “Olha, eu sei que eu tem um dia, né, um dia, não tem um dia da caça? Um dia é do caçador. Qui não é pra mim, não sou não sou... Eu não era, era minhas irmãs qui eram i tudo, qui chamô o pessoal qui tudo acompanhô i em tudo estava comigo i me ajudou. Eu não fui sozinha! Eu não trabalhava sozinha, com a ajuda do povo.... I nunca achei, nunca teve uma pessoa qui reclamassi, graças a deus! Nunca! Agora é-é, ela pegou uma pessoa errada... qui a própria família não gosta... i qui, i manda lá mais do qui tudo. I não é, o rei não manda na cozinha! Mais ele manda... A parte do rei, é do rei, a parte da con, da Ucharia é a pessoa que inspeciona. Qui eles pode mandá, mas você chega dá uma dica assim, assim, assim .A pessoa qui é responsável pela cozinha qui vai... Agora, ele eu não sei o que vem fazê, ele que faiz tudo ali, sem ele, eles não fazem nada! Chama a atenção! Tinha um rapaiz lá, qui falou assim “dona **Marta**, esse é o ultimo ano que eu venho.... Não pelo povo, não! Por causa di uma pessoa.” Iii vai perder muitos por causa disso,... (fica em silencio por vários segundos)Mais, é, eu acho interessante... Saiu a, a, a minha filha também...(ela fica em silêncio por vários segundos e me parece cansada. Como sei que recentemente ela se recuperava de problemas de saúde, resolvo encerrar a entrevista).

- Dona **Marta**, Obrigada! Obrigada mesmo!

- Ah,(61) eu sei muitas coisas qui ficou pra trais, mesmo porque eu era criança, mesmo... Ai ...

Obrigada mesmo

- (62)Você lê aí, si tive algum erro, alguma coisa aí...

- Não tem erro nenhum... Não tenho erro nenhum. A senhora pode fica tranquila...

Discurso XV

- Bom, vamos lá A pergunta é “O que é a Congada para você?”

- (1)Ééé a tradição..., éééé..., é a fé,...ééé..., é... é, eu acho qui é aproximação de éé de união entre, entre todas as famílias da Ilhabela. É um momento di di di fé... quiiii ééé... Caramba, como é qui eu posso explicá? (em um tom de voz mais baixo e sorrindo). Essas perguntas quebram, hein? Mas eu acho qui é, eu acho qui é isso. É, é a fé, é, é a cultura da cidade... que hoje é a única praticamente qui é viva i muito forti. I principal de tudo qui éé... a Congada é fé. É a Igreja, qui é muito importante também! E a união família, é onde a gente consegue fazer um, uma festa homenageando éé... São Benedito e consegue unir to, a cidade toda, a gente consegue parar a cidade toda pra, pra às vezes lembrá qui acima de tudo existe uum deus pra gente, iii, e um santo qui mostrou muita ééé simplicidade... ééé... com os pobres, qui hoje infelizmente é o que a gente precisa ter mais no coração, é, eu acho que é um pouco de simplicidade....Acho qui é... Congada é tudo isso, ii muito mais! Pode... escrever di diversas palavras, diversas... diversos modos di dizer, mais eu acho que prá mim éé... O mais importante eu acho que a Congada é mais qui cultura, é mais qui tudo, é a fé. ... Eu acho qui é isso!...

- Você gostaria de acrescentá alguma coisa?

- ... (fica em silêncio e pensativo por alguns momentos. Passa uma moto na rua ao lado). Bom, por enquanto na minha cabeça num, num vem nada....

- Cê falou da importância da família i da igreja. Você podia falar um pouquinho mais sobre isso?

- ... Bom, ééé ...(2)quando eu, a gente fala da Congada... a genti tem que lembrá qui a primeira coisa vem Deus, aí vem o São Benedito... iii (barulho de uma moto acelerando ao fundo) e pra isso, pra isso dá certo a genti tá, a genti tem qui tá... livre espiritualmente, a gente éé, a gente tem qui tá ééé... focado ééé.... qui o qui a gente tá fazendo ééé, não seja um ato simples de vim aqui i, ééé dançar a Congada ééé, vim comê na Ucharia eee, i depois í embora. É aquele ééé..., é o ato de-da genti podê agradecê, a genti podêê ééé, fazê pedido, sabe, porquee, éé, da minha família... Eu tive um problema quando eu era pequeno i, i minha tia fez uma promessa quando eu nasci...dizendo qui se eu melhorasse... eu ia sê congueiro..., pra vida toda. Iii, i hoje eu cresci, quando a genti é pequeno a genti é levado pelos pais, sabe? E quando você, começa a, até a noção di tudo é uma coisa que não tem como saí. O meu sangue não consegue sair, tipo, eu não consigo imaginar longe da Congada, sabe? Ééé ..., tipoo, o qui eu tenho ... quando eu vou rezar, tipo, olho pra São Benedito parece qui ele já já me conhece, já sabe o qui eu vou pedir, já, já sabe os meus problemas, sabe? Você pede intercessão pra ele junto de Deus, cara, ééé... é magnifico! é uma coisa que arrepia toda hora, é uma coisa qui você (uma moto passa na rua ao lado) você pede em pensamento, i ele, ele mesmo (para de falar opor alguns momentos devido ao alto barulho proveniente de uma moto) com, com muita gente pra cuidar ele vai falá assim: “Não, vamos dar uma forcinha pra ele, qui ele tá merecendo!” Iii a família, (3)a família ééé, é a tradição de tudo, né? A família, antigamente, deixava de, éé, qui tinha plantação i tudo mais vai, o pessoal deixava, vai, cinquenta por cento pra São Benedito, pra festa de São Benedito i cinquenta pra ela, entendeu? Éé, então éé, a importância da família, tipo, pra Congada é é, é você vê qui é a união da família. Hoje em dia a genti não tem essa, essa união qui infelizmente muita genti não consegue nem almoçar no domingo, sentá com a família e, e comê. I, tipo, você vim também pra Ucharia... i você sent... A Ucharia é mais pros congueiros, né, mas você vê aquela, aquela população ali, ééé, i você vê aquelas pessoas qui, que acreditam também na, no na nosso trabalho que fazemos, nono nosso teatro, você vê qui as pessoas se emocionam..., qui as pessoas sentem verdade naquilo qui a gente tá fazendo, iii, e vendo a fé das pessoas, qui você vê pessoas emocionadas, é, chorando, num, num tem palavras pra descrevê o-o sentimento, o alívio, i o orgulho (ênfatisa essa palavra) de você tá participando da Congada. Não importa si você é o cozinheiro. Não

importa si você tá na igreja pra fazê a missa pra São Benedito, si você tá dançando Congada ou até mesmo ééé aquelas pessoas que fazem, qui não aparecem tanto, né, éé qui às vezes o pessoal tá trabalhando, param o serviço pra vê a genti, a genti fazendo a nossa, nossa apresentação. Éééé, é isso!...

- É isso.

- É isso?

- Não sei. Você quem me diz...

- Não, em relação às perguntas acho qui no momento é isso! (4)Não sei si eu ...si eu cheguei àà no foco que você queria..

- (dou risada) Eu quero sa, eu quero que você me diga o que é a Congada para você.

-... Éééé... (5)a Congada pra mim é um, pra mim, é um, é um momento aonde eu posso agradecê ... por tudo queee, quee... a minha fé proporcionou diante dos meus pedidos i eu tê recebido isso em..., ééé, em troca, em, éééé.... im... deixa eu vê! (fala baixinho), em alegria, ééé, qualquer momento, ééé que eu, que eu fiz es, esses pedidos, eu recebi. I às vezes até em dobro, sabe? Iii, as oportunidades.. I acho qui é um, é um momen... É o mínimo, é o mínimo que eu posso fazê praa, pra tá presente, de agradecê... ééé, di me esforçar três dias; às vezes eu fico sem voiz, cantando, i não dá vontade, você não liga... fala: “Ah, eu tô sem voz, mas ... é muito pouco o que eu poderia fazer pra, pra agradecê! É muito pouco! É muito pouco pra demostrá o quanto, ééé, ele já, ele já feiz pela genti. Lembrando qui, ééé, Deus é-é, tipo, é a, é o nosso pai, e ele é o nosso intercessor, entendeu? Então, tipo, é aquele cara qui tá ali, ééé, é, falando “Meu, ééé, Deus ore por el, ée aquele qui tá dando uma força pra genti. Eu acho qui é, a Congada é o principal, é a fé, o agradecimento, a união, a igreja qui é, é a gente precisa, não importa a religião qui a gente tenha... ééé, a pessoa qui tem deus no coração, participa de qualquer igreja, de qualquer religião, a pessoa é diferente no mundo..., sabe? A, ééé, a pessoa tem um pensamento, ééé, di bondade, um gesto... as pessoas qui tem essa fé..., elas, ela começa a cultivá, começa a plantá, pra depois colhê. Então, a igreja é, é o foco de tudo. Éé, é você ter a fé no coração, i depois qui você tem a fé no coração, você, a Congada ela vira, vira, ela vira tudo, ela vi, ela viraa, ela vira emoção, ela vira alegria, ela viraaa... vira paixão, ééé, vira amor! Porque quem dança Congada e não tá presente no dia da Congada, parece qui é, tipo... Eu, eu, graças a Deus, eu nunca tive isso, mais você vê, tem o exemplo do-do Flavinho qui tava em Portugal, tipo, ele falando emocionado por não estar presente. Eu não queria tá na pele dele! De chegá no dia da Congada e não conseguí ... Éé, meu vô tava internado...esse ano..., i eu não ia vim pra Congada... I ... eeu falei assim “Eu vô fica com meu vô (ele fica muito emocionando e ele começa a chorar) ...Aí ele vai e falece um dia antes (sua voz está embargada). É gratificante, ii, eu agra... Por um lado, eu, eu fiquei triste por ele ter ido embora... i por um lado eu agradei porque ele, ele sabe o quanto eu gosto da Congada..., ele sabe quanto eu... é, eu me dedico (enxuga suas lagrimas) o ano todo pra qui essa festa, com todos qui tão presente, pra realiza essa festa. Mesmo sendo novo, éé eu me dedico. Qualquer coisa que meu pai comenta comigo “ah, precisa fazê isso! Precisa fazê aquilo!” Pra Congada, eu paro tudo! Eu paro meu serviço, eu paro, éé... é, nem que eu pare o meu namoro. Eu paro tudo, porque ééé, é muita coisa que quando vem por dentro, num tem, num tem explicação.... Iii, acho que... tsc... A Congada é ... não tem uma palavra pra descrever oo tão grande que é..., tipo, pra mim e pra minha família... Pra mim e pra minha família... Acho que é isso... (fica em silêncio por vários momentos). Acho que é isso! (fala agora de maneira mais enfática) ...

- Obrigada!

- De nada! Que é isso... (6)É muito bom falá da Congada... às vezes a gente não tem palavras pra, pra... às vezes a gente se perde pra falar. É só sentindo mesmo pra..., pra saber o que é. É a mesma coisa, é a, o, a pessoa vai pra igreja ii... i comunga, sabe? O pessoal fica, quando eu dei aula de catequese, o pessoal perguntava assim “Ah, i qual,... as crianças perguntavam “Dedé, qual o gosto...? Professor, qual é o gosto da-da hóstia (rimos).

Entendeu? É qui, e aí eu fa, eu falava “o sabor da hóstia é o sabor do, é o sabor ...você vai sentir esse sabor... Se você tá bem com Deus, você vai ver que aque, qui aquele sabor é o melhor qui tem...Si você tá devendo alguma coisa pra Deus i sabe, você vai ver qui aquilo ficou um pouco amargo pra você, que você precisa fazer pra aquele negócio mais, sê saboroso pra sua alma. Porque o alimento é dentro da sua alma. Então, quando a alma tá ... alegre...tudo tá alegre, tudo tá feliz.... aí, aí, é tipo, então... só depende de você pra você sabe o qui, o, qui caminho você quer seguir, que sabor você quer sentir da hóstia... porque é aquele momento entre você e Deus, você tá.. se alimentando do corpo de Deus...você quer um gesto mais bonito do que isso? Di tá si alimentando do-do corpo de Deus, do sangue de deus. Então, o sabor, o sentimento vai vir daqui ó (põe a mão sobre seu coração), de dentro de você. Então, isso é o mais importante. Se você tá bem com Deus, ... vai ficá aqui, aquele, aquele..., aquele corpo de Cristo vai vim como um complemento. Você vai tá transbordando... a fé, a alegria, amor. Agora, si voce tá devendo, ele vai te alimentá pra te dar força i fala assim “eu preciso fazer alguma coisa pra que eu volte a ...é um alimento qui ti dá força, não é um alimento qui voce come i tipo, ti desanima, sabe? Ééé... A Congada é a mesma coisa.então, sai gente tá bem com ao gente mesmo i ... acho qui quem vem triste pra Congada, não tem como não sair emocionado e feliz, sabe? ...as pessoas, elas às vezes tá dançando e pergunta “nossa que coisa mais linda, sabe? Ééé, aí a pessoa fala Não mais é como qui é fazem a manifestação só uma vez por ano? Sim, uma vez por ano. É pouco? É! Mais é ... éé´o momento onde... é o mínimo, eu falei, que a gente pode tá assim, se unindo, pra poder fazer isso. A gente queria todos os dias. Se pudesse todos os dias eu tenho certeza que o pessoal ia tá todos os dias aqui.se fosse duas vezes por ano, as duas vezes por ano o pessoal taria aqui, entendeu? Então é por isso que a, a gente se dedica tanto à isso... espero que fique muitos anos, e muitos e muitos anos ainda, né. Mesmo com essas novas tecnologias, mesmo com esse novo modo de pensar, mesmo com todo esse modo de pensar da da sociedade, mesmo com toda, toda essa crise, é, essa falta de fé de do, ééé essa falta di, ééé é di respeito, união até mesmo na nossa casa, que hoje em dia uma criança fala palavrão, o pessoal dá risada. Antigamente, si eu falava um palavrão meu paiii me arrancava minha língua.

Nesse momento seu pai se aproxima e encerramos a entrevista, pois ele tinha que ir embora por causa de um outro compromisso por ele assumido. Conversamos por alguns minutos mais e nos despedimos.

Discurso XVI

- A pergunta **Willian** é... “o que é a Congada para você?

- O que é a Congada para mim?

- É!

- ... (1)Hoje em dia a Congada, assim, vamos dizer faiz..., faz da minha, da minha tradição, da minha família, do que, do que eu aprendi, né, do qui eu, com quem me criou i tudo, daonde eu vim, né, que é Ilhabela... Quiii, como eu posso explicaá? Éé, é uma... Vô tenta te explicá uma coisa que eu não consigo, ainda nã-não cheguei no entendimento ainda, né..., do que é pra mim de verdade, ainda, porque ..., eu fico pensando, assim né, si todo mundo pensa igual eu lá, véio, si todo mundo tem a mesma, a mesma fé que eu tenho no santo assim, né, a mesma ... (2)Qui foi uma coisa que veio da-da, como eu posso te falá, da minha... Começou tudo pra mim da minha avó, né, da minha família, assim, inteira, quii... Meu tio é o rei hoje em dia, eu tive já um papel na Congada, eu fui cacique. Ééé, meus primos todos, meu, meu, minha mãe, minha avó... Minha avó, coitada. Hoje em dia, ela quem faiz nossa roupa toda, ela qui, eu penso o dia qui a gente não vai tê... ela pra tá fazeno assim pra gente, como é que vai sê, si vai sê minha mulher, si minha mãe qui tá viva, qui... participa da Ucharia i tudo, a minha tia, a **Nina**... Iii..., (3)é uma coisa que é forte, sim. Como vou ti ex, tentá te explicá? São Benedito pra mim, né, começa tudo em torno du, das promessa que minha avó feiz, né, por todos nós. Cada um tem um, é dado como promessa pra São Benedito, né, dado como Tipo, da minha família, i de outras famílias também qui eu vejo assim também, tem, você sabe o que a Congada significa mais ou menos pra cada um ali, a-a força qui tem, né, o santo. Cê vê, tem genti qui vai, i vai, assim, o meu ponto de vista também, né, eu não sei, às vezes é-é a mane, é a maneira deles se expressarem... (4)Mais eu vejoo... que uns vão por ir memo, uns vão por causa de família, uns que pararam, assim, que eu acho que “po, esse cara é caiçara também ééé, né, por que parou? Uns que viraram evangélico, a igreja evangélica também, né, deu uma... Mais si, se dependê de mim, pode ter certeza, qui vou querer passá para todos da minha família. Todos os homens dança, todos aqui em casa aqui, aqui! Não tem um que não dança. Meu vô, que é o único que não dança, né qui é... Somos em quatro tio qui eu tenho. Minha avó qui me criou, então eu sou um filho pra ela, eu chamo ela de mãe i tudo. Então, somos em, em cinco irmãos qui dança, i todas as mulheres em casa foi Rainha, todas as..., as netas da minha avó. A gente tem uma coisa assim, qui pra, pra gente é sério. Qui nem, meu tio... Na hora qui eu ti falo assim, si eu acho si todo mundo pensa como eu penso, porque pra mim é forte mesmo i tudo o que eu pedi pra São Binidito, teve uma época qui veio... Caramba! Mais...? um monte de gente pará de dançá, será qui São Benedito... Aquela hora, aquele ponto de interrogação “Será qui existe? Será qui Jesus Cristo existe? Porque foi a época da minha vida qui..., qui assim, qui eeu... eu coloco..., (5)a vida é uma gangorra mesmo! A minha foi... dá uma volta assim qui até agora num tô imaginando, assim, num tô acreditando, véio, do que aconteceu comigo... i pur ..., não vou falá pra tu coincidência, por fé mesmo, que eu tenho, eu sei qui muita coisa eu conquistei... em torno di São Binidito. Por mais que eu não seja presente na igreja, em missa, em tudo, mais eu tenho a fé no santo, na... I a Congada é uma forma de eu retribuí, de eu pagá os meus pecados, di eu í lá ii agradecê o santo, i faço mesmo com, com todo amor qui eu posso. Todo canto qui tem na Congada, eu canto com minha garganta mesmo, do fundi i me sinto melhor que eu vejo todo mundo, todos os meus irmãos lá, minha família inteira assim, que dá o sangue mesmo, qui si...(6)Tem gente que vai assistí a Congada i fica de brincadeira i tal. A gente num... eu num..., num gosto disso! A gente num qué... (7)Tem pessoas qui, que vem di-di São Paulo “Aah, vai apresentá a Congada, lá em São Paulo...”. Mais, prá nós, a Congada não tem o mesmo significado si a gente í lá em São Paulo. Não é porque gente não qué se aparece, é porque é reservado! Vale o que a gente faiz ali na Vila, o que a gente dança, o que a gente... Pelo menos pra mim, né. I cada ano que passa... antes eu eu ia também, quando eu era criança,

eu ia porque minha avó me colocou, né, então eu tava ali. Depois eu fui crescendo, eu tive um papel com oito anos, que eu era o cacique. Então todo mundo olhava, todo mundo ... O cacique é uma pessoa que é divertida na Congada. Tem um papel que às vezes é tipo é teatral mesmo o negócio .. iii eu já via assim Pô, legal, né tenho um papel na Congada i tal”. Hoje em dia... eu sou um fi, fidalgo, né, normal. Danço mesmo, mas danço pra mim, i cada ano eu vejo que vai aumentando mais o-o, a fé que a gente tem, né. De pequeno..., que parecia assim que foi empurrado pela, depois, você começa a gostá, gostá, gostá i... hoje em dia assim tudo quii a gente pode fazê, a gente faiz. A minha família, ela... se une mesmo, briga com unhas e dentes i... Uns são chucros mesmo. Um é o jeito deles serem assim, mas nada qui... Tem que ver qui, pô, o cara pode ser o que for, mas ali no... pra festa, por tudo, o cara tá dando ééé o sangue mesmo, né, que nem a gente dá a gente... é caçara iii... a gente tem que mantê a nossa tradição i o santo qui... Não é coincidência, é... Eu acredito mesmo! Aconteceu muita coisa que eu posso falá foi... foi uma coisa, é uma coisa de Deus e São Benedito. Eu, existem milhares de santos mais ... eu não consigo! Cada um... Qui nem, tem os devotos de Nossa Senhora Aparecida, eu, eu não consigo pedir nada. Eu, quando eu peço, peço mesmo e graças a Deus todas as minhas ..., tudo o que eu pedi foi alcançado graças À Deus e São Benedito. É isso que eu tenho pra fala procê... (8)I nun-nunca que eu vou deixá isso aí acaba... Si dependê de mim, pelo menos,...vai sê pra sempre. Eu quero qui... Tem 250 anos, eu quero que teja aqui, qui nós num perca assim, o que a gente já perdeu, entendeu? Quiii, esse ano mesmo teve um fato do Dito qui ele tá ali assistindo, ele virou evangélico, ficou um tempo, né? Ele já é velhinho ele, iii muito canto que a gente tava cantando... já não era mais o mesmo assim. Também uma tradição, né? Trezentos anos sempre vai mudar alguma coisa, mas... Ele balançava a cabeça e falava “Po não é o era da época, qui era antes i qui era do..., na minha época i tal. A genti. Hoje em dia, não, hoje em dia tem tecnologia, tem tudo i num... i preservado mesmo; i(9) é uma Congada diferente porque eu já parei para pesquisar outras Congadas, outros A gente já part, já participou uma vez de uma convenção qui teve, i foi a gente viu, foi como uma experiência, que foi aaí que a gente viu que a Congada lá pra nois, não tem o significado que tem a Congada aqui. Então, a gente não tem porque levar a Congada pra outro lugar quem quiser vem aqui, assiste a genti..., assiste aqui a festa que a gente faiz. Pode participar também, é aberta pra quem quiser. É que às vezes o pessoal acha que é tipo tudo... um qui qué manda, um qui qué fazê... então, eu vou mesmo, num ligo pra ninguém. Já tomei catracada do meu tio, que o rei, é o jeitão dele mesmo i não é por isso que eu vou virar as costas pra ... e é bonita a festa éé..., cê fica já no clima, né. Uma vez por ano, cê fica quando perto assim dá aquela ansiedade, tudo... i é divertido! Pra mim, podia ter mais ter uma vez nor ano... Ter uma vez no ano... É isso, Silmara....

- É, cê gostaria de acrescentar alguma coisa?

- ... Não,(10) uma coisa é difícil te explicá assim. Às vezes cê tá ali no meio du,... da Congada mesmo ali, cê ...cê vê a expressão de uns assim qui cê fala assim “caramba, né”... Falei, o cara é...” Cê vê, né, qui... É só Você não vai conseguí entende nunca o qui é qui a gente pensa, entendeu?.. Cê podi, qui nem cê falou, é um aprendizado seu, mais cê vai tenta, tenta, tenta i, sei lá, a não ser qui cê teja ali todo ano i.. tá participando di todos os episódios, pra você fala “Meu, tô começando a entender o que esses caras tão passando, entendeu, o que esses caras fazem, o que esses caras... o compromisso deles assim todo ano. Pô, por, pra mim é a quando eu vejo o Lúcio, quando eu vejo oo... agora não vejo mais o rei, né, coitado do seo dito qui foi desde piqueno. (11)Tenho vinte e nove anos, o seo dito ele, sempre tive. ele ali como rei, né? Tô muito contente também por meu tio sê o rei agora, por escolha do seo dito sê agora o novo rei, né... Mazinho... Mazinho foi cacique junto comigo, ele no de cima, eu no de baixo, né... Hoje em dia, ele tá lá! Eu sei qui si tivé um dia eu tê, eu sê um príncipe, um rei, um, tÊ um papel eu vou também fazê sem vergonha nenhuma, eu vou, se tive eu sê o escolhido, si tive qui sê outro também, não vou perguntar di, tem muita pessoa ali que você vê

na ... ele, ele, eles memo a devoção dele, assim, cê, cê acaba querendo, né, sempre fazê uma coisa ... qui marque mesmo pra você, qui você não esqueça do, da vida. Qui pra mim mesmo(12) eu não vou na igreja, né, então, pra mim a única hora di agradecê é nesses dois dias da Congada, nesses três dia da Congada qui eu ...i quando eu rezo i tal, essas coisas, qui eu sempre peço principalmente São Benedito ... a Jesus Cristo, lógico ... mais, às vezes eu peço primeiro pra São Benedito do qui..., Às vezes só pra ele também... (13) Mas tudo, tudo, tudo eu acho não vai consegui assim sentir o qui é ... sei lá, espero qui a genti passe algum coisa pra você assim também. (14) Meu primo mesmo, o **Dedé**, todo ano alguma coisa mi faiz olhá pra ele, e eu vejo ele, a emoção dele mesmo assim, ele choora i num tem vergonha, i num... ii... vê os, os qui tão vindo agora, qui nem o filho da **Nina** i do **Baepi** agora... Ela vai sê uma Rainha um dia, com certeza. A gente tem certeza disso! ... I oo mulequinho, já com um ano de vida com roupinha da Congada, do congo. Num tem como! Cê sabe qui ele vai seguí, não tem ... e não vai ser forçado assim, porque todos acabam indo porque a mãe empurra, o pai empurra, mais.. si quisé pará também num ... tem casos na nossa família di genti qui ia, i desistiu. Então aí ... Não vai acabá não! Si dependê da genti... só vai crescê!... É isso aí...

- Você falou, ah, um pouco, algumas vezes, né, di..., di qui começa levado ... i qui aí depois vai indo... i qui isso...

- (15) Você vai entendendo, né, i o que, o que significa. Você vai, vai indo! Eu vejo como foi eu, eu vejo o Enzo agora, meu irmão. Meu irmão tá com sete anos, do mesmo jeito, do memo... no final da fila, do memo jeitinho... Eu sei qui vai tê um dia, qui ele vai tá ali, vai tá mais um da nossa família na parte do azul, porque sempre oo... ce vem ..., como se diz, ce começa dançando na parte rosa ..., depois cê vem da parte rosa, se o rei te convida, você vai pra parte azul, se não, você continua...Meu primo **Dedé**, ele foi convidado pra í tal, mas ele não, ele falou qui vai fica no rosa pra ... qui ele gosta ii... i ele fica lá. A gentii..., já todos os meus irmãos, qui nem eu, **Branco**, **Zeca**, oo o **Secretário**, o... todo mundo é azul, né.. e o **Tato**, filho do meu tio **Zeca**. Eu sei qui um dia meu irmão vai tá lá, né. I do mesmo jeito, pelo mesmo caminho ele vai, como todos foram assim... Pô, (16) minha avó tem roupa..., todo mundo usa a mesma roupa quando é criança. Minha avó tem o sai, um saiote, um chapéu de quarenta anos em casa di... Minha avó feiz, faiz, si, não é por eu falar assim, defende aa..., mais minha avó é uma artista, quando fala de Congada! Minha vó... se, é só você parar e olhar assim os detalhes da camisa da-da genti, pelo menos di nós cinco... qui é eu, meu.. **Secretário**, o **Branco**, oo **Boni** i o **Zeca**... É diferenciado o chapéu qui ela faiz pra nós, não tem como! Oo jeito qui ela faz. Faiz gominho por gominho. Ela fica um ano fazendo o chapéu! ... pra chegá lá i fala “Meu, é o chapéu di todo mundo olhá i fala “Meu, esse é diferenciado memo! Esse ..., os detalhes qui ela faiz na capa podi sê, podi vê qui ...a diferença, né. Mas, importante é a devoção di todos i tal, mais ce vê o que ela faiz por nós i tal... Pô, num... Acaba acontecendo um negócio, eu vejo qui a fé dela passou pra gente, entendeu? Ela conseguiu! E minha avó ééé ... minha avó é daquelas vó qui é o seguinte, enquanto o... Hoje em dia eu tô, tô aqui, meio aqui, meio na casa da minha mulher, qui a gente tá pra casá i tudo. Mais minha vó, i ela me criou, né ...(17) Mais minha vó é daquelas vó qui o seguinte: enquanto o último não entra pra dentro de casa..., ela não dorme! Minha avó fica até cinco horas da manhã, sentada. Eu juro, por tudo qui é mais sagrado! Ela fica ali, enquanto o último não chega, ela num... ou então, si ela deita no quarto, ela tá aqui só pa, pá. “Mãe” “Hum?” “Já tô indo!” Ela, ela não consegue dormir, enquanto num tivé todo mundo dentro de casa. Intão... i ela fica rezando. Ela tem a, todo, toda noite ela reza, ela... fica horas e horas ajoelhada e rezando, desde quando eu me conheço por genti. I a fé qui ela tem, o gosto qui ela tem di vê assim, quando ela tá lá. Esse ano ela foi num momento lá vê todos e o Ricão, que é o neto agora ... Pô, a alegria qui ela tem ali di... di tá ali olhando ii, (18) i ela vem, ela fica sentada de madrugada. Na Congada, cê vem aqui em fevereiro..., em janeiro, minha avó tá aí, costurando di madrugada. Cê olha, enquanto ela não ajeitá a roupa de um por um. Aí

teve o **Baepi** qui casou com a **Nina** qui não tinha essa cultura i que acabou trazendo pra ele ... iii aprendeu a gostar da Congada também. Cê vê, assim, ela faiz roupa do **Baepi**, do Enzo, minha..., do **Branco**, do **Secretário**, do **Zeca**, do **Boni**. ..A do **Rei** ela qui feiz a di rei, ela... ela faiz, ela faiz porque ela enquanto num tivé certinho ela sabe cada calça. Essa espada é di num sei quem, cordão é di num sei quem... “I ó, si não trouxer... a roupa do jeito qui saiu daqui, si emprestá pra alguém, cês vão vê!”... I nunca sumiu uma camisa, nem nada. Minha vó tem cami, tem roupa di Congada aí di, di cinquenta anos atrais aí. Tem espada qui é velha pra caramba! Teem... aqui, aqui.. por isso qui eu falo quando ela for, como qui vai sê, né? Apesar qui a gente vai querê usá, por ela, até esfarelá assim, até ... porquee... ela conseguiu passá, né, o qui ela, ela sentia pra cada um. Aí cê vai indo, desde pequeno você vai. Começa, ela começou me levando, depois você ... começa a entende. Cê vai entendendo o que significa o canto, o que qui... Aí cê vai com, começa você faiz a, começa a í pra igreja, faiz, faiz o catequese, tudo, aí você começa a entendê assim um pouco da história, né, de São Benedito, cê vaai ...aprendendo o qui é a Congada, o qui qui cada, o qui cada rei tá passando, o qui que o rei passa, o qui que é os fidalgo, os pagão,... Cê começa a entender a história toda, a guerra, porque é, uma guerra qui eles acabaram... guerreamdo porque, querendo quem louvasse mais o santo, né, ... i depois acaba descobrindo qui o rei e o embaixador, um é pai e um é filho i tal e reconciliam i depois festejam os dois reinos im..., im louvor ao santo, né. Iii cê vai... vendo qui tudo foi por causa de São Benedito, i é um santo qui cê tem porque, né, nossa família é ... é todos devotos de São Benedito i a gente vai querê pa, eu vou querê tenta passá, né, pra quem vim a nascê, si quisé, mais, hum, nada forçado, véio, sê natural mesmo. Eu acho qui do jeito qui ela me ensinou, eu vou conseguí passá pra ele, ele vai entendê, entendeu, quem vim depois. Porquee foi uma coisa que aconteceu mesmo ii ... eu já vi que não é di uma, duas, três gerações, já é de várias gerações aí. Parece qui vai se estendê assim. Apesar qui, qui o tempo muda! Não sei como vai sê... O futuro só pertence a Deus... Agora... espero qui a... quem vim, assim de casa, continue levando assim, si não levá também, importa qui eu fiz minha parte... Si sigui a minha linha di, di-di, di cultura, di... assim espiritual i tudo, assim ..., cada um tem um jeito, né, di mais é difícil! É uma coisa qui cê não consegue, cê tenta explica mas não consegue porque cê, cê lida com emoção, né, i cê não consegue... até porque cê tá comendo numa Ucharia, cê tá (tosse) eu faço, o que eu pudé faz. Eu pego foguete, solto na hora da procissão, porquee... Aí quando acaba você ficaa segunda feira estourado porque ... cê pula, cê dança mesmo, cê faiz com ... cê num tá nem aí. No sábado, depois do meio dia, cê já tá começando sentí os peso na perna. Tem gente que fala qui é os pecados, né, quanto mais... pecado tem, mais a perna perna, a perna pesa... A minha pesa bastante, mais (rimos).eu consigo ficá os dois dia. Aí (19)depois acaba, segunda-feira cê vai encontrando o pessoal na rua, né, aí cê vê qui aquele pessoal di congueiro assim quando você passa é um outro cumprimento assim, né, aquele cumprimento “Pô, o ano qui vem, tu tem qui tá lá”, né? Assim, só di tu olhá i “Po i aí, i tal...” (tosse) A genti ébem unido assim, né. Quando se vê na rua abraça i tal i... Um monte assim, óó, os mais antigos, assim, da minha época. (20)eu, nada nada tô cum, vou fazê trinta o ano que vem... assim, duas Congadas eu não pude passá, né... Não pude participá da festa... Aí depois teve uma qui mesmo depois de um acidente de moto, cus órgão tudo...balançando dentro da minha barriga, uma operação... Aí fui numa festa de Nossa Senhora D’Ajuda, fui na procissão, piorei,... No hospital, antes da Congada di São Benedito, melhorei do nada! ... I foi um dia eu no hospital... cada vez mais piorando, piorando, piorando, piorando, piorando, teve um dia que eu ajoelhei no banheiro... no hospital, segurando o registro da ducha ... i pidí mesmo pra São Benedito “Puxa, São Binidito, o senhor tem qui me tirá daqui, porque eu tenho a Congada do senhor, né, pra mim í... Eu tenho a festa, eu tenho a minha avó, como vai sê mais um ano, qui esse é o segundo ano, né ... (tosse) Iii... eu consegui passá a festa ... Saí do hospital..., depois di deiz dia ...eu peguei e dancei a Congada normal... I a primeira vez eu não pude participá, mesmo, porque eu tava

preso, mesmo..., iii... lá de dentro minha avó, minha, minha família tirou ..., lá dentro tem, né, celular, essas coisas, i eu, i eu pude pegar um celular no dia da Congada i ligar i dar minha embaixada pro rei. Fui..., seo Dito ouvindo eu no celular, sabendo da minha situação ... i todo mundo pareci qui ... na cabeça já sabia, qui porque sentiu minha falta, porque eu não tava ali, todo ano eu tô ali. Sabiam o qui tava passando comigo, i todo mundo sabia qui era eu qui tava no telefone. Então, foi..., aquilo ali foi ... eu não vi, né, porque eu não pude vê, mais todo mundo me falou que a, todo mundo sabe assim ... e (21)nessa Congada minha avó levou um chapéu pra mim, um chapéu qui eu não tinha, qui ela feiz aqui em casa ..., levou na igreja, pediu pra abençoá, qui no outro ano ... eu tinha qui tá lá pra dançá ..., qui ela tinha, qui ela não sabia do futuro dela, i fez outra promessa, em cima das promessas que ela já feiz por nós em cima do santo. Iii ...eu tava por uma coisa qui, todo mundo sabe, né, qui não foi eu, fiquei, aconteceu uma coisa comigo, um cara com o mesmo nome que eu ..., todo mundo sabia do que tinha acontecido... i u, na Ilhabela, mais eu não podia chegá lá i falá qui não era eu, por causa daquela situação que eu me encontrava, iii... (22)eu tava arriscado, aí, a tomá aí quase quinze ano di uma coisa qui eu não, di culpa qui eu não tinha. Foi, passei o escrutínio, promessa da minha avó di abrí u, os olhos di quem tinha que enxergá qui num era eu i ... Participô ninguém da festa i sempre, i depois disso, veio o acidente ... Depois do acidente começou a, aí eu comecei a entender mesmo o valor da festa, então ...Foi daonde eu... (passa uma moto fazendo muito barulho) porque cê me tirou de uma coisa que, junto com qui ..., assim com a fé que eu tenho, né, de-de melhorar, hoje em dia, puxa, deu uma volta na minha vida qui ... pegá São Benedito, eu rezo a Deus i... Pessoal em volta de mim, com minha família, por isso qui eu vou ... qui a gente é unido, na Congada a gente se une bem mais i a genti... como si fala? ..., Ah, é uma forma de agradecê tudo o que minha família feiz por mim, tudo qui o santo feiz por mim ..., i todas as prome, por isso qui tudo aqui em casa gira em torno disso e São Benedito, di tudo ... Si entrá aí dentro cê vai vê ter, trinta e cinco... Cê vai vê santo pra caramba! Qui minha avó tem imagem de tudo quanto é santo, mas de São Benedito, se você achar menos di quinze imagem de São Benedito em casa, eu te dou cem reais! Eu tenho certeza qui você vai achar (rimos). Ela tem de todos os tamanhos, tudo. Aliás se for contar de, de lembrancinha da Congada, de enfeite, de rosto, de papel, di... Nossa, pode contá aí mais di trezentos São Benedito cê vai encontra aí em casa... Pode ser uma... Tinha um programa do..., não sei se foi do Luciano Huck ou Angélica, que falavam “Ah, quantos não sei o que você tem na sua casa?” Dependendo de quantos fosse, sei lá, era tipo cem reais cada item. Sii fosse aqui em casa, ia ganhá, assim, uns treis mil, treis mil i quinhentos, porque tem São Benedito aqui é até di..., di cueca aí ... (rimos). É isso aí ...

- Então é isso. Obrigada!
- Espero qui eu tenha ti ajudado aí
- Muito, muito, muito
- É pra faculdade?
- é minha tese de doutorado
- Ah, é de doutorado?
- e isso gira em torno di, da Congada?
- Gira
- De Ilhabela?
- Da ilha!

Seguimos conversando sobre como me aproximei da Congada.

Discurso XVII

- **Rico**, a pergunta... é “O que é a Congada para você?”

- ... (1) Congada, pra mim, é uma das coisas mais lindas que aconteceu na minha vida..., quando eeu me dei por genti, quando eu entendi... quii... eu... tinha algo... ééé, de religião em mim... porque... a Congada, elaa me ensinou muita coisa. Embora não pareça, ela seja apenas, pra muitos, um folclore da Ilhabela, pra mim não é, porqueee eu vi meus, meu avô, meus tios, meus primos dançarem, meu pai ... iiii, (2)eu sou de uma família... qui ... todos eram católicos, depois di um tempo uma parte da família ... foi... virando evangélica iii a Congada... eu via comoo uma coisa forte, diii, um encontro da maioria das pessoas qui se conheciam na ilha, iii meu pai nos levava, levava eu i os meus irmãos, né, tenho um irmão qui dança a Congada ... I eu, simplesmenti, eu era, tinha muita vontade de dançá a Congada mas era bem pequenininho i meu pai ainda não tinha tinha coragem di me colocá. I por incrível que pareça, quando eu comecei a dançar a Congada o meu pai já tinha parado... Ééé, (3)eu creio qui voce saiba quiii devido ao crescimento do mundo evangélico, muitas pessoas acabaram se tornando evangélicas por opção ii, ii daí, a Congada, por ser coisa católica, né, porque tem o São Benedito, a imagem do São Benedito totalmente ligada à, à Congada em Ilhabela iii, ... muita genti saiu... devido a isso, iii... o meu pai creio qui tenha sido um deles, porque minha avó se tornou uma evangélica, ela era católica e se tornou uma evangélica, né, e meu pai deixou de ser, meu avô, acho que por idade, né, porque um pouco cansado, mas também se tornou evangélico..., iiii (4)nisso me deu vontade di, di ser um congueiro, di estar congueiro. Eu creio qui eu já era congueiro, mas eu não estava congueiro, eu não dançava a Congada, realmente. Então, eu... tinha lá uns... nove, dez anos, não me lembro muito bem..., com muita vontade de dançá a Congada, qui meu pai ainda não tinha me colocado, ele tinha saído, eeu pedi que eu pudesse entrar ao seo Dito de Rosa, na época era o Embaixador..., i ele falou queee ia conversar com os outros mais velhos, né, porquee, na época, para entrar na Congada... eu era de família de congueiro, mas na época pra entrar na Congada si pidia, si falava com as pessoas “Olha, independente de sê no congo di baixo ou no congo de cima. No congo de cima, com certeza é, é muito mais, tem uma história ainda muito... é muito, é muito mais difícil. A autorização tem qui ser com muito mais pessoas secretário, embaixador, rei, mas na de baixo... I ele ... como eu era de família de congueiro, eu tive a facilidade de entrá, eles autorizaram i eu entrei, na Congada. I então, a partir daí, eu nunca mais sai, nunca mais sai. (5)Inclusive também o seo Dito qui era embaixador acabou virando evangélico e saindo... (6)iii eu digo que é uma coisa, assim, uma das coisas assim mais legais e importante que já aconteceu na minha vida, porque... sou nascido e criado na Ilhabela ... a Congada, pra mim..., é muito importante pra Ilhabela. É muito importante para os caiçaras... por causa desse encontro qui a gente... Devido a, aos trabalhos i, i aos desencontros da vida nesse momento de Congada, em maio, né, é onde a gente consegue... vê, rever vários amigos, várias pessoas, não só os amigos, muitas pessoas que não dançam Congada mas vem se encontrar e se ver ali. Então esse momento pra gente é muito importante. E lembrando da história, a Congadaaa era um encontro dos pescadores, né, a maioria dos pescadores, né, quando não tinha o..., quando eles estavam parados na época di não ter pesca, de não poder pescar, eles se encontravam, né. Então, eu sou congueiro..., amo ser congueiro, sou filho e neto de congueiro..., ii tenho irmão, sobrinhos, primos i meus irmãos congueiros qui são todos, mas meu irmão di, meu irmão di sangue também é congueiro... então é, acho qui, qui seja... Acho, não, tenho certeza que é por isso, que a Congada pra mim é muito importante, pra Ilhabela ela é muito importante, maais o fato de eu ser congueiro, e eu já falei isso, qui voce até eu... tive forças pra dançá, porque é é de dentro de mim essa vontade, (7)é uma coisa que, pra mim, independe da religião ...embora todos que dancem são católicos, mais ela tá ligada muito mais qui sê católico pra mim. Embora muitos não concordem, para mim ela é, (8)ela faiz parte de mim... é, eu creio qui eu tava na Congada antes mesmo di entrá, porque eu já tinha laços

familiares ali, já tinha vontade de dançá, só que devido à idade meu pai não tinha me colocado ainda, eu era piquininho, iii atéhoje eu tô na Congada. Congada pra mim é isso, Congada é mais que uma simples dança, Congada é mais quiii... qui folclore, Congada ééé, é muito mais qui isso pra mim. Congada pra mim é um encontro; é um encontro com amor .. éé'um encontro com carinho... é um encontro de caçara, é encontro dii turistas, encontro de pessoas qui vieram morá, iii se torna até uma confraternização com a Ucharia, né? Porque cê vê qui muitos congueiros também ajudam na-na Ucharia, mas existeuma equipe, mas de família também que já vinha a muito tempo na parte da Ucharia. Tem a parte do mastro, tem a parte... duuu santu, que ele é enfeitado... Então, a Congada pra mim é isso! É uma das coisas mais importante que aconteceu na minha vida ... embora, graças a deus, eu tenha muitas coisas importantes que aconteceram na minha vida, tanto o nascimento dos meus filhos, quanto ao, ao encontro da minha esposa, mais... essa é uma das coisas mais importantes da minha vida, a Congada de Ilhabela. ... Ti respondi? Precisa mais alguma coisa?

- Aí é você quem me diz...

- ... Então, é isso! (9)A Congada pra mim ... ela éé uma das coisas mais importantes na minha vida. É a ligação com a Congada, a ligação com São Benedito, a ligação com os meus irmão congueiros... a ligação com a minha família qui assite a Congada..., a ligação com o povo que vem assistí... a ligação com todos que se reúnem em volta de vê um **Rei** bravo com... as pessoas que não prestam atenção..., mais é uma coisa que não vai mudá... porque a gente sabe que aquele também é um amor dele, e é um amor muito forte. Dificilmente, você vai ... éé encontrar alguém... Não se mede amor, né, mas vai encontrar alguém que não brigue tanto quanto ele, embora cada um tenha a sua maneira de brigá. Mas é o jeito caçara do **Rei** e a gente acha até... alguns de fora não acham, acham..., não acham legal, mais a gente acha importante pra gente, pra quem é congueiro, ter entre nós... um homem forte, um caçara bravo, que defenda a nossa tradição, como ele defende. Então, aproveitando essi, essi depoimento, eu como em outras vezes já tive oportunidade di falá, mas é uma das pessoas qui qui também serve de inspiração pra qualquer um congueiro, pra qualquer uma pessoa que queira saber sobre a Congada, pra qualquer uma pessoa que queira ser congueiro, que queira entender sobre a Congada... ééé a fé... no santo i o acreditar na Congada de Ilhabela, dentro da Festa de São Benedito..., é o que... permite com que eu esteja falando isso pra você hoje, nesse momento. Eu, eu que agradeço a oportunidade de podê dá uma entrevista pra você.

- Por nada... - Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

- Dentro da sua pergunta ... eu apenas acrescentaria ..., já te agradei, né,... acrescentaria qui... (10)creio qui em todos os seus relatos você já tenha as rainhas, i dizê também qui eu tenho treis filhas, é de minha vontade que, qui elas também passem por essa ... oportunidade de fazê parte como Rainha da Festa de São Benedito, da nossa Congada..., mas não é prioridade em minha vida, minha prioridade na Congada é ser congueiro, apenas isso... Si eu sou um soldado de São Benedito, eu sou congueiro, só isso! Eu não sou pai de Rainha de Congada, mas eu tenho vontade di qui, si elas... entendem que, entenderem qui ... a Congada é importante pra elas, elas sejam Rainha também, qui também é um orgulho pro pai. Algumas das minha filhas já foi, Gabrielle, foi da Congada Mirim, foi da Congada adulta... Elaa, mas porque ela quis, porque ela tinha vontade de ser a Rainha da Congada, não por capricho do pai..., porqueee, eu creio que o congueiro, ele tem qui sê congueiro, ele não tem qui querê posição dentro da Congada. Isso acontece!...por hierarquia, por ... opção di pessoas qui já estão a bastante tempo ou cum... não se fala cargo, mas com alguma posição di secretario, di Rei..., di príncipe, né, de Embaixador..., mais é..., há di sê respeitado, é preciso sê respeitado a opinião dessas pessoas e a vontade delas. Então, a única coisa qui eu tenho, qui eu tô complementando pra você é quiii... (11)eu gostaria qui as minhas filhas fossem rainhas, todas as treis. Tenho treis filhas, mulheres, gostaria qui todas as treis fossem Rainha

da Congada, mais que seja uma vontade dela, porque a minha vontade é a minha vontade. Os meus sonhos eu que realizo. Não posso... sonhar um sonho pelos meus filhos....

- Ééé, cê falou, é, sobree... qui você já era congueiro, mas não estava sendo. Você podia falá... um pouco mais disso, assim?

- ... (12)Eu já era congueiro devido ao laço familiar, né, meus pais, o meu pai já era; meu vô já era, eu tinha vontade de entrá, mais meu pai não tinha me colocado. Então eu precise, eu tinha vontade de entrar, meu pai não, não tinha colocado ainda. Eu já acompanhava, mas ele não tinha me colocado. Então, eu creio qui eu já era congueiro, devido a esse..., realmente agora não lembro. Porque a partir do momento que eu me entendi por gente ..., por gente como? Ah, ter um pouquinho assim sete, oito anos mais ou menos, éé, entrá na vida né, na realidade, entender umas coisas iiii eu já sabia qui eu, qui eu fazia parte daquele mundo da Congada... só que eu não estava! ... Isso a genti conversa sempre, né, a diferença do ser e do estar. Eu não estava congueiro, mas eu já era congueiro... E então, eu me considero um congueiro porque eu creio que sou um congueiro... Eu não estou na Congada, eu não estou apenas na Congada. Então eu, já devido a esse laço, a essa vontade que eu sempre tive, quando eu comecei a me entender por gente, por pessoa..., eu manifestei essa vontade iii... consegui ser um congueiro, mais é por isso que eu tava ti falando qui ... ééé', não sei si você entendeu mas..., creio que tenha entendido,... que eu já era congueiro..., antes mesmo de eu dançar a Congada... Porque já era di dentro de mim essa vontade... já era... apenas... faltava eu entrar para os bailes mais com a autorização... dos mais velhos... Tá compreendido?

- Compreendido! ... É isso, Riccelli...

- Nem doeu, né?

- Nem doeu nada.

- É!

- Sempre falo isso “nem doeu” para os entrevistados. Então, é isso, tá. Obrigada!

- Por nada! (13)Estarei sempre às ordens, ainda se tratando de um pedido do Secretário ou do Rei, porque eu falo pra eles que um pedido deles é uma ordem, pela relação de respeito qui a gente tem um pelo outro.

Discurso XVIII

- A pergunta, **Lili**, ééé: “O que qui é a Congada... pra você?”

- Já posso responder?

- Pode...

- (1)Congada é uma manifestação religiosa ééé ondii devotos da festa, devotos do santo se reúnem pra..., pra manifestá a...,³⁴ a festa! Eles se reúnem ééé... i fazem a festa acontecer e é passada di ge, di geração pra geração. ... Já acontece a muito tempo, há mais de 200 anos, iii... Ah!... Ai, meu Deus, não sei. Ééé ... Ah, meu... (2)Não sei como responder, Silmara (rindo). Nossa, é difícil! Nunca me fez essa pergunta!. Não sei... Não sei... (ela parece um pouco nervosa e fica cada vez mais ruborizada) Não sei responder, meu! E agora?... Ééé.. Caraca, eu fico nervosa, eu não sei responder. Então, vamos lá! (3)É uma manifestação, por exemplo, a minha família ela sempre teve envolvida com a, com a festa. Éééé... todos os homens da minha família, por parte de mãe, participam, são todos congueiros. Éééé... a (4)minha avó ela, ela que faz as roupas de todo mundo, eu já fui, eu já participei, eu fui Rainha mirim em 2002, fui Rainha do adulto em dois mil e dooze. Ela também que fez a s roupas, o vestido qui eu, qui eu usei foi passado por todas as mulheres da família também, pela minha mãe, pela minha tia, a minha prima..., a minha outra prima, eu..., Ééé, ela também, a minha avó também participava da Ucharia qui é o momento onde todas as mulheres, ééé... qui também éé são devotas, se reúnem na..., na-na, numa cozinha pra poder faz, fazer o preparo do alimento... ééé pros congueiros, pros devotos, pras famílias dos congueiros... Ééé...(fica em silêncio por alguns momentos). É! E minha avó partici-pou por muito tempo, hoje ela não participa mais, a minha mãe e a minha tia participam..., ajudam na coziinha... ii eu acho interessante a-a, essa parte porque, eu acho que é..., porque São Benedito foi um cozinheiro..., i eu acho que as mulheres fazem o papel que São Benedito exerceu. É, ele fazia a, ele era cozinheiro e ele ééé, a comida que sobrava ele dava pros mais pobres, qui não tinham o que comê, i aí eu acredito qui elas fazem esse papel. Eu lembro qui teve um ano... quii... não foi, a Ucharia não recebeu muuita, muita doação, porque a Ucharia ela, é, toda a comida qui é recebida é di doação, i eu lembro qui teve um ano qui não teve, i todo mundo ficou preocupado, ficou “Meu, não vai dá a comida pra vim, pra todo mundo”, porque é muita gente que vai comê... i aí, naquele desespero todo “Meu deus!” Aí, e no final elas fizeram acontecê i deu pra todo mundo i sobrô. Foi uma coisa tipo, ...um milagre, assim, sabe? Porque, meu, loucura porque não tinha, num, num tinha comida suficiente assim, em comparação aos outros anos. I nesse ano deu i sobrô i foi, todo mundo ficou meio ... surpreso..., meio ... Mais enfim, (5)eu acho, meu, uma manifestação cultural muito bonita, muito bonita! Acho qui é uma data muito, muito esperada, assim, pela minha família. Eu acho muito lindo. Noossa, muito lindo!... I eu não sei mais o que falá (ri)... Não sei mais o que falá, não... Acho qui é isso. Acho que acabou! (ri levemente). Num sei mais o qui falar!...I agora? (rindo) Eu falo “acabou”?

- Você...

- Ah, pode ser acabou. Acho que eu não tenho mais nada pra falá, não!

- Você gostaria de acrescentar alguma coisa?

-... Não, acho que não. Acho que agora não passa nada pela minha cabeça, pra falar... mais... Acho qui não.

- Éé, você falou qui você foi Rainha por duas vezes...

- Sim.

- Você podia falar um pouco disso?

³⁴ A entrevista foi realizada na escola de Educação Infantil onde ela trabalha, após seu horário de trabalho, por isso, durante toda a gravação se ouve ao fundo o som de crianças brincando

- Eu fui... Assim, (6)pra ser Rainha precisa sê éé membro da família... dos congueiros i, como eu falei, todos os homens da minha família participam. O meu irmão mais velho, meu irmão mais novo, todos os meus tios, os tios-irmãos da minha mãe, os tios-irmãos da minha avó i aí eu fui em dois mil e dois, eu tinha seti anos..., minha avó feiz o vistido éé a cor do meu vestido foi azul a coroa era,é a coroa qui passa, é sempre a mesma coroa pra todas, então, eu usei a coroa, ééé... i aí... I foi assim: a Congada Mirim ela começou em dois mil i um, si não me engano, a primeira veiz, i aí eu fui na sequência, em dois mil i dois. Em dois mil e doze eu tinha... doze ano, não.... Não! Eu não fui em dois mil i doze? Não! Não foi dois mil i doze, não. Foi dois mil i sete! Em dois mil i sete eu tinha doze anos ..., tinha doze anos, aí a cor do meu vestido foi rosa, foi o vestido qui passou pelas mulheres da minha família qui minha mãe usou, minha tia usou... Eu usei i depois minha prima usou... A coroa também foi a mesma... I foi isso. Acho qui... é!... É isso! Qui mais?

- Não sei.

- (ri) O que mais cê quer perguntar?

- Não, a pergunta é essa: O que qui é a Congada para você?

- Ah, é isso, é a,(7) uma manifestação cultural onde devotos se reúnem pra prestá a sua devoção ao santo... e aí fazem acontecê a festa, qui é muito linda. muito, muito linda!...É isso!...(fica em silêncio)

- Então é isso! Obrigada, **Lili!**

- Di nada.

- Aí ó

- Sou muito ruim pra falar (rindo).Sou muito ruim pra falar.

- Não!

Discurso XIX

- Então, **Branco**, a pergunta é o qui é a Congada pra você?

- O qui é a Congada pra mim?

- É!

- É... (1) a Congada pra mim foi... Como qui ela surgiu?... Ela surgiu através da minha família, através, surgiu através da minha vóó..., (sua filha de cinco aos que está próxima, e curiosa, começa a contar uma história) iii aí ela levou essa, essa cultura pra nossa família. Aí começou através do **Rei**... né? O **Rei** i minha mãe... Começou através do **Rei** i da minha mãe, né, os, os iniciantes, us festeiros iniciante, minha mãe na cozinha ... i o meu tio dançando, i foi passando pra genti... (sua esposa na cozinha ao lado prepara o jantar) Foi passando pra genti iiiii..., i aí o qui a Congada se transformou na vida de cada um, aí, aí é independente... Que nem, no meu caso... (2) No meu caso eu tive uma doença, entendeu, tive uma doença di umaa... eu tinha convulsão, eu tinha epilepsia, i aí a minha mãe fez uma promessa... no qual eu tenho a certeza absoluta qui eu fui curado com a promessa que ela fez pra São Benedito... né, iiiii... I aí, desde intão eu sempre, nunca mais, nunca deixei a Congada, nunca ...são trinta e... oito anos qui eu tenho ... trinta e seis anos eu danço Congada... Nunca falei na Congada, nunca deixei di dançá, nunca vou deixá de dançá... É, é filosofia di vida, é o qui eu, é o qui eu levo pra minha vida, entendeu? Qui eu vou levá pros meus filhos... Éé cultura, tradição..., éé, eu-eu, (3) eu tenho na Congada quiii, eu levo pra todos qui dançam Congada, qui a genti cria uma irmandade, um respeito tão grande ... quii, éé termos di briga, essas coisas entre os congueiros e tudo mais, nunca pode acontecê, entendeu? Si tivé um congueiro im qualquer lugar, si o cara for congueiro, ele não pode si metê em briga i si algum outro congueiro tivé ele vai..., num vai deixá nada di mal acontece..., né, a genti criou uma irmandade... principalmente entre us mais, assim, o pessoal da minha idade assim... di cinco anos pra baixo, di quarenta i cinco anos pra baixo assim, é uma irmandade entre os congueiros muito grande..., forti! Uma coisa muito leal..., i é por isso qui eu acho qui a Congada na nossa geração agora... ela não vai sê acabá, então éé é a Congada pra genti é tudo, né, é uma tradição qui a genti vai carregá... pra sempre..., que eu vou querê levá pros meus filho, entendeu? Passá pra minha filha, pra minha filha um dia paassá pros filhos dela..., entendeu? No entanto, (4) cê viu o quadrinho qui eu tenho ali ...tá ali tá... daqui a quarenta anos eu vou olhá pra aquele quadrinho ali, si Deus quisé, entendeu? I aí vou vê um monte di genti ali com família. seo Marcelimo, qui já faleceu, tá ali. (5) Eu tenho desde o congueiro mais jovem até o mais antigo ali. Tá ali comigo... Tenho minhas, minha imagem di São Benedito, qui pra ondi qui eu vô..., todos os lugares qui eu vou... dirigindo..., ou navegando no meu trabalho, eu levo a minha imagem ali (aponta para sua imagem de São Benedito que se encontra no rack de sua sala, onde estávamos). Tá vendo? Tá desgastadinha, no pretinho... Mais é, oo São Benedito éé ..., é o protetor, sabe?... Eu tenho como protetor, meu... meu anjo que intercede por mim... Tenho certeza qui nada di mal me acontecerá..., por conta da-da fé qui eu tenho com São Benedito. (6) Mais isso tudo só levô por causa da minha família, entendeu? Minha família qui miii, qui me deu esse guia, entendeu? Minha família qui me destinou à, a ser i ter essa tradição, si não, si não fosse a minha família, eu não sei si eu seria congueiro, não sei o que seria... pra falá a verdade procê. Minha família mesmo, **Rei**..., minha mãe, são os maiores responsáveis por todos os meus irmãos, si nós éé temos um, uma cabeça boa i tudo mais, isso aí é por conta da minha mãe i du **Rei**, entendeu? I do **Rei**! Eles... centralizaram a genti... i, i levaram essa filosofia aí de vida pra genti, i a genti num, num pensa aí em outra... Não vai querê saí tão cedo assim... Acho que num vamô saí nunca, né, da Congada. Pelo menos a nossa família. ...É isso aí! ...É isso qui eu penso da Congada!... Você tem mais alguma, alguma pergunta? (rindo)

- Não, eu quero saber isso, o que significa a Congada pra você. O que qui é a Congada pra você.

- Ah, éé muita coisa. (7) A Congada é tudo, né! Não tem... A Congada si eu, si eu deixa di dança a Congada um ano, eu num vou éé ... É como, é uma falta... É vai sê uma falta, é uma falta muito grande... qui faiz pra qualquer um congueiro. Quem dança Congada ééé, qualquer um qui falta, eu cobro! “Pô, por que qui você não foi na Congada?” “Pô, meu, não consegui í na Congada por causa do meu serviço, tudo mais, só qui não sabe como mi doeu! Pô, eu fiquei pensando em vocês o tempo todo..”. Faiz falta pra qualquer um congueiro! Num tem como você deixa di dançá a Congada ... No entanto, os mais velhos ...qui dançaram a Congada i um dia saíram, tem, tem como exemplo o seo, o seo Dito de Rosa, né, primo meu, elii, antes de falecê voltou pra Congada... como si ele fosse lá pra sê aceito... ele foi aceito di novo, novamente na Congada, no ano seguinte ele faleceu.... Entendeu? Aí, por isso qui eu te falo, ééé, cria uma irma, uma irmandade, cria um vínculo tão forte a Congada qui é, é difícil você não querê recebê a benção todos os anos, entendeu, tua vida seguí adiante... cê participa di uma procissão, cê carrega o São Benedito, você fazê seus pedidos...Pena qui a maioria dos congueiros eles não são... ééé, não são éé, como eu ti falo? Católicos ativos!... entendeu? Não vão pra, pra igreja com frequência. (8) Pena qui isso não aconteça, porque si os congueiros, todos congueiros, si eles vão pra igreja i fazem acontece é, é o ano todo, pra igreja, nossa, a igreja ia ganhar tanto!... Tanto com a participação dos congueiros! Ela for, a igreja ia fortalece tanto. A igreja ela não é só, não é só chegá lá i rezá, entendeu? A igreja tem bastante coisa pra si, pra ser feita..., entendeu? Si os congueiros tivessem um pouco mais de doação praa igreja, nossa, a genti ia sê mais forte ainda. As pessoas iam respeitá muito mais a Congada ainda, entendeu?... Já respeitam..., respeitam a nossa tradição, né, qui a gente tem di se apresenta todos os anos, uma vez só por ano. As pessoas esperam, por isso qui é respeitado até hoje, por nossa tradição. Porque si fosse uma coisa “Ah, vamos si apresentá hoje, daqui a vinti dia si apresenta di novo”, daí não ia, não ia tê valor a Congada. Só tem valor por causa disso, por ser só um, um final de semana anual e mesmo assim ééé ... (9) a Congada só vem a acontecê, mesmo, por conta di meia dúzia di pessoas. Te falo a verdade, meia dúzia de pessoas qui fazi acontecê a Congada... entendeu? No dia lá, até tem um monte de genti, voluntário, s ali na Ucharia i tudo mais querendo ajudá i participa..., mais pra fazê acontecê a Congada mesmo, são uns seis, i depois qui acaba a festa, tem qui í retirá as coisas da festa i tudo mais, só sobra dois, três..., entendeu? Já deixei de participar di ... di, da, de procissão... prá tá ajudando meu tio **Rei**, no dia mesmo qui ele ia sê coroado. Ao invés dele ser coroado, a gente tava lá carregando as tábuas pra leva pra casa dele, lá da-da Ucharia, entendeu, depois da Ucharia carregamo o caminhão i nós tava levando lá pra.... Qui ele montou um barraco na casa dele pra guardar as coisas da Ucharia... doou um pedaço da casa dele pra Congada da Ucharia ...Éé, o **Rei**, no caso do **Rei**..., muita genti fala qui ele é autoritário i tudo mais... mais ééé si não fosse ele a Congada tinha acabado... faiz tempo! Eli qui encabeçou ii levou a gente...(10) qui nem a Congada Mirim foi desde 2010, 5 anos, seis anos qui eu tô encabeçando a Congada Mirim, foi uma das pessoas que falou “Não, vai lá i fica com a Congada i tal” foi ele, entendeu? “Vai lá, leva a molecada”. E eu também com aquilo di... não deixá morrê, entendeu? “Não, eu quero fazê, qui pelo menos deiz desses moleque vai sê congueiro pra sempre. Eu vou conseguir isso!” Eu tinha aquilo na cabeça, no entanto eu não consegui só deiz, eu conseguiii quarenta..., qui tão lá na Congada láá iii quando a gente passa, o respeito é muito grande ... Quem vira congueiro, o respeito um pelo outro é enorme ..., né, principalmente com essa molecadinha que eu consegui formar... a molecadinha passa por mim, pô tem moleque aí que é pai agora, o Nicolas é pai..., sabe? O Nicolas passa por mim “Ô Brancão!” Sabe, isso pra mim qui é válido, sabe? Você vê as molecada, tal, hoje em dia, sendo pai, sendo, tendo família também, ii te olhando, i ti olha com um olhar legal di “Pô, ele foi meu professor, sabe, foi uma pessoa bacana pra mim, importante na minha vida. Me formou, formou meu caráter, tal como uma pessoa boa”, isso qui eu gosto, sabe? Di leva o bem! Eu sei qui é isso aí! a Congada pra mim é isso! levá o bem, passá o bem..., entendeu? Sê

bom! Tê bondade. Tê uma família... decente. Isso aí é Congada pra mim. Tê uma estrutura familiar, né ...Isso pra mim é Congada! Tudo ti levá, centra a sua família? Congada! ...né, porque São Benedito só qué... A Congada só ti leva pro bem, num, num vai ti levá nunca pro mal. (sua filha volta a se aproximar de nós e sussurra) Então, te forma o teu caráter, a Congada te forma teu caráter..., entendeu? Te forma como homem, cê tê sua dignidade, entendeu? ... Congada é isso... pra mim! Formar seu caráter ...Formou... o meu... É isso aí, pô..., o que tenho pra te dizer...

- Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

-...Não! ... Não! É isso mesmo. É só isso mesmo...

- Você falou, ééé, sobre a filosofia de vida da Congada ...i sobre a, a irmandade qui se forma...ali na Congada, e também sobre a Congada Mirim. Você podia falar um pouquinho mais sobre isso?

- Da Congada Mirim?

- E da irmandade e da, da filosofia di vida qui ..., da Congada

- ... Da, da, (11)da Congada Mirim eu fico triste... dela não ter acontecido nesse último ano, entendeu? Eu fiquei triste pra caramba por ter sido... tomada uma decisão láá, no qual... foi uma decisão, pra mim, errada, entendeu? ...Mais qui eu tenho qui respeitá. Éé Congada, é, Congada é hierarquia... i si o superior fala, tá falado...entendeu? Não tenho como fica questionado o que o, o que o rei fala, o que o secretário fala, o que o embaixador fala. Não posso questionar nunca... essas pessoas. É ...vai sê, cê tem um..., cê tem a hierarquia, entendeu? Você tem a hierarquia... Mas não te impede di, di, no caso, nos dias de hoje, de você si expressar, i falá o que você acha..., entendeu? O que você acha. Eu fiquei triste, di não tê dado uma continuidade da Congada Mirim..., porque eu acho qui, qui, a con, no início si voce fizé um trabalho bem feito na Congada mirim i tal, você forma o caráter do congueiro lá na frente ... (sua filha liga o ventilador e sussurrando pergunta se seu pai sente frio) entendeu, você forma... Você forma. Você forma a dignidade, entendeu, da pessoa na frente, de uma forma ou de outra... Eu oo, ou pro praa coisa certa, ou pra coisa errada, de ele fala, de ele acha qui logo no ensaio lá, na Congada Mirim, si for uma coisa qui muito vacalhada, ele vaii olhá a Congada de outra forma. Por isso, não teve Congada, entendeu? Ou faiz a Congada do-da maneira que ela tem qui ser passada realmente, entendeu, ou não faz a Congada do jeito que ela tem qui ser passada realmente... entendeu? Aí, o **Secretário** falou “Não, não vai ficar legal e não é essa mensagem qui a gente quer passar pras outras pessoas”. I a gente respeitou. Eu falei “Não...” Demorou pra eu aceitar, é verdade, mais eu acabei aceitando, a Congada Mirim não deve acabar nunca... Éé, (12)a filosofia de vida da Congada pra mim eu, eu, eu não é só eu qui levo, entendeu, é minha família toda levam tem a filosofia de vida sobre a Congada, mesmo porque nosso maior devoto, né, é São Benedito, todos nós somos devotos de São Benedito... ééé a maioria da nossa família, é, quando faiz o cafezinho, coloca o cafezinho pra São Benedito... então éé, nós somos muito cristão ah, nesse lado der, de devoção. Isso de filosofia de vida é mais do lado do santo... Entendeu? Oo santo carrego ele, carrego ele pra mim, pra todos os lugares eu carrego a imagem, eu... minhas rezas eu, eu carrego ele nas minhas rezas, o São Benedito. Peço pra ele interceder por mim, perante a Deus, sim,... eu tenho, eu tenho muita fé sobre isso e carrego, tá, comigo. Qual qui era a outra pergunta mesmo?

- Da irmandade...

- (13) A irmandade é o seguinte: eu é, tem..., que nem, tem, alguns nomes, qui nem tem eu, Mazinho, Flavinho, Anderson, ééé entre outros, Bruninho... sabe., Riccelli, Patrick... éé sabe, meus irmãos, o Gaega.... sabe, os meus primos, Juliano, tudo mais mais, a família do meu tio Zezinho é ééé, a gente, éé Sebastião, a gente nunca, todos os congueiros. Se você vê um congueiro, é difícil você não cumprimentá, você não pará, pelo menos comigo é assim, ééé, eu num pará i falar “Como é qui você tá, como é qui tá a sua vida?”. Seo Camilo, Camilo

tava com o pé, lá. Machucado. Procurei lá “Ei cara cê vai lá, você quer qui eu te leve lá no hospital?” É você se preocupar com aquele congueiro, entendeu? Aí você cria uma irmandade, por de fato, você pensá no bem. Não no criar uma irmandade pra, pra é o tirá algum benefício. Não! É se preocupar com a vida da pessoa somente pro bem. Iiii eu carrego esse, a genti carrega essa irmandade. Ii jamais, um de nois nunca brigou um com o outro, nunca vai brigar. Entendeu? Se começa a querer discutir “Ei, pera aí, não, ei o qui tá acontecendo?” Aí um já faiz uma palhaçada e já acaba na hora. Luciano, sabe, também é, é um cara também qui a gente..., a genti criou essa irmandade iiii, i a gente não vai deixar acaba, acabá a Congada..., entendeu? Essas pessoas que estão, é, hoje diante da Congada, não deixam acabar a Congada! ... Pelo menos si juntar a nossa família, a família do Luciano, lá, tudo mundo, sabe, entre outras, as famílias mais fortes, né? A nossa família, a família de Luciano, ... eu creio qui a gente tem uma iniciativa muito forte pra iii, mobilize todos i nunca si acabe, entendeu?.. Por isso que essa nossa irmandade aí não se acaba, não tem jeito! É uma irmandade assim, pro lado do bem... Irmandade pra querê... se preocupa com o outro, entendeu? Se preocupa com... principalmente ... as pessoas mais próximas de mim, entendeu? Aquele congueiro qui... hoje pode tá usando droga ou alguma coisa parecida ou tudo mais, tá passando uma dificuldade, a gente vai lá e tenta tirá aquela pessoa, mas si a pessoa quisé voltar pra Congada i tudo mais, a gente não vai fala pra pessoa “Não, você não vai dançá a Congada”, pelo contrário a gente abraça, “Pô você faz falta pra gente, por que você não tá aqui?, entendeu?” É assim! A irmandade é dessa forma..., aproximá! A gente nunca expulsa ninguém da Congada. Muito pelo contrário, tem pessoa qui sai da Congada..., depois di... quando fica muito tempo da Congada, vem pedí pra volta i a gente sempre tá com o braço aberto, i a gente nunca... rejeita... Isso que é bonito da-da, dos congueiros, né? Agente cria essa irmandade mesmo. A gente tem uma irmandade muito forte. Mazinho..., qui..., criou uma amizade... muito forti. I muito respeito! I a genti vai levá pra sempre. Tenho certeza! O seo Dito, o seo Dito de Pilaca ensinou muito, muito isso pra gente, nosso eterno rei, né? Ensinou a gente tê amor, amizade um pelo outro... Aquele jeitinho di falá qui ele tinha, muito doce, né?... Fala doce, carismático, sempre di criancinha ali, ele já o rei, e pô, ele abraçava a gente. Nosso rei. “Vamô leva o rei! O rei tá velhinho, vamos leva o rei!”... Aí criou aquele carinho, aquele afeto muito forte pelo seo Dito... Fui lá no enterro dele, dei minha última embaixada pra ele, fui com aquilo na cabeça, i tal... Dei a última embaixada pra ele, foi, foi importante pra mim... Aí é isso, cê, cê criá esse respeito, irmandade é criá respeito, né, criá laço di amizade, ... Iii você num... Sabê qui essas pessoas qui si foram, os mais velhos, vão... ti fazem falta i não fogem da sua memória. Isso é, aí você cria mesmo esse, esse laço, essa irmandade. Você não vai esquecer... aqueles qui se foram, né... No entanto quando meu tio morreu, meu tio Zezinho faleceu, eu falei pra ele pode ficá tranquilo qui... todo mundo veio buscá o senhor. Aí você já começa a falar, de todos, né, de todos que faleceram. Tenho muito isso comigo. Quando a gente faleci... a genti vai prum, assim, congueiros, vão prum lugar chamado jardim das flores, sabe? Na Congada nada é em vão... Num tem uma coisa em vão. Você tem uma música, ela tem um propósito...tem uma música qui cê fala “Cantemos jardim das flore-es” (cantarola este trecho). Ela é falado no segundo baile, e ela é um verso, cumprimento de um verso tão bonito! Eu não sei esse canto todo, eu não sei o canto todo. Mais é como se você tivesse entrando num jardim das flores assim, num lugar, paraíso, uma coisa bonita, onde, eu tenho certeza, qui os congueiros tá tudo lá...I quando ooo alguém faléci eu, eu penso comigo qui é pra lá qui nós vamos, cê entendeu? Todos os congueiros vão pra, pra esse lugar i eu fico tranquilo. Eu fico tranquilo! Tenho isso comigo, eu carrego essa, essa filosofia comigo qui (sua filha brinca ao nosso lado) a genti tem um lugar destinado, os congueiros tem um lugar destinado é, é eu tenho isso pra mim... É isso aí! (sorri e faz um gesto com as mãos indicando fim))

- Então é isso! Obrigada, **Branco!** Muito obrigada mesmo!

Discurso XX

- A pergunta, **Niquinha**, ééé... “O que é a Congada para você?

- (sorri) A Congada? (1) A Congada pra mim é tudo! ... Momento de tá... Ó, mal começa, já fico com água nos olhos... (limpa as lágrimas de seus olhos) Éé devoção..., sabe? É devoção no São Binidito, e eu mesma qui... sou uma pe, eu era uma pessoa qui... eu não acreditava em muitas coisas não qui ... Passei tantas coisas na minha vida porque eu achava qui Deus num, num me ajudava... I a partir do momento qui eu comecei a entendê o qui que era é, essa devoção que a minha família tinha, né.... aí mudou!... Eu não sei te explicá mas eu acho que no momento da Congada a emoção é maior do que quando passa ... quando passa a Congada. Eu tenho a mesma fé, mas parece que naqueles três dias ... pare, é-é uma coisa surreal, sabe? Parece que a, a minha devoção, a minha fé triplica! Eu não sei te explicar... Não sei te explicar como é qui é..., mais ali naqueles três dias, ali, ééé uma força ééé ... mui, maior. Uma força muito grande, do que nos outros dias qui, que se passam. Então assim, pra mim, Congada, a partir do momento que eu comecei entender e ter a fé da minha mãe..., do meu tio, né..., ééé, e do meus irmãos, porque meus irmãos, o **Secretário**, ele tem uma fé assim, principalmente o **Secretário**, né, uma fé muuito grande. Entãõ..., (2) eu comecei a entendê melhor o que qui era a Congada porque quando minha mãe colocou eu de rainha quando eu era pequena..., eu tava vestida de Rainha..., mais... eu não entendia nada... Eu sei que era uma promessa da minha mãe!... Mais eu tava vestida de Rainha ali. A segunda vez, a mesma coisa, porque fui duas vezes Rainha... Pra mim assim ó (dá de ombros), ah, é um momento qui eu tô ali..., entendeu? Mais aí, depois... foi acontecendo, fui passando por momentos muito difíceis na minha vida, comecei a encarar assim, éé, te-tudo é São Benedito! Tudo é São Benedito, no entanto que quando eu peço alguma coisa, primeiro é pra São Benedito, pra depois pra Deus... entendeu? É coisa errada, né? Você, primeiro você tem que pedir pra Deus pra depois... pro santo, porque o santo é uma estátua, né... então, tudo na minha vida é São Benedito, é São Benedito iiii i Deus, Jesus Cristo, i que proteja... eu, eu entendo a Congada assim: é uma fe..., uma.... É fé! É fé! Fé em São Benedito! Eu não sei, não sei ti fala di outra coisa, mas pra mim Congada é a fé em São Benedito..., sabe? Não tem (barulho de uma máquina ao fundo)..., (3) não consigo ver a Congada de outro jeito ah, como uma manifestação folclórica... O santo ali, né, é uma cultura de Ilhabela... Não consigo! Pra mim, Congada (uma criança chora) é a fé em São Benedito, não consigo entender ééé a Congada di outra maneira... Não sei!... Não sei! Não sei ti falá mais nada... Assim, ir além. (4) É uma, uma coisa assim, lá dentro (coloca uma das mãos sobre o seu coração), é muito grande lá dentro, entendeu? (fica em silêncio e uma funcionária se aproxima para lhe perguntar algo sobre o trabalho). É-é isso aí, Silmara. Não consigo entendê a Congada além disso daí. Disso daí! É uma coisa assim, da minha família, aí depois eu fui entendê porque qui minha avó, minha tia, minha mãe, entendeu? Eu não sei! Eu num, eu num, eu num sei te explicá... é uma sensação que eu não sei te explicá. Não sei te explicá o que qui é, mais é, é uma coisa minha aqui de dentro (coloca as mãos sobre o coração)... Não é fora, não! É de dentro, sabe? Não sei! Congada pra mim é isso. Não é nada de cultura... mais é a fé que eu tenho nesse santo aí qui..., eu acredito qui..., qui quando eu pedí, ele me ajuda muito... em muitas coisas... Fala alguma coisa! (rimos)

- Não éé, o que eu tinha pra falar é isso, assim, que eu quero saber éé, é o que qui é a Congada pra você..., né, qual, o que é isto, a Congada, né

- (5) Não é as pessoas se vistí lá. Eu visto meu filho “Ah vai dançar a Congada! Vai lá, vai dançá a Congada..., (bate as mãos comos e estivesse apressando alguém entendeu? É um, uma é-é algo maior, é algo maior. A Congada pra mim é algo maior. A Ucharia, tudo, tudo ali vem a imagem do Pretinho (ao fundo barulho de um carro subindo o morro onde se localiza a escola). Não sei! Mais ééé, mas uma coisa eu falo pra você, ééé, eu fui entender ééé esse sentimento depois de muito tempo..., sabe, depois de muito tempo... Foi ver minha mãe

chorando, sabe, pedindo, se ajoelhando... éé, o **Rei**, o **Rei** sempre fala um, uma frase, ééé: “Com fé em São Benedito...!” Não sei se você já percebeu isso (ri). Mas o São Benedito... O **Secretário** “Primeiro São Benedito! Primeiro São Benedito!” Ontem mesmo minha mãe tava falando “Não, vou pedir pra São Benedito primeiro!” Entendeu? Aíí Deus em segundo plano? De, Deus num tá em segundo plano..., mas a gente, eu não sei... a genti pede primeiro pra ele, pra depois... Pra mim, assim, Congada pra mim não é uma manifestação assim folclórica... É! Ééé, mas, sabe, mas em primeiro lugar é a fé qui a gente tem... eu me baseio nisso..., sabe, desse jeito aí. I eu adoro a Congada, entendeu? Antigamente, assim, quando eu era pequenininha (ri), isso é muito engraçado, te juro por Deus, eu gostava da Congada assim... na hora da comida, sabe? (rimos). Porque minha mãe ia pra Ucharia i deixava eu em casa pra fazê as coisas, né? Então o piquinininho que ficava lá, a **Nina**, o **Branco**, depois ia comigo, né, pra Ucharia. I aí eu pegava o ônibus i já ia pensando no franguinho ensopado (rimos)... Ah, num to nem... Gente!... Aí depois veio os filhos, veio as dificuldades, entendeu, e foi indo... Não é desde pequenininha! Entendo desde pequenininha mas assim... eu acho que a minha família inteira tá movida toda pela fé. É tudo pela fé mesmo! Num tem, num tem outra explicação. “Ah, eu vô dançá conga, vou participar da Ucharia, porque, ah, eu vou lá decascar uma batata, eu to participando, isso i aquilo.” Não!... De jeito nenhum!... Eu acho que pra mim si eu não tiver éé, é..., não tivesse fé, né, começando, né, a entender dessa maneira... eu simplesmente ia lá, assistia, vinha, assistia a missa, comia! Ficava na fila, comia, vinha embora, pronto! Essa é a Congada! Essa é a Congada! De í lá vê e pronto, í embora! Mas o meu entendimento, pra mim, é esse daí!... eu acho qui si eu não tivesse... essa... devoção (ênfatisa essa palavra), entendeu?(bate as costas da mão na palma da outra várias vezes, em um gesto que geralmente usamos para indicar que não significa nada) Congada pra mim é, é a mesma coisa qui fosse um quebra-chiquinha, éé, uma ciranda cirandinha, mas eu vejo a Congada..., hoje eu vejo a Congada como fé mesmo. Não fala mal da Congada pra mim..., não fala mal da fes, da Festa de São Benedito qui eu viro o capeta! Eu viro o capeta (uma serra é ligada ao fundo). Essa história da carne do Marreta aí, filha, humph, você pergunta à minha irmã, filha!... Eu não conheço esse Marreta, mas que eu ia... Genti, nossa, eu-eu ia discutir muito sobre isso daí? (6)Mas é isso daí, Silmara, não tem nem muito qui..., sabe, ficáá... falando, falando, falando. Pra mim é ééé como diz **Rei** éé, é “Deus no céu e São Benedito na terra” porque... eu... num enxergo de outra maneira, não!...Não tenho mais nem o que ti falá sobre, sobre a Congada. Porque seu falar, eu vou falá di situações, situações e situações iii, não é esse o objetivo, né?... É isso daí! (7)Tem mais pergunta? Era bom si fosse assim com perguntas, né, você fizesse várias perguntas, aí era legal!

- É só, é só esta pergunta mesmo

- (8)Não sei o que minha família falou, mas eu acho que eles falaram baseado nisso. Fé, devoção... Eu..., eu tenho quase qui certeza que quase todos falaram da Congada isso. Não simplesmente ir, participar dos três dias e pronto, é o ano inteiro..., entendeu? É o ano inteiro! Ééé, devoção mesmo! É fé!... Num tem... Pra mim, é! Eu acho qui pra minha mãe também é! Congada é o ano inteiro! Não é só aqueles dias qui tá ali, ó, oficial. Não sei se eles responderam isso, mais... na minha concepção é isso! Congada não é só os três dias, não! É a mesma coisa como fosse o dia da Mãe. O dia da mãe é o segundo domingo de maio. Não, dia da mãe é todo dia!... entendeu? I pra mim... é isso daí... entendeu? Pra mim... é isso daí. Tudo! Pra tudo! (9)Tô até, com o Enzo que ele pegou meus três escapulário, pegou meus três... roubou (rimos). Queria São Benedito agora e não tenho pra colocar no meu pescoço... Comprá um! Então, é assim, si você vê a minha bolsa (mostra sua bolsa que está próxima a nós), é o São Benedito que eu tenho dentro... Na minha carteira, é São Benedito que eu tenho dentro... Na minha outra bolsa qui tá lá, já guardadinha, qui só pra sair..., eu já tenho o meu São Benedito lá dentro. No meu carro, tem São Benedito... Dentro da minha casa, na cozinha, tem meu São Binidito pra não deixá faltá nada na mesa... Não sei... Ele é, me apeguei... Me

apeguei a esse santo aí, entendeu? Antis era Nossa senhora aparecida. Nossa senhora Aparecida foi deixada um pouquinho de lado (sorri), entendeu? Mais é o pretinho. Tanto qui o meu avô quando morreu... eu fiquei revoltada com São Benedito. Eu juro por Deus, eu tenho até... deve ser até pecado, mas... Eu pedi tanto pra ele, ele deixá meu avô viver mais uns, um tempo, sabe... Sai do hospital, me pega i me leva meu avô!(rindo) Acho qui eu cheguei na Ucharia falando “Eu tô é brava com São Benedito que levou meu avô. Esse pretinho safadinho!” (rindo). Mais aí, não sei quem falou pra mim “Mais chegou a hora dele, tem que ir, né?” (uma funcionária entra na sala onde estamos e lhe faz algumas perguntas)... Então é isso daí, Silmara. (10)Si tivesse umas pergunta era melhor... porque... Mas pra mim a Congada, se move,é isso daí! (11)Não é só uma manifestação folclórica, não! Eu entendo que seja uma cultura de Ilhabela, mais... Pra mim, aqui dentro é, é mais do que isso (põe a mão sobre o peito). Éé, é o ano inteiro... pensando Acaba a Congada, cê já tá pensando na Congada do ano que vem..., sabe? Se eu pudesse fazer muito mais pela Congada, fazia. Eu guardo dinheiro o ano inteiro pra doar... pra festa, entendeu? Então, umas coisas assim qui..., sabe? (12)“Mi ajuda porque eu vou, eu tenho isso daqui, ó, pra te ajudar o qno que vem”... Mas sabe conversando assim di... (rindo) paréci a louca (ri), a doida, falando na gíria, com o santo (rindo). Tem esses momentos aí... Tem esses momentos de loucura di ficá sozinha em casa conversando, sabe? (ri). Aí vem a **Lili** i fala “Tá conversando com quem aí? Parece louca falando sozinha!” (rindo) Mais eu tô sempre... acho qui eu tô pegando a mania da minha mãe, viu? Da minha mãe, da minha avó... Mais isso daí é uma coisa que me faiz bem, entendeu? O **Baepi** reclama tanto “Ai, você não vai na igreja!” Não preciso ir na igreja,... pra ter fé, pra pedir, pra, sabe, fazer uma oração. Eu não preciso ir na igreja!... Se eu quiser, eu fa, eu vou ali, ó (aponta em direção a um corredor próximo de onde estamos), converso com ele, com São Benedito, converso com Deus, converso com Jesus, em qualquer lugar, Silmara. Eu não entendo “Ah, você tem que ir na igreja!”, sabe? Eu converso, eu peço, eu vou... eu devo, eu peço, sabe, pra todo mundo. Eu não peço só pra minha família, eu peço pra todo mundo..., sabe? Sabe, eu peço “Jesus Cristo, Deus, proteja!”, né, “Meu São Benedito proteja os meus filhos, proteja...” Ééé, eu peço pra todos! Não peço só pros meus... então, éé... é... não acho que a gente tem que ir na igreja pra poder... Assim, às vezes é necessário. Eu só vou na igreja na Festa de São Benedito (rimos). Só vou na Congada du... tanto qui eu participei esse ano, foi o ano que eu participei de mais missa. Eu participei do- o, do tríduo que teve parece o-o a novena lá. Teve qui ficou São Benedito em cada casa, né... Participei da mi, participei deu ma missa, di mais uma missa e di mais uma missa! Treis missa! Falei assim “Então, o, esse ano já tá...” (rimos) Esse ano falei “Nossa, Fernando, esse ano foi o ano que vim mais na igreja!” “Então, tá bom!” “Ó, já-já, já tô satisfeita!” entendeu? (rindo). Eu brinco mas... Mais é isso daí. Eu num tenho mais nem o que falar, porque se não vou ééé, vou ficá muito repetitivo... (olha para a tela do gravador sobre a mesa). Já deu vinte minutos! Tá bom, né? (rimos)

- Não tem... tempo certo! É o seu tempo! Não tem...

- Mas é isso daí! (fica em silêncio por alguns momentos)

- Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

- Não... Fosse acrescentar, ia acrescentar, falar as coisas que eu pedi pra São Benedito, pra Deus, né... As coisas boas qui..., que aconteceram na minha vida... i tudo... (13)A gente pede... Eu peço, né, i acontece... aí quando não acontece é porque... num tem, não é hora, não tem qui acontecer. Não é..., não é aquele momento que tem que acontecer..., sabe? Um dos momentos marcantes da, da Congada... Um dos momento, não, o momento mais marcante da Congada, pra mim, foi a embaixada que o meu filho deu di dentro do presídio, lá do CDP... e quase que matou o rei (ri). Quase que o rei começou a tê ... Não sei se você tava esse dia, mais, o rei começou a tremer, passou mal, começou à engasga i aí quando falaram qui ele tava di lá, foi um, foi um momento até dii, assim, emocionante pra quem tá participando ali, né? Você vê como é qui é a fé, né,... Meu filho tava lá e não perdeu a fé,

sabia que um dia ele ia sair e sempre ele pedia, né, sempre ele pedia. (14) Quando a namorada ia lá, ele falava “Ai, para o São Benedito, si tivesse alguma coisa pra mandar...” Falei assim: “Posso mandar ééé um santinho, né, uma, uma oração porque... escapulário, alguma coisa não entra, né...” Mais esse foi o momento mais assim... na minha vida! E fora, assim, as minhas promessas, né,... “Ó meu São Benedito, tira meu filho dessa vida! Tira meu filho dessa vida!”... e assim, foi indo, foi indo... Custou! Custou, mais, graças a deus i..., agora ele tá melhor. Num vô dizê qui num... num tá fazendo nada de errado, porque todos, né? Mais em vista de antigamente... I ele também, né, coitado, pedindo pra minha mãe, né,... amenizar a dor da perna, pro meu pai. Enfim, enfim, Silmara. Enfim, ééé, parece até umaa, não é seita... mas sabe quando você vive em função, assim, de acreditar..., que vai resolver, ele e Deus, ele e Deus, ele e Deus, Jesus, Deus, Jesus, entendeu?... é, é assim! A minha, a minha religião é essa! Entendeu? Talvez nem a Congada, é mais São Benedito!... Conversando com você, sabe, refletindo assim, vou falando e vou refletindo. É a Congada é até deixada, a Congada a manifestação é deixada de lado, mais São Benedito em primeiro lugar do que a Congada mesamo. Tú tá me entendendo? (me olha, à espera de uma resposta)

- Tô!

- (15) É isso! Agora me bateu a, a Congada ali de lado. Aquela festa bonita! Linda! Mas São Benedito primeiro, mas através da Congada... Não sei si tu tá me entendendo mais... até eu agora... (sorri) Olha só...! Pra você vê, né..., nem eu tinha percebido isso!... Mas primeiro meu São Benedito, depois... Depois a Congada em si. Aquele povo lá dançando... Porque eu vou te falá uma coisa... Cê olha a quanto tempo participo da Congada, fiz uma monografia sobre a Congada, mais sobre assim, a-a importância da poesia ...ééé, na Congada, né. Só que si eu falá pra você que eu entendo o que eles falam ali, eu não entendo nada... Eu acho bonito eles correndo pra lá, correndo prá cá e batendo, mais a, a fala em si,... entendeu?... Cê entende o que eles falam? (ri e faço um gesto com a mão indicando que mais ou menos) Um pouco! Que demorou pra eu entender o, sabe, a, a guerra entre ... é, embaixador e o rei... Custou eu entender!... Eu achava tudo tão bonito, tão lindo! Ia pra comer na Ucharia! (rimos) eu achava uma delícia aquela comida feita no-no fogão a lenha... entendeu? (ri). Ai, mas é... é isso daí! (16) Se você for entrevistar o Enzo, tadinho, pra ele..., a importância dele é ser o cacique!... Mas porque ser o cacique? Ele não tem ainda essa noção, né... não tem essa noção de... do porque qui ele tá ali. Simplesmente, vesti ele de congueiro, ele foi. Ele gostou. Agora se ele não gostasse... Até eu temi dele não gostar..., né, porque Fernando já tem, já uma visão diferente!... Não entende nada até hoje (rimos). Entendeu? Pra mim, eu falei assim “Enzo não vai vingá, não! Não vai sê congueiro coisa nenhuma...” No final, filha, tá lá! De vez em quando tá lá, ele dançando, lá (rimos). Ele pega um pedaço de qualquer coisa, então vai com a mãozinha (imita os gestos feitos com a espada) e começa. Ai, parece o **Secretário** dançando! Sabe aqueles passinhos que o **Secretário** dá? (ri) “Enzo, que é isso daí, Enzo?” “Ah, já tô treinando já!” (rimos). (17) Mas ele não tem, é uma coisa que eu deveria té passar pra ele, conversar com ele, mas uma coisa que, te juro, sou honesta... Não passo essa concepção não. Porque a minha concepção de Congada, ele vai dançá a Congada... mas eu não passei essa concepção do que eu sinto..., sabe, dessa fé (ênfatisa a palavra) em São Benedito!... Ele vai começa a entender quando ele entra no catecismo. Talvez! Né, quando ele entrá no catecismo, ele vai... vai começa a entendê um pouquinho dessa... qui até eu acho que meus irmãos só foram começar a entender depois di maior... Agora o qui eu acho... coisa é meu irmão Boni. Você entrevistou o Boni? (aceno afirmativamente) Mas... (18) ele num, ficou uns três anos sem participar, participar, né. Então pra mim, eu acho que ele perdeu a fé, perdeu o... Não sei. Não sei! Pra ele não “Eu não vou! Eu não vou participar. Não quero saber! Blábláblá...” Até qui minha mãe falou assim: “Tu não vai? O problema é teu. Porque alguém vai sentir falta de você lá?” (ri) entendeu Não participou uns treis anos. Pra mim atéé os meus irmãos mesmo “Ah, ele perdeu a fé!” Não sei como que é, né, ele perdeu a

fé em São Benedito, por isso que..., por isso não dançou, não quis dançar não vai dançar então. Olha só, ele, aespontaneidade da, da, da, do pensamento assim, né? “Perdeu a fé em São Benedito!” Não quer ir lá dançar, porque ele perdeu a fé...” Óia... É isso daí, Silmara, que eu tenho pra te falar, é isso daí! (uma serra é ligada). Sabe, (19)tudo, tudo, tudo hoje eu me baseio, eu peço proteção, pra alguma coisa é tudo !!!... A gente faiz “Me dá a graça porque eu tenho é saco de pancada (rimos), a carne o ano que vem, se não ó, não negocio não (ri). Ai, deus do céu! Mas é isso daí! (20)Pode finalizá ou você quer que eu fale mais alguma coisa? Era bom si fosse várias palavras, varias perguntas. Assim fica muito, fica muito... sei lá, sabe. Poderia ter formulado umas perguntas (rimos)

- Não, é essa mesmo...

- (21)Eu achei que você fosse falar “Ah, quando você era pequena..., “quando era... blabla, entendeu?

- ...Aí vai ééé, é o que você acha. Si você acha qui tem que falá de quando era pequena...

- (22)A Congada pra mim é isso aí! Deixa a manifestação aí, bunitinha aí do lado, mas em primeiro lugar é São Benedito ali. Porque, sei lá, será qui si a gente... será qui si não tivesse a fé em São Benedito... porque ali, eu acho qui... a maioria dos congueiros ali, participam da Congada porque tem fé... em São Benedito! Será qui si não tivesse fé, existiria a Congada? Já pensou nisso?...Já pensou nisso? Que na Ucharia... as pessoas vão, cozinham, sabe eu sei que tem ali a, a metade tem a devoção, mas a outra metade vai pra podê ajuda mesmo... vai só pra ajuda... porque você é uma, você vai pra ajuda, mas você não tem a fé (frisa esta palavra) em São Benedito. A não ser que você tá tendo agora... Você começou a ter... (sorri para mim)... entendeu?... Mas... é..., será... (23)si não tivesse a fé..., a religião em primeiro lugar, né, propriamente dita, será que existiria a Congada hoje? Será que esse povo ia dançá a Congada, por dançar a Congada? Não sei! Taí ó, finalizo com essa... pra você descobrir (caímos na gargalhada).

- Que responsabilidade!

- Pra você ir mais adiante na sua investigação (rimos)...

- É, é, você falou da, da Ucharia, né. Assim, você poderia falar um pouquinho mais da Ucharia?

- Bom,(24) a Ucharia agora que eu comecei, né, assim de uns treis anos, quatro anos pra cá, que comecei a me envolver com, com a Ucharia por conta da minha mãe. Minha mãe pediu tanto. “Ah, eu não posso ir! Eu não posso me arrastar!”, como diz ela. “Não consigo me arrastar mais”, entendeu? “Vai no meu lugar” porque é uma coisa qui num... nunca me coloquei assim de, di tá lá dentro, assim... E como minha mãe i dona **Marta**, né, as duas qui... puxavam as coisas i olhavam, fui no lugar da minha mãe... Mas éé, eu fui com vontade, não fui assim ah, por obrigação: “Ah, minha mãe tá pedindo, tenho que ir!”... Fui com vontade, assim..., maais a Ucharia quando chega na sexta-feira de manhã, cê tem que tá correndo com as coisas, levando as coisas, mas só qui ó, como você vai..., sabe, dia de sexta-feira, tem que assumir falta, isso e aquilo..., entendeu? Mas ... é, num consigo falar muito da Ucharia pra você não... Assim..., sabe, que eu me envolva assim, que eu me envolvi, né, porque minha mãe pediu e outra coisa ééé... eu me envolvo mais (bate na sua bolsa que está próxima) financeiramente. Assim, eu gosto de ficar guardando dinheiro, entendeu?... Ééé, comprando as coisas, qui **Rei** vendeu uma vez a moto. Enfim..., eu me envolvo assim mais éé pegar as coisas “Não, isso aqui é pra Ucharia...”, entendeu?... Vejo São Benedito lá dentro? Vejo! Mas não sei. (ri). Não sei! Não sei te explicar isso de Congada não, da Ucharia não. Ajudo, ajudo, mais... Não sei. Umas coisas sou qui quem, algumas coisas sou contra... Então por isso que não vejo aquela Ucharia, aquela... aquele vontade!(frisa a palavra) Mas por conta de muita coisa errada que eu vejo lá dentro e qui num, num deveria ser daquele jeito... Talvez, eu não sou muito empolgada, sabe? Trabalho. Trabalho! Esse ano também foi uma decepção pra

mim, que eu tava muuito doente aqueles,esses dias da Congada... tava com a minha diabete muito alta, uma dor nas minhas perna, não tinha força na mão, sabe, circulação. Foi três dias assim. Aí você ouve piadinha de um, uma piada de outro, i eu..., pra quem me conhece, esse ano não foi bom a Congada não. A Ucharia. Então,... participo porque, porque minha mãe pediu, mais é.... Participo com gosto?... Esses três últimos anos... Esse ano, não!.... Mas participei com gosto, com vontade, mais é, participo mais financeiramente da Ucharia. Ajudando, né, porque precisa. A Ucharia precisa, tem que sair de algum lugar... ou do seu bolso, ou do bolso do seu colega, ou doação não sei de quem aí... a Ucharia funciona assim, né. As coisas não caem! Ah, vamo São Benedito, vamo espera que São Benedito vai trazê pra nós! Num traiz não! Tem que correr atrás... entendeu? Não deveria funcionar a Ucharia desse jeito, do jeito que é. Não... Às vezes concordo em muitas coisas com o **Rei**... mas... não é só eu, né, tem que respeitá também a, a opinião dos outros. Não é só a minha. ... Mas da Ucharia assim... minha avó, minha tia, assim, foi... legal qui começou com minha avó porque eu tenho toda a (pigarreia) toda a memória, né, da minha avó trabalhando lá na Ucharia, a minha tia Diola, não sei se você chegou a conhecer...

- Não.

- Uma que tinha um problema no rosto... (25) Minha tia Diola, tudo era São Benedito também. Tudo era São Benedito. Era incrível! Incrível o..., assim “Ai meu São Benedito!”, “Ai meu São Benedito!” “Ai meu São Benedito!” “Ai meu São Benedito!” (muda seu tom de voz). Corria atrás de Boni, né, (rimos) aquela Barra Velha toda. I corria atrais de **Branco**: “Ai meu São Benedito, me trouxe aquele menino! i bababa babababababá!” I tudo assim (rimos). Eu acho qui era a mais devota da família (fala de uma forma divertida). Qui tudo era São Benedito! Genti, era incrível!... Tudo era... (sorri, divertida). Ai, mas era muito engraçado... Olha i quanta... e nunca qui saia “Ai meu Jesus Cristo!. Né? Não é Jesus Cristo que vem na frente de tudo? Não, pra ela não. Era São Benedito! “Ai meu São Benedito!”(ri). Minha mãe às vezes fala “Arrelá, meu São Benedito, pelo amor de Deus!” Vinha o arrelá primeiro na frente (rimos). Ai, Deus! Mais não sei quem foi que falava, não sei se foi a Pitty, qui tá tossindo, não sei que qui foi outro minha mãe “Ai, meu São Benedito! Ajudai! Não há de ser nada!” (rimos) Mas eu acho que foi pra cachorra mesmo! Foi pra cachorra. Mas é isso daí! (26) Da Ucharia assim, eu não sei se é não consigo falar porque por tudo o que aconteceu este ano, tô com mágoa, não consigo falar da Ucharia... Não consigo! Pra mim é, esse negócio, tenho que tirar isso de mim, porque eu encontro com a Isau.. (27)isso aí não vai não, né? Vai editá, né?

- Não, vai na íntegra

- Então não vou, não vou falar... Não vou falar porque ... Não, eu tô magoada com algumas pessoas lá da Ucharia. Tô mesmo!... Então, não vou citar nomes não... Mas (28) nesse momento assim não consigo... com empolgação com a Ucharia. Eu falo da empolgação, sabe, de eu guardar, ter guardado esse mês, sabe, tanto, lá. Não é grande coisa, mas tanto, nem que, nem si for cinco, dois reais... pra festa do pretinho ano que vem... entendeu? I e tenho feito isso com sequência, todos os anos! (bate em sequencia na mesa)... sabe? I o qui mi, o qui mi... i uma das coisas erradas que eu vejo na Ucharia é assim, aquela grande quantidade de comida sê jogada fora. Não concordo com isso! E é jogado fora. É muito desperdício! I São Benedito não gosta disso! Que ele multiplicava pra dá pros pobres, num, num, num desperdiçava.... sabe? Não tinha desperdício! Então, assim, é, tem gente qui doa, igual teve o ano retrasado, genti, os dois, acho que foi no primeiro, segundo ano qui eu tava participando, né, tava no lugar da minha mãe, qui teve uma pessoa que também não vou citar o nome qui falou assim “Pô, **Niquinha**, eu doeí..., e aí eu vejo esse monte di, de frango jogado no lixo..”. porque foi mesmo. Eu acho que você tava lá, participando. Eu acho que foi primeira vez que foi lá no, na... primeira vez que foi lá em cima mesmo na... (faz gestos com a mão como me perguntando)

- Casa paroquial?

- Casa paroquial! (29) Aquele monte de comida. A pessoa fala “A gente doa pra isso aqui..., pra sê jogado isso fora?...” Aí eu falei assim “É mesmo, né?” Pô! Até eu! Eu guardo dinheiro pra comprar as coisas né, e aí eu vejo ali, ó, tudo jogado fora! Eu acho, qui não sei, né, depois vou falar com, com **Rei** pra gente marcar uma reunião e ver esse negócio do desperdício, porque não é, não é certo aquilo! É uma quantidade muito grande... Foram quase três sacos de lixo, de comida fora naquele dia. Cada pedaço de frango deste tamanho (indica o tamanho com as mãos)... bom, cara! A pessoa nem mexeu!... I advinha quem comeu... o frangos que jogaram? (ri) Levei pras minhas cachorras! Ficaram lá, uma semana comendo, comendo os pedaços de frango, gente!... As duas, a Pitty e a Mel..., sabe. É, (30) tem umas coisas que precisa de ajuste, entendeu? Pras pessoas entendê qui não é assim “Ah,... doação, doou, então, ah, dane-se! Comeu, comeu, quem não comeu joga fora!” Não é, pra mim, pra mim a Ucharia num, num, num tem esse segmento não... Pra mim, não! Porque si eu tivesse à frente não deixava acontecer aquilo não... aquele... aquele monte de desperdício, não. Vai colocar? Vai colocar pouco..., na, na... Isso acontece mais dia de domingo. Não sei se você já percebeu... É dia de domingo que tem esse grande... porque são várias coisas, né. Prato deste tamaninho (indica o tamanho com as mãos), i aí cê quer São Paulo dentro de Ilhabela, tu qué o que?... Pessoal não come. Joga fora! Então, o, o que me deixa entristecida na Ucharia é esse fato aí... desperdício de comida! Não deveria ter! De jeito nenhum!... É, é isso daí! Chega de falar de Ucharia, que eu já tinha finalizado com o ponto de interrogação e você já... (rimos), entendeu? É isso daí! Ééé, (31) Congada pra mim é isso daí... num tem, num tem, o qui... O meu pretinho na frente... Ó, ele tá comigo aqui! Tá aqui ó! Sinto a presença dele, do São Benedito. Toda vez que eu falo nele assim..., entendeu, eu sinto a presença... Meu Deus! Quero um casinho lá no céu contigo (rimos). Aí me Deus do céu! Eu brinco, mais ééé verdadeiro, sabe, é muito verdadeiro!... Eu poderia hoje ser devota de Nossa Senhora da Conceição... minha mãe fez uma promessa pra Nossa Senhora da Conceição... e colocou meu nome. Eu era pra ser Marisa..., aí tive uma complicação, alguma coisa, não lembro o que. Minha mãe... minha mãe qui sabe. I aí minha mãe fez uma promessa pra Nossa Senhora da Conceição e mudou pra **Niquinha**. Poderia ser meu nome. A minha tia Idalina, mãe do Adilson, ela adora São Benedito, mas o, o santo dela é São Sebastião... entendeu? Ela adora São Benedito, participa, vai, isso i aquilo, mais o santo dela é São Sebastião... Não sei se os santos dos meus irmãos e da minha mãe, eu acredito que seja, né. Só o meu pai que não é, não acredita em nada... Mas assim mesmo ele chama por São Benedito (moto passando na rua). Não pede pra Deus, não pede pra Jesus Cristo. Nunca vi, ouço, sabe... de vez em quando que escapou São Benedito, ah, mais porque falou o nome dele, ele falou (rimos). Por causa do nome dele! Mas lá em casa eu acho que o único incrédulo assim, entre aspas, é o meu pai que... e é isso daí, Silmara... Dá vontade de falá mais, mas aí a gente acaba, eu acabo é repetindo as mesmas coisas... Não tem como!... (32) Até pra Pitty, até pra Pitty, sem mentira nenhuma! Antisdiontem a cachorra latindo, eu lá na cama, eu “São Benedito, pelo amor de deus, passa a tosse da minha cachorra!... Eu te imploro!, sabe, Meu Jesus Cristo!” Aí vem “meu Jesus Cristo” (rimos). Às vezes eu acho que não consigo as coisas assim (estala os dedos) porque eu peço primeiro pra São Benedito, né (ri). Tá lá embaixo, né, tá lá na plebe i ele tá lá em cima (rindo) eu brinco. Eu não gosto nem de brincá com isso, mas se mentira nenhuma, até a, até pra minha cadela, pedi tanto, pedi tanto. Graças a Deus... é, era uma gripe! Falei pra você, né, eu achando que era uma coisa, porque eu li na internet uma coisa. No final... Mas tá tossindo ainda!... Tá tossindo. Ainda tá tomando xarope forte... mas tá melhorando porque a gente vai pedindo, vai pedindo, vai pedindo, vai pedindo... (33) Quando eu tô em casa, peço pra iluminá essa escola aqui, qui a gente, que eu trabalho hoje. Pra não deixar que nada aconteça de ruim aqui. E é assim, nas pequenas e nas grandes coisas é, É tudo!... É tudo ele. Eu aprendi, né. Não tenho essa, esse negócio de í na igreja, igreja, igreja,

mas... eu tenho fé, em alguma coisa, e essa alguma coisa é ... meu pretinho de Angola (sorri)...
(esfrega suas mãos)... Aperta aí (rimos) Chega! Não vem, não vem com historinha pra cima de mim. Ó lá (rimos)

- Obrigada, **Niquinha** (desligo o gravador)

Discurso XXI

- A pergunta, Zeca, é: “O que é a Congada para você?”

- ... Bom, (1)a Congada em si, eu vejo como... na África, né, houve... ééé, vários conflitos como até hoje tem, né, vários conflitos. Da época... um dos conflitos era esse que a genti faz a representação na Congada... em Congo, né?... i ess, esse é meu entendimento qui foi passado por alguns livros i pela até nas palavras, até as trovas, elas, o que é dito lá na-na..., tipo durante a Congada qui houve essa, esse tipo uma guerra e essa guerra ela só foi acalmada por um a quem diga... por isso que tem três bailes. A gente fala que tem três bailes, são três encenações. Dessas três encenações, uma ooo, ele acaba porque o Rei reconhece que é filho dele..., qui como fosse um filho bastardo ou algo parecido. I aí, ele, ele, essa guerra acaba... uma outra é quiiii em louvor a São Benedito, que foi na época da-da... Daí cê fala “Não, pera aí uma festa... Tem uma hora que fala “que não viemos guerrear, uma festa viemos fazer.” Então, é Reino de Guiné! Tem um tem uma, uma palavra também que ele fala “Neste Reino de Guiné e tal” e ele continua. I que o mais interessante (cachorro late no quintal) é qui por causa do, de São Benedito eli, eles param a guerra! Falam “Poxa tem, tem um, tem um santo, teve um santo reconhecido por todos, que veio à terra, feiz só o bem e tal ii... esse santo ele tirava dos pobres pra dá pro rico e assim, e assim vai indo³⁵. I, na-na na época ele foi santificado porque fez um milagre, tirou flores i tava levando comida, falou “Não, tô levando flores”, aí essa foi transformado lá iii essa, na época, foi canonizado por causa disso. (2)Mas o meu entendimento mesmo, da Congada é mais uma representação... éé, artística mesmo, como fosse um teatro, falando porque, quando us, os escravos vieram pro Brasil, esse, muitos por escravo, muitos puur, pelos presídios que tinham lá, i, né, eles tiraram aqueles, aquelas, aqueles maus elementos que eles tinham na época lá e vieram para cáa. É na história tudinho da-da-da, da-da, como é que se diz, du, dos, dos navios negreiros, né? E eles... pelo fato... de ficarem aqui, inclusive na época, tinham mais de cinco mil escravos aqui, negros, eles falaram assim: “Não, vamos fazer uma representação daquilo qui a gente vivenciou lá” e foi nessa que foi continuado. Aí um, dois, três, quatro, quando vai vê duzentos anos, duzentos e poucos anos..., iii eu vejo assim como busca, como alguns ca, como algumas pessoas qui eu, que eu conversei também vê dessa forma, uma forma teatral, tal. Só que ééé (3)... o pessoal, eles faz, eles fazem uma coisa que não podem ... Eu sou católico, ... o santo, o santo não foi feito para ser adorado... Alguns padres, eles falam assim “Não gente, não pode adorar o santo! Cês tão adorando o santo, cês tão colocando o santo antes di qualquer coisa!”, ... Mais alg, outros padres, porque o clero lá atrás, ele pensava “Mais perá aí, se eu não fizer isso...” na covardia, “...eu não vou ter fundos”. Então, essa devoção vou ter que ter, tem que ter essa devoção do outro mundo pra pode arrec, porque o clero tem essa o seu, seu lado podre. Teve, o seu lado podre. Até hoje inclusive, de vez em quando tem uns padres aí falando besteira... Mais essa parte que ooo qui, que alguns padres batem de frente com alguns hoje (ênfatiza a palavra hoje), eles falam assim: “Não, pera aí, não pode adorar, não pode..., até o papa Francisco, ele fala assim “A gente não pode adorá, a gente pode repre, usar o exemplo dele, que veio ao mundo e de uma forma, de repente de um olhar na época, foi feito lá que isso tinha que ser santificado, mas todos nós somos santos, né?... É, nós, a... o fato de Deus ter colocado a gente nesse mundo, essa santidade di tá, da gente tá aqui fazendo isso aí, esse é o meu entendimento. O santo, em si... elii... foi uma pessoa que teve o um, um quê a mais. De repente, foi aquele cara que limitou mais, qui aí falaram “poxa vida tem tanta gente” e eu vejo isso muitas vezes éé, é, pessoas que falam “não, meu, vou me doar, vou, ééé, na praça da Sé dar sopa, ééé eu vou andar nas-nas periferias com um cobertor toma aí um cobertor tal. De repente, como tem muita gente hoje, de repente, hoje não se cultuava tanto esses, esses, essas

coisas, né, então eu, um se destaca, esse que destacava mais, o pessoal “Nossa esse cara é santo!”... E, de repente, éé na, do milagre que essa criança, de repente ela tá passando por um momento difícil, i u milagre ele tem um, éé, aquela...Deus ele pode falá assim “Eu vou melhorar essa pessoa..., vou deixar ela um pouquinho melhor”. Mas é a vontade de Deus, não vontade... que foi a vontade daquele cara que teve ali. Não!... Ééé eu vejo muito assim e não vejo a pessoa falando “Não tem qui, nossa, vô chega lá-la na-na Nossa Senhora, que Nossa Senhora vai me dá tudo!” Não, eu não vejo assim, eu vejo assim: “Não, Nossa Senhora teve, poxa vida, ela deu à a luz a uma, né, hum, nosso salvador”. (4)Eu vejo... meio diferente do que a maioria, não sei o porque... eu vejo um pouquinho de cada religião..., i eu tenho uma outra visão da, da igreja católica, uma outra visão da, dos crentes, da universal, né, eu vejo um pouco diferente. Eu não sou aquele coisa que tem que fica, sabe..., igual ao meu sogro, tadinho... e eu vejo assim, eu vejo a Congada desse jeito, (cachorros começam a latir novamente no quintal) num vejo di-de formaa ... que eu tenho que tê uma devoção... Eu acho bacana..., (5)acho muito bacana, você, porque o homem sem cultura não é nada. Eu vejo como uma cultura, uma cultura porque eu sou descendente de negro (tosse). I essa história que eles viveram lá atrás, é uma história muito linda. As trovas, se você pegar todas, os dizeres lá, ele, ele é muito bacana, você consegue fazê muita coisa. Cê dá pra fazer uma peça, uum filme, dá prá fazer muita coisa com isso, com esse conteúdo..., qui infelizmente a gente tem algumas, algumas particularidades políticas em cima dela qui hoje estragam um pouquinho. Não gosto de política..., numa coisa que é cultural. A política, ela, ela começa... entrá ali, eu não acho bacana. Porque antigamente... as pessoas fazia... Ucharia, ela existia, a Ucharia, porque as pessoas que vinham de trás da Ilha, não tinham como volta... Então, às vezes chegava “Poxa, vamos dança, fazê os bailes”, porque é baile, né? Não tinha como ir embora, só que eles traziam galinha, traziam pato, i tal. Cada um trazia um pouco. E faziam lá, e comia e tal, e faziam o baile e iam embora. I fizeram um link, porque, a partilha, né, já que São Benedito... ele tirava dos pobres pra dá pros rico, então, e era um cozinheiro, então fizeram, atrelaram isso também... conforme os anos. No meu entendimento, ééé quando entrou a política, que “Prefeitura tem que dar”, ééé “O comércio tem que dar”..., eu fiquei..., eu vi que perdeu a essência. Tem, tem um senhor que foi Secretário da, dentro da Congada, José de Alício..., um cara muito sábio! Nossa! Precisa ver, ele sabia demais! E ele... quando ele viu qui, que, as pessoas não tavam entendendo isso, quanto ao pessoal fazê a Ucharia, ele não foi, ele não ia mais. Ele chegou a falar “Eu não vou mais, não!”... Porque, não sei você, se você participou de lá, é muuita gente (6)..., é muita gente que tá ali pra... Eu não vejo aquilo de coração sabe..., de partilha, é, eu não vejo uma partilha ali, eu vejo, sabe, um monte di di gente em cima e tal e brigando por causa de fila... Eu num, num achei bacana, porque não era assim antes, sabe? Antes era uma mesa gigante, colocavam lá e todo mundo, família, todo mundo, todo mundo junto. Era bacana isso! Era menor o espaço. Aí conforme foi crescendo, crescendo, crescendo e perdeu um pouquinho a essência. “Por que fulano tem qui...”, “Tem qui correr atrás disso”, i “Tem que correr atrás daquilo”. Precisa não, gente...basta as pessoas “Ó, cê quer ir lá?” Convida! “Ó, cê vai lá, tal e tal, a gente vai fazer uma partilha. Você pode levar um prato, você pode levá um outro”. Eu vejo assim, né,.. e infelizmente perdeu um pouquinho di, essa parte da Ucharia da Congada... de São Benedito. (7)E também essa obrigatoriedade que a igreja tem que fazer isso, a igreja... Não, a igreja não tem que fazer nada! A igreja somos nós! Nós que temos qui fazê alguma coisa... Essa obrigatoriedade que tem... Não, hum, não gosto disso... Eu gosto assim, das pessoas, não, se tiver que fazê alguma coisa, si tive... uní a gente né, si uni e faiz. num deixa qui uma pessoa só ééé encabece isso eee, de repente num fica legal, não fica bacana. E é isso! ...

- Ééé, você gostaria de acrescentar alguma coisa?

- ...Não..., acho que falei tudo já. Pelo menos no meu entendimento, né.

- Tá, éé, você falou di qui, é, são..., não é a igreja, não é a prefeitura quem tem que fazer. Ééé, que são... as pessoas qui...

- Sim!

- Você podia falar um pouquinho mais sobre, sobre isso?

- Não, porque, (8)di fazê aquilo que já era. Era assim! As pessoas, as famílias, elas iam assistir i inclusive tinha, minhas tias faziam isso! Quanto! Meu Deus do céu, ela fazia isso em mil novecentos e vinte alguma coisa. Então, ela pegava as coisas qui, pegava i falava “Enquanto voceis vão dançando aí, eu vou..., dá aqui, dá aqui a sua galinha, dá aqui seu pato, eu vô fazê aqui..”. Iii era bacana, era, era, era todo mundo! É, não tinha uma cabeça só pensando. Hoje se dá, o, sabe, o rei tem que escolhê, não sei o que ta, ta tal. Beleza. Tranquilo. Mas de uma forma mais simples, uma forma mais bacana, sabe? Mais não, hoje ficou tipo político... É, qui tem que indicá fulano, tem que indica cicrano, i tal. Então é muito pesado, sabe? Eu, eu, eu vi qui, qui infelizmente é influ, isso é influência também éé geral isso. Eu acho que talvez a influência do dia-a-dia, da... Conforme as pessoas, talvez pela simplicidade da época, das pessoas não tê tanto conhecimento, por ser simples, né, Falava “pô”, pra eles né, “Ah, um prato de comida tá bom!”. “Ah, vô trabalha pra quê?”. Antigamente tinha muito disso! “Ah, vô trabalha demais...”. “Não, pera aí! Vou pescá tanto peixe pra quê?” Sendo que sou eu, minha esposa, meus filhos..., que hoje é o suficiente. Deixa lá! Amanhã eu vou lá, pesco de novo”, eee, sabe é a fartura praquele momento. Iii eu vejo muito ali qui essa obrigatoriedade que tem, qui a prefeitura tem que dar, que os comércio têm que dar, num sei o que, qui tem qui ir lá pedir... por que? Sabe, eu num eu não acho bacana. Isso não é partilha!... Isso éé uma obrigatoriedade. Isso é... deixa di sê aquela essência, e aquelas pessoas parecem um... Perdão! Eu, isso eu eu, isso eu vi na fila. Pessoas assim “Ah, que demora pra comer, qui não sei o quê!” Gente..., eu hum (gaguejando), eu num, não é esse a questão aqui. A questão é poder só... partilhar aquilo que tem. Eu vejo dessa forma, entendeu?(Sorri para mim)... Bacana?

- Bacana!

Ficamos em silêncio mais alguns momentos

- Ééé, I dessa, hã, você falou da devoção a São Benedito também, é, podia também falar...

- Hum... Essa de, devoção. Não é devoção

- Devoção, não. Dessa, da adoração!

- Da adoração!

- Adoração

- (9)Então, do adorar, isso, isso é bíblico. Infelizmente, a genti, conforme os anos vão passando, as pessoas têm preguiça de ler a bíblia também... A palavra certa é essa: preguiça. Ééé, é mais fácil ouvir. “Que qui você tem pra falá pra mim, da, dessas coisas aí? Então tem muito “Eu acho que é”. Esse “acho que é”, tá errado. O adorar é só a Deus e à Jesus Cristo. Nada mais. Agora, você usar a devoção... que, qui no-nu meu entendimento, é usá o exemplo da São Benedito, da sua simplicidade..., de fazê aquilo. Pegá aquilo i partilhá com aquele qui não tem... Seja com conhecimento, seja com um..., seja o que tiver. Si partilhar é tão bom partilhar! Então éé, é isso é usá o exemplo de São Benedito pro seu dia-a-dia... Pra você partilhar aquilo que você tem, não ser tão egoísta, não ser tão..., sei lá... É meio, meio pesado, eu acho. Eu acho, eu acho muito pesado essa... o dia-a-dia, porque vai se colocando no individual. Tá tendo muito individualismo demais. I de repente... quando eu vejo na televisão lá, às vezes, os, os africanos vindo pra cá..., quando teve a Copa da África... é, tem muita festa em comunidade e fazendo, sabe, umas danças e alguma coisa parece... eu acho tão bacana aquilo... i não tem muito, às vezes não tem nada no pé... Eu vi, eu via muito isso... i hoje vai si perdendo... por causa do individualismo... E de repente, com um pouco de conhecimento, qui fala assim: não!... I muita desconfiança. Eu não posso abrir a porta da minha casa. “Quem é

essa pessoa?” “Quem ela é?” “Por que, não sei o que?”, “Será que esse cara vai me fazer mal?” ... É, é, então é, cê entendeu? Então, eu fui perdendo isso aí, eu fui entrando no individualismo i...i perdendo a essência dessa, dessa (o telefone da casa toca) de usá São Benedito como exemplo di simplicidade e de partilha, sabe? É isso que eu ... Esse é o meu conhecimento!... Pelo menos é isso que eu tento cultivar pros meus filhos assim, que eu ...eu num (telefone toca novamente).eu tento ser mais... solícito, sabe, possível. Quem pedir, tô di folga, não tô, Tá, vamos lá! Só quando não dá mesmo (sorrindo), não tem jeito, mas eu uso o exemplo de São Benedito pra isso: partilhar!...

- Obrigada, Zeca! Obrigada mesmo. Muito obrigada.

porque eu sempre fui, eu conheço a história, então é uma coisa bem... de família mesmo ... si eu gosto da Congada é porque eu faço parte dela.... (fica em silêncio por alguns momentos)É isso.

- É isso? (ela sorri e acena afirmativamente com a cabeça).É isso. Pronto, nem doeu Ela sorri.

- Então é isso! Obrigada, **Lelê** !

Apêndice II Análise Ideográfica

Discurso I

Nina diz que a Congada para a família na qual nasceu é mais do que uma manifestação cultural, é principalmente uma manifestação religiosa, de devoção e fé. Devoção que é a essência da Congada para aquele que vem de uma família tradicional. Para ela, essa devoção é o que move sua família e parece que nasce com eles e isso não acontece só com eles. Em alguns núcleos familiares um ou outro acaba se dispersando, mas eles se orgulham em mostrar aquilo que eles são.

A sua crença em São Benedito dá sentido à sua vida e é por causa desta devoção que ela e sua família trabalham e estão como participantes na Congada e é este também o motivo pelo qual as pessoas acabam se envolvendo na Associação dos Congueiros e querem ajudar no custeio da comida. Para ela, a essência da Congada é você acreditar e ter fé naquilo que é divino, mágico e inspirador e destaca que devoção é diferente de adoração ao santo. Mais do que crença e devoção, a Congada é um momento de estar em comunhão. É um conjunto de coisas, de segmentos: é a manifestação de rua, a Ucharia, a missa dos congueiros e é o conjunto desses segmentos que faz a Congada ser o que é, mas muita gente tem um entendimento limitado dela.

O pensar a Congada já se inicia em abril, seja para estar em comunhão, para o preparo da roupa, ou arrecadação de alimentos. Este encontro anual, com muita gente que vem de fora, gera muita expectativa pois se quer ver essas pessoas festejando. É como o Natal, um momento dos congueiros estarem juntos como uma família, em comemoração à São Benedito. O momento da festa é muito esperado e apesar de ser composta por pessoas com opiniões diferentes, na hora do “vamos ver”, acaba saindo, pois, a devoção sempre fala mais alto. Nesta manifestação de fé, cada um tem seu papel (seja para enfeitar o andor ou fazer a concertada, por exemplo) e sabe que ele é fundamental e que todo mundo terá o seu momento de participar. A união é o que faz a festa acontecer e permite a continuidade da tradição.

São poucos os congueiros com presença frequente na igreja. Muitos congueiros só vão à missa dos congueiros e a falta desse envolvimento, dessa presença e frequência na igreja faz falta. Pode-se dizer que os congueiros, de uma forma geral estão ali não tanto pela igreja, mas sim por conta de São Benedito.

Na hora em que se precisa de ajuda, a primeira coisa na qual pensa é no santo, por causa da fé. Atuar na festa é um “eu preciso”, é o agradecimento à de uma graça recebida. **Nina** atua na Ucharia e isso se deve à sua mãe, avó e bisavó e também porque não há espaço para as mulheres fazerem outras coisas, além de atuar na Ucharia ou ser Rainha. Ser Rainha é algo que envolve muita disputa, e quando a coroação não é possível por um motivo ou outro, como em seu caso ou no de sua sobrinha, isto se pode se tornar um dos piores dias de sua vida, pois ela já tinha um entendimento sobre o que é a festa, o que é este sentimento, o porquê de se estar lá na festa e na Ucharia.

Pouco conhecida, muitos acham que a Ucharia trata apenas da distribuição de comida, mas é mais do que isso. É um momento de se estar em comunhão com os familiares, como era antigamente, ainda que a abertura para o público tenha tirado um pouco dessa sua essência.

A Congada é também expectativa e preocupação, principalmente pela perda de pessoas que ajudavam muito, principalmente na arrecadação de alimentos e sempre tiveram a preocupação com a festa; pelo aumento do número de pessoas no almoço e pela pouca colaboração do comércio, a quem tiveram que recorrer, pois se percebeu que apenas a

colaboração das famílias não seria suficiente. Apesar desta preocupação, a comida nunca falta.

Para se continuar uma festa, nestas proporções é preciso ter uma organização e um maior envolvimento dos congueiros, pois atualmente se vive uma realidade diferente daquela de quando se iniciou a Congada, porque as coisas evoluem. Então as pessoas também precisam se adaptar a isso, porque se não fica um improviso que nem sempre dá certo. Muitas vezes as pessoas falam que vai acabar por conta de falta de organização e de envolvimento antes.

Existe um núcleo fechado da Congada e o padre nunca sabe até onde pode ir no sentido de poder ajudar e falar para as pessoas como elas podem ajudar, por isso é preciso ter uma divulgação maior sobre as necessidades. Nesse sentido formas de colaboração estão sendo pensadas e praticadas.

Acredita na necessidade de um líder presente, que encabece as coisas e acha que o atual Rei conseguirá fazer este trabalho desde que as outras pessoas ajudem porque para se continuar uma festa, nestas proporções, é preciso ter organização. É preciso chamar as pessoas antes da festa para poder ir entendendo a necessidade para o acontecimento.

Discurso II

A Congada é, para ele apaixonante por seus vieses. Fala do viés cultural, que faz com que ele se reencontre com situações vivenciadas até mesmo antes de conhecer a Congada, e em especial, a Congada de Ilhabela. Este viés cultural faz com que cada vez vivencie a Congada se sinta cada vez mais próximo das suas raízes; da sua ancestralidade como um todo.

Ao mirar a Congada a partir do viés social, apresenta que a Congada consegue promover nas pessoas uma congratulação, um momento de confraternização ímpar porque consegue mobilizar uma cidade como um todo de certa forma e pessoas que já não moram mais neste município para que possam estar juntos, em virtude da-daqueles festejos; você vê pessoas de n segmentos dialogando, buscando de uma forma ou de outra colocar a sua colaboração à disposição do todo para que a Congada aconteça. As pessoas ficam tão envolvidas que já não se consegue perceber classes, divisão de classes sociais, no fazer da coisa, não se consegue mais perceber divisão necessariamente por cores de tonalidade de pele no fazer das coisas porque as pessoas estão colocando ali parte da sua paixão e para vivenciar essa sua paixão, pra vivenciar a essa coisa que foi herdada e trabalhada, na qual o necessário é se fazer isso em comunidade não necessariamente de forma unitária, sozinha. É deste ponto de vista que ao pensar a cultura e a tradição, aquilo que foi herdado dos negros que vê como isto pode ser mobilizador na criação de uma identidade. Ao considerar a identidade, fala sobre como as pessoas se sentem pertencentes a Ilhabela porque fazem parte da Congada. Isso faz com que pessoas que não necessariamente moram aqui ou que estão longe a 20, 15, a 15, 20, 30 anos, como morador, do município, façam questão de vir perpetuar o seu pertencimento à Ilha e à Congada.

Mas a Congada de Ilhabela não pode ser entendida exclusivamente como ou questão cultural ou uma tradição. Há o aspecto devocional, que é considerado por ele como o mais belo de todos. O viés religioso, religiosidade ou do místico o encanta porque as pessoas participantes, sendo devotas de são Benedito aprendem de certa forma a cultuar, a reverenciar ao santo que só dedicou sua vida a fazer o bem de uma forma geral e entendem que aquele momento em que se prestam a estar no congo de cima ou no congo de baixo é uma oração, é uma devoção, é uma prestação de serviço a uma entidade (se a gente pode falar um pouquinho da ancestralidade), a um santo católico, mas que em alguns momentos, nos momentos de

dança, nos momentos de luta, para algumas religiões de matriz africana você enxergaria a possibilidade de uma entidade, e o que envolve essa mística é o que faz com que esse povo se mantenha unido porque se fosse só uma questão cultural, talvez não tivesse a força que tem. As questões sociais se alteram, mas as questões que tem algo de misterioso, algo que, que você não consegue necessariamente compreender ou explicar podem a vir se perpetuar.

As pessoas que participam da Congada não são necessariamente católicas, ainda que por vezes possam ter nascido em um berço católico. Há outras devoções religiosas presentes.

Como servidores de São Benedito, essas pessoas deixam florir algumas coisas que são naturalmente humanas, se tornam inclusive mais humanas e mais sociais porque se põem à serviço do outro. Esta rede de serviços não se faz apenas por um ato social ou cultural, existe a questão devocional por trás, que faz com que pessoas, às vezes de 80, quase 90 anos vá arrumar um tempo nas suas dores, nos seus afazeres do dia-a-dia, nas suas lutas como um todo, para poder estar ali.

A Congada ainda consegue promover a união das famílias, pois consegue, para algumas delas, ser um momento de trégua, de paz, de união, um momento de conagração como o Natal, uma Ação de Graças; é a época mais importante que aquela família vivencia. O entrevistado destaca também a questão do acolhimento. Enquanto antigamente você tinha que herdar a fé do congueiro, ser pertencente à família, atualmente se entende que você pode ser acolhido, caso goste dessa tradição, dessa cultura, dessa religiosidade. Você é aceito e acolhido, seja na Ucharia para comungar com todos aqueles que ali estão, mas você também é aceito e acolhido, hoje, como um dos congueiros, como um dos soldados do Embaixador ou mesmo do Rei de Congo. Porque este é necessariamente um grupo que hoje entende que acolher é melhor do que, do que repelir.

A Congada também dá uma sensação de pertencimento. Não existe uma obrigatoriedade. Existe um encantamento, que gerou um pertencimento e que lhe dá a sensação de pertencimento ao município Pertencimento cultural, religioso, social e com um certo viés também de político, de garantia de manifestação de uma crença, de uma vontade.

Falta também de sincretismo religioso e de como a Congada silenciosamente conseguiu promover ou vir lutando pela igualdade social, religiosa, étnica, de certa forma.

Considera que a Congada é muito bem aceita por brancos e negros, mas lembra que em um determinado momento foi banida da igreja, proibida de se fazer manifestar essa forma cultural, essa forma de religiosidade, pois alguns sacerdotes católicos entenderem que em muito se estava presente elementos da cultura africana.

Silenciosamente, a Congada foi fazendo seu papel, o seu trabalho de identidade e de pertencimento, que vem à tona quando as pessoas falam que querem vivenciar as coisas que acreditam e lhes fazem bem e que tem em si desde uma ancestralidade. A Congada é assim uma experiência própria de fé que, para alguns, é uma experiência social, uma experiência cultural ou até mesmo uma experiência política já que a gente está falando de uma política de libertação e de uma auto-aceitação.

Os participantes têm buscado conhecimentos que de certa forma vai contribuir perpetuar essa questão. Como professor considera ter, por uma questão profissional e de crenças pessoais, a obrigação de garantir o conhecer e o vivenciar essa cultura. Ele tem buscado fazer com as crianças possam conhecer, e a partir do conhecer quem sabe, amar essa história que também é deles, dos avós, dos bisavós, dos pais. Tem feito um trabalho no sentido de buscar a ajudar as crianças, os meninos e as meninas, a conhecerem para poder conhecendo vivenciar, e vivenciando amar a toda esta história.

Discurso III

O entrevistado participa da Congada desde seu nascimento devido à uma promessa feita por sua mãe ao santo e que foi atendida. Para ele, a Congada é a coisa mais importante de sua vida e ele tem São Benedito como seu santo de louvor e protetor. Tudo o que envolve a sua vida, tem São Benedito no meio.

Segundo ele a Congada foi trazida da África em 1785 por Roldão Antônio de Jesus, negro escravizado que chegou na Ilha em um porão de navio, diretamente na praia de Castelhanos, aonde todos os negros eram vendidos na época da colonização na Ilha. Vendido para a fazenda do Morro do Espinho reencontra lá sua família. Nesta fazenda, Roldão começa a divulgar a Festa de São Benedito, da Congada de São Benedito, que começou a ser dançada, primeiro nos quintais, nos terreiros das senzalas e, com a libertação dos negros, começou a ser ensaiada em frente a igreja de São João no Perequê e as apresentações principais eram nas ruas da Vila.

Os congueiros se dizem escravos de São Benedito e tudo o que acontece dentro da Congada é através de promessas. É uma história que passa também de pai para filho e perdura até hoje com as mesmas falas, com as mesmas fardas, com as mesmas danças, com os mesmos passos.

A Ucharia de São Benedito até hoje é comandada pela família de Eva Esperança Silva, descendente de Roldão.

Considera que a Congada é a manifestação cultural do folclore da cidade mais importante e que quando começa a chegar o mês de maio, as famílias começam a se unir, a se encontrar, a fazer reuniões, a preparar essa grande festa. Além de ser uma tradição caiçara, a Congada é um momento de encontro e de união.

Ao contar o enredo dos bailes da Congada diz que se trata de uma situação entre duas cidades: Congo Luanda. Segundo o entrevistado o Rei de Congo tem um filho bastardo com uma plebeia que é afastada de Congo, quando ainda estava grávida, e vai para Luanda. Quando se torna adulto, o filho bastardo se transforma no Embaixador de Luanda e com seu exército vai para Congo, para tomar o trono do pai. Chegando em Congo se depara com uma grande festa para São Benedito, e também quer participar. O Rei de Congo não admite que o exército do Embaixador de Luanda participe da festa porque eles não eram batizados. No último baile, o Rei assume que realmente ele é seu filho e termina tudo em paz.

O entrevistado diz fazer de tudo pela Congada: vai para as escolas, conta a história da Congada para as crianças, explica a Congada para os professores, está envolvido na Ucharia e com o Levantamento do Mastro. Com receio de perder a Congada, montou em 1999 uma Congada Mirim, da qual participou que tinham a história da Congada no sangue. Atualmente, estes participantes fazem parte da Congada adulta. Para ele, isso é um retrato do resgate da cultura tradicional de Ilhabela.

A Congada além de usa importância para os congueiros, representa atualmente toda a cultura tradicional da cidade, porque foi a única festa que conseguiu perdurar, pois muita coisa foi perdida com a migração, com o turismo e com as novas tecnologias que chegaram na Ilha. Quando começou a chegar à cidade de Ilhabela toda essa tecnologia, a televisão, os celulares e toda essa coisa que a gente tem hoje em dia, muita coisa da história local foi indo embora. As pessoas foram se desprendendo das coisas e o que ficou mesmo foi a Congada de São Benedito e acredita que que foi a única coisa que viveu até hoje por causa da devoção. A Congada ficou na memória, representa o alicerce da cultura tradicional de Ilhabela, representa a vida e a história do caiçara perdura até hoje.

Sobre o Levantamento do Mastro diz que é importante porque é o momento no qual são feitas as promessas e também os agradecimentos. Sua família também serve a concertada e ele sempre faz a bandeira da folia de São Benedito, que é muito louvada pelos fiéis. Quando morava atrás da ilha nem conhecia a Congada, mas seu avô já fazia o Levantamento do

Mastro lá. A Congada não tinha Levantamento do Mastro. É uma cultura portuguesa e que foi acoplada na Congada e tem tudo a ver.

A folia é toda cantada e tocada e a bandeira é levada por uma menina donzela e atualmente a folia é feita no dia da festa, eventualmente. Antigamente a folia e a bandeira de São Benedito passavam de porta em porta, dormia na casa das pessoas até o dia da festa. Começava lá de trás da Ilha e ia angariando fundos para festa, porque na Festa de São Benedito tem que ser tudo doado, não pode ser nada comprado. A formação da festa inteira é feita pelo povo. A festa é do santo com a comunidade, com o povo, e é o povo que faz a festa, é o povo que dá a comida, é o povo que faz tudo. Toda a Congada, toda a festa, e tudo que envolve estes três dias da Festa de São Benedito é a história da devoção. Tudo o que acontece na Ucharia é através de promessa, assim como a dança dos congueiros, do Levantamento do Mastro, da missa afro. Segundo ele, todo mundo que participa e que está envolvido com a história da Congada está ali porque é um compromisso mesmo. Assumiu aquele compromisso, encarnou aquele compromisso e tem que ir até o fim. Fala sobre os deveres da Rainha durante o ano.

Diz que a Congada é muito séria para seus participantes. Eles se reúnem durante o ano inteiro para falar sobre a Congada. A Congada acabou e já estão pensando no próximo ano.

Sobre São Benedito diz que ele cuidava muito dos pobres e miseráveis. Nascido na Itália, sua família veio da Etiópia. Foi cozinheiro do convento de Santa Maria na cidade da Itália, em Palermo e seu primeiro milagre se refere ao milagre das flores, no qual o alimento se transforma em flores para enganar os guardas do convento. São Benedito é conhecido em todo o Brasil e na Europa também. Ele pregava a bondade, a união, a alegria, as pessoas se ajudarem, se unirem para se ajudar, ajudar o próximo. Apesar de ter sofrido por ser negro, ele ajudava as pessoas. Um exemplo de ser humano que deveria ser seguido por todos.

Negro também fala sobre a missa afro e considera que a história de comer junto é uma história de muita união, por isso é importante as famílias comerem junto.

A maioria dos personagens da Congada que são caiçaras nativos, já não moram mais em Ilhabela, mas vem pra Ilhabela na época da festa, para produzir a festa.

Também relata as sensações percebidas durante a dança e diz que quando começa na sexta-feira com o Levantamento do Mastro a impressão que tem, é que as pessoas mudam, parece que recebem alguma coisa, alguma história, e aí as pessoas ficam diferentes parece que eles não são eles, parece que encarnam pessoas muito antigas que dançavam a Congada antes, no início de tudo.

Para ele a ilha fica diferente quando começa a Congada e isto tem a ver com a com devoção.

Como professor, diz que sempre está falando para as crianças sobre o bem querer, sobre o próximo, a amizade, pois entende que isso deve ser passado desde cedo para as crianças, essa coisa da bondade, da humildade, de compartilhar com o amiguinho as coisas que tem, de estar ajudando o amiguinho dentro da sala de aula. A gente tem que se unir cada vez mais. O ser humano é muito desunido, a gente precisa se dar as mãos, se abraçar mais, se beijar mais, se gostar mais. É isso que São Benedito quer! É isso que a gente tem que ser.

Por fim conta que a Congada era casa onde seu avô morava na Vila. Os congueiros, inclusive a família real era obrigada a dormir nesta casa. À noite tinha baile, os violeiros iam cantar, tocar para eles dançarem. Antigamente a Congada acontecia durante uma semana.

As roupas de quando seu sobrinho era criança são guardadas, ficam na família “porque um é congueiro, o sobrinho vai ser congueiro quando nascer, aí o irmão vai ser congueiro quando nasce porque já tá no sangue da gente.”

Discurso IV

Para ele a Congada é tudo. É devoção, é uma obrigação, é de família. Está envolvido os cinco anos. Há os que abracem com mais carinho, outros que abracem com menos, ele abraça com mais carinho, alma, corpo e coração. Chegou a perder seu emprego por causa da Congada.

Ao ser perguntado sobre como se sente como rei, diz não ter uma explicação ainda, em seu primeiro ano, mas que é isso é muito diferente dos papéis por ele ocupados anteriormente. Agora há muita responsabilidade, muita cobrança.

A Congada é forte demais para ele e ele se sente bem em fazer a Congada, e servir a São Benedito. Diz festejar o que São Benedito no passado quando ele era homem.

Enquanto estiver à frente da Congada vai procurar fazer com que o pessoal, principalmente os congueiros, arregace as mangas e não vista a farda só no dia; ou coloque só o chapéu, e vira as costas para a Congada.

Para ele a Congada é igreja, a Congada é tudo, se tem a Congada como devoção, tem que ter a igreja como devoção também. É lá que São Benedito está, na casa de Cristo, então é lá que ele deve ser louvado. Não adianta se ajoelhar diante do altar, do Cristo e do São Benedito, derrubar meia dúzia de lágrima e depois não ir mais. Tem que ir lá e ver o Cristo vivo que está lá, aí sim, aí é o verdadeiro congueiro.

Sobre a emoção apresenta que todos os congueiros se emocionam no dia da festa, principalmente no último baile e diz que a emoção vem da devoção e que se você não tiver emoção, você não tem devoção.

Diz que os mais antigos levaram muitas coisas com eles e que há pessoas que contam uma história que não existe.

Relata uma conversa que teve com Seo Dito na qual ele falou que no passado era muito diferente. A Congada era mais rígida. Os comércios eram todos fechados quando o andor passava. Era proibido vender bebida alcoólica para qualquer congueiro durante a festa. O mastro era levantado uma semana antes, e tirado uma semana depois. Todo mundo ia em fila até chegar num outro local da rua para o baile. O Embaixador levava os congos dele, o Rei levava os congos dele. Tudo em fila certinho. Para sair da fila, para ir ao banheiro, alguma coisa, tinha que pedir ordem. Isso não acontece atualmente.

Apresenta que alguns parecem estar na Congada para se divertir ou aparecer em filmagens.

Sobre sua recente atuação como rei diz que percebeu que muitas pessoas foram lá para dar uma olhada, para compara-lo com Seo Dito e com os outros reis. Sua família hoje é uma das maiores famílias da Congada. Tem nove membros na Congada, mais o pessoal da Ucharia, com parentes diretos, então, se somar a família, a Congada hoje gira em torno dele e em torno da sua família.

Para ele, algum congueiro está se perdendo, a família saindo, mas ele continua na luta.

Discurso V

Para ele a Congada é primeiramente a religião, devoção, à São Benedito, mas é também tradição, família e cultura caiçara. A tradição vem porque se lembra muito dos seus familiares e amigos. A cultura caiçara vem como consequência disso. Entende que esta manifestação religiosa e cultural só persiste por causa da tradição, do respeito aos

antepassados e procura passar isso para os mais novos, o que pode se dar a partir de uma dança, uma rodada da espada que faz, o jeito de falar. Em seu primeiro ano como Secretário fez uma coisa diferente que hoje todo mundo faz. Acha que essa é uma forma interessante de ser lembrado interessante. Considera que é como se se herdasse uma responsabilidade e isto fica “dentro da gente”, misturado.

Para ele cada ponto, cada paralelepípedo lá da frente da igreja significa alguma coisa para eles, porque eles têm lembranças de muitas coisas.

Acha que com o progresso da sociedade a religião fica um pouco esquecida por alguns e para outros é como se fosse um tipo de superstição. Mas para ele é uma coisa que realmente acredita e que sempre pedem por proteção, saúde para eles, seus familiares e amigos.

Durante a elaboração de seu TCC começou a se aprofundar um pouco mais e começou a conhecer mais da Congada de Ilhabela. Entendeu que alguns versos dentro da Congada se referem à dominação portuguesa naquela região. Ficou sabendo também que as tribos da região do Congo foram as tribos africanas que mais resistiram à colonização portuguesa. Em alguns trechos viu o porquê dessa guerra na qual alguns homens que não eram batizados queriam também ter o direito de louvar à São Benedito mas só os fidalgos, o pessoal do Rei de Congo (representado pela turma de cima ou azul) que tinham o direito de festejar São Benedito. E os mouros, os pagãos (que é a turma de baixo, do Embaixador) consideram que também tem o direito de festejar São Benedito por também serem seus devotos.

Fala sobre uma outra versão que é contada por um conhecido, mas diz não acreditar nela. Também fala sobre a batalha de Massangana, na África, que foi uma das resistências do povo africano contra a dominação portuguesa; da figura da Rainha na Congada.

Pensa que os escravos que vieram para o Brasil começaram essa dramaturgia que se referiam aos acontecimentos que ocorreram na África. Ele acredita que foi uma forma de manter viva uma cultura que eles tinham. Era uma forma do negro criar uma raiz, transmitir essa cultura e lembrar de seus antepassados e lembrar de suas origens, assim como o povo caiçara tenta manter isso aí para lembrar de suas origens. Considera interessante que se comparado com um lugar maior, a tradição na ilha continua cada vez mais forte. Não sabe de notícia de nenhuma manifestação tão forte quanto a deles.

Procuram manter as mesmas vestimentas, espada, mas o linguajar acaba se alterando bastante. Tem várias palavras dentro da Congada que não sabem o que significa ou não entendem ou se estão pronunciando corretamente, mas procuram manter ao máximo, pois acha que quanto mais original, mais significado tem.

Relata os significados atribuídos às vestimentas e acessórios e a como são associados àqueles que as trajavam e a acontecimentos, assim como se refere à gestualidade e à dança, ao gingado de congueiros mais antigos.

Entende que é há uma magia entre eles e é ela que faz a Congada perdurar, de geração em geração e diz que o bacana é poder ver isso e entender um pouco. Juntam-se a isso os sentimentos de respeito, da religião com São Benedito, da devoção e da fé que eles têm, com o respeito, em seu caso, por sua mãe, sua avó e por Seo Zé de Alcício, a quem ele substituiu. Essa magia, esse respeito, é o que os move. Esse sentimento em querer fazer. E daí vem essa obrigação e responsabilidade, porque ele não tem só uma responsabilidade com essa confiança que lhe foi dada, tem também a responsabilidade de passar para os demais este sentimento, que é o que os move. Essa manifestação ainda perdura, porque existe essa magia, existe esse sentimento em cada um da gente, essa vontade de participar todos os anos. Tem esperanças de que dure mais alguns séculos e se depender dele e de sua vontade, a Congada vai continuar. Ele só a larga quando morrer, quando não puder realmente mais fazê-lo.

A significância que tem para cada um dos congueiros, do pessoal que enfeita a imagem de São Benedito, do pessoal da Ucharia, isso passa para as outras pessoas e ele tem a responsabilidade de pegar e transmitir esse significado para os mais novos. Para esta

transmissão acontecer é só viver com amor e devoção que qualquer um que os veja entenderá que é feito com sentimento e irão adquirir isso aí e vão também repassar.

Discurso VI

Para **Beto** a Congada é uma festa especificamente religiosa, feita em homenagem à São Benedito e tal entendimento lhe foi passado por sua mãe. Ele conta que foi dado em promessa à São Benedito por sua mãe, devido a cura de um problema de saúde dele na infância e é por isso que ele dança a Congada. Considera-se filho ou afilhado de São Benedito. Em sua opinião atualmente esta manifestação se torna também cultural, por isso ele dá liberdade para outras pessoas dizerem que é uma festa folclórica cultural.

Diz ter um profundo respeito pela Congada e que esta é sua vida, seu coração e uma coisa muito pura. A Congada para ele é a força de seu ser, é o que ele é, o que tem, o que fez. Para ele, a Congada também é as pesquisas que são realizadas sobre ela e foram estas pesquisas que possibilitaram que ele assumisse também uma posição política na Congada. Faz menção a outras manifestações de Ilhabela e diz da necessidade de serem realizados estudos sobre elas, pois algumas já se perderam. Entende que tais estudos “levantariam a lebre” sobre esta questão para o poder público.

Discurso VII

A Congada teve dois momentos em sua vida: uma, da qual quis participar e onde aprendeu a respeitar os mais velhos e viu seu pai buscar a tradição e mantê-la. Nesta Congada as pessoas eram mais verdadeiras entre si e isso talvez reflita a verdadeira devoção e sentido da Congada. A Congada sempre lhe marcou por seu pai e sua família estarem envolvidos assim como pela preservação das raízes da Congada e da cultura caiçara. Com o passar do tempo foi vendo a mudança de postura das pessoas: já não mais aquele respeito pelo mais velhos dentro da Congada, apesar da ação de alguns de seus integrantes. Atualmente ele vê uma Congada na qual as pessoas pensam em seu próprio ego acima de todas as coisas.

Não começou na Congada por devoção, mas sim porque quis, o que foi somado ao convite para ser cacique. Devido a este convite, feito por Dito de Pilaca para substituir o cacique ele já começou no congo de cima. Dito de Pilaca, o Dito rei, é uma pessoa que até hoje ele vê como um avô e é para ele uma figura muito forte, com o qual manteve contato mesmo enquanto morava em Fortaleza, (ligar para ele, saber como ele estava...).

Durante os três dias da Congada sente como se estivesse em um universo paralelo, pois você está vivendo aquela emoção, aquela religiosidade, quase em um confinamento espiritual, que ele foi aprendendo com o passar do tempo. Em um primeiro momento, quando você é criança, é a festa e depois começa a parte religiosa mesmo e você começa a aprender a religiar dentro da Congada e a incorporar o espiritual também.

A Congada para ele também é importante no sentido de ser a última peça da cultura e das tradições caiçaras, porque ela é o único momento que você encontra na Ilha aquele pessoal mais antigo, que você tem um contato maior com sua própria família e que você reencontra amigos que estão fora da ilha e com quem você convive desde criança também ali dentro da Congada.

A falta de respeito dentro da Congada acaba por afetar também a devoção. São Benedito ensinou com a humildade dele e o colaborador considera que a humildade é uma coisa muito importante nas pessoas. Infelizmente, as pessoas dentro da Congada não estão tendo humildade. Quando questionam a devoção dentro da Congada ele se pergunta sobre o que é a devoção dentro da Congada, aonde eles vão chegar, pois tem muita gente que não está sendo devoto.

A fé é uma coisa da cabeça, do coração, e muitas pessoas nem sabem o que é a verdadeira fé, às vezes estando ali por uma devoção que lhe foi imposta e a qual ela fica presa, sem saber se aquilo é dela ou não. Acredita que muita gente está na Congada por ter sido colocado ali pela devoção dopai ou da mãe e pensa que tem que cumprir, tem tipo uma escravatura e não como algo que o liberta, uma coisa própria do seu coração de própria mente aberta.

A devoção que liberta eu acho que é aquela na qual você está aberto a receber outras pessoas, outras informações, que você aceita as pessoas como elas são. A devoção que liberta não é aquela que, por exemplo, lhe é imposta por alguém. Você aprende com a devoção o que você pode ser na vida. Já a devoção que aprisiona, é aquela que ela é imposta e você tem que ficar naquele modo, naquele pensamento porque é aquilo que uma outra pessoa acreditava e que você passa a ter que acreditar também. E isso não é um sentimento puro. A devoção que liberta é aquela na qual você está aberto para receber a Deus, a Jesus Cristo, a São Benedito, assim como outras devoções também que as pessoas têm. Já naquela que é imposta, que é condicionada, você não é verdadeiro, você está ali como um simples boneco, um enfeite, vai ter menos participação, não vai ajudar de coração e aquele sujeito a ela fica preso a um sentimento incubado que não lhe permite ir para a frente, além de atrapalhar, a partir de seu ponto de vista, a própria Congada, porque pessoas assim, não vão gerar um sentimento positivo sobre ela. Apesar de acreditar em São Benedito, em Jesus Cristo, ele acredita muito em energia. Então, se a gente coloca uma energia ruim, a gente começa a voltar, regredir, a gente não vai para a frente, por isso considera muito melhor a pessoa chegar e falar “ eu não tô na fé!” Não tô acreditando, mas ... eu gosto da Congada.” Às vezes acontece de a pessoa fingir estar com devoção, mas ele está lá pela festa, só que tem medo de falar, ficando preso naquele sentimento. Ou se, por exemplo, ele não quer estar lá, é melhor que não esteja. Que as pessoas não venham julgá-lo por causa desse tipo de fé.

A Congada é ampla, não é somente os congueiros. Tem a Ucharia e ele acha bonito ver o trabalho ali realizado, embora não esteja tão integrado a ela. Sentiu este ano uma união maior na Ucharia, com uma liderança que não está se impondo, mas sim vem sendo construída é uma liderança que ele vê que está aberta a receber, a agregar, a ter esse carinho com as pessoas. Na sua opinião a parte dos congueiros perde um pouco nisso. A imposição não é legal para ninguém, o legal é se construir dentro de um grupo uma determinada liderança e dali sair o Rei, sair o Embaixador e sair os, as principais peças, pelo respeito, pela união, mais do que pela imposição.

Gostaria muito as pessoas na Congada trabalhando pelo amor na festa, não só pelo egoísmo, pelo egocentrismo que está acontecendo, que fosse entendido realmente qual é o verdadeiro sentido que é olhar pra São Benedito, olhar pra Jesus Cristo e ver o que eles mostraram para a gente e passar isso para mais pessoas e não ficar só teoria, na bíblia. A gente tem muito mais do que aquela interpretação que muitas vezes levam as pessoas a cometer coisas que você nem imagina. Apesar de lá não estar dito que você tem que julgar, as pessoas julgam dentro da bíblia, acham que ali tem um certo julgamento, e não é. Na verdade, é o contrário, diz que você não deve julgar ninguém. É só um ensinamento e as pessoas tem que aprender.

A Congada para ele é devoção, a religiosidade, e o sentido da festa é São Benedito. Se São Benedito está lá para gente louvar e fazer a devoção, né. E quem louva a São Benedito é porque está lá para os ensinamentos e mensagem que ele deixou.

O mundo está vivendo uma transição, de um mundo no qual não havia muita informação para um mundo que tem informação o tempo todo na cabeça das pessoas, e isso afeta principalmente a sua geração, dos anos 80, 90, que é uma transição do mundo, da não-informatização para um mundo informatizado. E às vezes a sua geração até está muito perdida com relação a como lidar com situações, sobre o que a gente tem que trazer do passado para o presente. Ele vê que a Congada tem que aprender a mostrar um pouco disso para o mundo, mas sem perder sua essência e este é o grande desafio da Congada hoje.

Sobre não ter havido Congada Mirim este ano, motivada segundo dizem pela ausência de crianças, diz ser necessário saber qual o objetivo da a Mirim e que isso o confunde um pouco porque não sabe até onde a Congada vai ser devoção e até onde vai ser folclore ou onde isso vai se fundir. Existem muitas pessoas que vem de fora, que gostam da Congada e estão incorporando a Congada; mesmo elas não tendo uma certa ligação com a igreja católica, elas estão lá participando, são ativas e não dá para chegar em alguém que vem de fora e dizer que ela não vai participar pois você não é católico, pois a pessoa está com sentimento de ajudar. Acredita ser necessário dialogar, mostrar o que é a verdadeiramente a festa, mas isso só pode ser feito se houver um sentimento puro de amor por aquela pessoa que está ali. Não vai ser expulsando-as que se chegará à solução do problema, ao contrário, a festa irá minando porque as pessoas em vez de agregar, as pessoas vão querer fugir da festa. Só agregando as pessoas poderão conhecer a festa, vão ter informações sobre ela e este é, em sua opinião, o grande desafio da Congada atualmente. Não se pode perder as características, mas é necessário saber como lidar com essa nova geração.

Na sua opinião é necessário se fazer inicialmente um trabalho folclórico na Congada Mirim. Ele entende que este foi o caminho trilhado por ele que também foi um pouco pelo lado folclórico e depois foi aprendendo a religião, a religiar, junto com os congueiro. Sugere que a Congada deve ir para as escolas, com congueiros fardados, explicando o que é, algo que eles possam fazer em conjunto, chegando a um consenso sobre o que é interessante ser feito ali, e não simplesmente um ou outro tomar a decisão e tentar impô-la, mesmo sob o discurso que a decisão caberá ao grupo, mas já influenciando a forma com que os outros vão trabalhar. Tal decisão exige amor e um certo senso crítico também, mas acima de tudo a gente tem que respeitar todas as características, de todas as pessoas, não só é o que a gente pensa.

Discurso VIII

Para ela o que define a Congada é devoção e emoção. A Congada para ela é um tipo de entrega, de devoção, de amor à São Benedito. Quando criança ia à Congada com sua avó, mas depois não costumava ver a Congada. Com a gravidez de seu filho, ao ver a imagem de São Benedito, ficou emocionada e prometeu que se nascesse um menino ele seria congueiro, a partir daí a Congada é uma devoção, uma entrega para São Benedito e para Deus. Ela se sente realizada e emocionada a cada vez que vê seu filho na Congada.

Ela não vê a Congada como cultura, mas sim como religião, ainda que para muitas pessoas a Congada é só uma festa folclórica. Em sua opinião, a Congada não é uma dança para se exhibir, não é um teatro, é uma homenagem à São Benedito.

Sente que seu filho tem um sentimento verdadeiro pela Congada e que isso é dele, não teve nenhuma influência externa. Sente muito orgulho de seu filho e guarda suas roupas de congueiro, desde que ele era pequenino.

Ela é devota do santo e é católica e para ela São Benedito é um santo milagroso que cuida dela e de seu filho e eles vão ser devotos até o final de suas vidas. Para ela, é por São Benedito que as pessoas estão na Congada e esta existe. Em sua opinião, seu filho já nasceu congueiro, porque não se faz congueiro, congueiro nasce! Cre que seu filho nasceu congueiro porque desde pequenino ela o via entregue a uma dança que ele não sabia o que era e até hoje, aos 14 anos, ele continua com a mesma vontade de se dedicar, a dançar, a rezar.

Discurso IX

A Congada para ele é mais do que dançar, estar ali no dia da festa, já que a Congada acontece o ano todo para ele. O que mais o motiva realmente a dançar é sua devoção à São Benedito.

Quando ele era pequeno, ele não entendia direito, ele gostava por gostar. Conforme foi crescendo e frequentando os ensaios ele foi entendendo melhor e foi se apaixonando pela Congada cada vez mais e é isso que o motiva a estar lá todo ano; ele não quer estar lá para aparecer e há várias pessoas que estão ali pelo mesmo motivo, pela mesma causa que ele.

Iniciou sua participação na Congada devido a uma promessa de sua mãe ao santo, na qual ele seria congueiro por dois anos, como ele começou a gostar, decidiu continuar por conta própria. Sempre gostou de estar lá porque é um espaço onde se sente bem, Acha que isto está no sangue de cada um e diz que seu primo pequeno é exatamente como ele: está lá, e quando ele crescer ele vai entender melhor e vai gostar mais. pequeno, ele é exatamente como eu. Tá lá, mas acho que quando ele cresce e entender melhor também, acho que ele vai gostar mais

Sabe o que é a Congada para ele, mas não saber dizer o que ela significa para os outros.

Ele espera pela Congada o ano todo, é o momento mais aguardado por ele e quando chega, passa muito rápido. Diz não estar lá porque sua mãe o mandou ir ou para aparecer, ou como alguns colegas seus que diziam que iam só para comer na Ucharia. Ele participa da Congada porque quer estar lá, porque se sente bem nesse ambiente e a cada anos gosta mais e mais. Acha que a Congada é uma coisa que ele vai levar para sua vida inteira e nunca vai querer parar, nem mesmo quando não tiver mais condições físicas para participar, momento a partir do qual irá pelo menos para ver.

Sobre o aprendizado na Congada diz que inicialmente sua mãe o levava (com 1, 2 anos de idade) e ele não entendia bem porque ele não deve lembrar de muita coisa. A partir dos 3, 4 anos ele começou a entender mais, sua mãe foi lhe explicando porque acontecia a Congada e ele começou a frequentar a Congada Mirim, nos ensaios da qual um de seus primos, responsável pelo ensaio, lhe explicou melhor. Vários de seus primos participam da Congada e também lhe explicaram. Com o por ele aprendizado desta maneira, sobre seus significados e sobre o que representava a Congada, o porque eles fazem a Congada e quem ela homenageia, começou a gostar mais dela. Também fez perguntas sobre quem era São Benedito, o que ele fez e tal e se apaixonou pela história de vida dele e começou a querer dar continuidade a esta tradição deles.

Discurso X

Sempre se deslumbrou com a Congada e há nela uma energia diferente. Ao mesmo tempo que é ligada à devoção, é também uma grande peça teatral e o bacana é que não se precisa ser artista para participar, as pessoas fazem com o coração. Há congueiros que dão embaixadas, que são poesias, textos rimados que eles apresentam em louvor a São Benedito; ainda que por vezes sejam homens calados, comedidos, na hora da Congada se ele tiver que dar um discurso, ele o faz com coração e sentimento. Congada é algo divino, sagrado e com muita fé

A Congada vive por causa da fé dos congueiros, por causa da procissão, da imagem do santo, a atuação da igreja e o envolvimento dos caiçaras. Trata-se de um evento que envolve dança, canto, emoção, devoção e promessas ao santo e de agradecimento por graças alcançadas, que perdura a mais de 200 anos. Acredita que cada caiçara, cada pessoa “da antiga” como sua mãe tiveram a mesma impressão. Naturalmente que a Congada no passado (80, 60 anos atrás) talvez tenha sido mais simples, os congueiros dançavam descalços, com uma roupa mais simples, com menos glamour, mas com certeza não havia menos envolvimento ou fervor,

Ilhabela não consegue se enxergar sem a Congada, mas se as pessoas não forem cuidadosas a Congada pode acabar

A cada ano as pessoas tem um cuidado e envolvimento maiores. Como todo elo cultural depende do envolvimento das pessoas em algum momento isso fica um pouco frágil pois há baixas de pessoas (às vezes por morte, ou porque as pessoas foram embora). Entretanto, isso também acaba estimulando e fortalecendo as pessoas, pois ela pegam com muita garra e a coisa vai se perpetuando

Começou a dançar a Congada aos 37 anos de idade, mas só começou a dançar a Congada porque realmente tinha um elo com ela. Seu nome lhe foi dado em promessa para o santo. Sua mãe tinha guardada a espada com a qual seu avô, um congueiro do passado, dançava. Não se sabe a origem desta espada, mas ela tem o brasão da família real, e é com essa espada que ele dança. Quando sua mãe contou essa história sobre a espada, que estava guardada a 30 anos porque ninguém da família quis dançar ou pegou afinidade pela Congada, como ele sempre acompanhou a Congada de perto e se emocionava com ela, pediu permissão para sua mãe para usá-la. Pediu permissão para os líderes da Congada e estes se disseram honrados com sua participação. Um de seus filhos já participava e ele que já ia acompanhar seu filho na Congada, começou a dançar junto com ele.

Há a Ucharia, onde está a comida ofertada ao rei. Na sua opinião seria complicado haver Congada e não ter a Ucharia. Na Ucharia também se serve os moradores e quem quer que esteja no município. A comida sempre rende e isso é algo inexplicável

Quando há o falecimento de pessoas que participam ativamente da organização da Ucharia como aconteceu em 2016 às vésperas da Congada, ou de grandes congueiros marcantes na história de Ilhabela, isso fragiliza as pessoas, mas também impulsiona as pessoas, já que as pessoas se envolveram mais e foram guerreiras

A Congada é algo que agrega as famílias e mantem a tradição de longa data, sendo talvez a festa que reúne o maior número de caiçaras nativos. Os caiçaras são a grande minoria da população atualmente em Ilhabela, sendo o restante composto por migrantes e imigrantes. No momento da Congada, os caiçaras que foram para Santos ou outros lugares retornam para a Congada. A Congada é misteriosa, tem contos, mas só se consegue visualizar uma parte pequenina de seu significado, já que ela esconde fatos inexplicáveis. É muito complicado entender isso pois muitas situações e depoimentos ficaram com pessoas que já faleceram

Pela primeira vez um negro, e também congueiro, ocupa o cargo de Secretário de Cultura. O secretario tem um envolvimento direto com a Congada, porque trata-se da manutenção, do apoio a essa cultura. Diz ter se sentido bastante tranquilo porque os

congueiros o aceitaram com muito respeito e ele conseguiu participar da opinião de todos, inclusive do grupo de whatsapp, onde se discute tudo o que é de interesse da Congada. A congada através de sua organização, a Associação dos Congueiros, não permite nenhuma influência política na Congada, já que eles não gostam de associar a Congada à política. A Prefeitura, Secretaria de Cultura e Fundaci ajudam, mas não decidem nada sobre a Congada, quem decide são os congueiros.

A Congada é um mistério e tem nela coisas enigmáticas, assim como sentimentos e acontecimentos inexplicáveis. É também um ato de fé e devoção, e não apenas uma dança ou teatro, que acredita que vai ser muito difícil acabar.

Há família que cuida do mastro que é colocado na sexta-feira. Esta família fica responsável por 7, 10anos. A guarda e decoração do mastro é responsabilidade da família e provavelmente se deve a alguma promessa.

Não se considera o dono da verdade e acredita que as pessoas em situações diferentes podem ver a Congada de maneira diferente, mas isso não muda a sua essência.

A Congada vai se explicando por si própria. As pessoas demoram para entender seus personagens e o confronto entre eles, que tem uma explicação simples. O diálogo não é microfonado e nunca foi gravado na íntegra, para alguém ficar estudando e entendendo, ou decorando a fala. Não sabe se há um registro, mas considera que fazê-lo seria simples, caso alguém queira fazê-lo.

O fato de não se entender a Congada é o que desperta a curiosidade. A pessoa presta atenção e como a audição não é nítida fica sempre um mistério. As espadas também são um mistério, pois não se sabe com elas chegaram na Ilha. O finado José de Alício e talvez Dito de Rosa, assim como tantos outros possuem esta espada.

Apesar de tudo cair no descrédito e as pessoas acabarem não incentivando, isso nunca aconteceu com a Congada. Não há como mensurar quantas pessoas comerão na Ucharia a não ser que se estabelecesse anteriormente o número de pessoas que ali comeriam. Não se estabelece nada e todo mundo sai satisfeito e as doações nunca terminam, assim como a Congada não perde sua credibilidade. Qualquer coisa é hoje passível de dúvida, mas a Congada não; talvez isso se dê por causa do envolvimento da igreja, ainda que as ações da igreja possam resultar em um ou outro fator negativo.

Há coisas sobre as quais é complicado falar, porque não é algo sobre o qual se possa ter domínio. Fala de mistérios porque há alguns fatos na Congada que acontecem e se repetem e que não é possível entender. Não se trata de milagre, benção fé ou religiosidade, se trata de coisas misteriosas, que acontecem na cabeça de um monte de gente. Ele diz acreditar que quando você acha que já entendeu tudo, que não há mais nada para acrescentar, você pode chegar a conclusão de que você poderia ter parado antes, deixado de se envolver. Na Congada a pessoa vai ficando por devoção, um sentimento que talvez nem todo mundo possa explicar.

Considera complicado citar nomes de pessoas e atribuir-lhes importância, pois a Congada é muito antiga e isso lhe parece supérfluo diante de toda a história e tradição. Não ousa citar de pessoas exceto daquelas que ali realmente são: José de Alício, Dito de Pilaca e Dito de Rosa.

Por promessa um de seus filhos tem o nome de Benedito, assim como aconteceu com ele, devido a uma doença. Ele não gostava de se chamar assim porque foi aprendendo que não era um nome muito social, comercial, por isso colocou nomes de origem inglesa/americana em seus filhos.

Antigamente havia muitos Beneditos na ilha, principalmente na geração de sua mãe. Acredita que isso seja mais um mistério.

Não acha possível explicar resumidamente o que é a Congada. É algo misterioso, com uma grande energia que aquele que assiste não consegue explicar. Os padres, por às vezes virem de outros lugares, quando vêm a Congada pela primeira vez, eles certamente vêm

uma coisa bem diferente do que já viram. A Congada de São Benedito não se apresenta para espetáculos, acontecendo apenas em homenagem e devoção ao santo, em uma semana determinada.

Discurso XI

Conta que a Congada vem de seus antepassados e que é tudo para ela. Seu bisavô, que foi escravizado e morava na Ponta das Canas ajudou Seo Paulino desde o início. Antigamente eram só negros que participavam, assim como a Rainha também tinha que ser negra, mas atualmente brancos também fazem parte da festa. A festa toda era toda organizada pelo povo e os alimentos e materiais utilizados na festa eram trazidos e doados pelos participantes. Os animais cuja carne era doada para a festa eram criados em casa. Havia os festeiros que eram responsáveis pela organização das refeições para todos. Não havia pedidos de doação em comércios e nem ajuda da Secretaria da Cultura neste aspecto, como ocorre atualmente. A Ucharia era na casa de seo Barbosa, cedida para a Congada. Onde é atualmente o Yatch Club também se realizava a Ucharia. Se refere a alguns problemas que acabam por prejudicar a festa. Diz que as pessoas só querem pedir, pedir, mas que o povo congueiro é que deveria se organizar e fazer a festa novamente. Com a morte de seo Paulino a Congada parou por alguns anos. Com o trabalho de uma pesquisadora que escreveu um livro sobre a Congada e procurou herdeiros de Paulino em Santos, a Congada retornou, com disputa entre irmãos pela coroa.

Relata que desde seu nascimento faz parte da Ucharia e toda sua família sempre esteve envolvida com a organização da festa. Relata práticas que sua tia fazia para que as galinhas e patas chocassem mais ovos para a festa de São Benedito.

A festa se realizava em três dias e atualmente são dois dias apenas. Ela fala também sobre a integração de um de seus irmãos à festa e de como eram confeccionadas as suas roupas e se deu sua ascensão dentro do grupo, até vir a ser rei da Congada assim como de como seus filhos e netos foram seguindo seu exemplo. Todas as suas filhas e netas, e algumas sobrinhas também foram Rainha. Há receio de sua parte de que um de seus netos não continue na Congada, porque este não tem tanto interesse, mas relata que um de seus genros, Baepi, pediu para entrar na Congada por ser negro, cujo filho já está na Congada. Afirma que ao ver seu neto, filho de Baepi, vestido de congo se recordou de seu tio.

Ela deseja que a Congada continue, mas crê que esta vai morrer, pois apenas algumas famílias estão se esforçando por sua manutenção, mas que depois que estes deixarem, a Congada vai morrer, pois os pais não estão mais interessados. A Congada mirim que era para ter, não teve porque os pais não levaram seus filhos. Antigamente não havia Congada mirim e as crianças participavam saindo atrás da fila da Congada (quem não sabe vai atrás porque ali não tem perigo). E era desta fila que o rei ia chamando aqueles que já estavam se formando, para o congo de cima. Antigamente havia mais de 100 pessoas dançando, mas hoje com a mudança de religião por parte de alguns congueiros este número já diminuiu, assim como a morte dos mais antigos, cujos filhos não seguiram a tradição. Ela relata que alguns que trocaram de religião acabam por retornar para a Congada.

Pediu que suas filhas continuassem em seu lugar, mas sentiu desinteresse por parte de uma delas. Suas netas e sobrinhas e neto também lhe parecem estar se afastando da congada. O mesmo, segundo ela, aconteceu com a líder da ucharia. Sente dó de que uma coisa que vem de família, desde seu bisavô esteja acabando. Segundo relata, a Rainha antigamente tinha que ter até 12 anos no máximo e esta tinha que ter participação na Congada, sua família tinha que fazer parte desta, mas que agora pessoas que vem de outros locais querem que suas filhas

sejam rainhas, mas não tem nenhuma participação na Congada, nem sabem nada sobre a mesma.

Fala também sobre o cansaço e de como antigamente as pessoas não reclamavam disso e hoje se queixam bastante. São Benedito não deixava as pessoas ficarem cansadas. Ela exemplifica esta questão falando sobre sua tia e tios.

Repete por várias vezes que a Congada é uma festa religiosa e não cultural, apesar do que é dito pela Secretaria de Cultura, pois esta é uma festa de mais de 200 anos, desde o tempo da escravidão, de um tempo que não existia a Secretaria de Cultura, e questiona o que a Secretaria de Cultura iria fazer caso as famílias que estão cuidando da Congada deixassem de fazê-lo. Do início da festa até os dias atuais ocorreram várias mudanças no período que se realiza a festa. Fala que se algumas pessoas integrantes da Congada de antigamente estivessem vivas a Secretaria de Cultura não se intrometeria.

Vinha gente de todo lado da ilha para a festa. Cada um tinha que trazer um pouco de lenha e alimentos e café. Havia uma organização e separação de alimentos especialmente para a festa. Havia também a ajuda de pessoas que não dançavam a congada

Falta muita coisa atualmente na Congada, apesar do esforço de uma pesquisadora para registrar tudo. Esta pesquisadora escreveu um livro, pois antes não tinha nada escrito e os participantes falavam africano. A pesquisadora começou a ensinar e a traduzir a Congada.

Outra mudança citada por ela é que os pais agora esperam que a Secretaria de Cultura doe as roupas e não querem mais se responsabilizar por ela.

Ela diz que não gosta de se lembrar da festa porque se sente mal, principalmente por sua gente, em ver a festa acabando e as mudanças que vem acontecendo. Ela se vê na festa algumas mudanças, como a presença de bebidas alcoólicas, que a incomodam muito. Relata também como se dava o trabalho das mulheres na Ucharia.

Ela também relata como era a folia de São Benedito, que anunciava a chegada do período da Congada. A bandeira de São Benedito percorria toda a ilha, arrecadando alimentos e doações. Se iniciava logo após o carnaval e se encerrava no domingo anterior ao início da festa. Havia também a alvorada que era cantada na vila durante a Congada. Com a morte de seus tocadores, a folia foi se acabando mesmo tendo havido a tentativa de se contratar novos tocadores. Diz que toda a população participava da folia e as casas estavam sempre abertas para recebe-los. Tocavam na folia dois violeiros, um versista, um violino e tambor. Uma mulher seguia na frente, portando a bandeira e as pessoas seguiam atrás em procissão. Como não haviam crentes na época citada por ela, a bandeira podia chegar em qualquer casa que não havia problema.

As pessoas hoje se preocupam mais em ir comer na Ucharia do que em se preocupar com a participação de seus filhos nos bailes ou ir à Igreja. Associa a Congada a religião católica.

Ela me diz para escolher o que eu achar que deve ser escrito de sua fala.

Discurso XII

A Congada é uma forma de continuar a cultura de Ilhabela. Tem motivos folclóricos, mas seu maior motivo é religioso (religião católica). Sua família toda está inserida na Congada e tem muitas pessoas que acabam encontrando só durante a festa, que tem uma forma que deixa o caçara bem à vontade. É uma festa de grande emoção, de gente forte, na qual é preciso ter muita fé, força e equilíbrio emocional. Ele participa da Congada a 42 anos.

Tem uma filha que desde criança está na Congada e que foi Rainha, única vaga na dança para a mulher, que é para ser Rainha. Para conseguir ser Rainha, o pai tem que ser um

bom congueiro, ter caráter, ser uma pessoa boa. Se isto não acontece, o filho da pessoa não vai para a Congada, não consegue ser Rainha. Por isso tem que se ser muito próximo do perfeito.

Sua filha participa da Ucharia, onde é preparada a comida servida a quem vai dançar, participar ou assistir

Congada é o envolvimento de muita gente. Não sabe como conseguem se organizar de maneira que a festa aconteça pois são várias pessoas fazendo coisas distintas: as apresentações, o levantamento do mastro, o bolo e a consertada, a missa que é responsabilidade da igreja, a Ucharia, os congueiros, as pessoas que enfeitam a igreja etc. Não sabe dizer até hoje todos os que participam do processo. Na sua opinião tudo começa na hora em que termina, e aí pedem fé, força para continuarem no outro ano, para que todo mundo venha e se reencontre.

Considera importante a Congada Mirim devido aos altos e baixos da Congada adulta: tem ano que tem bastante gente, tem ano que tem pouca. Teve um ano que foram bastante crianças e as pessoas diziam que a Congada estava acabando. Ao olhar as crianças, disse que a Congada não estava acabando, ela está recomeçando. Os que já participaram da Congada Mirim agora fazem parte da Congada adulta e ele vê que a Congada está continuando.

Conheceu vários reis, príncipe e embaixador, vários caciques (que muda praticamente todo ano e pertence ao Mirim). Há um fluxo de congueiros que deixaram a Congada para participar de outras religiões que agora estão voltando, assim como há os que são convidados a voltar. Também estão chegando novas pessoas de outros estados, outras cidades. Basta chegar com vontade e comentar “quero” que a gente recebe.

Há várias pessoas querendo registrar a Congada.

Congada é emoção e devoção. Ele é devoto do santo e isso é o que importa. Para ele, a Congada não é uma questão de promessa e acredita que nem para seus irmãos; é mais porque a família está ali dentro e onde está a família está bom, pois um fica com o outro. Seu pai é o único que não participa.

Ficou alguns anos sem dançar, por motivo de doença. Mesmo assim estava com São Benedito e se sentia forte. Quem está em uma religião e faz tudo certo na vida, se sente forte para continuar num caso de doença. E isso se dá também em questões de trabalho, de vida, de doenças. Foi marinheiro e velejava muito e sempre se sentiu acompanhado de uma força maior.

A colaboração dos comerciantes e arrecadações, há entre os congueiros alguns dando mais importância para a Congada, outros menos e que buscam tudo pronto. Vão só para dançar e não procura saber o que está acontecendo, o que sobrecarrega algumas poucas pessoas que, por orgulho, não deixam a prefeitura fazer um pouco mais. Acredita que por isso mais pessoas não se engajam, por terem o pensamento diferente. A sua visão é diferente e pensa que a Cultura poderia ser mais bem vinda, e que a prefeitura tem mais condições podendo possibilitar que a Congada talvez ficasse melhor. Na sua opinião com dinheiro fica tudo melhor e mais bonito. Mas considera que a Congada está bonita e essa resistência é uma forma de mostrar que a Congada “somos nós”.

Sobre o público e segurança diz que a Congada não é um show, as pessoas estão ali pela religião, para ver um baile, para ver cultura. A polícia, a prefeitura ajudam, mas a Congada tem os “nós que mandamos aqui” e ele acha que tem que ter uma melhor política aí, tem que ir conversando por causa da segurança também do pessoal.

A Congada tem três bailes, que tratam da mesma questão de forma diferente. O terceiro baile é o momento maior da Congada para ele, e ocorre antes da procissão. Muitos congueiros não ficam para a missa final, que acontece após a procissão, pois estão cansados, já assistiram à missa pela manhã, dança de sábado, dança de domingo, procissão, está com familiares que estão cansados e esperando. É muito cansativo.

Discurso XIII

Diz que vai falar bem pouco sobre a Congada, porque apesar da Ucharia e Congada fazerem parte da mesma tradição cultural, ela sabe pouco sobre ela. A Congada sempre lhe esteve muito próxima à Ucharia por causa de suas tias, mas quase nunca vê nada da Congada por estar trabalhando na Ucharia. Acha que a Congada é uma festa cultural e tradicional e que seu olhar sobre tradição e devoção vai mudando com o passar do tempo, porque em sua opinião as duas tem que caminhar juntas.

Não lhe parece manter estas duas coisas tão unidas porque hoje em dia há tantos adeptos que não são da Ilhabela participando, as famílias se misturaram muito. A sua família tem isso como tradição pois foi com Eva, Neco e seu bisavô, um dos primeiros rei congo que foram passando para a família. Apesar disso, atualmente sua família tem poucos participantes na dança, pois a pessoa não tem mais esse querer de devoção. Em sua opinião as pessoas devem participar porque são devotas e querem estar lá e não porque seu avô ou bisavô estava. Em sua opinião há muitos caiçaras, mas já há filhos de outras pessoas vindas de outros estados. Na sua opinião São Benedito não é de Ilhabela, ele é do mundo e lhe parece bom que pessoas vindas de outros lugares possam continuar com sua fé.

Vê que a Congada mirim tem um importante papel na formação de novos congueiros e que a tradição tem que estar envolvida com a devoção. Diz que tem sobrinhos de todas as idades e tamanhos, mas infelizmente sua família não tem conseguido traze-los de maneira efetiva para a Congada, mas que não se pode obriga-los a estar lá se isto não está em seus corações, em nome de uma tradição, aí entraria a devoção. Além disso a família é toda de mulheres e seus maridos não da ilha, e ela acredita que isso dificulta a continuidade pois as crianças não têm o exemplo em família, com seus pais. Teria que haver a devoção, já que não há mais a tradição.

Na Ucharia estão sua bisavó, tias avos, e a última filha de Eva que fica na cozinha. Ainda que ela não esteja trabalhando sua presença palpitando é muito importante, porque são experiências que vão sendo passadas, adquiridas por elas ao longo da vida. Então as mulheres de sua família envolvidas com as coisas de São benedito estão ali por tradição e devoção. Devido a convivência e experiência, não há muitos segredos para ela.

Suas filhas não estão mais na Ucharia porque trabalham ou estudam fora. Fala que ter visto sua mãe e suas tias atuando na Ucharia torna tudo mais fácil. Todos sabem que no terceiro final de semana de maio estarão na festa e não em suas casas.

Por motivos de doença a filha de sua tia, antiga responsável pela Ucharia não pode continuar, como era a vontade de sua mãe, por isso é ela quem está na liderança atualmente segundo ela coordenar uma festa grandiosa como essa só é possível com união, mandando junto, delegando funções. A equipe que está lá é boa e há muita gente boa chegando. Vê o trabalho durante os três dias como o encerramento de um processo, que se inicia com reuniões e a coleta dos alimentos e acredita que estarem prontos para começar a trabalhar no dia da Ucharia significa que já deu certo, pois os alimentos, voluntários etc. já estão todos ali; existe um povo que trabalhou antes para que algumas outras pessoas venham para trabalhar durante e depois que se refere ao entregar o ambiente fez a festa, do jeito que o encontraram. Considera a Ucharia o coração da festa.

Sobre as pessoas que vão para a festa e não a compreendem, ela diz que quem tem mais informação deve ensinar quem não sabe, porque há muitas pessoas de fora da Ilha e a religiosidade mudou bastante e algumas pessoas não cultuam essa cultura e nem veem deus da

maneira como os integrantes da festa o veem. Isso tanto afastou como trouxe novas pessoas. Diz que atualmente não é mais só o boca a boca dos antigos para os mais novos, mas também os meio de informação que podem auxiliá-los a explicar sobre a Congada e a Ucharia e a unidade dos espaços. Rei luta muito pela integração dos espaços. Em sua opinião a maioria das pessoas se não sabem querem aprender e às vezes estão ali só para comer a comida do santo porque acreditam que ela é abençoada. Considera uma bênção conseguirem angariar tantos alimentos. Vê as pessoas estando onde tem que estar e novas pessoas se agregando ao grupo e se sente realizada quando vê comida pronta e as pessoas sendo servidas.

Percebe mudanças nas quantidades doadas mas diz que isso se deve à crise econômica. Se antes havia a tradição de tudo ser doado, atualmente com as mudanças ocorridas nas áreas construídas e também a venda de propriedades dos caiçaras as doações por parte das famílias participantes perderam um pouco de sua força, não porque elas não querem mais doar. Para ela não interessa a quantidade doada, mas sim que foi doado o que se podia doar. Não vê problemas que o número de pessoas para o almoço aumente se há pessoas dispostas a doar a comida e também dispostas a prepará-la. Diz que o trabalho de coletar alimentos, assim como o de prepará-lo é todo voluntário e que não há uma obrigatoriedade de se cumprir horários, cada um ajuda o quanto pode ou quer e sempre aparece muita gente querendo ajudar na cozinha, seja picando alimentos ou lavando a louça, por exemplo. Como o grupo já tem uma organiza~]ao, aos novos é só copiar.

Para ela a chegada de novas pessoas ajuda porque há perdas de pessoas ao longo do caminho, ou por morte ou porque não podem mais estar presentes. Ainda que para ela as pessoas sejam insubstituíveis, a execução de seu trabalho não o é desde que quem chega tenham boa vontade de aprender como se faz. Considera muito importante as mulheres mais velhas estarem presentes na Ucharia, mesmo que não possam trabalhar como antes ou ficar o tempo todo, a sua presença é fundamental como referências naquele espaço e para que outros possam aprender com elas que já estão ali há tanto tempo. Ela gostaria de ter mais pessoas envolvidas, mas ao mesmo tempo tem receio de se perdem no meio disso tudo, assim tem tentado trazer membros das famílias mais antigas para ajudar na festa de maneira a recuperar a tradição e a devoção. Para ela esse é um trabalho de formiguinha, para que as pessoas entendam a importância dos mais antigos verem seus filhos transitando pela Ucharia. Para ela as mulheres mais idosas não fazem muita diferença na execução e quantidade do trabalho, mas fazem uma diferença danada elas estarem ali, sabendo que são importantes para a festa e isso tem que ser trabalhado com os mais jovens. É uma forma também dos mais jovens compreenderem o significado da festa para os mais velhos. Fala também da importância do trabalho voluntário para a realização da festa e que considera esse trabalho o melhor da festa. A Ucharia é um ponto de reencontro e é possível ver a vitalidade e felicidade das pessoas que trabalham ali; é hereditário, vai passando de mãe para filha.

Para ela não se faz uma festa deste porte sem que haja muitas pessoas trabalhando e entendendo a importância da festa e entendendo que a festa é o mais importante do que o indivíduo. Estando as coisas bem encaminhadas, vão sentir falta da pessoa, mas o trabalho continua sendo realizado.

Isto demonstra, em sua opinião, a importância daquele que sabe passar o que sabe, é preciso passar o que você sabe, o que você aprendeu, como fazer, onde fazer, com quem.

Para ela a qualidade do trabalho refere-se a fazê-lo de forma decente, com carinho, com amor, chamando pessoas pra você, fazendo decente, legal, sem machucar ninguém, sem prejudicar ninguém, atingindo o seu bem maior, da maneira correta. Qualidade é você respeitar quem está à tua volta, as pessoas que estão ali são voluntários, cada um dentro da sua função, respeitar quem de repente não quer ir largar as panelas porque está com aquela coisa assim muito antigo de que só eu sei fazer, mas é porque ela esteve fazendo durante muito tempo. Você tem que ser respeitado! sim! E aos pouquinhos, sem que você perceba, quando

ela percebe que ela já não está fazendo tanto, ela mesma vai passando para as outras pessoas. É só estar próximo que você vê a pessoa passando a função; elas são as pessoas mais antigas tem que se respeitar a opinião delas, até porque o que seria da festa hoje se não fossem elas? E o que será daqui um pouco da festa adiante se não forem as pessoas que estão ali agora?

Vê que comandar junto com um grupo tão grande de pessoas é uma coisa grandiosa e que envolve a grande responsabilidade de passar isso para as pessoas. Diz que gostaria que suas filhas estivessem mais envolvidas, mas pelo trabalho entre outras coisas, isso não é possível. Às vezes as pessoas não podem estar na festa por motivos que independem de sua vontade, mas o que ela fazia tem que ser feito e por isso é importante que tenha alguém atento para aprender e quem tem o que ensinar, que tenha tido a grandiosidade de passar isso para alguém.

Conta que foi preparada por uma pessoa com esse forte espírito de união e de busca para trazer novas pessoas. Diz que as pessoas tinham a ideia de que Ucharia era o clube da Luluzinha e que ninguém de fora podia participar, porque se falava muito de tradição. Com o passar do tempo isso foi mudando e as pessoas foram vendo que a ajuda de qualquer um é aceita, mas ainda há pessoas que tem uma ideia mais fechada sobre isso e acham que não deve ser assim. Para ela, a única maneira da festa não ser trabalhosa para ninguém é com grande ajuda.

Para ela o que importa é as pessoas comerem bem, a festa ser bacana, não faltar nada para as cozinheiras que estão ali. É preciso inovar a cozinha de São Benedito com pessoas novas, grandes ideias para não ficar na mesmice; ela vê a necessidade da Ucharia se adaptar ao momento atual, porque a festa está muito maior do que já foi em outros tempos. As refeições já foram oferecidas na Colônia dos Pescadores, no salão Sport Club, no salão paroquial. A festa cresceu e é necessário se tentar entender, aprender e buscar informações e novos recursos. A festa é dinâmica.

A sua preocupação é essa: que a Congada lá os meninos dançando, os congueiros, pessoal assistindo, e quando eles subam esteja tudo a contento, a comida dando para todos e que as pessoas saiam satisfeitas. Os erros existem, as críticas também mas é importante que quem critica tenha cuidado ao fazê-lo de maneira construtiva e não destrutiva pois uma palavra, se faltar equilíbrio a quem ouve, pode desmotivar, seja qual for a profissão.

Discurso XIV

Diz não saber explicar o que é a Congada. Segundo ela foi seu pai quem começou e seus filhos seguiram e que ela é a última filha. A Congada é devoção e todo o ano se deve trabalhar para a Congada e lutar, trabalhar em casa. As pessoas pedem para poder fazer uma boa festa e agradecer o povo. Seu pai, filho de português, contava que o pai dele quis ensinar a Congada para seu filho e este reuniu a família e perguntou se sua mulher concordava. Segundo ela, aqui na ilha seu avô não fez nada, mas deixou seu pai encarregado. Sua mãe teve 26 filhos que levava para a festa. Seu pai chamou alguns amigos para participar da festa e após ter sido decidido quem seria o embaixador, começaram a organizar o grupo para formar a Congada. Relata também que foi difícil a aceitação por parte dos frades do bairro do São Francisco em São Sebastião. Após a escolha da data para a festa, começaram os ensaios na Armação, Siriúba e Pereque, assim distribuído devido ao local de moradia dos participantes. Faz menção a seu Pedro embaixador e como as pessoas se admiravam de sua representação.

Após essa organização começaram a pensar em como acomodar e alimentar as pessoas que viriam para a festa, visto que todos eram pobres e resolveram realizar a folia de São Benedito. Dividiram-se em dois grupos: turma do sul e turma da armação e cada grupo saía

com a bandeira em volta da ilha. Eles cantavam a folia, as pessoas faziam um pedido e já havia um dia marcado para trazer todas as prendas, por isso sua mãe ia para a Vila cerca de uma semana antes da festa se iniciar para receber as doações: galinhas, mandioca, farinha, peixe salgado, lenha, tudo o que eles podiam arrumar. E nunca faltou comida. Era tudo trazido de canoa. A casa destinada a abrigar as pessoas que vinham de outros pontos da ilha era grande e como naquele tempo não existia colchão eram feitas esteiras para as pessoas dormirem. Essa casa abrigava a todos. Conta que houve padres que tentaram mudar o jeito de ser da Congada pois se sentiam incomodados com a luta, mas que houve resistência por parte de seo Paulino para manter os bailes da mesma maneira.

Marta também conta sobre a maneira como as pessoas buscavam participar: fazendo pão, doando carne etc. Com a morte de seu pai, sua mãe desistiu da organização, mas voltou atrás em sua decisão após um sonho que teve no qual seu marido lhe pedia para reavivar a Congada com a ajuda de seo Pedro embaixador e indicava seu Filho Neco como seu sucessor, que ficaria sob os cuidados de seo Pedro. Relata que várias pessoas agradeceram a retomada da festa por sua mãe, mas que infelizmente houve conflitos familiares por causa da coroa.

Ela relata também sobre os festeiros e seu papel na festa. Seus irmãos e irmãs continuaram a festa mesmo após a morte de sua mãe. Diz que a chegada do turismo interferiu. Sua mãe passou os cuidados da festa para as filhas e que o povo mesmo fazia a festa, principalmente a comida. A parte da igreja era separada e cabia à sua família intermediar com o padre. Com o passar do tempo, a folia morreu. **Marta** nos conta sobre como se dava a e foi necessário buscar uma outra maneira de se arrecadar os alimentos para a festa. Foram organizados grupos de mulheres para coletar alimentos pela ilha. Cabia as mulheres a confecção das roupas dos congueiros que só podia ser usada durante a festa e que era feita na festa. A prefeitura nunca deu nada. A mudança começou com a entrada de uma pessoa na Secretaria de Cultura que dizia que deveriam receber ajuda da prefeitura sim. A ajuda foi aceita, mas era pouca porque ela não gostava de pedir, mas a ajuda do povo continuava essencial. Relata também algumas situações que demonstram a vontade das pessoas do povo ajudar, apesar de terem pouco, assim como situações onde a chegada imprevista de pessoas para almoçar mostra a cooperação. Dona **Marta** cita vários casos de preconceito para com ela e para com os participantes da festa e também sobre os vários lugares por onde passou a Ucharia, assim como a Ucharia ajudou na arrecadação de dinheiro para a construção do salão paroquial.

Falando sobre as mudanças na liderança da Congada fala de seu desagrado por não ter tido sua escolha para sua sucessora respeitada e também da maneira como se deu a transição. Diz ter sido descartada. Apesar de ter sido procurada pela sua sucessora na ucharia, foi resistente à essa aproximação. Segundo ela, a nova liderança na Congada (bailes) não é bem aceita por várias pessoas. Apesar de tudo continua indo na Ucharia e conta que várias pessoas a tem como referência para a entrega de alimentos doados e para as pessoas que trabalham no espaço.

Se queixa da postura da nova líder da Ucharia, pois considera que ela deveria estar sempre presente no espaço e ter sido apresentada como tal para todo o grupo, assim como da maneira como o alimento tem sido manuseado, em parte porque alguns itens descartados na preparação poderiam ser doados para pessoas muito pobres. A incomoda também a presença de tantas pessoas na Ucharia que “nunca vi mexê numa panela”. Sua filha deixou a Ucharia com ela, mas seu filho continua lá.

Antigamente a festa no domingo se encerrava com uma benção e na segunda-feira tinha a missa dos congos, onde os congos cantavam e se despediam. As pessoas iam assistir, mas a maioria era congo. Hoje em dia não tem mais a segunda-feira. De acordo com seu relato houveram mudanças na maneira de servir o rei, a Rainha e o embaixador, feitas pelo novo rei. Quando fala de sua sucessão pergunta se a nova líder conhece o segredo da Congada

e quando a questiono sobre isso diz que seu pai aprendeu a Congada com o pai dele também e um segredo que ninguém sabia. Ainda sobre a sucessão traz que se a sucessão tivesse sido mais dialogada não teria problema, porque o conhecimento tem que ser passado e se sua ajuda tivesse sido solicitada ela ajudaria de coração

Conta histórias familiares sobre seu pai, avô e tios.

Diz que a parte pela qual o rei é responsável são os bailes, a Ucharia não.

Me fala sobre o cuidado que devemos ter quando chegamos em um novo lugar e que eu devo corrigir se encontrar algum erro em sua fala.

Discurso XV

Explicitando um pouco de dificuldade em expressar-se diz que Congada é a tradição, a aproximação e união de todas famílias de Ilhabela, é um momento de fé, é a cultura da cidade (praticamente a única ainda viva e forte atualmente). A igreja e a união da família também têm um papel importante. É com esta união familiar que se consegue fazer uma festa para o santo homenageado e unir a cidade toda. Consegue se parar uma cidade toda para às vezes lembrar que acima de tudo existe um deus e um santo que mostrou muita simplicidade para com os pobres. Atualmente as pessoas precisam ter um pouco mais de simplicidade no coração. Pode se dizer diversas palavras de diversos modos, mas para ele a Congada é mais do que cultura, mais do que tudo, é a fé.

Ao falar sobre Congada lembra primeiramente de Deus e São Benedito e que para isso dar certo é necessário que se esteja livre espiritualmente e focado de maneira que o que eles estejam fazendo não se torne um simples ato de ir e dançar ou comer na Ucharia e depois ir embora. É aquele ato da gente poder agradecer, fazer um pedido. Ele foi prometido por uma tia a São Benedito como congueiro por toda vida, devido a um problema de saúde que teve na infância. Quando se é pequeno, se é levado pelos pais, mas quando você começa a ter noção de tudo, é uma coisa que não tem como sair. Ele não consegue imaginar-se longe da Congada. Quando ele vai rezar e olha para o santo, ele sente que São Benedito já o conhece e sabe o que ele vai pedir e de seus problemas. O santo age como um intercessor junto a Deus, e mesmo tendo muita gente para cuidar, ele sempre vai ajudar.

Congada é a família e a tradição de tudo. Antigamente as famílias plantavam e dividiam o produzido entre a família e a festa de São Benedito, e isso mostra a importância e a união da família. Atualmente não se tem essa união e infelizmente muita gente não consegue sentar junto com a família nem no almoço de domingo. A Ucharia é para os congueiros, mas se vê a população que acredita no trabalho que fazem, no teatro apresentado; é possível ver que as pessoas se emocionam e sentem verdade naquilo que os congueiros fazem. Não há palavras para descrever o sentimento, o alívio e orgulho que sente de estar participando na Congada ao ver a fé das pessoas e sua emoção, chorando. Não importa se como cozinheiro, se você está na igreja para fazer a missa de São Benedito, dançando ou até mesmo as pessoas que fazem e não aparecem tanto. Tem gente que às vezes está trabalhando e para o serviço para ver a apresentação.

A Congada é um momento no qual pode agradecer por tudo que a sua fé lhe proporcionou diante de seus pedidos que sempre foram atendidos. O mínimo a ser feito para agradecer é estar presente nestes três dias. Qualquer dificuldade (como perder a voz enquanto canta) é muito pequena para demonstrar tudo que o santo faz por eles. Para ele a Congada é principalmente fé, agradecimento, união e igreja, independente de qual seja a religião que se tenha. Em sua opinião, a pessoa que tem deus no coração é diferente no mundo, pois ela tem um pensamento de bondade. A igreja é foco de tudo. Significa você ter fé no coração e com ela, a Congada vira emoção, paixão, amor. Não poder estar presente no dia da Congada seria um dilema para ele e conta que quase passou por isso este ano. Apesar de sua pouca idade, ele se dedica muito para a festa e para o que estiver fazendo para fazer o que é necessário em relação à festa. Não tem palavras para descrever o quão grande a Congada é para ele e sua família.

Acha muito bom falar sobre a Congada, mas às vezes lhe faltam palavras. É necessário sentir para saber o que é a Congada. Fala sobre um questionamento feito a ele durante as aulas de catequese, sobre o sabor da hóstia. Sua resposta a essa questão dizia que se você está bem com deus, o sabor é o melhor; se você deve alguma coisa a Deus ela vai lhe parecer amarga e você precisa torna-la mais saborosa para a sua alma. Então, quando a alma está alegre, tudo está feliz e só depende de você. Receber a hóstia é um momento entre você e deus, se trata de

um gesto de doação e amor: A Congada é a mesma coisa, é o mínimo que o grupo pode estar fazendo para unir-se. Mesmo com as novas tecnologias e com esse novo modo de pensar da sociedade, mesmo com toda essa crise, essa falta de fé, de respeito, união, ele espera que a Congada continue.

Discurso XVI

A Congada faz parte de sua tradição, tem a ver com o lugar de onde veio, de sua família (sua avó, seu tio, seus primos) e do que ele aprendeu com ela. Ele diz que ainda não chegou um entendimento sobre o que é a Congada e que não sabe dizer se todo mundo pensa como ele sobre isso ou se tem a mesma fé. Na infância representou o cacique e atualmente é fidalgo. São Benedito para ele se inicia em torno das promessas feitas por sua avó, que deu cada um deles para o santo e isso acontece com outras famílias também. Para ele é possível saber o que a Congada significa para cada família, a força que tem o santo, pela maneira deles se expressarem. Entretanto, há os que deixam de participar (por mudarem de religião) ou só estão ali para agradar a família. Se depender dele, a Congada será passada para toda a sua família. Ele foi criado por sua avó que o influenciou assim como a toda a sua família (homens e mulheres). Ele diz já ter havido momentos nos quais questionou a própria fé, mas agora tem muita fé no santo (apesar de não estar presente na igreja) e lhe atribui muitas de suas conquistas. A Congada é uma forma dele agradecer por todas as graças por ele alcançada e pagar seus pecados. Diz dar o sangue pela Congada, assim como toda a sua família. Não gosta das pessoas que vão assistir e ficam de brincadeira. Diz que às vezes pessoas vindas de outros locais pedem que a Congada se apresente fora da ilha, mas que isso em sua opinião não tem nenhum significado para eles. De acordo com seu relato, quando criança ele ia para a Congada porque sua avó o colocou, mas conforme foi crescendo isso mudou, pois ele começou a gostar e hoje em dia faz o que pode pela Congada. Dança por ele mesmo e não mais por sua avó. Sua família briga com unhas e dentes pela Congada, para manter a tradição e diz que nunca vai deixar a Congada acabar, não quer se se perca nada mais. Faz menção a um senhor que retornou a congada e disse que o canto já não era mais o mesmo. Diz que hoje em dia há tecnologias que podem ajudar a preservar

Segundo ele a Congada de Ilhabela é diferente das outras, como ele pôde observar em uma convecção que eles foram. Foi nessa experiência que eles viram que dançar a Congada fora da ilha não tem para eles o mesmo significado que dançá-la aqui, então não tem porque levá-la para outro lugar; quem quiser que venha e assista aqui na Ilha.

Diz já ter sido chamado a atenção por seu tio, mas que nem por isso ele vai virar as costas para a festa, que acontece uma vez por ano e há uma ansiedade e é divertido. Por ele poderia acontecer mais vezes por ano.

Vê que seria muito difícil eu conseguir compreender entender o significado disso para eles, eu teria que estar em todos os episódios para começar a compreendê-los, e fala também sobre a emoção sentida durante os bailes pelos congueiros e sobre a possibilidade de seus primos mais novos virem a ser congueiro e rainha

Sempre teve seu Dito de Pilaca como rei, mas está muito feliz com a coroação de seu tio e se diz disposto a fazer qualquer outro papel na Congada com a mesma dedicação com que é fidalgo.

Enxerga em seu irmão o mesmo processo de inclusão na Congada pelo qual passou: no fim da fila da parte rosa, do mesmo jeitinho e ele sabe que vai ter um dia que ele vai subir para a parte azul. Você começa dançando no rosa esse o rei te convida você vai para a parte

azul, se não, você continua no congo de baixo. Cita um caso no qual houve o convite para subir, mas o congueiro decidiu continuar no congo de baixo.

Sua avó confecciona e guarda a roupa de todos, tendo com ela um chapéu de mais de 40 anos. Vê como um diferencial o chapéu que ela confecciona para eles, assim como os detalhes da capa. Todos os homens da família dançam com a mesma roupa quando pequenos. Em sua opinião sua avó é um exemplo de devoção e com isso ela conseguiu passar a fé dela para eles. Ele pensa em como vai ser quando ela não estiver mais aqui, se sua mãe ou namorada quem fará isso. Relata que quando ela se for, eles vão querer usar as roupas confeccionadas por ela o máximo possível e conta o processo de ser levado pela avó, ter feito a catequese e começar a frequentar a igreja e assim começa a entender o que se passa durante os bailes. Diz que vai tentar passar para seus filhos que vierem a nascer o que aprendeu com sua avó. Espera que a fé de sua família continue e se isso não acontecer, ele sabe que fez o que podia

Ele não vê como explicar a emoção que sente e brinca ao dizer que tem gente que fala que doem as pernas de quem muito pecado; segundo ele as suas pesam bastante, mas ele consegue dançar todos os bailes.

Após o término da festa, ao reencontrar com congueiros pelas ruas da cidade, sempre falam de cuidar do outro e de se reencontrarem no próximo ano. Os congueiros são muito unidos.

Conta que houve congadas que não pode participar, mas que foram situações que renovaram a sua fé no santo. Em um dos anos que esteve impossibilidade de estar presente, deu sua embaixada para o rei por telefone e sua avó lhe levou um chapéu que foi abençoado na igreja.

Diz que sua família é unida e que a Congada os une ainda mais. Sua avó tem várias imagens e santinhos de São Benedito pela casa. Sua mãe e sua tia participam da Ucharia.

Discurso XVII

Congada é uma das coisas mais lindas que já lhe aconteceu desde que percebeu que tinha algo de religião em si. A Congada lhe ensinou muita coisa e embora alguns a considerem folclore, para ele não é porque viu seu pai, seus tios, seus avós e primos dançarem. É de uma família católica na qual posteriormente parte da família foi virando evangélica. Ele via a Congada como o encontro da maioria das pessoas que se conheciam na ilha. Seu pai o levava a e seus irmãos (um deles também dança a Congada) e ele simplesmente tinha vontade de dançar, mas como ele era muito pequeno seu pai não tinha coragem de colocá-lo. Por incrível que pareça quando ele começou a dançar a Congada, seu pai já havia parado.

O crescimento do mundo evangélico tem interferido na Congada, pois esta tem a imagem do São Benedito totalmente ligada ao catolicismo e por isso muita gente saiu, Seo Dito embaixador foi um deles. Acredita que seu pai tenha sido um deles, porque sua avó se tornou evangélica, mas que seu avô deixou a Congada por causa da idade, apesar de ter se tornado evangélico

Crê que ele já era congueiro, mas não estava congueiro, pois não dançava a Congada realmente. Quando tinha entre 8 e 10 anos, com muita vontade de dançar a Congada, ele pediu a seo Dito de Rosa, na época embaixador, autorização para participar, pois para entrar na Congada naquela época, se pedia, mesmo se fosse família de congueiro ou congo de cima ou congo de baixo.

Considera que a congada é uma das coisas mais importantes que lhe aconteceu e que esta é muito importante para Ilhabela, por causa do encontro que proporciona. Congada é um encontro de amor, de turistas, de pessoas que vieram morar aqui e se torna confraternização com a Ucharia. Existem muitos congueiros que também ajudam na Ucharia, mas há uma equipe, uma família que já vem a muito tempo na ali. Tem a parte do mastro, do enfeitar o santo. A Congada é a ligação com São Benedito, seus irmãos congueiros, com sua família que assiste à Congada, com o povo que vem assistir, com todos que se reúnem em torno de um Rei bravo com as pessoas que não prestam atenção. Fala sobre o amor e dedicação de Rei e de como vai ser difícil encontrar alguém que brigue tanto quanto ele pela Congada; ainda que alguns não concordem com seu jeito de ser, considera importante para os congueiros ter entre eles um caçara bravo e que defenda a tradição como Rei defende. Rei é uma das pessoas que também serve de inspiração para qualquer congueiro, para qualquer pessoa que queira saber sobre a Congada ou ser congueiro, e que queira entender a fé no santo e o acreditar na Congada de Ilhabela.

A Congada, assim como sua esposa e o nascimento de suas filhas são as coisas mais importantes que já lhe aconteceram. Devido ao modo de vida atual, no momento da Congada, é quando se consegue se rever os amigos e também pessoas que não dançam a Congada mas vem se encontrar e ser ali. Relembrando a história, a Congada era em sua maioria composta por pescadores e na época de não poder pescar, eles se encontravam. Ele é congueiro, filho e neto de congueiro, irmão de sangue também e congueiro, primos e seus irmãos congueiro e considera que já estava na Congada antes mesmo de entrar, porque já tinha laços familiares ali. Tem certeza de que é por isso que a Congada é tão importante para ele. Congada independe de religião e está ligada a muito mais do que ser católico, embora muitos não concordem com ele.

Ele tem três filhas e gostaria que elas passassem pela oportunidade de ser a Rainha da festa de São Benedito, mas não é sua prioridade. A sua prioridade na Congada é ser congueiro, pois se ele é soldado de São Benedito, ele é congueiro e não pai de Rainha. Apesar disso gostaria de que se elas entendessem que a Congada também é importante para elas, que elas fossem Rainha, porque seria um orgulho para ele gostaria que suas três filhas fossem rainhas da Congada, desde que por vontade delas, “porque a minha vontade, é a minha vontade. Os meus sonhos eu que realizo. Não posso ...sonhar um sonho pelos meus filhos”. Uma de suas filhas já foi Rainha, tanto da mirim quanto da adulta, mas foi porque ela quis e não por um capricho dele. Ele crê que o congueiro tem que ser congueiro, não tem que querer ter posição dentro da Congada, isso acontece por hierarquia e opção de pessoas que já estão a bastante tempo com a posição de secretário, de príncipe, de embaixador e é preciso ser respeitada a opinião e vontade destas pessoas.

Sobre o ser congueiro e o estar congueiro, diz que ele já era congueiro devido ao laço familiar, mesmo antes de entrar na Congada. Desde pequeno ele já sabia que fazia parte daquele mundo da Congada, só que ele não estava congueiro. Se considera um congueiro porque ele crê que ele é um congueiro. Devido a esse laço, a essa vontade que sempre teve, quando ele começou a se entender por gente, por pessoa, ele manifestou essa vontade e conseguiu ser congueiro, pois faltava apenas ele entrar para os bailes com a autorização dos mais velhos.

Está sempre às ordens para atender um pedido de **Secretário** ou de **Rei**, pela relação de respeito que há entre eles.

Discurso XVIII

É uma manifestação religiosa (e também cultural), que já acontece a mais de 200 anos, na qual os devotos do santo se reúnem e fazem acontecer a festa, que é passada de geração para geração e que teve sua família sempre envolvida com a festa. Todos os homens de sua família, por parte de mãe são congueiros.

Sua avó faz a roupa de todos de sua família que dela participam e foi ela quem fez também seu vestido de Rainha, quando da sua participação em 2002 e 2012, como Rainha. O vestido por ela usado naqueles momentos foi usado por todas as mulheres de sua família quando coroadas. Sua avó também participava da Ucharia, local onde as devotas se reúnem para preparar os alimentos para os congueiros, devotos e suas famílias, mas atualmente apenas sua mãe e sua tia ajudam na cozinha. Considera que como Benedito foi cozinheiro e a comida que sobrava ele doava aos pobres, as mulheres da Ucharia representam seu papel. Recorda de um fato ocorrido na Ucharia em um ano em que houveram poucas doações, que apresenta como um milagre de São Benedito, pois ao final a comida deu para todo mundo e até sobrou.

Para ser Rainha é necessário ser membro de família de congueiros. A coroa utilizada pela Rainha é sempre a mesma. Foi Rainha da Congada em 2002 e em 2007. Em 2007 usou um vestido rosa, confeccionado por sua avó e que passou por todas as mulheres da sua família.

Não sabia inicialmente como responder à interrogação da pesquisa.

Discurso XIX

A Congada lhe chegou por sua família através de sua mãe e tio e foi sendo passada para ele e seus irmãos e a maneira como isso influenciou a vida de cada um foi independente. No seu caso foi em virtude de uma promessa pedindo sua cura a qual ele tem certeza que foi atendida. Desde então nunca mais deixou de participar da tem 38 anos e dança a Congada há 36 anos.

Para ele a Congada é uma filosofia de vida que ele quer levar para os seus filhos e também acredita que a Congada é uma irmandade, principalmente entre o pessoal de sua faixa etária, de 45 anos para baixo. Há entre eles um grande respeito e todos zelam por todos e acha que é por isso que a Congada não vai acabar na sua geração. A Congada para eles é tudo e é uma tradição que ele vai passar para sua filha, para ela passar para os filhos dela. Mostra uma foto na qual está junto desde o congueiro mais novo até o mais velho. Tal irmandade para ele representa se preocupar e zelar pelo outro, sem esperar benefícios pessoais por isso, é se preocupar com a pessoa somente pelo bem; é acolher aquele que necessita e nunca rejeitar. Este sentimento de irmandade foi ensinado a eles pelo rei dito de Pilaca. Irmandade é criar respeito, carinho, afeto e esse laço não se rompe com a morte. Acredita que há um local, o jardim das flores, onde os congueiros já falecidos se encontram

Fala sobre sua imagem de São Benedito e de como a leva junto de si para todo lugar. Considera o santo seu protetor e tem certeza de que nada lhe mal lhe acontecerá devido à sua fé no santo.

Diz que se não sabe se seria congueiro se não fosse sua família ter lhe dado este guia e ensinado essa filosofia de vida para ele e seus irmãos. Crê que sua família não sairá nunca da Congada. Para ele, não dançar a Congada seria uma falta muito grande, como para qualquer outro congueiro. Relata que um primo dele pediu para voltar para a Congada antes de falecer, como se fosse para ele ser aceito novamente pelo grupo. Ele foi aceito e faleceu no ano

seguinte. Acredita que a irmandade dentro da Congada é tão forte que é difícil você não querer receber a bênção todos os anos e sua vida seguir adiante.

Em seu relato apresenta que a maioria dos congueiros não são católicos ativos, não vão à igreja com frequência e acha uma pena que isso aconteça pois acredita que o grupo poderia se fortalecer muito com isso, as pessoas respeitariam a Congada ainda mais do que já respeitam a tradição. Pensa que se a Congada se apresentasse mais de uma vez ao ano, não dariam a ela o mesmo valor.

Segundo ele a congadas acontece devido à dedicação de um pequeno grupo. No dia da festa há bastante voluntários ali na Ucharia querendo ajudar e participar, mas para fazer acontecer a Congada mesmo e para depois que acaba a festa são umas seis pessoas. Relembra que no dia de sua coroação o rei e ele estavam ajudando a carregar tábuas lá da Ucharia. Diz que se não fosse o atual rei a Congada já teria acabado faz tempo.

Sobre a Congada mirim diz que estava à frente dela há 6 anos e que foi o atual rei quem o orientou a cuidar disso. Ele aceitou, pois, tinha essa vontade de contribuir para a Congada não morrer. Diz ter conseguido já que o respeito que os meninos sentem por ele é muito grande diz que se sente feliz em saber que foi uma pessoa importante na formação dos garotos ele diz gostar de levar o bem para outras pessoas e a Congada para ele é isso: levar o bem, ser bom, ter uma família decente, ter uma estrutura familiar. Para ele a Congada só te leva para o bem, então forma o seu caráter, te forma como homem, te ensina a ter dignidade. Ele ficou triste com a não realização da Congada mirim este ano, decisão que ele considera errada, mas que teve que respeitar porque há uma hierarquia na Congada, não tem como ficar questionando o rei, o embaixador ou secretário, apesar de poder expressar sua insatisfação. Ele ficou muito triste por não poder dar continuidade no trabalho na Congada mirim. .

Acredita que a Congada tem que ser passada na Congada mirim da forma certa e tem que levar para as pessoas a mensagem que tem que ser passada realmente. Ele acabou aceitando, mas acha que a Congada mirim não deve acabar nunca.

Diz que toda a sua família leva em si a filosofia da Congada, que se refere mais ao santo, que ele carrega sempre consigo, em suas rezas, em seus pedidos de interseção e ele tem muita fé sobre isso.

Discurso XX

Ela era uma pessoa que não tinha fé, mas a partir do momento em que compreendeu o que era essa devoção para sua família, seu entendimento mudou. Nas duas vezes em que foi Rainha, quando criança, ela não entendia nada, não lhe significava nada, só sabia que era uma promessa de sua mãe. Antigamente, quando era pequena, ela gostava da Congada na hora da comida, porque sua mãe ia para Ucharia e a deixava cuidando da casa e dos dois irmãos menores, que a acompanhavam depois à Congada para almoçar e no caminho ela já ia pensando na comida.

Com as dificuldades da vida começou a encarar que tudo é São Benedito. Quando necessita de algo pede primeiramente a ele e só depois para Deus, ainda que em sua opinião seja errado pois primeiro você deve pedir para Deus e depois para o santo, porque o santo é uma estátua. Sua mãe, seu tio e um de seus irmãos também colocam sempre São Benedito na frente. Tem pela Congada um sentimento muito grande e inexplicável em seu coração. Não sabe o que acontece, mas a emoção no momento da Congada é maior, parece que sua fé triplica. Nos dias da festa parece haver uma força muito grande. A Congada é uma coisa de família e para ela é a fé em São Benedito e não cultura ou manifestação folclórica. Sua fé se baseia em que ele a ajuda muito quando ela pede. Sua avó começou com a participação familiar na Congada e depois, sua mãe, sua tia, assim ela tem toda a memória, da sua avó e

sua tia trabalhando na Ucharia, a quem considera a mais devota da família. Para sua tia, tudo era São Benedito, seja para resolver cotidianos. Sua mãe também pede ajuda em problemas do cotidiano, como a saúde de animais de estimação.

Em sua opinião não basta vestir um filho e colocá-lo para dançar a Congada. Acredita que toda a sua família é movida pela fé e que se essa não existisse, simplesmente ia lá, assistia, vinha, assistia a missa, comia! Ficava na fila, comia, vinha embora, pronto! A Congada seria apenas algo para assistir! Não admite que critiquem a Congada ou a Festa de São Benedito

Para ela é deus no céu e São Benedito na terra e ela tem quase certeza de que sua família também diz que a Congada se trata de fé e devoção à São Benedito e não apenas de ir nos três dias da festa: a Congada é o ano inteiro e não apenas os 3 dias da festa. Apesar disso, entende que a Congada seja uma cultura de Ilhabela.

Carrega sempre São Benedito consigo em escapulários, imagens que carrega em bolsas, no carro, em sua casa (dentro da cozinha para não deixar faltar nada na mesa e no coração).

Acreditar que São Benedito, Jesus Cristo e Deus vão lhe ajudar na solução de seus problemas e que São Benedito é a sua religião. Em suas orações não pede apenas por sua família e sim por todos. Conversa com o santo, como faz sua mãe e fazia sua avó, o que por vezes causa estranhamento em sua filha. Tal maneira de relacionar-se com o santo lhe permite externar sua revolta para com ele como quando seu avô faleceu, pois ela havia pedido muito pela saúde de seu avô. Se sente bem fazendo isso e não vê a necessidade de frequentar a igreja para ter fé e pedir ou fazer uma oração, pois ela pode conversar com o santo, com Deus e Jesus Cristo em qualquer lugar. Só vai na missa durante a Congada, o que fez várias vezes este ano (participou da novena, do tríduo e de mais de uma missa). Tudo que pede ao santo acontece, e que deve a ele as coisas boas de sua vida. Um dos momentos mais marcantes da Congada para ela, foi seu filho apresentando a embaixada por telefone, pois ele estava em privação d. apesar da situação seu filho não perdeu a fé, pois ele sabia que um dia iria sair dali. Durante o período preso, lhe pediu e ela lhe enviou oração. Acredita ter sido as promessas e orações feitas por ela que ajudaram a tirar seu filho “dessa vida”.

Enquanto conversa comigo foi refletindo e percebeu que São Benedito está em primeiro lugar e a festa, a manifestação da Congada, é por ela deixada um pouco de lado.

Fez na faculdade uma monografia sobre a importância da poesia na Congada, não entende o que tudo que é dito pelos congueiros durante os bailes e demorou para entender os significados dos bailes e a guerra entre embaixador e rei, mas acha bonito as coreografias apresentadas

Diz que se eu for entrevistar seu filho mais novo, ainda menino, a importância para ele na Congada se resumirá a ser cacique, pois ele ainda não tem essa noção do porque ele está ali, pois ela simplesmente o vestiu de congueiro e ele foi, gostou e continuou. Ela temia que ele não gostasse da Congada porque seu marido tem uma visão diferente e não a entende nada até hoje. Seu filho está sempre dançando a Congada, brincando de ser congueiro, pega um pedaço de qualquer coisa e faz de conta que isto é uma espada e começa a imitar a gestualidade dos bailes, fazendo-a se lembrar de um de seus próprios irmãos enquanto o faz. Acredita que deveria passar para seu filho entendimentos sobre a Congada e sua fé, mas não o faz porque ele talvez vai entender sobre isso quando começar no catecismo. Ela acredita ter sido assim que seus irmãos aprenderam: começaram pequenos e só foram entender depois de maiores. Um de seus irmãos ficou três anos sem participar e ela acha que isso aconteceu porque ele perdeu a fé.

Em alguns momentos da entrevista me questionou sobre o instrumento de coleta de dados.

Congada para ela tem a manifestação, mas São Benedito está em primeiro lugar, porque se não houvesse a fé em São Benedito, talvez não houvesse a Congada. Ela vê na Congada uma unidade entre a devoção e a presença dos congueiros, questiona se esse povo dançaria a Congada, por dançar a Congada.

Para ela, na Ucharia, tudo ali vem a imagem do Pretinho Começou a se envolver mais diretamente na organização da Ucharia a cerca de três anos, a pedido de sua mãe, que ajudava na organização da Ucharia, que não podia mais ir, mas antes nunca havia feito isso. Ela diz ter ocupado o lugar da mãe com vontade e não por obrigação, mas a Ucharia exige uma dedicação, pois quando chega a sexta-feira pela manhã, você tem que estar correndo com as coisas e assumir falta no trabalho. Antes ela se envolvia mais financeiramente, guardando dinheiro e comprando o necessário, porque a ucharia tem que sair de algum lugar ou do bolso de alguém ou por doação, não dá para ficar esperando São Benedito trazer as coisas, tem que correr atrás. Concorde com algumas coisas, discorda de outras, mas também acha que se tem que respeitar as outras opiniões. Diz estar com uma grande mágoa com relação a algumas pessoas da Ucharia e por isso não consegue falar da Ucharia com a mesma empolgação de ela ter guardado dinheiro mês a mês para a festa, ainda que fosse uma quantidade pequena como 2, 5 reais. Na Ucharia ela ajuda, mas há coisas com as quais ela não concorda, por isso não vê a Congada com “aquela” vontade”. Esse ano (2016) foi para ela uma decepção muito grande porque ela estava doente durante os três dias da festa havia piadinha de um, piadinha de outro. Sua participação na Ucharia no último ano não foi de seu gosto não. Não se conforma com o desperdício de comida que vem ocorrendo na Ucharia e diz que São Benedito não gosta disso, já que ele multiplicava o alimento para dar para os pobres. Há também doadores de alimentos para a festa que se sentem incomodados com a questão do desperdício também e considera ser necessário haver uma reunião com o grupo de maneira a solucionar este problema, que se faz maior no almoço de domingo. Diz que se estivesse à frente da Ucharia, não deixaria esse desperdício acontecer.

Diz que apesar de haver sido devota de outros santos e santas, o santo de sua devoção é São Benedito e acredita que o de sua mãe e irmãos também. Na sua família o único que não é devoto, nem acredita em nada é seu pai, mas assim mesmo ele chama por São Benedito às vezes. Às vezes acha que não consegue as coisas mais rapidamente porque pede primeiro para São Benedito e sempre pede que São Benedito a proteja, assim como ao seu local de trabalho, nas pequenas e grandes coisas.

Discurso XXI

Fala que seu entendimento sobre Congada lhe foi passado por alguns livros e pelas palavras e trovas que são ditas durante a Congada, que em sua opinião é a representação de um dos conflitos ocorridos em Congo. Nesta há 3 bailes, 3 encenações, que se encerram quando o rei reconhece seu filho bastardo e que é realizada em louvor a São Benedito. O santo e a lembrança de seus milagres em prol dos pobres azem com que os grupos parem de guerrear entre si. Mas para ele, verdadeiramente, os bailes da Congada é mais uma representação artística, um teatro e há mais pessoas que pensam como ele sobre isto.

Entende que muitos dos escravizados eram presidiários na África e por isso foram mandados para cá e decidiram representar o que vivenciavam no continente africano. Segundo eles mais pessoas veem a Congada dessa forma teatral.

Identifica-se como católico e diz que em sua opinião, o santo não deve ser adorado, mas algumas pessoas fazem isso colocando o santo antes de qualquer coisa. Fazendo referência ao Papa Francisco, diz que não se deve adorar o santo, mas sim usar o exemplo

dele, adorar, só a Deus e a Jesus Cristo. Falando sobre a adoração diz que as pessoas têm preguiça de ler a bíblia e se contentam em ouvir o que os outros tem a dizer sobre ela. Diz que o clero já teve seu lado podre e que este por interesses financeiros em um dado momento permitiu que esse tipo de devoção que ele denomina “de outro mundo”. Na sua opinião milagres são vontade de Deus e não de qualquer outro. Deus pode deixar uma pessoa melhor. Conhece um pouco de cada religião e tem uma outra visão de outras religiões. Entende que não tem que ter uma devoção por causa da Congada. Para ele o homem sem cultura não é nada e a Congada é uma cultura, porque ele é descendente de negro. A história da Congada que os escravizados viveram na África é muito bonita e as trovas são muito bacanas e é possível fazer muitas coisas com elas: peça, filme etc. Infelizmente atualmente há na Congada algumas particularidades políticas que a estragam um pouco. Ele não gosta de política em uma coisa que é cultural. Antigamente, as pessoas que vinham de trás da ilha para a Congada não tinham como voltar, assim cada um trazia um pouco de alimento, faziam a comida, faziam o baile e iam embora e relacionaram a partilha, já que São Benedito era cozinheiro e alimentava aos pobres. Com a entrada da política, começaram a responsabilizar a prefeitura e o comércio para dar os alimentos e na sua opinião, perdeu-se a essência. Cita seo Zé de Alcício que era muito sábio e que quando este percebeu que as pessoas que faziam a Ucharia não estavam mais entendendo isso, ele deixou de participar da Ucharia. Diz não ver a partilha acontecer na Ucharia; vê um monte de gente brigando por causa de fila. Não acha isso bom, porque não era assim antigamente, já que antigamente era uma mesa grande onde todos colocavam tudo e reuniam-se todos, com o crescimento da festa isso foi mudando. Segundo ele antes era uma grande mesa e todo mundo comia junto, atualmente o que há é uma grande preocupação em correr atrás das coisas, mas em sua opinião basta as pessoas estarem lá. Não vê que a igreja tenha algum tipo de obrigatoriedade. Para ele, as pessoas é que tem que fazer e se unirem para isso, mas não considera que apenas uma pessoa encabece isso seja bom.

Fala sobre como era a Ucharia antigamente através de sua tia. Sua tia pegava as coisas e enquanto dançavam, ela preparava os alimentos trazidos e isso era feito por todos.

Não havia apenas uma pessoa pensando e decidindo as coisas. Hoje em dia o rei que tem que decidir tudo. Hoje as coisas ficaram mais políticas e se deve também à influência do dia-a-dia. Naquela época, talvez pela simplicidade, talvez por não se ter tanto conhecimento as pessoas não viam a necessidade de se pescar ou trabalhar para além de suas necessidades básicas, pensava-se a fartura para aquele momento, e se fosse necessário se pescava mais depois.

Atualmente vê que há uma obrigatoriedade da prefeitura e o comercio darem, de terem que pedir e isso em sua opinião não é partilha.

Vê pessoas querendo passar à frente na fila e estarem mais preocupadas em quanto tempo demorará para poderem comer e não verem que a questão da Ucharia é poderem partilhar o alimento, aquilo que tem.

Na sua opinião, a devoção é usar o exemplo de São Benedito, da sua simplicidade, de partilhar o que se tem com aquele que não tem, seja com conhecimento, seja com que tiver. Mas crê que está havendo muito individualismo por parte das pessoas e isto está fazendo com que se perca a essência de se usar São Benedito como exemplo de simplicidade e de partilha. Diz tentar cultuar esses sentimentos para seus filhos, sendo o mais solícito possível, ajudando sempre que pode. Diz usar o exemplo de São Benedito para partilhar até mesmo conhecimento. Usa como exemplo bacana de uma vida de simplicidade, na qual há muita festa em comunidade e danças, aos africanos.

Discurso XXII

Lelê diz que a Congada para ela e sua família é tudo e que está na Congada desde que nasceu. Considera a Congada como uma tradição que se não fosse abraçada por ela seria como uma ingratidão para com a sua família.

Diz ter crescido na Congada e que desde pequena ajuda. Sua participação na Ucharia começou aos 4 anos, mas depois de um tempo não participou mais, mas sempre está lá para ver a Congada, mesmo que não esteja ajudando e acredita que vai ter uma hora na qual vai querer voltar a ajudar na Ucharia.

Na sua opinião, a Congada é algo que tem que levar para a sua vida toda. É uma coisa de seu coração. Acredita que tinha mais interação com a Congada quando era criança do que tem agora, na adolescência. Diz que há em sua família pessoas que não gostam da Congada, mas ela é uma das que gosta muito e está sempre ajudando. Diz que se todo mundo desistisse da Congada, ela seria uma das pessoas que tentaria reergue-la, pois não quer que acabe.

Sobre a adolescência, diz que esta é uma fase complicada da vida e que apesar de reconhecer isso, não consegue mudar a situação. Fala que sua avó cobra sua presença na Ucharia, mas ela não quer ir pois quer assistir aos bailes e passear na Vila e aí acaba não ajudando na Ucharia. Sobre sua presença na Congada diz que seria algo como tempo perdido, se ela não gostasse tanto da Congada, cuja história ela conhece e é uma coisa bem de família mesmo. **Lelê** diz que se ela gosta da Congada é porque ela faz parte dela.

Apêndice III: Modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você, _____, autoidentificado como _____, está sendo convidado a participar da pesquisa “Congada de São Benedito e Caiapó em Ilhabela: processos educativos entre participantes”, sob orientação do Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento e sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com os pesquisadores ou com a instituição. O convite se dá devido sua relação com objetivo central desta pesquisa que consiste em: compreender como os entendimentos sobre negros e indígenas construídos na prática social da Etnomotricidade Caiçara poderiam atuar em nossas relações humanas assim como: **1.** fazer um levantamento sobre a Congada e o Caiapó, manifestações culturais caiçaras, de origem africana, afro-brasileira e indígena com caiçaras no município de Ilhabela; **2.** observar como se dá o desenvolvimento de tais práticas corporais e compreender como e para que as pessoas se educam nesta prática social assim como quais são as contribuições das mesmas para a educação das relações étnico-raciais entre seus participantes; e **3.** ampliar e sistematizar formas pelas quais tais práticas corporais possam contribuir para a educação de relações étnico-raciais humanizadoras e justas em outros ambientes.

Sua participação nesta pesquisa é voluntária e consistirá em ser entrevistado/a e as perguntas não serão invasivas à intimidade dos participantes, entretanto, esclareço que a participação na pesquisa pode gerar estresse e desconforto como resultado da exposição de opiniões pessoais em responder perguntas que envolvam as próprias ações, apesar de todos os cuidados que serão tomados ao realizarem-se as perguntas. Solicitamos a autorização para registro de observações em diários de campo, filmagens, fotografias, cadernos de registros e gravação em áudio das entrevistas ocorridas durante sua participação na pesquisa. As gravações realizadas durante a entrevista serão por mim transcritas, garantindo que se mantenha o mais fidedigna possível. Depois de transcrita será apresentada aos participantes para validação das informações. A transcrição das gravações feitas nas entrevistas será realizada na íntegra.

Caso não se sinta a vontade, não precisará responder as questões efetuadas pela pesquisadora, assim como permitir o uso de equipamentos para registro fotográfico e de áudio. Diante dessas situações, os participantes terão garantidas pausas nas entrevistas, a liberdade de não responder as perguntas quando a considerarem constrangedoras, podendo interromper a entrevista a qualquer momento. Serão retomados nessa situação os objetivos a que esse trabalho se propõe e os possíveis benefícios que a pesquisa possa trazer. Em caso de encerramento da entrevista por qualquer fator descrito acima, solicito autorização para estabelecer contato posterior, a fim de verificar os possíveis danos ocasionados e proceder quanto a novas orientações e encaminhamentos, se necessário, visando o bem-estar de todos os participantes.

Salientamos que todos os dados obtidos serão divulgados em meio exclusivamente acadêmico-científico sem identificação nominal.

Poderá haver benefícios com a pesquisa no sentido de favorecer o fortalecimento da identidade cultural de sua comunidade/grupo/etnia, bem como subsidiar o desenvolvimento de conteúdos relacionados às manifestações da corporeidade de sua cultura no âmbito da Educação, especialmente no sentido da compreensão e respeito à diversidade. Você receberá uma cópia deste termo onde constam os contatos da pesquisadora, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou até a conclusão do mesmo.

Profa. Ms. Silmara Elena Alves de Campos
(aluna regular do PPGE/UFSCar)
(Tel. (12) 99773-5964 / e-mail: silmaradecampos@yahoo.com.br)

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da

Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP - Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br

_____, ____ / ____ / ____ .

(Nome completo do sujeito da pesquisa)

(Assinatura do sujeito da pesquisa)

(RG: _____ / CPF: _____ / Tel.: _____)

Apêndice IV - Modelo da Carta de autorização da Associação de Congueiros para a realização da pesquisa

ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS CONGUEIROS DE ILHABELA

RCPJ – 3268

CARTA DE AUTORIZAÇÃO

Ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar),

Prezado Comitê de Ética em Pesquisa da UFSCar, na função de representante legal da _____, informo que o projeto de pesquisa intitulado Congada de São Benedito e Caiapó em Ilhabela: processos educativos entre participantes, apresentado pela pesquisadora Silmara Elena Alves de Campos e que tem como objetivo principal compreender como os entendimentos sobre negros e indígenas construídos na prática social da Etnomotricidade Caiçara poderiam atuar em nossas relações humanas assim como: 1.fazer um levantamento sobre a Congada e o Caiapó, manifestações culturais caiçaras, de origem africana, afro-brasileira e indígena com caiçaras no município de Ilhabela; 2.observe como se dá o desenvolvimento de tais práticas corporais e compreender como e para que as pessoas se educam nesta prática social assim como quais são as contribuições das mesmas para a educação das relações étnico-raciais entre seus participantes; e 3.ampliar e sistematizar formas pelas quais tais práticas corporais possam contribuir para a educação de relações étnico-raciais humanizadoras em outros ambientes, foi analisado e considerando que o mesmo siga os preceitos éticos descritos pela resolução 466 de 2012 do Conselho Nacional de Saúde, fica autorizada a realização do referido projeto apenas após a apresentação do parecer favorável emitido pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar.

Dados do Responsável Legal Pela Instituição na qual ocorrerá a Pesquisa:

Nome:

Cargo:

Telefone para contato: (____) _____

Email (se possuir):

_____, _____ de _____

Assinatura: _____

(representante legal)

ANEXOS

Anexo I: Parecer de aprovação no Comitê de Ética em Pesquisas

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SÃO CARLOS/UFSCAR



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A CONGADA DE SÃO BENEDITO E O CAIAPÓ EM ILHABELA: PROCESSOS EDUCATIVOS ENTRE PRATICANTES

Pesquisador: SILMARA ELENA ALVES DE CAMPOS

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 38507514.3.0000.5504

Instituição Proponente: CECH - Centro de Educação e Ciências Humanas

Patrocinador Principal: MINISTERIO DA CIENCIA, TECNOLOGIA E INOVACAO

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 939.372

Data da Relatoria: 09/02/2015

Apresentação do Projeto:

O projeto de pesquisa busca compreender como os entendimentos sobre negros e indígenas construídos na prática social da Etnomotricidade Caiçara podem atuar em nossas relações humanas.

Objetivo da Pesquisa:

Busca-se compreender como os entendimentos sobre negros e indígenas construídos na prática social da Etnomotricidade Caiçara poderiam atuar em nossas relações humanas. Assim, a questão que move este projeto de estudo é: Quais os processos educativos envolvidos na construção da Etnomotricidade caiçara em Ilhabela, particularmente nas manifestações relacionadas à Congada e ao Caiapó?

Tem-se como objetivos:

- 1) fazer um levantamento sobre as manifestações populares Congada e Caiapó com caiçaras no município de Ilhabela;
- 2) observar os processos educativos decorrentes destas manifestações populares; 3) compreender se tais práticas contribuem para a educação de relações étnico-raciais humanizadoras e justas entre os caiçaras praticantes de Congada e Caiapó e com outras pessoas.

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

UF: SP

Telefone: (16)3351-9683

Município: SAO CARLOS

CEP: 13.565-905

E-mail: cephumanos@ufscar.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SÃO CARLOS/UFSCAR



Continuação do Parecer: 939.372

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A participação na pesquisa pode gerar estresse e desconforto como resultado da exposição de opiniões pessoais em responder perguntas que envolvam as próprias ações.

Benefícios: Poderá haver benefícios com a pesquisa no sentido de favorecer o fortalecimento da identidade cultural de sua comunidade/grupo/etnia, bem como subsidiar o desenvolvimento de conteúdos relacionados às manifestações da corporeidade de sua cultura no âmbito da Educação, especialmente no sentido da compreensão e respeito à diversidade.

Os riscos e benefícios estão adequadamente descritos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa é relevante, riscos e benefícios estão adequadamente descritos.

As pendências apontadas pelo parecer anterior foram eliminadas. Entretanto, o cronograma está desatualizado.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O TCLE contém todas as informações necessárias aos participantes da pesquisa.

Recomendações:

Corrigir o cronograma antes de iniciar as pesquisas.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto aprovado com a ressalva de que o cronograma deverá ser corrigido no documentos de informações básicas do projeto.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9683

E-mail: cephumanos@ufscar.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SÃO CARLOS/UFSCAR



Continuação do Parecer: 939.372

SAO CARLOS, 28 de Janeiro de 2015

Assinado por:
Ricardo Carneiro Borra
(Coordenador)

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

UF: SP

Município: SAO CARLOS

CEP: 13.565-905

Telefone: (16)3351-9683

E-mail: cephumanos@ufscar.br

Anexo II – Cartazes promocionais da Festa de São Benedito

SEMANA DA CULTURA CAIÇARA E CONGADA DE SÃO BENEDITO

Programação

12/5 - TERÇA-FEIRA
 9h - Documentário "Vida e Imaginário Caiçara" - Ilha da Vitória, realização Espaço Cultural Pés no Chão
Local: Biblioteca Prefª Nilce Signorini - Barra Velha
 19h30 - Abertura Oficial da Semana da Cultura Caiçara
 Apresentação da Orquestra Popular de Ilhabela
 20h30 - Abertura da Exposição "Congada Em Foco"
 fotografias de Márcio Pannunzio
Local: Secretaria da Cultura - Vila

13/5 - QUARTA-FEIRA
 9h - Documentário "Vida e Imaginário Caiçara" - Ilha da Vitória, realização Espaço Cultural Pés no Chão
Local: Biblioteca Prefª Nilce Signorini - Barra Velha

14/5 - QUINTA-FEIRA
 9h e 19h - Documentário "Vida e Imaginário Caiçara" Ilha da Vitória
Local: Biblioteca Prefª Nilce Signorini - Barra Velha
 20h - Quermesse
 21h - Show grupo RAÍZES DE ILHABELA
 22h - Show NORMA NASCIMENTO & VÊNUS ATACA
Local: Praça das Bandeiras (Vila)

15/5 - SEXTA-FEIRA
 9h - Apresentação do Documentário "Vida e Imaginário Caiçara" - Ilha da Vitória
Local: Biblioteca Prefª Nilce Signorini - Barra Velha
 17h - Levantamento do Mastro
 18h - Apresentação da Congada Mirim
 19h - Distribuição do Bolo de São Benedito e concertada

20h - Quermesse
 21h - Show com PRONÚNCIA NO OLHAR
 22h - Show com RONY E RANGEL
Local: Praça das Bandeiras (Vila)

16/5 - SÁBADO
 9h - Meia Lua - Procissão de São Benedito
 10h - Baile dos Congos - Ruas da Vila
 12h30 - Ucharia de São Benedito
Local: Igreja Nossa Senhora D'Ajuda - Matriz na Vila
 14h30 - Baile dos Congos - Ruas da Vila
 19h30 - Missa Tríduo - Igreja Matriz Nossa Senhora D'Ajuda e Bom Sucesso
 20h - Quermesse
 21h - Show com JORGE PINHEIRO
 22h - Show com a BANDA YUNA
Local: Praça das Bandeiras (Vila)

17/5 - DOMINGO
 6h - Alvorada Festiva
 8h30 - Meia Lua - Procissão de São Benedito
 9h - Missa dos Congos - Igreja Matriz Nossa Senhora D'Ajuda e Bom Sucesso
 10h30 - Baile dos Congos - Ruas da Vila
 12h30 - Ucharia de São Benedito / Apresentação do Grupo Raízes de Ilhabela
Local: Igreja Nossa Senhora D'Ajuda - Matriz na Vila
 14h30 - Baile dos Congos - Ruas da Vila
 18h - Missa Festiva e procissão - Igreja Matriz
 20h - Quermesse
22h - SHOW COM BENITO DI PAULA
Local: Praça das Bandeiras (Vila)

PREFEITURA DE ILHABELA
www.ilhabela.sp.gov.br
 ILHABELA
 Estado de São Paulo
 SECRETARIA DE CULTURA
 CULTURA FAZ BEM À SAÚDE!
 ILHABELA
 1990



SEMANA DA CULTURA CAIÇARA E CONGADA DE SÃO BENEDITO

De 11 a 15 de maio • Local: Praça das Bandeiras (Vila)

11/5 - QUARTA-FEIRA
19h30 - Abertura Oficial da XVI Semana da Cultura Caiçara e Congada de São Benedito
 Apresentação da Orquestra Popular de Ilhabela - participação de *Bárbara Rodrigues*
20h30 - Abertura da Exposição "Congada"
Local: Secretaria da Cultura - Vila

12/5 - QUINTA-FEIRA
19h30 - 1º Dia de Tríduo: Missa
Local: Igreja Matriz Nossa Senhora D' Ajuda - Vila

13/5 - SEXTA-FEIRA
17h - Levantamento do Mastro
19h - Distribuição do Bolo de São Benedito e concertada
19h30 - 2º Dia de Tríduo: Missa
Local: Igreja Matriz Nossa Senhora D' Ajuda - Vila
20h - Quermesse
21h - Show com o Grupo **PRONÚNCIA NO OLHAR**



22h - ARLINDO CRUZ

14/5 - SÁBADO
9h - *Meia Lua* - Procissão de São Benedito
10h - *Baile dos Congos* - Ruas da Vila
12h30 - Ucharia de São Benedito
Local: Igreja Matriz Nossa Senhora D' Ajuda - Vila

14h30 - Baile dos Congos - Ruas da Vila
19h30 - 3º Dia de Tríduo: Missa
Local: Igreja Matriz Nossa Senhora D' Ajuda - Vila
20h - Quermesse
21h - Show Musical com a **BANDA 40º**



22h - RICK E NOGUEIRA

15/5 - DOMINGO
6h - Alvorada Festiva
8h30 - *Meia Lua* - Procissão de São Benedito
9h - *Missa dos Congos*
Local: Igreja Matriz Nossa Senhora D' Ajuda - Vila
10h30 - *Baile dos Congos* - Ruas da Vila
12h30 - Ucharia de São Benedito
 Apresentação do Grupo Raízes de Ilhabela
Local: Igreja Matriz Nossa Senhora D' Ajuda - Vila
14h30 - Baile dos Congos - Ruas da Vila
18h - Procissão e Missa de São Benedito
Local: Igreja Matriz Nossa Senhora D' Ajuda - Vila
20h - Quermesse
21h - Show Musical com as **MULHERES CANTORAS DA ILHA**



22h - JAIR OLIVEIRA "JAIRZINHO"



PREFEITURA DE ILHABELA
www.ilhabela.sp.gov.br



ILHABELA
 Capital Nacional de Vela



Secretaria de Cultura



FUNDAÇÃO
 Fundação de Cultura de Ilhabela



ILHABELA



ASSOCIAÇÃO CULTURAL
 DOS CONGADISTAS DE
 ILHABELA